Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

SANTUARIO MARIANO,

E Historia das Imagens milagrosas DENOSSA SENHORA,

E das milagrosamente aparecidas, em a India Oriental, & mais Conquistas de Portugal, Asia Insular, Africa, & Ilhas Felippinas.

Em graça dos Prégadores, & mais devotos da mesma soberana Senhora.

TOMO OYTAVO,

QUE CONSAGRA, DEDICA, E OFFERECE

Ao Excellentissimo Senhor Marquez Das Minas

DOM ANTONIO LUIS DE SOUSA,

Conde do Prado, & dos Conselhos de Estado, & Guerra de S. Magestade, Estribeyro mòr da Rainha N Senhora, Presidente da Junta, & Administraçaõ do Tabaco, Senhor das Villas de Barrancel, & Prado, Alcayde mòr da Cidade de Beja, Comendador da Ordem de Christo das Comendas de N. Senhora do Azevo, Penaverde Santa Martha, de Viana, Saõ Pedro de Torres Vedras, Saõ Adriaõ de Penafiel, & da de Cines na Ordem de Santiago, &c.

Fr. AGOSTINHO DE SANTA MARIA,

Ex-Diffinidor Géral da Congregaçaõ dos Agostinhos Descalços de Portugal, & Chronista da mesma Ordem, natural da Villa de Estremoz.

LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

Com todas as licenças necessarias.

Anno de 1720.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

S grandes desejos que tenho de augmentar tudo quanto possa ser a grande devoçaõ, com que os Portuguezes amaõ, servem, & veneraõ a Maria Santissima, de quem Vossa Excellencia he muyto especial devoto, me obrigaõ a publicar neste oytavo tomo os Santuarios das milagrosas Imagens da Virgem Maria nossa Senhora, que se veneraõ nas Indias Orientaes. Foraõ estas conquistadas por muytos Heroes, devotissimos da mesma Senhora, & assim mereceraõ, que ella lhes fizesse grandes favores, livrando-os de grandes perigos, & concedendo-lhes illustres vitorias, como lemos do grande Albuquerque, de Andrè Furtado de Mendoça, Dom Francisco Mascarenhas em Chaul, & Dom Paulo de Lima em Malaca, & de outros muytos, que foraõ devotissimos da soberana Rainha dos Anjos. E assim entendo, que por especial providencia busca agora a Vossa Excellencia este oytavo tomo dos Santuarios milagrosos de nossa Senhora, que se veneraõ nas Indias de Portugal, como a Conquistador de Reynos. Da grande devoçaõ com que Vossa Excellencia a ama, devemos crer foraõ effeytos os grandes successos que Vossa Excellencia teve, & que da sua protecçaõ nasceraõ as suas felicidades, & o livrallo a Vossa Excellencia de todos os perigos.

Naõ trato aqui do Illustre sangue de V. Excellencia, nem de sua nobilissima ascendencia, taõ conhecida, naõ só em Portugal, mas nos Reynos estranhos; porq̃ seria fazerlhe aggravo intentar no breve de huma Dedicatoria epilogar se quer, o que necessitava de huma larga historia, & assim o deyxo por naõ offender no pouco, o muyto que havia que relatar nesta materia. Tambem naõ digo nada das suas grandes prendas, de virtudes, por naõ offender a modestia de Vossa Excellencia. Mas he certo, que adornam muytas o

piedoso animo de Vossa Excellencia, porque como sente hum entendido, o mayor solar da nobreza he a mayor virtude. E não poderey deyxar de dizer (sem lisongear) a grande piedade de Vossa Excellencia, não só para com o culto Divino, mas para remediar aos necessitados. Isto he opiniaõ muy commua; porque todos o referem, & esta val mais, que toda a opulencia, como o ensina o Espirito Santo pelo Ecclesiastico, verdade que tambem alcançàraõ os mesmos Filosofos gentios, porq̃ como disse Seneca: Bona opinio hominũ, tutior est pecunia, quia non solũ nobis, sed et alijs necessaria. *Esta grande opiniaõ tem todos da piedade de V. Excellẽcia, o q̃ testemunha a minha Religiaõ, & das suas caritativas obras com que soccorre continuamente os pobres, & os necessitados, pelo qual merecerà conseguir, o que diz Saõ Jeronymo:* Abundantia tua multorum inopiam sustentavit, ut & horum divitiæ in tuam indigentiam redundaret.

Prov. c. 22. Senec. c. 41. de rem. fort.

D. Hier. Epist. ad Lucin.

Bem podera tambem tratar aqui das grandes prendas do governo, que todos reconhecem em V. Excellencia, não só no Politico, mas muyto mais no militar, pois o vimos General de grandes exercitos, aonde os mesmos Hespanhoes o reconhecèraõ a V. Excellencia no Palacio da sua Corte por Arbitro de Coroas & venerado dos grandes daquella Corte por Heroe singular.

Receba pois V. Excellencia do meu rendido affecto esta pequenina dadiva, & permita-me, que neste tomo das Conquistas, illustre sua frente com o Augusto nome de hum Conquistador taõ grande, como V. Excellencia, para que à sombra da sua Protecçaõ logre esta obra humas grandes luzes, com que possa sahir à publica manifestaçaõ com reflexos de vistosa, porque assim naõ temerà o seu Author, no humilde q̃ della reconhece, seja descuberta a ambiçaõ, que teve de procurar taõ alta Protecçaõ. Guarde N. Senhor a Excellentissima Pessoa de V. Excellencia por muytos annos, para amparar aos pequeninos.

Beyja as mãos a V. Excellencia seu humilde Capellaõ.

Fr. Agostinho de Santa Maria.

Em louvor do oytavo tomo do Santuario Mariano do M.R. P. Fr. Agoſtinho de Santa Maria, Franciſco de Souſa de Almada, ſeu intimo amigo eſcreveo o ſeguinte

ROMANCE.

AGoſtinho, que qual Aguia
Bebendo de hum Sol os rayos,
Por habito ſendo Feniz,
Tambem ſois Aguia nos actos.
Vòs que deſcalço de affectos
Mais que deſcalço nos paſſos
Sois Serafim pelas penas,
E ſois pelos voos Anjo.
Que devoto eſtais nos livros!
Quanto a Imagens applicado!
Grande exemplo! & hum Eremita
Que bem diz nûm Santuario!
Sendo Agoſtinho no nome,
E neſte habito ſagrado,
Duas vezes Agoſtinho
Sois Agoſtinho taõ ſabio.
Excellente ordem guardaſtes
Neſtes voſſos livros raros;
E ſendo todo Agoſtinho,
Todo foſtes Mariano.
De Maria Virgem pura
Sois Coroniſta preclaro;
E em taõ ſagrada Eſcritura
Sois de Prima Eſcriturario.
Fazendo pincel da penna
Vos moſtrais Apelles ſacro,
Pois Imagens deſcrevendo
Saõ Divinos os retratos.
Que bem retratais Imagens!
E te admiraõ neſtes quadros
Os eſcuros dos myſterios,
E do voſſo engenho os claros.
Pois Maria faz mercès
Ao mundo neceſſitado,
Vòs de eſtado taõ perfeyto
Sois das mercès Sacretario.
Pois fallais de tanta Imagem,
Meus verſos, por imitarvos,
Fallem tambem por figuras,
Naõ ſendo bem figurados.
Sendo Maria Divina
C,arça de myſterios tantos,
Deſta C,arça, & ſeus myſterios
Vòs ſois o Moyſés deſcalço.
Ella he eſcada de Jacob,
Por onde, qual Anjo alado,
Voais com pennas ſubindo,
Subìs com pennas voando.
Ella he qual Divino Templo
Do Salamaõ ſoberano,
E vòs quando a contemplaes
Vos oſtentais ſeu Templario.
Sendo de Jacob Eſtrella,
Como decifrais ſeus rayos,
Té as eſtrellas venturoſo
Vos faz taõ Divino Aſtro.

Ella he Trono juntamente
Do Salamaõ sacrosanto,
E vòs a seus pès humilde
Ficareis entronizado.
Sendo Nào do pao celeste,
Vòs nesta Nào embarcado
Dentro de huma Ave Maria
Chegareys a Porto salvo.
Se ella he vara de Jessé,
Sua Flor Deos humanado,
Vòs colhereis doce fruto,
Pois sois cultor do seu campo.
Arvore sendo da vida,
Pois vos chegais a seus ramos,
Que boa sombra vos cobre
De tal Arvore amparado!
Se he Jardim puro, & Divino,
Onde Deos tem seus regalos,
Vòs sois o seu Jardineyro
Suas flores cultivando.
Se he qual Arca de Noè,
Em que o mundo fica salvo,
Vòs com ella a salvamento
Ireis livre do naufragio.
Pois brilha qual puro Espelho,
Se neste Espelho preclaro
Vos compondes cada dia,
Como andareis concertado!
Se he Divino Sol, & Aurora,
Vòs tereis com seu amparo
Muy boas Auroras sempre,
Sempre dias muyto claros.
E se he Cidade celeste,
Sois qual Agostinho Santo,
Pois de Civitate Dei
He vosso argumento raro.
Nas Imagens taõ descritas,
No estylo taõ figurado
Sois escultor de conceytos,
De tropos imaginario.
E posto naõ sou figura,
Nem boa figura faço,
Pois se me affigura isto,
Tal figura vos levanto.
Prosegui pois vossa empreza,
Que sem camiza, & çapatos
Sem duvida subireis
Ao Ceo vestido, & calçado.

Noticia dos Livros, que o Author tem dado à estampa, & tem sahido.

PRimeyro tomo dos Santuarios milagrosos de nossa Senhora de Lisboa.
Segundo tomo dos mesmos do Arcebispado.
Terceyro tomo dos Bispados sufragraneos.
Quarto tomo do Arcebispado de Braga, & Coimbra.
Quinto tomo dos Bispados do Porto, Vizeu, & Miranda.
Sexto tomo do Arcebispado de Evora, Bispado do Algarve, & Elvas.
A Historia prodigiosa dà fundaçaõ do Convento de Santa Monica de goa.
A prodigiosa vida de Santa Lyduvina.
A vida da Veneravel Madre Soror Brizida de S. Antonio.
Primeyra parte das Rosas do Japaõ.
O tratado do Exame particular, & géral.
O Confessor Instruido do Padre Senhorí.
Affectos, & Consideraçoens devotas do Padre Salazar, a primeyra somana dos exercicios de Santo Ignacio.
Adeodato Contemplativo em estylo Parabolico.
A Despoziçaõ, & Testamento espiritual.

Livros que tem para imprimir.

SEtimo tom. de aditamẽtos aos Santuarios de N. Senhora.
SOytavo tomo das Imagens da India.
Nono tomo das Imagens do Arcebispado da Bahia atè o gram Parà.
Decimo tomo das Imagens de nossa Senhora do Bispado do Rio de Janeyro, & Ilhas.
Segunda parte das Rosas do Japaõ, & Cochinchina.
Chronologia Sacra, & profana em dous tomos.
Triumvirato espiritual, & historico nas vidas de tres infignes Varoens.
Vida da Veneravel Madre Sor Mariana de Jesus Agostinha

Descalça, & Priora do Convento de Murcia.

Exercicio Celeste, & Thesouro de espirituaes riquezas, & graças sobre as devoçoens particulares de N. Senhora.

Historia da Fundaçaõ do Real Convento de Santos, & dos principios da Ordem de Santiago, & das Comendadeyras do mesmo Convento.

A vida da veneravel Madre Mariana de Saõ Simeaõ Agostinha Descalça.

Jerarquia espiritual com as vidas dos Santos, & Varoens illustres da Ordem de Santo Agostinho.

O Caminhante Christão que dirige a sua jornada para a sua celeste patria.

E outras obras semiplenas que deseja finalizar.

PRO-

PROTESTAÇAM.

TOdas as vezes, que neſte oytavo tomo dos Santuarios de noſſa Senhora ſe encontrarem milagres, maravilhas, & revelaçoens, que naõ forem aprovadas, nem authenticadas, pela authoridade da Igreja, ou fallar em algumas peſſoas veneraveis, & que tiveraõ opiniaõ de virtude, & ſantidade, proteſto que em nada pertendo ſe lhe dè mais credito, que aquelle que ſe attribue às relaçoens, & hiſtorias fieis, ſem mais fé, que a humana, obedecendo em tudo, & por tudo ao que ha determinado a ſantidade do Papa Urbano VIII. em o ſeu Breve, que começa Cæleſtis Hieruſalem, dado em Roma a 5. de Julho de 1634. E iſto ratifico como obediente filho da Igreja Catholica, & Romana.

LICENÇAS DA ORDEM.

O Muyto Reverendo Padre Diffinidor Géral Fr. Joseph da Graça reveja o livro de que faz mençaõ a petiçaõ do supplicante, & nos informarà, &c Lisboa 10. de Mayo de 1714.

Fr. Antonio de Santa Clara Vigario Géral.

Censura do M.R.P. Fr. Joseph da Graça.

POr Comissaõ de nosso Reverendissimo Padre Fr. Antonio de Santa Clara, Vigario Géral Apostolico dos Agostinhos Descalços da Real Congregaçaõ de Portugal, vi este livro intitulado *Santuario Mariano*, & he o oytavo tomo Historia das Imagens milagrosas de nossa Senhora, & milagrosamente aparecidas em a India Oriental, & mais Conquistas de Portugal, Asia Insular, Africa, & Ilhas Felippinas, Composto pelo M. R. P. Fr. Agostinho de Santa Maria Ex-Diffinidor Géral desta Congregaçaõ. Naõ achey cousa alguma digna de censura; achey sim muytos motivos para louvar a grande devoçaõ do Author para com a Mãy de Deos, Rainha dos Anjos, & Advogada dos peccadores, a muyta diligencia, cuydado, & estudo com que esta Aguia com as azas dos seus desvelos, & boas correspondencias voou a todas as partes do Mundo para nos dar taõ certas noticias dos prodigios, prerogativas, & exellencias das milagrosas Imagens de N. Senhora, & finalmente o grande zelo, & fervor do espirito com que o primogenito desta Reforma quer reformar as vidas de todos com o seu exemplo, offerecendo a todos, todos os motivos, meyos, & interesses de corespondermos amantes, obrigados, & agradecidos à Mãy de Deos pelos mesmos motivos, que esta Senhora tem buscado para ser Mãy, remedio, & consolaçaõ dos homens. Parece-

me,

me, que neſte livro naõ ha couſa contraria a noſſa ſanta Fé Catholica, nem contra os bons coſtumes, julgo ſer digno de ſe dar à imprenſa *Salvo meliori juditio.* V. Reverendiſſima mandará o que for ſervido. Lisboa no Real Convento do Monte Olivete 19. de Mayo de 1714.

Fr. Joſeph da Graça.

COncedemos licença viſta a informaçaõ para que o ſupplicante poſſa imprimir o livro de que trata eſta petiçaõ. Lisboa 20. de Mayo de 1714.

Fr. Antonio de Santa Clara Vigario Géral.

APRO-

APPROVAÇAM DO SANTO OFFICIO.

Censura do M.R.P.M.Fr. Joaõ de Santa Thereza, Qualificador do Santo Officio.

EMMINENTISSIMO SENHOR.

POr ordem de V.Eminencia vi com muyto gosto o livro que se intitula *Santuario Mariano* composto pelo M. R. P. Fr. Agostinho de Santa Maria, Ex-Diffinidor Géral da preclarissima Congreçaõ dos Agostinhos Descalços, & Coronista da mesma Ordem, & naõ lhe encontrando cousa que fosse à pureza de nossa santa Fé opposta, ou que aos bons costumes fosse cotraria: só reparey no agigantado espirito com que o Escritor curiosa, & devotamente animado se atreveo aindagar antiguidades taõ curiosas, & de partes remotissimas, só para fazer a todos devotissimos da Senhora, trabalho verdadeyramente devido ao seu estudo, & ao seu zelo: mas como naõ havia ser assim! sendo esta Aguia verdadeyra filha da Africana, que no espirito, que lhe deyxou para escrever, lhe deo huma penna para voar, foy aquelle grande Pay Agostinho: *Magne Pater Augustine.* Huma grande Aguia na Igreja: *Aquila grandis magnarum alarum*; & porque naõ havia ser este filho Agostinho outra Aguia grande na terra? Recitando com a sua prespicacia, no mesmo tempo que voava com aceleradas azas, ò Japaõ, à China, à India, à Persia, à Asia, & mais a Africa: *Facta est aquila alteræ grandis magnis alis, multisque plumis*, bem o publica este livro, & naõ se contentando com discorrer por todo o nosso Reyno, lá deo taõ longe este seu oytavo voo, no qual tirando das suas azas huma penna (pois tinha muytas *multisque plumis*) começou a descrever, o que muytos naõ chegàraõ a penetrar.

Ezichiel 17.v.3.

vers.7.

O Evangelista Saõ Joaõ no seu Apocalypse diz que vira, & ouvira a voz de huma Aguia: *Vidi, & audivi vocem unius*

Cap.8. vers.13.

unius aquilæ volantis; & naõ sendo a voz, a que se percebe pelos olhos, confessou tinha olhos, & mais ouvidos para perceber daquella grande Aguia a sua voz, eu de mim digo o mesmo, que convertido todo em olhos para ver nestes escritos as vozes desta Aguia, tenho tambem ouvido maravilhas, & esta he a oytava das que tem dito de nossa Senhora, sendo que bem naõ podera admirarme da materia; porque como he Agostinho de Santa Maria, de Santa Maria havia de ser todo o trabalho deste Agostinho, mostrando no nome com que se acredita, a justa causa que teve para se occupar nos louvores da Senhora, & como tem taõ lucidissimo objecto o seu empenho pareceme justo saya a publico, para que se sayba, dizem com o nome as obras: pois que todas as de Fr. Agostinho saõ de Santa Maria. Este he o meu parecer: *Salvo meliori.* Lisboa no Convento de nossa Senhora de Jesus 17. de Outubro de 1714.

O M. Fr. Joaõ de Santa Theresa.

LICENÇAS DO SANTO OFFICIO.

VIſtas as informaçoens pòde-ſe imprimir o oytavo tomo dos Santuarios milagroſos de que trata eſta petiçaõ, Lisboa 8. de Janeyro de 1715. & impreſſo tornará para ſe conferir, & dar licença que corra.

Haſſe. Monteyro. Ribeyro. Rocha. Barreto.

DO ORDINARIO.

POde-ſe imprimir o oytavo tomo dos Santuarios milagroſos de que trata eſta petiçaõ, & impreſſo tornarà para ſe conferir, & dar licença, que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 1. de Julho de 1718.

Dom Joaõ Arcebiſpo.

DO PAÇO.

QUe ſe poſſa imprimir o livro de que eſta petiçaõ trata, viſtas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, depois de impreſſo torne à meſa para ſe conferir, & taxar, & ſe lhe dar licença que corra, & ſem ella naõ correrá. Lisboa Occidental 2. de Mayo de 1718.

Coſta. Andrade. Botelho. Pereyra. Oliveyra. Noronha.

LICENÇAS.

EStà confórme com o seu original, Lisboa Occidental no Convento de N. Senhora de Jesus aos 25. de Setembro de 1720.

O M. Fr. Joaõ de Santa Thereza.

VIsto estar confórme com o original, pòde correr, Lisboa Occidental o primeyro de Outubro de 1720.

Fr. Rodrigo Lancastre. Carneyro. Cunha. Teyxeyra. Silva.

VIsto estar confórme com o seu original, pòde correr, Lisboa Occidental 9. de Outubro de 1720.

Dom Joaõ Arcebispo.

TAxaõ este livro em hum cruzado em papel, Lisboa Occidental 3 de Outubro de 1720.

Botelho. Oliveyra. Noronha.

PREFAÇÃO EXHORTATORIA

O templo de Salamaõ se lè, que era taõ dilatado, que cabiaõ neile todos os filhos de Jerusalem, & o que deste templo se refere materialmente, experimentaõ espiritualmente todos os filhos de Jerusalem militante; porque todos cabem no templo do Divino Salamaõ, Christo Jesus. E que Templo he este senaõ Maria Santissima, nossa amorosa Mãy, aonde devemos entrar sempre, a pedir àquelle clementissimo Senhor, que nelle habita, & vive sempre, os despachos das nossas petiçoens. Todos os santos, & Expositores commumente chamaõ a esta glorioſissima Senhora, Templo de Deos. S. Epifanio fallando com a Virgem Maria, lhe diz: *O' Beata Maria Cælum, Templum, & thronus divinitatis.* O' bemdita Maria, Ceo, Templo, & throno da divindade. Epiph. ser. de Deipar.

Saõ Joaõ Chrisostomo, lhe chama *animatum Dei Templum.* Templo de Deos animado. Santo Ambrosio: *Corporale Dei Templum, in quo corporaliter habitavit plenitudo divinitatis.* Templo corporal de Deos, no qual corporalmente habitou a enchente da divindade. Saõ Pedro Chrisologo: *Virgo facta est magnum Deitatis Templum, quæ era pusillum humanitatis hospitium.* Aquella Santissima Virgem, que era abreviado hospicio da humanidade, foy feyta grande templo

Chrisost. in sua Lyturg. Ambr. epist. 82.

Chris. ser. 144.

plo da Divindade. E o Apostolo Santiago na sua lyturgia, lhe chama: *Templum Santificatum*: Templo santificado. Nunca acabariamos, se ouvessemos de referir o que os Santos dizem deste Templo, & deste Santuario de Maria.

E se considerarmos bem quaes sejaõ as propriedades do Templo, acharemos, que estes se fabricaõ, para dar nelles culto a Deos, & para lhe offerecermos agradaveis sacrificios, já cantando os seus louvores, & grandezas, jà orando, para alcançarmos beneficios, & para lhe gratificar os recebidos. Tudo isto pertence à sua veneraçaõ, & culto. Para isto edificou o Sapientissimo Salamaõ aquelle magnifico Templo, que foy a mayor cousa do mundo, do qual diz Saõ Joaõ Damasceno, que fora symbolo, & figura de Maria Santissima: *Ad hunc modum Virgo Santissima Santitatem consectatur Sanctumque, & admirabile, ac summo Deo dignum Templum extitit.* A este modo, & para estes fins foy santificada Maria, Templo santo, admiravel, & digno do Summo Deos. Foy Templo santo fabricado, & habitado do Principe Salamaõ, que he Christo, naõ adornado com ouro, & pedras desanimadas: mas em lugar do resplandecente ouro, com o espirito; & em lugar das preciosas pedras, contem em si a Margarita de immenso valor, Christo Jesus. Santa Brigida nas suas revelaçoens applica as propriedades do Templo de Salamaõ à Virgem Maria.

Damasc. l. 4. de fide ortodox c. 15 orat. 1. de Nat.

Aug. ser. 225. de temper.

Meu Padre Santo Agostinho diz: *In illo, quod foris erat animalium cædebatur sacrificium; in illo verò altari, quod intus erat thimiamathis offerebatur incensum.* No altar, que estava da parte de fóra, se offerecia o sacrificio dos animaes mortos; porèm no altar interior se offerecia o odorifero thimiama, do qual collige o mesmo Santo, que quer Deos de nòs (que devemos ser templos seus, como diz S. Paulo aos Corintios) dous sacrificios, hum do corpo casto, & outro do coraçaõ limpo, para que no altar exterior, que he o nosso corpo, offereçamos as nossas boas obras, & no interior, que he o co-

raçaõ

raçaõ, lhe sacrifiquemos todos os nossos pensamentos,& desejos,& todo o nosso amor,que he o fogo perenne, que mandava Deos que ardesse sempre no seu altar.

Naõ de outra maneyra se achaõ na soberana Virgem Maria, que foy com imminencia templo vivo de Deos, estes dous amores perfeytissimamente, hum dos sacrificios, no qual mortificando o seu corpo com jejuns, com dura cama, com penitencias,& asperezas, como ella o revelou à mesma Santa Isabel, Religiosa do Convento Econagiense, se offerecia toda abrasada no fogo de ardentissima caridade, outro do Thimiama,no qual offerecia continuos affectos,dentro de seu mesmo coraçao,mais agradaveis,& suaves para Deos, que todos os cheyros de que se compunha o Thimiama.

Neste templo de Deos, que he Maria, lhe devemos offerecer em sacrificio todo o nosso coraçaõ, pondo-o nas mãos da mesma Senhora, como em Ara consagrada, aonde tantas vezes esteve o corpo do filho de Deos,quando Menino, que alli tomaràõ os nossos affectos, & desejos de a servir,quilates de grande preço. Em honra deste Divino Templo, devemos no material assistir às Missas, que como saõ memorias da payxaõ de seu Santissimo filho, & do infinito amor, que teve aos homens,saõ para Maria, gratissimas. Para culto, & veneraçaõ deste Templo vivo da Santissima Trindade,devemos offerecer nelle o Sacrificio de continuos louvores, adorando-o, & louvando-o, pela melhor, & mayor obra, que sahio das suas mãos, pelo templo mais magnifico, que já mais se edificou, nem edificará, pela mais alta maravilha, que a sua Divina Omnipotencia obrou em pura creatura. Estas glorias, & estas grandezas de Deos, que ainda que a Senhora as confessa, no seu Cantico na *Magnificat.* Naõ diz quaes saõ: *quia fecit mihi magna qui potens est.* Porque ella mesma que as possue,ainda as naõ sabe explicar, que isso se reserva sómente para aquelle Senhor, que lhas concedeo. Essas devemos celebrar, com Psalmos, Hymnos, &

Canticos, louvando a, & invocando o seu favor, & patrocinio, & agradecendo os beneficios, & mercès, que continuamente recebemos da sua poderosa maõ, & da sua clemencia, em tantos templos, quantos saõ os titulos, & invocaçoens desta misericordiosa Senhora.

Quem pois deyxará de acudir a este Santissimo Templo, & de dar nelle a devida adoraçaõ, & reverencia a Deos, pois nelle, & por elle havemos recebido tantos beneficios, tantos favores, & tantas misericordias do mesmo Deos, que
Psal.47. podemos dizer com o Profeta Rey: *Suscepimus Deus misericordiam tuam in medio templi tui.* Quem em seus trabalhos, tribulaçoens, necessidades, & perigos deyxará de acudir a este Templo, aonde se mostra Deos taõ propicio, que nos da sua palavra, de que ouvirà as nossas suplicas, & oraçoens? Ditosos todos aquelles, que habitaõ por amor, & affecto nesta Divina casa: *Beati, qui habitant in domo tua, Domine.* E
Psal.83. ainda os passarinhos em os tectos, & telhados desta casa, diz a Escritura, que saõ ditosos: *Passer invenit sibi domum, ubi ponat pullos suos.* O Divino Templo de Salamaõ, mais capaz que o mesmo Ceo, & a mayor maravilha da terra, Templo magnifico, Templo real, adornado de pedras preciosas, de virtudes, & de ouro de caridade. Quem continuamente estivesse em vòs offerecendo-vos sacrificios de amor, & de louvor, àquelle soberano Artifice, que vos fabricou taõ cheyo de bens, & taõ enriquecido de graças, louve-vos, & magnifiquevos elle mesmo, que vos edificou.

Para despertar em nossos coraçoens hum fervoroso, & vivo desejo de dar culto, & veneraçaõ a esta soberana Senhora, he necessario trazer à memoria os muytos, & grandes bens, que della recebemos, & assim naõ só a havemos de considerar, como templo digno de toda a veneraçaõ, & culto;
Eccles.24 v.27. mas tambem como fonte de todos os bens, que recebemos de Deos: tendo hum vivo desejo de a servir. Isto he o que ella mesma nos aconselha, pelo Ecclesiastico, dizendo: *Transite*

site ad me omnes, qui concupiscitis me, & à generationibus meis implemini; spiritus enim meus super mel dulcis, & hæreditas mea super mel, & favum. Que segundo o Cartusiano, he o mesmo, que se dissera. O' vós todos os que com particular affecto me desejais agradar, & imitar nas minhas virtudes, & verme eternamente em o Ceo, chegay-vos amim, pela imitaçaõ das minhas virtudes, & com a meditaçaõ dos beneficios, que vos fiz, & pela invocaçaõ do meu nome, q̃ he para mim o culto, & a veneraçaõ mais agradavel, com que me podeis obrigar, & honrar, & assim sereis enrequecidos das minhas géraçoens, isto he do filho que gérey nas minhas entranhas, que val por muytos; porque Christo se acha facilmente nos braços de sua Santissima Mãy, pelos seus mesmos rogos, & aquelle que a acha gosa de huma herança, & de huma devoçaõ mais doce, que o mel, & mais saborosa que o favo: atèqui o Cartusiano.

E podemos com verdade dizer, que acha, & gosa em Maria, aquelle que desperta este vivo desejo, em seu coraçaõ huma perenne fonte, & hum poço de aguas vivas, de todos os bens, que se pòdem desejar, porque de Maria, disse o Divino Esposo: *fons hortorum, & puteus aquarum viventium:* que he fonte, & poço de aguas vivas com que regaõ os jardins, isto he as almas dos justos, & os coraçoens de seus devotos filhos, q̃ saõ os jardins deleytaveis do celestial Rey, plantados, & cultivados, como o d'ElRey Assuero, por maõ, & cuydado real, pelo muyto, que ama estes jardins regados, & fertilizados com a agua de continuos beneficios, que se pòdem contemplar nas propriedades da agoa.

Para quatro cousas principaes serve a agua, mata a sede, lava as manchas, coze os manjares, & rega os jardins. A agua que nos deo a fonte de Maria, he Christo, o qual a paga em nòs o ardor de nossas concupiscencias, & a sede de nossos apperites, & desordenados desejos, lava nossas almas das manchas das culpas, coze, & dá sabor a nossas obras, pa-

ra que sejaõ agradaveis, & saborosas ao Divino paladar, & dignas da mesa celestial, elle rega, & faz fecundo o seco, & estril campo dos nossos coraçoens, dos quaes disse o Profeta Rey: *Cor meum sicut fenum aruit*: que se secou como feno, elle o fertiliza, & faz dar flores, & frutos de vida eterna.

Todos estes beneficios recebemos da agua que he Christo, por meyo da fonte, que he Maria, & assim diz de si mesma esta Senhora: *Sicut aquæductus exivi de Paridiſio, dixi rigabo hortum meum plantationum, & inebriabo prati mei fructũ.* Rega Maria com especial cuydado os jardins dos seus devoto, & os intitula hortos com especial titulo seu. *Hortum meũ*: & rega-os com abundancia de beneficios. A' vista deste seu amoroso affecto, para com nosco naõ devemos ser terra esteril, que ingrata à cultura que se lhe faz, brota espinhas, em lugar de frutos. Imitemos as terras fertiz, que daõ cento por hum; & já que naõ possa produzir tanto, & seja pouco o fruto que dá, offereçamo-lo com hum desejo de dar muyto.

Devemos a Maria todos os beneficios, que havemos recebido de Christo; porque, como diz Santo Antonino: *Maximum etiam effectum misericordiæ nobis impendit, quia nobis miseris, & captivis, & mendicis dedit filium ſuum Deum, captivis in prætium famelicis inviaticum, laborantibus in præmium, infirmis in medicamentum, & cum ipſo dedit nobis Regnum cælorum, & omne bonum.* Em breve epilogou o Santo todos os bens, que nos deo Christo por meyo de Maria Santissima. Foy grande, diz, em summo grào, o effeyto de misericordia, que mostrou Maria para com nosco, pobres, captivos, & miseraveis, dando-nos a seu filho, & nosso Deos; porque nelle nos deo o preço do nosso captiveyro, & viatico da nossa fome, premio para nossos trabalhos, medicina para nossas enfermidades, & finalmente o Reyno dos Ceos, & todo o bem. Logo por ley de agradecidos devemos venerar, servir, amar, honrar, & dar culto a esta soberana Senhora, em tudo o que alcançarem as nossas forças, dedi-

can-

cando-lhe Templos, & levantando-lhe altares, quando naõ sejaõ materiaes; porque nem todos tem para isso possibilidade, consagrando-lhe em lugar delles as almas, & os coraçoẽs, que lhe seraõ mais agradaveis. Veneremos as suas santas Imagens, como prendas suas, mandemos-lhe ardentes jaculatorias, amorosas saudaçoens, & oraçoens com outros muytos, & differentes obsequios, q̃ com o exterior culto, estejaõ significando a interior devoçaõ, & amor, & agradecimento grande que devemos a seus beneficios.

Muytos saõ os titulos, pelos quaes lhe devemos este reconhecimento: ella he a Mãy do Filho do Altissimo, a quem devemos quanto samos, & valemos, elle a honrou, como a Mãy muyto amada sua, & quer que todos a honremos, & lhe demos culto, & veneraçaõ, ella nos tem feyto, & faz innumeraveis beneficios, hũs géraes, que pertencem a toda a natureza humana, como foy darnos a Christo para Redemptor em a Cruz, & para regallo, & sustento em o Sacramento do altar, & outros particulares, que cada hum conhece haver recebido das suas mãos; & os occultos, que ignoramos, que saõ infinitos. Ella he aquella misericordiosa Senhora, & piedosa advogada, por cujo meyo esperamos os bens eternos, ella he a Mãy dos viventes que vivem, vida de graça, & a nossa Mãy, a cujo amparo nos encomendou Christo desde a Cruz em Joaõ seu Discipulo amado, com aquellas amorosas palavras: *Ecce Filius tuus*: & pondo os olhos em Joaõ, disse: *Ecce Mater tua.* Vez ahi a tua Mãy. Na devoçaõ desta Santissima Virgem, se achaõ todos os bens, a honra, & proveyto, & todo o deleyte, & suavidade; porque he mais doce que o mel, & o que nos dà a nossas almas todo o deleyte, & consolaçaõ, he a sua cordial devoçaõ; porque he huma das mayores prendas, & sinaes que da nossa predestinaçaõ podemos ter. Finalmente podemos, & devemos alentarnos a servilla, amalla, & a veneralla com os exemplos dos mayores Santos da Igreja de Deos, q̃ se esmeràraõ em lhe fazer obsequios, com

todo

todo o affecto de seus coraçoens. Invoquemo-la pois com os mesmos Santos, saudemos a esta Senhora, dizendo. Deos vos salve, fonte do Paraiso, cheya de graça, que com a doçura das vossas saudaveis aguas recreaes aos sequiosos do amor Divino: Deos vos salve, poço de aguas, que sempre vive: Deos vos salve, fonte de graça, & de toda a consolaçaõ: Deos vos salve fonte de saude, & de vida, que a cõmunicastes ao mundo, trazendo do Ceo à terra, aquelle que tem palavras de eterna vida: Deos vos salve, fonte Divina, que representaes a expressa Imagem de Deos: Deos vos salve, fonte de Misericordia, fonte abundante de todos os bens, que podemos desejar os homens, assistinos, a companhay-nos, & ensinay-nos, para que em tudo vos louvemos. Amen.

SAN-

SANTUARIO MARIANO,

E HISTORIA

Das Imagens Milagroſas de N. Senhora, & das milagroſamente apparecidas.

LIVRO PRIMEYRO

Em as Conquiſtas, & partes Ultramarinas dos Reynos de Portugal, & ſuas Conquiſtas.

INTRODUCÇAM.

EM os Tomos precedentes, tratando da Origem particular de cada huma das Santas Imagens, que eſcrevi o naõ fiz atègora da Origem, & principio, que ellas tiveraõ, & do tempo em que ſe introduſiraõ no Mundo; & do fim eſpecial com que ſe inventáraõ. E porque tratando neſte Oytavo Tomo de algumas Imagens fabricadas em o meſmo tempo em que Maria Santiſſima; & ſeu precioſo Filho viviaõ no Mundo, & de

outras, que parece mandáraõ fazer os Santos Apoſtolos; era juſto que diſſeſſe primeyro alguma couſa, ſobre eſte particular. O uſo das Imagens he tam antigo, que ſe atribue ao Santo Patriarca Enos, primeyro Neto de noſſo pay Adam; porque he couſa conſtante, que adevoçaõ ſe afervoriza com ellas, & aſſim o obrallas a eſte fim, he acto de Religiam; porque com ellas ſe invoca o Santo nome de Deos: como diz Lippomano tratando de Enos: do qual (como elle tambem refere) diz a eſcritura, fora o primeyro que comeſſára a invocar o nome de Deos. *Primus invocare cæpit nomen Domini*; & a occaſiaõ em que o fez, foy: *quia ſecundùm aliquos* (diz o Padre) *primus invenit Imagines quaſdam; quibus Orationis devotio excitatur.*

Lipom.

Lipom. in Caten. in Gen. c. 4.

O Padre Aguſtinho Torniello, em os ſeus annaes, diz que depois do Diluvio, Nino primeyro Rey dos Aſſyrios, fora o que inventára as Imagens com hum deſordenado affecto de piedade; para com ſeu pay Bello, (ou Jupiter Bello como outros dizem,) & que expuſera huma Imagem ſua, para que recorrendo a ella todos os reos, & culpados, achaſſem nella amparo, & refugio; ficando livres de qualquer delicto, ou crime, que tiveſſem? E que deſte erro ſe fora introduſindo no Mundo, o culto dos Simulacros, & Imagens, & ſe dera principio à Idolatria.

Torniel. ad an. 1997. n. 2.

Porèm deyxando eſtas Imagens, que eraõ retratos, pela mayor parte de homens peſſimos, homicidas, & adulteros. O meſmo Senhor Jeſu Chriſto approvou o uſo das Santas Imagens, imprimindo a ſua em hum panno, que mandou a Abbagaro Rey de Edoſſa em a Siria, porque deſejava muyto eſte Rey ver ao Senhor, & ter hum retrato ſeu; como o affirmaõ graviſſimos Authores. O meſmo Senhor em Cafarnaum, curando aquella mulher chamada Seroſiniza, que padecia havia muytos annos, hum continuo fluxo de ſangue, approvou, que ella em acçaõ de graças; & por memoria de tam grande beneficio, mandaſſe fazer huma Imagem ſua, formada de bronze, & aos pès da do Senhor outra, que re-

prezen-

prezentava a meſma Serofiniza; dejoelhos tocando a fimbria da tunica do meſmo Senhor. Eſta Santiſſima Imagem, colocou-a Serofiniza em lugar publico, para que todos a adoraſſem, & veneraſſem; como a Imagem do Senhor Jeſu Chriſto; & veſſe que o Senhor a approvou; porque aos ſeus pès naceo huma erva peregrina, que creſcendo, & tocando a fimbria da tunica do Senhor, tinha virtude para curar a meſma enfermidade, que a Serofiniza havia padecido. O que referem graviſſimos Authores.

Em confirmaçaõ deſta verdade vemos que do Ceo trouxeraõ os Anjos huma Imagem de Maria Santiſſima, que entregáraõ ao mayor Patraõ das Heſpanhas Santiago, eſtando em a Cidade de Çaragoça de Aragam. E de noſſa Senhora eſcreve Segiberto em o ſeu Chronicon, que no anno antece- Sigib. ad
dente ao de 1183. apparecéra a Senhora a hum Imaginario, an. 1183.
& lhe moſtrára huma Imagem ſua, & outra de ſeu Santiſſimo Filho, abertas em hum Sello, no qual ſe liam eſtas letras: *Agnus Dei qui tollis peccata Mundi miſerere nobis.* E que lhe mandára foſſe levar aquelle Sello ao Biſpo de Podio: & lhe diſſeſſe o manifeſtaſſe aos ſeus ſubditos, & Irmãos, & aos das Provincias circunviſinhas; & lhe prégaſſe, que ſe queriam ter a paz da Santa Igreja, fizeſſem ſemelhantes Sellos; & os trouxeſſem em ſinal de Paz.

Sentindo o demonio muyto a grande guerra que ſe lhe fazia com a devoçaõ, & veneraçaõ das Santas Imagens, ſugerio a muytos Emperadores hereges as impugnaſſem, & deſtruiſſem, como foy Philipico que foy o primeyro que as perſeguio deſpedaçou, & queymou; em cuja defenſa padecéraõ muytos Santos, gloriozos martyrios: & para confuſaõ dos meſmos hereges, obrou Deos grandes maravilhas. Contra eſſes hereges ſe fizeraõ muytos Synodos, & Concilios, em que os Summos Pontifices declaráram, & decretáraõ, em como era Santiſſima a veneraçaõ das Imagens, & ſe recomendou o uſo dellas, por muyto agradavel a Deos; & por muyto proveytoſo para o augmento da devoçaõ dos fieis. E no

anno de 733. congregou o Papa Gregorio III. hum Synodo em Roma de 903. Biſpos, como refere o meſmo Segiberto, aonde ſe confirmou a veneraçaõ das Imagens ſagradas, & ſe promulgou ſentença de excõmunhaõ, contra todos os que as impugnaſſem, & violaſſem. O meſmo fez Adriano I. contra Conſtantino IV. & Leam IV. Emperadores em o Concilio Niceno II. de 350. Biſpos anno de 780. He certo que por meyo das Santas Imagẽs recebem os Fieis muytos beneficios, & miſericordias do meſmo Deos, que reprezentaõ, & de ſua Santiſſima Mãy; & aſſim he, naõ ſó juſto, que as veneremos: mas que tenhamos: para com ellas huma muyto cordial devoçaõ, empregando-nos todos em ſeu culto, & obſequio.

Sigib. ad an. 733.

TITULO I.

Da Antiquiſſima Imagem de N. Senhora de Calecut; & de ſua maravilhoſa Origem, & da Senhora de Cranganor.

1 PElos annos de 1498. deſcubriraõ os Portuguezes a India Oriental: & foy o primeyro explorador, que deſcubrio eſta nova terra de Promiſſaõ, promettida pelo meſmo Senhor Jeſu Chriſto aos Reys de Portugal, para dilatarem nella a Ley do ſeu Evangelho: o Almirante Dom Vaſco da Gama. Eſte foy o primeyro que chegou a ver aquellas vaſtas regioens; & o primeyro que regiſtou ſuas riquezas; & o primeyro que vencendo aquelle promontorio tormẽtozo, franqueou o caminho da India, & ſua navegaçaõ. Tomou porto no Reyno de Calecut; em a Cidade de Cranganor em o mez de Mayo; donde fez aviſo ao Çamorim Rey de Calecut, de que elle o vinha buſcar de ordem del Rey de Portugal, ſeu ſenhor, para tratar com elle negocios graves, que podiaõ eſtar bem aos intereſſes de ſua Coroa; & ajuſtar com elle paz, & amizade entre os dous Reynos. Com eſta noticia teve licença o Almirante para deſembarcar, & para ir à Corte; que ficava diſtante da Cidade de Cranganor, quinze

legoas

legoas; era a Cidade de Calecut, da qual o Reyno recebeo o nome.

2 Para conductor do Almirante mandou ElRey Çamorim o Governador da meſma Cidade de Calecut, a que elles chamaõ Catuel; com elle partio o Almirante, acompanhado de alguns Fidalgos, & Cavalleyros da ſua familia. Chegando à Cidade de Calecut, a primeyra couſa, que fez o Catuel, foy levar ao Almirante a ver hum ſumptuoſiſſimo templo; porque verdadeyramente o era na grandeza, ſumptuoſidade, & riqueza, & hum retrato do mais precioſo do Oriente. Era eſte grande templo tido em grande veneraçaõ de todo aquelle Reyno. Dentro nelle ſe via huma rica, & precioſa Capella de excellente fabrica em fórma rotunda, à qual ſe ſubia por muytos degraos, & no meyo tinha huma entrada, que ſe fechava com portas de bronze de rica fabrica; & era dedicado aquelle templo à Virgem Maria noſſa Senhora, a quem os daquelle Reyno chamaõ Mariem.

3 Neſta Capella eſtava collocada hũa Imagem da Rainha dos Ceos, & da terra, a glorioſa Virgem Maria, na meſma fórma, em que os Santos tres Reys, que do Oriente foraõ a adorar a Deos naſcido em Belem, a viraõ com o ſantiſſimo Menino, & Rey de todos os Reys, reclinado em ſeus braços. Naõ puderaõ por entaõ divizar bem os Portuguezes a fórma, em que a Senhora eſtava, nem as riquezas, & ornatos daquella precioſa Capella, por naõ ſe permittir o entrar nella a outros, que naõ ſejaõ os Bracmenes, ſeus Sacerdotes; mas viraõ a notavel devoçaõ daquella gente, que ſaõ todos gentios, & Mouros, & a grande devoçaõ, que todos tem com aquella Senhora, que elles ainda naõ chegáraõ a reconhecer, nem a ver quem ella era, porque lhes falta a luz da verdadeyra Fé.

4 Nos dias de eſtaçaõ (digamolo aſſim) quando a gente concorre por ſua devoçaõ a venerar aquella Senhora; eſtando todos juntos naquelle grande templo; ſobem à Capella da Senhora (como fizeraõ neſta occaſiaõ, para que os Portugue-

tuguezes o viſſem) quatro Bracmenes nus, ſalvo que por honeſtidade, & reverencia da Santa Imagem, & Templo, levaõ cingidos huns pannos de ſeda, & tam curtos, q̃ lhes naõ paſſaõ dos joelhos, com huns tres fios de ſeda lançados do peſcoço, & do hombro direyto atè o lado eſquerdo, ſinal, & diviſa da ſua Religiaõ, & dignidade; que moſtravaõ ſer os Sacriſtães daquelle Templo. Antes que eſtes Bracmenes moſtraſſem a Senhora, aſpergiraõ, como com agoa benta, aos Portuguezes; ceremonia que lhes ficou de quando eraõ Chriſtãos; porque he tradiçaõ conſtante os converteo, & bautizou o Apoſtolo Saõ Thomè; & logo lhes deraõ huns pos feytos de certa arvore de grande cheyro, & ſuavidade, para ſe perſinarem com elles na frente. Poſtos os Bracmenes, como fica dito, à porta da Capella, que eſtava aberta, moſtrando aos que eſtavaõ no Templo a Senhora com o dedo; diſſeraõ em voz alta, para que todos ouviſſem, Mariem, Mariem. E todos a eſtas vozes ſe proſtráraõ em terra, eſtendendo as mãos, em ſinal de reverencia, & adoráraõ a ſagrada Imagem da Virgem Maria. Quando os Bracmenes invocáram o Santiſſimo nome de Maria, ſe proſtrou logo por terra o Catuel Conductor dos Portuguezes, com grande reverencia, & depois levantando as mãos, fez, como os ſeus, a ſua coſtumada Oraçaõ. Com grande admiraçaõ notáraõ os Portuguezes a reverencia, & a devoçaõ, que moſtrava ter para com a Senhora aquelle Gentiliſmo; que todos ſe proſtràraõ a adorar as Santiſſimas Imagens da Virgem Maria, & de ſeu Santiſſimo Filho; & com outro differente conhecimento, & fé: porque elles conhecem o que os Gentios ignoraõ.

5 Alli proſtrados lhe pediraõ a Maria Santiſſima, & a ſeu clementiſſimo Filho o ſeu favor, & amparo, & tambem o bom ſucceſſo da ſua navegaçaõ, tam dilatada, & tam cheya de perigos, aqual haviaõ emprendido com o fim da ſua mayor honra, & gloria; & de dilatar por todas aquellas immenſas regioens a ſua Evangelica Ley àquelles Idolatras, Gentios,

tios, & Mouros. Isto he o que toca ao Templo, & a veneraçaõ, & reverencia, que aquelles homens cegos, & sem a luz do verdadeyro conhecimento tem à sagrada Imagem de Maria, Mãy de Deos. Tambem reparàram os Portuguezes que estavaõ nas paredes daquelle templo pintadas muytas Cruzes.

6 A origem deste mysteriozo Templo, & da grande reverencia, culto, & veneraçaõ, que aquelles Gentios (que naõ conhecem ao verdadeyro Deos; pois se achaõ em as trevas da sua Idolatria, & gentilidade) daõ a Maria Santissima, refere o Bispo Dom Jeronymo Osorio em o seu livro de Rebus Emmanuelis nesta maneyra. Na Cidade de Cranganor, antiquissima em a Inda Oriental, (que dista da Cidade de Calecut quinze legoas, para a parte do Meyo dia, & se vè hoje povoada de Christãos; muytos dos quaes saõ descendentes dos que converteo o Apostolo Saõ Thomè) succcedeo que hum Rey della, bem versado em as letras dos Bracmenes, commetteo hum feyo peccado de incesto com huma irmã sua. Afflicto este com os remorsos de sua consciencia, castigou o seu corpo por muytos dias com apertados jejuns, rigorosas disciplinas, & outras penitencias; porèm naõ se sossegava o seu ferido coraçaõ, nem podia descançar o seu perturbado animo com aquella culpa. Com esta perturbaçaõ, em que andava, se resolveo a ir communicar o seu cuydado à Persia, & Caramania, (que he hoje Narsinga, Provincia, que fica entre a Persia, & a India) nas quaes florecia a antiga Escola, & doutrina dos Magos. Dous (destas Provincias) os mais ricos, & os mais doutos na sciencia da Astrologia, amigos del Rey de Cranganor, & communicados delle por cartas; & a quem elle havia ido buscar: ensinados da nova estrella, que fóra da ordem natural lhes havia apparecido, para lhes ensinar o Nascimento do Rey do Ceo, Christo Jesus, nascido em Belem de Judá, se apresta-vaõ para o ir adorar. A estes se aggregou o Rey de Cranganor, por terceyro na sua resoluçaõ, tendo por feliz a sua vin-

da àquella Provincia; para merecer, & gozar da vista do Salvador do Mundo.

7 Era este Rey preto, como saõ os daquelle clima, & como o vemos delineado nas pinturas deste mysterio: o qual dalli por diante (deyxando os outros nomes) se quiz chamar Cheriperimale, que quer dizer na sua lingua *hum dos tres*: por esta mysteriosa companhia, da qual grandemente se gloriava. Chegados estes sabios, & venturosos Reys a Belem, adoráraõ todos tres ao Divino Rey Menino reclinado nos braços de sua Santissima Mãy, & lhe offerecèraõ os seus dons. E havendo ElRey de Cranganor voltado à sua Patria, & Reyno ao terceyro anno, que della havia sahido; como querem o mesmo Osorio, & o Padre Esquerra fundados nas historias daquelle Reyno; alegre, & gozozo tratou logo de fundar naquella sua Cidade de Cranganor hum Templo, que consagrou, & dedicou ao nome Santissimo de Maria; & nelle collocou huma Imagem da mesma Senhora com o Santissimo Menino em seus braços na mesma fórma, em q̃ a vio: & mandou a todos os seus que sempre que os Bracmenes Sacristães, daquelle Templo, acclamassem este nome Santissimo de Maria; todos os que se achassem prezentes à sua invocaçaõ, se prostrassem em terra, & adorassem a Mãy de Deos, dando-lhe toda a adoraçaõ, & reverencia, que se lhe devia.

8 Finalmente dezembaraçado ElRey Cheriperimale, ou Gaspar(como nòs chamamos a este Rey preto)do governo do seu Reyno, & entregue todo às cousas Divinas, repartio o seu Estado, & riquezas entre os que conhecia se avantejavaõ mais na Religiaõ, & sabedoria. Hum destes fundou a populosa Cidade de Calecut, & nella por memoria, & obsequio do seu S. Rey Cheriperimale edificou aquelle sumptuosissimo Templo,aonde o Catuel levou ao nosso Almirante Dom Vasco da Gama, & no meyo delle levantou a Capella, que dedicou à Virgem Maria. E seguindo o exemplo de seu Senhor, ordenou que todas as vezes, que ouvissem

no-

nomear o nome Santissimo de Maria, se prostrassem todos por terra. E ainda que todos os moradores de Calecut eraõ naquelle tempo como saõ hoje, barbaros, & infieis, conservaõ esta memoria, & ceremonia santa, que recebèraõ de seus antepassados, com summa Religiaõ. Tudo isto se acha nas antiquissimas historias dos Christãos Indios, como o refere o Bispo Osorio, & o Padre Alonso de Esquerra da Companhia de Jesus.

9 Desta maravilhosa historia se vè o meyo, que tomou a Divina Providencia, para que o Rey de Cranganor se ajuntasse com os outros dous da Arabia para irem buscar, & adorar ao Menino Deos nascido em Belem: que foy o naõ se satisfazer dos seus jejuns, & penitencias, que em satisfaçaõ do seu peccado fazia; & o affligillo Deos com os escrupulos, & remor da consciencia, que o picava; era o querer levallo para o ajuntar com os outros dous Reys. Estes offerecèraõ ao Menino Deos o mysterioso ouro, & encenso de suas terras. E a Ethiopia estende, & adianta as suas mãos em offerta da myrrha, que, sendo mysterioſa na significaçaõ da mortalidade de Deos, em quanto homem, foy tambem para o Rey Preto offerta de mortificaçaõ, & penitencia: esta offerta da Ethiopia estava profetizada; & tambem se comprio aquillo do Psalmo, que no seu acatamento se prostrariaõ os de Ethiopia; & que os Reys de Tharsis, & das Ilhas lhe offereceriaõ dadivas; & que os Reys de Arabia, & Sabá lhe trariaõ offertas. Porque Tharsis he na India Oriental, donde era o Rey de Cranganor, & Sabá na Arabia feliz, donde partiraõ os tres Monarcas, como o prova o Padre Soares. E naõ he contra isto dizer a historia referida que este Rey de Cranganor veyo à Persia; porque, como affirma Saõ Cyrillo Alexandrino, algumas vezes se nomea Persia por Arabia; porque estaõ taõ visinhas, que só as divide o Sino, que chamaõ da Persia.

Soar. t. 2. in 3. p. q. 56. art. 8. sec. 3.

Cyril l. 4 in Isai. Orat. 4.

10 Tambem havemos de tirar desta narraçaõ que na Cidade de Cranganor he venerada a Imagem de Maria Santissi-

tissima, a quem daõ o titulo de N. Senhora de Cranganor: em o primeyro Templo, que edificou (logo que veyo de adorar a Deos nascido) o seu Rey Cheriperimale, & que nelle collocou esta sua sagrada Imagem, formada (como fica dito) na mesma forma, em que elle a vio, & adorou com seu Santissimo Filho nos braços. E esta tenho para mim ser a primeyra de Maria Senhora nossa, que se formou no Mundo, & a que se começou a dar o culto, & a adoraçaõ, que se devia. E nesta Cidade de Cranganor, por ser de Christãos, será mais verdadeyra a devoçaõ, & o culto, com que he servida, & buscada esta Senhora: pois a buscaõ, & veneraõ os que crem em seu Santissimo Filho Jesu Christo nosso Salvador; & o confessam por verdadeyro Deos, & Homem, & por Filho Unigenito do Eterno Padre. Escrevem da Senhora de Calecut Osorio de Rebus Emmanuelis l. 1. fol. 61. n. 400. Navarro tom. 3. in Cõmentar. de oratione c. 21. n. 28. Barradas in Concord. Euang. tom. 1. l. 9. c. 8. Daça p. 4. da hist. de S. Francisco l. 1. c. 42. Fr. Gregorio Garcia na sua predicacion del Evang. l. 3. c. 5. O Padre Alonso de Esquerra no seu livro Passos de N. Senhora. O Padre Joaõ de Aloya no seu Ceo estrellado, l. 4. c. 1. * 30. & largamente o Padre Hermaõ Crombach in historia trium Regum tomo 1. lib. 3. c. 23. per totum, & outros. Tambem affirmaõ graves Authores que S. Thomè bautizàra aos tres Reys Magos, & que tambem foraõ Prégadores, & Coadjutores do mesmo Santo no ministerio da prégaçaõ Evangelica: & que padecéraõ martyrio pela Fé, & confissaõ do nome de Jesu Christo, a quem viraõ, & adoráraõ em o Portal de Belem.

TITULO II.

Da Imagem de N. Senhora, que se achou em hum Templo em a Cidade de Anchèo do Reyno da China.

11 A Monarquia da China he tam grande, & dilatada, que faz mais de quatrocentas legoas de cõprido

prido, & outras tantas de largo; corre do Tropico de Cancro, aonde começa, para o Norte. De seus principios, grandezas, prerogativas, & excellencias escrevem muytos Authores, & assim quem com curiosidade as quizer saber, nelles as verá. He tradiçaõ constante, & o affirmaõ gravissimos Authores, que o Apostolo Saõ Thomé fora o que a converteo à Fè,& lhe annunciou a Ley Evangelica, & edificou Templos,levantou Altares,collocou muytas Cruzes,& mandou fabricar muytas Imagens de Christo, & de sua Santissima Mãy. Depois as guerras fulminadas pelo Inferno assolàraõ tudo: & totalmente se arrancou a semente,que os Operarios Evangelicos com tanto trabalho haviaõ semeado.

12 Pelos annos de 1551. intentou o Apostolo das Indias Saõ Francisco Xavier renovar esta sementeyra, mas naõ o pode conseguir: porque naõ era ainda chegado o tempo, & assim acabou a vida na Ilha de Sanchaõ no anno de 1552. Entráraõ depois outros a colher o fruto dos seus grandes trabalhos: porque pelos seus grandes merecimẽtos abrio Deos as portas daquelle Imperio, para que entrassem muytos. O primeyro que lá entrou, foy o V. Padre Fr. Galpar da Cruz Religioso Portuguez natural da Villa de Azeytaõ, Arcebispado de Lisboa, da Ordem dos Prégadores; & foy a sua entrada no anno de 1556. quatro depois da morte do Santo Xavier: como o escrevem muytos Authores, & o refere Cardozo no seu Agiologio tom. 1. pag. 358.

13 O Padre Fr. Joaõ Gonçales de Mendonça, da Ordem dos Prégadores, escreve na sua historia da China: Que sahiraõ da Cidade de Manilla em Philipinas dous Religiosos Missionarios Eremitas da Ordem de meu Padre Santo Agostinho, Fr. Martinho de Herruda natural da Cidade de Pamplona, cabeça do Reyno de Navarra; & Fr. Jeronymo Martin, natural da Cidade de Mexico, para prégarem a Fé, & a Ley Evangelica nos Reynos da China: & que entrando estes Padres em hum grande Templo da Cidade de Ancheo, terra firme do mesmo Imperio da China, contaram na Capella

Hist. da Chin. p. 2. l. 1 c. 25.

pella mòr delle cento & onze figuras de Idolos, & que no meyo delles estava huma Imagem fermosissima de mulher, que tinha hum Menino em os braços; & que admirados da fórma daquella Imagem, perguntáraõ que Imagem era, & foy lhes respondido pelos Chins que aquella mulher parira aquelle Menino, ficando Virgem; & que era filha de hum grande Rey. (Reverenceaõ-na muyto aquelles Gentios, & fazem oraçaõ diante della,) & diziaõ, affirmavaõ, & criaõ que vivéra santamente, & sem peccado: mas naõ sabiaõ dar mais razaõ, que esta. E quem fora de Maria Santissima viveo entre os humanos sem peccado, senaõ ella, que foy concebida sem a mancha do peccado original, & izenta daquella culpa, q̃ todos os filhos de Adam herdáraõ? Quem pois poderá duvidar ser aquella Imagem de Maria Santissima Máy de Deos, & Senhora nossa, que em tempo dos primeyros Christãos, quando os Apostolos discorriaõ por todo o Mundo, & entráraõ naquelle Imperio, annunciandolhe a Fé, a mandariaõ fazer, & outras muytas, que lá se achaõ, donde ao depois por falta de Ministros Evangelicos se perdeo a Fé, & se esquecco tudo o que a ella pertencia. Desta Santa Imagem faz mençaõ o referido Padre Gonçales. E o mesmo affirma o Padre Fr. Gregorio Garcia na sua Predicacion del Evangelio l.4.c.2. Atlas Mariano no tom. 2. pag. 586. aonde refere Fr. Oderico da Ordem dos Menores, como escreve Bolando na sua vida, & dà à Cidade o nome de Cancheo.

TITULO III.

Da Imagem de N. Senhora, que junto à Cidade de Cantaõ veneraõ os Chins.

O Mesmo Padre Fr. Joaõ Gonçales de Mendonça na referida historia escreve que, indo em Missaõ o Veneravel Padre Fr. Gaspar da Cruz da Ordem dos Prégadores (de que atraz fizemos mençaõ) aos Reynos da China; & que

que entrando este Padre em hũa Isleta, que estava no meyo de hum rio, que chamaõ de Cantaõ, vira nella hum edificio, à maneyra de Convento de Religiosos, dos daquella Monarquia: os quaes viviaõ alli em clausura. Porèm estes faziaõ huma vida tal, & tam cheya de superstiçoens, que mais parecia, (como verdadeyramente era) que viviaõ em serviço do demonio, do que de Deos. Andando pois o Padre Frey Gaspar da Cruz por aquelle Convento, notando algumas cousas antigas, & curiosas, que alli havia; entre outras vio huma Capella, como Oratorio, muyto bem feyta de linda arquitetura, & curiosamente adereçada, à qual se subia por huma escada de bastantes degraos. Estava esta Capella cercada de hũas grades douradas; & olhando o Padre para dentro da mesma Capella, vio hum Altar, que tinha hum frontal muyto rico; & no mesmo Altar estava colocada hũa Imagem de mulher, de idade florida, & de maravilhosa perfeyçaõ, & fermosura; com hum Menino, que lhe tinha lançado os bracinhos ao pescoço: & diante desta Imagem ardia huma alampada de noyte, & de dia. Admirado o Padre Fr. Gaspar de ver aquella Imagem em aquella fórma, entre aquelles Idolatras, lhe perguntou, que significava aquella Imagem; & deraõ-lhe por reposta o mesmo que os outros Chinas deraõ aos Missionarios de Manilla; & que com ella tinhaõ todos grande devoçaõ; & que assim a veneravaõ, & reverenciavaõ, & tinhaõ com aquelle culto, & ornato que elle via.

15 O mesmo que o Apostolo Saõ Paulo achou em Athenas, vio aqui o Padre Fr. Gaspar; & podia bem ser, que à imitaçaõ do Apostolo, lhes annunciasse quem era aquella Senhora desconhecida para elles, & podemos crer que obraria aquella Senhora de quem aquella Imagem era retrato, grandes maravilhas, & milagres, como o manifestava o culto com que a serviaõ, & a veneraçaõ que lhe davaõ. Isto refere o Padre Gonçales na sua historia p. 1. l. 2. c. 1. & o mesmo escreve o Padre Fr. Gregorio Garcia na sua Predicacion del Evangelio l. 4. c. 2.

TI-

TITULO IV.

De huma Imagem da Rainha dos Anjos que se descubrio em os alicerces de huma Igreja no Japaõ.

16 A Celebre Monarquia do Japaõ, comprehende muytas Ilhas, distintas entre si, com pequenos braços de mar, que as devidem. Destas, tres as mayores, & as mais celebradas, às quaes as outras todas estaõ sogeytas. Sam a primeyra, & a mayor que (segundo Joaõ Botero) tem seis centas legoas de comprido, & trezentas de largo, & corre de levante a ponente, & se devide em cincoenta & tres Reynos: entre os quaes está a famosa Cidade de Meaco, Metropoli de todo o Japaõ. A segunda Ilha se estende de norte a sul, & se chama Simo, ou Xemo, & contèm nove Reynos, entre elles o celebre de Bungo. A terceyra fica ao levante da segunda, chama-se Chiaco; comprehende sómente quatro Reynos; & a nobilissima Cidade de Fosa. Todas estas Ilhas sam pela mayor parte montuosas, & frias, & mais esteris que fecundas. O Arroz he o principal mantimento de seus habitadores, que saõ todos de cor branca, & fermosos, de agudo engenho, rara habilidade, & admiravel memoria; & bem inclinados.

17 Tambem he firme tradiçaõ prégára o Evangelho nestas Ilhas, o Apostolo Saõ Thomè, ou outro dos Apostolos, & Discipulos do Senhor. Abrahaõ Ortelio nas suas taboas Geograficas, diz, que bautizavaõ os meninos, & que faziaõ penitencias, & jejuns; & que para se defenderem dos insultos do demonio, usavaõ (como nòs) do sinal da Cruz. Mas perdendo-se de todo esta grande, & primitiva ceara. Começaraõ a entrar no Japaõ, pelos annos de 1500. & tantos, muytos Varoens Apostolicos, de varias Religioens, Agostinhos, Dominicos, Franciscos, Mercenarios, & da Companhia de Jesus, os quaes com grande zelo, plantáraõ nestas dilatadas regioens novamente a Fé de Jesu Christo, &

In tabola Indiæ.

prega-

prégáraõ a ſua Evangelica Ley. Com a doutrina deſtes Santos Varoens, deraõ muytos dos ſeus Reys obediẽcia ao Summo Pontifice Romano, a quem por ſeus embayxadores, mandáraõ bejar o pè, & pedirlhe a bençaõ, & que os reconheceſſe por ſeus ſubditos, & por verdadeyros filhos da Igreja Catholica, como o eſcreve Luis de Bavia na hiſtoria Pontifical p. 3. em o Pontificado de Gregorio XIII. Cap. 30. & outros muytos Authores, que eſcrevèraõ os augmentos daquella vinha do Senhor, que depois ſe perdeo por noſſos peccados.

18 No anno de 1580. ſuccedeo na Cidade de Meaco, ſegundo o referem varios Authores, que eſtando os Religioſos Deſcalços de Saõ Franciſco, (que alli tinhaõ feyto grande fruto com as ſuas miſſoens) para edificar huma Igreja, & Convento da ſua Ordem; cavando a terra para abrir os alicerces della; com ſerem tantos os annos, q̃ aquella terra era de Gentios, & de Idolatras, acháraõ, & deſcobriraõ nos meſmos alicerces hũa Imagem de Maria Mãy de Deos, & Senhora noſſa; com aquellas palavras do Cap. 8. dos Cantares, que dizem: *Neſuſcitetis, nec evigilare faciatis dilectam donec ipſa velit.* Que baſtou para que aquelles Santos Religioſos, & Martyres, que logo o foraõ, entendeſſe, era vontade de Deos, que por entaõ ceſſaſe aquella obra: & aſſim naõ paſſáraõ a diante remetendo-a ao tempo que a ſua Divina Providencia tinha determinado. Aſſim o eſcreve o Padre Fr. Alonſo Ramon, na ſua Chronica Mercenaria tom. 1. l. 4. c. 36.

19 Deſta ſagrada Imagem, ſenaõ ſabe nem conſta dos Authores, que della eſcrevem, aonde ficou: mas Deos que a conſervou tantos tempos occulta debayxo da terra, a conſervaria depois entre os Chriſtãos; ou a trariaõ de lá alguns dos Religioſos dos que ſahiraõ, & eſcapáraõ à perſeguiçaõ, que logo ſe levantou contra àquella Igreja, occaſionada por ElRey Quabacundono: porque tam ſagrada Imagem naõ foſſe maltratada dos Idolatras.

20 O Padre Fr. Affonſo Fernandes da Ordem dos Prégado-

Hist. do Japaõ l. 2. c. 23.

gadores escreve; tirando-o de Authores que escrevéraõ do Japaõ, que entre os innumeraveis Idolos, que adoraõ, se vira huma Imagem de mulher com hum menino nos braços, na mesma fórma que entre nòs se pinta, & obra de escultura a Imagem da Virgem nossa Senhora. E perguntãdose-lhe aos Japoens, que figura era aquella? Respondéraõ que era da Mãy de hum grande Fotoque, que he o mesmo que Deos, & a esta adoravaõ, & reverenciavaõ muyto. E quem pudera duvidar, que aquella Imagem naõ seja daquellas, que os antigos Christãos adoravaõ, & veneravaõ; a qual depois os Idolatras, pela antiga devoçaõ, que com ella se tinha a collocariaõ, entre os seus Idolos. Na mesma fórma haverá outras muytas Imagens de N. Senhora de N. Senhor Jesu Christo, na fórma, & figura de menino; ou de resuscitado, & em outras fórmas, excepto a de crucificado: porque nesta alèm de a aborrecer muyto o demonio, naõ querem os Gentios crer nella: porque a sua cegueyra lhe naõ permitte conceber em seus coraçoens, que Deos se fizesse homem, para padecer morte afrontosa pelos homens, & para satisfazer por elles com tantos tormentos, & morte de Cruz.

21 O Padre Fr. Gregorio Garcia na sua Predicacion Evangelica, refere vira huma relaçaõ feyta por hum Bonzo (que saõ os Sacerdotes do Japaõ) muyto velho, & entendido, na qual referia como em tempos passados, chegára àquellas Ilhas o Apostolo do Senhor, Saõ Thomè, & que lhes prégára a Fé, & seus mysterios, que vay individuando na mesma relaçaõ, & que fizera Imagens de Christo, da Santissima Trindade; de Christo morto, crucificado, & resuscitado, & de N. Senhora com o Menino nos braços, que se conservava em seus Altares. Garcia l. 4. c. 6. Do testemunho daquelle Bonzo, & da Authoridade do Padre Fr. Gregorio se vè, que em muytos Altares havia no Japaõ Imagens de Christo, & de N. Senhora, antes que nos nossos tempos entrassem lá os Missionarios: & agora seráõ lá muytas Marias que hoje se veráõ sem o devido culto: pois tem o demonio

assolado, & extinta aquella vinha, que Deos ha de reformar por sua misericordia.

TITULO V.

Da Imagem de N. Senhora da Assumpção da Cidade de Meaco.

22 NO anno de 1574. fundou o Padre Organtino Leaõ na grande Cidade de Meaco Corte do Imperio do Japaõ, hum fermoso Templo, que dedicou à Rainha da Gloria, com o soberano titulo de sua triumphante Assumpçaõ. E em quinze de Agosto, por ser o proprio dia da Senhora, do seguinte anno de 1575. dando já as obras lugar para se poderem celebrar os Divinos Officios; se fez a sua festividade; & se celebrou a primeyra Missa. Era este Templo fabricado ao modo Romano, cuja planta deliniou o mesmo Padre Organtino, Religioso da Sagrada Companhia de Jesus, & superior daquellas Missoens da Ilha do Gochinay, & Reynos da Tença, aonde fica o Meaco. E porque a mayor parte dos edificios, & Templos do Japaõ, saõ obrados de madeyra: por isso assistindo nellas muytos Officiaes (porque saõ infinitos os que se achaõ naquelles Reynos, & todos insignes nas suas artes.) Assim se acabaõ as obras muy depressa; ainda que as ultimas perfeyçoens se lhe deraõ, ou tiveraõ fim, no seguinte anno de 1576.

23 No dia da colocaçaõ da sagrada Imagem da Senhora, & dedicaçaõ da sua casa; o que se fez com grande pompa, & magestade, concorréraõ muytos Christãos nobilissimos, & entre todos o devotissimo D. Dario, pay de D. Justo (muyto nomeado nas historias do Japaõ, pelas suas grandes virtudes, & zelo da Fé,) & só elle levava na sua cometiva mais de duzentas pessoas, da sua familia. Admirando-se os Gentios de Meaco de verem às portas da Igreja, tantas liteyras, tanta nobreza, & tanta gente de cavallo.

24 Era, como fica dito, sumptuoso, & magnifico aquelle Templo, & casa da Senhora: & porque levava aos mais edificios; & particularmente aos seus Templos Gentilicos, tantas ventagens: foraõ os Bonsos, & Gentios (induzidos delles) da pura inveja, requerer ao Governador da Cidade, o mandasse lançar por terra, por ser afronta dos Palacios profanos, & Varellas sagradas dos seus Deozes. Respondeo o Governador, que naõ mandava derribar huma obra da qual resultava ao Meaco mayor lustre, & mais grandeza. Recorréraõ ao Emperador Nubunanga, & naõ foraõ admitidos, porque contra estas diligécias do demonio, resistia o grande poder da Virgem nossa Senhora. O esplendor, & magestade daquelle novo Templo, produzio mais dilatada fama à Ley Euangelica, porque se referia aos estrangeyros, entre as grandezas da Corte de Meaco. E com esta occasiaõ se lhes dava noticia da Fé de Christo. E parece Deos, & a Senhora aprovavaõ a obra com as maravilhas, que se viaõ obrar naquella sua nova casa, que eraõ muytas, & admiraveis.

25 Cahio do tecto da mesma Igreja, huma telha mais grossa duas vezes, que os nossos telhoens, sobre a cabeça calva de hum official; & quando todos o julgavaõ por morto, foy a ferida taõ leve, que lhe naõ impedio a continuaçaõ do trabalho. Quiz a Senhora livralo da morte: mas permitio que tivesse huma arranhadura, para que se visse, que atelha lhe cahira sobre a calva: mas livrou-o do perigo; para que conhecessem todos, que ninguem perigava no seu serviço.

26 Ateouse o fogo em aquelle bayrro, & levado de hum vento forte, para a parte da Igreja, lhe profetizavaõ todos hũa grande ruina, & hum lastimozo incendio, por ser toda de madeyra: mas tanto que chegou à casa visinha, se mudou de repente o vento, & o fogo foy lavrando para outra parte. Mostrando nesta maravilha, aquella soberana Imperatriz da Gloria; que os ventos lhe obedeciaõ, & sabiaõ ter grande respeyto à sua casa.

27 O Fidalgo D. Dario, de quem fallamos acima, que

foy

foy hum zelosissimo defensor da Fé, & o amparo dos Christãos, porque de todos era hum benigno Protector, era adornado de grandes virtudes, todos os dias ouvia Missa: jejuava muytas vezes, & se disciplinava, tinha muyta oraçaõ, & o mais do tempo andava com as contas nas mãos, fazia muytas esmolas; & sempre fallava de Deos: os seus pensamẽtos de noyte, quando naõ podia dormir, era suppor que a Cidade de Meaco já estava de todo convertida: & nesta supposiçaõ, repartia os sitios mais acomodados para as Igrejas, & Conventos de Religiosos. Era devotissimo de N. Senhora, & tinha particular devoçaõ com a Senhora da Assumpçaõ. Hum dia conduzia elle mesmo hum barco carregado de arroz, que dava aos Padres de esmola para os officiaes que trabalhavaõ na sua Igreja, & quiz elle mesmo ir no barco. No meyo da viagem o assaltcou de improviso hum vento muyto rijo, & tromentoso: foy requerido dos marinheyros, para que se alojasse ao mar parte do arroz se queria chegar a salvamento. Estava o virtuoso Dario sentado sobre os fardos com as contas na maõ, & boa quantidade de reliquias ao pescoço. E respondeo-lhes: *Irmãos este arroz naõ he meu he de nossa Senhora, & ella naõ me mandou que eu cà viesse com esta esmola para lha lançar ao mar, se daqui tiver por bem livrarme, ou levarme para o Ceo, façasse a sua vontade, & naõ havendo eu aqui de morrer, o arroz ha de ir, ou molhado, ou enxuto para a sua casa.* A Rainha dos Anjos o livrou daquella grande tormenta, & de outros muytos perigos, pela grande, & cordeal devoçaõ, que elle lhe tinha, o que elle depois referia com devota ternura.

28 Era este santo Templo da Virgem Maria nossa Senhora da Assumpçaõ, muyto frequentado dos Christãos, & tambem dos Gentios, q̃ se recreavaõ na sua perfeyçaõ, & manificencia. E o Senhor havia de permitir nas grandes tormentas que o Tyranno Xogumzama depois levantou contra os Christãos que a casa de sua Santissima Mãy, se conservasse illesa: para que depois, quando elle pela sua Divina Miseri-

cordia quizer abrir as portas daquelle Imperio, tenhaõ os Christãos a consolaçaõ de irem nelle a adorallo, & a sua Santissima Mãy. Da Senhora da Assumpçaõ faz mençaõ o Padre M. Francisco de Sousa no seu Oriente Conquistado part. 2. Conq. 4. Divis. 2. n. 7. & n. 13.

TITULO VI.

Da Imagem de nossa Senhora de Choaquim na China.

29 PElos annos de 1580. entrou o Padre Miguel Rogerio da Sagrada Companhia de Jesus, no grande Imperio da China, abrindo-lhe nosso Senhor Jesu Christo, pelos merecimentos do Apostolo do Oriente Saõ Francisco Xavier, as portas, que por tantos annos teve fechado o demonio, para impedir aos naturaes daquella nobre Naçaõ, as luzes do sagrado Euangelho. E com as suas grandes virtudes fervoroso zelo, grande prudencia, muytas letras, & com grande noticia da lingua daquelle Imperio que aprendeo em Macao com grande cuydado, soube mover aos Mandarins, para que lhe concedesse o poder assistir na China. E na Cidade de Choaquim, se lhe concedeo, & nomeou sitio, para levantar huma Igreja. E para que esta fosse huma inexpugnavel fortaleza contra todos os encurios do infernal inimigo, a dedicou à Rainha dos Anjos Maria Santissima. Esta foy a primeyra Igreja publica, que naquelle grande Imperio se dedicou ao verdadeyro Deos, em nome de sua Santissima Mãy, aonde collocáraõ aquelles Santos Religiosos, huma Imagem da mesma Senhora. Deu esta licença o Tutaõ, que he o mesmo que Governador, ou Vice-Rey daquella Provincia. Edificada esta casa da Senhora deraõ as graças, os Padres Miguel Rogerio, & Matheus Ricio ao Senhor Author de todo o bem, & a sua Santissima Mãy, esperando do patrocinio daquella soberana Senhora, lhe assistiria, para com as suas Praticas, & Sermoens, converterem

muytas

muytas almas:& com effeyto ſe convertéraõ muytas em poucos dias. Deſta Senhora faz mençaõ o Padre Meſtre Franciſco de Souſa no ſeu Oriente Conquiſtado part. 2. Conq. 4. Diviſaõ. 2.n.90.

TITULO VII.

Da Imagem de noſſa Senhora da Piedade da Cidade de Funay no Reyno de Bungo em o Japaõ.

30 PElos annos de 1550 & tantos deu ElRey Dom Franciſco de Bungo, na Cidade de Funay aos Padres da Sagrada Companhia de Jeſus,humas caſas ſuas ou Palacio formado de madeyra de Cedro, que era ſeu antigo patrimonio, obra ſumptuoſa,& magnifica, para fundarem hum Convento,& Igreja. O que elles fizeraõ,& a dedicáraõ à Rainha dos Anjos com o titulo de noſſa Senhora da Piedade, aonde colocáraõ huma Imagem ſua, & já havia naquella Cidade huma pequenina Chriſtandade, feyta pelo Apoſtolo do Oriente o glorioſo Saõ Franciſco Xavier; que foy depois creſcendo muyto com a prégaçaõ do Padre Balthazar Gago,& do Irmão Joaõ Fernandes. Aqui a eſta caſa da Senhora concorriaõ os Chriſtãos, que em breves dias creſceraõ em numero de mil & quinhentos, & alli ſe encomendavaõ fervoroſos à Mãy de Piedade: & lhe hiaõ a pedir favor em ſeus trabalhos, & neceſſidades, a que a Senhora acudia como taõ benigna, & piedoſa. E ella permitiria, que os Idolatras naõ derribaſſem a ſua caſa: mas antes a conſervaria para conſolaçaõ dos perſeguidos Chriſtãos. Ella pela ſua piedade mova a ſeu Santiſſimo Filho para que elle abra as portas daquelle grande Imperio a ſua ſanta, & pura Fé, & Ley Evangelica: para que aquelles Japoens ſe convertaõ: pois tem taõ bom entendimento, & capacidade para conhecer a verdadeyra Ley, em que eſtá a ſalvaçaõ dos homens. Da Senhora da Piedade da Cidade de Funay; faz mençaõ o P. M. Franciſco de Souſa, no ſeu Oriente Conquiſtado pag.691.

TITULO VIII.

Da milagroſa Imagem de N. Senhora do Loreto que ſe venera na China em a Cidade de Chincheo.

31 O Padre Guillelmo Gumpemberg, refere em o ſeu Atlas Mariano, que na China em a Cidade de Chincheo, ou Chancheo, em o Imperio Chinico, indo alguns Religioſos da Sagrada Companhia de Jeſus, com o zelo da converſaõ daquelles Gentios, como foy entre elles o Padre Martinho Martinis, & que entrando de ſeus muros para dentro, viraõ naõ ſem grande admiraçaõ ſua, muytos ſinaes da Santiſſima Cruz, inſculpidos, & abertos em pedras. E que outros viraõ em huma Capella, ou Templo, huma Santiſſima Imagem da Mãy de Deos, a quem os Chinas veneravaõ, & alguns Anjos poſtos de joelhos, com devota inclinaçaõ. E que eſtas Imagens, em muyto ſe aſſemelhavaõ com a Santiſſima Imagem do Loreto, a que ſe venera, na Marca de Ancona, & que ainda o confirmavaõ duas alampadas aceſas, que pendiaõ, huma de huma parte, & outra de outra. E outras couſas mais, que a eſta Imagem da China, faziaõ em tudo muyto ſemelhante à Senhora Lauretana. No que ſe moſtrava a diligencia, & noticia do Artifice, em eſculpir aquella milagroſa Imagem da Senhora.

32 Agora à viſta deſta maravilha (diz o Padre) entráraõ muytos a duvidar, quem foy o que levou à China eſtas Imagens, & tambem quem eſculpio aquelles ſagrados ſinais da Santa Cruz, em aquelle Imperio taõ apartado, & diſtante da Chriſtandade. Eſtas Santas Imagens, ainda que o Padre Martinho Martinis as naõ celebre por milagroſas, no ſeu Atlante Chinenſe: temos eſperanças que concedendoſe aos Chins liberdade de poderem receber a Fé, & de a profeſſarem em publico, que entaõ ſe dè a eſtas ſagradas Imagens todo o culto, & veneraçaõ, que ſe lhe deve. Porque os Chri-

Christãos hoje com a luz da Fé, & conhecimento della, veneraõ muyto a esta Santissima Imagem, semelhante em tudo a Senhora Lauretana. E exprimentaõ della muytas maravilhas, & recebem grandes favores, em os milagres que obra.

33 Sobre a sua origem, & o tempo em que se colocariaõ aquellas Imagens naquelle Gentilico Imperio, naõ será facil o descobrilo; sem embargo de que alguns quizeraõ dizer, que Marco Polo Veneto as puzera. Nisto crassamente erram. Em primeyro lugar; porque este homem era secular, & nenhum cuydado; pequeno nem grande teve da Fé; nem por dilatalla foy à China: mas so por curiosidade, & desejo de ver, & reconhecer aquellas terras, & notar os costumes de seus habitadores. E para executar estas obras taõ dignas de estimaçaõ, necessitava o tal Marco Polo, de hum grande favor, & da amisade de grandes Mandarins; assim para mandar fazer Imagens da Mãy de Deos, como para mandar expressar, & esculpir o vivifico final da Santa Cruz, em seus muros. E tanto poder naõ teve, nem podia levar Marco Polo, nem tantas riquezas quantas lhe seriaõ necessarias para introduzir naquelle grande Imperio estas, para os Chins, novidades.

34 Alguns quizeraõ dizer que dos primeyros que começáraõ a Evangelizar a Fé àquelles Gentilicos Reynos, seriaõ os que fariaõ estas obras, & principalmente hum Religioso de grande espirito, & fervor da Ordem dos Menores, chamado Fr. Odorico: & que este mandaria fazer a Imagem da Senhora Lauretana. Outros querem tambem, que o Apostolo Saõ Thomè fosse o primeyro que naquelle Imperio prégasse a Fé. Aonde he crivel levantaria Igrejas, & muytas Cruzes, & mandaria fabricar Imagens da Mãy de Deos: ainda que naõ fizesse esta da Senhora Lauretana, sem embargo de que com espirito profectivo a pudesse mandar fazer. E como com o tempo, & falta de Ministros Evangelicos, se fosse naõ só esfriando; mas extinguindo a Fé, & tambem o demonio trabalharia pela borrar de todo dos seus co-

raçoens, ficando tudo Gentilidade: como o era de antes. E assim ficaraõ aquellas Imagens sem culto, nem reverencia: mas naõ ficou totalmẽte esquecida a Santidade, & pureza de Maria Mãy de Deos: pois ainda vivia nelles, que aquella Imagem era de huma grande, & nobilissima mulher, q̃ ficando Virgem parira aquelle fermoso Menino, que tinha em seus braços: & que era taõ Santa, que nunca nella ouvera peccado. Deste Padre Odorico diz Bolando, que fora taõ aceyto ao Rey da China, & aos seus, que convertéra a muytos delles à Fé. E assim bem se pòde crer, que este Padre fosse o Author da colocaçaõ daquellas Imagens, & da Senhora Lauretana. Desta sagrada Imagem semelhante à do Loreto, faz mençaõ o Padre Gumpemberg no seu Atlas Mariano. Centuria 5. n. 495. & outros.

TITULO IX.

Da milagrosa Imagem de N. Senhora do Pechim, Corte do Reyno, & Monarchia da China.

35 O Grande Apostolo do Oriente Saõ Francisco Xavier, introduzio no ampliſſimo Imperio da China a Religiaõ da Sagrada Companhia, com a Fé da Riligiaõ Christãa, no mesmo modo q̃ o fez o grande servo do Senhor Moysés, introduzindo na terra de Promissaõ ao Povo de Israel porque ainda que Moysés nos principios daquella terra finalizou a sua vida, antes que introduzisse nella o Povo; ainda assim naõ deyxou de gozar, & de merecer o titulo de Descubridor, & de Introdutor, para com os vindouros. Posto que Josuè, & Calec fossem os q̃ puzeraõ a ultima maõ a este caminho. O mesmo sncedeo ao Apostolico Varaõ S. Francisco Xavier, servo do Senhor, & segundo Moysés daquelle grande Imperio, & terra muyto parecida à de Promissaõ. E ainda que elle morreo na Ilha de Sanchaõ, que era já terra da China, della o quiz o Senhor chamar, para o Ceo, & assim mere-

mereceo certamente na opiniaõ dos mais doutos, o titulo de Introductor da Ley Evangelica, & povo Christão, em aquelle vasto Imperio da China. E vieraõ a ser os seus Capitaens os Padres Matheus Ricio,& o Padre Miguel Rogerio: estes foraõ o Josuè, & Calec da Ley da Graça, & do Povo Christão; que meteraõ na China a Companhia com a Fé Catholica. A qual por admiraçoens, & trabalhosos successos, por todo hum seculo, & depois de ser muyto perseguida de bayxo do poder do Tartaro, finalmente com a mudança da mão excelça de Deos, em cujas mãos estaõ postos os coraçoens dos Reys: naõ só publicamente como antes; mas tambem agora seguramente apparece hoje a Fé.

36 Em dous meyos estribáraõ aquelles benditos Padres: o primeyro no culto da Mãy de Deos:& o segundo na sciencia das Mathematicas; para q̃ assim lhe fosse licito firmar os pés em taõ opulento Imperio,& para acomodarem,& aplicarem assim os ouvidos daquellas gentes,mediante o favor de Maria Santissima, se valéraõ da Mathematica; que he sciencia q̃ val muyto, para com os Letrados da China, q̃ saõ infinitos.

37 Aparelhados pelo meyo das Mathematicas, (que a Senhora lhe inspirou) às orelhas, & com a licença de fallar, lhe inspirou tambem Deos, que mostrassem, & dessem algumas Imagens de Maria Santissima, ricamente obradas, que como esta obra hia recomendada pela Senhora, ella a havia de dispor, com grande utilidade das almas daquelle Imperio; para as atrahir a si, & à sua devoçaõ: & assim deraõ, algumas aonde entendéraõ era necessario; a Magistrados, & a grandes Mandarins, & mostráraõ outras, com as quaes começou Deos a obrar grandes maravilhas. O Padre Martinho Martinis, refere no seu Atlante Sinense a grande estimaçaõ, que fizera o Emperador da China de hum livro encadernado em ouro de grande preço,no qual estavaõ pintadas em algũas folhas de rica illuminaçaõ,os Mysterios da vida de N.Senhor Jesu Christo, que o sereniſſimo Eleytor de Baviera, o Archeduque Maximiliano com outras ricas peças, mandou ao

Padre

Padre Frigaucio, para levar àquelle Imperio. E o Padre Daniel Bartholo na sua China, refere as mesmas palavras do Emperador: que vendo as Imagens de nossa Senhora; disse. *Muyto me move o coraçaõ a vista desta Imagem da Mãy de Deos:* co no succedeo tambem com a Imagem de N.Senhora, que o Padre D.Gonçallo da Sylveyra, glorioso Martyr, mostrou ao Rey de Monomotapa; com a qual se converteo à Fé.

38 Mas proseguindo na estimaçaõ, que o Emperador da China fez dos Padres: succedo, que no dia de Natal, foraõ quatro Mandarins à noyte à casa aonde os Padres viviaõ (que eram da primeyra nobreza) mandados pelo Emperador da China; para lhe mostrarem o Kalendario, que da hi á pouco tempo se havia de publicar; para que o examinassem se tinha, ou naõ, alguns erros, & lendo-o o Padre Fernando Verbiest, de Naçaõ Flamengo, (a quem o entregaraõ para o ver) achou nelle erros craciſſimos, como (verbi gratia) numerar treze luas, dous equinocios vernus, &c. Ouvindo estas cousas, se foram correndo ao Palacio do Emperador, para lhe darem parte do que acharam no sentir dos Padres. Na seguinte manhãa voltáraõ, & differaõ aos Padres em como o Emperador os chamava. E obedecendo sem demora, foram. Eraõ estes o Padre Bulhi Italiano que era o superior, o Padre Fernando Verbiest Flamengo, & o Padre N. Magalhaens Portuguez (outros vinte & hum ainda estavaõ detidos em a Cidade de Cantaõ) & mandando-os ir o Emperador logo que chegáraõ, lhe foraõ fallar; & ajoelhando diante delle, os mandou levantar logo; & perguntou-lhe se sabiaõ Mathematica. O Padre Bulhi lhe mostrou ao Padre Verbiest, dizendo-lhe, que elle podia satisfazer a S.Magestade, em todas as cousas, que lhe perguntasse.

39 Disselhe entaõ o Emperador, como poderemos saber, quem tenha a certa, & verdadeyra regra da Mathematica. Entaõ tomando o Padre Verbiest na maõ hum ponteyro, que achou, & posto em plano: disse. Aquelle que puder mover este estylo, ou ponteyro, em qualquer hora do dia,

que

que o Principe determinar, esse he o que tem a verdadeyra sciencia. Entaõ o Emperador virando-se para os seus Mathematicos, lhe disse; vòs podeis obrar cousa semelhante? Respondéraõ que naõ tinhaõ nada com a sombra. E proseguindo o Emperador. Está sem erro algum o Kalendario que me trouxestes. Entaõ o Presidente dos Mathematicos, acerrimo inimigo dos Padres, & dos Christãos, & que contra os Padres havia machinado infinitos males, confessou que alguns erros tinha, & que senaõ podia fazer em outra fórma: por se haver perdido havia mais de dous mil annos a verdadeyra regra da Mathematica: & que desse tempo, atè àquelle senaõ pudera descubrir. Neste tempo honrando o Emperador muyto aos Padres, lhe fallou com palavras muyto amorosas; & lhes rogou que quizessem perdoar as passadas injurias, q̃ lhe haviaõ feyto: & que totalmente as borrassem da sua memoria. E recomendou entaõ ao Padre Fernando Verbiest, que fizessem huma experiencia da sua arte, & o P. disignou o estylo, ou ponteyro, & o lugar, & a hora.

40 O estylo era de comprimento de hum covado; a hora foy a das doze do meyo dia; & o lugar foy huma torre muyto fermosa; que o Emperador mandou levantar para o mesmo fim, no dia antecedente: & aqui se vè a diligencia com que lá os officiaes trabalhaõ, que ainda que era de madeyra: era muyta a que se poz na fabrica de huma torre. Os assistentes foraõ todos os Magnates, & toda a Corte, para ver taõ grande succesſo. E succedeo, que a sombra se acomodou àquelle ponteyro, ou estylo, & se vio que acertadamente se ajuntou na mesma fórma, que o Padre tinha dito. Com cuja vista se alegráraõ muyto os Mathematicos da parte dos Padres; rayvando, & comendo-se de inveja os Chinas: & assim todos aquelles Mandarins davaõ aos Padres mil parabens; & lhe faziaõ mil applausos; & aos Chinas lhe diziaõ mil opprobrios, & ludibrios. E o Emperador voltando para os Padres lhe mostrou grande alegria, & lhe fez muyta graça. Depois perguntou ao Presidente dos seus Mathema-

thematicos (a quem tocava entre os primeyros da aula) *porque me não deraõ conta antes, de que estavaõ na China huns homens taõ insignes.* Respondéraõ: & mentiraõ. (Ainda que fosse crime capital mentir ao Rey) que o ignoravaõ. Logo o Emperador mandou, & quiz que os Padres presidissem a Mathematica.

41 E quero pòr as palavras do Decreto, que logo foy promulgado, & que todos ouviraõ postos de joelhos: *Que queria o Emperador, que dalli por diante a regra de Europa fosse a Mestra da Mathematica Chinense. E ao Padre Fernando dava o officio de fazer os Kalendarios.* E a este Padre se lhe encomendou logo que como Presidente o emendasse, & o desse ao Emperador. Ouvindo estas cousas o Presidente das Mathematicas, inimigo dos Christãos, & dos Padres, começou agritar como hum doudo, dizendo que os Padres eraõ huns rebeldes, & que elles tinhaõ tantas fortalezas (mas eraõ na verdade contra o inferno) quantas eraõ as suas Igrejas: & que todos meditavaõ no fim, & na ruina do Imperio. Porèm o Emperador ainda que moço: porque naõ tinha muyto mais de quinze annos: com muyto sossego, estranhando aquelles diabolicos delirios, disse com grande prudencia: que naõ era possivel, que vinte, & quatro homens taõ mortificados, espalhados pelo Imperio pudessem attentar a fazer semelhantes cousas. Insistia o Presidente maligno, que os Padres propunhaõ para ser adorodo por Deos a hum mal feytor, & que professavaõ Mathematicas, para prégar ao seu Crucificado.

42 Estas insolentes palavras proferidas com muyta ira, comovéraõ ao Principe de sorte, que mudando as cores logo logo mandaria que naquelle mesmo lugar fosse morto, aquelle velho, (como muytas vezes succede) se aquelles Aulicos o naõ a partáraõ da vista do Emperador. Todas estas cousas se referem nos annuaes de Macao, do anno de mil seiscentos & sessenta & nove, de cinco de Março. Para que entenda o Leytor o bem q̃ daqui se seguio à sagrada Virgem

Ma-

Maria, & as ſuas Santiſſimas Imagens: & tambem que todos eſtes bons ſucceſſos foraõ effeytos dos favores, & da piedade da meſma ſoberana Rainha dos Anjos, que eſtá ſempre rogando a ſeu Santiſſimo Filho, pelo bem, & ſalvaçaõ das Almas: & pela converſaõ de todos. E aſſim ſe referiraõ eſtas couſas; para que ſe venha em conhecimento do mais. E leaõ agora o que na meſma carta annua ſe ſegue, em eſtas palavras: *Depois de todas eſtas couſas o primeyro Regulo, ou o primeyro Miniſtro do Rey entregou ao Padre Fernando Verbieſt hũ fermoſo quadro, em que eſtava a Imagem da Mãy de Deos: confeſſando q̃ elle ſe tinha por indigno de ter em ſua caſa, hũa reliquia taõ grande. E rogou ao Padre, que a levaſſe, & a tiveſſe na ſua Igreja com todo aquelle culto, que lhe era divido, & ſempre com luzes acezas, & que por ſua conta correſſe o gaſto todo, & que no interim elle eſperava, que naõ ſó elle, mas outros muytos brevemente a haviaõ de venerar com publicas demonſtraçoẽs de culto, & reverencia.* Quem foy a Authora deſtas maravilhas ſenaõ a meſma Senhora, & piedoſa Mãy dos peccadores, a qual ſuſtituindo no lugar da primeyra Mãy dos homens como Mãy de todos, a todos ſolicita a ſalvaçaõ.

43 Eſte meſmo grande Miniſtro prometteo ao Padre Fernando, que elle alcançaria o favor do Emperador, depois que elle acabaſſe o Kalendario; & toda a graça. Iſto era a que elles foſſem reſtituidos às ſuas Igrejas, & ſe lhes deſſe a liberdade de prégar a Fé Catholica, confirmada com authoridade Real, & que por ventura ſeria com a converſaõ do meſmo Emperador. He eſte Principe de excellente indole, & muyto docil o qual já tinha filho ſucceſſor, ainda que entaõ paſſava pouco dos quinze annos. O que ſe aſſim ſucceder todo o Oriente ſe eſperava, recebeſſe a Fé. A eſta eſperança correſponde o feliz principio; a ſaber a converſaõ de hum Principe Tartaro, ſupremo Preſidente do Tribunal das ceremonias. Eſte foy o primeyro, que com impio furor lançou as cadeas ao peſcoço do Veneravel Padre Adam Schal; mas depois illuſtrado com a Divina luz, abraçou a

Divi-

Divina Fé. E eis-aqui, a mudança da mão excelsa: em cujas mãos estaõ os coraçoens dos Reys. E eis-aqui as maravilhas da Santissima, & milagrosa Imagem da Soberana Rainha do Ceo, & da terra, confessada, & reconhecida em aquelle grande Imperio, pela verdadeyra Mãy de Deos. E assim naõ he crivel que a deyxasse de ver muytas vezes, aquelle Emperador; tendo-a em sua companhia, por tanto tempo o seu primeyro Ministro, em o mesmo Palacio; sendo elle continuo Socio na administraçaõ dos negocios daquella grande Monarquia. E tambem naõ he crivel, que taõ repentinas mudanças do Rey, nascessem de outro principio, senaõ que a Senhora, como quem tanto solicita o bem das almas, alcançaria do Senhor o tocallo, para por este meyo salvar a muytas daquelle grande Imperio, que cà estavaõ predestinadas para o Ceo.

44 Porèm se attendermos as maravilhas, que a Senhora obrou, em quanto esteve nas mãos daquelle primeyro Ministro: estas se reconhecem das palavras com que elle se confessou indigno de ter em sua casa hum taõ grande, & taõ celestial thesouro: assim como tambem, ou as penas, ou as graças que alcançou, & experimentou dos bons, ou maos criados. Mas de donde veyo tanta reverencia? Crivel he, que já era Christão nos desejos; pois affirma, que elle, & outros muytos dalli a pouco, haviaõ de venerar publicamente a esta sagrada Imagem.

45 Mas quanto a sua origem, naõ se sabia entaõ, nem ainda hoje se saberá certamente, de donde aquella sagrada Imagem tinha vindo: porque as pinturas da China, nem aos mesmos Chinas agrada tanto como as nossas. E assim o que se entende, he ser daquellas Imagens, que os Padres levaraõ de Europa, quando passaraõ à China; ou fosse o Padre Ricio, o que a deu a algum Magnate convertido à Fé; a qual, ou por herança, ou por dadiva foy a dar nas mãos daquelle, Regulo, ou primeyro Ministro. Esta he a sagrada Imagem de N. Senhora do Pechim, Corte, & cabeça do Imperio da China:

China: que nella se venera, & busca com grande devoçaõ dos Christãos. E nella esperamos, que com a sua poderosa intercessaõ, rogue a seu Santissimo Filho, naõ só pela conversaõ de toda aquella Monarquia; mas pela do Japaõ, & de todo o Oriente. O Padre Fernaõ Guerreyro na sua relaçaõ annal que imprimio no anno 1605. refere que entrando o Padre Mattheus Ricio na China levára de prezente ao Rey entre outras cousas dous quadros em que estava pintado em hum delles a Imagem do Salvador, & no outro huma Imagem da Rainha dos Anjos com o Santissimo Menino nos braços. E diz o Padre Guerreyro. A Imagem da Senhora está em huma camera, aonde a Rainha todos os dias a vay visitar, fazendo-lhe muyta reverencia, queymando perfumes, & incenso. Com que depois daquelle Rey falecer a tomaria algum dos seus criados, & dahi viria à maõ daquelle Regulo. Desta Senhora escreve o Padre Gumperaberg, em o seu Atlas, em Acentur. 9. n. 805. & outros, como o Padre Bartoli em a sua China, & em annuas da Companhia, & o Padre Guerreyro nas suas relaçoens.

TITULO X.

Da milagrosa Imagem de N. Senhora de Cantam Cidade da China.

46 EM a historia da milagrosa Senhora do Pechin, que havemos referido; dissemos os grandes trabalhos que os filhos da sagrada Companhia padecéraõ, pela Igreja, & pela Santa, & Evangelica Ley, que anunciando: & como por meyo das sagradas Imagens, & sua veneraçaõ alcançáraõ no Imperio da China a conversaõ de muytas almas. E tambem o como a Senhora naõ despreza as rogativas, & as oraçoens, que se lhe fazem, diante de suas Imagens. Nos arrebaldes da Cidade de Cantaõ, porto principal do Imperio da China, assistia o Padre Mattheus Ricio

aonde,

aonde com grande animo, & valerosa constancia anunciava a saude das almas; naõ fazendo caso das injurias, nem tambem buscando premios, nem riquezas, nos serviços que fazia; atè que espalhada com perseverança a semente da palavra de Deos, começou a responder-lhe, com os frutos da frequentaçaõ da casa de Deos; aonde acudiam a receber os Santos Sacramentos.

47 Tinha o Padre Ricio já Igreja publica, & nella huma preciosa Imagem de N. Senhora de excellente pintura: & o altar com grande ornato perfeyçaõ, & aceyo: & tudo estava com magestade, que he o de que muyto se pagam os Gentios, & os Chinas que se movem muyto da grandeza, & da perfeyçaõ. Aqui prégava o Padre, & celebrava o Santo Sacrificio da Missa. E neste tempo cresceo muyto a estimaçaõ da verdadeyra Religiaõ, com o beneficio de conceder o Senhor, pelos merecimentos de sua Santissima Mãy, filhos naõ esperados, a Lincitano, Perfeyto da mesma Cidade, & que tinha nella hum grande poder. Rogava este Mandarim aos Padres, lhe alcançassem de Deos hum filho. E os Padres lhe diziaõ muytas vezes, que elle os pedisse à Rainha sua Mãy, de quem os mesmos Padres lhe haviaõ dado huma Imagem. E com effeyto elle, & os Chinas pediraõ, & o Senhor lhe concedeo o despacho de suas petiçoens, dando-lhe hum filho. A fama desta maravilha se espalhou, & as circunstancias della, a faziaõ indubitavel.

48 Por esta mesma causa hiaõ os Gentios, a hum bom velho Christãõ, que tambem tinha alcançado por favor de nossa Senhora quatro filhos, & pediaõ-lhe, que rogasse por elles, que careciaõ de filhos, & se doesse da pena que nisto sentiaõ: & lhos alcançasse da Senhora Mãy do Deos do Ceo: porque tinha este velho huma Imagem, que os Padres lhe haviaõ dado. E estes que pediaõ, para obrigarem ao velho a interceder, & rogar por elles, lhe offereciaõ dinheyro; ao que elle respondeo regeytando os seus dinheyros, dizendo-lhe que os Christãos naõ vendiaõ os beneficios de Deos:

mas

mas que foſſem elles aos Padres, & que delles (para merecerem o ſer ouvidos da Senhora, & conſeguirem o que deſejavaõ) aprenderiaõ a conhecer a hum Senhor, que era ſó o Creador do Ceo, & da terra, & de todas as couſas, do qual em quanto pediaõ os ſeus beneficios, naõ deviaõ aborrecer o ſeu culto, & Religiaõ. Finalmente por meyo deſta Santiſſima Imagem venerada na Igreja dos Padres, concedia a Senhora a muytos os ſeus deſpachos, & com elles os trazia o Senhor a receber a Fé, & o Bautiſmo: & o bom velho incitava, & animava aos Gentios, a que foſſem, & a que buſcaſſem a Senhora, & a veneraſſem como a Máy do verdadeyro Deos, & que della conſeguiriaõ tudo quanto lhe pediſſem, & que ſe fizeſſem Chriſtãos, & a Senhora os chamava tocando-os em ſeus coraçoens. E com as grandes maravilhas que obrava, creſceo o ſeu culto, & veneraçaõ. Deſta Senhora faz mençaõ o Padre Daniel Bartolo na ſua hiſtoria Aſiatica, & o Atlas Mariano. Centur. 9. n. 807.

TITULO XI.

Da milagroſa Imagem de N. Senhora de Macao, Povoaçaõ de Portuguezes em a China.

49 A' Cidade de Macao chegáraõ da Provincia, ou da Cidade de Cantam; que naõ diſta poucas legoas de Macao, huns Embayxadores: Sobre cauſas daquella Monarquia da China, que naõ fazem a noſſa hiſtoria: mandados pelo meſmo Emperador. Eraõ eſtes dous, duas grandes columnas da Fé, devotiſſimos Chriſtãos, o Doutor Miguel, & o Doutor Paulo; hum, & outro digniſſimos deſte titulo; aſſim na literatura Chinenſe, como na Chriſtãa ſabedoria: & como ſuccedeſſe que Paulo enfermaſſe, de huma muyto grave doença eſtando já quaſi moribundo; encomendou Paulo a ſua alma à Virgem Maria Máy de Deos ſua Patrona, da qual tinha diante de ſeus olhos huma Imagem ſua,

em hum quadro. Estava Miguel afflicto, com a pena de ver em tam iminente perigo ao seu companheyro, & assim mandou acender humas vellas de cera, diante da Imagem da Senhora: & prostrado diante della, sobre a terra por espaço de algumas horas, & mais com lagrimas do que com vozes, pedia à Senhora lhe alcançasse de seu Santissimo Filho a vida. Estando Miguel com estas deprecaçoens lhe referio depois Paulo, já com outros grandes alentos, em como estivera com elle a Celestial Rainha da Gloria, cercada de muytas luzes; & acompanhada de muytos Anjos. E com voz que ouvio lhe dissera, que estivesse de bom animo: porque aquella sua doença naõ havia de ser de morte: & fazendo-lhe ao enfermo esta visita desappareceo.

50 Depois de passada a visaõ, pareceo-lhe a Paulo: que seu companheyro Miguel, que estava prezente; fora tambem participante daquelle celestial favor, que a Senhora lhe havia feyto: assim começou a fallar com elle; como se elle fosse tambem sabedor daquelle singular beneficio que a Senhora lhe fizera: & assim lhe referia todo alegre, a magestade da Senhora, & a sua grande fermosura; o obsequio dos Anjos, & tudo o mais em que a Senhora o havia certificado, de que naõ morreria daquella enfermidade: & admirava-se muyto Paulo; de que Miguel o naõ entendesse. Nem Miguel podia bastantemente entender em como Paulo, pudesse ver a Santissima Virgem, naõ havendo ainda recebido o Santissimo Sacramento da Eucaristia: por ser ainda muyto moderno no Bautismo. E Miguel que já o havia recebido: & que estava prezente, a naõ pudesse ver. Porèm a narraçaõ daquelle admiravel espetaculo, se reconhecia por verdadeyra, porque fora para elle vida: porque desde aquella hora (que foy para elle muyto preciosa) se achou sam, & livre da enfermidade. E nem a caso esta visaõ se podia entender fosse fingimento do enfermo; porque no dia seguinte vindo o Medico o achou sam, & valente.

51 Alegre Miguel com o beneficio daquella grande Senho-

Senhora, & singular Mãy nossa, feyto ao seu amigo Paulo: juntamente se dohia grandemente, de que elle naõ fosse digno de ver, & de perceber aquella bendita vista da Senhora: mas prometteo com tudo de a saber merecer com qualquer trabalho que passasse. E assim passou muytos dias jejuando, & velando muytas noytes em oraçaõ, lançado por terra, o que continuou, atè que interiormente sentio, hum naõ sey que, como que lhe sugiriaõ, & que lhe diziaõ, ou lhe soava huma semelhante admoestaçaõ, como a que teve Saõ Thomè, com que Christo o reprehendeo, dizendo-lhe: *Beati qui non viderunt, & crediderunt.* Pelo que dalli por diante senaõ atreveo mais a pedir aquelle favor; & ainda deyxou de o desejar.

52 Se esta Santissima Imagem da Mãy de Deos he hoje venerada em o Collegio da Companhia da Cidade de Macao, aonde os dous Embayxadores estavaõ pousados (o que me parece mais certo) ou se elles a levaraõ consigo para a China: aonde lá poderá estar com muyto grande veneraçaõ: o Author o naõ refere; com sentimento nosso. Desta Senhora falla o Padre Daniel Bartolo em a sua Historia Asiatica part. 3. l. 3. n. 60. E atraz tambem o Aurhor do Atlas Mariano. Centur. 11. n. 1011.

TITULO XII.

Da Imagem de N. Senhora da Guia da Cidade de Macao.

53 A Monarquia da China fica debayxo do Tropico de Capricornio; & he a ultima terra firme, q̃ se conhece da Asia. Tem de longetude seiscentas legoas, & de latitude quatrocentas, & tem de circunferencia duas mil. Começa em 19. graos, & fenece em 48. Contèm quinze Provincias, que cada huma se podia chamar Reyno: quam povoada fertil, & fresca seja, o dizem muytos Authores: ha nella huma grande variedade de animaes silvestres, & domesti-

meſticos, copia de gados,& aves. As ſuas Cidades tem magnificos edificios: ſaõ muyto opulentas, & ricas, & muyto delicioſas.Em huma ponta da terra firme (que he como Peninſula) da Provincia de Cantam, ſe vè ſituada a Cidade Epiſcopal de Macao, chamada *do Nome de Deos*, fica em 23. graos. He eſta Cidade a porta da Chriſtandade da China; que conſerva N.Senhor, para augmentar por ella os filhos da ſua Igreja. Tem eſta Cidade muytos Conventos de Religioſos, & hum de Religioſas da primeyra Regra de S. Franciſco cujas Fundadoras foraõ da Cidade de Manilla de Philipinas.

54 Fóra deſta nobre Cidade de Macao, ſe vè em huma iminencia huma Fortaleza aonde ſe fundou o Santuario, & caſa de noſſa Senhora da Guia: fica eſte monte ſobranceyro à Cidade, & cercado de huma inexpugnavel Fortaleza; mas a Senhora da Guia com a ſua protecçaõ, & amparo he a mayor Fortaleza daquella Cidade: porque ella a tem amparado, & defendido ſempre: ella he a que guia, & ampara a todos os ſeus moradores em todos os ſeus negocios, & navegaçoens, que dalli ſe fazem para varios Reynos da Aſia; como o eſtaõ exprimentando cada dia.

55 Neſta caſa da Senhora ſe hoſpedáraõ as ſeis Religioſas, que de Manilla vieraõ a fundar, naquella Cidade no anno de 1633. o Convento da Madre de Deos, que reſplandeceo ſempre em grande virtude, & obſervancia, ſaõ da primeyra Regra. Aqui aſſiſtiraõ na companhia da Senhora hum anno em quanto ſe lhe diſpunha o ſeu Convento: & como as Eſpoſas de ſeu Santiſſimo Filho as guiaria a Senhora ſempre, & lhe faria grandes favores.Toda aquella Cidade tem grande devoçaõ para com eſta Senhora. Della fazem mençaõ o Padre Meſtre Fr. Franciſco da Graça na ſua relaçaõ, & o Padre Meſtre Franciſco de Souſa no ſeu Oriente Conquiſtado p.2. Conq. 4. Diviſ.1.n. 11. Deſta Senhora faz tambem mençaõ o P.M.Fr. Joſeph Sicardo, & diz que eſte Convento tem hum creſcido numero de Religioſos.l.1.pag.20.

TI-

TITULO XIII.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora de Penha de França da Cidade de Macao.

56 FO'ra dos muros da Cidade de Macao, em outro eminente monte (do qual diz o Mestre Sicardo, ser o mais alto que tem a China.) Tem os Religiosos Eremitas de meu Padre Santo Agostinho, huma residencia, aonde administraõ os Sacramentos aos Christãos Chinas. Aqui neste lugar, he buscada com grande veneraçaõ, & concurso de todos os moradores daquella Cidade, huma devotissima Imagem de N. Senhora de Penha de França. Titulo sem duvida imposto: por causa do sitio, em que se lhe edificou aquelle Santuario: & por particular devoçaõ dos Religiosos. A este alto monte daõ o nome de Nilão, por razaõ de hũa fonte, q̃ tem o mesmo nome, & brota do mesmo sitio. He este Santuario da Virgem Senhora, de grande concurso de romagẽs, pelas muytas, & grandes maravilhas, & milagres, que nelle obra a poderosa maõ de Deos, pelos merecimẽtos de sua Santissima Mãy Maria Senhora nossa, o que estaõ testemunhando os innumeraveis sinaes, que se vem pender das paredes daquella sua casa, & os muytos que cada dia se lhe offerecem, em testemunho dos seus grandes poderes, & grandes beneficios, & em final de agradecimẽto nos q̃ lhos offerecéraõ.

57 No anno de 1708. partio hum navio da Cidade de Goa, para a de Macao, o qual estando já quasi perdido, & sumergido em hum bayxo, gritando hum menino, que hia nelle, & chamando que invocassem a Senhora de Penha de França: como todos logo fizeraõ; repentinamente escapáraõ do grande perigo em que se viraõ, & logo ficáraõ os mares sossegados, & o navio em bonança. Continuáraõ a sua viagem, & chegáraõ a Macao com bom successo. Deste grande favor, que a Senhora fez a todos mandou logo o

Capitaõ fazer hum quadro em Macao, que foy a offerecer à Virgem Senhora, em memoria do beneficio, que lhes fizera. O qual ſe vè pender na ſua caſa. He eſta Santiſſima Imagem de eſcultura de madeyra, de tres palmos para quatro de eſtatura, & tem ſobre o ſeu braço eſquerdo ao ſantiſſimo Filho Menino, & eſtá adornada de manto rico, & coroa de prata. Creyo que eſta ſagrada Imagem a mandariaõ fazer os Religioſos; em memoria da Senhora da Penha de Lisboa; porque me naõ conſtou, nem do tempo em que ſe collocou, nem do motivo. Solemniza-ſe a ſua feſtividade em 19. de Mayo. E ſerá ſem duvida; porque em ſemelhante dia ſeria colloca da naquelle Santuario. E alèm deſta ſolemnidade, ſe lhe celebraõ muytas feſtas votivas, pelos ſeus devotos; aonde naõ ſó concorrem os Portuguezes: mas os Chinas. Deſta Senhora eſcreve na ſua relaçaõ o Padre Fr. Fauſtino da Graça, o Padre Franciſco de Souſa no ſeu Oriente Conquiſtado Conq.4. Diviſ. 1. n.11. da 2. p. & Fr. Joſeph Sicardo na ſua hiſt.l.1.p.20.

TITULO XIV.

Da milagroſa Imagem de N. Senhora de Tunquin.

58 O Reyno de Tunquin, que ſe comprehende, em o antigo, & grande Reyno de An-Nam, confina pela parte do mar, com o grande Imperio da China, aonde antes pertencia, & de donde ſe apartou juntamente com o da Cochinchina, pelos annos de 800. do Naſcimento de Chriſto: a que deu occaſiaõ o mao governo dos Mandarins Chinas, ou a ſua muyta ambiçaõ, & injuſtiças. Pela outra parte confina com a Cochinchina; aonde tambem eſteve ſogeyto: & ſe ſeparou pelo deſcuydo dos Reys Cochinchinas, que gozando de huma grande paz, com ella ſe afiminaraõ, & entregaraõ tanto às dilicias; que deraõ occaſiaõ aos Tunquins, para que ſe levantaſſem, & elegeſſem Rey da ſua naçaõ, que os governaſſe. A eſte Reyno paſſaraõ da Cidade

de

de Macao alguns Religiosos de grande espirito, & desejosos da salvaçaõ das almas; pelos annos de 1628. os quaes haviaõ vindo do Japaõ: com outros muytos Religiosos de diversas Ordens, por haverem apostatado da Fé os Japoens, & os haverem lançado fóra os seus Emperadores Gentios.

59 Entrando pois os Religiosos da Companhia em a Corte de Tunquin, começáraõ logo a espalhar a sagrada doutrina do Evangelho, àquelles Gentios, & foy com tanto fervor, & com taõ claras, & efficazes rasoens, que aos mais barbaros, causava grande abalo em a cegueyra de seus erros: que atè o seu mesmo Rey, ouvindo as infaliveis verdades, se penetrou tanto que ainda sendo Gentio, lhe deu hum Templo que fora edificado, para os seus fementidos deoses: & foy antes que elle fosse contaminado pelos Idolos. Aqui levantáraõ aquelles Santos Religiosos hum Altar, para os usos da Religiaõ Catholica: & nelle collocáraõ huma devota Imagem da Rainha dos Anjos, Maria Santissima, com o Menino Deos em seus braços. E neste Templo com summa paz, celebravaõ o Santo Sacrificio da Missa, com grande alegria, & consolaçaõ dos Christãos, que se convertiaõ à Fé.

60 Succedeo vir a festa da Santissima Trindade, em dezoyto de Junho: & em quanto os fieis se ajuntávaõ, para assistir ao Santo Sacrificio da Missa, entrou pela Igreja hum Eunucho do Paço, ou o demonio revestido nelle (porque sofria mal as grandes perdas, que experimentava, em os muytos adoradores que perdia) com muyta gente armada ferindo aos Christãos, & fazendo grandes algazarras; injuriando-os, & deshonestando-os com feyas palavras, tratando-os de Cains: em quanto outros fóra fixavaõ em huma arvore hum Decreto d'ElRey: aonde nelle se liaõ contra o verdadeyro Deos grandes blasfemias, & sacrilegios: & para com os seus Idolos muytas cousas de grande louvor. E denunciavaõ tambem; que a conversaõ dos Gentios à Fé de Christo, poderia em algum tempo causar naquelle Reyno hum grande detrimento; ainda que qual este fosse, por entaõ pouco se entendesse.

 61 De-

61 Depois se poz pena de morte a todos os Tunquinenses, para que naõ entrassem na casa dos Padres, & se mandáraõ sahir della a todos os que lá estavaõ. Tudo isto se executava, dizendo ser por mandado do Rey; ou do seu valido, a quem elle dava muyto credito; o qual era inimigo dos Christãos. E o Eunucho mandou desfazer, & destruir o Altar. Resistio a isto o Padre Alexandre Rodes, dizendo que aquelle Altar se levantára, com licença, & consentimento d'ElRey, o qual permittia, que elle tivesse, & levantasse; alli hum Templo, para os seus Portuguezes. E assim lhe impedio destruir; & tirar o divido Altar ao Templo; & os sagrados ornatos, sem que elle lhe mostrasse primeyro Decreto assinado por ElRey, em que assim o mandava. A o qual hum soldado mais attrevido que todos arremetteo ao Padre dizendo: & ati que pedes Decretos Reaes farey eu em pedaços; & com hum pao deu huma pancada na Imagem da Senhora, & lhe quebrou a maõ do Menino que em seus braços tinha. Porèm dentro de quatro mezes, veyo elle a pagar aquelle horrendo sacrilegio; porque logo veyo o castigo do Ceo, sobre elle. Foy este soldado prezo por ladraõ: & entregue ao Algoz, lhe mandáraõ cortar aquella maõ, & aquelles dedos sacrilegos com que havia tomado, & empunhado o pao: & assim ficou cortada a maõ, & mutilados os dedos, em castigo bem merecido, de ferir ao Santissimo Jesus Menino. E assim se mostrou àquelles Gentios naquelle seu decepado, que nunca ficaria sem castigo aquelle, que offendesse ao Deos dos Christãos: & os mesmos Gentios reconhecèraõ, que fora aquella pena castigo do seu temerario, & sacrilego atrevimento. Apasiguado depois aquelle tumulto, & motim que o demonio havia feyto rayvozo por ver, que se apartavaõ delle os de que elle já estava senhor; começáraõ os Christãos com novo fervor a frequentar a Igreja, & a ir a venerar aquella sagrada Imagem da Rainha dos Anjos, & ella a obrar em favor de todos os que a ella recorriaõ, muytos milagres, & maravilhas. O que ainda hoje entende-

mos

mos que perſevera. Da Senhora de Tunquin eſcreve o Padre Daniel Bartolo na ſua Hiſtoria Aſiatica da Companhia de Jeſus, liv.4. & o Atlas Mariano Centur. 10.n.912.

TITULO XV.

Da Imagem de noſſa Senhora da Cochinchina.

62 O Reyno de An-nam, a que nòs chamamos Cochinchina, comprehendia antigamente todas as terras, que confinavaõ para a parte do mar, com o Imperio da China. Nos ſeculos atraz o governáraõ os meſmos Chinas, pelos ſeus Mandarins. Mas os naturaes naõ podendo já ſofrer o pezado jugo do ſeu governo, o ſacudiraõ de ſi com armas, matando a todos os Chins. He tam dilatado eſte Reyno, que excederá tres vezes o de Portugal; & hoje he aquella Monarquia muyto mais dilatada com o que por força de armas conquiſtáraõ os ſeus Reys, porque alèm do Reyno do Champà, tomàraõ muyta parte do de Tumgrim, mais veſinho à China. He taõ povoado, que nelle ſe numerão mais de quatorze milhoẽs de almas; he muyto abundante de ſedas, almiſcar, & ouro, & bem provido de todo o genero de mantimentos: gados, & de peyxe.

63 Entre as muytas Provincias de que conſta eſte Reyno, huma dellas he a de Cacham, em hum lugar della havia dous Gentios caſados, que tiveraõ quatro filhos: o terceyro delles, que ſe chamava Nhum, era de condiçaõ muyto brando, & muy compoſto: mas por extremo medrozo: & ſeus pays faziaõ muyto pouco caſo delle, & muytas vezes lhe diziaõ, que era inutil, & de nenhum preſtimo. Tendo eſte vinte & quatro annos de idade, caſou com huma Chriſtãa, chamada Franciſca, por ſer muyto honeſta, & de bons procedimentos. E ainda que Franciſca naõ levaſſe a bem ter marido Gentio, com tudo obedeceo a ſeus pays; aos quaes naõ pòdem contradizer as filhas nos caſamentos. Confiava porèm

rèm Franciſca em Deos; de reduzir ao marido a receber o Santo Bautiſmo, como fez depois de pouco tempo. Porque tendo ouvido o Cateciſmo, ſe reſolveo a fazer Chriſtão, & foy regenerado naquelle ſanto lavatorio com o nome de Thomàs.

64 Naõ cabia de alegria Franciſca, por haver ganhado para Deos a ſeu marido, com o qual foy vivendo em muyta paz, & eraõ muyto devotos da Virgem Maria noſſa Senhora; a quem muyto ſe encomendavaõ. Neſte tempo quiz ElRey da Cochinchina entrar pelo Reyno dos Làos, que ficaõ nas coſtas da meſma Cochinchina; & mandou fazer novas levas de ſoldados, entre os quaes foy aliſtado Thomàs: que deyxando a Patria, & a ſua caſa ſe foy a viver com ſua mulher em a Corte. Aborrecia muyto Thomàs a guerra, aſſim pelo natural medrozo; como pelo ſobrenatural, deſejando de ſe dar todo a Deos. Por iſſo rogava ſempre aos Mandarins Chriſtãos, lhe alcançaſſem licença d'ElRey, para voltar para a ſua Aldea, & o meſmo pedia a noſſo Senhor. Mas o Senhor foy ſervido que Thomàs foſſe à guerra, para dar bom exemplo aos companheyros, que eraõ Idolatras: aſſim em naõ ſe deſmandar nas diſſoluçoens proprias de ſoldados, como em ſe abſter de comer carnes nos dias prohibidos; querendo antes padecer fome, que quebrantar os jejuns da Igreja. Ficavaõ à viſta do que Thomàs obrava, muyto edificados os Gentios, vendo-a hum moço de 26. annos, taõ dado às abſtinencias, & taõ reſiſtado nas ſuas obras, & palavras: & ainda que poucos o imitavaõ, com tudo louvavaõ a Thomàs nos ſeus honeſtos procedimentos. Neſta campanha a doeceo com outros muytos: & tornando para a Corte foy curado de ſua mulher Franciſca com tanto deſvelo, que em breve tempo cobrou ſaude.

65 Como eſta alma de Thomàs foſſe taõ amada de Deos, foy neceſſario purificala no fogo da tribulaçaõ. Eſtando eſte hum dia eſgrimindo com outros, para evitarem a ocioſidade, lhe deu o companheyro com quem jugava huma

ma pancada no hombro eſquerdo, com tal força, que ficou Thomàs quaſi aleyjado, por eſpaço de tres annos. Grande foy o ſofrimento com que levava aquella moleſtia: mas muyto mais o moleſtava o duro cativeyro da milicia, deſejando muyto o ſoſſego da ſua alma, para ſe occupar todo no ſerviço de ſeu Creador. Vendo como os Mandarins ſeus amigos, ſenaõ lembravaõ delle, acudio a Deos, & tambem a noſſa Senhora, & fez ao Senhor voto para que elle lho concedeſſe. Ouvio Deos os rogos de Thomàs, & logo ao terceyro dia alcançou a licença, para voltar para a ſua terra.

66 Naõ cabia Thomàs de alegria com eſte favor do Senhor: voltou para a ſua terra em companhia de ſua mulher Franciſca: ahi na ſua terra com as viſitas, & parabens dos amigos, & com as occupaçoens, em diſpor a ſua vida, lhe foy eſquecendo a ſatisfaçaõ do ſeu voto: Mas naõ ſe eſqueceo o Senhor de cobrar o que lhe devia. E para nos enſinar a todos o primor com que devemos cumprir as palavras dadas a Deos, que tantas miſericordias nos faz; mandou por aviſo a Thomàs humas dores de olhos tam vehementes, que o menos que receava era perder a viſta. E quanto mais fechava os olhos do corpo, pela vehemencia da dor; tanto mais ſe lhe abriaõ os da alma, para conhecer a ingratidaõ, que commettera contra Deos. Tratou logo de cumprir o ſeu voto, & tambem logo ſe acabáraõ as dores, & ficou ſam.

67 Neſte tempo teve noticia Thomàs, que ſeu pay eſtava gravemente doente na Corte de Sinoà, pelo que por naõ faltar à obrigaçaõ de filho, partio logo a ir viſitalo, & com o temor de que morreſſe ainda gentio, todo o caminho, que era de quatro dias, foy pedindo a Deos que conſervaſſe a ſeu pay a vida atè elle chegar, & lhe deſſe luz para ver o caminho da ſua ſalvaçaõ, & graça para receber o Santo Bautiſmo. Como Deos ſempre faz a vontade aos que o temem concedeo a Thomàs o que pedira. Chegou, & achando ao pay muyto desfalecido de forças, mas com os ſentidos muyto perfeytos; exhortou-o a que ſe fizeſſe Chriſtão.

Com

Com as boas palavras de Thomàs se converteo, & pedio o Baptismo, que se lhe concedeo depois de bem instruido, & lhe impuzeraõ o nome de Antonio, & bautizado espirou nos braços do filho. Ficou Thomàs muyto obrigado ao Senhor pelos favores que lhe fizera. E animado com elles, tomou confiança para pedir ao mesmo Senhor a salvaçaõ de sua mãy ainda gentia. E achou tanto a seu favor o despacho, que adoecendo ella depois da morte do marido: pelo que seu filho Thomàs lhe disse, & prégou, quiz tambem morrer Christãa. Pedio o Bautismo, & lhe deraõ o nome de Monica, & depois de poucos dias faleceo.

68 Ficou Thomàs muyto alegre com taõ felices successos mas como a vida dos Justos seja toda tecida de alegrias, & tristezas; para que os bens que elles aqui recebem, despertem nelles as esperanças dos premios do Ceo; indo Thomàs a arrecadar certo dinheyro, que se lhe devia, lhe deu no caminho hum taõ maligno achaque, que ficou tolhido em a metade do corpo. Foy levado à Cidade de Cachaõ, para alli se curar: mas reparando Thomàs em que as medicinas lhe naõ aproveytavaõ fez voto a nossa Senhora, de quem era muyto devoto, de lhe edificar huma Ermida, em que ella fosse servida, louvada, & venerada, se lhe alcançasse de seu precioso Filho a saude perfeyta. Sarou logo, & deu principio à obra promettida, acabou-a, & levantou hum Altar, & nelle collocou huma Imagem que mandou fazer, da soberana Rainha dos Anjos: à qual não só offertou aquella casa de Oraçaõ; mas tambem se offereceo à Senhora por seu perpetuo Ermitaõ, o que fazia naõ só com grande cuydado; mas com muyto gosto.

69 Quasi sempre estava Thomàs no seu Santuario, occupando-se no aceyo, & ornato delle, & no agazalho dos Christãos, que alli se ajuntavaõ a louvar a Deos, & a sua Santissima Mãy. Concorriaõ estes duas vezes no dia a fazer oraçaõ, & tambem para ouvirem Missa, quando havia algum Padre para a dizer, & tambem em rezarem de joelhos

pelas

pelas contas com tanta devoçaõ, que a todos cauſava admiraçaõ, & edificaçaõ. Mas o que punha em mayor admiraçaõ a todos, era o agrado, com que Thomás recebia os Chriſtãos, que vinhaõ de longe a buſcar, & a venerar aquella ſua Senhora, os quaes nunca delle foraõ viſtos nem conhecidos: porque a todos tratava como a Irmãos criados na ſua meſma caſa, na qual lhes fazia toda a boa hoſpedagem, & os regallos que permitiaõ as ſuas poſſes. Deu-ſe a ſoberana Rainha dos Anjos, por bem ſervida do ſeu ſervo Thomàs aſſim pela ſua devoçaõ; como pelos jejuns dos Sabbados de todo o anno, & veſperas das ſuas Feſtividades o que nunca faltava; ainda que eſtiveſſe doente, & pelo cuydado, que tinha daquelle ſeu Santuario, & pelo deſvelo com que agazalhava aos ſeus romeyros, que vinhaõ de longe a louvalla; & a veneralla, naquelle pequeno; mas muyto devoto Santuario.

75 Para ſe moſtrar pois a Senhora agradecida aos deſvelos de Thomàs, lhe alcançou de noſſo Senhor hum filho, que Thomás deſejava; naõ para herdeyro de ſuas riquezas, porque as naõ tinha; nem para lhe aſſiſtir na ſua velhiſſe: mas para que depois de ſua morte herdaſſe o cuydado daquella ſua Ermida. Com a nova mercé do filho, ſe deraõ os dous bons pays, por mais obrigados a Deos, & a ſua Mãy Santiſſima. E para ſatisfazerem tanta obrigaçaõ, repartiaõ largas eſmollas, & frequentavaõ os Sacramentos, recebendo-os em todos os dias Santos, & de preceyto. Com eſta vida, que faziaõ, edificavaõ atè aos meſmos Gentios, & Thomàs ſe hia diſpondo para haver de receber a coroa do Martyrio.

71 Logo que ſe publicou em Cachaõ, a prohibiçaõ da Ley de Deos, teve Thomàs aviſo, eſtando reſando na ſua Ermida diante de noſſa Senhora, & com toda a brevidade recolheo o que pertencia ao culto Divino, & o eſcondeo, fechando tudo em hum cayxaõ, como eraõ as Imagens ſagradas, para que naõ padeceſſem algum deſacato. E podendo fugir naõ quiz: mas ficou em ſua caſa aonde entráraõ os

ſol-

ſoldados, que buſcando todos os cantos della, foy Deos ſervido, & a Senhora que naõ viſſem o cayxaõ em que eſtavaõ as ſagradas Imagens, & os livros. E naõ achando nada do que buſcavaõ, leváraõ prezo a Thomàs: o qual hia muyto alegre converſando com os ſoldados. Preſentado no Tribunal dos Mandarins confeſſou com grande conſtancia que era Chriſtão, & que elle levantàra aquella Ermida; pelo que foy levado ao carcere. Neſte tempo alcançou licença dos guardas, para poder ir ao Porto de Fayfó a buſcar aos Padres, que o exhortáraõ muyto para ſofrer tudo o que foſſe de mayor honra, & gloria de Deos. E recebidos os Sacramẽtos voltou para o tronco a buſcar aos companheyros, prezos tambem pela Fé.

72 Muyto deſconſolada ficou Franciſca porque ficou livre, dezejando ella acompanhar ao marido nas prizoens por amor de Jeſu Chriſto. Conſolou-a porèm noſſa Senhora, com naõ permittir que os ſoldados deſtruiſſem, ou queymaſſem a ſua Ermida, & para alcançar eſta mercè tinha ella feyto voto à meſma Senhora, de dar por ſeu amor certa eſmolla, que logo cumprio. Foy depois acompanhando, & ſervindo ao ſeu Thomàs, para que foſſe conſtante na Fé. Varias couſas lhe ſuccedéram no carcere, em que o Senhor moſtrava o muyto que lhe agradava a cenceridade do coraçaõ de Thomàs.

73 Finalmente foy levado Thomàs em companhia de outros tres; & todos com grande animo, & valor offerecèraõ as vidas, & os peſcoços à catana, pela confiſſaõ da Fé, & Religiaõ Chriſtãa. Cortàraõ a Thomàs de hum golpe a cabeça a qual cahindo em terra, movia ſuavemente os beyços, como pronunciando os Santiſſimos nomes de Jeſus, & de Maria. Tinha neſte tempo Thomàs quarenta, & hum annos. Acudiraõ logo os Chriſtãos à porfia para recolherem algũa parte daquelle vitorioſo ſangue. A quem mais ſe eſmerou naquelles piedoſos officios, foy Franciſca mulher de Thomàs; a qual com animo mais, que varonil, acompanhou ao marido

rido lembrando-lhe sempre no caminho, o premio eterno, que lhe daria Deos em o Ceo. Parecia Franciſca outra Natalia, quando em ſemelhante conflito animava a ſeu eſpoſo Adriano. Dizia-lhe, que por huma dor inſtantanea, receberia huma coroa de gloria.

74 Tanto que o algoz o levou para o lugar aonde havia de morrer, ſe chegou Franciſca a elle, & lhe fez tres cortezias muyto profundas, dando-lhe as graças da boa companhia, que lhe fizera, & do bom tratamento que lhe dera. Depois lhe beyjou os pès como a ſenhor, as mãos como a pay, a face como a eſpoſo, & a canga como a martyr. Eſta canga he huma grade pezada, que lançaõ ao peſcoço dos culpados, que vaõ a padecer. Levantada Franciſca em pè, lhe foy conſertando os cabellos. Paſmou toda aquella multidaõ, & muyto mais os Gentios, vendo tanta conſtancia em huma mulher, todos choravaõ de ternura à viſta daquelles pios obſequios. Afaſtouſe depois Franciſca quatro paſſos, para dar lugar ao algoz: & dalli lembrava a Thomàs repetiſſe a meudo os ſuaviſſimos nomes de Jeſus, & de Maria. Dado o golpe acudio Franciſca com hum pano fino, & precioſo, & nelle envolveo a cabeça que eſtava no cham. Seguiraõſe os parentes com hum cobertor rico, no qual recolhéraõ o corpo, para que aquelle precioſo ſangue, que delle ſahia naõ ficaſſe na terra. E levando Franciſca a cabeça para caſa, & tambem o corpo; puzeraõ tudo em hum cayxaõ, para o enterrarem no dia ſeguinte.

75 Neſte dia que eraõ 11. de Mayo de 1664. foraõ a abrir o cayxaõ, & ficáraõ aſſombrados: porque viraõ a cabeça unida ao corpo, como ſenaõ foſſe degolado, ſó lhe appareccia no peſcoço, hum final da ferida. Deſta ſorte pagou Deos, & ſua Santiſſima Mãy, a grande devoçaõ de Thomàs. Franciſca continuou depois no ſerviço de noſſa Senhora, & como era muyto devota ſua; a Senhora lhe faria muytos favores, & tambem pela conſollar, lhe conſervaria a Ermida que com tanta devoçaõ, lhe havia dedicado ella, & Thomàs, &

a meſ-

a mesma Senhora alcançaria, para aquella Christãdade grandes augmentos: pela fervorosa devoçaõ com que a serviaõ, & louvavaõ. E segundo as noticias com a morte d'ElRey Taybao se soſſegaria de todo a perseguiçaõ, porque o filho seu succeſſor, era muyto inclinado aos Christãos. Desta Senhora se faz mençaõ nas Missoens da Cochinchina cap. 17.

TITULO XVI.

Da Imagem de noſſa Senhora da Graça de Malaca, do Convento de Santo Agoſtinho.

76 MAlaca foy intitulada dos Antigos *Aurea Chersoneſſo*. Tem o seu assento em altura de dous gráos do Norte; & dista ao Oriente 600. legoas da Cidade de Goa. Era cabeça do Reyno do seu nome, situada no meyo de huma costa de 90. legoas de comprido. Emporio universal do commercio do Oriente, & escala de Levante, & Ponente: & assim era muyto opulenta em riquezas, & mercancias; tanto que nenhuma Cidade da Asia a excedia. E se o clima fora mais benigno, & favoravel aos Estrangeyros, sem duvida, tivera em todas as do Mundo a superioridade. Foy conquistada no anno de 1511. pelo grande Albuquerque. O qual do Palacio Real eregio hum sumptuosissimo Templo, à soberana Rainha dos Anjos, com o titulo de sua Anunciaçaõ. Foy esta Cidade hum illustre Theatro de heroicas proezas, & façanhas Portuguezas: mas hoje, por justos juizos de Deos despojo de herejes, de Mouros, Gentios: & tudo occasionáraõ os peccados.

77 Fundáraõ os Filhos de Santo Agoſtinho hum Convento na Cidade de Malaca que dedicáraõ à soberana Rainha da Gloria, debayxo do seu, para ella glorioso titulo: & para nòs todos, de summa veneraçaõ, q̃ he o da graça: & collocáraõ na sua Igreja huma Imagem da mesma Senhora. Foy isto pouco depois do anno de 1575. Porque neste foraõ muytos

tos Religiosos, & fundáraõ em varias partes. Com esta Senhora tinhaõ grande devoçaõ, naõ so os Religiosos; que por Filhos era justo que todos a amassem; mas os moradores daquella Cidade; porque em todos os trabalhos, & grandes tribulaçoens, em que se viaõ sempre recorriaõ a esta sua grande Defensora: & ella lhes acudia, & os livrava de todos os seus inimigos.

78 No tempo em que foy Governador daquella Cidade Andrè Furtado de Mendoça, se vio ella cercada por mar, & terra de hum poderoso exercito, em que se haviaõ ajuntado sete Reys Gentios, como foy o Rey de Jor, & o de Pam, & outros aos quaes ajudavaõ os Olandezes; que se confederáraõ com elles em doze naos que governava o General Cornelio. Vinhaõ todos de maõ posta, para haverem de tomar a Cidade, o que fariaõ a naõ terem huma taõ grande Defensora: porque ainda que o General era invencivel, as forças eraõ taõ limitadas, que naõ tinha mais que duzentos homens: & os inimigos por mar dezaseis mil: em innumeraveis embarcaçoens, & em terra só de mosquetеyros de peyto, & murriaõ tinhaõ mil & quatrocentos soldados. E vinte & cinco canhoens de bater, q̃ em poucas horas puzeraõ quasi todos os muros por terra. Neste grande conflito apertado o Governador dos combates: recorria a Deos, & diante da Senhora da Graça prostrado de joelhos, lhe rogava se lembrasse daquella Cidade. Naõ descançava, nem de noyte, nem de dia: resistindo sempre valerosamente aos inimigos.

79 Vendo pois o Governador que o cerco já passava de tres mezes, & que já naõ havia mantimentos, que faltavaõ os soldados; huns fracos com a fome, & outros desanimados: & sem nenhuma esperança de soccorro. Pedio à Senhora, que naõ desamparasse aos seus, os quaes como verdadeyros Christãos a amavaõ; & reconheciaõ a seu Santissimo Filho por seu verdadeyro Deos, & Senhor, & o confessavaõ ainda que peccadores, por seu Senhor, & Salvador, & que assim naõ permittisse pelos peccados de alguns, que os Hereges,

Mouros, & Idolatras, profanaſſem tantos Santuarios, quantos naquella Cidade eram venerados.

80 A Senhora o conſolou, apparecendo-lhe duas vezes, cercada de ſoberanas luzes, a primeyra ſobre o muro proximo à torre dos ſinos do Convento de Saõ Domingos: & a ſegunda em obaluarte de Santiago, o que os Olandezes obſervaraõ de ſuas eſtancias; & animou a que proſeguiſſe, porque havia de vencer aos inimigos. Com eſtes ſoberanos favores ficou muyto alentado o virtuoſo Governador André Furtado, & foy taõ grande o animo, que a Senhora tambem infundio nos ſeus poucos ſoldados; que ſem algũ receyo faziaõ muytas ſahidas, & em todas alcançavaõ vitoria dos inimigos, aonde ſe via a grande aſſiſtencia daquella ſoberana Belona, que parece hia ſempre diante; & foy tal o terror nos inimigos, ſendo tantos que a Senhora lhes infundio; q̃ já naõ ouſavaõ chegar. Vendo elles os muytos que eraõ mortos, & que naõ tinhaõ eſperança de vencer aos cercados deſeſperados da empreza tratáraõ de levantar o cerco; & aſſim ſe foraõ deſtruidos, & desbaratados, deyxando a Cidade livre.

81 Reconhecendo o Governador, como taõ Catholico, de donde todo eſte bem lhe havia vindo: foy com os ſeus a render as graças, à miſericordioſa Senhora: & todo o povo; que tantas experiencias tinha dos ſeus favores, lhe foy a dar as graças, de os livrar de tantos, & taõ crueis inimigos. Muytos foraõ os favores, que aquelles Religioſos ſempre recebéraõ deſta milagroſa Senhora, em quanto aſſiſtiram naquella Cidade; & tambem os moradores della. Naõ me conſtou; na perda de Malaca para onde os Religioſos leváraõ a Senhora, que he de crer a naõ deyxariaõ alli. Da Senhora da Graça de Malaca faz menção o Padre Meſtre Fr. Fauſtino da Graça na ſua Relaçaõ.

TITULO XVII.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora do Oyteyro da Cidade de Malaca.

82 NA mesma Cidade de Malaca, se venerava huma muyto milagrosa Imagem da Excelsa Rainha dos Anjos, a quem aquelles moradores invocavaõ com o titulo de N.Senhora do Oyteyro,titulo imposto por causa do sitio em que a sua casa se havia edificado: & como a Senhora gosta de que sobre os montes, & oyteyros se lhe levantem casas, para delles como de Atalaya, vigiar sempre a nosso favor, para nos amparar, & defender de todos os nossos inimigos, assim corporaes, como espirituaes: por isso quer que nelles a busquemos, & veneremos. Era este sitio hum Oyteyro,que ficava junto à Cidade. Aqui a este azillo, & amparo daquella soberana Rainha da Gloria, recorria sempre aquelle miseravel Povo, quando se via mais apertado dos muytos inimigos, que o cercavaõ, por todas as partes, (& ainda hoje recorrera a ella,se he que ainda ao prezente vivem alguns Christãos naquella Cidade, & se ainda persevera na mesma casa; porque me naõ constou atègora, q̃ a levassem para outra parte) ainda hoje tambem se viram triumphantes de seus inimigos, os Mouros, Achens, Jaoos, Jantanas, & de outros muytos; se os grandes, & enormes peccados, naõ clamáraõ ao Ceo, pelos castigos, que depois lhe vieraõ.

83 Pelos annos de 1545.chegou àquella Cidade o grande Apostolo do Oriente Saõ Francisco Xavier: & assistindo nella, a sua principal derrota para onde hia, era para a casa da Senhora do Oyteyro. O fim com que o Santo foy demandar aquella Cidade era a conversaõ das innumeraveis almas a que Deos o movia: porque dalli começou a conquistar muytas, para o Ceo, que o demonio tinha tyrannizado. Daquella Cidade passou às Ilhas Malucas, & às mais da Asia

Insular, aonde obrou muytos, & grandes prodigios. Estando em Malaca, a sua assistencia certa, era no Santuario da Senhora do Oyteyro. Era esta casa da Senhora, huma das Freguesias da Cidade: & pela grande devoçaõ que o Santo tinha à Senhora, obrigados os Clerigos (a quem ella pertencia) da santa vida de Xavier, & dos subditos, lha offerecéraõ para nella fundar hum Collegio da Companhia; porque a primeyra estancia, & lugar em que se acomodáraõ foy junto à Misericordia.

84 Nesta casa, & Santuario da Senhora gastava o Santo Xavier as noytes inteyras em oraçaõ, na sua prezença; & da Senhora recebia muytos, & grandes favores. Porque a ella recorria sempre quando lhe pediaõ por alguma grande necessidade, ou trabalho, assim publico, como particular de algum dos moradores, quando se viaõ em graves necessidades, ou doenças suas, ou de seus filhos. Em huma occasiaõ destas estava gravemente enfermo hum rapaz, de quinze annos, filho de hum Portuguez, & de huma Jaoa: ao pay aconselhou o Santo, que o encomendasse à Senhora do Oyteyro, & lhe prometteſſe de o levar lá nove dias, & que elle na manhãa seguinte lhe iria lá dizer Missa, & o encomendaria muyto à Mãy de Deos. Foy o Santo, & na mesma hora que elle dizia Missa abrio o enfermo os olhos, que estava já como morto, fallou, & cobrou perfeyta saude, pelo favor de nossa Senhora, & interceſſaõ do glorioso Saõ Francisco Xavier.

85 No anno de 1547. chegou àquella Cidade em nove do mez de Outubro, quarta feyra às duas horas depois de meya noyte, huma grande, & poderosa armada de ElRey do Achem. E vinhaõ taõ soberbos os inimigos, & taõ fiados no seu grande poder, que se lhes reprezentou tomavaõ a Cidade às mãos lavadas. Mas ainda que puzeraõ a Cidade em grannde sobresalto, tiveraõ para os defender a Senhora do Oyteyro, que sempre vigiava por ella, & assim a Senhora a livrou, naõ só do grande damno que pudera receber, mas a-

judou

judou aquelles poucos Portuguezes, para q̃ senaõ moſtraſſem deſcuydados, & para que os naõ deſtruiſſem de todo como intentavaõ. E porque naõ puderaõ conſeguir o que intentavaõ, queymáraõ alguns navios dos Portuguezes, que eſtavaõ naquelle Porto, & ſe voltáraõ outra vez ſem fazerem mais outro damno. Tomàraõ no caminho huns peſcadores, aos quaes maltratáraõ barbaramente cortando-lhe os narizes, & orelhas; & por elles mandáraõ huma carta ao Governador cheya de barbaras injurias.

86 Logo de manhãa foy o Santo ao Santuario da Senhora do Oyteyro a encomendar-lhe aquella Cidade, dizendo Miſſa no ſeu Altar, & voltando da Senhora lhe moſtráraõ a carta, & deraõ noticia do que os Mouros haviaõ feyto aos pobres peſcadores. Vendo o Santo eſta inſolencia animou aos Portuguezes, a que apreſtaſſem as ſuas embarcaçoens, & ſahiſſem com toda a diligencia contra os inimigos. Eraõ as embarcaçoens ſete galeotas, que eſtavaõ varadas em terra por velhas, & abertas, & maltratadas. E ainda que ouve grandes difficuldades; elle as desfez todas, & animou aos ſoldados a que foſſem com grande reſoluçaõ, & valor contra os inimigos de Chriſto. A alguns pareceo a reſoluçaõ temeridade: como era o peleyjarem huns poucos Portuguezes contra cinco mil Achens, & Turcos, muyto grandes ſoldados: & oyto galeotas (porque depois chegáraõ duas, & porque das ſete logo ao ſahir ſe perdeo a Capitania, ainda que naõ perigou a gente, & aſſim eraõ ſómente oyto por todas entre galeotas, & fuſtas) contra ſeſſenta do inimigo.

87 Mas pode tanto a authoridade do Santo Xavier, & a grande opiniaõ da ſua virtude, que os noſſos ſahiraõ de Malaca com grande valor, & reſoluçaõ, em o alcance dos inimigos: & eſtando toda a Cidade ſuſpenſa, & em grande temor, chorando todos a perda da Armada, que julgavaõ por ſem duvida. O Santo Xavier que tinha já alcançado da Virgem noſſa Senhora do Oyteyro o bom ſucceſſo, para to-

todos, se foy ao pulpito, & no Sermaõ que lhes fez os reprehendeo da sua pouca Fé: avizando-os do bom successo: & mandou que todos dessem por elle as graças a nosso Senhor, & à Virgem Senhora do Oyteyro, & pela grande vitoria, que lhes havia dado contra os seus inimigos. E foylhe pintando o dia, a hora, & o modo, & despoliçaõ da batalha, como se com os seus olhos a visse, annunciando-lhes tambem o dia em que haviaõ de voltar vitoriosos, & carregados de muytos despojos do inimigo.

88 Foy muyto de notar, que sendo os nossos duzentos homens, ou pouco mais em oyto fustas, & galeotas podres, & abertas destruissem huma taõ grande armada, que constava de sessenta embarcaçoens todas grandes, & capazes de toda a resistencia; matando-lhe mais de quatro mil homens, porque os mais, quasi todos ficáraõ cativos, & dos nossos só morréraõ quatro. Tomaraõ-lhe 25. navios que trouxeraõ a Malaca, metendo-lhe os mais no fundo: porque de toda a Armada escapáraõ poucos que senaõ perdessem, ou cativassem. Quem pois, foy a que à Cidade de Malaca fez este taõ grande beneficio, senaõ a Virgem Senhora do Oyteyro, a quem muyto encomendava Saõ Francisco Xavier aquella Cidade, & seus moradores? Chegou o dia promettido, pelo Santo, & acabáraõ de reconhecer os duvidosos, a grande santidade, & os grandes merecimentos daquelle prodigioso Santo. E tambem o muyto, que aquella grande Senhora peleyjava por elles; & o muyto que rogava a seu Santissimo Filho os ajudasse, para que conseguissem aquella naõ imaginada vitoria.

89 Estando o Santo Xavier na casa da Senhora do Oyteyro rogando-lhe por todos aquelles Gentios, que desejava meter no Ceo, lhe levou lá o Capitaõ Jorze Alvres aquelle Japaõ; que Deos lhe trouxe, & a quem elle bautizou, & poz o nome de Paulo de Santa Fé, com quem o Santo muyto se alegrou, pelas noticias que lhe dava do Japaõ. Nos principios de Abril do anno de 1550. estando o Santo Xavier

vier no Japaõ, chegáraõ a Malaca as primeyras novas dos felices principios da nova Christandade de Congoxima. E como D. Pedro da Silva era intimo amigo de Saõ Francisco Xavier; & muyto zeloso da Fé, & augmento da Religiaõ Christãa, festejou com publicas alegrias, & com solemnissima pompa, a venturosa posse que Christo Jesus havia tomado, pelas mãos do Santo Apostolo do Oriente, daquellas presadissimas Ilhas. E assim todos os magistrados civil, & o Ecclesiastico, & elle com toda a gente de guerra foraõ em Procissaõ a render as graças a Deos, & à Virgem nossa Senhora, em a sua casa do Oyteyro; por haver conduzido ao Japaõ ao Santo Padre Mestre Francisco, no felicissimo dia de seu glorioso triunfo ao Ceo (porque em 15. de Agosto havia entrado naquelle porto,) & darlhe os parabens de ter accrescentado ao Imperio da Igreja Romana huma Monarquia de tantos Reynos, & taõ politicos: situada nos confins do Mundo. Neste dia cantou o Vigario de Malaca solemnemente a Missa.

90 Quando o Santo Xavier vinha do Japam para Malaca, padeceo a nao huma grande tormenta, & della se desamarrou o batel em que vinhaõ quinze homens. Todos tiveraõ o batel por perdido, & por afogados os que nelle estavaõ. O Santo o encomendou à Senhora do Oyteyro de Malaca: & a Senhora o defendeo das ondas, & trouxe sem já se esperar, à vista da nao depois de tres dias, tendo passado a nao por davante mais de sessenta legoas do lugar aonde começou a tormenta. Naõ perigou nenhum dos que vinhaõ no batel, & elles naõ sentiraõ o trabalho, porque parece que a Senhora mandou a algum Anjo, que na figura, & fórma do Santo Xavier os acompanhasse, & defendesse do perigo. Tinha rogado muyto o Santo à Senhora o trouxesse, & que defendesse a todos os que nelle vinhaõ, prometendo-lhe dizer tres Missas no seu Altar, & a Senhora fez pontualmente o que o seu caritativo servo lhe pedira. Succedeo isto no anno de 1551.

91 Morrendo este glorioso Santo, & este grande Apostolo do Oriente, na Ilha de Sancham; quando mais abrazado do ardente zelo da conversaõ, & salvaçaõ das almas pertendia entrar no grande Imperio da China, em o anno de 1552. Trouxeraõ o seu corpo a Malaca: & com grande acompanhamento de toda aquella Cidade, & naõ com poucas lagrimas, o foraõ sepultar segunda vez, na mesma casa, & Santuario da Senhora do Oyteyro, que parece lhe quiz pagar a Senhora aquella grande, & cordeal devoçaõ com que a buscava, servia, & amava em lhe dar lugar, & deposito na sua casa; em quanto o naõ tresladavaõ, para a India, & Cidade de Goa. Isto mesmo testemunha o nosso Fernam Mendes Pinto: dizendo que era a casa aonde naquella terra sempre em quanto vivera fizera a sua habitaçaõ, & donde se havia embarcado para haver de entrar no Imperio da China, havia nove mezes, & vinte & dous dias: porque chegou a Malaca o seu corpo a 22. de Março de 1552.

92 Quando o Capitaõ de Malaca D. Alvaro de Ataide, & Gama, que tanto devia a este grande Santo, lhe impedio a jornada à China o seu unico alivio que tinha nesta sua grande pena, & desconsolaçaõ (que confessava naõ tivera outra mayor na India) era recorrer ao patrocinio da Rainha dos Anjos, a Senhora do Oyteyro, passando as noytes inteyras em oraçaõ naquella sua casa, & na sua prezença. Na perda de Malaca naõ me constou se esta milagrosa Imagem da Mãy de Deos, a Senhora do Oyteyro a levaraõ para Goa, como fizeraõ à sagrada Imagem da Senhora das Lagrimas, ou dos Remedios: mas creyo, que os Christãos daquella Cidade pela grande devoçaõ com que a amavaõ, & serviaõ, naõ consentiriaõ, que ella para lá fosse. Escondella-hiaõ atè passar aquella grande perseguiçaõ dos Mouros, & Herejes. Da Senhora do Oyteyro escreve em muytos lugares do Oriente Conquistado o Padre Mestre Francisco de Sousa part. 1. & principalmente nas pag. 331. 388. 485. 515. 599. & ultimamente 681. Fernam Mendes Pinto nas suas Peregrinaçoẽs em o cap. 216.

TI-

TITULO XVIII.

Da Imagem da Virgem noſſa Senhora, que deſpedaçáraõ os Ilheos da Ilha de Moro, & dos caſtigos do Ceo que vieraõ ſobre elles.

93 AS Ilhas de Moro, diſtaõ ao Oriente das Ilhas de Ternate, ſeſſenta & oyto legoas. Entre ellas ha huma que he a mayor, & de quem todas as mais tomáraõ o meſmo nome. Eſta Ilha de Moro tem cento & ſeſſenta legoas de circunferencia, da qual ſe diz, que os Chins foraõ os primeyros que a povoáraõ. A principal Cidade deſta Ilha he a de Momoia, cujo Rey (primicias daquella Chriſtandade) ſe lhe impoz em o Bautiſmo o nome de Joaõ, em memoria do ſereniſſimo Rey de Portugal D. Joaõ o III. que reynava naquelle tempo, o qual por conſervar a Fé, & a Religiaõ Catholica padeceo graviſſimas perſeguiçoens, movidas pelo demonio, q̃ ſentindo, como invejoſo do bem daquellas almas, que novamente ſe haviaõ reduzido, & bautizado, pelo trabalho, & diligencia do Apoſtolico Varaõ o Presbitero Simaõ Vaz, lhas maquinou, para que inſtigado do meſmo demonio, hum iniquo Capitaõ Portuguez, & indigno de ſe lhe ſaber o ſeu nome, que portando na Ilha de Seriago (à falſa Fé) prendeo ao Rey della. O que ſabido dos naturaes de tal modo ſe alteráraõ, & comovéraõ, que conjurando-ſe muytas daquellas Ilhas, contra os Portuguezes, paſſáraõ aos fios da eſpada, quantos podéraõ alcançar, entre os quaes matáraõ cruelmente os de Moro ao Veneravel Sacerdote o Padre Simaõ Vaz, que os havia bautizado, & regenerado em Chriſto; apoſtatando os mais delles da Fé, que haviaõ recebido; excepto o Rey D. Joaõ, que com animo verdadeyramente Real, & Catholica conſtancia perſeverou na Fé, atè que depois de graves perſeguiçoens, carceres, & moleſtias, padecidas por Chriſto, acabou glorioſamente a ſua vi-

da

da em 13. de Fevereyro do anno de 1535.

94 Hum daquelles apostatas, que matou ao Veneravel Padre Simaõ Vaz, fez em pedaços hum quadro em que estava pintada a Imagem da Virgem Maria nossa Senhora, o qual trazia sempre comsigo o mesmo Padre Simaõ Vaz. Este perfido, & cruel Indio, naõ so ficou logo aleyjado, & tolhido das mãos, que taõ grande sacrilegio haviaõ executado: mas brevemente acabou miseravelmente a sua vida. E toda a sua geraçaõ acabou tambem dentro de hũ anno desestradamente, & a povoaçaõ, que era muyto grande, com as guerras se arruinou de tal sorte, que della naõ ficáraõ nem vestigios alguns, ou memorias; que assim castiga Deos as offensas, que se cometem contra as Imagens de sua Santissima Mãy: como mostrou neste castigo: porque as offensas que contra ella se cometem, naõ merecem nenhuma dissimulaçaõ: mas rigorosissimos castigos. Tudo isto refere o nosso Joaõ de Barros nas suas Decadas da Asia. Dec. 4. livro 6. cap. 23. Couto na mesma l. 9. cap. 4. Castanheda na Historia das Indias. livro 8. cap. 93. Andrade na Chron. d'ElRey D. Joaõ o III. cap. 7. & 29. Mapheu liv. 10. pag. 450. Gusmaõ part. 1. l. 2. c. 49. Fr. Antonio de Saõ Romaõ liv. 3. c. 12. Vasconc. na Discripçaõ de Portugal pag. 471. Lucena na vida de Saõ Francisco Xavier liv. 3. c. 16. & 17. Bartholomeu Leonardo na Conquista das Malucas liv. 2. p. 39. Jorge Cardoso no seu Agiologio tom. 1. pag. 426.

TITULO XIX.

Da Imagem de N. Senhora da Piedade de Solor na Asia Insular.

95 PElos annos de 1561. pouco mais ou menos, foy mandado o Padre Fr. Antonio da Cruz, da Ordem dos Prégadores, com outros tres companheyros à grande Ilha de Solor, na Asia Insular, a converter, & anunciar a Fé aos naturaes daquellas Ilhas. Chegados a Solor, pouco tempo, depois que foraõ domesticando aquelles

Gen-

Gentios, & inclinando-os à Fé: ordenou o prudente Prelado huma habitaçaõ, com seus apozentinhos ao uso da terra com o material que lhe ministravaõ os bosques; que era com estacas groças guarnecidas de seve, de meudo mato, que eraõ as paredes, & o telhado cuberto de olas; que saõ folhas de palma; na mesma fórma ordenáraõ o seu Oratorio, que logo dedicáraõ a Maria Santissima com o titulo de N. Senhora da Piedade. E com isto ficáraõ dentro de hum Mosteyro. Mas o prudente Prelado, que era Santo, & discreto, considerando que vivia entre inimigos pois todos eraõ gente sem fé: quiz a cautelarse para o que pudesse succeder (que entre animosos, he genero de grande valor, saber temer de ante maõ os perigos, & saber evitalos, & prevenilos.) Mandou vir dos matos grande copia de palmeyras bravas, que lá chamaõ Cyballes, com que foy lançando huma forte tranqueyra em circuito do seu Conventinho, que ao diante como se adivinhára, lhe valeo a vida: & servio de Fortaleza.

96 Dalli sahiraõ aquelles Santos Religiosos a doutrinar, & a prégar a Fé, acquirindo os animos com a suavidade do seu trato, & assim foy dando o Ceo algumas primicias. Naõ estava descuydado o inimigo do genero humano, vendo elle que a vinha estava começada a plantar, & temendo, que desse fruto; quiz destruilla em flor. Andava por aquelles mares huma Armada de Mouros Jaoos; inimigos perpetuos dos Portuguezes; guiou-a o demonio contra os Religiosos. Dous annos havia que residiaõ na Ilha; quando em huma manhãa se viraõ cercados por mar, & terra. Entaõ se vio o proveyto da tranqueyra. Recolheraõ-se com os Padres os Christãos, que havia q̃ eraõ poucos, & mal armados: & se opuzeraõ animosos à defensa. Mas conhecendo claramente, q̃ era impossivel resistir ao grande poder do inimigo, se Deos naõ acudia com o seu braço, em q̃ se fiavaõ, & tambem a Senhora da Piedade, a quem haviaõ escolhido por sua Patrona, & defensora. Começavaõ já a tratar de se entregar com algum bom partido: quando Deos, & a Senhora da Piedade lhe acudiraõ

cudiraõ por hum caso todo milagroso,& naõ esperado. Porque portou,& deu fundo defronte dos cercados hum formoso Galeam de Portuguezes, que informados do que passava, & reconhecida a Armada, deraõ sobre ella, & a desbaratáraõ metendo no fundo com a artelharia muytas embarcaçoens, & matando grande numero de inimigos. E para que se visse mais que foy milagre, & que Deos, & a Senhora da Piedade quizeraõ acudir aos seus; he de saber que o Galeaõ era d'ElRey, & como tal vinha bem armado, & com muyta gente, & fazia viagem de Maluco para Malaca; & entrou pelo boqueyraõ de Servite, cousa taõ nova, & milagrosa, que nem dantes nem depois, se vio outro tal succesſo. Assim obrigou tanto este, àquella gente, que invernando o Galiaõ alli,& outros muytos navios de varias partes,abriraõ os olhos os Solores, & recebèraõ a Fé; & com elles tambem alguns Mouros, & Gentios com todas as suas familias. E os Religiosos deraõ as Graças à Senhora da Piedade, de quem como de sua Defensora haviaõ recebido aquelle grande soccorro, & ficáraõ mais obrigados a Deos, para proseguir animosamente no seu ministerio. Da Senhora da Piedade faz mençaõ o Padre Fr. Luis de Sousa na sua Historia Dominicana part. 3.l.4.c.14.

TITULO XX.

Da Imagem de nossa Senhora dos Remedios da Povoaçaõ de Larantuca na Ilha de Solor.

97 QUem pòde dar remedios, & remediar necessidades, senaõ quem as padece? Só Maria Santissima, que tantas necessidades padeceo ao pè da Cruz: *Stabat juxta Crucem.* Podia ser o remedio universal em nossos trabalhos, & necessidades; como reparadora, & remediadora glorioſa, que he de todas ellas. Officina de remedios; foy a sagrada Cruz: & neste funebre theatro as necessidades foraõ tantas, que em todos os que alli se acháraõ fizeraõ el-

las

las o seu papel. Padecco necessidades Christo: padeceo necessidades Maria,& padecéraõ necessidades os homens. Christo padece pelo amor dos homens. Maria padece por amor de Christo, & os homens, porque estavaõ todos em huma grande necessidade. Neste pois taõ profundo abismo de necessidades o remedio,& o poder absoluto sobre ellas, & todas ellas a quem o entregou Deos? A Maria que he a Remediadora, & a Senhora absoluta dos remedios. Sim, Maria consolou as necessidades em Christo, Maria suavisou as necessidades em si,& Maria remediou as necessidades em nos;porque ella he o nosso remedio. Consolou-as em Christo, porque padeceo com elle. Suavisou-as em si;porque padeceo por amor de Christo, & o amor em quem padece, tudo lhe faz suave. Remediou-as em nòs: porque naõ ha necessidade nos homẽs, que naõ tenha o seu remedio no favor,no amparo,& no amor de Maria; Senhora verdadeyra dos Remedios: & por isso a invocamos como a nosso remedio.

98 Na Ilha grande de Solor, por cuja ponta entra o canal ou boqueyraõ, que vay à Ilha de Servite (& chama-se entre as de Solor grande porque faz mais de cento & vinte legoas em roda) se convertéraõ muytas almas à Fé; & assim se fundáraõ muytas Igrejas, & as mais dellas dedicadas à Rainha dos Anjos: como foy a de N. Senhora dos Remedios de Larantuca, aonde foy muytos annos Vigario o Padre Fr. Agostinho da Magdalena, Saboyano de Naçaõ, muyto zeloso da salvaçaõ das almas. N. Senhora da Assumpçaõ em Quenà; & outras muytas, & a de N. Senhora da Esperança de Bayballo, em que era Vigario o Padre Fr.Domingos Barbudo (o qual pelo grande zello com que desejava meter no Ceo todos aquelles Indios naturaes, padeceo muytos trabalhos.) Aqui na casa da Senhora dos Remedios de Larantuca concorriaõ aquelles Christãos com grande frequencia, & fervorosa devoçaõ: porque a experiencia lhes mostrava, o como aquella Senhora era o remedio de todos.

99 Sentio o demonio com excesso o haver de perder

tan-

tantas almas, quantas lhe obedeciaõ: & tomou por instrumento, para destruir tudo, hum Indio chamado Dom Diogo, natural, & poderoso na Ilha de Solor; o qual por desconfianças, ou queyxas que tinha contra o Capitaõ da nossa Fortaleza, apostatando da Fé, & rebelando-se com outros que o seguiaõ contra os Portuguezes; com dissimulaçaõ acompnhado dos seus sequazes, se fez senhor da Fortaleza. Mas ajudados de Deos os Portuguezes, que estavaõ fóra, & descuydados da trayçaõ, com valor a recuperaraõ. Os mais dos conjurados estavaõ fóra na povoaçaõ, & arremetendo ao lugar lhe puzeraõ fogo; & entrando na Igreja, como barbaros: naõ se póde referir sem grande dor as irreverencias, que aquelles renegados cometteraõ contra as Igrejas, & contra as sagradas Imagens, o desaforo com que profanáraõ os calices, & ornamentos sagrados. Affirma-se, que tiráraõ setas contra a Imagem da Virgem nossa Senhora, que estava pintada na bandeyra da Misericordia. Beberaõ pelos calices, rasgaraõ os manipulos, & estollas, para toucarem as suas cabeças, ao uso dos Mouros Malayos.

100 Ainda que a ira, & queyxa era de todos, naõ foraõ todos apostatas, antes a mayor parte do povo perseverou na Fé, com tanta constancia, que do meyo do fogo fugiaõ para os Portuguezes. Outros naõ se dando por seguros; se foraõ embrenhar no mato, de donde depois se foraõ recolher à Fortaleza. Alguns ouve, que deyxáraõ grande exemplo de valor, & constancia. Refirerey a de hum velho de mais de sessenta annos, chamado Cosme Romeo, o qual sabendo que D. Diogo fora o Autor do levantamento, com a confiança dos annos, o foy buscar, & o reprehendeo com muyta liberdade, dizendo-lhe quanto errara em fazer mal a tantos innocentes. Muyto mal sofreo o Apostata a reprehençaõ, & continuando no animo, & nas obras, fez dar peçonha ao bom velho: a qual lavrou taõ de pressa, que entrou em morrer. Acudiraõ os Mouros a persuadilo que renegasse, & o mesmo Dom Diogo fazendo-se cacis, o persuadio ao mesmo,

meſmo, offerecendo-lhe a ſalvaçaõ na ſeyta de Maſoma: mas naõ ouve couſa, que dobraſſe ao bom velho: & dizia. Ha muytos annos que ſou Chriſtaõ, & profeſſo a ſanta Ley de Jeſu Chriſto, nella eſpero de me ſalvar, & aſſim acabou: & tambem outros mais cruelmente.

101 A eſtas maldades, naõ eſtava adormecida a Divina Juſtiça; porque logo com grandes caſtigos do Ceo, & mortes horrendas, doenças malignas, deſtruhio a muytos. Eſtava huma arvore grande às portas da Igreja, que fazia ſombra aos que hiaõ a ella; neſta ſe ouviaõ de noyte vozes medonhas, & ſentidas, que muyto a temeriſavaõ. Outras vezes ſe via a meſma arvore às portas dos enfermos, & era ſinal certo de morte. Aos Chriſtãos firmes conſolou o Senhor com dous caſos em que moſtrava os naõ tinha deſemparado. O primeyro foy, que eſtava na entrada do lugar de Lamaqueyra levantada huma Cruz de pao, & muyto grande, & com ſerem renegados os moradores naõ tiveraõ valor, para a arrencar, & violar. Vieraõ os Mouros deraõ com ella em terra, fazendo-a em pedaços, para cozinharem o ſeu arroz: mas tal foy o reſpeyto que o fogo lhe teve, que por mais diligencias que fizeraõ, nunca pegou nelles: & hum que lhe poz hum machado para a fender, no meſmo dia pagou com a vida o atrevimento. Daqui julgavaõ aquelles deſconſolados, que Deos lhe queria perdoar.

102 O meſmo prognoſtico fizeraõ do ſegundo ſinal, & foy que na Igreja da Senhora da Eſperança de Bayballo, depois que os Mouros, & Apoſtatas deſcompuzeraõ, & violáraõ, quanto havia nella, quizeraõ fazer o meſmo da pedra de Ara. Naõ ficou nenhum, que deyxaſſe de provar as ſuas forças, para a quebrar: & nenhuma baſtou para lhe tirar nem huma pequena laſca. Sendo lançada no fogo, & combatida com violencia de ſeyxos, antes, & depois: tudo foy de balde. Huma velha nobre chamada Dona Thereza, a levou para ſua caſa, reconhecendo o milagre, & vendo que a deyxavaõ por invencivel. Della a ouve outro Chriſtão, & lhe

teve

teve tanto respeyto, que se foy com ella a hum seu monte, & nelle fez huma choupana, & dentro nella hum modo de Altar em que a teve, atè que cessou a perseguiçaõ: & os Christãos de Larantuca a pediraõ, para a sua Igreja de nossa Senhora dos Remedios, aonde hoje se conserva.

103 Naõ tardou àquelles Apostatas, & Mouros que viviaõ entre elles, o castigo; porque chegando de Malaca em 10. de Março de 1599. navios: ajuntando-se a gente delles com a da Fortaleza, deraõ sobre a povoaçaõ da Lamaqueyra em 24. do mez, & acomettido o lugar por mar, & terra foy entrado com pouca resistencia, & naõ ficou cousa viva, & saqueou-se o lugar de quanto avia. Depois foy assolado o lugar como terra de traydores que merecia ser semeado de sal, & já aquelles levantados estavaõ taõ poderosos que foraõ levadas para Solor noventa & tantas embarcaçoens, entre grandes, & pequenas. Desta sorte pagáraõ o que fizeraõ, & o peccado que comettéraõ, de deyxar a Fé que haviaõ abraçado. Na casa da Senhora dos Remedios aonde sempre perseverou a Fé, & se conserva aquella pedra; se reconhecia que a Senhora os favorecia, pela sua firmeza nas grandes maravilhas que a seu favor obrava. Desta faz mençaõ o Chronista Dominicano part.3.l.4. c.14. atè 17.

TITULO XXI.

Da Imagem de N. Senhora do Populo da Cidade de Agra, em o Reyno de Cambaya, Corte do Emperador do Mogor.

104 PElos annos de 1595. entrou no Imperio do Mogor, o fervoroso Padre, & Apostolico Ministro do Evangelho, Jeronymo Xavier, sobrinho do Apostolo do Oriente Saõ Francisco Xavier, & procurando com todas aquellas diligencias, a que o estimulava o seu grande zelo da salvaçaõ das almas, a conversaõ dellas. Depois de conseguir a graça, a benevolencia, & a licença do Emperador

dor Echebar, sem embargo de que nelle fizeraõ muyto pouco fruto todas as diligencias daquelle Santo Varaõ: ainda assim, com o seu consentimento fundou na Cidade de Agra, Corte do Reyno de Cambaya (como tambem o havia feyto na de Lahor, Corte do Reyno Mogor) huma casa aonde collocou huma Imagem de nossa Senhora do Populo, obrada de pincel; mas de taõ rara fermosura, que roubava os coraçoens de todos os que nella punhaõ os olhos; assim Mouros, como Gentios. E nenhũa cousa moveo tanto aos moradores daquella Corte do conhecimento de N. Senhor Jesu Christo, & da sua santa, & verdadeyra Fé, como foy a vista daquella Santissima Imagem, que atè entaõ naõ havia mostrado o Padre; porque o Emperador lha naõ pedisse.

105 Este Rey, ou Emperador do Mogor, ainda que Mouro, tinha em grande veneraçaõ as Imagens de N. Senhor Jesu Christo, & de N. Senhora: porque na occasiaõ em que o Padre Jeronymo Xavier entrou na sua Corte de Lahor; na primeyra audiencia que lhe deu depois de o tratar com grande afabilidade, mandou trazer huma Imagem de nossa Senhora, que lhe havia dado o Padre Rodolfo Aquariva, a qual tomou em suas mãos com muyta veneraçaõ, & reverencia, & a teve nellas para que o Padre Xavier, & seus companheyros a vissem, & a adorassem. Disse-lhes em como a tinha em grande estimaçaõ, & junto à camera aonde dormia. Entaõ lhe disse o Padre Xavier, que Sua Magestade fazia muyto bem; porque aquella Senhora era a melhor guarda, & a mayor defensa que podia ter, para sua pessoa, & estados: & depois de verem com grande consolaçaõ a Santa Imagem, os despedio naquella occasiaõ.

106 Passado pouco tempo, quiz o Emperador fazer jornada com o seu exercito, a fazer guerra ao Reyno de Decan, & se lhe offereceo o Padre Xavier, para o acompanhar, a fim de lá poder dilatar a Fé. O Emperador fez grande estimaçaõ do seu offerecimento, & lhe aceytou, dando-lhe licença para que na Cidade de Lahor, estivessem outros Padres.

dres. E assim o acompanhou, com o Irmão Bento de Goes. E chegando à Cidade de Agra, nella edificou, & levantou (como fica dito) huma Igreja, ou hum espaçoso Oratorio, com licença do Emperador, em as casas, que elle lhe havia dado para sua habitaçaõ. Nesta nova Igreja collocou a Sacratissima Imagem de nossa Senhora do Populo, de primoroso pincel que havia levado de Roma o P. Martinho da Silveyra, & a poz em publico, com grande adorno, & veneraçaõ.

107 Eraõ visinhas às casas dos Padres humas pobresinhas mulheres, bem inclinadas, estas pediraõ licença ao Padre Xavier, para entrar na sua Igreja, & assim como viraõ a Santissima Imagem, admiradas da sua grande fermosura, a publicáraõ logo a todos, a cuja fama, vieraõ naquella mesma tarde mais de duas mil pessoas a ver aquelle Divino Simulacro da Rainha da Gloria. E no dia seguinte assim como amanheceo, antes que se abrissem as portas, já estavaõ muytos esperando, para entrar a gozar daquella celestial fermosura da Mãy de Deos: & eram tantos, que naõ cabião. Estava collocada a Sacrosanta Imagem em o primeyro Altar; & com cirios de cera acezos, & como muytos não podião entrar em a Igreja, corridas as cortinas se mostrava aos de fóra.

108 Estavaõ sempre junto do Altar dous meninos; os quaes todas as vezes que se descubria a Santissima Imagem, declaravaõ na sua lingoa a todos, o que reprezentava aquella Senhora, & seu unigenito Filho que tinha nos braços. E nestas occasioens se declaravaõ os principaes mysterios de nossa santa Fé. Era cousa de grande admiraçaõ os raros effeytos, que causava a vista daquella saberana Imagem, assim nos Mouros, como nos Gentios: porque de mais de se lhes infundir hum grande temor, se lhes gérava em seus animos dor, & penitencia dos peccados comettidos; & logo se lhes seguia huma interior, & singular consolaçaõ com que voltavaõ muyto consolados, & trocados para suas casas: referindo os Nobres, & Magnates as maravilhas do Senhor, & de sua Santissima Mãy; detestando os Mouros as maldades

do

do seu Mafoma; o que naõ era de pouca confusaõ, & vergonha para os plebeos o sofrello; porque aborrecem todo o genero de Imagens.

109 Era taõ grande o concurso da gente, que entrava naquella Igreja a ver, & a venerar a sagrada Effigie, que naõ cabia, & assim sahia por sua ordem, estando separados os homens das mulheres, que cada dia chegavaõ ao numero de dés mil pessoas, que acudiam. E era isto tam continuo que obrigavaõ ao Padre Xavier a ir gentar pelas quatro horas da tarde, & com o mesmo cuydado, & occupaçaõ estavaõ de noyte: & assim estavaõ com temor, que se naõ levantasse com aquelles concursos algum alboroto.

110 Entre os Nobres, que foraõ a ver, & a venerar aquella celestial Imagem da Senhora, foy hum sinalado Capitaõ, acompanhado com mais de sessenta soldados de cavallo, & outros tantos de pè. Este assim como se vio diante daquella milagrosa Imagem, se deyxou levar tanto da admiraçaõ, que quasi ficou privado, dos sentidos, seguiraõ-no os que o acompanhavaõ, os quaes voltando para suas casas diziaõ, & referiaõ o que haviaõ visto, fazendo que suas mulheres, & filhas, com seus criados, & criadas fossem a ver o mesmo que lhes dizia. A estas recebeo o Padre Xavier com grande cortezia, fazendo que sahissem para fóra, todos os mais que já tinhaõ visto, & gozado da vista daquella Senhora, que he a fonte de toda a fermosura.

111 Hum Mouro de naçaõ, & profissaõ, & de grande authoridade, & Ministro d'ElRey: este por causa dos negocios que tinha a seu cargo, naõ pode ir à Igreja, senaõ muyto de manhãa: & foy levado a ella, pelo Padre Jeronymo Xavier: assim como vio a Imagem da Senhora, naõ pode por algum tempo apartar a vista della, nem fallar palavra, pelo grande temor, que havia concebido dentro do seu coraçaõ; antes derramava muytas lagrimas. O Padre o mandou assentar, & com esta occasiaõ lhe começou a tratar das cousas Divinas; mas o Mouro naõ podia reprimir as lagrimas, nem

apartar a vista daquella soberana, & amorosa Mãy dos peccadores. Entaõ lhe perguntou o Padre: porque prohibiaõ Mafoma, & os seus sequazes, o uso das Imagens, tendo o seu culto por impio, experimentando nòs por ellas taõ insignes effeytos de consolaçaõ, & mudança nos animos? Respondeo o Ministro Real: os Mouros de nenhũa maneyra alcançaõ estas cousas. Depois encheo de calumnias ao seu maldito Mafoma; & engrandeceo a nosso Senhor Jesu Christo, & a sua Santissima Mãy com muytos louvores, como sepuderaõ esperar de hum bom,& perfeyto Christão. Deteve-se na Igreja atèque foy muyto de dia. Este voltou à sua casa taõ cheyo de alegria, & de consolaçaõ, que naõ cessava de louvar a nossa santa Fé. Depois começou a concorrer a gente, como nos dias antecedentes.

112 Muytos Principes foraõ varias vezes acompanhados dos nobres, & sapatras do Reyno, a ver a Santissima Imagem. E diziaõ que os Padres haviaõ feyto injuria, a ElRey em lhe naõ haverem dado conta de huma cousa tam digna de ser vista. E sahindo dalli se foraõ direytos ao Paço, & contaram a ElRey o que haviaõ visto. ElRey lhes disse que já tinha noticia da Imagem: mas crescеo-lhe o desejo de a ver, pelo que lhe referiram; & mandou que lha levassem aonde elle estava. Assim como soube que estava dentro do Palacio, se alegrou muyto, & quando chegou à sua prezença cuberta com hũ pano negro, & pouco novo, offereceo a sua Purpura, para q̃ a cubrissẽ. Depois lhe corréraõ os dous vèos ou cortinas que tinha. A' vista da Senhora se descеo o Emperador do seu throno,& meyo tirada a teara, que tinha na cabeça a venerou; alegrando-se em grande maneyra com a sua vista, & como suspendendo-se com ella. Os sapatras, que lhe assistiaõ, naõ se atrevéraõ a fazer o mesmo. Elle os chamava a cada hum pelo seu nome, para que a vissem melhor. Cada hũ a admirava,& engrandeciam a N. Senhor Jesu Christo, & a sua Santissima Mãy, com grandes louvores,& com. naõ menor consolaçaõ, & alegria do P. Jeronymo Xavier.

113 Mos-

113 Moſtrou-ſe ElRey muyto afeyçoado àquella Santiſſima Imagem da Rainha da Gloria; & deſejoſo de conceder tudo o que ſe lhe pediſſe para o ſeu culto. Logo pedio que ſe quer huma noyte lha deyxaſſem ficar no ſeu apozento. Eſtando já collocada nelle lhe deu grande veneraçaõ, tirando de todo a tiara da cabeça; o que atè alli naõ havia feyto. Quiz tambem tella de noyte, para a moſtrar às ſuas mulheres, & filhas; & ainda que todas eraõ Mahometanas, davaõ grande honra, & veneraçaõ à Santiſſima Imagem de Maria, pedindo-lhe com ElRey favor em ſuas neceſſidades. Aque vem muyto apropoſito, da grande afeyçaõ, que eſtas Sarracenas moſtravão para com eſta ſoberana Peregrina; o que eſcreve o Doutiſſimo P. Fr. Joſeph de Jeſus Maria, Carmelita Deſcalço na ſua Hiſtoria de N. Senhora liv. 4. c. 27. §. 4. Dizendo. Vereis tambem em como as Egypcias, namoradas da fermoſura daquella amavel Foraſteyra, & de ſeu „ Santiſſimo Filho, lhe vaõ a fazer por algun as horas compa- „ nhia levando-lhe os ſeus dons, & gozando attentas da ſua „ converſação toda celeſtial, com que juntamente as afeyçoava, & alumiava. E como Rainha piedoſa, agradecida daquelle grato acolhimento das Egypcias lhes dava outros „ dons mais ricos, acudindo já às ſuas comolaçoens, já às ſuas „ neceſſidades: humas vezes com palavras de vida, & outras „ com obras de ſaude. De Jacobo de Valença (refere o meſmo „ Padre,) & diz, que achou eſcrito em hum livro antigo de „ grande credito, entre os Sarracenos, que em quanto a Virgem Maria eſteve naquella terra do Egypto, naõ perigou „ nenhuma mulher de parto a quem a Senhora puzeſſe ſuas „ mãos. Pelo qual todas as mulheres, que ſe viam proximas a „ eſte perigo acudiaõ a ella, para que as benzeſſe, ou lhe lançaſſe a ſua bençaõ. E por iſſo he taõ ordinario entre as Mouras, chamar em ſeus partos o ſoccorro de Maria, & naõ he „ de crer fiquem defraudadas as ſuas eſperanças, pois a piedade deſta glorioſa Senhora a todos ſe eſtende, fieis, & infieis. „ Diz aſſim meſmo, que todas as mulheres, que tinhaõ filhos „

„ enfermos, hiaõ à Virgem, & ella com amor de Mãy univer-
„ sal, punha sobre elles as mãos do Menino Jesus, & logo sa-
„ ravaõ de qualquer enfirmidade que tinhaõ. Estas memorias
„ (diz o mesmo Padre) que se conservaõ entre os escritos dos
„ Sarracenos dos beneficios, que a Virgem Maria fazia aos
„ Egypcios, no tempo que viveo entre elles. E he muyto cri-
„ vel, que com estes, ou com outros semelhantes, lhe paga-
„ ria a Virgem Senhora as boas obras, que delles recebia:
„ pois naõ tinha outro, nem prata com que lhas pagar: & por
„ onde quer que fosse, iria semeando dons do Ceo: porque
„ he muyto difficultoso esconder o Sol o resplandor dos seus
„ rayos, àquelles que o tem prezente, & hum rico liberal
„ deyxar de fazer mercès. Pois como affirmaõ muytos, & gra-
„ vissimos Authores, a Virgem Santissima tinha graça de fa-
„ zer milagres. E ainda que neste tempo os fizesse, os faria
„ por meyo de seu Filho, & mais em secreto, & em lugar taõ
„ retirado, como aquella, que tinhaõ em grao perfeytissimo a
„ Fé de impretraçaõ: de quem disse o Salvador, por Saõ Mat-
„ theos, que era poderosa para fazer grandes milagres: porque
„ de tal maneyra escondeo Christo nosso Senhor a sua Divin-
„ dade, na sua Infancia, que quiz que em alguma cousa se ma-
„ nifestasse esta sua vida, cheyo de mysterios, & de milagres,
„ naquella sua primeyra idade. Atè aqui o Padre Fr. Joseph de Jesus Maria.

114 No referido se vè em como a Virgem Senhora pela sua sagrada Effigie, obrava entre aquellas Mouras o mesmo que lá entre as Egypcias. Entre aquellas mulheres do Emperador Mogor havia huma, que sentia mal da nossa Religiaõ: & desde entaõ, se vio taõ trocada, que começou dalli por diante a ter boa opiniaõ dos Christãos. Depois de passada aquella occasiaõ, tornáraõ os Padres a trazer a sua sagrada Imagem, para a sua casa, com grande alegria, & consolaçaõ de todos.

115 O povo quando soube que a Santissima Imagem fora levada ao Palacio, foy muyto grande o seu sentimento,

pelo

pelo temor de que lá lhe ficasse, & muyto mayor o sentimento, vendo que naõ voltava temendo que lá lhe ficava para sempre. Mas tanto que souberaõ que havia voltado para o seu antigo lugar, se alegrou muyto, & começou de novo a continuar o mesmo concurso da gente, que a hia a visitar, como faziaõ antes, com grande alegria, & consolaçaõ. Mas duroulhe pouco porque a tornou a pedir o Emperador, para que a visse sua Mãy, que era muyto velha, & como lha naõ haviaõ mostrado, quando a levaráõ a primeyra vez ao Palacio, teve taõ grandes desejos de a ver, que ElRey a pedio segunda vez para que lha levassem: o que se lhe veyo a conceder. Foy recebida nesta occasiaõ com muyto mayor veneraçaõ, assim da mãy, como de toda a familia Real, & tornando-a a mandar, para a sua Igreja; a pedio terceyra vez com animo de a mandar copiar; por lhe parecer muyto fermosa. Mas naõ puderaõ os Pintores chegar a fazer Imagem que se lhe parecesse, nem exprimir nas copias a sua graça, & grande fermosura.

116 Foy muyto grande a devoçaõ, que a vista da Senhora introduzio nos coraçoens daquelles Gentios, & Mahometanos: fazendo ella naõ poucas misericordias, & favores, ainda aquelles que naõ eraõ Christãos, aonde resplandecia a sua materna piedade, ser universal, & se via tambem com as maravilhas, que Deos obrava à verdade da nossa Fé. Hiaõ à Igreja a offerecer à Senhora muytos dons, & a seu Santissimo Filho, ainda os Mouros, & Gentios, & valendo-se della como de Patrona, & advogada para com Deos em as adversidades, que se lhe offereciaõ. Entre estas foy a mulher do Viso-Rey, que ainda que Mahometana, foy a visitar a Senhora Maria (que assim nomeavaõ a Santissima Virgem) offerecendo-lhe hum grande dom, & obrigando-se com voto de a visitar ameudo, se lhe desse hum filho, que com tantos rogos lhe pedia, para que fosse o herdeyro das suas muytas riquezas.

117 Outra Matrona tambem Mahometana, ouvindo, o

que Deos obrava pela interceſſaõ deſta ſoberana Senhora, concebeo para com ella tal affecto, que fez voto de a ir viſitar, & de lhe offerecer muytos dons, ſe ella lhe concedeſſe hum filho. Ouvio a Senhora as ſuas rogativas, & lhe deu o filho, que lhe pedia, & foy à Igreja a cumprir o ſeu voto, & a dar lhe as graças pelo beneficio recebido. Muytas foraõ as miſericordias, & os favores, que a Mãy de Deos fez àquella Cidade. E naõ ſó pela interceſſaõ de Maria Santiſſima confirmou Deos com maravilhas a verdade de noſſa ſanta Fé; mas tambem pelos merecimentos de outros Santos, & por outros ſagrados meyos. Mas o Rey, ou Emperador Mogor, naõ mereceo a luz de que neceſſitava: & aſſim morreo Mouro como era, ſem embargo de que os Padres fizeraõ muytas diligencias, pela ſua ſalvaçaõ; mas naõ foy digno della. Ainda hoje ſe entende que perſevera a devoçaõ daquella Cidade, que com tanta veneraçaõ ſerve, & louva aquella excelſa Emperatriz da gloria, & por ſeu meyo abraçáraõ muytos a Fé, & Religiaõ Chriſtãa.

O Padre Fernaõ Guerreyro nas ſuas Relaçoens impreſſas em Lisboa anno de 1605. Falando deſta Santiſſima Imagem diz aſſim: Na feſta do Natal, & Circumciſaõ deſte anno de 1602. ſe determináraõ de a pòr na Igreja, a qual para iſſo armáraõ o melhor que pudéraõ, ſem mais intento, que para ſua conſolaçaõ, & dos Chriſtãos ſómente. Acertáraõ humas mulheres viſinhas dos Padres, de lhe pedir licença hum dia das oytavas à tarde, para verem a Igreja. Deraõlha, & taõ paſmadas foraõ da viſta da Santiſſima Imagem; que em ſahindo, como outra Samaritana, andavaõ apregoando, & dizendo della taes couſas, a todos os que encontravaõ, que de huns, em outros ſe encheo, & abalou toda a Cidade: & começou a gente a concorrer à Igreja, & todos tornavaõ ainda muyto mais admirados do que viaõ; do que vinhaõ alvoraçados para ver, & deyxavaõ os ſeus officios, & tudo o mais que faziaõ por acudir à Igreja. E de tal maneyra ſe ateou o fogo da devoçaõ que ſó naquella tarde, viriaõ mais

de

de duas mil pessoas; dos Gentios, & Mouros das ruas mais visinhas. Desta Santissima Imagem escreve o Padre Joaõ Eusebio na vida do Padre Jeronymo Xavier, no tom. 4. dos Varoens Illustres; o Padre Francisco de Sousa no seu Oriente Conquistado, p. 2. n. 60. E o Padre Fernaõ Guerreyro, & outros.

TITULO XXII.

Da milagrosa Imagem de N. Senhora do Rosario da Villa de Ugulim, em o Porto de Bengalla.

118 EM o Porto de Bengalla ha hũa Villa a quem daõ o nome de Ugulim: aonde os Religiosos Eremitas de meu Padre Santo Agostinho tem hum Convento, & he hum dos que a Congregaçaõ da India tem para aquellas partes; aonde reside hum Prior com cinco Religiosos, & he o Prior Vigario Géral de todas aquellas Missoens, & he hoje invocado com o titulo de nossa Senhora do Rosario, depois que a Senhora lhes fez o favor de os ir buscar. E deuse-lhe este titulo pela milagrosa invençaõ de hũa veneranda Imagem desta Senhora: que andando sobre os mares, foy portar em aquellas prayas, recolhida em hum cayxaõ, que aberto se vio q̃ encerrava a Estrella dos mares, & o melhor thesouro, que se podia descobrir nas Indias. A fórma em que se áchou, ou o modo como se descubrio: & como foy ao Convento já hoje se ignora; mas he certo, que Deos a destinou para aquella casa dos Filhos de Santo Agostinho: & a Senhora parece que quiz fazer escolha delles, para que fossem seus perpetuos Capelloens. Logo que foy collocada naquella Igreja começou a fazer tantos milagres, & maravilhas: que ficou ella sendo a Patrona, & a titular della.

119 He esta milagrosa Imagem da soberana Rainha da Gloria, de grande estatura, porque terá de alto alguns sete palmos, & sobre o braço esquerdo, sustenta aquelle soberano Deos Menino que sustenta o Mundo todo. He de taõ rara fer-

fermoſura, & obrada com tantas perfeyçoens, que ſe pòde duvidar de que na terra ouveſſe Artifices taõ primoroſos, que pudeſſem ſer Authores de taõ ſingular obra:& he taõ ſingular, & taõ celeſtial a graça que moſtra, que eſtá roubando os coraçoens de quantos nella poem os olhos,& aſſim naõ ha quem ſe poſſa apartar da ſua preſença.Collocaram-na em hũa das Capellas collateraes daquella Igreja, para que tiveſſe nella lugar proprio. A cauſa porque ſe lhe impoz o titulo do Roſario já hoje ſe ignora: podia ſer, que trouxeſſe eſculpido eſte titulo, taõ agradavel, para a Senhora: porque a naõ o trazer lhe imporiaõ, & com muyta propriedade o titulo da Graça. Com os muytos, & grandes milagres, que obrava, era muyto frequentada a ſua caſa, & aſſim era muyto grande a devoçaõ com que de todos era buſcada, & ſervida.

120 Pelos annos de 1670. cahio aquella Igreja, ficando ſó em pè a Capella mayor, & totalmente izenta da ruina. A' viſta deſta, recolhèraõ os Religioſos o Sacrario com o Santiſſimo Sacramento para a Sacriſtia: & tomáraõ a ſagrada Imagem da Senhora; por naõ privar ao povo da ſua agradavel prezença; & a collocáraõ no Altar mayor, no meſmo lugar aonde havia eſtado o Sacrario; que haviaõ recolhido, em quanto ſe reedificava a Igreja. Poucos dias depois trabalhando na meſma Igreja huns Carpinteyros Gentios, em as madeyras della, em hum dia, ſendo pelas dès, ou onze da manhãa; viraõ os Carpinteyros abrirem-ſe os panos com que a Capella mayor eſtava cuberta; por cauſa do pò; que eraõ grandes, & a cobriaõ toda pela parte exterior do arco, & juntamente deſcer hũa grande luz,& hũa as nuvẽs,que cercavão toda a Imagem da ſoberana Senhora.E ſentirão tambem hum taõ poderoſo,& forte impulſo, que os levou pelas portas fóra, & tam treſpaſſados do medo, & tremor, que naõ ouſaraõ a entrar mais na Igreja. No ſeguinte dia vendo o Sacriſtão, que faltava na cabeça da Senhora a ſua rica coroa,& fazendo diligencias por ella, a foraõ deſcubrir os Religioſos

no

no meſmo nicho de donde haviaõ tirado a Santiſſima Imagem para a Capella mayor. Que parece, que ou a Senhora os amoeſtava, a que trabalhaſſem com cuydado, para a reſtituirem ao ſeu lugar, ou que ella naõ queria aſſiſtir coroada no lugar aonde ſeu Santiſſimo Filho aſſiſtia Sacramentado: para nos enſinar a ſumma reverencia com que o devia-mos adorar.

121 Reparou tambem o Sacriſtão, & os Religioſos, em que os Carpinteyros naõ hiaõ para a obra, & ſendo chamados, reſpondéraõ que tinhaõ medo, por quanto foraõ lançados fóra com violencia, ſem ſaberem por quem: & referiaõ o que haviaõ viſto, em como ſe abriraõ as grandes cortinas, ou panos com que a Capella eſtava cuberta, & deſcer huma extraordinaria luz, & reſplandor, & humas nuvens que haviaõ cuberto, & cercado a Imagem da Senhora do Roſario. Collocou outra vez o Sacriſtaõ a coroa na cabeça da Senhora. Depois em o ſeguinte, ou em outro dia em que ſe faziaõ as ſuas novenas, abrindo o Sacriſtaõ as portas da Igreja, para a Miſſa, que ſe dizia de madrugada, reparou em que tambem faltava da cabeça da Senhora a ſua coroa. E repreſentandoſe-lhe ſe lha furtariaõ deu-ſe parte aos Religioſos, que fazendo toda a peſquiza, que era neceſſaria, a foraõ deſcubrir ſobre o Sacrario, & debayxo do pavilhaõ, ou cortina que o cobria. Eſta maravilha deu a todos em que cuydar: porque ou a Senhora os queria advertir que naquelle lugar nem ſua Mãy queria eſtar coroada, ou lhe dizia, que aquelle grande Senhor, era o Senhor, & o Deos da Mageſtade, & que era razaõ ſe trabalhaſſe com tal diligencia, que o reſtituiſſem, & collocaſſem no ſeu proprio lugar. E ſem duvida, que naõ devia eſtar naquella Sacriſtia; com toda a veneraçaõ, culto, & reverencia, que lhe era divida.

122 Outros muytos milagres, & prodigios ſe viraõ naquella ſoberana Imagem da Mãy de Deos, todos eſtupendos, & maravilhoſos, & foy tal a incuria daquelles Religioſos que delles naõ fizeraõ memoria. Algumas vezes ſe vio eſta Senhora

nhora com as costas viradas para o povo, & o rosto para dentro do nicho aonde estava collocadae,taes seriaõ as obras delle. Muytas vezes se encontraõ nas Conquistas, taõ grandes maldades, & tyrannias, obradas pelos Portuguezes, que parece que atè o mesmo Deos, & sua Santissima Mãy (ainda sendo ella o amparo dos peccadores) cobre os seus soberanos rostos,pelas naõ ver. E assim naõ seria muyto,que a Mãy de misericordia, que sente as nossas perdiçoens, & ruinas, pelas naõ ver,ou por reprehender dellas aquelle povo,encubrisse o seu formoso rosto, que os Anjos muyto desejaõ ver, os quaes lhe pedem repetidas vezes, que se volte para elles para que tenhaõ mayor gloria em a ver: *Revertere, revertere Sunamitis, revertere,revertere ut intucamur te.* Naõ occultava a Misericordiosa Senhora seu soberano rosto ao povo, pelo deyxar:mas para o atemorizar: para que assim emendando as vidas, & deyxadas as culpas, evitassem os castigos do Ceo.

123 Outras vezes a viram virada no mesmo lugar, para a parte da Sacristia aonde estava o Sacrario com o Santissimo Sacramento.E seria tambem para advertir aos Religiosos & mostrarlhe a muyta devoçaõ,reverencia, & veneraçaõ,que lhes merecia aquelle Senhor, que abrazado em incendios de amor, para com os homens, se havia sacramentado, só para os regalar, & em deozar. E seria tambem para os amoestar a que puzessem todo a cuydado, & diligencia em reparar aquella casa, para que mais depressa se restituisse o Sacrario à Igreja. Outras vezes se vio esta Senhora com os pès cheyos de terra, & area; verdadeyras demonstraçoẽs da sua piedade, & de q̃ em beneficio dos peccadores dava muytos passos, para assim os livrar de todos os perigos; & dos màos, & errados passos: & ruins caminhos, por onde esquecidos de Deos, & da sua salvaçaõ, andaõ occupados. Festejaõ a esta Senhora na primeyra Dominga de Outubro. Da Senhora do Rosario faz mençaõ o Padre Mestre Fr. Faustino da Graça na sua Relaçaõ manuscrita. Della escreve tambem o Mestre Sicardo na sua Historia do Japaõ l.1.part.24.

TI-

TITULO XXIII.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora do Rosario da Dianga de Bengala.

124 NOtaveis saõ os poderes da devoçaõ do Rosario de Maria Santissima, a favor dos homens: porque com ella lhes alcança a vida eterna. Quatro cousas saõ necessarias para esta se alcançar: resistir às tentaçoens, à contriçaõ aos peccados, à Graça, & a perseverança: & faltando alguma destas cousas mostra a Senhora tanto empenho a favor dos seus devotos, que lhe resaõ o seu Rosario: que ella lhes alcança a verdadeyra dor dos peccados, & tambem lhes conserva a vida para se fazerem capazes da salvaçaõ. Ouçaõ os devotos da Senhora este succesſo para que reconheçaõ o muyto que ella val. Havia hum fermoso ladraõ, que naõ só despojava aos caminhantes, mas cruelmente lhes tirava as vidas. Encontrou-se com elle Saõ Domingos, & tendo empenhado com elle todo o seu zelo, espirito, & eloquencia, para o converter, naõ foy possivel. Por fim lhe disse, ao menos vos peço me concedais, & prometais hũa só cousa muyto facil; que he rezardes todos os dias o Rosario da Virgem nossa Senhora. Aceytou elle, & resava; mas sem nenhuma emenda na vida, continuando como dantes os mesmos roubos, & insultos. Neste estado adoeceo mortalmente, sem acto algum de Christão, & os companheyros da sua quadrilha, o enterráraõ junto a huma daquellas estradas, taõ impia, & brutalmente, como tinha vivido. Dous annos havia que estava alli sepultado, quando tornando a passar pelo mesmo caminho Saõ Domingos, se ouviraõ humas vozes confusas, & lastimosas, sem se ver donde sahiaõ, ou cujas eraõ; atè que chegando ao mesmo lugar da sepultura, se conheceo distintamente que de dentro della sahiaõ. E o que diziaõ era; Padre Fr. Domingos, servo de Deos compadeceyvos de mim.

Aber-

Aberta a sepultura sahio de dentro, com assombro de todos os que acompanhvaõ ao Santo, hum homem vivo. Perguntado quem era. Eu sou (disse) Padre aquelle grande ladraõ, a quem procurastes persuadir, que se converteſſe, & naõ quiz, & só aceytou de vossos conselhos o rezar o Rosario. Aqui me sepultáraõ vivo meus companheyros tendo-me por morto, por occasiaõ de hum largo paracismo. Sepultado; & cuberto de terra naturalmente havia de morrer logo, & ir padecer no inferno as penas a que estava condenado por minha vida: porèm a soberana Virgem Maria me alcançou de seu Bendito Filho, que naõ morresse, & que estes dous annos, em que padeci terribilissimas penas me servissem de Purgatorio. Isto disse em publico. E confessando-se logo ao mesmo Santo de todos os seus peccados: no ponto q̃ recebeo a absolviçaõ, o corpo cahio morto, & a alma com a graça do Sacramento, que só lhe faltava, subio a gozar da Gloria. Assim acabou santo o que tinha vivido ladraõ, & tanto importa para conseguir a graça final, a devoçaõ do Rosario. Vejaõ agora os devotos desta Senhora o muyto que ganhaõ em ser verdadeyramente devotos seus.

125 He Bengalla huma das mais abundantes, & ricas Provincias de todo o Oriente: porque abunda de tudo o que a terra de si produz: & por ser assim acodem a ella todos os homens, que por casos feyos, ou danados procedimentos, naõ cabem entre os seus; porque em chegando a Bengalla, logo tem vida, & remedio, quer sigam a mercancia quer as armas: & como a terra he de Gentios, quem era mal procedido nas dos Christãos ficava em huma larga estrada para o Inferno. E assim reynavaõ os vicios entre os muytos Portuguezes, que alli acodiaõ, & alli moravaõ de assento. Vivendo alli os homens taõ desenfreadamente; que era Bengalla hum receptaculo de ladroens, & de facinorosos.

126 Compadecido Deos por sua misericordia infinita do miseravel estado de huns homens criados com o leyte da Doutrina Evangelica, & Catholica, & que sendo racionaes

viviaõ

viviaõ taõ esquecidos delle, que mais pareciaõ brutos, & feras, que homens Catholicos. Inspirou o mesmo Senhor nos coraçoens de alguns, que eraõ mais timoratos, & desejosos da sua salvaçaõ, a que procurassem algum remedio, contra tantos males como viaõ. Procuráraõ Ministros Evangelicos, que lhes prégassem, & com a sua fervorosa Doutrina reprimissem tantas, & taõ grandes maldades, como cada dia se experimẽtavaõ. Para isto, pelos annos de 1600. escrevéraõ a Goa ao Vigario Géral da Congregaçaõ dos Padres Dominicos da India, para que lhe mandasse Sacerdotes, & Prégadores. Cometeo o Prelado da Familia Dominicana da India este negocio ao Padre Fr. Gaspar da Assumpçaõ, Varaõ Santo, & muyto zeloso do bem das almas: & a outro Religioso do seu mesmo espirito, Missionarios ambos muyto zelosos do bem do proximo; os quaes entráraõ em Bengalla no anno de 1601. aonde foraõ muyto bem recebidos dos devotos, que os solicitáraõ.

127 Chegados estes Padres a Bengalla, deraõ logo principio a huma grande Igreja (que como era de madeyra, palha, & esteyras, em breves dias se acabou) a qual dedicáraõ a nossa Senhora do Rosario. Nesta nova Igreja, começáraõ a prégar contra os vicios com tanto fervor, que era muyto para ver o que Deos obrava, entre homens, que parece já naõ tinhaõ de Christãos mais que o nome; & naõ faltaria tambem a Máy dos peccadores, em lhe alcançar a todos os que alli viviaõ, a luz de que muyto necessitavaõ, para senaõ condenarem. Hiaõ tornando em si, & vendo que os buscava o mesmo Deos, de quem andavaõ voluntariamente fugitivos. Cahiaõ muytos na conta, & reconheciaõ as suas miserias, & assim se faziaõ largas confissoens, & muyto grandes penitencias.

128 Entrou de novo outro Religioso Missionario, que lho trouxe nossa Senhora, o qual prégou com tanta efficacia, & com tanto espirito, que fez effeytos de fogo, em todo o auditorio, abrazando os coraçoens em amor de Deos, &

em

em dor, & contriçaõ dos peccados, & foy tanto, & taõ grande o effeyto, que se convertéraõ à penitencia homens muyto envelhecidos nas culpas, com admiraçaõ de todos. Declarou o Prégador, que no seguinte Domingo se fazia a festa da Senhora do Rosario (era o primeyro de Outubro,) & se havia de fazer prociſſaõ com a Imagem da Senhora, explicando-lhe tambem, o inextimavel thesouro de Indulgencias, que lucravaõ os devotos da Senhora que lhe resavaõ o seu Rosario. E assim se aparelháram todos, para se confessarem, & receberem o Jubileo: aonde commungou hum muyto grande numero de fieis, & aonde sendo os Confessores cinco, em quatro ou cinco dias confessáraõ de noyte, & de dia.

129 Preparou-se tudo para a festa; & aqui obrou a Senhora do Rosario hum grande milagre: porque ateando-se o fogo em huma rica charola em que hia Saõ Domingos; da charola subiraõ as lavaredas do fogo ao tecto que era de palha, & temendo todos que tudo se abrazasse com perda de requissimas peças, & joyas, que se haviaõ empreſtado, pelos devotos, para a armaçaõ da Igreja. A Senhora fez que às vozes com que a invocavam, desmayasse o fogo, sem que causasse o seu activo ardor, o menor damno.

130 Muyto sentia o demonio a perda das almas, que a Senhora lhe tirava com os fervorosos Sermões, & admoestaçoens daquelles seus zelosos Capellães. E com a rayva da perda que sentia, para arruinar tudo o que se hia tambem entabolando, incitou a ElRey de Arraçaõ, a que viesse com excercito contra os moradores da Dianga. Entrou este Rey Gentio com hum poderoso exercito, & naõ só se fez Senhor de tudo: mas pondo o fogo à povoaçaõ, & tambem à Igreja tudo se reduzio a cinzas. Escapáraõ os Religiosos, recolhendo-se a huma nao de força, & a ella recolheriaõ as Imagens, & ornamentos.

131 Depois fazendo o mesmo Rey pazes, mandou edificar outra nova Igreja, & mayor. Parece quiz a Senhora do

Rosa-

Rosario confundir ao demonio, que foy o que fez queymar a primeyra: & quiz que os mesmos Religiosos assistissem nella. Aqui continuáraõ aquelles santos Religiosos, que collocáraõ na nova Igreja a Imagem da Senhora, fazendo a nosso Senhor muyto grandes serviços: mas como o demonio naõ cessava com novas guerras, & perturbaçoens se resolvéraõ os Religiosos a deyxar aquella Missaõ, & verdadeyramente naõ sey se fizeraõ bem: porque à vista da guerra que o inferno fazia, devia entender que a sua assistencia seria muyto grata a Deos, & à Senhora. Finalmente desemparáraõ a casa. Mas a gente ficou com grande devoçaõ à Senhora, & ella a ampararia, & defenderia da crueldade, & astucia do demonio. A Senhora obrava a favor de todos os seus devotos muytas maravilhas. Da Senhora do Rosario da Dianga de Bengalla escreve o Padre Fr. Luis de Sousa na sua Historia Dominicana part. 3. liv. 5. c. 11.

TITULO XXIV.

Da Imagem de N. Senhora de Meliapor que se venera na Igreja do Apostolo Saõ Thomè.

132 PAssado o grande cabo de Canameyra, que fica em 10. graos do Norte, começaõ a correr por esta costa, a Cidade de Negapataõ, & outras muytas povoaçoens grandes, & a ultima he a Cidade de Meliapor, ou de Saõ Thomè; pela manifestaçaõ do corpo deste Santissimo Apostolo. Na sua Igreja se venera huma devota Imagem da Mãy de Deos, com quem todos os Christãos moradores daquella Cidade, tem muyta devoçaõ. Quando Saõ Francisco Xavier entrou naquella Cidade, se hia recolher na casa do Vigario daquella Christandade. E he de saber que entre a casa do Vigario, & a Igreja de Saõ Thomè, mediava sómente huma pequena horta; aonde o Santo Xavier sahia de noyte a ter oraçaõ; porque como a casa do Vigario era

pequena, o Santo por naõ ſer ſentido, ſahia para a horta com muyto ſilencio: & eſperava primeyro que o Vigario dormiſſe. Teve noticia o Vigario, que o Santo ſe levantava, & ſahia para a horta; temendo que lhe ſuccedeſſe algum trabalho, o aviſou que na horta apareciaõ os demonios, em horrendas figuras, & que ninguem ſe atrevia a ir a ella de noyte. Mas como o Santo naõ tinha medo dos demonios, & ſabia que toda a potencia infernal eſtava ſogeyta à vontade de Deos, naõ fez caſo de nada do que ſe lhe dizia.

133 Deſte deſpreſo, ſe deu por agravada a ſoberba dos demonios, & como lhe traſiaõ boa vontade, pelas innumeraveis preſas, que lhe tirava das unhas; vendo que alli ſe lhe hia meter nas mãos, trataram de ſe vingar. Eſtava orando o Santo hũa noyte diante de hũa Imagem da Rainha dos Anjos, q̃ eſtava collocada no Altar do Santo Apoſtolo Thomè, & vendo-o alli os demonios o aſſaltáraõ com hũa taõ grande tempeſtade de golpes, q̃ o ſogeytáraõ dous dias à cama atormentado de muytas dores. Dormia a hum canto da meſma Igreja hum moço Malavar, que deſpertando ao eſtrondo que os demonios faziaõ, ſe levantou deſpavorido, & medrozo, ouvindo o eſtrondo dos açoutes, & golpes, & gemidos que o Santo Xavier dava, & as palavras, que elle dizia invocando em ſeu favor, & ſoccorro, a Mãy de Deos: que como eſta Senhora ſenaõ deſcuyda dos ſeus fieis ſervos, à ſua invocaçaõ lhe acudio a Senhora, & afugentou aquelles malignos eſpiritos.

134 Eſte ſucceſſo, & batalha que o Santo teve com os ſoberbos, & infernaes miniſtros referio o moço Malavar ao Vigario; o qual por galantaria as recitava algũas vezes ao meſmo Santo Xavier o que elle diſſimulava com a ſua grande humildade. Por eſta cauſa foy dalli por diante tida eſta ſagrada Imagem, em muyto grande veneraçaõ de todo aquelle povo, & todo a buſcava, & ainda hoje buſcarà, em todos os ſeus trabalhos, & tribulaçoens, & a Senhora lhes acode ſoccorrendo-os, como o tem moſtrado, por muytas vezes

a ex-

a experiencia. Desta Senhora faz mençaõ o Padre Mestre Francisco de Sousa da Companhia no seu Oriente Conquistado tom.1.pag.256.

TITULO XXV.

Da Imagem de N.Senhora dos Milagres da costa de Travancor.

135 DEsde o Reyno de Porcà a Travancor, cahe o Reyno de Coulam, que terá pela costa maritima vinte legoas, com os lugares de Calè, Coulam, & outros portos mayores, & menores. E aqui começa o Reyno de Travancor, a cuja Cidade daõ o nome do grande Travancor: por ser a mayor dos Malavares, & he sogeyto este Reyno a ElRey de Narsinga. E junto a Travancor, se descobre o cabo de Comorij, terra mais austral, ou India dos Gunges. Em hum lugar desta costa, distante legoa & meya da Villa de Colleche, fundáraõ os Padres Missionarios da Companhia de Jesus, em tempo do Santo Xavier, huma Igreja, para sua residencia, & consolaçaõ dos Christãos naturaes: que com o seu Santo, & fervoroso ministerio haviaõ convertido à Fé. Esta dedicàraõ à Rainha dos Anjos, aonde collocáraõ huma Imagem de Pincel, pintada em hum quadro com o Menino Deos em seus braços. He esta soberana Imagem de celestial fermosura, & causa em todos os que a vem com attençaõ, naõ só huma grande devoçaõ; mas hũa interior compunçaõ, & dor de culpas, & peccados cometidos contra Deos: & assim era a consolaçaõ daquelles Neofitos, que recebiaõ muyta com a sua vista, & com a do soberano Deos Menino q̃ tem em seus braços: & por isso em todas as suas afflìçoens, & trabalhos, recorrendo à sua presença achavaõ logo alivio, & remedio. Os muytos milagres, que obrava lhe acquiriraõ o titulo, dos milagres. Hum muyto notavel refere o Padre Mestre Francisco de Sousa da Companhia, em o seu Oriente Conquistado; que por muyto no-

tavel, & prodigioso devo referir, & he nesta maneyra.

136 No anno de 1583. aportou a armada do cabo de Camorij naquella povoaçaõ,& vinha nella hum soldado natural de Villa Franca da Ilha de Saõ Miguel; o qual por se ver atolado em muytas culpas, & graves peccados, que a vida distraida traz comsigo; andava quasi desesperado da sua salvaçaõ. Entrou este hum dia na Igreja da Senhora, & posto de joelhos diante da sua sagrada Imagem, lhe pedio com muytas lagrimas, ajuda, & soccorro na sua affliçaõ. Eisque de repẽte vio abrirem-se quatro fontes,duas de lagrimas,nos olhos do Menino Jesus, que a soberana Senhora tinha em seus braços; & as outras duas de certo licor como leyte, que corria das mãos da Senhora,& em tanta copia que banhavaõ o Altar.

137 Se todos os fieis saõ membros de Christo (como diz o Apostolo Saõ Paulo) os peccadores arrependidos saõ as meninas dos olhos do mesmo Senhor, & por isso chora juntamente, & o peccador. Ama tanto este Senhor as nossas lagrimas, que as faz suas proprias, & as treslada dos nossos aos seus olhos; para mover mais ao Eterno Pay a nos perdoar as nossas culpas. Chora o peccador amargamẽte quando Christo se digna de pòr nelle os olhos; como aconteceo a Pedro.E chora Christo de alegria quando vè chorar o peccador; porque saõ muyto festejadas no Ceo,humas lagrimas penitentes.

138 Das lagrimas de Christo nascéraõ as do soldado, & as lagrimas do soldado, humedecéraõ os olhos de Christo, & necessarios eraõ tantos olhos de agoa, para se lavarem tantos, & taõ enormes peccados. Naõ se podia atribuiro licor à humidade do tempo: porque só no veraõ continuaõ em andar as armadas por aquella costa. Admirado o soldado de taõ raro succesSo gritou pelos companheyros, que todos foraõ testemunhas do milagre, & repartiraõ entre si hum lenço enlopado no licor, que havia cahido sobre o Altar, & que se distilava como myrrha das mãos da Esposa. Confes-

sou-se

fouſe o ſoldado de toda a ſua vida, com hum daquelles Padres Miſſionarios: & fez voto de entrar em Religiaõ, & aſſim o comprio. Eſte foy o Irmão Bento de Goes, que entrou na Companhia, & fez nella grandes ſerviços a noſſo Senhor. Deſte milagre fizeraõ todos muyta eſtimaçaõ, & agente da armada enramou a Igreja da Senhora para o celebrarem com muyta alegria: & todos os navios da armada o feſtejáraõ tambem com muytas ſalvas da artelharia. Era neſte tempo o Vigario daquella Igreja o P. Nicolao de Eſpinola. Faz mençaõ da Senhora o Padre M. Franciſco de Souſa no ſeu Oriente Conquiſtado part. 2. Conq. 2. Diviſ. 1. n. 5. & o P. Guillelmo Gumpemberg. no ſeu Atlas Mariano p. 598. tom. 2. cent. 6.

TITULO XXVI.

Da Imagem de noſſa Senhora da Piedade de Tucurim.

139 NA meſma coſta de Travancor, ha huma Villa chamada Tucurim: neſta ſe edificou no anno de 1582. huma Igreja, para reſidirem os Padres da Miſſaõ, & para conſolaçaõ dos convertidos, que ſentiaõ naõ ter Igreja: os quaes concorréraõ todos com as ſuas eſmollas, para a fabrica della. Acabada a Igreja ſe collocou nella a Imagem de N. Senhora que ſe vè com ſeu Santiſſimo Filho defunto em ſeus braços, & ſe lhe celebrou a primeyra Miſſa, no dia da feſtividade das Neves, em 5. de Agoſto; o que ſe fez com grande ſolemnidade, & neſſe dia commungáram ſeis centas peſſoas. Taõ grande foy a alegria daquelles Chriſtãos, & taõ grande era a devoçaõ, que tinhaõ, para com a Senhora, que em ſeu louvor, edificáraõ hum Hoſpital, junto à ſua meſma caſa; para o qual offerecéraõ logo os Paravas aos Padres da Companhia (de cuja adminiſtraçaõ era, como tambem a Igreja da Senhora da Piedade) duzentos cruzados para remedio dos pobres, & deſpezas do Hoſpital. Com eſta Senhora tem todos aquelles Chriſtãos muyto grande devo-

ção. Toda esta obra se fez no referido anno de 1582. E desta piedosa obra faz menção o Padre Mestre Francisco de Sousa no seu Oriente Conquistado part. 2. Conquist. 2. Divis. 1. n. 4.

TITULO XXVII.

Da Imagem de nossa Senhora da Assumpção da Sé de Angamalle cabeça da Serra do Malavar.

180 A Cathedral da Cidade de Angamalle, he dedicada a nossa Senhora, debayxo do titulo de sua triunfante Assumpção, aonde se venera huma Imagem sua. O tempo em que se dedicou esta Igreja à Senhora, não consta; mas devia ser logo que os Portuguezes entràraõ na India: porque atè alli, & muyto tempo depois; como os Bispos de Angamalle eraõ Gregos, & Hereges (ainda que depois se simulavaõ verdadeyros Christãos) porque seguiaõ os erros de Nestorio, & Eutiches; naõ cuydariaõ muyto em dar titulo, & orago às suas Igrejas.

181 No anno de 1578. foraõ os Padres da Companhia (Missionarios da Serra de Malavar) do Collegio de Cochim, fazer àquella Cidade huma Missaõ, para se publicar hum grande Jubileo, que a Santidade do Papa Gregor. XIII. concedeo à Igreja de nossa Senhora da Assumpçaõ: & levàraõ ao Arcebispellar Abraham, que o era actualmente daquella Diocesi, huma Custodia de Reliquias, que o mesmo Pontifice entregou da sua maõ ao Padre Géral da Companhia, o Reverendissimo Everardo Mercuriano. Publicado o Jubileo, & chegado o dia da Assumpçaõ da Senhora, quiz o Arcediago segunda dignidade da Igreja da Serra, celebrar a festa daquella excelsa Senhora, com muyta solemnidade, & pedio ao Reytor de Cochim mandasse lá os Padres, & os Irmãos, que naõ faltavão então no Collegio. Levàraõ ornamentos ricos, Capella de canto de orgam, trombetas, charamellas, & todo o genero de instrumentos musicos de Europa:

ropa: & armáraõ a Igreja ao nosso modo. Pasmáraõ os Christãos com tal novidade: & se alegráraõ muyto de ver o apparato, & a magestade da Igreja Latina.

182 Cantáraõ os Padres as vesporas com muyta solemnidade, ao Rito Latino: & depois delles começáraõ os Cassanares, ou Catenares com mais propriedade as suas vesporas, na lingua Suriana. No dia da Senhora cantáraõ os Padres a Missa; & se fez huma muyto solemne, & custosa procissaõ, em que leváraõ huma Imagem de nossa Senhora do Loreto (porque a Senhora da Assumpçaõ, por muyto grande senaõ podia levar) alternando-se os Latinos, com os Surianos, no cantar dos Psalmos. Foy este dia muyto festivo, & muyto grande o concurso: & com esta maravilhosa benevolencia, que a Senhora dispoz, se abrio; ou abrio ella pela sua piedade huma grande porta, para a uniaõ que se desejava, & para as conversoens, & reduçoens dos Gentios, & dos Scismaticos. Todas estas, & outras muyto grandes maravilhas, obra aquella poderosa Senhora a favor daquellas almas. Da Senhora da Assumpçaõ de Angamalle, faz mençaõ o Padre M. Francisco de Sousa no seu Oriente Conquistado part. 2. Conquista 1. Divis. 2. n. 31.

TITULO XXVIII.

Da Imagem de nossa Senhora da Madre de Deos de Cochim.

183 O Collegio da Sagrada Companhia da Cidade de Cochim, he dedicado à Rainha dos Anjos, com o titulo da Mãy de Deos; ou da Madre de Deos, como se diz commummente. He esta amorosa Mãy dos peccadores, sempre o nosso amparo, & remedio: & assim a favor delles tem obrado grandes prodigios: para assim os mover os Christãos, para que melhorem as vidas; & se apartem de seus enormes peccados; & aos Gentios para que se convertaõ à Fé, & ao conhecimento do verdadeyro Deos. Taõ grande

era a devoçaõ dos Christãos para com aquella Senhora, que parece ella meſma os eſtava atrahindo a ſi, & daqui naſcia huma grande frequencia dos Sacramentos: porque nas feſtas do anno paſſavaõ as confiſſoens de ſetecentas. E no dia da ſua principal ſolemnidade, paſſavaõ de nove centas. Era muyto pobre aquelle Collegio: mas a Senhora de tal ſorte movia os coraçoens dos Chriſtãos; que todos com muyta liberalidade acudiaõ com o neceſſario para o ſuſtento daquelles Padres.

184 Notaveis foraõ as converſoens de alguns Gentios a quem a Mãy de Deos interiormente diſpunha; mandando-os a buſcar a ſalvaçaõ, por meyo do ſagrado Bautiſmo. A' Igreja de Santiago de Palurte, foy hum Gentio a pedir o Bautiſmo; dizendo que o fazia conſtrangido de huma reprehençaõ da Rainha da Gloria, a qual lhe apparecéra em ſonhos muyto reſplandecente, eſtranhando-lhe muyto o naõ ſe haver bautizado, havendo tantos tempos, que os Padres reſidiaõ naquelle lugar. He aquella reſidencia ſugeyta tambem ao Collegio de Cochim.

185 Indo em hum dia de Santiago dous Padres a viſitar alguns Chriſtãos, que viviaõ nos arrabaldes da Cidade de Cochim; & deſejavaõ muyto converter a hum Gentio, por ſer bem quiſto de todos, & muyto affeyçoado à gente Portugueza: & porque depois de repetidas diligencias o naõ podiaõ acabar de reduzir; recorréraõ a noſſo Senhor, & a noſſa Senhora, por meyo das oraçoens dos fieis. Neſta occaſiaõ em que os Padres foraõ aos arrebaldes entráraõ em caſa deſte Gentio. Saudáraõ-no, & depois das coſtumadas cortezias, o admoeſtou hum delles, com muyta brandura, a profeſſar a Ley de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, para poder alcançar as felicidades da outra vida. Já que aſſim o quereis, reſpondeo o Gentio; ſeja aſſim, eu me quero bautizar porque neſta noyte paſſada, me appareceo huma Matrona de ſobre natural beleza, & fermoſura, que devia ſer a Virgem Maria noſſa Senhora, a qual me diſſe, que eſta manhãa ha-

via de chegar aqui hum Padre da Companhia, & que fizeſſe o que elle me ordenaſſe, & aſſim eu me quero bautizar com toda a minha familia.

186 Ou iſto foſſe viſaõ, ou ſonho, em que a amoroſa, & ſolicita Mãy dos peccadores appareceo a eſte ditoſo Gentio: o certo he que elle ſe bautizou com toda a ſua familia, & com muyta devoçaõ; o que naõ podia ſer ſem eſpecial favor da ſoberana Rainha dos Anjos. E por eſte modo outros muytos encaminhou a Mãy de Deos ao Bautiſmo, & ao conhecimento do verdadeyro Deos.

187 Por obra tambem da meſma Santiſſima Senhora ſe teve outra maravilha: & foy que naſcendo a hum Gentio principal da meſma Cidade, huma filha cega dos olhos: ou para melhor dizer ſem olhos, porque os tinha cubertos de carne. Vendo iſto o Gentio, fez voto a noſſo Senhor Jeſu Chriſto, de a fazer Chriſtãa ſe lhe deſſe viſta. Feyto o voto recebeo a menina viſta perfeyta, & ficou livre de todo, daquelle impedimento, que lhe fechára os olhos. A' luz de taõ grande maravilha ficou o Gentio cego, como de antes era, & naõ tratou de dar comprimento ao ſeu voto. Mas Deos pelos olhos corporaes, queria introduzir o reſplandor da Fé, na alma da innocente. Deo-lhe huma doença taõ aguda, que a poz às portas da morte. Neſte aperto ſe lembrou entaõ o pay da ſua ingratidaõ, & de naõ haver comprido o voto, que fizera. E arrependido da ſua cega oſtinaçaõ levou a menina à Igreja, aonde foy bautizada; & logo com o ſanto Bautiſmo recuperou a ſaude. Da Senhora da Madre de Deos faz menção no ſeu Oriente Conquiſtado o Padre Meſtre Franciſco de Souſa, parte 2. Conquiſta 1. Diviſ. 1. n. 34. & Conquiſta tambem primeyra Diviſ. 1. num. 34.

TI.

TITULO XXIX.

Da Imagem de N. Senhora a Victoriosa em a Cidade de Cananor.

188 HUma grande armada de Barbaros Malavares, buscou ao Capitaõ de Cananor Dom Lourenço de Almeyda, junto à mesma Cidade no anno de 1506. Cõstava a armada de mais de oytenta & quatro naos de alto bordo: & os Paraòs, & fustas eraõ mais de cento & trinta fóra outras muytas embarcaçoens pequenas; & vinha muyto bem guarnecida de gente, artelharia, & mais armas, & petrexos. Com a fama desta grande armada que o buscava, ajuntou o Almeyda onze navios, com poucos Paraòs, & algumas fustas, & apressadamente as proveo de oyto centos Portuguezes, fóra a marinhagem. E sahindo contra os inimigos, chegando a tiro de peça; vendo Dom Lourenço tam grande multidaõ de inimigos: fez confessar os soldados, como he costume: & depois fez voto à Virgem Maria, sempre Victoriosa, de lhe edificar huma Igreja, se ella os ajudasse; & favorecesse; para destruir, & a fugentar aos Mouros Malavares inimigos da Fé, & do nome de seu Santissimo Filho. Depois considerando no pouco numero da sua armada, com grande arte, para que naõ pudesse ser cercado dos Malavares, & da sua artelharia, dividio a sua armada, & sahindo com o beneficio de vento fresco, contra os inimigos, lhe desfez o seu arbitrio.

189 Deyxo a longa relaçaõ que faz o Author, em que descreve este grande successo, & victoria, que conseguiraõ os nossos Portuguezes, por favor de nossa Senhora contra os Mouros Malavares, & vou a diante. Feyto pelo Capitaõ Dom Lourenço o voto; investio com os inimigos, & alcançou delles huma glorioſa victoria, com o favor, & assistencia da soberana Virgem Maria: porque lhe matou tres mil homens; perdendo sómente dos seus soldados seis. O qual successo

cesso mostrou o Divino auxilio, sem nenhuma duvida. Cativou nove naos carregadas de riquezas (metendo das mais muytas no fundo) & com ellas entrou em o Porto de Cananor, da qual Cidade se estava vendo o conflito, & a vitoria com grande louvor do povo, & do mesmo Rey daquelle Reyno.

190 A primeyra cousa que logo fez o Capitaõ D. Lourenço de Almeyda, foy edificar à Senhora dentro da Fortaleza que ficava em huma ponta da Cidade huma Ermida, que dedicou à Senhora da Vitoria, como o havia promettido, no principio da batalha. Fr. Antonio de Saõ Romaõ diz que consagrou huma Mesquita, & que a dedicou à Senhora. Nesta casa era a Senhora buscada com grande veneraçaõ, pela memoria da grande vitoria, que havia dado aos seus filhos, os Portuguezes: cujas maravilhas se foraõ augmentando cada vez mais, com outros successos. Depois succedeo que sendo cercada aquella Fortaleza dos mesmos Barbaros, no seguinte anno de 1507. em tempo que ella estava desprovida de gente, & de mantimentos, & recorrendo os cercados à Senhora em extrema necessidade em que se viaõ de fome: porque naõ tinham esperança de donde lhe ouvesse de vir soccorro. Neste trabalho recorriaõ todos os dias à Senhora pedindo, lhes alcançasse de Deos o remedio de que necessitavaõ, para que naõ viessem a ser despojo nem ludibrio dos Barbaros. E assim entrando todos cheyos de angustia, & de fome quasi mortos, se foraõ a rogar à Clementissima Virgem, se lembrasse delles, & lhes alcançasse o perdaõ de seus peccados, que reconheciaõ serem muytos, & graves, & que por elles padeciaõ aquelle prezente castigo, & que abrandasse a seu Santissimo Filho justamente irado contra elles, alcançando lhe a vida capaz, & quando naõ os salvasse, & perdoasse, pela sua infinita misericordia.

191 Seguio-se logo o celebrarse Missa à Senhora, & estando em o Canon, em o dia de sua Assumpçaõ, para que ninguem duvidasse do milagre, se embraveceo repentina-

mente

mente o mar, & lhe lançou hum grande numero de lagoſtas junto às portas da meſma Igreja da Senhora as quaes ſendo recolhidas com grande alegria dos Portuguezes: tiveraõ para muytos dias com que matar a fome. E como aquelle mariſco he naquellas partes muyto ſalutifero, tiveraõ tambem os enfermos com que melhorar, & convalecer. E daqui começou ainda a ſer muyto mayor a devoçaõ para com a Senhora da Vitoria, & ella os livrou daquelle trabalhoſo cerco. Deſta Senhora eſcreve o Padre Joaõ Pedro Maſeu l. 3. Hiſt. Ind. & o Atlas Cent. 10. n. 945. & o Padre Fr. Antonio de Saõ Romaõ na ſua Hiſt. da India l. 1. c. 11.

TITULO XXX.

Da Imagem de noſſa Senhora de Socotorá, ou da Vitoria em a India.

192 EM tempo d'ElRey D. Manoel, foy mandado à Ilha de Socotorá, o General Triſtaõ da Cunha; para que della lançaſſe fóra os Mouros Arabios, que a haviaõ tomado, & preſidiado: & como já ſenhores della a defendiaõ. Foy Triſtaõ da Cunha no anno de 1507. & depois de deſtruir aos Mouros todos, ſem deyxar a nenhum com vida. Vieraõ os naturaes, que eraõ Chriſtãos, & viviaõ naquella Ilha deſde o tempo do Apoſtolo Saõ Thomè: mas pela viſinhança, que tinhaõ com a Ethiopia eſtavaõ inficionados com a heregia dos Jacobitas, & afaſtados da obediencia do Romano Pontifice, & ſe circuncidavaõ, & cahiaõ em outros erros da ſuperſtiçaõ judaica. Eſtes ſe lançáraõ aos Padres de Triſtaõ da Cunha, & lhe deraõ as graças de os livrar da vexaçaõ, que haviaõ padecido, & lhe pediraõ com muytas lagrimas os livraſſe pelo amor de Jeſu Chriſto, da cruel ſujeyçaõ dos Reys da Arabia. Aos quaes reſpondeo, que elle fora mandado por ElRey Dom Manoel ſeu Senhor, que eſtava deſejoſiſſimo do bem de ſuas almas: pela qual razaõ

zaõ elle lhes seria de presidio contra os Arabes, & contra todos os Mouros; aos quaes refrearia. E que tambem lhe daria Ministros,& Prelado que os doutrinasse a todos, com muyta virtude,& santidade.E depois de mandar purificar aMesquita,a fez consagrar em Templo Catholico,dedicado a N. Senhora da Vitoria.

193 Finalmente convertida a Mesquita em casa da Mãy de Deos, com grande consolaçaõ daquelles naturaes: pediraõ logo muytos delles oBautismo em que trabalhou com incansavel zelo o Apostolico Varaõ, Fr. Antonio de S. Francisco, da Ordem dos Menores, que os doutrinava, & guiava pelo caminho do Ceo. Entregou logo Tristaõ da Cunha a Fortaleza a Dom Affonso de Noronha, para que elle defendesse aquelles Socotoranos, & os amparasse contra os assaltos de seus inimigos. E por favor, & beneficio da Virgem nossa Senhora, foraõ conservados, & defendidos todos aquelles Christãos de todos os seus inimigos:aos quaes a piedosa Rainha dos Anjos favorecia, & acudia com a sua piedosa clemencia em todos os seus trabalhos. E elles com grande fé, & confiança a buscavaõ. E porque eraõ singellos, & sem malicia, ainda com muyto mayor piedade lhe acudiria a Misericordiosa Senhora: & elles reconheciaõ q̃ por grande beneficio da mesma Senhora, os livrára Deos do pezado jugo dos Mouros. Desta Senhora escreve o Padre Mafeu na Historia da India l.3.& o Atlas Mariano Centur.10.n.963.& Fr. Antonio de Saõ Romaõ na Hist.Géral da India l.1.c.20.

TITULO XXXI.

Da Imagem de nossa Senhora das Boas-novas da Ilha das Ostras, junto a Cochim.

194 OS primeyros filhos do Patriarca Saõ Domingos, que passáraõ à India Oriental, foy no anno de 1503 que foraõ cinco em companhia daquelle General

ral sempre grande, Affonso de Albuquerque, os quaes com grande zelo se occupáraõ, na prégaçaõ do Santo Evangelho, & conversaõ da Gentilidade. Depois em o anno de 1548. foy huma grande Missaõ, em que foraõ doze Varoens Apostolicos, & leváraõ por seu Prelado, & Vigario Géral o veneravel Padre Fr. Diogo Bermudes, & todos obráraõ grandes proezas na espiritual milicia do Senhor: fundáraõ muytos Conventos em todas as Cidades, & povoaçoens nobres, que foraõ siminarios de santidade, & de virtudes. Hum destes foy o de Cochim. Possue este Convento huma Ilha; de cujos rendimentos, & frutos se sustentaõ os Religiosos delle; de que lhe fizeraõ mercè os Senhores Reys de Portugal. Aqui nesta Ilha, a quem daõ o nome das Ostras, edificáraõ huma Ermida os Religiosos, que dedicáraõ à soberana Rainha dos Anjos Maria Santissima, & deraõ-lhe a invocaçaõ, & o titulo das Boas-novas; titulo muyto agradavel a todos: porque sempre os que vivem no estado da India suspiraõ por boas novas, & como os homens, como ordinariamente vemos, sempre as desejaõ: para as alcançarem boas se valem do favor de Maria Santissima, & ella pela sua piedade as costuma dar, sempre boas, & tanto que por esta causa; he a sua fermosa Igreja, hum dos mais frequentados Santuarios da India: porque de muytas partes, vaõ em romaria a visitar a esta grande Senhora. Huns a dar-lhe as graças das boas novas, que lhe deu. E outros a encomendarlhe os seus negocios, para que ella os patrocine, & delles lhes traga boas novas, & lhos encaminhe de sorte, que sejaõ muyto bem succedidos. E naõ só nos negocios temporaes; mas nos espirituaes, que por serem os de mayor importancia, lhes alcança a misericordiosa Senhora os felices successos, & a melhor nova, que he o de serem gratos a Deos pela graça que lhes alcança, para bem obrarem, nas materias de sua salvaçaõ. Da Senhora das Boas-novas de Cochim faz menção o P. Fr. Luis de Sousa na sua Hist. Dominicana part. 3. l. 5. cap. 12.

TI-

TITULO XXXII.

Da Imagem de noſſa Senhora dos Anjos que ſe venera no Hoſpital dos Joannes em Cochim.

195 PElos annos de 1590 & tantos, vivia na Cidade de Cochim hum virtuoſo Sacerdote Portuguez, chamado Joaõ de Deos, que tomou o nome deſte Caritativo Santo quiçá, diz Jorge Cardoſo que foſſe ſeu natural; porque naõ conſta da terra em que naſceo. Eſte paſſando à India, & aſſiſtindo na Cidade de Cochim, aonde ſe ordenou, levado da caridade, ou aprendendo-a do Santo Joaõ de Deos, Patriarca dos Hoſpitaleyros, erigio à imitaçaõ do Santo, de eſmollas que ajuntou, & acquirio de peſſoas devotas, por ſua induſtria, & ſanto zelo, hum Hoſpital, para recolher nelle os pobres miſeraveis, & deſamparados, aos quaes ſervia, & curava com eximia caridade. Neſte Hoſpital levantou huma Ermida, ou Oratorio que dedicou à Mãy de Deos, com o titulo de noſſa Senhora dos Anjos, que he a ſaude, & o remedio dos enfermos daquelle Hoſpital, & de todos os mais que ſabem recorrer a ella, & valerſe da ſua pidade. Com eſta Senhora tinha o devoto Sacerdote grande devoçaõ: & aſſim lhe fez muytos favores, & naõ foy o menor delles, o diſpor que debayxo do ſeu Altar ſe lhe deſſe ſepultura. A eſte Hoſpital chamaõ hoje o Hoſpital dos Joannes por aluzaõ ao nome dos dous Miniſtros da caridade Saõ Joaõ de Deos, & o Padre Joaõ de Deos. Deſta Senhora faz mençaõ Jorge Cardoſo no ſeu Agiologio Luſit. tom. 2. pag. 245. & o Padre Sebaſtiaõ Gonçales, na Chronica da Companhia do Oriente. liv. 7. cap. 9. eſcrita no anno de 1614.

TITULO XXXIII.

Da Imagem de nossa Senhora das Lagrimas, ou Remedios, que na Cidade de Malaca resplandeceo em milagres, & hoje se venera na Cidade de Goa.

196 LOgra Maria Santissima o titulo das Lagrimas, pelas muytas que derramou, pelo nosso remedio, & salvaçaõ, que como amorosa May as derramou naõ tanto por ver ao Santissimo Filho morto; mas pelo remedio dos que foraõ culpados na sua morte que saõ todos os que o offendem. Muytos Expositores, & Santos Padres applicam no sentido acomodativo à Senhora aquelles versos dos Trenos do Profeta Jeremias: *Plorans ploravit in nocte, & lacrymæ ejus in maxilis ejus.* E no mesmo lugar em o numero 16. *Ego plorans, & oculus meus deducens aquas.* E porque chorava esta Senhora, figurada em Jerusalem? Senaõ porque via aos seus filhos, cercados, & cativos de seus infernaes inimigos: *Facti sunt filij mei perditi, quoniam invaluit inimicus.* A perdiçaõ dos filhos, ou dos que ama como filhos, & o haver prevalecido contra elles o inimigo, q̃ os arruina, he o q̃ com tantas, & taõ continuas lagrimas, diz o Profeta q̃ chora a Senhora. Naõ diz que chora lagrimas pela sua perda propria; senaõ pela perda, & miseria dos peccadores que ama: que menos sente a Senhora verse a si mesma com perdas, de que as almas dos peccadores com ruinas. No Calvario estava a Senhora junto da Cruz do Filho morto, com os olhos muyto fixos nelle: & diz Santo Ambrosio que naquella piedosa attençaõ dos olhos da Senhora, naõ attendia tanto a sentir a perda do Filho que perdia; como a saude, & salvaçaõ do genero humano, que amava: *Pijs spectabat oculis non filij mortem, sed mundi salutem.* Pois se esta misericordiosa Senhora tanto attende ao nosso bem, & remedio, que derramou copiosas lagrimas de seus santissimos olhos; que razaõ teraõ os pecca-

Jerem c. 1. n 2. Cap. 16.

S. Ambros.

peccadores, para a naõ amarem, & servirem com grande, & fervorosa devoçaõ. E o ver tambem esta mesma demõstraçaõ nas suas Santissimas Imagens, era muyto bastante motivo; para que todos à sua vista fossem outros, & que com as melhoras da vida, soubessem merecer à Senhora, estas suas grandes finezas.

197 Entre as Igrejas Parroquias da Cidade, & Fortaleza de Malaca, de quem fallamos nos titulos antecedentes; foy huma a do Protomartyr Santo Estevaõ. Nesta collocou a devoçaõ dos Portuguezes, huma devotissima Imagem da Mãy de Deos, a quem impuzeraõ o titulo da Senhora dos Remedios: & foy isto pouco depois que se tomou esta Cidade ao Malayo pelo grande Albuquerque, & verdadeyramente do Ceo lhe veyo este titulo; porque foy sempre esta Senhora o remedio de todos aquelles Christãos, que viviaõ naquella Cidade, porque nenhum a buscava em seus trabalhos, & afflições, que naõ achasse nella alivios de que necessitava. E assim era assistida com grande culto, & devoçaõ em huma rica Capella particular da mesma Igreja de Santo Estevaõ; que lhe edificáraõ os seus devotos, obrigados dos grandes favores, que della recebiaõ.

198 As maravilhas que esta Senhora começou logo a obrar; & continuamente obrou, em todos os tempos, se viraõ mais admiraveis no anno de 1622. como refere o P. Queyròs na vida do veneravel Irmão Pedro de Basto da Sagrada Companhia de Jesus. Mas antes que passemos a referillas; he de saber, que sendo as maldades (que se comettiaõ em Malaca, & mais partes do Sul) horrendas, & as culpas enormes, assim de roubos, forças, estupros, como de outros muytos, & abominaveis delitos; querendo a Divina Misericordia avisar aquelles esquecidos, & alienados peccadores, para que despertassem do letargo de suas culpas, & vivessem como verdadeyros Christãos: permittio (como costuma sempre avisarnos com alguns prodigios) que a Imagem de sua Santissima Mãy, a Senhora dos Remedios chorasse, por es- Luc. 3. cap. 12.

paço de tres dias, & foy na fórma que agora referiremos.

199 Antes da Assençaõ do Senhor em as Ladainhas de Mayo; estando a Senhora collocada na sua Capella, se vio começar no primeyro dia que foy à segunda feyra. Deuse logo parte deste estupendo prodigio ao Bispo daquella Cidade, que era entaõ Dom Gonçallo da Silva; o qual mandou pessoas de toda a satisfaçaõ, para que fossem, & que com todo o cuydado, & diligencia estiveſſem attentos para verem se era assim o milagre como se dizia. Estando todos com summa attençaõ, em o segundo dia viraõ que a Senhora se immutava, & chorava, & neste dia ainda mais, que no primeyro: com cuja vista se enternecéraõ muyto os coraçoens dos circunstantes. E no terceyro dia succedeo o mesmo (que parece mostrava já naquellas lagrimas, & sentimentos, os males futuros, que havia de padecer aquella miseravel Cidade, & que eraõ prefagios de sua total ruina, aonde se poderia revogar a sentença deste castigo, se à vista da maravilha, que na Senhora viam, se emendassem os peccadores, & chorassem os seus peccados: pois para isso lhe prégava o Ceo com aquelles sentimentos; com que aquella misericordiosa Mãy dos mesmos peccadores, chorava as culpas, com que elles, taõ gravemente tinhaõ offendido a seu Santissimo Filho.) Nesta occasiaõ chegou huma pessoa devota à Senhora, & lhe alimpou as lagrimas com hum lenço, que guardou como preciosa reliquia, do qual repartio depois com algumas outras pessoas.

200 No mesmo tempo que a Senhora chorava, & fazia o Ceo aquelles sentimento, se vio que as janellas da Capella, que diziaõ para a parte do mar, se fechéraõ com estrondo ficando a Capella toda escura. Tambem se reparou, em que o rosto da Senhora se mostrava muyto triste, & desmayado; como de pessoa que padecia huma grande pena, & affliçaõ. Tanto como isto mostrava aquella piedosa Mãy, o muyto que já sentia os grandes castigos, que estavaõ para vir contra aquelles miseraveis moradores de Malaca. Authenticouse o

mila-

milagre pelo Bispo; que ordenou tambem se fizesse huma procissaõ solemne de publica penitencia; que sahio da Sé, & foy acabar em a mesma Igreja de Santo Estevaõ, aonde estava a Capella da Senhora; na qual hia o Bispo para dar exemplo aos mais, com o Clero, & Religiosos da Cidade, & todo o mais povo; assim homens como mulheres, & todos vestidos de penitencia: segundo a devoçaõ de cada hum. Depois de se recolher a procissaõ, ouve Sermaõ em que todos derramavaõ muytas lagrimas de contriçaõ, & dor de suas culpas. E por memoria deste grande prodigio, todos os annos no mesmo dia em que a Senhora havia chorado, se celebrava na mesma Parroquia, a festa das lagrimas com muyta solemnidade, & concurso dos moradores.

201 Depois deste notavel successo; porq̃ a emenda naõ devia ser a que o Senhor esperava, se começou a padecer naquella Cidade, & Fortaleza de Malaca hũa grande fome, & falta de mantimentos: & compadecido Deos (pela intercessaõ da Senhora dos Remedios) daquelles ingratos homẽs, pelos ver compungidos, dispoz a sua infinita bondade, que os barcos, q̃ de Bengalla navegavaõ a Cochim com ventos contrarios arribassem à Fortaleza de Malaca, para lhes matar a fome, & com este beneficio ouve bastante fartura. Mas: *Incravatus est dilectus, & recalcitravit*; parece que a abundancia os fez tornar ao que antes eraõ, & ao q̃ obravaõ; porque depois de se passarem tres annos deste prodigioso successo; veyo sobre aquella Fortaleza hũa cruel epedemia, & mortal peste; da qual morriaõ muytos assim homens como mulheres repentinamente. Porq̃ sahiaõ de suas casas sãos, & bem dispostos, & de repente cahiaõ mortos pelas ruas, & praças da Cidade. E nos mais valentes, & robustos, fazia a peste mayor impressaõ.

202 No mesmo tempo em que a peste naõ perdoava a ninguem, era taõ grande a fome, & a falta dos mantimentos, que valia huma medida de arroz huma tanga, & com grande difficuldade se descubria; com que os pobres padeciaõ ao desamparo: porque naõ havia para elles o remedio

de que neceſſitavaõ. Neſte grande conflicto ſe viaõ todos os moradores de Malaca, eſperando cada hũ a morte, & naõ ſey ſe ſentiaõ, de que ella naõ chegaſſe taõ depreſſa como ella o fazia com muytos. A eſtes grandes males, ſeguio outra grande peſte do mao, & ambicioſo governo dos Capitaens, & Governadores daquella Cidade. E ultimamente o cerco dos Olandezes, & dos Achens unidos com elles.

203 Durou o cerco por eſpaço de hum anno, ou mais em que ſe padeceo muyto, & baſtando em outros tempos muyto limitados ſoccorros, neſta occaſiaõ (em que ſe vio claramente o quanto o Ceo eſtava irritado) naõ baſtáraõ grandes ſoccorros, tudo ſe malogrou, tudo ſe perdeo: perdeo-ſe a armada alli acabou aquelle terror dos meſmos Olandezes, o grande Nuno Alvres Botelho, que na ſua morte ſe julgou entaõ tudo por perdido. Chegou o anno de 1640. ou 1641. & nelle ſe entregou aos Olandezes aquella Cidade, & Reyno de que aos Reys de Portugal, & ſeus vaſſallos reſultavaõ taõ grandes intereſſes temporaes.

204 Na grande aſſolaçaõ que neſta Cidade fizeraõ os Olandezes, ſe vio que Deos os havia tomado por Miniſtros de ſua juſtiça, irritada contra aquelles deſcuydados homens do muyto que deviaõ eſtimar a ſua ſalvaçaõ. Naõ ſe pòde explicar com palavras as tyrannias que nella obráraõ, nem as crueldades que executáraõ naquella miſeravel gente. Naõ perdoáraõ ao ſagrado, nem eſcapou de ſuas ſacrilegas mãos a Santiſſima Imagem da Senhora dos Remedios: porque lhe deraõ muytas cutiladas, & lhe cortáraõ hum braço (que depois conſertado, ficou de tal ſorte unido, que ſenaõ conhece o golpe.) Neſta occaſiaõ os Chriſtãos da terra; como mais fervoroſo, vendo a Cidade perdida, & entrada tomáraõ a Senhora: o que naõ puderaõ fazer ſem o diſpendio de huma cantidade de patacas, & com ella foraõ fugindo para os matos: aonde fugindo de hum lugar, para outro a levavaõ ſempre comſigo, & a ſerviaõ, & veneravaõ; fazendo-lhe ſempre aquelles que a tiveraõ em ſua companhia, a reverencia que

lhe

lhe era devida, & isto com muyta mais solemnidade do que permittia o lugar, & o tempo em que se achavaõ; por mais que os Olandezes lho encontravaõ; buscando a Santa Imagem para a maltratarem, & injuriarem se pudessem, como succedeo em huma occasiaõ, em que festejavaõ a Senhora; porque dando de improviso com elles os Olandezes, que hiaõ com maõ armada, & apanhando-os descuydados, & desapercebidos os maltratáraõ, & prendéraõ, tomando-lhe a sagrada Imagem da Senhora, que leváraõ comsigo para Malaca: aonde lhe fizeraõ outras novas injurias, & desacatos; porque a lançáraõ no fogo varias vezes; mas de todas alivrou o Senhor de suas chãmas, ou elle soube reconhecer, & respeytar a Mãy de seu Creador, o que naõ sabiaõ conhecer aquelles crueis, & sacrilegos Hereges. Estes vendo que o fogo a naõ consumira, & abrazára como elles queriaõ devendo converterse com este prodigio; com elle mais cegos, & obstinados a lançáraõ de hũa janella abayxo; aonde os Christãos que havia na Cidade a tomáraõ com reverencia, permitindo-lho assim algũ daquelles Hereges pelas peytas que os Christãos lhe deraõ de pessas, & dinheyro.

205 Levaraõ na estes Christãos de Malaca, & occultaraõ-na quanto lhes foy possivel; porq̃ os Olandezes ambiciosos ao menos das dadivas, que lhe podiaõ dar a naõ tornassem a buscar. Occultáraõ-na em huma casa aonde os fieis que havia na Cidade a hiaõ ver, & venerar, & lhe faziaõ toda a reverencia q̃ se lhe devia, como a Imagem da Mãy de Deos obradora de tantos, & taõ grandes prodigios. Mas como alli naõ estava segura das crueldades Olandezas, dispoz o Doutor Paulo da Costa Governador, & Vigario Géral, q̃ era actualmente da Cidade de Malaca em cuja casa a Senhora estava; q̃ se sahissem com ella daquella Cidade, para a de Macassá. Este Paulo da Costa era Varaõ pio, & devotissimo de N. Senhora, & assim a quiz acompanhar de Malaca para a Cidade de Macassá, em companhia de outros Christãos da terra. E como no Macassá ficavaõ já distantes dos Olandezes, & a seu

parecer livres de que elles os pudeſſem inquietar, ſerviaõ a Senhora com muyta devoçaõ, & grandeza fazendo as ſuas feſtas com toda a celebridade que lhes era poſſivel de Miſſa cantada, & Sermaõ, & o mais que elles podiaõ; offerecendo os Chriſtãos generoſamente tudo o que era neceſſario, para o culto, & ſerviço da Senhora. Mas já neſte tempo a naõ invocavaõ com o titulo dos Remedios: porque depois do ſucceſſo das Lagrimas deyxado o primeyro titulo dos Remedios, lhe deraõ o das Lagrimas: ſem duvida parece o deſpoz aſſim a Senhora: porque como ella o naõ pode conſeguir para os moradores de Malaca, porque lho embargáraõ as ſuas grandes culpas, quiz conſervar o titulo das Lagrimas; para lhe alcançar o perdam dellas: & quiz antes com as lagrimas nos olhos teſtificar o ſentimento da ſua perda, & ficar com o titulo de magoada, do que com a invocaçaõ de Remediadora.

206 Naõ durou muytos annos eſte ſoſſego em que os deſterrados filhos de Malaca viviaõ em o Reyno de Macaſſá; porque os Olandezes com o odio que tinhaõ aos verdadeyros Catholicos, naõ ceſſavaõ de maquinar contra elles todo o mal que lhes podiaõ fazer: & de executar tambem o que tinhaõ as ſagradas Imagens (que venerando, & eſtimando em muyto eſtes cegos homens as Imagens de ſeus Principes, & as ſuas proprias aborrecem as de Deos, & as da Mãy de Deos,) & as couſas ſagradas. E aſſim tratáraõ com ElRey Pòr Suduxuvaõ, que perſeguiſſe aos Chriſtãos. E como eſte era Mouro naõ duvidou de o executar, pelo odio que elles tambem tem a Fé, & Ley de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, & aos que a guardaõ, & obſervaõ. Pediraõ a ElRey Pòr, que mandaſſe derribar as Igrejas queymar as Santas Imagens profanar todo o ſagrado, & fazer todo o deſacato, que pudeſſe ao culto que os Catholicos davaõ a Deos.

207 Vendo o Doutor Paulo da Coſta, Governador do Biſpado de Malaca aquelle grande trabalho, & perſeguiçaõ, temendo que a Imagem da Senhora, vieſſe a padecer novas

in-

injurias, & desacatos, a recolheo a si, & embarcando-se com ella em hum navio fez viagem a Macao, em o Imperio da China. Daqui se embarcou para o Invio, & chegou a Goa no anno de 1666. E nesta Cidade fez doaçaõ da Santa Imagem à casa Professa do Bom Jesus dos Padres da Companhia, sendo Provincial della o Padre Antonio Botelho, & Proposito da casa Professa o Padre Joaõ Cabral; que andando pelas partes do Sul em Missaõ, prégou algumas vezes na solemnidade desta Senhora, em a Cidade do Macassá.

208 Vesse hoje esta sagrada Imagem collocada com grande reverencia, & servida com devoto, & fervoroso culto na Capella do Archanjo S. Miguel. E aqui he buscada frequentemente, & visitada de todo o povo de Goa; que em seus trabalhos, & afflições achaõ em a Mãy de Deos certos, & promptos os remedios. Esta Senhora como fica dito, era invocada, quando esteve em Malaca com o titulo dos Remedios; mas depois que a viraõ chorar a sua ruina por espaço de tres dias, lhe deraõ este segundo titulo das Lagrimas. Havia-se instituido na Igreja do Collegio da mesma Companhia da Cidade de Goa a nova Congregaçaõ, & Irmandade do Soccorro, erecta em o novo Reyno de Granada de Indias, q̃ estava approvada pela Santidade de Innocencio X. E à vista da grande devoçaõ, que todo o povo de Goa tinha a esta sagrada Imagem, resolveraõ os Padres, que esta Irmandade ficasse debayxo da sua protecçaõ. E assim se ouve o consentimento do Cabido Primacial das Indias Orientais, para a mudança: dando-se à Senhora o titulo do Soccorro. E com este he invocada hoje em Goa; nossa Senhora do Soccorro das Lagrimas: & o mesmo vem a ser Remedios que Soccorro, porque entre o remediar, & o Soccorrer naõ ha nenhuma differença.

209 No tempo que esta Senhora esteve em Malaca, antes, & depois de chorar, & em os matos, & em Macassá obrou notaveis prodigios, & milagres: mas as memorias destas maravilhas, & milagres destruiraõ os hereges Olandezes quando tomáraõ Malaca. E depois ElRey Pòr Suduxuvaõ em

Macassá que destruhio,& queymou tudo o que pertencia ao santo culto, & veneraçaõ, com que os Christãos a serviaõ. E foy verdadeyramente hum grande milagre da Senhora o poderse occultar com tantos riscos; devendo-se muyto ao zelo, & devoçaõ do Doutor Paulo da Costa, & dos Christãos da terra; & muyto principalmente, a grande devoçaõ das mulheres o poderse occultar (que saõ estas ainda que Indianas, finissimas no zelo da Fé, & devotissimas de nossa Senhora: que lhe pagaria muy bem estas finezas) & escapar entre tantos inimigos. E naõ se póde encarecer o sentimento com que ficáraõ, quando viraõ, que atè a consolaçaõ, que tinhaõ na companhia da Senhora lhes faltava, naquelle seu cativeyro em que ficaváõ.

210 He a Imagem da Senhora do Soccorro, ou dos Remedios de escultura de Madeyra estofada, a sua estatura saõ seis palmos: & de soberana fermosura. Tem sobre o braço direyto ao Menino Deos, está collocada em hum nicho que se fez no meyo do Retabolo. De Goa nos remetteo o muyto R.P.Fr. Joaõ da Graça, Prior que foy do Convento de N. Senhora da Graça de Goa, huma copia da Certidaõ, que deu aos Padres da casa Professa daqual consta muyto do que fica referido, & quiz lançar aqui.

» 211 O Lecenciado Paulo da Costa, Governador que
» foy do Bispado de Malaca; certifico trazer comigo huma
» Imagem de nossa Senhora de pao, de seis palmos de alto,
» pouco mais ou menos, com seu Menino sobre o braço direy-
» to, da invocaçaõ da Senhora dos Remedios, que por indus-
» tria de pessoas devotas, & minha escapou da perseguiçaõ das
» Imagens, que os Olandezes fizeraõ na tomada de Malaca,
» aonde esta Senhora esteve quando a dita Cidade era nossa:
» em huma Capella da Igreja, & Freguesia de Santo Este-
» vaõ. E depois de tomada a Cidade, com grandes trabalhos
» a levey comigo, para varias partes, por onde andey no Sul,
» & de minha pobreza, & esmollas de outras pessoas, lhe fuy
» fazendo alguns ornatos; a saber huma coroa de ouro, de pe-

zo de pouco menos de hum paõ de ouro da China, com„ ſuas pedras falſas; outra coroa de prata, & outra de cobre„ dourado: hum turibulo, & naveta, dous calices, huma ſal-„ va com ſuas galhetas, tudo de prata: hum ornamento branco„ da China, baſtante de frontal, & caſula; o que tudo com a„ Imagem dou, & faço de tudo, & della doaçaõ à Igreja da ca-„ ſa Profeſſa da Companhia de Jeſus da Cidade de Goa; para„ que a colloquem os Padres em lugar publico, por minha„ devoçaõ; para ſer venerada dos fieis como a Virgem Senhora„ merece: & por ſer tudo verdade, & ſer eſta doaçaõ feyta de„ minha livre vontade paſſey eſta em que me aſſiney. Goa aos„ 6. de Agoſto de 1667. annos. O Lecenciado Paulo da Coſta.„

Da Senhora dos Remedios, ou do Soccorro, & Lagrimas: titulo hoje o mais conhecido; alèm das relaçoens, que nos vieraõ da India, eſcreve o Padre Fernaõ de Queyròs na vida do Irmão Pedro de Baſto, da meſma Companhia liv. 3. c. 13.

TITULO XXXIV.

Da Imagem de N. Senhora dos Milagres de Jafanapataõ que hoje ſe venera em a Cidade de Goa.

212 A Ilha de Ceylaõ he huma das mais notaveis, & a melhor de todo o Oriente; & ainda que pela mayor parte he montuoſa, he muyto fertil, igualmente deliciosa. Fica de fronte do Cabo de Camori em diſtancia, de dezaſeis legoas nas quaes o mar comeo a terra (como dizem) eſtando antes unida a terra firme. Tem de circunferencia cento & cincoenta legoas, outros dizem quaſi trezentas, quarenta & quatro de largo, & ſetenta & oyto de comprido, metidas todas em figura ovada. Os naturaes ſaõ Gentios, & chamados geralmente Chingalas; por occaſiaõ dos Chinas, que vivendo algum tempo neſta Ilha, moravaõ de ordinario junto ao porto de Gale, & aſſim deſtes dous nomes tomáraõ o de Chingalas. Tem muytos Reynos, & Reys, & qua-

tro

tro delles mais principaes, & poderosos, que se nomeaõ de Cota, Ceytavaca, Candia; & Jafanapatam. O primeyro, he juntamente Emperador dos mais: outros Senhorios propriamente naõ saõ Reynos, posto que tambem querem intitularse Reys os Senhores delles.

213 Tem hum monte altissimo chamado *Pico de Adam*. Nelle affirmaõ os Gentios, que está o Paraiso terreno, & que se vem ainda as pégadas de nosso primeyro pay Adam, impressas em huma pedra. He esta Ilha (conforme a melhor opiniaõ de Gregos, & Latinos) a antigua Trapobana, na qual prégou o Eunuco da Rainha Candaces, a quem bautizou Saõ Filippe o Diacono. Fica defronte do Cabo do Comori, & distante de Cochim noventa & cinco legoas. A ponta que nella se vé mais ao Sul, está em 6. graos, & a do Norte pouco menos de dez. De todas as excellencias, & frutos que a natureza repartio entre outras Provincias Orientaes, abunda ella com grandes ventagens. De gados os tem de todo o genero, animaes, feras, aves, frutas de espinho, & das mais. De metaes tem ouro, prata, ferro cobre. De pedras preciosas, rubís, topasios, safiras, chrisolitos, olhos de gato, jacintos, granadas, perolas, & outras: & sobre tudo canella de cuja fragrancia seus matos exhalam suavissimo cheyro.

214 Foy descuberta esta Ilha pelos Portuguezes no anno de 1505. sendo Viso-Rey da India Dom Francisco de Almeyda. E no de 1518. fundáraõ nella os mesmos Portuguezes a Fortaleza de Columbo no Reyno de Cota. Aonde entrando logo muytos Religiosos, a annunciar àquelles Idolatras a Ley Evangelica; das Ordens que já havia na India como Franciscos, Agostinhos, Dominicos, & Padres da Companhia: a todos se repartiraõ varias Corlas que he o mesmo que distritos; para nellas fazerem as suas Missoens. Aos Filhos de Saõ Francisco coube entre outros destritos, Jafanapataõ, que fica em o Reyno do mesmo nome. Estende-se este Reyno por huma ponta da Ilha, aonde tem bastante capaci-

pacidade, para poder avultar entre os confinantes, & mais se engrandecia o Senhorio com o dominio de algumas Ilhas; como a das Vacas, Manar, Tunadiffa, do Pagode, Diftrae, & outras, que faziaõ muyto glorioſa a fama do ſeu nome, ſó lhe faltava a honra de tributar veneraçoens à Fé; & de reconhecer, & adorar por Deos verdadeyro ao Redemptor Jeſu Chriſto, bem, & remedio de todos os racionaes. Neſte ponto reſiſtia taõ ſurdo, & obſtinado, que naõ dava attençaõ alguma a quem lhe tocava nelle. Já os Filhos de Saõ Franciſco da Provincia de Saõ Thomé andavaõ roucos de gritar, pelas mais partes da Ilha, exclamando que ſem a Fé Catholica naõ havia ſalvaçaõ. E ſó neſte Reyno naõ os deyxavaõ fallar.

215 Eſtas portas do inferno taõ cerradas aos aviſos do Ceo, foy abrir com grande animo no anno de 1560. o Vice-Rey Dom Conſtantino de Bragança, o qual à força da eſpada ſe fez ſenhor do Reyno, obrigando-o a vir em alguns concertos, que ſem iſto nunca elle os aceytára. Com eſte meyo ſe eſpalhou por algum tempo a palavra de Deos, & com algum fruto; o que o demonio ao depois deſtruhio; padecendo neſta occaſiaõ martyrio muytos Religioſos, cujo ſangue clamou contra a ſua barbaridade, & foy tambem ouvido eſte clamor, que o Senhor por ſua miſericordia, lhes mandou fazer juſtiça no anno de 1591. pelo grande André Furtado de Mendoça, que como era muyto zeloſo da honra de Deos; com a confiança nelle, entrou em Jafanapataõ, & tomou o Reyno com facilidade, matou o Rey, & nomeou outro novo, que eſtiveſſe às ordens d'ElRey de Portugal.

216 Deſta ſorte ſe começou a abrir a porta à reduçaõ do Gentiliſmo, a qual franqueáram os Filhos do Patriarca dos Pobres Saõ Franciſco, com grande zelo, & muyto trabalho. Depois de trabalharem incanſavelmente neſta vinha do Senhor, fundáraõ na Cidade de Jafanapataõ Corte do meſmo Reyno hum Convento: que dedicáraõ á Rainha dos Anjos, debayxo do titulo de noſſa Senhora da Vitoria: que depois ſe

mudou

mudou no dos Milagres, pelas muytas, & grandes maravilhas, que Deos obrava, pela interceçaõ, & merecimentos de sua Santissima Mãy: por este meyo, crescéo muyto mais a Fé, & se fugeytáraõ aquelles Gentios ao suave jugo da Ley Evangelica: porque o Cõmissario Géral, que lá foy converteo muytos lugares inteyros, pela marinha.

217 O primeyro Guardiaõ daquelle Convento que se chamava Fr. Pedro de Betancor, que era devotissimo de N. Senhora, mandou logo fazer huma Imagem da mesma Senhora, a hum Escultor Gentio, que tinha fama de bom artifice: & pedio-lhe que lha havia de dar feyta, para hum dia sinalado de nossa Senhora, como podia ser o da Conceyçaõ, ou outro de alguma das suas festividades principaes: para a haver de collocar nelle, & para que ouvesse tempo, & lugar de se estofar, & encarnar; apertavaõ ao Indio que a acabasse. Deteve-se elle mais tempo do que a devoçaõ do fervoroso Guardiaõ queria, & assim o mandava apertar; a que a acabasse. E vendo que elle com todas estas diligencias se dilatava, eraõ mais continuas as visitas, que fazião ao Indio. Em hum dia mandou o Guardiaõ a dous Religiosos, a saber se havia já acabado a Santa Imagem: porque era tempo de se compor. Foraõ estes, & viraõ que o Indio estava acabando de aperfeyçoar a obra da Senhora, & a tinha lançado sobre dous bancos, & elle assentado sobre a mesma Imagem no meyo delles, acabando de lhe aperfeyçoar os pés. Vendo os Religiosos a pouca reverencia com que o Gentio estava, & tratava aquelle santo vulto, que era Imagem da Emperatriz do Ceo, o reprehendéraõ gravissimamente de o ver assim assentado naquella fórma: a estas palavras de reprehençaõ, & aspereza com que os Religiosos o tratáraõ respondeo o Indio; que aquella Imagem naõ era nada, & que era só hum pao que elle abria, & compunha, ou formava; em semelhança de huma mulher. E isto dito com alguma zombaria, & desprezo. Porèm ainda que a Imagem era de pao seco, & sem vitalidade, como o Gentio dizia: mostroulhe nosso Senhor

nhor naquella hora, que as Imagens mortas; & desanimadas de sua Santissima Mãy, podiaõ castigar como vivas, as irreverencias, & desprezos com que eraõ tratadas.

218 Vio-se isto logo no mesmo instante em que elle com gentilica soberba proferio aquellas palvavras, de que aquillo era hum pao, que elle abria, & formava; que a Santa Imagem da Senhora (sendo ella o mesmo sofrimento) lhe deu hum pontapè, & o arrojou taõ longe como alguns trinta passos, aonde ficou senaõ morto; sem movimento algum, & por morto o tiveraõ os Religiosos, & outras muytas pessoas, que se ajuntáraõ: mas chegando a elle os Padres, reconhecéraõ estava vivo com os olhos abertos; mas sem falla: dando mostras de que desejava fallar; & naõ podia. Saõ os castigos da Mãy de Deos, cheyos de misericordia; sempre se encaminhaõ ao bem, & melhoras espirituaes daquelles a quem castiga; & aqui se vio bem aquella sentença: *Quos corrigo diligo, & quos amo castigo.*

219 Naõ perdéraõ os servos de Deos a occasiaõ, para lhe fallar à alma: procurando-lhe dar a conhecer a sua ignorancia, & cegueyra, & a verdade de nossa santa Fé: & a grande reverencia, que devia ter àquella poderosa, & soberana Senhora, cuja Imagem desprezàra. Disseraõ-lhe que alli veria, em como aquelle pao seco, por ser Imagem da Mãy de Deos vivo, & verdadeyro, que elle naõ queria acabar de reconhecer; tinha vitalidade, & poder para castigar o seu desatino, que reconhecesse, & adorasse a Jesu Christo; por verdadeyro Deos Creador, & Salvador dos homens, & a Maria Santissima, por sua verdadeyra Mãy em quanto homem: & que lhe pedisse perdaõ, & lhe prometteſſe de se bautizar, & de receber a Fé; porque logo alcançaria saude perfeyta, & o perdaõ da sua culpa.

220 Com os olhos deu o Indio a entender que tudo o q̃ se lhe ensinava queria fazer; levantáraõ-no em pé, mas parecia hum corpo muyto leve, & sem acçaõ alguma da vitalidade: ainda assim chegáraõ-no junto à Santissima Imagem da Senho-

Senhora, & tanto que esteve na sua presença, lhe deu nosso Senhor a sua antiga, & ainda mais perfeyta saude: porque lha deu no corpo, & tambem na alma: que quando Deos fere naõ he para matar, senaõ para dar a verdadeyra vida: porque se levantou sam, & bem disposto, & já outro do que antes era: porque se achou com o seu entendimento illustrado, para receber de todo no seu coraçaõ a Fé de nosso Senhor Jesu Christo.

221 Foy em breve instruido nos Divinos Mysterios, & naquellas cousas, que devia crer: & depois recebeo o sagrado Bautismo: & foy depois bom, & perfeyto Christão. E naõ podia deyxar de o ser à vista do grande prodigio que havia visto, & experimentado. A' vista da grande maravilha, que foy o primeyro milagre, q̃ a Senhora da Vitoria obrou.) Levaraõ os Religiosos a Senhora; que procuraraõ logo que se estofasse, & encarnasse. Mas naõ sofreo Deos que o fizessem: porque logo se vio que a madeyra cuspia fóra, o apparelho. Com que temerosos de profiar; suspendéraõ de todo esta diligencia, & trataraõ de collocar a Santa Imagem, na sua nova Igreja. & este foy o segundo prodigio, & milagre, que obrou a Senhora: & daqui sem duvida começaraõ logo a invocar a Senhora com o titulo dos Milagres. Succedeo isto, no governo de André Furtado, que começou a governar no anno de 1609. pouco mais, ou menos: porque elle foy o que recuperou Jafanapataõ.

222 Collocada a Senhora, começou a fazer tantos milagres, que naõ tinhaõ numero, naõ só invocada, pelos Portuguezes, & Christãos da terra; mas pelos mesmos Gentios, que em seus trabalhos recorrendo à Senhora achavaõ logo certo o remedio, de que necessitavaõ. Como os concursos começaraõ a ser grandes, tratou o Padre Fr. Pedro de Betancor, que ainda que já naõ era Guardiaõ; ainda assim tratou muyto de que se fizesse à Senhora huma nova, & grande casa: mas como os cabedaes eraõ poucos, naõ se podia acabar taõ depressa como elle desejava. Anno & meyo havia passado

sado depois de se lhe dar principio, & como tinha a Capella mòr fechada, & as paredes da Igreja já quasi galgadas, se resolveo a mudar a Senhora para ella; para isto lhe fez no meyo do corpo da Igreja huma Capella armada de huns esteios de palma,& forrada de esteyras: para que assim tivesse a gente mayor lugar, & para que se pudesse acabar mais depressa a Igreja.

223 Ouve-se de mudar a Senhora; & a proveytouse o Padre Fr. Pedro da occasiaõ, em que o General de Ceylaõ vinha a festejar a nossa Senhora da Vitoria: pelas muytas que lhe havia dado contra os levantados Chingalas, este foy o primeyro titulo que teve a Senhora que perdeo pelo dos Milagres: que continuamente obrava. E para esta mudança tinha o Padre convidado os Padres, que moravaõ na Fortaleza de Manar; que vieraõ com Capella de musica, danças, & outros festejos. E assim tiráraõ a Senhora em huma charolla dourada, & com o mayor apparato, que pode ser, & a levaraõ em Procissaõ correndo algumas ruas da povoaçaõ. Hiaõ os Padres cantando o Psalmo *Dixit Dominus Domino meo, &c.* & chegando ao terceyro verso que diz: *Virgam virtutis tuæ emittet Dominus ex sion dominare in medio inimicorum tuorum.* O foram repetindo muytas vezes, naõ só por fazer memoria das grandes vitorias que por meyo de nossa Senhora haviaõ alcançado: mas para obrigar mais ao Senhor lhas concedesse, pela intercessaõ de sua Santissima Mãy. E pareceo esta repetiçaõ mysteriosa;pelas grandes vitorias que logo se seguiraõ: & se reconheceo serem alcançadas por particular favor de nossa Senhora, como adiante referiremos. Fez-se esta mudança em 28. de Outubro dia dos Apostolos Saõ Simaõ, & Judas do anno de 1615.

224 Tanto que chegáraõ à Igreja, & assentáraõ no meyo della a charolla da Senhora, se debruçáraõ todos os que a acompanhavaõ, pela grande reverencia que lhe tinhaõ; & se foraõ chegando a lhe beyjar o pé, o que faziaõ com muytas lagrimas de contriçaõ, & devoçaõ. E quasi todos neste

dia

dia se confessáraõ, & recebéraõ o Santissimo Sacramento da Eucharistia. Chegada a hora se cantou a Missa, em que prégou o Padre Fr. Diogo de Saõ Luis. Collocouse a Senhora sobre o Altar, atè que as obras da Igreja se acabassem: & tanto que o Padre Fr. Pedro de Betancor vio a sua Senhora, collocada na sua casa, se foy às suas Missoens do Reyno de Candia, aonde converteo, & bautizou a muytos da casa Real, & lá o levou nosso Senhor, pagando-lhe a Senhora dos Milagres o muyto que a servio. Foraõ-se continuando as obras; para o que a Senhora concorria com grandes ajudas, nas largas esmollas que muytos lhe offereciaõ, agradecidos aos favores que recebiaõ de sua clemencia.

225 O Guardiaõ, que era neste tempo; tambem servia a nossa Senhora com grande fervor, & zelo, & desejava, que ella estivesse com toda a veneraçaõ. Chegou neste tempo da China em huma galeota Diogo de Mendonça Furtado: de quem Manoel de Faria faz honrosa mençaõ, na sua terceyra Asia, & a quem o Guardiaõ foy visitar à Fortaleza do Cais, & perguntádo-lhe o Mendonça, pela Senhora dos Milagres, & o como estava no seu Altar, se estava com muyta veneraçaõ; porque lhe haviaõ referido grandes maravilhas, que havia obrado: & dizendo-lhe o Guardiaõ q̃ estava muyto pobre, disse Diogo de Mendonça, eu trago da China; hũa caxa ou Oratorio, para hum Christo, se elle servir à Senhora, eu lho darey: pedio o Guardiaõ o mandasse vir, para o levar, & ver se servia à Senhora; levou-o à Igreja, & posto no Altar collocou nelle a Senhora, & com a coroa coube taõ ajustadamente, que nada crescia nem faltava: de que ficou admirado o Guardiaõ, & o teve por hum grande milagre. E vendo o depois Diogo de Mendonça, & vendo a Senhora collocada no Oratorio, de alegria derramou muytas lagrimas, estimando ter cousa que pudesse servir à Senhora.

226 No anno de 1620. se acabou de compor a Igreja; & só faltava o retabolo o qual deo huma pessoa; que o havia mandado fazer em sua vida, o Padre Fr. Pedro em Negapataõ

patacas: & que este viera, & estava na Igreja do Cais; que o fosse procurar: & como o Guardiaõ naõ tinha disto nenhũa noticia foy procuralo: & achou que estava embargado por sessenta patacas ficou o Guardiaõ sentido; porque se achava sem cabedal, para o remir; offereceo logo o Capitaõ mòr as patacas: & se conduzio o retabolo. Vendo-se aqui o como a Senhora satisfazia aos desejos daquelles Santos Religiosos, & ao zelo com que cuydavaõ do seu serviço, & culto.

227 Quanto ao favor que esta Senhora dos exercitos fez aos Portuguezes quando andavaõ em guerra contra os Chingalas. Refere o Padre Fernaõ de Queyrós na vida do veneravel Irmaõ Pedro de Basto da Companhia, que trinta Portuguezes vencèraõ a trinta mil Chingalas por mercè da Senhora dos Milagres. E pelos annos de 1620. diz Manoel de Faria na sua Asia, que alcançára Filippe de Oliveyra com bem pouca gente huma grande vitoria contra o Principe de Remancor, sendo os Portuguezes taõ poucos q̃ parece excede a credulidade poder vencer a tantos E isto depois de vencer ao Arache que se havia feyto Christão, & ao depois retrocedeo, & se levantou. E refere o Faria, que indo o Oliveyra a dar as graças à Senhora em aquella sua milagrosa Imagem, ao entrar sahiraõ os Religiosos a recebello, & que lhe offerecéraõ huma palma: que naõ aceytou, dizendo ser divida a Luis Teyxeyra, que tambem havia feyto militares maravilhas contra os inimigos: & bem se deve julgar (diz o Faria esta acçaõ por mais maravilhosa, & valente vencerse a si por atribuir o mayor merecimento ao outro. Estes Capitães referiram fora vista no mayor conflito da batalha a Senhora dos Milagres favorecer aos Christãos, & que com a sua assistencia, & favor conseguiraõ aquella vitoria.

Queyrós l. 3. c. 4.

Far. tom. 3 p. 3. c. 19 n. 7.

228 Pelos annos antecedentes de 1609 governando D. Jeronymo de Azevedo as armas em Ceylaõ tomando a Fortaleza de Balane, & presidiando-a com duas companhias, que entregou a Antonio da Costa Monteyro, & proseguindo a guerra atè o rio de Candea achando grandes fortifica-

çoens & reſiſtencias de muyta moſquetaria, a frouxando os noſſos Portuguezes, porque eſtavaõ canſados, & eram poucos, foraõ animados por hum Religioſo de Saõ Franciſco chamado Fr. Gaſpar da Magdalena, que entrou pelo rio dentro, com hum Crucifixo nas mãos levantado em huma haſtia invocando à Senhora dos Milagres, que ſenaõ deteve em ajudar, & acudir aos ſeus Portuguezes. Foy viſta a Senhora veſtida de branco, & cercada de reſplandores mais luſtroſos, que o meſmo Sol, com cuja viſta deſapparecéram deſpavoridos os inimigos; ficando livres os Portuguezes de hum grave conflicto.

229 Huma mulher natural de Goa, & moradora em Negapataõ, que cica a cima do Cabo de Comorij, & antes da Cidade de Meliapor, veyo em romaria à Senhora dos Milagres: veyo eſta tam aleyjada que andava de raſtos acabada huma novena, que fez à Senhora ficou ſaã, & livre de todo o mal que padecia: & em acçaõ de graças barreo algũas vezes a Capella da Senhora, com os ſeus cabellos: & alegre ſe foy para a ſua terra.

230 Em huma noyte de Natal eſtando os Religioſos daquelle Convento cantando as Matinas, em a meſma Capella da Senhora; quando chegáraõ ao *Te Deum*; eſtando reveſtidos com capas; & muytas tochas, & o Capitaõ mòr com huma: dando-ſe principio ao verſo *Te ergo quæſumus*: ſe reparou na Senhora, & a viraõ toda reſplandecente, & tam alva, & fermoſa, que cauſava eſpanto a todos, que com muyta attençaõ puzeraõ os olhos nella: porque eſtava mais bella, & fermoſa do que podia ſair das mãos do mais inſigne Pintor: & admirado o Capitaõ mòr; porque a vio aſſim repentinamente: perguntou a hum Religioſo, que eſcreveo eſta relaçaõ de ſuas maravilhas; quando a mandáraõ pintar? Ao que reſpondeo; que a Senhora podia apparecer pintada, & dourada na fórma que quizeſſe. Durou eſta maravilha em quanto ſe cantou o *Te Deum*; & no fim delle ficou no meſmo ſer, & eſtado que de antes era. Divulgou-ſe o milagre

por

por toda a terra, & assim crescia cada dia mais a devoçaõ, & a reverencia, para com a Senhora dos Milagres. E diziaõ todos, que a Senhora nunca punha termo em fazer milagres. (diziaõ elles) no mar, milagres na terra, milagres na guerra contra os inimigos, milagres na obra da sua Igreja: & que podemos mais dizer, senaõ que faz milagres pela manhãa, milagres ao meyo dia, milagres à tarde, milagres à noyte, & a toda a hora milagres; bendita ella seja em suas maravilhas.

231 Chegando hũ dia da festa da Senhora, pedio o Governador, ou Capitaõ mòr da Fortaleza de Jafanapataõ, ao Guardiaõ quizesse tirar a Senhora, & levala em procissaõ, por fóra do Convento, duvidou elle fazello, pelo grande respeyto; & temor que todos tinhaõ de lhe pòr as mãos: & era este taõ grande, que nem na sua Capella ousavaõ de entrar, pela grande reverencia, que lhe tinhaõ. Vencido o Guardiaõ dos grandes beneficios que diviaõ ao Governador, ouve de condescender com elle: & assim mandou a hum Sacerdote, que foy com sobrepeliz, & estolla, para a tirar; o qual ajoelhando diante da Senhora, lhe pedia todo inclinado licença para a poder tirar do seu nicho. Dizendo; naõ castigueis Senhora o meu atrevimento, mas ponde os olhos na grande devoçaõ com que o Capitaõ mòr quer alegrar a este povo, & darvos posse deste Reyno de que vòs sois Padroeyra, amparo, & Senhora. E com o mesmo temor, & respeyto, beyjando os pès da Senhora, & pondo-lhe as mãos a foy tirando do seu nicho, & virando-se para o povo, que estava de joelhos, disse. Louvay senhores a Deos em esta Virgem, & Senhora nossa que ella mesma se leva. E decida do Altar a poz em a charolla, aonde todos chegáraõ a lhe beijar os pès. Sendo o primeyro o Governador o qual tirou de hum lenço hũa joya de rubis, que deu para que se lhe puzesse à Senhora em memoria, & final de que elle se lhe dedicava por seu escravo. E affirmou o Padre depois, que quando puzera a Senhora na charolla naõ sentira pezo algũ, & que lhe parecéra, trazer nas mãos hũa cousa taõ leve, como se fosse formada de

papel, ou de pena: sendo ella em si de madeyra muyto pezada.

232 Acabada a prociſſaõ havendo de ſe tornar a collocar em o ſeu nicho, tomou, o meſmo Religioſo, reveſtido em ſobrepeliz, & eſtolla, como quando a tirou, & fallando com a Senhora diſſe em prezença de huma grande multidaõ de gente que a havia acompanhado. Vamos minha Rainha, & Senhora, para o voſſo lugar. Couſa maravilhoſa para ver, & para ouvir (à viſta de todos indo o Padre a pegar nella para a levantar do ferro em que eſtava metida na charola, para ir ſegura) ella meſma ſe levantou por ſi, & ſe aſſentou nas mãos do Religioſo; de que todos ficáraõ atonitos, & admirados: & cheyos de paſmo louvàraõ a Senhora em ſuas maravilhas, & a acompanháraõ com muytas tochas atè a porem no ſeu nicho. E já a naõ achavaõ como nos principios, que a tinhaõ, por riguroſa; mas com hum ſemblante todo cheyo de miſericordia, & brandura. E publicavaõ todos, que na alegria do roſto que a Senhora levava na prociſſaõ moſtrava bem aceytar aquelle Reyno debayxo da ſua protecçaõ, & amparo.

233 Algũs dias antes deſta prociſſaõ; ſuccedeo hum caſo notavel, com que todos ſe a temoriſáraõ muyto, & creſceo para com a Senhora mais o temor, & a reverencia. Andavaõ os Mordomos armando a Igreja para o dia da feſta da Senhora: & chegando a hora do jantar, indo os mais a comer, ficou na Igreja Manoel Fialho, genro do Sindico do Convento Antonio Alvares. Eſte vendo-ſe ſó, levado da grande devoçaõ, & reverencia que todos tinhaõ à Senhora dos Milagres, ſubio ao Altar atrevidamente, ſem reparar no que lhe podia ſucceder, & quiz tirar com a ponta da adaga hũa laſca do cepo em que a Senhora eſtava formada, em que tinha os pés; mas pela parte das coſtas donde ſenaõ enxergaſſe para a trazer comſigo por reliquia. E ao tempo em que quiz meter a ponta da adaga, batendo-lhe com hum pedaço de pao; ſentio huma taõ grande pancada, q̃ cahio do Altar abay-

bayxo, & veyo rodando pelos degraos do presbyterio, que eraõ sete, & foy parar no meyo da Capella, mais morto que vivo. Gritou para que lhe acudissem, & quando foraõ, o viraõ todo desmayado, como de hum grande accidente, & dando roncos, como que espirava. Trouxeraõ-lhe logo agua, & burrifaraõ-no, para que entrasse em si; o que foy depois de hum grande espaço. Entaõ confessou a sua culpa, & atrevimento, de que foy reprehendido gravemẽte de todos, os que alli se achavaõ, & dos Religiosos: de que depois se envergonhava muyto, quando lhe fallavaõ nesta sua imprudente devoçaõ: & quando vinha à Igreja logo se debruçava todo, & com grande reverencia, adorava a Senhora, & ao Santissimo Filho, que tem em seus braços.

234 Ultimamente referirey outro milagre notavel; & foy, que vindo huma mulher muyto devota da Senhora a lançar azeyte na sua alampada, & ao lançar do azeyte, parece que o fez mais apreçadamente do que devia, com que se afogou a rozeta, & se apagou atrocida; & ficou a alampada sem lume. Neste tempo em que estava muyta gente na Igreja se vio descer lume do Ceo, que acendeo a alampada: com que deraõ todos muytas graças à Senhora pelas maravilhas que obrava.

235 Depois (permittindo-o assim Deos por seus occultos juizos, & para castigo dos grandes, & enormes peccados da India, & principalmente dos que se commettiaõ em Ceylaõ vieraõ os Olandezes como Ministros da Divina Justiça, & se fizeraõ senhores destas ricas, & preciosas Ilhas, lançando-nos fóra dellas com grande ignominia do nome Portuguez. Entaõ foy forçado aos Religiosos desamparar o seu Convento de Jafanapataõ; porque tomando os Olandezes a Cidade; ficáraõ prezos, & cativos todos os Portuguezes que nella se achavaõ, & assim dalli foraõ levados com os mais a Batavia Cidade Capital, Corte, & assento que os Olandezes tem na India. Em Batavia solicitáraõ os Religiosos a passagem para Goa, aonde trasladáraõ o seu the-

souro, que de Jafanapataõ occultamente tinhaõ levado comsigo a Batavia: succedéraõ estas cousas pelos annos de 1660. pouco mais, ou menos.

236 De Batavia navegáraõ para Goa; levando comsigo a Senhora, que em a poderem levar sem que os Olandezes o alcançassem se reconheceo ser obra de Deos. Nesta viagem obrou o Senhor notaveis maravilhas, pela intercessaõ de sua Mãy Santissima; livrando assim aos seus Capellães, que a acompanhavaõ, como o navio de grandes perigos. Que se pòde entender os solicitava o inferno, sentido da guerra, q̃ a Senhora lhe fazia: mas naõ podem as suas forças contrastar aos que ella defende. O Padre. Fr. Jacinto de Deos na sua Chronica da Provincia da Madre de Deos de Goa; diz por estas palavras. Eu lhe préguey a sua primeyra entrada, quando chegou de Batavia livre da prisaõ: & depois (naõ devia de ser dahi a muytos annos) na dedicaçaõ da Igreja nova no seu dia, préguey a primeyra festa sendo Commissario Géral em o anno de 1671.

237 Daqui se colhe que os Olandezes cativáraõ a Senhora, & mais aos Religiosos seus Capellães, & como elles tinhaõ a Senhora para os aliviar da prizaõ, & para os pòr em liberdade obraria a seu favor tantas maravilhas, que os Olandezes a deyxariaõ levar, ou os deyxariaõ ir livres (sendo que a mim se me representa que os Religiosos tiveraõ sempre a Senhora occulta) para Goa, & no transporte obraria as suas maravilhas. Está collocada em a Igreja do Convento de Saõ Francisco de Goa, & alli obra notaveis prodigios, & maravilhas. E assim he frequentada a sua Capella de toda aquella Cidade; aonde se vé com grande culto, & veneraçaõ, & as paredes della povoadas de muytas memorias, & sinais dos grandes milagres, que obra a favor de todos os que a invocaõ he de Feca, madeyra incorrutivel, de que abundaõ muyto os matos do Reyno de Martavaõ, Pegú, Bengalla, & Bisnaga. E saõ paos taõ compridos, que alguns passaõ de duzentos palmos. He esta madeyra de cor parda.

De-

Depois desta maravilha quizeraõ os Religiosos, que se pintasse, & assim a mandàraõ encarnar, & estofar; naõ foy possivel o executarse; porque a Senhora o naõ consentio, porque o mesmo era pintalla, ou aparelhala; que logo saltar fora o aparelho, & pintura: & assim está na mesma fórma em que a obrou o Indio Escultor. Tem em seus braços ao Menino Deos, da mesma materia, & da mesma cor da madeyra porq̃ tambem naõ he encarnado. Que parece naõ quiz ficar de semelhante da Imagem de sua Mãy. A estatura da Senhora será de pouco mais de cinco palmos. He ao prezente toda a devoçaõ dos mareantes, pelos grandes favores que della recebem; & assim, se emprégaõ em a servir com grande, & fervorosa devoçaõ. Nunca se embarcaõ; sem irem primeyro a despedirse da Senhora dos Milagres, & a pedirlhe os acompanhe em suas viagens, & que lhe dé nellas bom successo. E com esta diligencia os tem sempre prosperos, & felices. Da Senhora dos Milagres escrevem Manoel de Faria, & Sousa na sua Asia tom. 3. part. 3. c. 19. num. 7. & cap. 11. n. 3. Fernaõ de Queyròs na vida do Padre Pedro de Basto Luc. 3. cap. 4. & hnma relaçaõ que nos veyo à maõ dos Religiosos daquelle tempo: & o Padre Fr. Jacinto de Deos, na sua Chronica da Provincia da Madre de Deos de Goa faz tambem della mençaõ.

TITULO XXXV.

De huma Imagem da Virgem nossa Senhora, que se achou na tomada da Cidade de Jor, do Reyno de Ujantana.

239 PElos annos de 1587. Queyxoso Rajule, Rey de Ujantana de que os de Malaca lhe ouvessem metido no fundo dous navios: por se despicar, veyo sobre ella com huma grande armada, que constava de mais de cento, & cincoenta vellas, & a poz em taõ grande aperto de fome, & necessidade; que começáraõ a adoecer de sorte, que della havia dia morriaõ cem pessoas. Aqui se vio hum

verdadeyro debuxo das miſerias, que ſe padecéraõ no cerco de Jeruſalem. Acudiraõ a remediar eſta grande miſeria,& neceſſidade alguns Capitães do Reyno de Ceylam, & do de Cochim, que fizeraõ deſalojar ao inimigo com perda grande, aſſim das ſuas embarcaçoens, como da ſua gente: porque lhe matáram muyta, & das embarcaçoens, porque lhe meteraõ muytas no fundo, & lhe matáraõ muyta gente. E ſendo mandada tamhem a reprimir eſtes malles pelo Viſo-Rey Dom Duarte de Menezes; Dom Paulo de Lima com huma boa armada, em que levava ſeis centos Portuguezes: chegou a tempo que já os inimigos ſe aviaõ retirado: & porque pagaſſem bem o que haviaõ feyto, os foy buſcar à ſua Corte, & Cidade de Jor (veſſe eſta eſtendida ſobre a elevaçaõ de huma ponta de Malaca, em altura de grao, & meyo da parte do Norte, & fica pouco diſtante das prayas,) & ſem embargo de o virem a receber com trezentas velas, que logo deſapparecéraõ à viſta de noſſa armada; para que naõ voltaſſem outra vez ſaltáraõ os Portuguezes em terra, a pezar de huma grande reſiſtencia; divididos em tres batalhoens, deraõ hum aſſalto à Cidade, em dia da Aſſumpçaõ de noſſa Senhora de quem Dom Paulo era devotiſſimo: & noſſa Senhora o ajudou de ſorte, que com morte de mais de ſete mil homens, fóra as mulheres, & mininos, que morréraõ no incendio, tomáraõ a Cidade, a que puzeraõ o fogo, com o qual ardeo brevemente: por ſerem ſeus edificios quaſi todos de madeyra, & ſeus muros formados de grandes vigas, tabooens, & madeyros, & do meſmo ſuas torres, & baluartes.

240 Foy muyto grande, & rico o deſpojo; porque ſó de artelharia (& della muyta, de grandes calibres) eraõ mil canhoens, & muytas armas, mais de dous mil & duzentos navios. De todos os deſpojos ricos, de que ſe aproveytáraõ os Capitães, & os ſoldados, naõ reſervou para ſi D. Paulo de Lima, mais que huma Imagem de noſſa Senhora, que hum ſoldado achou no campo, ſobre a primeyra batalha do Palmar.

mar. Que foy o primeyro sitio, por onde Dom Paulo acometteo com os seus duzentos Portuguezes, contra mais de dous mil Barbaros, que venceo. Esta Santa Imagem recolheo a si Dom Paulo, & alevou, & era bem que pois a Senhora em o seu dia lhe deu hum taõ feliz succesſo; & huma taõ insigne vitoria, elle a collocasse em hum riquissimo Templo, em parte aonde soubessemos estava para a servir, & venerar: descuydo grande dos Portuguezes, que senaõ lembraõ de fazer memoria de cousas grandes. Desta Santa Imagem escreve Faria na sua Asia tom. 3. p. 1. c. 5. n. 16.

TITULO XXXVI.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora do Monte, ou Santa Maria Mayor.

241 NA Cidade de Miliapor, em a Igreja, hoje de nossa Senhora do Monte, a que tambem daõ o titulo de Santa Maria Mayor; porque antigamente se chamava de Saõ Thomé: porque nella (que era huma lapa em que o Santo orava, & aonde foy morto por hum Bragmene) Sacerdote dos seus Idolos, (& atravessado com huma lança) orava, & se recolhia. Mas as grandes maravilhas da Senhora fizeraõ, que deyxado o titulo do Santo Apostolo, se desse àquella casa o da Senhora, obradora de infinitas maravilhas. Nesta casa pois se venera huma Imagem da excelsa Rainha da Gloria, que foy pintada por Saõ Lucas, em hum paynel, ou quadro, que tem de largo dous palmos, & tres de alto, & he tradiçaõ constante, o que mesmo Saõ Thomé o levou comsigo, para aquellas partes, & o trouxe sempre na sua companhia. He meyo corpo, aonde se vê a Senhora com o Menino Jesus sobre o braço esquerdo. Tem huma estrella, ou Cruz na testa, & outra no hombro. Esta Igreja he huma Ermida, que está na Cidade de Meliapor, fundada no Monte grande, & he fechada de abbobada, com hum só Altar, he pequena, & bayxa.

Esta

242 Esta soberana Senhora, está obrando continuamente muytos prodigios, & milagres; porque da sua casa sahem os mancos, & os aleyjados dando saltos de prazer: porque da prezença daquella milagrosa Senhora, sahem livres de todos os males, que padeciaõ, & todos os mais enfermos, sahe apregoando os grandes poderes daquella soberana Emperatriz. Os cegos recebendo vista, publicaõ as suas grandes maravilhas. Até os animaes, & os gados quando estaõ mancos, feridos, ou enfermos, postos à vista, & à sombra daquella grande Senhora, sahem saltando, como publicando, & apregoando, que he aquella Senhora huma universal bemfeytora de todas as criaturas; pois naõ só favorece aos racionaes; mas tambem aos brutos irracionaes; porque pela sua grande virtude, todos cobraõ vida, & todos sahem favorecidos, & cheyos da sua bençaõ.

243 Cahio hum menino no mar, & se afogou nelle, sentidos os pays daquella disgraça, reccorréraõ com o filho morto em seus braços, & com muytas lagrimas, & deprecaçoens, que interpuzeraõ à Senhora, ella como piedosa Mãy os consolou resuscitando-lhe o filho: & por este taõ grande beneficio lhe deraõ as graças. Em huma occasiaõ entrou na Igreja da Senhora huma procissam em que levavaõ hum palio de requissima tella por descuydo dos que o levavaõ, marráraõ com elle na alampada, que ardia diante da Senhora; que quebrando-se o vidro se derramou o azeyte sobre elle, & ficou totalmente perdido. Encostáraõ-no junto ao Altar da Senhora, & depois o acháraõ taõ limpo, & perfeyto como se tal caso naõ succedesse. Naõ quiz a Senhora, que na sua casa ouvesse perigo em cousa alguma.

244 Os Hereges Olandezes entráraõ naquella Cidade, & como saõ crueis inimigos da veneraçaõ das sagradas Imagens, & tambem em odio dos Portuguezes a assoláram, & destruiraõ. Naõ podiaõ estes barbaros sofrer a veneraçaõ com que os Catholicos veneravaõ aquella sagrada Effigie de Maria Santissima: intentáraõ arruinar, & demolir aquelle

seu

seu Santuario, porque ella naõ tivesse nelle a veneraçaõ com que a buscavaõ os Catholicos. Para o executarem, metéraõ dentro delles huns barris de polvora, para que arrebentando elles, se arruinasse a casa, que era a Piscina da saude. Mas o Senhor que a guardava, & defendia fez que o fogo lhe naõ fizesse, nem o mais leve damno. E isto sendo a Ermida de abobada, & muyto bayxa.

245 Festeja-se esta Senhora no dia da sua Expectaçaõ do Parto, com toda a grandeza, & solemnidade. E neste dia he que se vè tambem aquella estupenda maravilha, que o Senhor obra todos os annos, na Cruz de S. Thomè: de que escrevem infinitos Authores. O que succede nesta fórma. Mas em primeyro lugar he de saber; he esta Cruz aberta em huma pedra, ou esculpida; com manchas de sangue os remates della saõ flores de liz, como a Cruz da Ordem de Aviz, no meyo tem huma pomba, sobre ella hum arco, com humas letras muyto tempo inconitas, & depois interpetradas fielmente, & dizem assim: *Thomé Varaõ Divino, inviado pelo Filho de Deos, & seu Discipulo, foy aos Reys de Sagamo, para dar noticia do verdadeyro Deos, à gente que nelle havia; aonde obrou grandes milagres: & no fim posto de joelhos sobre esta pedra, fazendo oraçaõ a Deos, foy por hum Bragmene alanceado, & morto.*

246 No dia pois da Expectaçaõ do Parto da Virgem nossa Senhora, succedeo no anno de 1571. ao tempo que se cantava o Evangelho da Missa (que costuma ser da Annunciaçaõ) viraõ todos os que assistiaõ à Missa, que a Cruz destilava sangue pelas manchas que dissemos, & em tanta quantidade, que alimpando-a o Sacerdote com os corporaes, ficáraõ estes banhados no mesmo sangue. E os Padres da Companhia de Jesus, escrevem (nas suas annuas) que muytas vezes, indo dizer Missa àquelle Santuario da Senhora do Monte, succedéra este prodigio, que parece quer Deos haja delle muytas testemunhas.

247 E já que fallamos no Santo Apostolo Thomé, he bem,

bem que refiramos o ſucceſſo da ſua morte: & aſſim he de ſaber, que depois que o Santo correo a mayor parte do mundo, Europa, Africa, America, & Aſia, ſendo por excellẽcia o Apoſtolo do Oriente, chegou à Cidade de Calamina, ou Meliapor, & de ſeu nome, a Cidade de Saõ Thomé: & aqui começou a edificar hum Templo, para o qual lhe era neceſſario trazer huma grande trave, a qual muytos homens robuſtos com cordas, nem com forças de elefantes puderaõ mover: porèm o Santo aplicando-lhe o ſeu cingidouro a trouxe ao lugar aonde queria lhe ſerviſſe. Neſte Templo, poz huma Cruz de pedra, em que eſcreveo eſta Profecia. *Quando o mar chegar a eſta pedra, viráõ por ordem, & diſpoſiçaõ Divina homens brancos, de terras muy remotas, a prégar a meſma doutrina, que eu agora enſino, & a renovar a memoria della.* E ſendo que diſtava muyto naquelle tempo o mar deſta pedra, quando os Portuguezes, com a prégaçaõ alli chegáraõ, chegava já tambem o mar a ella.

248 O Padre Meſtre Manoel Fernandes em a ſua Alma Inſtruida, fallando do Templo que o Santo Apoſtolo edificou, diz o que agora referimos. „ Hoje por varios Hereges, „ que foraõ à India, ſe tem tratado com menos reverencia o „ Santuario, & Cidade de Saõ Thomè. E em cartta de 4. de „ Fevereyro do anno de 1630. eſcreve Alvaro Cacella do „ Valle da Cidade de Madraſpatam ao Principe Dom Pedro „ noſſo Senhor (depois Rey, & Senhor deſte Reyno; & Pe- „ dro II. do nome) que o Rey de Golocondá, temendo que „ os eſtrangeyros vieſſem ſegunda vez à Cidade de Saõ Thomè, com as hoſtillidades, que pouco antes haviaõ feyto, a „ mandára arazar, até os fundamentos, ſem perdoar, nem ao „ Santuario do meſmo Apoſtolo, o qual era taõ venerado dos „ Gentios, & Chriſtãos de Saõ Thomé, aſſiſtentes nas ſerras „ de Cochim, que em todo o anno ſe achavaõ naquelle ſanto „ lugar em romaria. E principalmente no dia do Santo Apoſ- „ tolo, com muytas offertas, ſegundo ſuas poſſibilidades. E „ que por ſenaõ perder a devoçaõ, que por eſpaço de 1600.

annos

annos naquelle lugar florecéra. Os Portuguezes novamente, reedificáraõ a obra do Templo, reduzindo-a ao primeyro ser em que o Santo Apoſtolo o fizera. E que nos Arrebaldes daquella Cidade, ha huma Igreja de N. Senhora do Deſcanço, & outra de noſſa Senhora da Lembrança, no Monte pequeno, aonde eſtá a lapa em que o Santo ſe recolhia: & logo o Monte grande, com aquella prodigioſa Cruz que o Santo fez; & aonde, orando lhe deraõ a lançada, de que morreo: ſegundo o que ſe verificou das letras, que a cercam em roda.

249 O Biſpo de Sirene D. Fr. Antonio de Gouvea na ſua hiſtoria da Jornada à Serra do Malavar, que fez o Arcebiſpo D. Fr. Aleyxo de Menezes; & deſcrevendo o modo, com que a pedra foy achada (fallando dos principios da caſa da Senhora do Monte) diz aſſim. „Em Meliapor Cidade antiga, ſogeyta a ElRey de Biſnaga, que era entaõ Emperador de todas aquellas terras, a que agora por reverencia do Santo Apoſtolo chamamos de Saõ Thomé, & que o Breviario Romano chama Calamina; aonde foy morto o Santo pela malicia dos Bragmenes, eſtando orando a huma Cruz, que tinha eſculpida em huma pedra, em huma Ermida, que havia edificado em hum Monte, junto à Cidade, aonde agora chamaõ o Monte grande, por differença de outro, em que tambem o Santo orava, que chamaõ o Monte pequeno. Pelo tempo adiante, com a perſeguiçaõ que padeceo a Chriſtandade, foraõ tomados aquelles lugares, por Reys infieis, & poſto por terra o Oratorio: & aſſim eſteve até o anno de 1547. no qual depois de haverem povoado os Portuguezes a Cidade de Meliapor, fazendo della huma nobre povoaçaõ, dedicada ao meſmo Santo Apoſtolo, mudando o nome de Meliapor lhe deraõ o de Saõ Thomé, & como hoje ſe chama: ſendo Viſo-Rey da India Dom Joaõ de Caſtro, & Biſpo da India Dom Joaõ de Albuquerque, & Governador da Cidade de Saõ Thomé, Gabriel de Ataide.

Querendo pois os Portuguezes novos povoadores da Cida-

„Cidade de Saõ Thomé, que a reedificáraõ; edificar no meſ-
„mo Monte grande huma Igreja dedicada à Virgem Maria
„noſſa Senhora, pela noticia que tinhaõ de nelle ſer morto o
„Santo Apoſtolo, & ſer o lugar mais ordinario da ſua oraçaõ:
„começáraõ para o meſmo effeyto ajuntar, & a diſpor os ma-
„teriaes Juntos para ſe dar principio à obra, o Governador, &
„os principaes da Cidade com o Vigario o Padre Gaſpar
„Coelho em 22. de Março, começáraõ a abrir os alicerces da
„Igreja, & cavando em altura de tres covados, hum Antonio
„Vaz, o principal official da obra, foy dar com huns alicer-
„ces, que moſtravaõ muyta antiguidade, & entre elles eſtava
„huma pedra grande, & larga, de cor baça, & vendo todos
„que fazia impedimento à obra a mandáraõ tirar, & pegando
„della os officiaes ſe deyxou mover facilmente. E dando-lhe
„huma volta ſe achou debayxo della, muyta terra enſangoen-
„tada, como de ſangue freſco, da qual eſtava tambem pega-
„da muyta à meſma pedra, & alimpando-a, viraõ eſculpida
„nella a modo de relevo huma Cruz muyto bem entalhada
„(como fica referido atraz) o que vendo os que eſtavaõ na
„obra, foraõ cheyos de admiraçaõ: & devoçaõ entendendo ſer
„aquella Cruz à que o Santo Apoſtolo eſtava orando quando
„o matáraõ, & aquelle ſangue ſeu, & os alicerces os do ſeu
„Oratorio: tendo por beneficio de Deos, darem com elles, que-
„rendo edificar a Igreja. E aſſim reedificáraõ ſobre os alicerces
„velhos a Capella mòr da Igreja, que queriaõ fazer, por naõ
„ſerem capazes de mais: & recolhendo cada hum o que pode
„da terra enſangoentada do Santo Apoſtolo, guardando-a
„como reliquia muy precioſa.

250 Foy acabada a Igreja, & dedicada a noſſa Senhora, como tinhaõ primeyro determinado, (naõ a caſo; mas por ſuperior deſtino) & aſſim lhe deraõ o titulo de N. Senhora do Monte: que quiz a Divina Providencia ſe lavraſſe, & eregiſſe hum particular Santuario, & caſa propria, em que foſſe collocada aquella ſagrada Effigie de Maria; manifeſtando a depois: mas naõ podemos deſcubrir o modo, que he

de

de crer, que os Anjos a conservárão, & tiverão até aquelle tempo. Mas he certo, que logo que alli foy collocada naquella sua casa, que em profecia se lhe dedicou. Começou a obrar as infinitas maravilhas de que havemos referido parte.

Puzerão por retabolo daquella sua nova Igreja, a pedra da sagrada Cruz, na mesma fórma em que foy achada, sem se lhe bolir nem tocar em cousa alguma do que nella estava esculpido. E ordenárão que a festa do Orago da casa, fosse da Expectação da Sacratissima Virgem, que em toda a Hespanha se celebra em dezoyto de Dezembro. Dalli por diante acudia muyta gente à Igreja: assim por devoção da sagrada Virgem, & do Santo Apostolo a ajudar a celebrar a festa, que se fazia à sagrada Rainha dos Anjos, em a sua casa. Depois passados dez annos, que se havia edificado aquella casa à Senhora, que foy na era de 1557. no mesmo dia da festa da Senhora: chegando Manoel da Costa (que foy Ermitão daquella casa trinta annos) ao Altar, às quatro horas da manhãa, querendo correr as cortinas, com que estava cuberta a pedra da Santa Cruz, & concertar o Altar, & Capella para a festa, que naquelle dia se celebrava, achou as cortinas da Santa Cruz, & a toalha do Altar, que ficava junto a ella molhadas, & admirado; pondo os olhos na Cruz, a vio que estava suando gotas de agua muy grossas. E sendo a pedra de seu natural baça, & estava de cor de Jaspe rosado muy fermoso. E estando assim hum espaço grande, com os olhos nella, vio que se tornava branca, & sobremodo alva, & tornou a enxugar da agua que lhe corria, começando pela parte debayxo, & cobrou a sua cor natural atè, que de todo ficou com ella enxuta.

251 Estas maravilhas se renovárão muytas vezes (como fica dito) & sempre quando se cantava na Missa, ou rezava o Evangelho da Annunciação: ainda que em alguns annos se suspendeo: & depois tornou a renovar a maravilha. Sobreque alguns dizião que o Santo Apostolo naquella maravilha, mostrava querer festejar tambem a Senhora, como o costu-

costumavaõ fazer os seus devotos Portuguezes, moradores naquella Cidade. He a invocaçaõ desta Igreja nossa Senhora do Monte; cuja Imagem prodigiosa alli foy descuberta, & he de tantos milagres, que naõ ha dia em que assim Christãos, como Gentios, lhe naõ vaõ levar, & offerecer alguma offerta. Isto he o que referem estes Authores: o que confirma em Relaçaõ que este anno tivemos da India, o Padre Mestre Fr. Faustino da Graça. O Bispo de Sirene, escreve esta historia mais defuzamente, como se vé na sua historia da jornada que fez o Arcebispo Dom Fr. Aleyxo de Menezes à Serra do Malavar l.2.cap.2.E o Padre Manoel Fernandes da Sagrada Companhia de Jesu no primeyro tom.da sua Alma Instruida cap. 2.Dotr.2. pag.312.& pag.319.& 320.

TITULO XXXVII.

Da milagrosa Imagem de N Senhora, a quem invocaõ com o titulo da Madre de Deos, Tutelar da Provincia dos Padres Capuchos de Goa.

252 NO anno de 1566. era Arcebispo da Cidade de Goa, o Illustrissimo Dom Gaspar de Santa Maria, que foy o primeyro Primás daquella Metropoli,& o que logrou esta dignidade.Era este Prelado muyto Santo,& muyto dado à contemplaçaõ: & pelas suas grandes virtudes, & muytas letras, foy muyto aceyto ao Cardeal Rey D.Henrique, em cuja casa assistia. Chamava-se o Mestre Gaspar. O mesmo Cardeal o inculcou a ElRey D. Joaõ o III. para primeyro Arcebispo de Goa, quando quiz sublimar aquelle Bispado a dignidade de Metropolitano das Indias;desanexando-o da Ilha da Madeyra. Foy este Santo Varaõ (que era devotissimo de nossa Senhora) muyto amante do Patriarca dos Pobres, o Seraphim S. Francisco, & muyto inclinado à sua Religiaõ.

253 Amava este servo de Deos a nosso Senhor com hum arden-

ardentissimo amor; & assim desejava de obrar em seu serviço cousas muyto grandes, & em sua oraçaõ lhe pedia lhe significasse, em que obra mais o agradaria. Ouvio o Senhor as suas vozes, & foy-lhe revelado Divinamente; *que fundasse em Goa hum Convento dedicado à Mãy de Deos.* (Em satisfaçaõ dos seus desejos, ou em comutaçaõ do seu desejo, & voto como outros affirmaõ) *que seria cabeça de huma Provincia de Capuchos aonde sempre se observaria a Regra de Saõ Francisco, & que nelle haveria sempre hum Varaõ de superior espirito.* He tradiçaõ constante, entre aquelles Santos Religiosos, que o Senhor lhe fallára, por hum Crucifixo, que ainda hoje se venera no Capitulo do mesmo Convento da Madre de Deos de Goa, collocado em hum nicho do retabolo do seu Altar. E para memoria do milagre, ficou até o dia de hoje com a boca aberta; estylo que ignora a Arte da escultura, & que naõ costumaõ fazer os Escultores, em que se vè naõ he possivel ser traça, ou obra do Artifice.

254 Em comprimento da vontade revelada por Deos, deu o Arcebispo principio à Fundaçaõ do estado Capucho, pondo logo mãos à obra, edificando huma Igreja, que dedicou à Virgem Maria nossa Senhora debayxo do titulo da Madre de Deos (como havia ouvido) a qual havia de ser a Protectora daquella Santa Provincia. Deu-se principio à Igreja, & Convento no anno de 1569. Depois de ter preparado o Arcebispo a Igreja, & comodos para os Religiosos; mandou fazer, ou deu ordem a se collocar a sagrada Imagem da Mãy de Deos, que se havia feyto em quanto se preparava o Convento. E em hũa solemne procissaõ sahio do Convento de Saõ Francisco, da mesma Cidade; & se collocou em o ultimo de Outubro do mesmo anno. E desde este dia começou a ser muyto venerada aquella Santissima Imagem, & muyto frequentada a sua casa: assim pelas maravilhas, que logo começou a obrar a Mãy de Deos; como pelas grandes virtudes, em que resplandeciaõ aquelles seus santos Capellaens; os quaes a influencias da Mãy de Deos, obráraõ muy-

tas maravilhas na converſaõ do Gentiliſmo: porque ſe occupavaõ nas ſuas Miſſoens com grande fervor de eſpirito, & aſſim enviáraõ a muytas almas para o Ceo.

255 Fundou-ſe eſte Convento junto às Ribeyras do rio, afaſtado da Cidade de Goa, menos de huma milha, em hũa planice, nas caſas, & Palacio do meſmo Arcebiſpo, chamado Daugium, que he huma Aldea; o qual eſtava fronteyro à terra firme, que he a habitaçaõ de toda a Mouriſma, & iſto para confuzaõ de ſua perfidia. Eſtá cercado do meſmo rio, que o faz huma viſtoſa, & dilicioſa Peninſula: porque ſe vé todo cercado de arvoredos, & palmeyras. Deſta caſa ſahiraõ muytos ſervos de Deos; os quaes por toda a Aſia ſe eſpalhavaõ a guiar as almas, para o Ceo; & naõ ouve Reyno, nem Cidade em todo aquelle Oriente, aonde naõ chegaſſem com a ſua doutrina os filhos da Senhora da Madre de Deos.

256 Por grande favor da Senhora ſe teve a feliz morte do meſmo Arcebiſpo, ao qual levou a Senhora para a gloria, como piamente devemos crer; no dia de ſua triunfante Aſſumpçaõ do anno de 1576. em o meſmo Convento para onde ſe havia recolhido, depois de haver renunciado aquella Primaſia. Toda aquella Cidade de Goa tem muyto grande devoçaõ com a ſoberana Madre de Deos: porq̃ em todos os ſeus trabalhos, penas, & tribulaçoens com que a ella recorrem, achaõ logo em ſua piedade o remedio: & a experiencia lhes moſtra os grandes poderes da ſua interceçaõ. He eſta Santiſſima Imagem de eſcultura de madeyra eſtofada ricamente. Eſtá aſſentada em huma cadeyra, & tem as mãos fechadas, & os dedos cruzados, como ſe coſtuma pintar a Imagem da Senhora das Anguſtias, & das ſete dores. A ſua feſtividade ſe celebra em 25. de Março, em o dia de ſua Annunciaçaõ. Eſtá collocada em o Altar mayor. Eſcrevem da Senhora da Madre de Deos, o Padre Fr. Jacinto de Deos em a ſua Chronica da India, que intitulou Vergel de plantas, & flores cap. 1. art. 1. Jorge Cardoſo no ſeu Agiologio Luſitano, tom. 2. pag. 107. Fr. Paulo da Trindade na ſua Conquiſta eſpiritual

do

do Oriente l. 1. cap. 43. E o Padre Meſtre Fr. Fauſtino da Graça na ſua Relaçaõ. Com eſta Senhora tem tambem os Viſos-Reys muyto grande devoçaõ, & a viſitaõ muytas vezes, & principalmente nos ſabbados.

TITULO XXXVIII.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora do Pilar, Convento dos Paares Capuchos da Provincia da Madre de Deos.

257 NA meſma Cidade de Goa a nova, & ſeu diſtrito, ſe fundou outro novo Convento, de Religioſos Capuchos da Provincia da Madre de Deos, que he o terceyro que tem a meſma Provincia. E como aquelles Religioſos eraõ taõ Santos, & taõ perfeytos, todos os deſejavaõ ter muyto perto, & muyto junto a ſi. Com eſtes deſejos ſe movéraõ dous Fidalgos, a ſolicitar as licenças, para fundarem hum novo Convento. Foraõ eſtes Dom Fernando de Cron, Fidalgo Alemaõ, & pay da grande ſerva de Deos a veneravel Madre Sor Maria da Aſſumpçaõ Religioſa do Convento de Santa Monica da meſma Cidade de Goa, mulher de raras virtudes cuja vida eſcrevemos em a noſſa hiſtoria da Fundaçaõ do Convento de Santa Monica da meſma Cidade de Goa, & Amaro da Rocha. Viaõ eſtes Fidalgos em como os Padres Capuchos tinhaõ dous Conventos em aquella parte, a que chamaõ Goa a velha, que ſaõ o da Madre de Deos, & o de noſſa Senhora do Cabo, & que em Goa a nova naõ havia Convento da ſua Ordem de que ſe pudeſſem valer, nas ſuas neceſſidades, & doenças, para lhe poderem aſſiſtir. E aſſim queriaõ ter hum Convento da meſma Ordem, mais perto da ſua viſinhança, para delle ſe poderem valer da ſua virtude, & ſanta companhia, pois eraõ aquelles Religioſos, huns Varoens muy Santos, & muy perfeytos. Para iſto ſe valéraõ do grande zelo do virtuoſo Padre Fr. Luis da Conceyçaõ, naquelle tempo Commiſſario Géral

da India, & do Padre Cuſtodio Fr. Franciſco da Arruda. Era neſte tempo Arcebiſpo de Goa Dom Fr. Chriſtovaõ de Lisboa, da Ordem de Saõ Jeronymo, da filiaçaõ do Real Convento de Belem, & Viſo-Rey da India, Ruì Lourenço de Tavora.

258 Feytas as diligencias, & conſeguidas as licenças todas, ſe preparou tudo para a nova funçaõ, da primeyra pedra, a qual lançou o meſmo Arcebiſpo Primás, a que naõ faltou o Viſo-Rey, com toda a nobreza. E fez-ſe eſta acçaõ em 19. de Julho do anno de 1613. Naõ me conſtou ſe naquelle ſitio havia já alguma Ermida dedicada a noſſa Senhora do Pilar: aſſi n como no ſitio de noſſa Senhora do Cabo, havia em a Barra a Ermida de noſſa Senhora, que deu o titulo ao Convento. Mas mais me perſuado em que naquelle ſitio naõ havia ainda Ermida, & que o titulo foy devoçaõ dos devotos Fundadores: os quaes entendendo, que a Senhora com eſte titulo teria muyto grande veneraçaõ, lhe imporiaõ aſſim. Ou o que parece mais certo, que a meſma Senhora, lhes inſpiraria, que lhe impuzeſſem eſte para ella muyto agradavel titulo. Sem embargo de que alguem teve para ſi, lho daria Dom Fernando de Cron: por quanto eſte Fidalgo aſſiſtio no ſerviço d'ElRey Dom Filippe o III. de Caſtella, & no tempo que aſſiſtio no ſeu Palacio de Madrid, teria particular devoçaõ; para com eſta Senhora, & que por eſta razaõ lho imporia ſolicitando-lhe na India a meſma devoçaõ, com que he venerada em toda a Heſpanha: pois he fabricada pelas mãos dos Anjos; & elles a trouxeraõ do Ceo, ao Apoſtolo Santiago.

259 Eſta ſagrada Imagem, que ao prezente ſe venera em Goa: mandàraõ tambem fazer na meſma Cidade os Fundadores. E logo que naquella caſa foy collocada em o ſeu Altar mòr, começou a reſplandecer com grandes milagres, & maravilhas. Naõ foraõ eſtas que obrava a favor dos ſeus Capellaens menores, às que a favor de todos os mais, que ſe valiaõ da ſua poderoſa interceçaõ: ſendo primeyros os que

viviaõ

viviaõ debayxo da sua protecçaõ: porque a todos está enchendo da Divina graça, alcançando-lha de Deos, para se exercitarem em grandes virtudes. Era aquella casa verdadeyramente hum Ceo; porque todos os que nella viviaõ, só do Ceo cuydavaõ. Era nelles continua a penitencia, a abstinencia, & a oraçaõ: desta tinhaõ tres horas cada dia todas em commum, & assim pareciaõ mais Anjos, que homens. E o povo como a Anjos os venerava. Toda aquella Cidade tinha tambem muyto grande devoçaõ com a Senhora do Pilar, & em seus trabalhos, & enfermidades recorrendo a ella alcançavaõ saude, alivio, & consolaçaõ.

260 Tambem por influencias daquella piedosa Senhora, se devem ter as grandes virtudes, em que resplandeceo o Irmaõ Agostinho do Pilar. Era este na condiçaõ cafre, & servo do Convento; mas devotissimo da Senhora. Era taõ estimado de todos pelas suas grandes virtudes, que atè os mesmos Viso-Reys o veneravaõ a elle muyto mais que aos Religiosos; sendo taõ perfeytos. Antes que os Olandezes nos tomassem a Ilha de Ceylaõ, assistia o Irmaõ Agostinho em Columbo, & pedio licença, para ir a Goa: porque devia ter luz do Ceo, para conhecer o grande castigo, & açoute, que estava para vir a seus descuydados moradores: & assim quiz ir morrer à vista da sua Senhora do Pilar, depois de ter aviso, & certeza do dia, & hora em que havia de morrer; & assim se foy despedir da Senhora; o que foy com grande ternura, & lagrimas. Festeja-se a Senhora do Pilar, em 18. de Dezembro dia da sua Expectaçaõ; & tambem em 19. de Julho, dia em que se lançou a primeyra pedra da sua Igreja. Da Senhora do Pilar escrevem o Padre Fr. Jacinto de Deos na sua Chronica cap. 2. artic. 12. E o Padre Mestre Fr. Faustino da Graça na sua Relaçaõ.

TITULO XXXIX.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora do Cabo Convento de Capuchos em Goa.

261 O Convento de noſſa Senhora do Cabo da Cidade de Goa, teve os ſeus principios no anno de 1594. E foy o ſeu Fundador o Viſo-Rey da India, Matthias de Albuquerque. Era eſte Fidalgo devotiſſimo dos muyto reformados Padres da Provincia de noſſa Senhora da Arrabida, cuja devoçaõ havia bebido com o leyte: & porque os Padres da Provincia da Madre de Deos da India, traziaõ a ſua Origem da referida Provincia da Arrabida; daqui lhe naſcia ao Viſo-Rey o grande amor com que os tratava. Eſte o obrigava a buſcallos, a fazer-lhe grandes favores, & tratallos continuamente, & a deſejar muyto os ſeus augmentos, & extençaõ de muytos Conventos. Com eſtes deſejos lhe fundou hum Convento em Goa, que quiz foſſe dedicado a noſſa Senhora do Cabo pela particular devoçaõ com que amava a eſta Senhora, que he venerada em o Cabo do Eſpichel, de que tomou o titulo, por ſe haver manifeſtado naquelle ſitio que he todo de penhas que ſe precipitaõ em o mar. No qual Santuario obra a Mãy de Deos muytas maravilhas, como ſe experimentaõ cada dia.

262 Fica eſte Convento fronteyro à barra de Goa, da parte do Nordeſte; aonde já eſtava huma Ermida antiga dedicada a N. Senhora, com o meſmo titulo do Cabo. E aſſim quando naõ foſſe por reſpeyto, & devoçaõ da meſma Senhora, quiz que na meſma ſua Ermida ſe deſſe principio ao Convento, & que naquelle ſitio, & lugar permaneceſſe o titulo daquella meſma Senhora a quem muyto venerava. Ve-ſe eſte Convento fundado ſobre hum alto monte; aonde ſe vé tambem hum grande deſpenhadeyro, que cahe ſobre as aguas, que furioſamente executaõ as ondas ſuas confuſas iras.

iras. He este sitio na verdade huma representaçaõ do mesmo Cabo do Espichel. Pela parte da terra he aquelle sitio lhano, & muyto capaz da assistencia dos Religiosos, de donde gozaõ de huma boa, & alegre vista de orizontes, & muytos arvoredos frescos, & agradaveis. O tempo em que esta antiga Ermida se fundou, ja hoje naõ consta, fundala-hiaõ os primeyros Portuguezes, que povoavaõ aquella Cidade, quando o grande Affonso de Albuquerque a tomou ao Idalcaõ: & entaõ pòde bem ser se fundasse por devoçaõ, & memoria da Senhora do Cabo do Arcebispado de Lisboa, & que entaõ se collocasse a mesma Santissima Imagem, que ainda ao presente he buscada dos moradores de Goa, com fervorosa devoçaõ, & romagens: & esta se augmenta cada dia com as muytas maravilhas, que a Senhora obra; porisso he ainda hoje muyto frequentado aquelle Santuario.

263 A esta casa da Senhora era muyto afeyçoado, pela sua solidaõ, & pelo titulo da Santa Imagem da Mãy de Deos, que nelle era venerada; o mesmo Viso-Rey Matthias de Albuquerque; mas depois que nella acomodou aos seus Padres Capuchos, entaõ cresceo muyto mais a sua devoçaõ, & affecto: porque quasi sempre lá assistia, & se aproveytava da santa communicaçaõ daquelles benditos Religiosos. Neste tempo em que era Viso-Rey da India Matthias de Albuquerque, & que estava com grandes desejos de dedicar àquella Senhora hum Convento; para que os moradores delle fossem seus perpetuos Capellaens; era Arcebispo daquelle estado da India Dom Fr. Mattheos da Ordem de Christo, & da filiaçaõ do Convento de Thomar, & a quem tocava a jurisdiçaõ della: a este a pedio o Viso-Rey: para o effeyto da fundaçaõ, o que elle com o seu Cabido lhe concedeo cedendo as instancias com que o Viso-Rey o pedia: mas com a condiçaõ, que essa Igreja, & Convento sempre seria dos Padres Capuchos da Obediencia do Convento da Madre de Deos de Goa, & nunca de outro instituto, ainda que fosse da mesma Ordem de Saõ Francisco, & que se em algum

tempo, ou por algum acontecimento a quizessem os Padres Capuchos da Madre de Deos de Goa deyxar, ou largar aos Padres da Obſervancia, ſe tornaria à poſſe, direyto, & dominio ao Reverendo Cabido,& ſua Igreja Matropolitana.

Com eſta condiçaõ aceytou o Viſo-Rey a Ermida da Senhora do Cabo, & nella edificou outra nova Igreja, & o Convento, como hoje ſe vé, & tudo à ſua cuſta; ainda que terreo, como o deliniou a pobreza daquelles primittivos Padres, contra a grandeza, & generoſidade do Fundador. E o que era Ermida ficou ſervindo de Sacriſtia, que depois ſe alargou. Começou-ſe o edificio a 5. de Fevereyro, dia de Santa Agueda, hoje dos Martyres do Japaõ, no meſmo anno de 1594. & ſe acabou a 14. de Julho do meſmo anno. E a brevidade moſtrou a cuydadoſa devoçaõ, & amor do Padroeyro, & os grandes deſejos que tinha de ver a ſua obra acabada, & perfeyta: & tambem ſe vè nelle a pobreza com que naquelles tempos ſe traçavaõ as caſas para domicilio daquelles, que ſó tratavaõ, & cuydavaõ das moradas do Ceo. Lançou a primeyra pedra o meſmo Viſo-Rey, com o Biſpo de Cochim Dom Fr. André de Santa Maria, que governava, por falta do Arcebiſpo Dom Fr. Mattheos.

264 He eſta caſa da Senhora do Cabo ainda hoje de grande devoçaõ: & movimento a compunçaõ aos que de novo entraõ nella; que parece eſtar aquella ſoberana Princeza do Ceo incitando a todos a deſejar as dilicias da Gloria. Com a ſua ſolidaõ convida a doce contemplaçaõ das couſas eternas, & com a ſua freſcura, & dilicioſa viſta as ſaudades do Ceo. E tudo cauſa aquella Senhora, & como em todos os trabalhos, neceſſidades, & doenças, favorece, & alivia aos ſeus devotos, poriſſo he buſcada com muyto fervoroſa devoçaõ, & romagens. Diſta eſta caſa da Cidade de Goa, quaſi huma legoa: a Senhora eſtá collocada em o Altar mòr, he de eſcultura de madeyra eſtofada de ouro, & he de mediana eſtatura. Antigamente ſe feſtejava nas Oytavas do Natal: mas hoje ſe lhe faz a ſua Feſtividade em 18. de Dezembro dia da Expectaçaõ da meſma Senhora.

265 A' lombra deſta milagroſa Senhora do Cabo, viveo em humas caſas humildes a ſerva de Deos Clara Tourinha, Terceyra da Ordem de Saõ Franciſco, que ſe occupava toda em continua oraçaõ, & contemplaçaõ, & o grande zelo, com que deſejava que Deos de todos foſſe amado, & ſervido, incitava, & movia com o ſeu fervoroſo exemplo, a que outras ſenhoras, & mulheres nobres daquella Cidade, a imitaſſem, buſcando-a, & pedindo-lhe as admitiſſe na ſua companhia, & aſſim aſſiſtiraõ com ella muytas em as ſuas proprias caſinhas: & alli viviaõ congregadas, como aquellas antigas emparedadas. Gaſtavaõ o tempo em louvores de Deos, & em Santos exercicios de oraçaõ, & reguroſas penitencias, & neſta occupaçaõ acabou a vida com opiniaõ de muyta virtude, & ſantidade.

266 Tudo iſto que foy por influencias daquella ſoberana Rainha da Gloria, moveo a outros a ſeguir o meſmo exemplo, para irem viver à ſombra daquella miſericordioſa Mãy dos peccadores; como foraõ os Irmãos Terceyros André da Payxaõ, & ſua mulher Luiza de Jeſus; os quaes viveraõ naquelle ſitio em ſuas caſas; mais de quarenta annos, em perpetua continencia, & em ſantos exercicios de oraçaõ, & grandes penitencias, & obras de caridade. Era André da Payxaõ Portuguez, & naſcido em Portugal, & ſua mulher filha da India, mas deſcendente de Portuguezes, & ambos paſſáraõ a melhor vida com a opiniaõ de ſantos, & delles faz mençaõ o P. M. Fr. Jacinto de Deos na ſua Chronica da Provincia da Madre de Deos da India cap. 8. art. 8. Da Senhora do Cabo, & da Origem de ſeu Convento faz mençaõ o meſmo Padre Fr. Jacinto de Deos na meſma hiſtoria. Cap. 2. art. 12. E o Padre Meſtre Fr. Faſtino da Graça em a ſua Relaçaõ que nos invocou.

TITU-

TITULO XL.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora da Graça Patrona, & Padroeyra da Congregaçaõ dos Eremitas de meu Padre Santo Agostinho da India Oriental.

267 A Primeyra casa, & a cabeça da Congregaçaõ Eremitica de meu Padre Santo Agostinho da India Oriental, que se fundou em Goa, he o Convento de nossa Senhora da Graça: cuja magnifica Igreja, que he de huma só nave; mas edificio muyto vistoso, & alegre, & de perfeytissima arquitectura; cuberta de abobada cujo corpo começando do arco toral do cruzeyro atè às portas principaes, aonde fica o coro, faz de largo setenta & tantos palmos, & de comprido, da porta principal atè o mesmo arco tem cento & setenta & cinco palmos. A Capella mòr tem de largo vinte palmos, & de comprido trinta. De alto atè toda a simalha, faz oytenta palmos. O cruzeyro tambem he fermoso; porque tem de comprido cento & trinta & cinco palmos. Vem-se naquella Igreja quinze Capellas, cinco no cruzeyro com a Capella mòr, na qual se vé a tribuna do Santissimo Sacramento, que he magestosa. As Capellas do cruzeyro, que ficaõ à parte do Evangelho saõ a de nossa Senhora das Angustias, & a de Saõ Nicolao de Tolentino. As da parte da Epistola, he a primeyra a do Senhor dos Passos, & a segunda a de nossa Senhora da Graça, de quem agora tratamos. No corpo da Igreja ficaõ dez, cinco por cada hum los lados: tres por cada huma das partes da grade do coro até o cruzeyro, as outras quatro, ficaõ debayxo do coro, duas de cada lado. Este coro he fermosissimo: porque tem de comprido alguns oytenta palmos, & de largo setenta & cinco; com tres ordens de cadeyras, por cada huma das partes. Tem hum frontespicio magestoso com tres grandes janellas, & em cima da do meyo hum grande espelho,

com

com que fica clariſſimo aquelle grande Templo. Tem no meſmo frontespicio duas fermoſas torres: tres portas todas grandes, & com o ornato de columnas. Finalmente he eſte Templo muyto magnifico.

268 Logo em os principios que entráraõ na India os filhos de Santo Agoſtinho, que foy pelos annos de 1575. ſe edificou à imitaçaõ da primeyra, & principal caſa que a Ordem tem em Lisboa hum Convento a que impuzeraõ tambem o meſmo titulo, dedicando-o a noſſa Senhora da Graça. Na Igreja deſte Convento, ſe dedicou huma Capella particular, para ſe collocar nella aquella ſoberana Imagem, Numen, & tutelar do meſmo Convento, & Congregaçaõ a qual ſe vé à parte da Epiſtola. He eſta Santiſſima Imagem agigantada na ſua proporçaõ; porque he da eſtatura de hũa grande, & perfeytiſſima mulher, & tem mais de ſete palmos em alto. He de eſcultura de madeyra, de rara fermoſura, & precioſamente eſtofada. Tem ſobre o braço eſquerdo, aquelle ſoberano Deos Menino, que he a fonte de toda a graça. Naõ conſta aonde foy obrada eſta ſoberana Effigie de Maria; mas entende-ſe, ſe obraria em Lisboa; aonde ſempre ouve perfeytiſſimos artifices em a arte da eſcultura.

269 Com eſta benigna, & celeſtial Patrona, tem naõ ſó todos os Religioſos daquelle Convento, ſeus filhos, & Capellaens grande devoçaõ: mas tambem todos os moradores de Goa; porque a favor de todos obra ſempre muytas maravilhas, moſtrando em os favorecer que he benigna, & amoroſa Mãy. Na Sacriſtia daquelle Convento ſervia hum Cafre, que ſe chamava Martinho, & que tinha cuydado da limpeza, & aceyo daquella Igreja: era eſte virtuoſo, & bem inclinado, & muyto grande devoto da Senhora da Graça. Andava eſte, hum dia ſacudindo, & alimpando a Igreja ſubido em huma eſcada demaſiadamente alta, cahio della, & de grande altura, de donde naõ podia deyxar de ſe fazer empedaços, ſe cahira em terra. Vendo-ſe elle deſpenhado, chamou pela Senhora da Graça, pedindo-lhe, que o livraſſe, &

lhe

lhe valesse. E como a Senhora nunca se detem em a cudir,& em favorecer, & livrar de todos os perigos aos que implorão o seu favor; a Senhora lhe acudio com tanta promptidão, que ella o sustentou, para que não perigasse; porque ficou em pè; & veyo como quem não cahia; mas como se o trouxessem em os braços,& o puzessem muyto mansamente, & seguro em o chaõ, sem experimentar susto, ou perturbação alguma. Reconheceo Martinho, quem lhe havia feyto o favor, & assi n foy logo a render as graças à sua soberana Protectora, por aquelle grande beneficio, que lhe fizera. Festejaõ os Religiosos a Senhora da Graça em o dia da sua Presentação em o Templo a 21. de Novembro. Da Senhora da Graça de Goa, & das suas maravilhas faz menção o Padre Mestre Fr. Faustino da Graça na sua Relação.

TITULO XLI.

Da milagrosa Imagem de N. Senhora das Angustias, que se venera na Igreja de N. Senhora da Graça de Goa.

270 NO referido Convento de N. Senhora da Graça da Cidade de Goa; se tem em muyto grande veneração, huma devotissima Imagem da Rainha dos Anjos, a quem daõ o titulo das Angustias, que experimentou o seu coração ao pé da Cruz. He esta soberana Imagem, formada de escultura de madeyra, & estofada. Está em pé com com as mãos juntas, & com os dedos cruzados; como quem exprime no aperto das mãos a vehemencia da sua dor, & o grande do seu sentimento. E no peyto tem sete espadas, em significação das sete angustias, que no Monte Calvario padeceo a sua bendita alma: he de grande fermosura, & com ella a grande magestade que mostra, está atrahindo a si todos os coraçoens. A sua estatura saõ cinco palmos: & he tratada com muyto grande veneração.

271 Tem esta Senhora huma grande Irmandade, q̃ terá perto

perto de cento & vinte annos de principio, porque se instituhio no tempo em que foy Arcebispo daquella Primazia o Illustrissimo Dom Fr. Aleyxo de Menezes, que começou a governalo no anno de 1595. Esta sua Irmandade a festeja com grande solemnidade em a Dominga infra octava da Epifania, com a mesma Missa da Dominga. Nas vesporas tem prociſſaõ, & nella he levada a Senhora pela Cidade; o que se faz com muyta grandeza, & apparato. No seu dia, em que está o Senhor manifesto, se faz no fim outra prociſſaõ, com o Senhor, mas mais breve. Neste dia he muyto grande o concurso do povo, que concorre às confissoens, & Missas, & nelle ha hum grande jubileo.

272 No primeyro anno, em que os Irmãos Confrades da Senhora das Anguſtias (sentido o demonio desta piedosa devoçaõ, & acçaõ taõ devota, & de tanta compunçaõ, & de que ainda os mesmos Gentios se compungiaõ, & edificavaõ) faziaõ esta sua muyto devota prociſſaõ; a quiz embaraçar, & impedir se pudesse: porque indo a prociſſaõ pela rua direyta, pertendéraõ os Irmãos da Misericordia impedilla, naõ sey com que frivolo motivo: para isto fizeraõ (como se fosse rebate de inimigos) que se picassem os sinos da Misericordia, & os da Sé: mas a Senhora que toda he cuydadosa da paz, & da concordia, fez que o demonio naõ sahisse com a sua: porque tudo ella compoz, & sossegou. Está esta Santissima Imagem collocada em a Capella colateral da parte do Evangelho (como já fica dito) & todas as quartas feyras, que naõ saõ impedidas, se lhe canta a sua Missa. He esta Santissima Imagem de muyta devoçaõ; & assim obra a favor dos seus devotos muytas maravilhas, & prodigios: & por isso concorrem muytos a buscar nella o remedio de suas enfermidades; & o alivio dos seus trabalhos: & a Senhora os consola nas suas anguſtias, & tribulaçoens.

273 Huma mulher nobre daquella Cidade, tinha muyto grande devoçaõ com esta milagrosa Imagem da Senhora: & todas as vezes, que seu marido, ou seus filhos adoeciaõ,

logo

logo se hia apostrar diante daquella Santissima Imagem da Senhora,& se punha junto ao seu Altar,& logo a achava propicia, sempre sahia da sua prezença bem despachada, & se recolhia para sua cata com grande consolaçaõ. Hum General das Armadas do Norte, era devotissimo desta milagrosa Senhora, & o havia sido sempre, antes que fosse General, & tudo quanto lhe pediaõ pelo amor da Senhora das Angustias, tudo concedia logo. È nas petiçoens que lhe faziaõ dentro nellas, para mais o obrigarem, & para conseguirem os despachos que pertendiaõ; lhe metiaõ a Senhora pintada.

214 Vinha da China, & Cidade de Macao, para Goa huma fragata; esta com huma grande tormenta, se foy meter nas Ilhas Maldivas, de donde senaõ pòde sahir, nem escapar do perigo, ainda hum barco, se lá entra. Estava toda a gente da fragata já discorçoada, pelo evidentissimo perigo, em que todos se viaõ,de haverem de naufragar naquellas Ilhas cheyas de cachopos,& perigos. Fizeraõ varias promessas a varias invocaçoens da Senhora,& a muytos Santos, & nada conseguiaõ. Mas tanto, que invocáraõ a Senhora das Angustias logo a Senhora ouvio os seus clamores; porque sahio a fragata daquelle grande perigo. Muytas outras maravilhas tem obrado, & obra a favor dos seus devotos. Desta Senhora faz mençaõ o Padre Mestre Fr. Faustino da Graça na sua Relaçaõ.

TITULO XLII.

Da milagrosa Imagem de N.Senhora do Rosario de Mascate que se venera em a Cidade de Goa.

275 O Evangelho, que a Igreja canta na celebridade da Virgem nossa Senhora do Rosario, he
Matth.1. de Saõ Mattheos: *Liber generationis Jesu Christi Filij David, Filij Abraham.* Por livro da geraçaõ de Jesu Christo Senhor, & Salvador nosso, se deve entender; segundo os Santos Padres

dres, & Interpetres; o livro de todo o discurso da sua vida, & tudo quanto nella succedeo; o que se prova de muytos lugares da Sagrada Escritura, & em particular do nono cap. do Genesis, aonde o Espirito Santo, fallando de Noé; diz que fora justo em todas as suas geraçoens. *Noe vir justus in generationibus suis.* Isto conforme o declaraõ os Santos, & Doutores, que Noè foy justo em todos os estados, em todas as idades, & em todo o discurso da sua vida. Isto mesmo sente Santo Ambrosio na declaraçaõ daquellas palavras do Apostolo Saõ Paulo aos Hebreos; aonde tomando tudo quanto o Filho de Deos padeceo, pela salvaçaõ dos homens, diz que foy, *Indiebus carnis suæ.* Nos dias da sua carne. Parece, diz Santo Ambrosio, que faz Paulo nestas suas palavras aluzaõ particular ao nascimento temporal de nosso Salvador: mas o certo he, que por dias da sua carne, entende os desta mortal vida, que viveo nos quaes padeceo, & sofreo muyto por nosso amor: *Dies quimpe carnis Domini nostri, dies sunt in quibus carnem assumpsit, in quibus tentus, & passus est.*

Genes. 9. Maldon. in cap. 1. Matth.

Ad Heb. 5.

276 Supposta como verdadeyra esta doutrina, conserta bem o Evangelista o titulo de seu Evangelho, com a solemnidade, & festa da Senhora do Rosario: o qual he hum livro das lagrimas, da pobreza, da mortificaçaõ, do jejum, da oraçaõ, dos trabalhos, das afrontas, da Cruz, da Payxaõ, & finalmente hum livro de tudo quanto o Senhor fez pela nossa salvaçaõ, desde o primeyro instante de sua conceyçaõ, atè a coroaçaõ de Maria Santissima em a Gloria. E assim o mesmo vem a ser, quanto a substancia: Chronica da geraçaõ de Jesu Christo, composta por Saõ Mattheus; que he o Rosario da Virgem Maria, por ella ordenado, & aos homens cõmunicado, & ensinado: huma, & a mesma cousa saõ o livro da geraçaõ de Jesu Christo; & lucro dos quinze mysterios de nossa Redempçaõ.

277 Muytos foraõ os Conventos, que a Congregaçaõ da India dos Religiosos Eremitas de meu Padre Santo Agostinho teve no Oriente, dos quaes se perderaõ muytos

com

com as terras, porque sendo conquistadas por Herejes, & Idolatras; assim como se perderão as povoaçoens; assim se desamparárão tambem os Conventos. Destes foy hum o de Mascate, que fica em o Reyno de Ormus aonde pertencia. Era a Igreja daquelle Convento dedicada à Virgem nossa Senhora do Rosario, aonde havia huma Imagem sua muyto milagrosa, que era a consolaçaõ, & o alivio de todos aquelles moradores. Foy assaltada aquella praça, & Cidade no anno de 1647. pelos Arabios: & como os Portuguezes que presidiavaõ aquella fortaleza eraõ poucos, & os inimigos muytos, prevalecéraõ contra os nossos, & tomáraõ-nos aquella praça, & Cidade, & naõ seria porque os nossos soldados eraõ poucos, mas porque os peccados dos Portuguezes eraõ muytos, & assim mais foy castigo das culpas, do que fraqueza, & falta de soldados.

278 Entráraõ os Arabios no Convento, & como Mouros infieis foraõ despedaçando tudo, sem ter respeyto às Imagens sagradas. Estavaõ no Convento quatro Religiosos de Santo Agostinho, & porque acháraõ a hum delles doente o arrojáraõ de huma janella abayxo, & ao Prior, & aos outros dous os matáraõ diante do Altar de nossa Senhora do Rosario, aonde os acháraõ ajoelhados, & o corpo de hum delles, esteve muytos tempos fresco sem padecer corrupçaõ alguma, nem o tocarem as feras, que havia no campo, & taõ flexiveis estiveraõ os seus membros como se estivesse vivo. Mostrando a Senhora do Rosario que se os naõ livrou do conflito da morte, foy porque lograssem a coroa do Martyrio. Tomáraõ a Santissima Imagem da Senhora do Rosario, em cuja deffensa, & das mais Imagens; & reliquias, foraõ os Religiosos cruelmente mortos: & se como aquella sagrada Imagem da soberana Rainha do Ceo fosse o principal objecto da sua furia, incitados do demonio a lançáraõ em hũa fogueyra para a reduzirem a cinzas. Mas ò poder do Altissimo? Dispoz este Senhor, que o fogo reconhecendo-a por Imagem da Mãy de seu Creador, lhe tivesse o respeyto, que

os

os Barbaros lhe naõ ſouberaõ ter: porque reprimio a efficacia dos ſeus ardores, & ſoube veneralla; & naõ offendella. Vendo os Barbaros, que lançando-a por repetidas vezes na fogueyra, o fogo a naõ tocava, mas reſpeytando-a ſe afaſtava della, a lançaraõ fóra.

279 Alguns dos Chriſtãos, que eſcapáraõ com vida naquelle grande conflicto, & aſſalto, tomáraõ eſcondidamente a Santiſſima Imagem, & com a reverencia que puderaõ a envolvéraõ em humas eſteyras; & com ella em o ſilencio da noyte ſe meteraõ em huma pequena barca que acháraõ, & encomendando-ſe à Senhora, para que os guiaſſe: & pondo a proa em Goa, a Senhora os guiou de ſorte, que brevemente, & livres de todos os perigos, puderaõ chegar àquella Cidade.

280 Na occaſiaõ em que eſtes devotos, & felices Argonautas, queriaõ tomar a barra de Goa eſtava ella cercada de algumas naos Olandezas; & paſſando pelo meyo dos inimigos, naõ foy viſta delles aquella ditoza barca, que levava o theſouro Santiſſimo de toda a Santidade, como chama a Maria, André Cretenſe: *Theſaurus Sanctiſſimus omnis Sanctitatis.* E chegando a portar nas prayas daquella Cidade junto à Alfandega; ſaltaraõ em terra; & foraõ logo dar parte aos Religioſos do Convento de noſſa Senhora da Graça; que ſahindo em Communidade; foraõ logo a buſcar a Imagem da Senhora; & a leváraõ com grande jubilo, & alegria de ſeus coraçoens em huma devota prociſſaõ; & acompanhados de huma grande multidaõ de povo, que logo acudio; & a collocáraõ na ſua Igreja, em a Capella de noſſa Madre Santa Monica, aonde ſe lhe fez logo hũa grande feſta, & com hum muyto elegante, & devoto Sermaõ. Na meſma Capella perſevera até o preſente, que he huma das que eſtaõ no corpo daquella grande Igreja. He eſta Santiſſima Imagem de eſcultura de madeyra eſtofada, tem ſobre o braço eſquerdo ao Menino Deos, & ambas as Imagens ſendo taõ barbaramente arrojadas no fogo, nenhuma dellas padeceo lezaõ, ou

And. Cret. Orat. 2. de Aſſumpt.

mao tratamento algum; a sua estatura saõ quatro palmos. Festeja-se em a primeyra Dominga de Outubro, dia proprio da Senhora. Della faz mençaõ o Padre Mestre Fr. Joseph Sicardo na sua Historia do Japaõ l. 1. c. 3. & o Padre Mestre Fr. Faustino da Graça na sua Relaçaõ manuscrita.

No corpo da mesma Igreja de nossa Senhora da Graça; se vem da parte da Epistola tres Capellas desde o arco do cruzeyro atè às grades do Coro; a terceyra destas he dedicada a nossa Senhora do Bom Successo: aonde se vé collocada huma Imagem sua de muyta devoçaõ: a esta Senhora servem com grande veneraçaõ os Officiaes dos Contos, & elles saõ os que a festejaõ todos os annos, o que fazem com muyta grandeza. Della faz tambem mençaõ o mesmo Padre Fr. Faustino da Graça em a sua Relaçaõ.

TITULO XLIII.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora das Neves da Villa de Rachol.

NA Fortaleza de Rachol situada na Ilha de Salsete de Goa, se edificou huma Igreja, que se dedicou à Virgem nossa Senhora com o titulo das Neves no anno de 1576. E se lhe deu principio debayxo da artelharia da mesma Fortaleza; depois de haverem passados dez annos, que os Padres da Companhia tinhaõ dado principio naquelle sitio a huma Residencia: naqual se havia collocado huma Imagem da Senhora. Naquella Povoaçaõ estiveraõ alguns tempos, & alli deraõ principio a hum Collegio; que depois transferiraõ para a Villa de Margaõ. Mas depois por se acharem alguns inconvenientes, se voltàraõ outra vez para a de Rachol. E aqui se deu principio ao Collegio, & se lançou nelle a primeyra pedra da moderna fabrica, & no anno de 1609. & no seguinte de 1610. se mudáraõ os Padres para o seu novo Collegio.

Fica

Fica o Santuario da Senhora junto ao meſmo Collegio; eſtá collocada no Altar mòr como Patrona daquelle Santuario; & logo em os principios da ſua colloca, ao começou a obrar infinitos milagres; & na converçaõ dos Gentios grandes prodigios, he eſta Santa Imagem de eſcultura de madeyra. Os Padres nos principios ſe valéraõ da caſa da Senhora, & ella os recolheo; depois que deraõ principio ao Collegio; priváraõ a Senhora do ſeu Patronato, & o deraõ ao ſeu Santo Fundador Santo Ignacio o que eu naõ fizera, & conſervava ſempre a Senhora que os recolheo.

As maravilhas que tem obrado deſde os principios que foy collocada naquella Igreja ſaõ infinitas; & a favor dos Gentios muytos prodigios. Em hũ dia da ſua feſtividade que he em cinco de Agoſto ſe bautizáraõ cento & quarenta Gentios. Das terras dos Mouros vieraõ tres Gentios de muyto larga idade, como cervos feridos da força da perdiſtinaçaõ a buſcar as fontes da graça em Salſete. E huns, & outros foraõ regenerados no Santo Bautiſmo com grande apparato: a todos eſtes parece que moveo a miſericordioſa Senhora: & os trouxe com eſpecial toque a buſcar a graça.

Havia entre as Bramenas daquella Freguefia de Rachol huma, a quem ſuccedeo o meſmo que a noſſa Santa Monica, a qual gaſtou ſinco annos continuos, em oraçoens, & lagrimas para alcançar de Deos a converſaõ de hum filho. Reſiſtia eſte como outro Agoſtinho (ſe he licito comparar os Pimeos com os gigãtes) as piedoſas batalhas da Mãy por lhe ter dito o ſeu Boto, ou Sacerdote Idolatra, q̃ havia de ſer grande entre os Gentios. Adoeceo a virtuoſa Matrona, & pelo meſmo filho, ainda Idolatra mandou chamar o Vigario para ſe confeſſar com elle. Sabia muyto bem o P. dos deſejos da Mãy, & da pertinacia do filho, & como era dia da Senhora das Neves, valeo-ſe eſte Padre do ſeu patrocinio para ver ſe podia derreter aquelle coraçaõ encaramellado, como fogo da Divina graça, que eſtava mais frio, que a meſma neve, & ſenaõ com tanta eloquencia, ao menos com igual felicidade à

de Santo Ambroſio, o foy exhortando pelo caminho, com efficaſiſſimas razoens, a lançar de ſi o pezado jugo do demonio,& ſó meterſe ao leve,& ſuave jugo de Jeſu Chriſto,& antes de chegarem ao fim da jornada o vio rendido, & desfeyto em lagrimas a ſeus pès. Entra o Padre alegriſſimo pela caſa da Mãy enferma, dalhe as boas novas da ſubita mudança do filho. E ſe ouve já goſtos grandes, que matáraõ de repente; eſte com ſer exceſſivo, lhe infundio taõ improviſos alentos,que ſe ſentou na cama,& diſſe que já ſentia melhoras. Alegraraõ-ſe muyto os Chriſtãos, & deraõ as graças à Senhora das Neves. Deſte ſucceſſo faz mençaõ o P. Franciſco de Souſa no ſeu Oriente Conquiſtado tom. 2. Conq. 1. Diviſ. 1. n. 33.

He muyto grande a devoçaõ, que todos os moradores de Rachol tem com eſta milagroſa Senhora. Hum Antonio de Goes Portuguez deyxou aos mordomos da Senhora para occulto do ſeu Altar, & fabrica da ſua Igreja no anno de 1582. hum Palmar em Vanelim. E outro Capitaõ de Rachol deu tambem à Confraria da Senhora huma botica para as deſpezas, & fabrica da meſma Igreja. Outra mulher chamada Maria Gonçalves lhe deyxou duas de canto, & hum chaõ maninho na Aldea de Camorlim no anno de 1600. E Gaſpar Pereyra Bramane, lhe deyxou o azeyte neceſſario a ſua alampada. Feſtejaõ a Senhora das Neves no ſeu dia de cinco de Agoſto com muyta ſolemnidade Miſſa cantada, & Sermaõ. He eſta ſua caſa a Paroquia de Rachol, & eſtá ſogeyta aos Padres da Companhia; porque he doutrina ſua, & o Vigario,& Parrocho que adminiſtra os Sacramẽtos àquelles freguezes he Religioſo do meſmo Collegio. Da Senhora, & das ſuas maravilhas daõ tambem teſtemunho os muytos ſinaes q̃ ſe vem pender das paredes daquella ſua caſa. A favor dos Gentios tem obrado tambem na ſua converſaõ muytas maravilhas, & aſſim he buſcada delles, em todos os ſeus trabalhos, & tribulaçoens, & em ſuas enfermidades, & com os favores que recebem ſe rendem, & ſogeytaõ à Fé. Della faz mençaõ o referido Padre Franciſco de Souſa a cima referido

ferido no seu Oriente Conquistado, & o Padre Fr. Faustino da Graça nas suas Relaçoens.

TITULO XLIV.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora das Neves do Noviciaao, e Convento de nossa Senhora da Graça de Goa.

281 EM todos os Noviciados da nossa Religiaõ Augustiniana tem sempre a Máy de Deos casa, & Capella particular: porque a ella tem todos por Patrona. No Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa he a Capella do seu Noviciado dedicada ao mysterio de sua Conceyçaõ purissima. O Convento de nossa Senhora da Conceyçaõ do Monte Olivete de Agostinhos Descalços; o seu Noviciado, he dedicado à Expectaçaõ do Parto da Virgem nossa Senhora. O Convento de nossa Senhora da Graça de Goa dedicou o seu Noviciado a N. Senhora das Neves; & nasua Capella he venerada hũa muyto milagrosa Imagem desta excelsa Rainha. Com esta Senhora tem, naõ só os Noviços daquella casa huma muyto cordeal devoçaõ; mas todos os Religiosos daquelle grande Convento. Muytas saõ as maravilhas prodigiosas, que se referem haver obrado, entre as muytas que continuamente obra: porque a todos consola, alivia, & faz favores; porque em doenças perigosas, & em trabalhos grandes, tanto que he invocada, logo se experimentaõ os effeytos do seu grande poder, & da sua grande piedade.

282 A hum Noviço (maravilha que por tradiçaõ se conserva na memoria de todos aquelles Religiosos) fez esta Senhora hum notavel favor. Andava este muyto afflicto, & desconsolado: por lhe haver dito o Mestre, que lhe haviaõ de dispir o habito, & lançar fóra da Religiaõ, por certa causa, ou fosse imposta sem culpa, ou verdadeyra. E como naõ tinha quem intercedesse por elle, nem quem o apadrinhasse

com os Prelados:na sua afflicçaõ recorreo à Senhora das Neves; como àquella que he a consolaçaõ dos afflictos, & o amparo dos desvalidos, & desamparados, pondo em suas mãos a sua causa, para que ella o deffendesse. Foy-se pòr huma noyte diante da milagrosa Senhora;& alli com muytas lagrimas, & gemidos lhe pedio o seu favor, & amparo.

283 Como as lagrimas foraõ sempre muyto poderosas, para alcançar desta amorosa Mãy dos peccadores despachos muy felices; a Senhora compadecida do afflicto Noviço, & movida das muytas lagrimas que derramava; apparecendo-lhe, ou fallando-lhe pela sua Imagem o consolou, dizendo-lhe. Naõ temas filho, lança fóra os teus temores, naõ te desconsoles: porque naõ sahirás da minha casa, & se te obrigarem a isso, ainda te abriráõ as portas, para tornares a entrar por ellas. Soube-se depois a verdade, & se reconheceo a sua innocencia; & assim ficou, & professou no anno de 1662. Depois de alguns annos feyto já Sacerdote, & indo para Manilla Cidade principal de Philipinas, de lá, em final do seu agradecimento, aos favores que da Mãy de Deos, a Senhora das Neves havia recebido, lhe offereceo huma rica coroa de ouro,& outra ao Menino Deos,que tem sentado sobre o seu braço esquerdo.

Estas duas joyas que à Senhora offereceo, & mandou, vinhaõ acompanhadas com estes versos, em que declara o beneficio que recebeo.

Talia verba novo Fratri respondet Imago
Lignea, quæque Nivis nomine guaudet ait:
Pone modum lacrymis, fili, depone timores,
Fleti fer us absit lucibus unda tuis
Alaribus nunquam noſtr is exir e licebit.

E no que tocava à offerta das coroas de ouro, que o mesmo Religioso movido do seu devoto agradecimento, mandava à Sacratissima Senhora das Neves, & ao Santissimo Menino, que tem em os seus braços, se refere que tambem lhas remetera com estes segundos.

Filicem

Felicem eventum rerum teſtatur eundem
Aurea, quæ cingit Virgo, Corona, caput
Quam novus externis, miſit Germanus ab oris
Munera, pro acepto munera, grata dedit.

Deſta ſorte quiz aquelle virtuoſo Religioſo perpetuar a memoria do favor, que a Senhora lhe fez: & bem ſe puderaõ referir, outros muytos, ſe ouvera curioſidade em os meſmos que os recebèraõ; para delles fazerem memoria, como agradecidos. A ſua feſta ſe ſolemniza no ſeu meſmo dia de cinco de Agoſto. Da Senhora das Neves eſcreve o Padre Meſtre Fr. Fauſtino da Graça na ſua referida Relaçaõ.

TITULO XLV.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora do Bom Succeſſo, que ſe venera na Igreja da Cruz dos milagres.

284 FO'ra da Cidade de Goa, appareceo em hum monte em 23. de Fevereyro do anno de 1619. em huma Cruz de madeyra, que nelle eſtava arvorada, já de muyto tempo, o Senhor Crucificado, que viraõ muytos ainda que naõ durou, por muyto tempo eſta miſericordioſa manifeſtaçaõ. O primeyro que vio eſta eſtupenda maravilha, foy hum Cirurgiaõ natural de Cananor, chamado Pedro da Silva, que ſahia da Igreja, de N. Senhora da Luz. Neſte lugar ſe eregio depois hũa Igreja; que ſe dedicou ao ſagrado final da noſſa Redempçaõ: para o q̃ concorréraõ logo todos, & nella ſe collocou depois de paſſados muytos annos, hũa Imagem da Rainha dos Anjos Maria N. Senhora, pela qual obra Deos muytas maravilhas, & milagres. Os principios, & o motivo para ſe collocar naquella Igreja ſe refere neſta maneyra.

285 No Convento de noſſa Senhora da Graça de Goa ouve hum Religioſo grave que foy Provincial da Congregaçaõ da India, chamado Fr. Agoſtinho dos Reys, natural do lugar de Caparica, termo da Villa Almada. Eſte Padre

tinha na sua cella huma Imagem da Virgem nossa Senhora de vulto, & de pouco mais de palmo, & meyo de alto, a quem elle invocava com o titulo do Bom Successo: & pela grande devoçaõ, que lhe tinha, a recolheo em hum caxilho, ou tabernaculo, com o ornato de cortinas, & com muyto aceyo. He esta Santa Imagem de escultura de madeyra com o Menino Jesus sobre o braço. Naceo-lhe a este Padre huma nascida sobre o dedo de hum pè: & como naõ fizesse muyto caso daquella queyxa, julgando que naõ seria nada: o seu descuydo foy causa, que se lhe solapasse o dedo de sorte, que esteve em riscos de lho cortarem. E como elle era virtuoso; tambem naõ cuydava muyto nos remedios querendo padecer aquellas dores, por amor daquelle Senhor, que tantas padeceo por nòs, as quaes se avivavaõ com os pòs de *Joannis vivi*, q̃ lhe lançavaõ. Desconfiando o Padre de ter melhoras no dedo, pedio a nossa Senhora do Bom Successo, lhe desse saude; & para saber, que ella lha queria dar, pedio-lhe que lhe desse hum final: & que este havia de ser; se as cortinas do seu oratorio, elle as achasse corridas porque assim o teria, por final certo das suas melhoras. Vindo o Padre para a sua cella achou as cortinas corridas, & a sua Senhora manifesta. Ainda senaõ contentou com esta demonstraçaõ, mas segunda vez tornou a dizer à Senhora, que se as cortinas do seu caxilho, ou oratorio estivessem, naõ só corridas, mas dobradas, para cima; que entaõ diria, que o seu dedo havia de sarar de todo. Voltando outra vez a ver a sua Senhora, achou as cortinas na mesma fórma, que havia apontado, & pedido.

286 Terceyra vez fez outra petiçaõ (em que já parecia mais impertinencia do que devoçaõ, senaõ fora tudo isto hũ mysterioso presagio das muytas maravilhas, & milagres, que depois havia de obrar aquella benigna Senhora.) Nesta sua terceyra petiçaõ, pedio à Senhora; que se as cortinas estivessem dobradas, & recolhidas para dentro, & de traz da sua Santissima Imagem, entaõ se daria por certificado, de que havia de ficar de todo saõ, & bom do seu dedo. Caso

mara-

maravilhoso. Indo a ver a Senhora, achou as cortinas na mesma forma, que elle havia apontado, & assim ficou de todo certo das suas melhoras, & em poucos dias se vio de todo saõ, & livre daquella dolorosa chaga, sem necessitar de mais medicamentos.

287 Vendo o Padre Fr. Agostinho dos Reys, taõ grandes maravilhas; quiz logo que a Senhora do Bom Successo estivesse em parte, aonde todos pudessem experimentar os seus favores, & em todos os seus negocios; & pertençoens felices successos. E assim tratou logo de collocar na Igreja da Santa Cruz dos Milagres, a Santa Imagem: a qual estava entaõ debayxo da jurisdiçaõ dos Priores de nossa Senhora da Graça, por se haver reedificado por industria, & diligencia, do mesmo Padre Fr. Agostinho dos Reys: porque a primeyra Igreja foy fabricada no anno de 1619. & tal vez; porque se levantou logo, & com muyta pressa, se arruinou com o tempo. E esta nova que o Padre reedificou com o seu zelo, & cuydado foy ao que eu entendo, levantada pelos annos de 1669. E para haver de collocar a Senhora naquella Igreja o fez com huma solemne Procissaõ, o que succedeo em o anno de 1671. & neste dia lhe fez huma grande festa. Collocada a Senhora naquella Igreja, logo começou a obrar novas maravilhas, & protentos: & começou a ser frequentado aquelle Santuario de todo o povo daquella Cidade. Instituhio tambem o mesmo Padre Fr. Agostinho hũa Irmandade; para que todos os annos servisse, & festejasse aquella Senhora a qual ainda a serve com muyta devoçaõ: & esta sua festa se lhe faz em 18. de Dezembro, dia da Expectaçaõ do parto, & nelle he muyto granda o concurso do povo.

288 Esta Igreja se deu depois pelos Padres do Convento de nossa Senhora da Graça, aos exemplares Padres da Congregaçaõ do Oratorio de Saõ Filippe Neri da India, & elles saõ os que hoje servem à Senhora do Bom Successo, & cuydaõ muyto do seu culto, & veneraçaõ. Desta Senhora faz mençaõ o Padre Mestre Fr. Faustino da Graça em a sua Relaçaõ.

TI-

TITULO XLVI.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora dos Remedios, que se venera em o Collegio de Santo Thomàs de Goa.

289 OS Padres da Ordem dos Prégadores da Congregaçaõ da India, alèm do seu Convento mayor, que tem na Cidade de Goa, tem mais outro Convento, ou Collegio dedicado ao Doutor Angelico. Na Igreja deste Collegio se vé em huma Capella colateral, da parte da Epistola, collocada huma milagrosa Imagem da Mãy de Deos, a quem invocaõ com o titulo de nossa Senhora dos Remedios. A esta milagrosa Senhora reccorrem todos com grande fé, em todos os seus trabalhos, & necessidades, & assim achaõ na sua piedade para tudo remedio, saude & consoloçaõ: porque o mesmo he recorrer a ella que conseguirem logo os despachos de todas as suas petiçoens.

290 Havia na Cidade de Goa huma mulher muyto pobre, & muyto aleyjada, a qual só de rastos se podia mover: tinha esta muyto grande devoçaõ com aquella soberana Imagem da Senhora dos Remedios; & ordinariamente se hia pòr às portas da Igreja, & tal vez, que tambem o faria (depois que se encommendava à Senhora) para mover aos que entravaõ, a que tivessem compayxaõ de sua pobreza, & necessidade, & lhe dessem alguma esmola, para o seu sustento, pelo amor da Senhora dos Remedios: & como ella era devota da Senhora, tambem os moveria a Senhora, a que se apiedassem della, ajudando-a com as suas esmollas, como faziaõ.

291 Hum dia estando esta pobre mulher dormindo, ou adormecendo naquelle mesmo lugar aonde se punha: & sonhou que a Senhora dos Remedios, a levantava, & lhe mandava que andasse. Despertou do sonho, & achouse saã, & livre de toda aquella queyxa que padecia, & andava pelos seus pès tam desempedida, como se nunca ouvesse tido quey-

xa

ta alguma. Sendo perguntada dos que a conheciaõ, & que hiaõ ver o como sarara? Respondia, que a Senhora dos Remedios a levantára, & lhe fizera aquelle grande favor. Succedeo este prodigio no anno de 1658. Naõ viveo esta mulher depois que recebeo aquella milagrosa saude mais que tres dias: mas como ella era boa; he de crer, que a mesma Senhora que lhe alcançou a saude corporal; lhe alcançaria tambem a eterna.

292 He esta Santissima Imagem da Senhora de grande estatura, & assim será da proporçaõ natural de huma perfeyta mulher. He de escultura de madeyra estofada, & está assentada em huma cadeyra, & tem ao Menino Deos em seus braços. A sua festividade se lhe celebra em a segunda feyra depois das oytavas da Paschoa, ou da Dominica in Albis. E de tarde se faz procissaõ com a mesma Senhora: & com grande festa, & apparato. Da Senhora dos Remedios faz mençaõ na sua Relaçaõ o Padre Mestre Fr. Faustino da Graça.

TITULO XLVII.

Da milagrosa Imagem de N. Senhora do Rosario que se venera no Convento de Saõ Domingos de Goa.

293 HE a devoçaõ do Rosario de Maria Santissima, o meyo mais efficaz, & o melhor remedio, para se alcançar de Deos o dom da verdadeyra penitencia, & assim por este meyo taõ admiravel alcançáraõ muytos peccadores o perdaõ das suas culpas, & a salvaçaõ de suas almas. Despozouse por mandado de Deos o Profeta Oseas, com huma mulher peccadora: cousa que a primeyra vista, aos melhores entendimentos causaria o mayor espanto. E notou Saõ Jeronymo, que o Profeta sem reparar nos inconvenientes, & sem mostrar repugnancia alguma, se sugeytou logo ao que Deos mandava: *Oseas audiens à Domino accepit uxorem fornicariam, non frontem rugat, non mærorem pallore*

testa-

testatur, non verecundiam mutato generum rubore demonstrat; sed pergit ad lupanar, & scortum ducit ad lectum. Como se differa: convem assi na vossa honra, Senhor; pois corte-se pela minha, & pela minha authoridade, & faça-se em tudo a vossa Divina vontade. Porèm se notarem o mesmo texto, diz, que ella tinha grande dote. Quantos mil cruzados tinha de renda? Saybamos a grandeza desse dote. O Profeta o declara: *Et fodi eam mihi quindecim argenteis*; ou como lè o Padre Salmeyraõ do Hebreo. *Possedi, aut emi, i: despondi mihi, aut conubio mihi ad junxit.* Isto he, tinha quinze tostoens de dote, a mulher com quem cazey. Valha-me Deos: isto he dote para huma mulher de taõ vil, & de taõ bayxo officio, poder ser mulher de hum Profeta? Sim; porque o tal dote de quinze tostoens, como advertio hum Moderno, era figura do que havia de succeder na ley da graça: *Bone Deus,* (diz o Padre) *quoties Christus Dominus in Oseæ significatus, perditissimas animas mediis quindecim Rosarij de cadibus sibi artissimo amoris vinculo copulavit.* Mostrou hum rascunho das maravilhas, que por meyo do Rosario, que consta de quinze mysterios principaes da nossa Redempçaõ, havia de obrar nas almas: & como as mais perdidas tivessem de seu este rico dote, por virtude delle alcançariaõ verdadeyra penitencia, & mudando as guardas a vida errada, alcançariaõ o despozarse com Christo seu verdadeyro Esposo, as que estavaõ antes por conta do peccado. A' vista de taõ grande thesouro, como he o que se encerra no Santissimo Rosario da Mãy de Deos: quem por mais mao, & peccador que seja deyxará de se valer delle? Quem senaõ aproveytará de taõ grande devoçaõ? Pois por ellas samos levantados a mayor honra, que teve David; porque mais he ser apparentado com Deos por graça que por sangue.

Salmeyr. de Concept. c. 3.

Cartag. hom. de Rosar.

294 No Convento de Saõ Domingos da Cidade de Goa, cabeça da sua Congregaçaõ Oriental, he tida em muyto grande veneraçaõ huma milagrosa Imagem da Senhora do Rosario Patrona, & toda a honra, & gloria da Dominica-

na

na familia. Ve-se esta Santissima Imagem collocada em huma Capella da Nave, que fica à parte da Epistola daquelle grande Templo, que he a Capella colateral. He esta Santissima Imagem de escultura, formada em madeyra estofada, com o Menino Deos sobre o braço esquerdo. Com esta Santissima Imagem, pelos seus prodigios, tem todos os moradores de Goa huma grande devoçaõ, & assim he buscada delles frequentemente. Quanto a sua origem naõ se pòde descubrir nada, farse-hia em Portugal, de donde a levariaõ os Religiosos, para a collocarem naquelle Templo, logo que elle se edificou.

295 Naquella Cidade havia hum homem Portuguez, & cego de ambos os olhos: porque nada via. Este se encomendava sempre à Senhora do Rosario, & lhe pedia vista, & se hia pòr junto à sua Capella; aonde fazia as suas deprecaçoens, & a Senhora movida da sua piedade, lhe alcançou de Deos, o que elle lhe pedia: porque adormecendo em hũ dia, no mesmo lugar aonde costumava fazer as suas rogativas; despertou do somno com huma grande dor nos olhos; & desperto se achou com a sua vista clara, & perfeyta. Agradecido este homem a taõ grande favor, como o que a Senhora lhe havia alcançado, desejou para se mostrar agradecido, de se dedicar perpetuamente ao serviço da Senhora. E assim pedio naquelle Convento o habito de Irmão Leygo, que lhe foy concedido, julgando os Religiosos; que seria muyto santo, & que traria sempre na memoria, aquelle grande favor, que da Senhora havia recebido. Porèm elle como ingrato ao beneficio, retrocedeo nos seus santos propositos: deyxando o habito, que se lhe havia concedido, com taõ boa vontade dos Religiosos. Mas naõ tardou o castigo, que foy muyto menor que a sua culpa; porque assim como sahio daquelle santo Convento, perdeo logo a vista. Verdadeyramente este ingrato homem era falto de fé; porque se a tivera, naõ desmerecèra o recebido favor, & beneficio, que havia recebido da misericordiosa Mãy de Deos.

Naõ

296 Naõ cuydem os seus beneficiados, que basta agradecer os favores de longe; nem se descuydem em negocio de tanta importancia, antes segundo o Veneravel Beda, pelos actos da humildade, & agradecimento, se augmenta a fé, & se assegura entre os agradecimentos do reconhecimento pessoal, quanto he possivel, & essa mesma fé se arrisca entre os descuydos da humildade; porque o descuydo gera izençaõ, & a izençaõ o despojo do beneficio: a soberba gera ingratidaõ, & como a soberba he filha da izençaõ; desta sorte faz a soberba perder os favores, & os beneficios. Donde diz Saõ Bernardo, que a soberba he a que suspende a graça, & a que faz parar os seus concursos, & effeytos; para que naõ corraõ das fontes da vida. E em outra parte (diz o Santo) a ingratidaõ he huma cousa que tudo destroe, he inimiga da graça, & inimiga da salvaçaõ, & finalmente he huma total suspençaõ dos Divinos beneficios.

Beda.

S. Bern. ser. 55 in Cant.

297 He esta Santissima Imagem da Senhora do Rosario de mediana estatura; mas de rara fermosura. Costumaõ os seus devotos Confrades celebrar a sua festividade em huma Dominga de Novembro, & será por se desencontrarem da festa, q̃ lhe costumaõ fazer os Religiosos, como a sua principal Patrona. E neste dia lhe fazem huma muyto solemne procissaõ, & correm com a Senhora todas as ruas, ou as mais principaes daquella Cidade, & entaõ he muyto grande o concurso do povo que concorre. Da Senhora do Rosario faz mençaõ o Padre Mestre Fr. Faustino da Graça em a sua Relaçaõ.

TITULO XLVIII.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora de Riba-Andar em Goa.

298 NOs arrebaldes da Cidade de Goa, ha hum bayrro, ou huma Freguesia, a que daõ o nome de Riba-Andar, cuja Igreja he dedicada à Rainha dos Anjos com o titulo de nossa Senhora de Riba-Andar, ou mais

mais propriamente noſſa Senhora da Ajuda, que ainda que tem eſtes dous titulos, o principal, & mais proprio he o de noſſa Senhora da Ajuda. He eſta Igreja Vigayraria, que aprezenta o Arcebiſpo de Goa em Clerigo, & fica ſituada junto à praya. A origem deſta Senhora, & de ſeu myſterioſo titulo de Riba-Andar, ſe refere neſta maneyra.

299 Partindo de Portugal para a India huma nao, que ſe intitulava noſſa Senhora da Ajuda; naõ conſta já o anno; mas ha muytos. Chegando eſta nao ao Cabo de Boa eſperança, diz a tradiçaõ, que padecéra huma grande tormenta, & tal que a nao ſe via já quaſi perdida, & os marinheyros, que eſtavaõ ao leme ouviaõ huma voz, que dizia orça, & logo ouviaõ outra voz, que dizia arribar, & andar. A voz que dizia orça, ſe entendeo ſer do demonio, porque forcejava em que a nao ſe perdeſſe, & elle ſem duvida era, o que movia, & alterava os mares, & cauſava a tormenta: para que todos ſe afogaſſem, & perdeſſem: porq̃ nunca ſe deſcuyda, para a noſſa perdiçaõ; mas como a Senhora da Ajuda os tinha debayxo da ſua protecçaõ: ella o havia de vencer, para q̃ naõ ſahiſſe com a ſua, como pretendia: & aſſim prevaleceo a voz; que dizia, arribar, & andar, como ſe verificou com o favor, que della recebéraõ: porque os ajudou de ſorte que a nao ſahio do perigo, & chegou a Goa a ſalvamento. E ainda foy mayor a maravilha, & o favor da Senhora; porque fez que a nao chegaſſe em eſpaço de vinte & quatro horas. E neſte limitado tempo, entrou pela Barra dentro, & amanheceo em hum dia ſurta no Rio de Goa, na paragem ou ſitio, que hoje chamaõ Riba-Andar. Dando àquelle lugar o nome das palavras com que a Senhora dos Mares os livrou daquelle grande perigo.

300 Naõ quizeraõ aquelles navegantes ſer ingratos à ſua ſoberana bemfeytora, pois lhe deviaõ hum taõ grande, & hum taõ notavel beneficio. Edificáraõ-lhe logo huma Ermida, & nella collocáraõ a ſagrada Imagem da excelſa Senhora da Ajuda; que devia ſer a meſma que traziaõ na nao. E ao ſitio,

tio, para que se perpetuasse a memoria do favor, impuzeraõ o nome de Arriba-Andar, que se conserva atè o prezente; que foraõ as palavras que se ouviraõ. E no lugar (da banda da terra) aonde a nao tinha lançado ferro, & estava surta, levantaraõ duas cruzes, huma em o principio, & outra no fim; para que com ellas se eternizasse a memoria deste beneficio, que da Senhora da Ajuda haviaõ recebido.

301 He esta Santissima Imagem da Senhora da Ajuda, ou de Riba-Andar, de escultura de madeyra estofada; a sua estatura saõ cinco palmos; tem sobre o braço esquerdo ao Menino Deos. Festeja-se todos os annos, em a segunda Dominga de Novembro; & neste dia he visitada com grande concurso de povo: he servida pelos moradores daquella Freguesia, & bayrro; & a festejaõ com muyto grande devoçaõ: obrigados dos seus favores; porque em todos os seus trabalhos sempre achaõ na sua piedade ajuda, & consolaçaõ.

302 Manoel de Faria & Sousa escreve na sua Asia; que pelos annos de 1520. Indo huma nao, mais adiante do Cabo da Boa esperança, subitamente se achou surta, sem que as vellas, que hiaõ largas; por mais que o vento as enchia, para voar, nada se podia mover. Examinada a causa, & inquirindo-se qual fosse a remora que a detinha. Vio-se (horrivel vista) que huma espantosa fera marinha tinha sobre si em pezo toda aquella grande embarcaçaõ, abraçando com a cauda o leme, com as azas os costados, & que igualava com aproa a cabeça, & que era formidavel em vulto: de que sahiaõ duas trombas, por cujas bocas arrojava muyta copia de agua: & com violencia, ao modo que o costumaõ fazer as baleas. Foy lançado daquelle posto este marinho monstro à força de exorcismos; porque naõ obedecendo o perigo aos remedios humanos, se reccorreo aos Divinos. Bem podia ser este o successo com que o demonio pertendeo na figura daquella disforme besta, afogar a todos aquelles nevegantes de que a piedosa Mãy de Deos os livrou; que tambem lhe inspiraria que recorressem aos exorcismos da Igreja, para por meyo delles

lelles o afugentar. Desta Senhora faz mençaõ o Padre Mestre Fr. Faustino da Graça em a sua Relaçaõ.

TITULO XLIX.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora do Livramento que se venerava em Ceylaõ, & se vé hoje collocada em o Convento de N. Senhora da Graça de Goa.

303 OS grandes peccados de ambiçaõ, & feyas soltu-ras (com as abundancias de regallos, que haviam contaminado as consciencias dos Portuguezes em a Ilha de Ceylaõ, & principalmente na Cidade de Columbo) clamàraõ ao Ceo de sorte contra os Authores delles; que podemos crer certamente, que tomou Deos por Ministros da sua Justiça aos Herejes Olandezes, que sem embargo de que elles como Herejes obràraõ grandes tyrannias, & crueldades, com tudo como eraõ Herejes obstinados em seus erros, naõ se offenderia Deos tanto dellas. Estes assolàram, por divina disposiçaõ, sem nenhuma piedade, naõ só o profano; mas o sagrado: porque naõ perdoavaõ às sagradas Imagens, despedaçando-as, & fazendo-lhe outros desacatos, & injurias. Tinhaõ os nossos Religiosos Eremitas, Convento em Ceylaõ, & treze Igrejas, em que administravaõ os Sacramentos como Parocos, & tinhaõ tambem à sua conta huma Ermida, em que era buscada com grande veneraçaõ, huma milagrosa Imagem da Mãy de Deos, a quem invocavaõ com o titulo de nossa Senhora do Livramento estava esta Ermida em hũ lugar, que chamavaõ Marapety, em distancia de quasi meya legoa de Columbo em hũa fazenda da mesma Ordem a qual Ermida, & Sanctuario da Senhora era de muyta devoçaõ, & grande concurso de romagens, & nunca estava aquella casa sem Romeyros, & peregrinos, & muytos que concorriaõ de distantes terras porque todos em seus trabalhos, & enfermidades recorriaõ àquella saudavel Piscina; & todos assim

Christãos, com o Gentios sahiaõ della, curados, & remediados.

304 Muytas vezes, se via esta Sagrada Imagem da Misericordiosa Mãy dos peccadores, com as fimbrias das roupas com que a vestiaõ, & adornavaõ, naõ só molhadas, mas cheyas de terra, & area; & o mesmo os sapatos, final de que sempre andava, & acudia, a amparar, & a livrar dos perigos aos seus devotos. Havia por aquellas terras algumas mulheres, dellas naturaes; as quaes pelo mao trato, & pendencias que tinhaõ com seus maridos, sahiaõ de suas casas desesperadas, instigadas do demonio, se hiaõ enforcar com suas proprias mãos, em os matos. A remediar aquella barbaridade, & ignorancia acodia a Senhora do Livramento: & as livrava daquelle grande perigo, de se condenarem; que como esta benigna Senhora sente muyto a nossa perdiçaõ; assim lhe acodia, & as livrava do perigo, & as reduzia a voltarem consoladas, & arrependidas para suas casas: ella era a que lhe cortava os laços, as reprehendia, & animava a levarem o seu trabalho, & com estas celestiaes visitas que aquella misericordiosa Senhora lhe fazia, ficavaõ mais firmes na fé, & mais animadas, & fortalecidas para levarem o pezo de suas Cruzes.

305 Entráraõ depois os Olandezes em Ceylaõ no anno de 1655. & puzeraõ cerco à fortaleza, & Cidade de Columbo, & como todos eraõ rèos, & tinhaõ offendido a Divina Justiça; naõ quiz ella prevalecessem: & assim entráraõ os inimigos tomáraõ a Fortaleza, & Cidade de Columbo depois de a terem de cerco oyto mezes em 12. de Mayo, aonde se obráraõ grandes façanhas, mas como a Divina Justiça estava taõ offendida naõ aproveytou nada, nem lhe chegáraõ os soccorros que esperavaõ, & pediaõ. Nella fizeraõ taõ grandes males, & executàram taes crueldades, os Olandezes que naõ tem expressaõ, o que naquella occasiaõ padecéraõ os miseraveis moradores. Destruiraõ os Conventos, & roubàraõ tudo o que nelles havia: & os Religiosos por salvarem

as

s vidas,ou por náõ ficarem eſcravos dos hereges ſe retiráraõ & ſalváraõ as Reliquias, & as Imagens que puderaõ occultar naquella grande confuſaõ,& afflicçaõ em que ſe viaõ.Os Religioſos q̃ aſſiſtiaõ em o Santuario da Senhora do Livramento, procuráraõ livrala daquelle grande perigo, & aſſim a trouxeraõ comſigo; porque eſta Senhora era para elles o ſeu mayor theſouro,& com ella ſe vieraõ occultamẽte, para Goa: onde agora eſtá com muyto grande veneraçaõ.Collocáraõna em hũa Capella do Clauſtro do Convento de N. Senhora da Graça.Eſta Santiſſima Imagem he de eſcultura,tem pouco mais de tres palmos em alto, & tem em ſeus braços a Deos Menino.A ſua Feſtividade ſe lhe faz na Dominga infra Octava da Aſſumpçaõ da meſma Senhora. E he eſta feſta muyto ſolemne, porque he a feſta dos Provinciaes, & elles ſaõ os q̃ cuydaõ com grande zello do ſeu culto, & veneraçaõ, em todas as noytes ſe lhe rezaõ as ſuas Ladainhas,que em os Sabbados ſaõ cantadas, em a ſua meſma Capella.Deſta Senhora faz mençaõ o P.M.Fr.Fauſtino da Graça, em as ſuas Relaçoens.

TITULO L.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora com o titulo da Madre de Deos que ſe venera no interior do Convento de Santa Monica de Goa.

306 O Real Convento de Santa Monica de Goa,teve ſeus principios no anno de 1606.Foy fundado pelo Illuſtriſſimo Senhor Dom Fr. Aleyxo de Menezes Arcebiſpo Primàs das Indias, & das Heſpanhas, com aquelle grande zélo do bem eſpiritual das filhas daquelle eſtado (como deyxamos eſcrito na ſua vida na Hiſtoria da fundaçaõ daquelle Convento.) Foy eſte Santo Prelado grande amante da Religiaõ de Santo Agoſtinho em que ſe havia criado, & pela augmentar, & engrandecer, fez tudo quanto póde: & aſſim para mayor gloria de Deos, a que ſempre attendia,

tendia, & para mayor credito da meſma Religiaõ, em que ſe havia criado, dedicou ao meſmo Senhor, em louvor da Santiſſima Trindade, tres caſas: a primeyra o Collegio, ou Recolhimento das Donzellas Orfans, para remedio de ſua honeſtidade, a ſegunda o Recolhimento das Convertidas, para amparo daquellas, que como ovelhas erradas ſe recolhiaõ ao Apriſco do Divino Paſtor. E a ultima o Convento de Santa Monica, em que trabalhou incanſavelmente, vencendo mares de difficuldades; que o demonio cauſava, para que elle ſenaõ fundaſſe: porque já temia a guerra que daquelle Caſtello ſe lhe havia de fazer. Em todas eſtas inſignes obras, gaſtou quanto pode adquirir, ainda que naõ era quanto deſejava o ſeu liberal, & generoſo coraçaõ: porque as ſuas rendas naõ baſtavaõ para remediar as neceſſidades dos pobres, que eraõ todo o ſeu deſvelo: mas com as eſmollas que adquiria, & lhe miniſtravaõ ElRey, & algumas peſſoas devotas compadecidas do pouco que tinha para diſpender em taõ ſantas obras de piedade, & de miſericordia.

307 No meyo pois deſtes ſeus grandes cuydados de promover a todos ao ſerviço de Deos, & de augmentar quanto podia os Conventos da ſua Ordem, para que em todos foſſe Deos muyto louvado: tambem deſpendia muyto. E aſſim ſempre andava empenhado. Amava muyto a caſa, & Convento de noſſa Senhora da Graça de Lisboa, em que ſe havia criado, & tomado o habito da Religiaõ. E para mais ennobrecer, ſe aplicava quanto podia em a enriquecer com peças de grande valor: como foy a precioſa Cruz, & aquelle notavel, & riquiſſimo cofre, em que ſe guarda, adora, & venera o Senhor Sacramentado. E porque no epitome da ſua vida, que eſcrevemos na Hiſtoria daquelle Convento de Santa Monica, naõ podemos dar a copia da carta, que elle eſcreveo aos Padres da Provincia, & Convento de noſſa Senhora da Graça; aos quaes remeteo eſtes dous theſouros, ou eſtas duas maravilhas. Havendo-a às mãos me reſolvi a lançalla aqui; para que ſe veja nella, muyto mais a ſua grande

vir-

virtude, & o grande amor que tinha ao Senhor sacramentado: pois com tanto desvelo desejava augmentar o seu Divino culto. Tudo se verá nesta admiravel carta, que he nesta fórma.

Copia da carta que da Cidade de Goa escreveo aos Padres deste Convento de nossa Senhora da Graça o Senhor Dom Fr. Aleyxo de Menezes Arcebispo da mesma Cidade de Goa quando mandou a Cruz & o Cofre.

308 SEmpre me pareceo, que fosse este anno tomar a bençaõ a Vv. Paternidades,& tornarme à obediencia da Ordem, de que tanto contra meu gosto me tiráraõ; porque tinha pedido com grande instancia a S. Magestade, me concedesse licença, & houvesse por bem, que renunciasse esta Prelazia nas mãos de sua Santidade. E posto que outros annos ma tinha negado: neste me pareceo, que me mandasse Successor, por haver governado este Estado tres annos. E nenhum dos Governadores passados se atrevia a ficar nelle, depois de o governar, pela insolencia, & soltura dos queyxosos da India.

Sua Magestade diffirindo a isto me fez mercé, significarme me tinha dado licença, para renunciar, & que mandava a minha renuncia ao Papa, & que a vinda de Successor senaõ pudera negociar este anno: mas que o mandaria o que vem, & que entre tanto me fosse, para esse Reyno; com muytas palavras de lembranças dos meus serviços; & agradecimentos dos que lhe tinha feyto no governo deste Estado, & desejos que tinha de me fazer mercé. Com tudo isto, como o ponto da Residencia aperta tanto a consciencia; como Vv. Paternidades sabem, ainda que todas as cartas desse Reyno me chamavaõ,& algumas de importancia para effeyto particular; naõ quiz commetter navegaçaõ tam cumprida, & perigosa com escrupulos; & tambem me pejey de aparecer lá estando lugares vagos; porque naõ renuncio esta

Igreja, com esperança de outras melhores: senaõ porque Sua Magestade me occupa nella, em tantas outras cousas, & que acudindo a todas, como faço, alèm de estar demasiadamente cançado, & quebrado, vivo com escrupulo com as cousas da minha Igreja.

309 Vindo-me Successor, escolherey o que vir he mais serviço de nosso Senhor, conformando-me com as minhas forças, & achaques, que com a força dos trabalhos, & passar já dos cincoenta annos, me vaõ carregando cada vez mais: mas se me resolver a hir para esse Reyno; façaõ-me Vv. Paternidades mercè concederem-me as casas do Collegio, que satisfarey, em quanto nellas estiver, tendo de que. E naõ tendo estou certo, que me naõ negaráõ essa Provincia em que me criey, por ser Bispo consagrado, o que me naõ ouveraõ de negar, senaõ tivera a consagraçaõ, que he huma cella no mesmo Collegio, ou em qualquer Convento dessa Provincia.

Novas da Religiaõ daraõ os Padres, que vaõ, & escrevéra o Padre Provincial. A nossa Ordem cà, está hoje melhor olhada, que todas: & como o Collegio, que ordenamos crefceo em letras, & prégaçaõ: nestes dous pontos estamos muyto accrescentados. E o que mais he, em observancia, & recolhimento; o que se deve muyto aos Prelados: que ha huns annos, para cà governaraõ. E em especial ao Padre Provincial prezente Fr. Antonio da Graça, que cà está muyto acreditado, & assim o esteve o Padre Fr. Joaõ da Rocha, que acabou de ser Prior no Convento, & o Padre Fr. Antonio de Moraes, que acabou de o ser no Collegio, & agora o he no Convento.

310 Os Mosteyros todos, tem o necessario, sustento com muyta largueza para os Frades, que tem, & fazem suas obras, com que todos se vaõ acabando em perfeyçaõ. E todos pedem Frades, & pudera ter outros muytos mais do que tem, se os ouvera, & mais fazer obras. E atè o Convento de Goa, pudera ter mais vinte Frades como já teve; mas somos

pou-

poucos, & eſtamos eſpalhados em muytas partes: porque ſó depois que eu vim, ſe edificáraõ oyto Conventos. E a todos remediey o neceſſario: & aſſim ſaõ por todos quinze, que naõ eraõ tantos neſſa Provincia, quando eu là tomey o habito. E o Convento, & Collegio deſta Cidade, ſaõ das melhores caſas, que ha nella. E o Noviciado o melhor que eu vi na Ordem; & poſto que me cuſtou ſeis mil pardaos; dera outros tantos, pelo ver no eſtado, em que eſtá, quando naõ eſtiveſſe taõ perfeyto.

311 Do que mais ouve dos ordenados de Governador; de que ſahi com as meſmas dividas, com que entrey: fiz eſſa Cruz, que mando para eſſe Convento de Lisboa, em que me criey. Parece cà muyto fermoſa, folgára de lá parecer tal. A gente deſte Eſtado, como em tudo falla no ar, fez grandes eſtrõdos deſta Cruz, pondo-a em ſeſſenta, ou ſetenta mil cruzados, ſendo aſſim, que a mim me naõ cuſtou mais, que pouco mais de ſeis mil cruzados. He bem verdade, que a qualquer outra peſſoa, lhe cuſtaria mais; porque eu como trazia eſte intento, houve de diverſas partes partidas de pedras por muyto pouco dinheyro, por ſerem todas bayxas; mas nenhũa era falſa. O cuſto todo foy o lavralas. O ouro que cà chamaõ de Condena, em que vaõ encaſtoadas, o feytio, & a prata procurey que pezaſſe pouco, para ſe levar bem; naõ pude alcançar ao que deſejava; mas ainda cuydo que ſe poderá levar. Os Lapidarios de cà, & peſſoas que entendem diſto, dizem que valerá lá dez, ou onze, ou doze mil cruzados. Temo que meus peccados ſejaõ cauſa de Deos, & noſſa Senhora, a quem a dediquey naõ ſe quererem ſervir della. Faça-ſe a ſua ſanta vontade. Se lá chegar, peço a Vv. Paternidades, mande cantar huma Miſſa a noſſa Senhora, & dizer nove rezadas à meſma Senhora pela minha alma.

312 Dezejey ter mais que mandar; mas a muyta neceſſidade, & pobreza das peſſoas deſta terra, & querer deyxar nella tudo, o que della tive, & as edificaçoens deſtes Moſteyros, me naõ deraõ lugar. Algumas pedras vaõ na Cruz de preço

mas poucas, & declaro, que a minha tençaõ he que nunca ſe venda, nem troque, nem ſe tire della pedra algũa, para qualquer neceſſidade que for; mas que fique ſervindo neſſe Convento para ſempre,& iſto mandem Vv. Paternidades pòr no livro da Sacriſtia.

313 Quizera levala comigo;mas como naõ ſey o que ſerá de mim, melhor he que chegue ella, ſe eu naõ chegar, ou eſteja lá já, ſe eu for. Deſejey de lhe fazer outro pé para eſtar no altar. E tenho pedras para iſſo: mas parte por occupaçoens, que me naõ deyxaõ entender em couſa alguma, parte pela pobreza,em que agora eſtou, q̃ he a mayor em que nunca me vi, o naõ pude fazer. Verey eſte anno ſe poſſo. Nem a Cruz ſe acabára, ſe Ruí Lopes Perete, irmaõ de hum Frade noſſo, que lá ha, naõ puzera niſſo diligencia, levando os officiaes para ſua caſa. Tal he a occupaçaõ perpetua em que vivo.

314 Deſde que ſoube eſtava conſertada a Capelinha do Santiſſimo Sacramento, trago grandes ancias de fazer hum Sacrario bom.Em Ormuz havia hum cayxaõ de criſtal, que me gavavaõ muyto para eſte intento. Tinha o Rey paſſado de Ormuz em grande eſtima eſte cofre, de modo, que mandando-o eu por vezes comprar, por todo o dinheyro; o naõ quiz vender. Eſte que agora he, & levantáraõ por Rey, por morte do Irmão em agradecimento dos muytos beneficios, que lhe fiz, em acudir ás injuſtiças, que lhe queriaõ fazer; mo mandou a tempo, que invernou no Norte. E chegou aqui no principio do veraõ, em que naõ havia tempo, para lhe fazer os concertos, que deſejava. Eſtive para lho tornar a mandar; porque ha quinze annos, que eſtou na India, & atègora naõ aceytey couſa alguma de Rey, ou particular, offerecendoſe-me neſte diſcurſo de annos, muytas de grande preço, & por eſtremo fermoſas, & algumas que paſſavaõ a valia, de quatro, ſeis, & dez mil cruzados. Mas vendo a carta deſte Rey, tive eſcrupulo: porque elle, ſabendo que lhe naõ havia de aceytar couza alguma; como tinha feyto a

ElRey

ElRey seu Irmão,& a outros muytos que elle sabia:precatouse. E dizia-me na carta (cujo treslado mandará a Vv.Paternidades o Padre Fr.André Bautista.)Que sabendo que eu naõ aceytava cousa alguma, & que eu me criára no Convento de nossa Senhora da Graça de Lisboa ; mandava aquelle cayxaõ para Sacrario do dito Mosteyro. E posto que a razaõ de o mandar , foy por amor de mim , & senaõ fora isto o naõ mandára. Com tudo a dadiva,& offerta he feyta a esse Mosteyro. E posto que eu pudera fazer delle o que quizera, de que o Rey levára muyto gosto.Com tudo assim como está,he mais do Mosteyro, do que meu , & tive escrupulo de que o Rey o offerecia ao Santissimo Sacramento , para nelle estar guardado : tornallo a mandar , para se meterem nelle cousas profanas, brincos, & toucas de Mouros.

315 O Mouro cuyda que me mandou a mayor pessa do mundo, pela estima em que os Reys a tinhaõ, & pelo muyto, que o Xa-Abas Rey da Persia fez por elle. E o Mogor agora, por via de hum Mercador seu, me promettia por elle tudo o que eu quizesse , & dava-me muyto, com que esse Convento ficasse mais aproveytado , fazendo hum Sacrario riquissimo, & fermosissimo. Mas receey, assim o aggravo do Rey de Ormuz , como as lingoas da India : que eu seguro, que vaõ lá mil cartas,que digaõ que o Rey me mandou pessa de soma de muytos mil cruzados , pelo confirmar no Reyno ; como elle deu ao Capitaõ, & a outro , o que era naõ pequena parte , para enfado de outras mentiras ; & tornar-lhe o seu cayxaõ. E em especial que quando o vi , ainda que he muyto fermoso me pareceo muyto menos do que me diziaõ, & naõ muyto rico. E menos das nove partes da valia , em que o punhaõ: porque algumas cousas diziaõ ser de prata: & achey serem de pao, & outras imperfeyçoens,q̃ eu aqui lhe podera consertar,se viera a tempo.Com tudo,no q̃ he christal he fermosissimo, & muyto acomodado , para ter dentro hũa Custodia bayxa: & apparecer por fóra o Diviniſſimo Sacramento. Assim como mo mandáraõ vay , & Deos que sabe ,

q̃ ue

que só esta pessa aceytey na India, entre muytas, que me offerecèraõ, me livrará das calumnias; & quando naõ for servido, todas he justo, que se padeçaõ, pela veneraçaõ, & serviço com que deve ser tratado o Divinissimo Sacramento do Altar. E para mais ornato dessa santa casa o mando, com a mesma obrigaçaõ, de senaõ vender, trocar, ou tirar do Convento, & para nelle estar o Santissimo Sacramento, ou sempre, ou quando parecer. Por elle tambem peço huma Missa cantada ao Santissimo Sacramento, com dez rezadas às Chagas de Christo nosso Senhor, por minha alma; se elle for servido chegar lá. E nisto vay tudo o que pude alcançar na India: que a meus parentes naõ pude mandar, em todo este meu governo, nem hum bofete: nem eu tenho outro parentesco, mais que a Ordem que me criou, & só para o serviço della folgára ter muytos mil cruzados de renda. Mas nosso Senhor naõ foy servido senaõ que tivesse muytos mil pobres viuvas, & orfaõs, que sustentar: porque só o rol da comedia de cada mez, saõ quarenta & tantos, fóra os Mosteyros, & Recolhimentos, & esmolas ordinarias: & para isto tudo dez mil cruzados de renda.

316 Vay com este cayxaõ outro pequeno preto, de obra do Japam, muyto lindo, daquelle modo, que o procurey haver à maõ, por me parecer muyto bonito, para se levar nelle o Santissimo Sacramento sesta feyra de Endoenças na procissaõ derradeyra, & estar assim no segundo sepulchro, ou como lá parecer. E senaõ servir disto, servirá de guardar algũas reliquias. Naõ he cousa de porte; mas tudo o que vejo, desejo furtar para essa casa. Outras cousinhas me ficáraõ imperfeytas, como he hũa Cruz de pao de Saõ Thomè, que tinha mandado guarnecer, com huma reliquia da lança, com que foy morto, que ouve, & outras curiosidades, que naõ sey se as poderey acabar; porque os pobres, que saõ pessas vivas, saõ muytos, & todos puxaõ por mim; com que me naõ deyxaõ arribar a cousa alguma.

317 Acho-me pouco saõ, & muyto quebrado, cançado, & en-

& envelhentado; por ventura que naõ possa escrever outra carta. Se morrer sem a poder fazer. Vv. Paternidades pelo amor de Deos nosso Senhor, se lembrem de mim, & do concerto que deyxey feyto nesse Convento, de se me dizerem as Missas em toda a Provincia, & nelle como incorporado nella, & morador nesse Convento; porque senaõ for a Religiaõ, & essa Missa, q̃ pela minha alma mandey dizer no Collegio, naõ sey se terey quem se lembre de mim. A Cruz vay entregue ao Piloto da nao Penha de França, q̃ escolhi, para a mandar nella; por ser titulo de casa nona, & de N. Senhora, a quem dediquey a mesma Cruz; & vay dentro no seu cayxaõ dirigida a Joaõ Ximenes Irmaõ de Ruí Lopes Perete, que ma inviou, & de hum Frade nosso; que pela diligencia que seu Irmaõ cà teve nisto, por ser cousa desse Convento, & pela amizade, que com elle tenho, o encomendo a Vv. Paternidades. A Cruz vay já benta por mim, com bençaõ solemne. Deos a leve a salvamento. O cayxaõ para o Sacrario vay na nao Capitania, em companhia do Padre Fr. Antonio de Gouvea, juntamente com o outro pequeno preto de obra do Japaõ. De prezente senaõ offerece mais que dizer. Nos santos sacrificios de Vv. Paternidades, & de todos os Padres dessa Provincia me encomendo; & nas oraçoens dos Irmãos. Goa a 24. de Dezembro de 1609.

Frey Aleyxo Arcebispo Primàs.

318 Desta notavel carta, se vè com grande expressaõ as grandes virtudes deste grande Prelado; taõ cõpadecido dos pobres, q̃ sentia muyto serem taõ limitados os seus cabedaes, pois naõ tinha com que os remediar, como a sua muyta comiseraçaõ desejava. O zelo do augmento dos Conventos da Ordem, o grande cuydado do bom, & santo exemplo, & o procedimento dos Religiosos. E como das letras depende muyto a virtude, assim cuydava de que os Religiosos se applicassem com muyto cuydado a ellas, para que bem instruidos nas sciencias, podessem encaminhar as almas daquelles Gentios, para o Ceo. Nella se vè a sua grande humildade, com

que

que se confessava, sem merecimentos, havendo sido a sua vida taõ exemplar; pois pedia aos Religiosos (aos quaes estimava, & venerava como a Irmãos seus) que se lembrassem muyto delle, & da sua alma, depois da sua morte encomendando-o muyto a nosso Senhor.

319 Este veneravel Prelado, dando principio ao Magnifico Convento de nossa Madre Santa Monica de Goa: como em toda a India senaõ achava Convento algum de donde pudesse tirar sogeytos; que pudessem dar principio à fundaçaõ: procurou descubrir algumas mulheres de grande virtude, & de vida exemplar: para que estas fossem as pedras fundamentaes daquelle espiritual edificio. E o Senhor lhe deu duas, que foraõ as columnas delle. Estas foraõ duas mulheres nobres, que viviaõ na Villa de Tanà, nobre povoaçaõ, & cabeça de hũa Ilha do mesmo nome situada entre as Cidades de Baçaim, & Chaul. Chamava-se a primeyra D. Filippa Ferreyra, viuva de Gaspar de Lousada de Sa, & a segunda Dona Maria de Sa, filha de ambos, donzella de grandes virtudes: & ambas verdadeyramente almas escolhidas de Deos, para que como destras agricultoras plantassem na India, hum novo, & espiritual Jardim. Com estas duas servas do Senhor, que na Religiaõ se chamáraõ Sor Filippa da Trindade, & sua filha, Sor Maria do Espirito Santo se deu feliz principio àquella nobre fundaçaõ.

320 A Madre Sor Maria do Espirito Santo (que he agora a que nos dà principio ao assumpto deste titulo da milagrosa Imagem de nossa Senhora Madre de Deos, ou da Senhora Mãy de Deos) foy taõ devota da soberana Rainha dos Anjos, que lhe mereceo grandes favores, & tambem de seu Santissimo Filho; porque desde menina foy muyto regallada deste soberano Esposo das almas puras. Era esta serva de Deos devotissima de Maria Santissima, soberana Rainha das Virgẽs, & assim toda se occupava em seus louvores, & em seu serviço, & culto. Hum dos grandes favores que recebeo da Senhora, foy apparecer-lhe, & mandar-lhe que lhe dedicasse huma

huma Capella, & que nella lhe collocaſſe huma Imagem ſua; na meſma fórma, que a havia pintado o ſeu devoto Evangeliſta Saõ Lucas; como ſe vé hoje em Roma (aonde em muytos Templos ſe achaõ muytas pintadas da ſua maõ) eſpecialmente aquella, que he muyto celebrada, & ſe venera, em o Templo de noſſa Senhora do Populo (titulo eſpecial que daõ a eſta Santiſſima Imagem) do Convento dos Eremitas de meu Padre Santo Agoſtinho, da Provincia de Lombardia, que ſe vè junto à porta Flaminea.

321 Por eſpaço de nove noytes, continuadas, lhe appareceo aquella excelſa Senhora, em ſonhos regalando a com a prezença de ſeu Santiſſimo Filho, que trazia em ſeus braços, ordenando-lhe, que a mandaſſe pintar, em aquella meſma fórma em que ſe lhe manifeſtava, & que lhe edificaſſe naquelle meſmo lugar, do Clauſtro alto huma Capella, para dalli favorecer a todas aquellas Religioſas ſuas Irmãs. Á viſta deſte grande favor que a ſoberana Senhora lhe fazia, & do preceyto que lhe impunha; tratou logo a Eſpoſa do Senhor Sor Maria do Eſpirito Santo, de que ſe fizeſſe a obra que a Senhora mandava: & com effeyto ſe eregio a Capella. Procurou tambem logo o mais deſtro Pintor, que ſe achava em Goa, para que pintaſſe a Imagem da Senhora, na fórma que ella ſe lhe havia manifeſtado: & para que elle em tudo ſe ajuſtaſſe com a que ella tinha retratada em a ſua alma, ella meſma quiz aſſiſtir ao Pintor peſſoalmente, para que ſenaõ erraſſe a idea, que ella tinha muyto impreſſa deſde o dia, em que a Senhora ſe lhe havia manifeſtado.

322 Acabada a ſagrada Imagem, ſegundo a narraçaõ, que a ſerva de Deos fazia ao Pintor, que em tudo ſe ajuſtou a noticia, que lhe dava em que tambem naõ faltaria ao meſmo Pintor a Senhora, dirigindo lhe o pincel: com que ficou muy paga a Madre Sor Maria. E aſſim tratou logo de a collocar, em a nova Capella; aonde hoje ao prezente ſe vè ricamente conſertada, & com todos aquelles adornos, & aceyos, que lhe ditava a ſua grande devoçaõ.

He

323 He esta Santissima Imagem da Mãy de Deos muyto grande, & da estatura natural, que se entende podia ter a mesma Senhora: a qual se vé adornada de huma rica coroa, & com a estrella em o hombro, na mesma forma em que se manifestou à sua devota serva, que he formosissima, & tambem o Santissimo Menino, que tem em os seus braços. Alèm dos ricos ornamentos com que a Madre Sor Maria compoz o Altar, lhe mandou tambem fazer huma rica alampada de prata: para que continuamente ardesse diante da Senhora.

E quando collocou a Senhora na nova Capella, o fez ordenando hũa prociſſaõ entre as Religiosas,& mais pessoas daquelle Convẽto com grande jubilo,& alegria de todas. Ordenou tambem certas devoçoens,& louvores da mesma Senhora,para que mais se dilatasse,& estendesse entre todas o amor, & devoçaõ, para com aquella soberana Rainha da Gloria, & tudo atè o prezente se continua no mesmo Convento.

324 Com esta Sacratissima Imagem da Mãy de Deos teve a Madre Sor Maria do Espirito Santo em quanto viveo huma grande devoçaõ, & com o soberano Menino que tem em seus braços. Com elle, & com a Mãy Santissima, tinha a devota Sor Maria muytos colloquios, & com ambos eraõ todos os seus amores. Fazia-lhes muytas visitas, & nenhuma noyte havia, em que naõ fosse primeyro, que se ouvesse de recolher, a tomar-lhe a bençaõ, & a despedirse delles. He muyto admiravel a devoçaõ que causa com a sua vista aquella Santissima Imagem. É verdadeyramente parece obrada pelas mãos dos Anjos; ou que estes foraõ os que governavaõ a maõ do que a pintou. Saõ muytas as maravilhas que obra a favor de todas aquellas servas de Deos, que vivem em aquelle Convento das quaes se puderaõ especificar muytas, se dellas se fizera memoria.

325 He cousa certa, que assim como a natureza dá aos filhos huma natural inclinaçaõ, & affecto amoroso para com as mais,por serem o principio do seu ser natural. Assim tambem com a graça anda anexa huma certa inclinaçaõ, a virtude,

de, & a devoçaõ, & affecto interior para com Maria Santiſſima, como Mãy que he da meſma graça. Eſte affecto para com a Senhora creſcia na Madre Sor Maria, com a meſma graça, & perſeverou naõ ſó por toda a ſua vida nella; mas ainda depois da morte; pagando-lhe Deos, & a Senhora com a levar para a Gloria, no meſmo dia em que ella ſubio ao Ceo: porque no dia de ſua Aſſumpçaõ, em 15. de Agoſto, a levou a Senhora para o Ceo, ſendo de idade de vinte, & nove annos, pouco mais, ou menos, & em cuja morte, ouve maravilhoſas circunſtancias, que ſe notáraõ.

326 Depois que compuzeraõ o corpo defunto deſta Eſpoſa do Senhor, em o feretro o leváraõ as Religioſas para a referida Capella da Madre de Deos, que eſte foy o titulo, que ella lhe impoz. E alli a puzeraõ defronte da Senhora, aonde eſteve com o roſto cuberto (conſórme o eſtylo, que ſe uſa entre aquellas Religioſas) atè que vieſſem os Religioſos, que a haviaõ de levar para ſe lhe fazer o officio da ſepultura. Vieraõ eſtes, & eſtando a Communidade das Religioſas toda junta, lhe levantáraõ os Religioſos o vèo do roſto com que eſtava cuberta, para que todos a viſſem, & as Religioſas mitigaſſe a ſua ſaudade à viſta da fermoſura, que reſplandecia em a ſua Meſtra, Fundadora, & Prioreſſa. Quando de repente lhe viraõ os olhos muyto abertos, naõ parando ſó niſto a admiraçaõ em que todos ficáraõ: mas em verem que os tinha poſtos fitos na Imagem da Senhora; & na meſma fórma em que o pudéra fazer eſtando viva.

327 Outra maravilha ſe notou tambem, que os olhos da Senhora ficáraõ em tal correſpondencia, com os da ſua devota ſerva, que naõ ouve quem ſenaõ admiraſſe das circunſtancias, q̃ concorriaõ naquella maravilha. Foy julgado eſte ſucceſſo por taõ maravilhoſo de todos os que o viraõ, que ſe deu delle parte ao Arcebiſpo de Goa D. Fr. Chriſtovaõ de Lisboa, Primàs da India, & Prelado do meſmo Convento, pedindoſe-lhe licença em nome de toda aquella Cõmunidade para q̃ hũ pintor entraſſe dentro para a retratar o q̃ elle logo con-

concedeo, para consolaçaõ de todas aquellas Religiosas; & para q̃ ficasse em memoria aquelle prodigio, que o Senhor obrára com aquella sua Esposa; & q̃ o corpo senaõ enterrasse, atè q̃ esta diligencia senaõ concluisse. O que assim se fez, & o pintor a retratou na mesma fórma q̃ estava com os olhos fitos na Senhora, & a Senhora com os seus nos da sua serva. E podia-se dizer, que esta serva de Deos, assim como sempre trazia postos os seus olhos, em a sua Senhora: *Oculi mei semper ad Dominam meam.* Porisso mereceo, que a Senhora obrasse para com ella esta maravilha, & publicasse com esta demonstraçaõ, o quanto lhe era grata.

328 O que ainda mais accrescentou a opiniaõ desta maravilha, ser cousa mais que natural; foy que entrando o Provincial dos Eremitas de meu Patriarca Santo Agostinho, com outros Religiosos, & desejando, ver aquelle prodigio: em que todos julgavaõ, que aquella vista parecia sobrenatural: se quizeraõ firmar mais, no que viaõ, & assim olhando com toda a attençaõ, hora de huma parte, hora de outra; para verem se por ventura aquelles olhos podiaõ ficar assim accaso: sem discrepancia, o tiveraõ todos por sobrenatural: porque naõ podia em nenhũa maneyra obrar-se naturalmente, taõ grande, & taõ maravilhoso encontro de olhos, assim da Senhora, para com a sua serva; como da serva, para com a sua Senhora.

329 Com esta Santissima Imagem tem ainda hoje todo aquelle Convento, muyto grande devoçaõ; a qual se augmenta com os continuos favores que obra a favor daquellas Religiosas. Porèm parecendo-lhe que mais se augmentaria a devoção da Senhora com mandarem fazer outra Imagem da mesma Senhora de escultura de madeyra, se resolvèraõ em o fazer: para isso escolhéraõ o mayor official que havia, & mandáraõ fazer huma perfeytissima Imagem de escultura, & acollocáraõ em a mesma Capella, que fica junto às portas do coro alto. He esta Santissima Imagem de grande proporçaõ; porque ainda excede a fórma natural, ao que parece;

por-

porque he de altura da mais avultada mulher. Está ricamente estofada, & tem ao Menino Deos sobre o braço esquerdo. A festa desta Senhora costumaõ as Religiosas ha muytos annos, solemnizala depois da Pascoa: como já dissemos no livro da fundaçaõ do mesmo Convento de Santa Monica que se imprimio no anno de 1699.

330 Depois em o anno de 1711. nas vesporas da festividade da mesma Senhora a Mãy de Deos. O Santissimo Menino que está nos braços da mesma Senhora, & se via com o rosto virado algum tanto para a Santissima Mãy; se virou todo com o rosto para as suas Espolas, as Religiosas daquelle Convento: & a maõ com que estava dando a bençaõ; se estendeo bastantemente. E os pès, que os tinha muyto juntos, que mal lhe podiaõ calçar as alpergatas; & por-lhe alguns brincos, & joyaszinhas, que costumavaõ por-lhe as suas devotas Espolas, se alargáraõ huma maõ traveſſa; em forma que agora o pòdem calçar melhor, & adornar com as alparcas, & joyas, como as Religiosas desejavaõ, o que dantes naõ podiaõ fazer. Ainda sendo estas cousas assim succedidas ao que parece demonstraçoens de amor; & de carinho: a grande virtude daquellas Religiosas as fez tanto temer; que duvidavaõ se o virarse; & inclinarse o Senhor tanto, para ellas, seria reprehender os seus descuydos, & faltas de verdadeyro amor: & as negligencias com que obravaõ em todas as cousas do seu serviço. E assim fizeraõ muytas penitencias por esta causa, & mandáraõ celebrar muytas Missas, para aplacarem ao Senhor, se fosse caso que elle estivesse offendido dellas, pelo naõ amarem com todo o affecto como eraõ obrigadas. Deste succesſo faz mençaõ, & o refere em a sua Relaçaõ o Padre Mestre Fr. Faustino da Graça. E da Senhora a Mãy de Deos, & de seus milagrosos principios, escrevemos na Historia da fundaçaõ daquelle Convento livro 4. cap. 2. §. 4. & §. 8. E o P. M. Fr. Luis dos Anjos no seu Jardim de Portugal num. 194.

TITULO LI.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora da Purificaçaõ que se venera no interior do Convento de Santa Monica.

331 NO referido Convento de nossa Madre Santa Monica de Goa, tem as Religiosas Leygas huma rica Capella dedicada a nossa Senhora com o titulo de sua Purificaçaõ; aonde tem huma Imagem desta soberana, Senhora, com grande veneraçaõ, & a servem todas aquellas devotas Irmãs com fervorosa devoçaõ, obrigadas dos muytos favores que todos os dias della experimentaõ. Em particular os tem feyto a algumas daquellas servas do Senhor; como foy em huma occasiaõ, em que a Senhora appareceo a huma daquellas Leygas, muyto virtuosa; & lhe mandou que disseſſe às mais Irmãs, que accendessem luzes no seu Altar, & que orassem a nosso Senhor, pelo seu Confessor, porque estava para lhe vir hum grande trabalho (era este muyto virtuoso, & santo, & pelo grande zelo com que defendia a reformaçaõ daquelle Convento, lhe fazia o demonio huma grande guerra) o que assim succedeo; mas deste trabalho o livrou a Virgem Senhora, naõ lhe valendo ao demonio as suas grandes traças, & diligencias, que fazia para o apartar daquella casa; & da assistencia que fazia às Religiosas: porque lhe tinha armado, que o Viso-Rey, por inicos informes o mandasse prender, & o inviasse para o Reyno, por muytas calumnias que lhe imputavaõ. A outras Religiosas fez a Senhora outras muytas mercès: & assim com a experiencia dos muytos favores, que a todas faz a buscaõ, com muyto grande fé, & assim a servem tambem com muyto particular devoçaõ.

332 He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra estofada de ouro; está em pé, & tem em seus braços ao Menino Deos, como quem o está offerecendo ao Eterno Pay;

Pay; porque os tem estendidos;& assim lho tirão para o vestir,&adornar,& lho poem quando querem. A sua festividade lha fazem em o seu mesmo dia. Desta Senhora se escreve em a nossa Historia da fundaçaõ do mesmo Convento de Santa Monica de Goa livro 3.c.5. & l.4. c.33. E della faz tambem mençaõ o Padre Mestre Fr. Faustino da Graça nas suas Relaçoens.

TITULO LII.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora da Luz Patrona de huma das Paroquias de Goa.

333 ASi mesma se nomea a luz, por luz de todo o mundo; Jesu Christo nosso Senhor: *Ego sum lux mundi.* E o Evangelista amado diz, que era luz verdadeyra, *erat lux vera, quæ illuminat.* E Maria Santissima (diz Agostinho meu Padre) que he a janella, & a fermosissima porta do Templo da Igreja; por onde se communica aos fieis esta luz: *Est fenestra per quam Deus, verum fudit sæculi lumen.* E Ricardo de Saõ Lourenço; diz que he Maria huma janella christalina, por onde veyo ao mundo a luz do Divino Verbo, sem offender a pureza do christal: *Instar fenestræ vitriæ sine suæ integritatis læsione suscepit in conceptu, & imisit impartu solem justitiæ.* E advirta-se, diz o mesmo Ricardo, porque da mesma maneyra, que se abre a janella, entra a luz, na casa: & entra mais, ou menos luz, segundo se abre a janella. Assim abrindo Maria seus purissimos labios, & intercedendo por nòs, & a nosso favor; logo Deos nos cõmunica a sua luz, segundo a Senhora abre seus purissimos labios, para a intercessaõ: *Sicut mediante apertione fenestræ illustratur solari jubare Domus interior; sic aperiente Maria os suum ad orandum pro nobis, illustrantur conscientiæ nostræ gratioso lumine Salvatoris.* Isto foy o mesmo q̃ lá dizia o Divino Esposo a Maria Santissima em os Cantares, louvando seus purissimos labios; & cõparando-a a hũa fermosa fita de graã: *Sicut vitta coccinia labia tua.*

Aug. ser. 15. de Tempore.

Ric. l. 10. de Laudib. B. M.

Idem Ricard.

Cant. 4.

tua. Esta foy a fermosura da sua cor? Naõ: mas o celebrar (diz o Abbade Filippe) a sua encendida caridade: *Coccus speciem ignis gerens dilectionem recte significat.* Busquemos pois a esta soberana Janella, por onde entra ás nossas almas a Divina luz, para que ella nola alcance para escaparmos das trevas da culpa.

734 Huma das Paroquias, que se eregiraõ, logo que se conquistou a grande Cidade de Goa, em a India Oriental que foraõ tres, a terceyra dellas se dedicou à Virgem N. Senhora da Luz, sem embargo, de que pelo tempo a diante se accrescentáraõ mais seis: mas a da Senhora da Luz foy sempre o Santuario de mayor devoçaõ, & de mayor frequencia; porque naõ só a tinhaõ para com ella muyto grande todos os moradores da Cidade: mas os navegantes; porque estes sempre se encomendavaõ, & encomendaõ à Senhora da Luz; para que ella lhes alcance o bom successo de suas navegaçoens, & para os livrar dos muytos, & grandes perigos que nellas se encontraõ. He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra estofada, naõ consta já aonde foy feyta. Está collocada no Altar mòr como Patrona. A sua Igreja he Collegiada tem Prior, & Beneficiados.

Sahiraõ de Lisboa em Março de 568. o Viso-Rey Dom Luis de Ataide, com huma armada de cinco naos, & chegando em 23. de Mayo ao Cabo de Boa esperança, tiveraõ hũa tormenta taõ grande que a todos espalhou. A nao N. Senhora dos Remedios, lhe rompeo as vellas, & quebrou os mastos, & de huma vez lhe levou todas as obras mortas de proa. Neste grande perigo, em que todos se viraõ, tirou o Capitaõ Damiaõ de Sousa Falcaõ hum cirio que tinha levado da India, consagrado à Senhora da Luz, & exhortou a todos os mariantes a invocarem o favor, & auxilio da Senhora da Luz, & logo como piedosa Mãy lhes acudio, & como verdadeyra estrella do mar com hum rayo luminoso; que sopeou a furia do vento, & abateo a soberba das ondas. Em recompensa do beneficio, lhe offerecéraõ cem mil reis,

que

que se tirárão de esmolla para as obras da sua Igreja, & que lhe levárão em procissão solemne. A's mais naos abrangeo tambem o favor da Senhora: & muyto em particular à nao de Viso-Rey, a quem a tempestade arrancou o leme, & despedaçou as vergas; & mastareos, levando os mastos comsigo. Ouvio-se na nao huma voz, que dizia nossa Senhora da Luz, nossa Senhora da Luz. Ouvida a voz recorrérão os navegantes ao patrocinio da Senhora, & a nao governou todo o tempo necessario, & lhe metérão outro leme, & supriráo a falta dos mastos. Em gratificação deste milagre, foy a gente em procissão à Igreja da Senhora da Luz, com huma Cruz de pao diante, & com muyta cera, que offerecérão à suprema Emperatriz das luzes. Chegárão ellas naos todas a Goa, com o patrocinio da Senhora da Luz em 10. de Setembro do mesmo anno.

335 No de 1541. inspirados por Deos dous Apostolicos Sacerdotes Seculares, que viviáo em Goa, o Padre Miguel Vaz Vigario Geral do Bispado, & o P. Diogo de Borba; ambos varoens insignes em letras, & virtudes, & muyto zelosos da propagação da fé. Começárão elles a consultar entre si, os meyos mais convenientes ao augmento da Christandade de Goa, & seus contornos, & depois de varias conferencias, assentárão, que o melhor, & mais efficaz meyo era instruir huma Confraria debayxo da protecção de nossa Senhora, & governo dos homens de mayor zelo, & poder cuja empreza fosse preseguir a Idolatria, & favorecer aos novos Christãos. Derão conta ao Bispo D. Joaõ de Albuquerque, a Fernaõ Rodrigues de Castello Branco, Veador da Fazenda, & Governador do Estado na auzencia de D. Estevaõ da Gama, que tinha ido ao Estreyto, ao Doutor Pedro Fernandes, Ouvidor Geral, & a Cosme Annes Escrivaõ da Matricula geral. E com o favor, & parecer de todos aquelles fervorosos Christãos na casa da Senhora da Luz, a quem se havia offerecido a protecção de taõ santo negocio, se estabelecérão os estatutos da nova Confraria com o titulo de Santa Fé. E foy

isto na Dominga in Albis a 24. de Abril, & no mesmo mez em que S. Francisco Xavier havia partido de Portugal, para a India.

336 A esta nova, & muyto devota funçaõ assistio na mesma Igreja da Senhora da Luz toda a nobreza; & povo da Cidade de Goa, & no pulpito della publicou o P. Diogo de Borba a Confraria, & com tanta aprovaçaõ de todos, que logo se foraõ recebendo grossas esmollas, para subsidio dos Neofitos. E parece que a Senhora da Luz os illustrou para darem principio à hũa obra tanto do agrado de Deos, como o foy mostrando a experiencia. Destes successos todos faz mençaõ o Padre Francisco de Sousa no seu Oriente Conquistado tom.2.Conq.1.Divis.1.n.24.

TITULO LIII.

Da Imagem de nossa Senhora da Graça do Choraõ, termo, & distrito da Cidade de Goa, & Ilha adjacente.

337 A Ilha do Choraõ dista da Cidade de Goa hũa legoa ou duas. Fica esta junto ao Esteyro, que emboca pela parte do Norte da Cidade de Goa, o qual se vay engrossando com os rios, que decem dos gates; ou montes da terra firme, & retalhando a terra em varias Ilhas, he dellas a mais principal, a de Choraõ. Nesta Ilha, por ser muyto aprasivel, & de excellentes ares fundáraõ os Padres da Sagrada Companhia o seu noviciado, pelos annos de 1554. He dedicado a nossa Senhora da Graça; & nesta casa collocáraõ huma Imagem desta graciosissima Senhora. A esta Ilha, & a este Santuario da Senhora: se retiravaõ muytas vezes os Padres aos seus santos retiros: & aqui se retirou o nosso Fernaõ Mendes Pinto em companhia do veneravel Padre Belchior Nunes, para fazer com elle huma larga confissaõ, quando estava na resoluçaõ de passar ao Reyno, para deyxar na India os peccados cometidos em vinte & hum

annos,

annos, que tinhaõ peregrinado, por aquellas partes da Asia: o que fez com muyta consolaçaõ, & tudo seria a influencias daquella bendita estrella de Maria.

338 Na occasiaõ em que o Padre Belchior Nunes estava de caminho para o Japaõ; no dia antecedente à viagem, passou o mesmo Padre com os Companheyros da jornada, à Ilha do Choram, a tomar a bençaõ à Senhora da Graça: & a pedirlhe o seu favor, & assistencia em taõ larga jornada, & taõ perigosa: porque na sua casa se haviaõ concebido, poucos dias antes os desejos daquella jornada. Toda a noyte leváraõ aquelles benditos Padres, em Oraçaõ diante do Altar da Senhora: & ao repontar da Aurora do dia 15. de Abril disse Missa o Padre Belchior Nunes, & antes de cõmungar; renovou os votos, segundo o santo costume da Companhia, na prezença da Virgem Senhora da Graça. Era esta casa da Senhora Freguesia, (& tambem a Igreja de S. Bartholomeu) estas curavaõ os Padres, como seus Parocos. Mas porq̃ elles senaõ podiaõ cativar nestas occupaçoens, largáraõ as Igrejas aos Padres Clerigos. Mas porque esta Igreja havia sido o berço da Christandade naquella Ilha; he ainda hoje muyto frequentada com grande devoçaõ, romagens, & concursos de muyto povo, pelas maravilhas, que esta Sacratissima Senhora obra naquella sua casa.

339 O tempo em que os Clerigos entráraõ na posse daquelle Santuario foy no anno de 1597. Mas nos annos mais atraz obrou a Senhora na conversaõ dos Gentios muytas maravilhas: porque com o seu favor se bautizáraõ no anno de 1560. treze mil & duzentas & noventa pessoas: & no segundo anno, tres mil quatrocentas & trinta & sete, & assim pelos annos adiante se foraõ convertendo outros muytos. Estas grandes conversoens, & Bautismos tiveraõ principio, ou motivo, ou o Senhor os dispoz, por hum caso extraordinario. Succedeo pois, que celebrando-se na Ilha hum casamento, entre Bramenes Gentios no anno de 1557. com todo aquelle fausto, & apparato com que elles costumaõ festejar

os seus matrimonios: Introduzio-se como sombra ao banquete hum Christão disfarçado, que os Gentios naõ conhecéraõ, porque se o conhecessem às pancadas o lançariaõ fóra; & naõ comeriaõ com elle hum só bocado; por naõ ficarem contaminados, & perderem a nobreza da sua casta; como elles imaginavaõ.

340 Divulgouse depois, pelos parentes dos noyvos, como aquelle Christão assistira ao banquete, & ouve por esta causa grande confuzaõ, & perturbaçaõ entre todos. Consultáraõ sobre o caso os Mestres, & Doutores das suas rediculas ceremonias, & supreſtiçoens; & juntos estes em conselho, definiraõ a nullidade do matrimonio, & que era preciso renovar o contrato, & repetir de novo as ceremonias. Mas como estas estavaõ prohibidas pelo Arcebispo, & Viso-Rey com gravissimas penas, se foraõ a hum palmar solitario, & dentro nelle com o recato possivel, repetiraõ as ceremonias, & o banquete. Passou acaso (ou a Senhora o levou por alli) por aquelle palmar hum Christaõ da Ilha, & vendo sem ser visto tudo o que passava, os foy denunciar ao Padre, que assistia em Choraõ, na casa da Senhora da Graça. Este avisou logo ao Reytor do Collegio de Goa, o qual por comissaõ do Viso-Rey, fez ir com muyta pressa ao Choraõ o Ouvidor Geral do crime, acompanhado de todos os seus beligins a conduzir os culpados à Cidade, & mandou em sua companhia dous Padres, promptos a qualquer contingencia espiritual. Era o Ouvidor zelosissimo da fé, & foy logo amarrando a quantos encontrou na visinhança do palmar, aonde se celebravaõ os matrimonios, & buscava os mais para se informar dos delinquentes, & trazellos prezos a Goa. Entre os prezos estava hum velho, o mais respeytado da Ilha, pela idade, & pela prudencia: o qual pondo-se de improviso no meyo dos companheyros, à maneyra de homem movido, & inspirado por Deos; se virou para o Ouvidor, & lhe disse: *Senhor de que servem tantas pesquizas, & tantas prizoens, naõ tomeis trabalho com nosco, porque todos somos*

mos Christãos. Ditas estas palavras, como se o velho tivesse nas suas mãos os coraçoens de todos, & as linguas levantáraõ todos as vozes, & começáraõ a gritar, dizendo: *Somos Christãos.* Postos estes em sua liberdade; foraõ correndo pela Aldea, & Ilha toda, brádando: *Christãos, Christãos.* E quantos parentes, amigos, & conhecidos foraõ encontrando, pelo caminho, todos se uniraõ com elles, como arrebatados do mesmo espirito. E fazendo já numero de quatrocentos & cincoenta, se apresentáraõ aos Padres; para que elles os instruissem, & doutrinassem abraçando-se huns aos outros, com tanto amor, & alegria, que bem se deyxava ver, ser aquella mudança da mão direyta do Altissimo, & favor muyto singular da Virgem N. Senhora da Graça. Daqui foraõ para Goa, aonde se lhe fez o Bautismo, com muyta solemnidade, indo todos em procissaõ debayxo de huma bandeyra branca. Recebe-os o Viso-Rey com grande amor, & carinho: offerecendo-lhe por seu pay, & Protector. Este era D. Constantino de Bragança, taõ pio, & taõ generoso, como quem tinha taõ illustre sangue. Todas estas maravilhas se atribuiraõ à soberana Senhora da Graça que naquelle dia, a alcançou a todos aquelles Gentios; para que pela sua intercessaõ a recebessem.

341 He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra estofada, & tem sobre o braço esquerdo ao Santissimo Filho Author da Graça. Festeja-se em Mayo. He a sua casa hoje Vigayraria, & tem Vigario Clerigo. Della escreve o Padre Francisco de Sousa no seu Oriente Conquistado part. 1. pag. 106. & pag. 148. Della escreve tambem o Padre Gumpemberg em o seu Atlas Mariano, & refere a grande liberalidade com que Fernaõ Mendes Pinto, estando naquella casa da Senhora offereceo, a si, & a sua fazenda em beneficio da Missaõ do Japaõ; offerecendo logo para a viagem doze mil pardaos que saõ nove mil cruzados, & quatro mil para edificar hum Collegio da Companhia na Cidade de Amanguchi, como se pòde ver no primeyro tom. pag. 528. Della

faz

faz tambem menção o Padre Mestre Fr., Faustino da Graça nas suas Relaçoens.

TITULO LIV.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora do Rosario, que se venera na sua Paroquia de Goa.

342 NOtaveis saõ as propriedades, & prerogativas da devoçaõ do Santo Rosario, da excelsa Rainha dos Anjos: porque com ella, naõ só nos dispomos para conseguir as riquezas da Gloria: mas com ella faz Deos ricos aos que cahiraõ na summa pobreza: porque he Maria com a sua poderosa interceçaõ, a nosso favor a vestidura da nossa desnudez, & ella he a que em nossas grandes pobrezas nos enche de riquezas temporaes. Como diz Saõ Germano: *Maria est nuditatis nostra vestimentum, nostra mendicitatis divitiæ*. Bem o experimentou assim hum seu devoto; como o refere Fr. Alano de Rupe. Havia hum homem (diz elle) de muyta virtude, & dotado de grandes prendas, & santidade: tinha muytas riquezas, que havia erdado de seus pays. Cahio este em breve tempo em muyta pobreza, & em tanto extremo, que movia a compayxaõ o velo taõ desprezado, & pobre; havendo sido taõ rico, & taõ estimado (que naõ era muyto o fosse em quanto teve riquezas) sofria-o com paciencia o melhor que podia. Aconselhou-lhe hum servo de Deos, tendo lastima delle, que se fizesse escrever no livro dos Confrades do santo Rosario, & que propuzesse rezallo todos os dias, esperando na Mãy de Misericordia, & Senhora do Rosario, que se perseverasse naquella devoçaõ; tornar ao estado das riquezas, & honras que dantes possuhia. Aceytou o conselho, fez-se escrever na Confraria do Rosario, rezando-o com muyta devoçaõ todos os dias. Com esta diligencia começou em breve a enriquecer, & a ser tambem estimado de todos. Tudo isto alcançou pela virtude da devoçaõ do santo

S. Germ. orat de Præsent.

Ro-

Rosario. Occupava-se em remediar aos pobres sendo para elles muy compassivo, lembrando-se de se haver visto em grande miseria, & pobreza. E com isto veyo a alcançar tambem huma feliz morte, que foy muyto mayor riqueza. Isto refere o Padre Alano no compendio do Rosario cap. 15. Mil. 13. Taiz l. 3. c. 35. Fr. Alonso Fernandes l. 3. c. 12.

343 Divide-se a Cidade de Goa no espiritual, em nove Paroquias, a primeyra, & a mais principal he a Igreja Cathedral, dedicada a Santa Catherina Virgem, & Martyr; a segunda he dedicada a nossa Senhora com o titulo do Rosario, a terceyra he intitulada nossa Senhora da Luz, a quarta he dedicada a Saõ Pedro; a quinta a Saõ Thomè, a sexta à Santissima Trindade, a Santa Luzia a septima, a oytava a Santo Aleyxo, a ultima às Chagas de Christo em a Ribeyra d'ElRey. Destas Paroquias, a segunda como fica dito, he dedicada à Virgem nossa Senhora do Rosario; aonde se venera huma fermosa Imagem sua, com quem os moradores de Goa tem muyto grande devoçaõ.

344 Nesta casa, & Santuario da Senhora acudia muytas vezes o Apostolo das Indias Orientaes, Saõ Francisco Xavier o qual, para despertar daquelle mortal letargo em que vivia o povo de Goa, tratava com igual desvelo do bem de suas almas, & da salvaçaõ dos proximos. E assim nos Domingos, dizia Missa sedo aos leprozos do Hospital de Saõ Lazaro, em os arrebaldes da Cidade, & depois de os confessar, lhe administrava o paõ dos Anjos em a Missa. Do Hospital voltava direyto para a Cidade, & se hia à Igreja de N. Senhora do Rosario, com quem o Santo tinha muyto grande devoçaõ, & alli prégava aos Portuguezes com tanta efficacia, & vehemencia de espirito que fazia nelles maravilhosos frutos: porque os apartava de muytos vicios.

345 De tarde explicava na mesma casa da Senhora aos naturaes da terra a doutrina Christãa, com tanto concurso de povo, que naõ cabiaõ na Igreja. Depois sahia por todas as ruas da Cidade, com hũa campainha na maõ, tocando-a nas

bocas

bocas dellas,& das mais principaes, & levantando a voz lançava aquelle nunca visto pregaõ: *Fieis Christãos amigos de Jesu Christo, manday vossos filhos, & filhas escravos, & escravas a ouvir a santa doutrina, por amor de Deos.* A' vista deste Clarim do Ceo, nunca de antes ouvido em a India. Era extraordinario o concurso de toda a sorte de gente, que acodia, & só os meninos passavaõ algumas vezes de trezentos. O Santo os ordenava em fileyras, & levava à Igreja da Senhora do Rosario: aonde cantadas as oraçoens, para lhe ficarem impressas na memoria, declarava alguns dos artigos da fé, ou preceyto do Decalago.

346 Todas estas maravilhas, que se obravaõ na prezença da Senhora do Rosario, podemos entender, que tambem ella, como Mãy amorosa, & sapientissima, & toda solicita do bem, & remedio espiritual dos peccadores, as augmentaria com a sua poderosa interceſſaõ; alcançando para todos as verdadeyras disposiçoens: para que aquella santa doutrina lhes ficasse bem impressa em seus coraçoens. Com esta Santissima Imagem de N. Senhora do Rosario tem aquella Cidade muyto grande devoçaõ: & a Senhora a favor de todos está obrando continuas maravilhas. He esta casa da Senhora Collegiada com Prior, & Beneficiados; da aprezentaçaõ do Arcebispo. A Senhora está em pé, & tem ao Menino Deos sobre o braço esquerdo: he de escultura de Madeyra estofada de ouro, & cores, está collocada no Altar mòr, & celebra-se a sua festa em 15. de Agosto. Toda aquella Cidade tem muyta devoçaõ com esta Senhora, & obra muytas maravilhas a favor de todos. Della escreve o Padre Mestre Francisco de Sousa no seu Oriente Conquistado tom. 1. p. 28. & 29. & o P. Fr. Faustino da Graça nas suas Relaçoens.

TITU-

TITULO LV.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora da Serra, Recolhimento das Donzellas.

347 REcolhendo-ſe o grande Affonſo de Albuquerque, Viſo-Rey da India, à Cidade de Goa (depois de haver conquiſtado o Reyno, & Cidade de Malaca em o anno de 1512.) dedicou em acçaõ de graças, pelo bom ſucceſſo que o Senhor lhe havia dado naquella expediçaõ, no interior da meſma Cidade huma Ermida, que conſagrou, & dedicou à Rainha dos Anjos Maria Senhora noſſa. E porque a ſituaçaõ foy em huma ſerra, ou monte daquella Cidade, com eſte meſmo nome de ſerra, quiz que ſe intitulaſſe aquella caſa da Senhora. Para iſſo mandou logo fazer huma perfeytiſſima Imagem; da meſma Senhora de eſcultura de madeyra, perfeytiſſimamente obrada, & eſtofada de ouro com muyto primor. He eſta Santiſſima Effigie de Maria de rara fermoſura; a ſua eſtatura he grande, porque tem muyto mais de cinco palmos. E ſobre o braço direyto deſcança o ſoberano Filho, & Deos Menino, & com a ſua maõ direyta o eſtá ſuſtentando pelos pès. Feyta a ſagrada Imagem a collocou na ſua caſa com grande feſta: & muyta pompa com a aſſiſtencia, naõ ſó da Nobreza, que he certo, que por obſequiar a peſſoa do Viſo-Rey, naõ havia de faltar Fidalgo algum; & mais em acçaõ taõ ſanta, aonde todos por devoçaõ da meſma Senhora haviaõ de deſejar acharſe preſentes: em feſtividade taõ ſanta, & taõ pia.

348 Era o Viſo-Rey Affonſo de Albuquerque adornado de grandes virtudes, & muyto grande devoto de noſſa Senhora, & aſſim em quanto viveo teve muyto grande, & affectuoſa devoçaõ com aquella ſoberana Senhora. E quando morreo que foy em Goa quando ſe recolhia, depois de deyxar compoſtas as couſas do Reyno de Ormuz; quiz ſer

ſepul-

sepultado nesta sua casa, & à sombra daquella milagrosa Senhora. Taõ pagos estavaõ os Asiaticos, de o terem alli naquella casa, ainda que defunto, que com seus ossos se consideravaõ seguros de qualquer invasaõ de seus inimigos: & como elle havia sido taõ recto na administraçaõ da justiça lhes parecia: que tambem elle lá do Ceo rogaria a Deos, lha guardassem cá na terra. E os Gentios, hiaõ àquella casa da Senhora a visitalla, & a offerecer-lhe azeyte para a sua alampada, & flores para o seu Altar, julgando que com aquelle seu obsequio, lhe seria o grande Albuquerque propicio lá no Ceo, & os livraria das injustiças da terra.

349 Alli naquella casa da Senhora da Serra, se conservou o corpo daquelle grande Heroe: & guardavaõ os moradores de Goa os ossos do grande Albuquerque com taõ grande vigilancia, que em nenhum modo queriaõ consentir, que elles fossem tresladados a Portugal, como o pretendiaõ os seus Parentes. E para o haverem de conseguir estes, & poderem tresladallos com effeyto, lhes foy necessario valerem-se de hum Breve Apostolico. Com elle se conseguio, o haverem de ser tirados da casa da Senhora, & tresladados a Portugal. Chegáraõ a Lisboa, & foraõ levados com huma grande pompa funeral ao Convento de nossa Senhora da Graça da Ordem dos Eremitas de meu Padre Santo Agostinho aonde elle havia disposto em seu testamento fossem tresladados.

350 Esta casa da Senhora da Serra, escolheo depois o Illustrissimo Arcebispo de Goa o veneravel Doutor Fr. Aleyxo de Menezes, para erigir nella hum Recolhimento de Donzellas, que fundou em aquella Cidade de Goa para amparo, & remedio seguro das Donzellas nobres, & orfans. A causa, & o motivo com que o fez, foy para eternizar naquella casa da Senhora da Serra, as memorias de seu Illustre tio o Grande Affonso de Albuquerque (porque era Irmão de Dona Constança de Albuquerque sua segunda Avò, & ambos filhos de Gonçallo de Albuquerque de Gomide) que

a ha-

a havia fundado. E assim deu principio nella ao Recolhimento das Donzellas orfans; aonde estas faziaõ huma vida taõ perfeyta, & reformada, como a puderaõ fazer as Religiosas da mayor observancia, para o que lhe assinava Mestres, & Confessores muyto doutos, prudentes, & espirituaes.

351 Fica situada esta casa da Senhora da Serra, & Recolhimento das Donzellas, junto à casa da Misericordia, a cujos Provedores quiz o Arcebispo ficasse sugeyto; & assim a elles pertence ainda hoje o cuydado do seu remedio, & sustento. E ouve muytos Provedores, que no amparo destas Donzellas orfans, pelo discurso dos tempos, dispendèraõ muytos cruzados: & ainda ao prezente acodem àquella casa, & às moradoras della com grande caridade. E o seu santo proceder, & boa doutrina que conservaõ, desde os seus principios, as faz ser muyto amadas, & veneradas de todos. Neste mesmo Recolhimento assistiraõ as primeyras Fundadoras do Convento de Santa Monica, & delle sahiraõ a dar principio à sua fundaçaõ, levando das mesmas Donzellas muytas, por companheyras, em tres de Setembro do anno de 1606. sahindo em hũa solemne prociſſaõ, & com hum nobilissimo acompanhamento. Neste Recolhimento recolhem suas mulheres, & filhas os Capitães, & Cabos; quando sahem nas armadas. Nelle se recolhem tambem muytas viuvas nobres, por se afastarem dos grandes perigos que ordinariamente se encontraõ em huma Conquista.

352 Nesta casa pois, da Senhora da Serra, a cuja sombra vivem as nobres Donzellas orfans daquella Cidade, por desamparadas (mas muyto favorecidas da soberana Rainha das Virgens) se venera esta milagrosa Senhora; com ella teve o grande Albuquerque muyto grande devoçaõ em quanto viveo, & desde o tempo que lhe eregio aquella casa. Obra esta Senhora pela invocaçaõ da sua sagrada Imagem, muytas maravilhas; naõ só a favor daquellas virtuosas Donzellas; porque por especial favor da mesma Senhora, se tem a santa vida que fazem, & o grande exemplo que daõ: & assim ellas

las a amaõ, como a sua Mãy, & especial Protectora: & todo o povo de Goa a venera, & busca com muyta devoçaõ. A sua festividade se lhe faz na ultima Dominga do mez de Janeyro. Da Senhora da Serra se faz mençaõ na nossa Historia da Fundaçaõ do Convento de Santa Monica de Goa, & della falla o Padre Mestre Fr. Faustino da Graça em as suas Relaçoens. E o Padre Mestre Sicardo na sua Hist. do Japaõ l. 1.

TITULO LVI.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora do Rosario de Navelim.

353 NOs limites do termo, ou distrito da Cidade de Goa ha huma Aldea de Indios chamada Navelim, cuja Paroquia he dedicada à soberana Rainha da Gloria, com o titulo do Rosario. Fica este Santuario situado em as terras de Salsete, & em distancia de pouco mais de tres legoas da Cidade de Goa. Assistem a esta milagrosa Senhora os Religiosos da Sagrada Companhia de Jesus, esta sagrada Effigie de Maria he de escultura de madeyra estofada, & tem sobre o braço esquerdo ao Santissimo fruto de seu purissimo ventre. Está collocada em o retabo da Capella mòr, como Padroeyra, & Senhora daquella casa. E festejaõ a Senhora aquelles santos Religiosos, acompanhados dos seus devotos, em a primeyra quarta feyra de Novembro. E neste dia he muyto grande o concurso da gente, assim Christãos, como Gentios.

354 Nesta casa pois se venera a milagrosa Imagem da Senhora do Rosario, aonde obra muytos prodigios, & maravilhas; & assim he a sua casa muyto frequentada de romagens aonde concorrem de varias partes muytos, naõ só das terras visinhas mas ainda das que ficaõ muyto distantes, a buscar naquella casa da Senhora, o remedio de todos os seus malles, & trabalhos, & como em huma mais que a Probatica Piscina da saude, achaõ nella as milhoras de todas as suas do-

doenças, & infirmidades. E a grande fé com que buscaõ nesta salutifera Piscina as suas melhoras, os faz sahir della apregoando a sua grande virtude, & os grandes poderes daquella misericordiosa Senhora. Em todos os mais trabalhos, & perigos em que se achaõ, invocando a esta compassiva Mãy dos peccadores, logo achaõ nella o seu remedio, & alivio. O que testimunhaõ as muytas memorias de cera, as muytas mortalhas, & quadros, que se vem pender das paredes daquella casa, onde se vem descritos os seus favores. E naõ só aos Christãos, mas tambem aos Gentios, & Idolatras, que a vaõ buscar, faz a Senhora favores, & beneficios.

355 Tudo isto afirma o Padre Reytor daquella casa, o Padre Antonio Gameyro, como testemunha de vista, referindo as muytas maravilhas, que a Senhora obra; as quaes por serem muytas senaõ faz dellas memoria em particular; que se nolas referisse tiriaõ os devotos muytos motivos para louvarem a grande piedade, & misericordia desta grande Senhora. A sua festividade se lhe faz como fica dito, na primeyra quarta feyra de Novembro; & neste dia he muyto grande o concurso das Romagens. Desta Senhora escreve o P. Fr. Faustino da Graça nas suas Relaçoens.

TITULO LVII.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora de todos os Bens em a Aldea de Màpucà.

356 A Aldea de Màcupà se comprehende em as muytas q̃ ha no distrito da Ilha de Goa, em as terras de Salsete. A Igreja deste lugar he Paroquia, & Reytoria, que governaõ os muyto Religiosos filhos do Patriarca Saõ Francisco, & he dedicada ao Doutor Maximo, Saõ Jeronymo. Nesta Igreja se vé collocada em a Capella colateral, da parte da Epistola, a Imagem da milagrosa Senhora de todos os Bens. He esta Santissima Imagem de escultura

de madeyra, estofada, & tem sobre o braço esquerdo ao Menino Deos. A sua estatura he de cinco palmos, & ambas as Imagens estaõ coroadas de prata; & à Senhora se lhe poem manto por ornato, que os tem muyto ricos. Com muyta propriedade se lhe impoz a esta Senhora este maravilhoso titulo: porque pelas suas mãos recebemos do Ceo todos os bens & attendendo o Milifluo Bernardo, a que tudo nos vem pelas mãos de Maria, nos exhorta a q̃ pela mesma causa, com todo o affecto de nossos coraçoens a veneremos: *Hanc totis medullis cordium, præcordium affectus, & votis omnibus veneremur; quia sic est voluntas ejus, qui totum voluit habere per Mariam.* E assim a devemos buscar, & venerar affectuosamente. Tudo recebemos pelas suas mãos, & nas maravilhas que obra, & nos bens que communica, se vé em como ella he a depositaria de todas as riquezas do Ceo, & da terra. A todos sem distinçaõ communica esta Senhora os seus favores; porque todos os que a buscaõ em seus trabalhos, necessidades, & tribulaçoens, achaõ logo nella tudo: porque naõ ha trabalho, que naõ remedee, nem perigo de que os naõ livre, nem achaque de que os naõ izente, nem tribulaçaõ, em que lhes naõ acuda com o soccorro.

357 Desde os principios que os filhos do Patriarca Saõ Francisco começáraõ a assistir à veneraçaõ desta sagrada Imagem de Maria Santissima, ou que deraõ principio àquella sua casa, que seria pelos annos de 1580. pouco mais, ou menos, publicáraõ, & confessáraõ sempre as grandes maravilhas, que nella obrava a mão de Deos, por sua interceſſaõ. Inquirindo do Reytor daquelle Santuario o Padre Fr. Ignacio da Purificaçaõ os principios desta Santissima Imagem, & as suas maravilhas, quais fossem, era o primeyro, que eu procurava, respondeo só o que tocava às maravilhas, & de seus principios nos naõ disse nem huma só palavra (o que seria pela sua antiguidade, & por naõ saber nada da sua origem.) Diz na sua carta que as maravilhas, que a Senhora obrava eraõ continuas, & innumeraveis, naõ só obradas a favor

favor dos Christãos, mas dos mesmos Gentios. O que testemunhavaõ as suas offertas, & as infinitas memorias, como braços, cabeças, coraçoens, & outros sinais de cera; & os muytos quadros em que se referem as mercès, que da Senhora recebèraõ; & as muytas mortalhas que publicaõ os muytos que ressuscitou, com o seu poder. Muytas destas memorias se vem pender daquelle seu Templo, & muytas se perdèraõ com a reedificaçaõ delle, que a naõ ser assim, se vira todo occupado, & cuberto dellas.

358 No dia da festividade da Senhora he muyto grande o concurso da gente, & ainda em mayor numero os Gentios, & as Gentias, que com os festejos de que usaõ vem a louvar a Senhora; o que fazem continuamente, & a experiencia lhe mostra, que a Senhora com estas suas festas, & devotas visitas os favorece, & beneficia nos seus trabalhos, em que a imploraõ: & ainda seraõ muyto mayores os favores que elles naõ alcançaõ, que saõ os que ella faz às suas almas: porque a muytos alcança a luz da Divina graça para abraçarem a fé, & receberem o santo Bautismo, que naõ saõ poucos, os que por meyo dos favores, & da luz que lhe entrou com elles, chegáraõ a receber a graça do santo Bautismo.

359 Muytos saõ os milagres que se referem da Senhora, dos quaes referirey tres. Hum China Christaõ, Capitaõ, ou Piloto de hum navio, tinha muyto grande devoçaõ com esta Santissima Imagem. Este navegando naquelles mares Asiaticos, se vio acossado de huma grande tormenta, & com ella vendo o governo todo perdido, & sem esperanças algũas de remedio; nesta sua grande afflicaõ recorreo aos Divinos, & começou a invocar à Senhora de todos os Bens, pedindo-lhe que lhe valesse. O mesmo foy invocalla, que socegarem-se logo os mares, perderem o seu furor as ondas, & os ventos desaparecerem. Obrigado o China do beneficio da Senhora, lhe foy a dar as graças, & a fazer-lhe a sua offerta: & sempre confessava, q̃ o escapar daquelle grande perigo, fóra por especial favor da Senhora.

360 Hum Indio natural, & morador nàquella meſma Aldea, tinha tambem grande devoçaõ com a Senhora, & em todos os ſeus trabalhos a invocava, & chamava à Senhora, pela experiencia, que já tinha dos ſeus favores: *A minha milagre.* Quando paſſava pela porta, & naõ podia entrar fazia-lhe ſempre hũa grande reverencia. Eſte padecia huns grandes accidentes de gota coral, encommendou-ſe à Senhora com grande fé, pedindo-lhe o livraſſe delles. A Senhora o livrou, & em quanto viveo naõ teve mais accidentes. No meſmo tempo tinha huma perna toda fiſtulada, & quaſi podre de que padecia muyto, & ſe via em grande perigo; a Senhora o livrou tambem deſta queyxa milagroſamente. Perguntado depois como livrára deſtas grandes moleſtias que padecia? Reſpondeo, que a Senhora o livrára do grande tormento que padecia, pedindo-lhe ſe compadeceſſe delle; & que a Senhora lhe apparecéra em ſonhos, em huma noyte, & que ella o ſarára de tudo perfeytamente.

361 Manoel Rolim morador em outro lugar chamado Mellur, tinha a ſua mulher já ſem eſperanças de vida; porque tinha duas crianças mortas dentro no ventre, & as naõ podia lançar: neſte grande aperto ſe valèraõ ambos dos poderes da Senhora de todos os Bens: pedindo-lhe o ſeu favor, & aplicando o marido ao ventre da mulher huma cayxinha em que ſe pediaõ as eſmollas, naqual eſtava pintada hũa Imagem da Senhora: immediatamente pario, & lançou com feliz ſucceſſo ambas as crianças mortas, ficando ella ſaã, & livre daquelle grande perigo. Eſtes dous caſados, (que ainda ao prezente em que ſe nos fez eſta relaçaõ viviaõ,) & confeſſavaõ deverem à Senhora eſte grande favor. Da Senhora de todos os Bens faz mençaõ o Padre Meſtre Fr. Fauſtino da Graça nas ſuas Relaçoens.

TITULO LVIII.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora da Guia do Paço de Nàruà no distrito de Goa.

362 NA Paroquia do Espirito Santo do Passo de Nàruà (Povoaçaõ, que fica alèm do Rio de Goa na Ilha de Divar, que he Vigayraria da Apresentaçaõ dos Arcebispos Primazes da India, em que assistem Clerigos, que elle prove) he tida em muyto grande veneraçaõ a Imagem de nossa Senhora da Guia, que se vè collocada em a Capella collateral da parte da Epistola. Quando os seus devotos q̃ a mandáraõ fazer, a quizeraõ collocar naquella Igreja, o fizeraõ em a Capella colateral que ficava a parte do Evangelho, & com effeyto a metèraõ em hum nicho, que lhe tinhaõ preparado no meyo do retabolo, mas a Senhora naõ quiz estar pela escolha que elles fizeraõ em o lugar que lhe davaõ: porque na menhã do dia seguinte, a acharaõ fóra do nicho do retabolo, em que a haviaõ collocado, & posta sobre o Altar. Tornàraõ a collocalla no mesmo dia, em o seu nicho, o que fizeraõ varias vezes, & sempre quando hiaõ pela menhã, a achavaõ sobre o Altar. Vendo isto naõ quizeraõ profiar mais contra a vontade da Senhora, significada em tantas repetiçoens, & assim resolvèraõ em a collocar em a Capella colateral da parte da Epistola, & nella ficou, sem haver mais mudança. Este segredo senaõ p ode alcançar. Deos a quem tudo he presente sabe as causas deste prodigio, & tambem a Senhora, que rejeytou o lugar, que os seus devotos lhe offerecèraõ. Nesta Capella perseverou atè o prezente.

363 He esta sagrada Imagem de grande fermosura, de escultura de madeyra estofada; mas pela grande veneraçaõ em que a tem, lhe vestem sobre as roupas da escultura outras ricas de seda; a sua estatura he grande; porque passa de

cinco palmos; tem ſobre o braço eſquerdo ao Santiſſimo Menino Deos. Tem-ſe reparado muytas vezes, que ſe lhe vem as fimbrias das roupas naõ ſó molhadas, mas cheas de terra, & area, & tambem os pès: demonſtraçoens em ſi prodigioſas, em que parece, que a Senhora, que ſempre vigia, & cuyda de nos guardar, guiar, & defender, encaminhando-nos pelos caminhos do Ceo, & nos acode em os perigos da terra; para nos apartar delles, & mais principalmente aos ſeus devotos, que a ſabem obrigar, & cuydaõ de a ſervir: porque a eſtes com mais cuydado guarda, & guia pelos caminhos ſeguros da ſua ſalvaçaõ. O' quantas vezes nos aparta a miſericordioſa Senhora da Guia dos maos paſſos, & dos maos caminhos, & nos moſtra os rectos, & os ſeguros, por-onde havemos de caminhar, & havemos de conſeguir a graça, & amiſade de ſeu Santiſſimo Filho, para com ella conſeguirmos a noſſa ſalvaçaõ.

364 Saõ muytas as maravilhas, que continuamente obra a favor de todos os que imploraõ a ſua clemencia. Naõ ſó acode, & remedea aos Chriſtãos, tambem favorece aos Gentios; porque a eſtes nos favores, que lhe faz, lhe moſtra que para todos he, & que a todos ama como a filhos. Huma mulher gentia, a quem lhe havia morrido hum filhinho de peyto, toda lacrimoſa, & ſentida, o foy levar à Senhora, & poſta na ſua preſença lho poz ſobre o Altar para que ella lho reſuſcitaſſe; & depois que fez a ſua petiçaõ, deyxou o menino ſobre o Altar, & ſe foy com tençaõ de ir para ſua caſa. Faltava-lhe a Fé, & juntamente a Eſperança: por iſſo o deyxou ficar, ſem ſe deter. Antes que ſahiſſe das portas da Igreja para fóra, lhe perguntáraõ algumas peſſoas que alli eſtavaõ, & tinhaõ advertido no ſucceſſo: para que deyxava alli no Altar aquelle menino? Ao que ella reſpondeo, para que a Senhora da Guia lhe dè vida. Diſſeraõ-lhe entaõ os meſmos que fizeraõ a pergunta, que o menino eſtava vivo. A mãy à viſta deſtas palavras voltou para o Altar, para ſaber ſe era aſſim como lhe diziaõ; & achou ao filhinho

reſuſci-

esuscitado; & muyto alegre o tomou nos braços, & se foy com elle para sua casa. Estas, & outras muytas maravilhas obra continuamente esta milagrosa Senhora: & tanto que a invocaõ, logo acode aos seus devotos para os guiar, & livrar de todos os perigos. Da Senhora da Guia faz mençaõ o Padre Mestre Fr. Faustino da Graça em as suas Relaçoens.

TITULO LIX.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora da Esperança, ou dos milagres de Ajossim.

365 HE Maria Santissima, & o foy sempre a nossa Esperança verdadeyra: porque todos achaõ nesta piedosa Senhora tudo quanto della pretendem, & nunca os que nella esperaõ, & a rogaõ deyxaõ de alcançar felices despachos em todas as suas petiçoens, & tudo o que della esperaõ. Ella he a nona Esperança de gozarmos, & de possuirmos por seu meyo, & favor os bens eternos. Assim o cantaõ os Gregos no seu Hymno: *Spes æternorum bonorum.* Ella he a Esperança de todos os Christãos; porque todos os que a ella recorrem em seus trabalhos, perigos, & tribulaçoens: ella os empara, livra, & defende. Assim o diz Saõ Joaõ Damasceno: *Spes Christianorum.* E ella he a Esperança dos delinquentes peccadores; porque recorrendo a ella, conseguem o perdaõ de seus delitos; & assim o diz Saõ Lourenço Justiniano: *Spes dilinquentium.* De todos os que buscaõ a Maria he ella a sua verdadeyra Esperança: porque he esta Senhora a Patrona, & o refugio de todos os Christãos. A sua invocaçaõ na sua Theotoquia ou Antifonario de Maria os Cregos: *Spes, & Patrona refugiumque Christianorum.*

Hymn. Græc. apud. But p. 126.

Damasc. Orat. 1. de Nat. B. V.

Laur. Justinian. serm. de Nat. B. V.

Theotocion Apud But. p. 21.

366 Menos de huma legoa de distancia da Cidade de Goa ha huma Aldea, a quem daõ o nome de Ajossim. A sua Paroquia era antigamente dedicada a Santo Aleyxo: Porèm no tempo em que o Illustrissimo Arcebispo Dom Fr.

Aleyxo de Menezes assistio na India: porque a Cidade de Goa naõ estivesse sem ter huma Paroquia dedicada ao nome do seu Santo: lha edificou, & collocou nella a Imagem, que estava na Aldea de Ajossim, & a deo para a nova Paroquia, que para elle edificou: & a Igreja de Ajossim dedicou ao Apostolo Saõ Mattheus. E desta sorte ficáraõ anovamente erecta, com o titulo de Santo Aleyxo; & a de Ajossim com o titulo de Saõ Mattheus. Nesta Igreja naõ havia Imagem alguma da Mãy de Deos: esta grande falta remediou o devoto Arcebispo, dando para a Igreja de Ajossim huma devotissima Imagem da Rainha dos Anjos, a quem impuzeraõ o titulo da Esperança, & quando ouve de ir para aquella Igreja, foy com grande pompa, em huma muyto solemne prociſsaó, em que hiaõ os seus Confrades (porque já seria venerada em outra Igreja, & a mandaria tresladar com a sua Irmandade, & com tudo o que a ella pertencia, para aquella Paroquia de Saõ Mattheus) & hiaõ naquella prociſsaõ muytas danças, & outros festejos de instrumentos ao uso daquellas terras.

367 Chegando a Imagem da Rainha dos Anjos ao meyo das Portas dos Baluartes, & fortificaçoens, que estaõ fóra da Cidade, se ouviraõ muytos grandes estrondos, & vozes como de alaridos, & moverem-se, & abalarem-se os arvoredos, que estavaõ por alli arroda, como quando ha hũa furiosa tormenta, ou furaçaõ, & grande tempestade. E nesta occasiaõ se vio sahirem os demonios, q̃ estavaõ em algũs Idolos, ou naquelle mesmo lugar das fortificaçoens, que naõ pode sofrer aquelle cruel Dagon a presença da Divina Arca Maria. Costumavaõ aquelles Idolatras offerecer ao demonio alguns sitios, & sacrificarlhe algũa grande arvore, ou bosques, & nelles collocavaõ algũ Idolo; & como entrava a Mãy de Deos, a sua virtude lhe fez despejar com clamores, gritos, & alaridos os lugares q̃ possuhia; & a Senhora para q̃ aquelles tristes, & engana los Gentios conhecessem a sua cegueyra, faria que elle sahisse em fórma, que todos o vissem, & conhecessem.

Ven-

368 Vendo todos este succesſo, foraõ dar parte delle ao Illuſtriſſimo Arcebiſpo. E reconhecendo elle o favor, que a Senhora havia feyto àquelles moradores, em deſterrar daquellas terras o demonio, a começou a nomear com o titulo dos Milagres. Chegou a prociſſaõ à Igreja de Saõ Mattheus, & nella foy collocada a Santiſſima Imagem da Senhora, em o Altar colateral como hoje ſe vè. He eſta Santiſſima Imagem de eſcultura de madeyra eſtofada, & de grande fermoſura. A ſua eſtatura ſaõ cinco palmos, & meyo. Veſſe collocada no meyo do retabolo, em pé, & com o Menino Deos ſentado ſobre o braço eſquerdo. Tem huma Irmandade, que a ſerve, & a feſteja; & a ſua feſtividade ſe lhe faz em a ſegunda Dominga depois da Paſcoa. Eſta Paroquia tem Vigario Clerigo, cuja aprezentaçaõ pertence aos Arcebiſpos de Goa.

369 Neſtes proximos tempos ouve naquella Aldea hũa notavel epedimia, ou peſte, daqual morriaõ muytos, ſem lhe a proveytarem medicamentos alguns. Neſta grande tribulaçaõ ſe valèraõ da Senhora dos Milagres, & com a agoa dos ſeus pès (q̃ parece lha lançavaõ nelles, para deſte ſalutifero remedio ſe aproveytarem) que inſpiraria a Senhora à alguma boa alma eſta medicina, & com ella viſivelmente milhoravaõ tanto, que com ella eraõ ungidos. E aſſim ceſſou aquella peſte, que padecia toda aquella Aldea.

370 Hum homem morador na Aldea de Talaulim de Santa Anna, chamado Calixto Joaõ, eſtando já ungido, & ſem falla, & deſenganado dos Medicos, de que morria. A mulher neſte a perto recorreo à Senhora dos Milagres, & fez à ſoberana Rainha huma promeſſa que ſe ſeu marido eſcapaſſe daquella infirmidade, promettia levalo aos ſeus pés, aonde poſtrado, lhe daria as graças, pelo beneficio da vida, & ſaude, & que faria na ſua caſa em companhia de ſeu marido humas novenas. Na meſma noyte da promeſſa, appareceo a Senhora ao enfermo, & lhe diſſe que ſe levantaſſe da cama, & que foſſe paſſear. Aſuſtado o enfermo com o apparecimento da Senhora, tomou alentos, & começou a provar a le-

vantarſſe, para ſaber ſe era ſonho, & ſe achou com tantos, que ſe levantou, & começou a perguntar para onde fora aquella mulher com o menino nos braços, que o mandára levantar da cama. E aſſim logo ſarou, & convaleceo de todo; & foy em companhia de ſua mulher a cumprir os votos, que havia feyto, & ſe fizeraõ aſſentar por Irmãos da Senhora, elle, & ſua mulher, & hum filho.

371 Tambem he advogada eſta Senhora das mulheres, que deſejaõ ter filhos; & aſſim de varias partes vaõ em Romaria àquella milagroſa Senhora, as que os naõ tem, & os deſejaõ, & lhe fazem as ſuas promeſſas, com que muytas que tinhaõ eſtes deſejos lhos cumprio Deos, pelos merecimentos de ſua Santiſſima Mãy, depois de paſſarem muytos annos com eſterilidade. Na Aldea de Sancoelle, terras de Salſete, havia huma mulher caſada havia muytos annos, & naõ tinha filhos. Ouvio referir as grandes maravilhas da Senhora dos Milagres, & que muytas mulheres, que naõ tinhaõ filhos os alcançáraõ de Deos por favor, & interceſſaõ da Virgem noſſa Senhora dos Milagres, ſe encomendou muyto à ſua piedade, & lhe prometteo, que ſe lhe concedeſſe hum filho o faria ſeu captivo, & q̃ ſe pariſſe filha a pezaria a cera. Concedeo-lhe noſſa Senhora o deſpacho daſua petiçaõ; porq̃ dalli a nove mezes, pario hum filho; & como eſteve capaz de o ir offerecer a ſua benigna bemfeytora, lho levou a ſua caſa, & lho poz ſobre o ſeu Altar, como peſſa, & fazenda ſua. Depois fizeraõ ſeus pays leylaõ do menino, pondo-o em venda; & nelle o compráraõ, & deraõ o preço à Senhora, & reſgatado o leváraõ muyto alegres, para ſua caſa. Muytas outras maravilhas deſta qualidade ſe puderaõ referir, que continuamente eſtá obrando eſta amoroſiſſima Mãy dos peccadores; mas eſtas baſtaõ; para que ſe veja o muyto que eſta Senhora ſe compadece de nòs. Da Senhora da Eſperança, ou dos Milagres faz menção o Padre Meſtre Fr. Fauſtino da Graça nas ſuas Relaçoens.

TITU-

TITULO LX.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora da Purificaçaõ do lugar de Pomburpà.

A Freguesia, ou Povoaçaõ de Pomburpà, em o deſtrito de Bardes, ou no termo da Cidade de Goa, que he Reſidencia dos Religioſos de Saõ Franciſco; porque elles ſaõ os Reytores daquella Freguesia, & os que curaõ no eſpiritual aquellas ovelhas, ou aos que ſaõ Chriſtãos, que já hoje haverá nella muyto poucos Gentios. He eſta Paroquia dedicada a noſſa Senhora com o titulo da Purificaçaõ, ou das Candeas, aonde ſe venera huma muyto milagroſa Imagem da meſma Mãy de Deos, que a favor daquelles Chriſtãos obra muytas maravilhas, para aſſim os atrahir à Fè, & ao conhecimento, & amor de ſeu Santiſſimo Filho.

Feſtejaõ a eſta Senhora aquelles moradores ſeus devotos, no ſeu meſmo dia de dous de Fevereyro; & neſſe dia he muyto grande o concurſo da gente que vay aſſiſtir à ſua feſtividade. E tambem pelo diſcurſo do anno, he aquelle Santuario muyto frequentado, & aonde na prezença da Senhora ſe vaõ fazer muytas novenas; & a Senhora augmenta com maravilhas a ſua Fé, & devoçaõ, porque todos conſeguem daquella miſericordioſa Senhora felices deſpachos em ſuas petiçoens. Muytos ſaõ os milagres que obra, & tem obrado, & ſem embargo que ha ſido muyto grande a negligencia de ſe fazer delles memoria. De dous farey ſómente mençaõ, ſegundo as noticias que delles me deraõ, & ſeja o primeyro eſte que agora referirey.

Pelos annos de 1690 & tantos era Reytor daquella Igreja da Senhora da Purificaçaõ o Padre Fr. Manoel de S. Nicolao. Eſte padecia humas ardentiſſimas febres quartans, & como para eſte achaque, naõ ſe coſtuma na India fazer remedios, ainda que a queyxa era muyto grande, tambem o

Pa-

Padre naõ quiz fazer remedio algum, & só se quiz valer do favor daquella misericordiosa Senhora; porque ella lhe podia dar inteyra saude naquelle muyto enfadonho mal. E assim confiado nella, na occasiaõ em que lhe veyo a febre, tomou o seu manto, & hum travesseyro, & se foy deytar aos pès do Altar da Senhora, rogando-lhe que se lembrasse delle; huma, ou duas vezes fez esta diligencia, & a Senhora se compadeceo delle, porque a febre desappareceo, & ficou taõ sam que a febre naõ só desappareceo, mas ficou taõ fortalecido, como senaõ ouvesse sido atormetado de taõ grande molestia. Este favor publicava a todos, & o confirmou com juramento o Padre Amador Furtado, como testemunha, que prezenciou a maravilha; & que o vira deytarse no supedamo do Altar da Senhora, & vira publicar ao mesmo Reytor o grande favor que a Senhora lhe fizera.

Dous sobrinhos de Dom Sebastiaõ Alveres morador na Villa do Choraõ, & Freguesia do Apostolo Saõ Bartholomeu, padeciaõ varios achaques, & queyxas de huma larga doença que haviaõ tido, de que ficàraõ leprozos, ou gafos; como tambem dizem, daqual infirmidade tambem lhe cahiraõ os cabellos da cabeça, como se fossem tinhosos. Estes por si, ou por seus pays promettèraõ à Senhora duas velas para se acenderem no seu Altar, & de irem a ouvir Missa tambem na sua Igreja, se ella os livrasse daquella penosa infirmidade. A Senhora, que he Mãy de misericordia os livrou, & cobráraõ perfeyta saude em tudo; & ambos foraõ depois Sacerdotes, & se chamava hum delles Pascoal Alveres, & o outro Custodio Alveres. E ambos saõ ao prezente vivos, neste anno de 1714. & frequentaõ muytas vezes a cala da Senhora, & assistem às suas novenas. Muytos outros prodigios puderamos referir, se ouvesse curiosidade de fazer memoria delles. Desta Senhora nos deu noticia em a sua Relaçaõ que nos inviou de Goa o Padre Mestre Fr. Faustino da Graça Religioso Eremita de meu Padre Santo Agostinho da Congregaçaõ da India.

TI-

TITULO LXI.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora das Febres da Aldea do Chimbel.

372 A Febre he o principio de todas as enfirmidades. Destas humas saõ ardentes, outras estomachais, & outras malignas, & colericas. Para todas estas febres aplicaõ os Medicos muytos, & varios remedios. Para as febres ardentes aplicaõ os Medicos o Berberis de Laguna que he hum fruto, a quem Galeno chamma Oxiachanta: o çumo deste, & a conserva apaga a sede, a branda a secura da lingua,& da garganta nas febres ardentes. Outros aplicaõ a Argentina, que chamaõ tambem Potentilla de Matiolo: o çumo desta erva cura as dores interiores, & atadas nas solas dos pès, & pulços dos braços, em todas as febres atrahe a si por particular virtude todo o calor febril, & aplaca a febre. Outros aplicaõ o charope das Azedas, o qual conforta, & refresca o coraçaõ, & apaga o calor febril. Finalmente outros aplicaõ outros muytos remedios, & entre elles a alface, cujo talo cuberto, extingue o ardor da febre.

373 Para as febres estomachais, aplicaõ os Medicos a Genciana,cuja rais tem grande virtude. Desta tomada meya onça, & meya onça de Acoro, com huma oytava de gengibre, do pò destas raizes com outro tanto de asucar, se toma pelas menhãs sobre fatias de paõ molhadas, se exprimenta hum grande remedio. Outros aplicaõ a erva fel da terra, por ser grande mésinha para estas febres.

374 E para as febres malignas,aplica Dioscorides a contra peçonha Asclepias dos antigos; porque resiste a todo o genero de peçonha, & às febres malignas. Outros aplicaõ a Pentasites; porque o pò da raiz, em agoa cordeal, como a de escorcioneyra, ou do cardo santo, he prodigioso remedio em todas as febres contagiosas, & malignas. Outros finalmente

mente aplicaõ o cozimento do Almeyraõ, por ser muyto grande, & efficaz remedio contra as febres colericas, & malignas.

375 Todos estes remedios ensina a medicina da terra; mas Maria Santissima, que he a singular medicina de todas as nossas infirmidades, & febres malignas, como diz Joaõ Geometra, *Maria medicina ægritudinum nostrarum*; invocada sómente, he o mais efficaz remedio com que podemos escapar das febres, naõ só das ardentes, estomachais, mas tambem das malignas, & colericas. E como a Senhora pela sua piedade inspirou, que ella era o melhor remedio para as febres: dispoz, que se lhe impuzesse este titulo. Com a devoçaõ que tivermos para com esta piedosa Senhora, invocando-a com muyta devoçaõ, ella nos livrára de todas as febres, & de todas as mais infirmidades. Recorraõ pois a ella os febricitantes, que ella he a mais prodigiosa medicina de quantas a medicina da terra nos póde aplicar.

376 Distante huma legoa pouco mais, ou menos da Cidade de Goa, está hum lugar, ou huma Aldea, chamada dos naturaes, Chimbel. No meyo da povoaçaõ dos Payzanos, ou naturaes, fundou hum grande devoto da Virgem nossa Senhora, chamado Domingos Machado, huma Ermida, que dedicou à mesma excelsa Senhora, em o anno de 1701. E quiz que o titulo fosse nossa Senhora das Febres. Esta obra que pareceo certamente inspirada por celestial destino, mostrou a Senhora o muyto que della se obrigava; porque logo que mandou fazer a sagrada Imagem, & deu principio à obra, começou a Senhora a obrar infinitas maravilhas, & o demonio a sentir a grande perda, que della se lhe seguia; porque o sitio em que se fundou a casa da Senhora, era o lugar das suas adoraçoens, & aonde estava o Idolo. E assim o primeyro milagre, foy deytar a Senhora fóra daquelle sitio ao demonio; porque abrindo-se, & benzendo-se os alicerces em cinco de Fevereyro do mesmo anno de 701. nessa mesma noyte fez o diabo grandes estragos, & fugio daquelle lugar,

de

de donde a Senhora o lançou pranteando com triſtes gemidos, & vozes. O ſegundo foy, q̃ quando os officiaes carpinteyros trabalhavaõ na obra, hum delles, por naõ querer que outros ganhaſſem as alviçaras, da obra eſtar em madeyrada, ſem que o ſoubeſſe outra peſſoa, pregou com hum prego a bandeyra da Senhora das Febres, para que a naõ pudeſſem os outros arvorar. E acabado o trabalho, ſe foy furtivamente para ſua caſa. Mas quando hia para ella de improviſo o aſſalteou huma aguda, & ardente febre. Vendo-ſe o carpinteyro deſta ſorte começou a diſcorrer conſigo de que procederia aquella febre. E reconheceo que a Senhora o caſtigava, pelo que havia feyto; & que era juſto caſtigo da ſua culpa, de haver pregado por inveja, a bandeyra da Senhora.

377 Reconhecido da ſua culpa pedio perdaõ à Senhora das Febres, & mandou logo tirar o prego da bandeyra, & tanto que lho tiráraõ, ſe lhe deſpedio a febre. Muytos outros milagres tem feyto eſta poderoſa Senhora, a favor naõ ſó dos Chriſtãos, mas dos Gentios. E naõ ſó das febres, que he o principio das infirmidades, livra eſta Senhora aos ſeus devotos; mas de todas as outras infirmidades que naſcem das febres: porque lançando a Senhora a febre fóra deſapparece juntamente toda a doença, & achaque. O remedio que osfebricitantes uſavaõ, era mandar buſcar a bandeyra da Senhora, & tanto que ſe cubriaõ com ella deſappareceo logo todo o mal, & os enfermos alcançarem ſaude perfeyta. A' fama deſtas maravilhas, trazia àquelle Santuario muyta gente, & toda vinha a offerecer à Senhora as ſuas offertas, & outros a ſatisfazer os ſeus votos que haviaõ feyto, depois de recuperarem a perfeyta ſaude, que alcançavaõ, por meyo da interceſſaõda Senhora das Febres.

378 He eſta Santiſſima Imagem de grande fermoſura, a ſua eſtatura ſaõ cinco palmos; he de eſcultura de madeyra, eſtofada de ouro, & tem ao Menino Deos ſobre o braço eſquerdo. Celebraõ os ſeus devotos a feſta da Senhora, em o primeyro Domingo de Mayo. He anexa eſta caſa da Senho-

ra

ra Paroquia de Ribandar por ficar no destrito da sua Igreja, da Senhora das Febres, faz mençaõ o P. Mestre Fr. Faustino da Graça em as suas Relaçoens.

TITULO LXII.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora da Boa dita do lugar de Neuva pequeno.

379 HE Maria Senhora nossa taõ solicita nas boas ditas dos homens, que nunca falta em lhas alcançar. Naõ faz esta liberal Senhora hum só favor, naõ concede huma só dita, quando a rogamos, sempre as augmenta, como quem he taõ cuydadosa nas nossas boas ditas. A mayor dita que a Senhora deu aos homens, nem podia dar, foy o Nascimento do seu Santissimo Filho, que era juntamente Filho de Deos, & Filho seu. Esta foy a satisfaçaõ unica a que aspiravaõ os desejos dos montes: *Disiderium collium æternorum*, que por estes se entendem os homens.

380 A Congregaçaõ dos Eremitas de meu Padre Santo Agostinho da India, tem à sua conta muytas Christandades, que doutrina, com os Religiosos, que lá vivem, os quaes como seus Parocos lhe administraõ os Sacramentos. Hũa destas Christandades, fica junto a Goa, cuja Paroquia he dedicada a Saõ Joaõ Evangelista. E entre outras Ermidas que tem no seu destrito, huma dellas he do glorioso Martyr Saõ Sebastiaõ. Nesta Ermida, que distava da Cidade de Goa pouco mais de huma legoa, está huma Capella, aonde he buscada com muyta devoçaõ, huma Imagem da Virgem Maria, a quem daõ a invocaçaõ de nossa Sanhora da Boa dita; titulo imposto com discripçaõ; porque só terá boa dita, aquelle que for devoto da Rainha dos Anjos. E naõ diga-o Jacob, que pelo grande amor, & respeyto que tinha a sua Mãy figura expressa de Maria, conseguio a boa dita da bençaõ de Isaac, & o morgado da sua casa.

381 Todos os moradores daquella Aldea tem muyto

grande

grande devoçaõ com esta Senhora. Naõ só os Christãos a buscaõ, mas tambem os mesmos Gentios, que ainda que lhes falta a Fé, tem confian,a, & esperanças de conseguirem o que pertendem, com implorar os favores daquella Senhora. Nesta Aldea havia hũa mulher douda,& havia muytos annos, que padecia aquelle grande trabalho; & era taõ velha, que já de velhice estava cega. Em huma menhã achàraõ a esta pobre velha, dentro na Igreja, à qual se lhe perguntou, como viera alli, quem lhe abrira as portas da Igreja? Respondeo, que ellas se abriraõ por si mesmas,& que ella fora levada, para dentro da Igreja sem saber o como. E que a Senhora da Boa dita a curara, & lhe restituira o seu entendimento, & a sua vista.

382 A outro homem, que por ser aleyjado padecia muyto trabalho, tendo compayxaõ, & lastima delle os seus parentes, o untàraõ com o azeyte da a lampada, que arde sempre diante da Senhora: foy taõ poderosa esta diligencia, que com ella ficou livre, & saõ daquelle achaque, & grande molestia que padecia. Muytas saõ as maravilhas, que aquella Senhora obra continuamente; & assim he grande a fé com que he buscada. He esta Santissima Imagem de escultura de madeyra, & terá quatro palmos de alto, & tem ao soberano Menino sentado sobre o braço esquerdo. Celebra-se a sua festividade em hum Domingo de Mayo, & neste dia concorre muyta gente a visitar a Senhora. De sua origem, & principios senaõ refere nada. Inspiraria a Senhora a alguma pessoa muyto sua devota, mandasse fazer aquella sua Imagem, & a moveria a que lhe impuzesse aquelle agradavel titulo, & a collocasse naquella Ermida; que já hoje pelas maravilhas que a Senhora obra, se chama casa da Senhora da Boa dita. Está collocada no Altar mòr. Desta Senhora escreve o Padre Fr. Faustino da Graça.

TITULO LXIII.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora de Penha de França da Aldea de Virluxà.

383 EM as terras de Bardes, ha muytas Aldeas dos naturaes, huma dellas, a quem daõ o nome de Virluxà, & fica diſtante da Cidade de Goa, pouco mais de huma legoa: tem huma Paroquia, cuja adminiſtraçaõ pertence aos filhos do Patriarca Saõ Franciſco; porque elles ſaõ os ſeus Parocos, & os que doutrinaõ aquelles naturaes. He a Padroeyra deſta Igreja, a ſoberana Rainha da Gloria, com a invocaçaõ de noſſa Senhora de Penha de França, aonde ſe vè huma Imagem deſta Senhora, pela qual obra Deos infinitas maravilhas; como experimentaõ cada dia todos os que recorrem a ella: porque por ſeu meyo recebem do Ceo infinitos favores.

384 He eſta ſagrada Imagem de eſcultura de madeyra, & eſtofada de ouro, & cores. A ſua eſtatura ſaõ tres palmos, & tem ao Menino Deos, ſobre o braço eſquerdo. Eſtá collocada no meyo do retabolo do Altar mòr, como Senhora, & Padroeyra daquelle Santuario. Com eſta ſoberana Senhora tem, naõ ſó aquelles moradores, grande Fé, & devoçaõ, mas tambem os da Cidade de Goa, pelos muytos milagres, & prodigios, que a favor de todos eſtá ſempre obrando. De hum grande milagre ſó darey noticia; por ſe ver pintado em hum quadro, que ſe vè pendurado na ſua Capella, entre outros, que he deſta maneyra.

385 Huns caſados moradores no Bayrro, & Freguesia de noſſa Senhora de Ribandar, foraõ em Romaria, por mar, à Senhora de Penha de França, que diſtará pouco mais de huma legoa. Embarcados, ſe deſcuydáraõ de hum menino, que levavaõ, & procurando-o o viraõ ir pelo mar abayxo (que devia querer brincar com a agoa, & cahio) invocáraõ

à Se-

à Senhora de Penha de França, para que lhes valesse, & livrasse o filhinho de se perder, & assim o foraõ seguindo: & perdendo-o de vista o tiveraõ por afogado, ainda assim, desembarcàraõ em a praya, que quasi bate nas portas daquelle Santuario da Senhora; & viraõ estar o menino vivo, & posto na praya, junto às portas da Senhora. Naõ se pòde expressar, qual foy a alegria dos pays: porque vindo quasi mortos pelo sentimento do filho, com a sua vista resuscitàraõ; alegres o tomáraõ nos braços, que o achàraõ enchuto, & sem lezaõ alguma; mas que muyto se a Senhora de Penha de França o haveria tomado nos braços, & livrado do naufragio: porque assim costuma pagar, aos que com verdadeyra devoçaõ a buscaõ, como estes dous consortes o hiaõ fazer. Tomàraõ pois cheyos de alegria o filhinho nos braços, & com elle entráraõ na Igreja a dar as graças à Senhora, por aquelle taõ estupendo prodigio, & reconhecèraõ o quanto havia favorecido as suas lagrimas, & suspiros, quando lhe pediaõ lho livrasse de se afogar. Reconhecidos de taõ grande favor, para eterna lembrança mandáraõ pintar em aquelle quadro o succesſo; & o offerecéraõ à Senhora collocando-o na sua Capella.

386 Outros muytos prodigios obra, & tem obrado Deos, por interceſſaõ de sua Santissima Mãy, & por meyo desta sua milagrosa Imagem, que os naõ posso referir, porque sendo muytos, & notaveis, os de que me puderaõ fazer relaçaõ, só deste por entender, o que o refere, era mais notavel, & prodigioso, o declarou. Quanto à origem desta Santa Imagem, & ao tempo em que foy collocada naquella Igreja, que depois por causa das suas maravilhas continuas, seria erecta em Paroquia; naõ pude descubrir nada. Porèm o que entendo he, que nem os Religiosos que alli assistem a mandáraõ fazer, nem lhe deraõ este titulo: mas que algum Portuguez natural da Cidade de Lisboa, a mandaria fazer, levado da grande devoçaõ, que teria com esta soberana Senhora, que na sua Patria he prodigiosa; & o seu Santuario

buscado continuamente de todo o povo de Lisboa. E assim mandaria fazer tambem a Ermida para collocar nella a mesma Santissima Imagem, no destrito das doutrinas daquelles santos Religiosos; & a elles a entregaria, para que cuydassem muyto do seu culto, & veneraçaõ, como fazem; & depois que as maravilhas a fizeraõ taõ notavel, he buscada com muyto grande frequencia, de todas aquellas terras. Da Senhora de Penha de França faz mençaõ o Padre Mestre Fr. Faustino da Graça nas suas Relaçoens.

TITULO LXIV.

Da Imagem de nossa Senhora dos Remedios do Cassabè de Baçaim casa da Ordem de Saõ Domingos.

387 QUatro legoas de Tanà, em a Ilha de Salsete do Norte, da India Oriental, se vè a Cidade de Baçaim, situada na terra firme, sobre o mar. He esta Cidade muyto vistosa, muyto fresca, & deliciosa, & por isso foy escolhida por morada de muyta gente nobre, & a ter barra, em que pudessem entrar asnaos livres, & seguras das tempestades, fora huma das mais frequentadas da India: mas hoje he pobre, & se vè muyta parte della arruinada, pela falta do trato, & comercio. Entre os muytos Conventos, que ha nesta Cidade, tem a Ordem de Saõ Domingos hum, dedicado a Saõ Gonçallo, edificado no anno de 1564. que sustenta muytos Religiosos. E todos saõ bem necessarios, para a cultura daquella grande, & dilatada vinha do Senhor, & conversaõ dos Gentios, & infieis.

388 Tem este Convento no meyo do Cassabè, (assim chamão a huma grande, & espessa mata, que serve à Cidade, parte com boas hortas, & parte com fermosos palmares, & canaveais de assucar) o celebre Santuario de nossa Senhora dos Remedios, cuja Igreja, q̃ he Paroquia, levantou naquelle sitio, o Padre Presentado Fr. Marcos Coelho. Este Religio-

so

so, era varaõ Santo, & adornado de grandes virtudes. Teve este hũa visaõ, em sonhos, em que lhe appareceo a misericordiosa Mãy dos peccadores, & lhe mandou, que naquelle lugar lhe edificasse huma casa; porque alli queria ser servida, & buscada de todos, para os favorecer, & remediar, em todos os seus trabalhos, & necessidades. E que o titulo que havia de impor àquella casa, de ser nossa Senhora dos Remedios. He esta Senhora o remedio, & a medicina dos peccadores, & assim parece, que só este titulo he o que estima: porque a todos acode, sara, & remedea. Saõ Joaõ Damasceno lhe chama *Salus perfecta animarum*, outras vezes a intitula medicina dos enfermos, *Maria est ægrotantibus medicina*; & Joaõ Geometra a Medicina de todos os nossos achaques: *Medicina ægritudinum nostrarum*. E como he taõ compassiva, & sente tanto as nossas necessidades, & trabalhos, só daquelle titulo, com que hade desterrar de nòs os malles, se alegra, & com elle quer que a invoquemos.

S. Joan. Dam. Orat. de Assump. Joan. Geomet. hymn. 4. de B.V.

389 Era este lugar da Cassabè naquelle tempo guarida de ladroens, que por ser muyto fechado, & escuro por espessura de arvoredos, & distante meya legoa do povoado, se recolhiaõ nelle, & dalli sahiaõ a fazer seus assaltos. O desejo de evitar este damno, junto com aqualidade da visaõ, que pelo fim merecia estimaçaõ, & que se tivesse por verdadeyra: obrigou ao virtuoso Religioso a visitar logo o sitio, & arvorar nelle huma Cruz. Pouco depois levantou nelle hum Oratorio, fabricado dos mesmos ramos das arvores, que cortára, com hum Altar, aonde collocou huma devota Imagem da Rainha dos Anjos, a quem logo impoz o titulo de N. Senhora dos Remedios: & ella logo Santificou o lugar, com a sua presença, & moveo os animos, para que se deliberassem, a ajudar a obra de outra melhor casa, & a concorrer com suas esmolas; para que a Senhora tivesse outro mayor, & melhor domecilio.

390 A primeyra que com liberal maõ ajudou a obra, foy huma matrona principal da mesma Cidade de Baçaim, cha-

mada Dona Anna Ortis, fazendo doaçaõ à Ordem de S. Domingos da mayor parte do sitio, & ajudando as obras com dinheyro. E a Senhora naõ tardou em acreditar o seu nome dos Remedios, acudindo com muytos, & muyto milagrosos, em casos bem apertados, assim a Christãos, como a Gentios, & Mouros. Com que o Padre Fr. Marcos Coelho ficou acreditado, pela obra, & nosso Senhor glorificado, & a casa começou a crescer muyto em nome, & romagens. De sorte, q̃ de muyto longes terras concorrem àquelle Santuario, & se vem a valer da misericordiosa Mãy de Deos, de toda a sorte de gente, fiel, & infiel, todas as vezes que se acham em trabalhos, & necessidades. E desde entaõ atè o prezente dura, sem cessar a devoçaõ para com aquella prodigiosa, & misericordiosa Senhora, de toda aquella costa, acudindo a servir a Mãy de Deos com grande, & fervorosa devoçaõ; offerecendo-lhe ricas, & varias offertas, que tem rendido o fabricarse-lhe hum grande, & sumptuoso templo, com comodos para quatro Religiosos, & hoje seraõ ainda muytos mais: porque a Senhora concorre para tudo. Os Gentios lhe offerecem as suas offertas de azeyte, cera, & outras cousas.

391 Os milagres saõ tantos, que no anno de 1605. estavaõ authenticados cento & vinte, dos quaes referirey algũs para edificaçaõ dos devotos desta soberana Emperatriz do Ceo, & da terra, & seja o primeyro este. Em Setembro de 1597. entrou naquelle Santuario, & casa da Rainha dos Anjos huma cabilda de Gentios, que traziaõ hum moço de idade de dez annos, aleyjado de nascimento, do pè direyto, de maneyra que andando assentava no chaõ, naõ a planta do pè, mas o peyto delle. Offerecéraõ-no à Senhora com varias promessas se lhe dava saude, untaraõ-lhe o pè com o azeyte da sua alampada, & perseveráraõ com fé, por espaço de tres mezes: no fim dos quaes, foy o Senhor servido saralo; & assim o leváraõ saõ, & livre de toda a defirmidade, & aleyjaõ. Ficou em memoria esta maravilha naquella casa da Senhora, & que os Gentios eraõ de casta Bundarim, & o moço se chamava Vualio.

Em

392 Em Baçaim de cima, que he povoaçaõ destincta,& distante da Cidade, se banhava, & recreava em hum tanque (que he o remedio, & o alivio que se acha naquelle clima contra o nimio calor do tempo, & clima ardente) hum Domingos Carvalho, estando este sentado no meyo delle em huma almadia, ou canoa com alguns amigos, & com hum filho menino de oyto annos, succedeo virarse a canoa, & ficarem todos mergulhados. Remediaram-se os homens facilmente, mas naõ apparecia o menino, & quando deraõ com elle, que foy depois de passadas duas horas foy tirado morto, & todo inchado da agoa que bebera. Brádáraõ todos em altas vozes pela Senhora dos Remedios, para que lhes valless naquella tua grande pena, & sentimento, que padeciaõ. Naõ faltou ella com a sua misericordia: porque juntando-se aos gritos muytos, Christãos, & Gentios, à vista de todos começou o menino a saluçar, & vomitando hum rio de agoa, ficou (vendo-o todos) de morto resuscitado. Succedeo esta maravilha em Abril do anno de 1598.

393 No mesmo anno em o mez de Outubro, tendo Gaspar Pereyra, Christão da terra hum filhinho enfermo, & vendo que por momentos se lhe acabava a vida; porque tinha feyto já tres termos obrigado do amor partenal, & da fé de verdadeyro Christão, começou devotamente a chamar por nossa Senhora dos Remedios, pedindo-lhe que por sua clemencia desse algum àquelle menino, que era innocente, & naõ passava de anno & meyo, & era todo o bem, & alegria da sua casa. E ajuntava promessas de lho pezar a cera, dentro na sua casa, se lhe dava saude. No mesmo ponto tornou o menino em si com novo alento, & de maneyra que foy mais resurreyçaõ, do que parecia continuacaõ de vida; & o pay agradecido à Senhora a foy visitar a sua casa, com o filhinho, & a comprir o seu voto.

394 Hum Indio, se chamava Jascorè, & vivia aleyjado do pè direyto, havia cinco annos, sem tratar de remedios; porque se julgava que a queyxa era incuravel. Vivia este em hũa

Aldea, por onde corria muyta gente das terras de Damaõ. Perguntou hum dia, que fim era o que levava a tantos homens, como via passar, para Baçaim? E sabendo que era devoçaõ, & necessidade, & que hiaõ a buscar o favor da Senhora dos Remedios na sua casa; porque a todos remediava nella. Disse com grande animo, ainda que falto de fé. Pois eu prometto de ir a visitar sua casa, & de naõ ir com as mãos vasias, se ella neste pé me dà saude. Seguio-se às palavras o querer dar hum passo, & ao passo se seguio hum grande estallo do mesmo pè aleyjado, & subitamente se vio taõ sam, que naõ conhecia qual fora o pè enfermo.

395 Todos os que vem da India, & estiveraõ em Baçaim, referem os grandes, & frequentes concursos de gente, que de todas as partes concorrem a visitar a casa da Senhora dos Remedios. Vendo-se todos os dias nella os prodigios, & as maravilhas daquella clementissima Senhora, que a nenhũa condiçaõ de gente fecha seus piedosos ouvidos; porque Mouros, & Gentios sahem da sua presença favorecidos, & em tudo remediados: & he taõ grande a veneraçaõ que estes tem à casa da Senhora: & em algũas occasioẽs, que ouve de guerra, recolhendo-se à mesma casa da Senhora os Portuguezes; bem podiaõ a estes na sua casa matallos, & destruillos: mas era tal o respeyto, que antes sofreriaõ ser mortos, que chegar a tirar hum tiro à sua casa, nem offender aos que a ella se acolhiaõ.

396 Se ouvessemos de referir as maravilhas desta Senhora, seriaõ necessarios muytos volumes. Naõ só as Senhoras, & mulheres nobres Christãs vaõ com devoçaõ a barrer com os seus cabellos o altar da Senhora; mas as mesmas Indias, aonde parece se vè ainda muyto mayor devoçaõ, no que fazem, & no que obraõ. E a mayor maravilha, que esta excelsa Senhora, & piedoasa May dos peccadores obra he a conversaõ dos infieis, assim Mouros como Gentios Idolatras, os quaes frequentando a casa da Senhora, & vendo as suas grandes maravilhas, se reduzem, & convertem à Fé. Em que se haõ

naõ viſto caſos muytos prodigioſos. Pelos annos de 1682. ſendo Viſo-Rey da India Franciſco de Tavora, Conde de Alvor, quando o inimigo Savagi entrou pelas terras do Norte, obrou a Senhora a favor dos Portuguezes, & dos Chriſtãos naturaes infinitas maravilhas. Vioſe-lhe na teſta huma fermoſa, & refulgente eſtrella, preſagio verdadeyro, de que a Senhora os havia de guiar com felix ſuceſſo, porque ſahindo contra o inimigo, elle ſem embargo de vir com hum grande poder, deſpejou depreſſa ſem fazer em Baçaim, & na ſua viſinhança damno, ou hoſtilidade alguma. Mandaria a Senhora a tantos Anjos (porque ſenaõ ſoube a cauſa da ſua fuga) que acompanhaſſem aos poucos Portuguezes, que elle cheyo de temor fugio.

397 Por algumas queyxas que teve o Graõ Mogor contra os Portuguezes, como ſe refere em hum verdadeyro manuſcrito, q̃ naõ parecéraõ mal fundadas, determinou eſte Rey fazer nelles ſe pudeſſe huma barbara vingança, que era deſtruir a Chriſtandade da India, & arruinar, & aſſolar todas as Cidades do dominio Portuguez. Para iſto ajuntou hum exercito de quinhentos mil homẽs, para deſcer com eſte formidavel corpo contra todas as Cidades dos Portuguezes, & paſſar com o ſeu campo os Reynos de Milique, & Hidalcaõ. Metido neſta empreza: referem alguns que lhe appareceo huma mulher com hum manto azul, que he o trajo, de que eſtá veſtida a Senhora dos Remedios do Caſſabè de Baçaim; & lhe diſſera, que naõ fizeſſe guerra aos Chriſtãos, porque naõ havia de ſahir bem della. E vindo hum Capitaõ deſte Rey Mogor em romaria a noſſa Senhora dos Remedios, à qual acodem ordinariamente muytos Mouros, & Gentios, levados dos muytos milagres, que nelle obra. Vendo eſte Mouro os muytos payneis que eſtavaõ pintados, & ſuſpendidos das paredes da caſa da Senhora, perguntára, que payneis, & retratos eraõ aquelles? Diſſeraõ-lhe. Tudo iſto ſaõ milagres que eſta Senhora fez, ao que o Mouro reſpondeo, que entre eſtes milagres faltava pintar outro muyto mayor

de

de todos, que esta Senhora tinha feyto. E perguntado, qual fora este? Respondeo, atalhar a vinda do Mogor, que determinava descer com quinhentos mil homens, com intento de destruir a todos os Christãos, que a India tinha; o que naõ fez porque esta Senhora o impedio, causando em os seus Reynos, Cidades, & Villas taõ cruel peste, que muytas ficáraõ destruidas de sorte, que naõ ficou nellas huma só pessoa viva. E affirma-se com toda a certeza, que morréraõ nesta peste mais de hum milhaõ de almas.

398 Este castigo atribuia o Mouro, lhe viera ao Mogor; por naõ obedecer ao mandado daquella Senhora, que o tinha admoestado, naõ armasse exercito contra a Christandade. He esta Santissima Imagem da Senhora dos Remedios de bastante estatura, & de escultura de madeyra; & está assentada em huma cadeyra, & tem em seus braços ao Menino Deos; o dia em que se festeja esta milagrosa Senhora, he em a primeyra Dominga de Mayo. Da Senhora dos Remedios de Baçaim, ou do Cassabè de Baçaim, escrevem muytos Authores, & entre elles o Padre Fr. Luis de Sousa na sua Chronica, & Historia de Saõ Domingos de Portugal parte 3. liv. 5. cap. 15. O Padre Gumpembergh em o seu Atlas Mariano. O Padre Mestre Fr. Faustino da Graça na sua Relaçaõ das Imagens milagrosas da India; & em outras manuscritos da Provincia de nossa Senhora da Graça da India.

TITULO LXV.

Da Imagem de nossa Senhora da Graça de Baçaim.

399 EM pouca distancia da Cidade de Baçaim, levantáraõ os Padres da Sagrada Companhia de Jesus, no anno de 1565. huma Igreja, para mayor comodo dos Indios convertidos à Fé, (que he Paroquia em que elles saõ os Parocos,) os quaes acodiaõ àquella Residencia; aondeaquelles fervorosos Padres faziaõ grande fruto nas almas:

esta

esta Igreja dedicáraõ à Rainha dos Anjos, com o titulo de nossa Senhora da Graça, tomando-a por sua Protectora, emedianeyra, para que a Senhora, lhe alcançasse muyta graça àquelles Indios, para que com todas as veras abraçassem a Fé, & a Religiaõ Christã, em que estava a salvaçaõ de todos. Nesta Igreja collocáraõ logo huma Imagem da Mãy de Deos, que he a consolaçaõ daquelles novos Christãos: & a ella recorrem, & sempre nella achaõ abundancia de graças; porque como diz Dionysio Carthusiano, he Maria: *Omnium gratiarum abundantia, & omni virtute fæcundam. Et ut dicunt, intribulationibus, & afflictionibus est hilaris; in-penurijs, & indigentijs est non querula, injuriantibus grata, & non molesta, lætam pijs se exhibe, & afflictus coaflita condolet, & subvenire non pigrescit.* He Maria hum mar de graças, & huma perenne, & fecunda fonte de virtude: & como se costuma dizer da sua piedade para com nosco, nas tribulaçoens, & affliçoens, he alegre nas pobrezas, & necessidades, naõ costuma formar queyxas: aos que a injuriaõ se mostra grata, & naõ dá queyxas: mostra-se toda alegre aos pios, & devotos; & para com os afflictos se mostra, tambem afflicta condoendo-se; & para lhes acudir, & remediar, naõ tem nada de nigligente, porque toda se mostra solicita. Tudo exprimentaõ aquelles novos Christãos. Da Senhora da Graça, faz mençaõ o Padre Mestre Francisco de Sousa no seu Oriente Conquistado part. 1. Conq. 1. Divisaõ 1. n. 12. E o Padre M. Fr. Joseph Sicardo na sua Hist. do Japaõ l. 1. p. 20.

Carthus. ser. 2. de Nativit.

TITULO LXVI.

Da Imagem de nossa Senhora da Assumpçaõ da Sé da Cidade de Baçaim.

400 NAõ ha celebridade na Igreja da soberana Emperatriz da Gloria, de mayor consolaçaõ, para os homens, & de mayor alegria para os peccadores, que a da

sua

sua glorioſa Aſſumpçaõ, & ſubida ao Ceo em corpo, & alma glorioſa, a tomar poſſe do lugar mais alto, que lá tem pura creatura. E aſſim naõ a devemos celebrar com lagrimas, & com ſuſpiros, por ſe auzentar de nòs; mas com eſpiritual alegria, & alvoroço: pois ſabemos que ſobe ao Ceo; naõ ſó para gozar de Deos, & receber as coroas, & premios de ſeus altiſſimos merecimentos, mas ſobe tambem para nòs; primeyro para enxugar as noſſas lagrimas, ſegundo a aſſegurar as noſſas eſperanças, terceyro a negociar o noſſo remedio.

401 E ainda que a Virgem Maria naturalmente morreo, & ſua alma Santiſſima realmente ſe apartou de ſeu Sacratiſſimo corpo; & ainda aſſim logo que morreo, foy por ſeu Santiſſimo Filho reſuſcitada, glorificada, & em corpo, & alma exaltada ſobre todos os coros dos Anjos, dos quaes foy de cà acompanhada com hum muyto celebre triumfo. O Evangelho que a Igreja canta neſte dia à Senhora, he: *Intravit Jeſus in quoddam Caſtellum.* Em que refere os exercicios, & occupaçoens daquellas duas Irmãs, Magdalena, & Marta; das quaes a primeyra ſe entregou toda à contemplaçaõ dos myſterios, & maravilhas de Chriſto, & ſua doutrina: a ſegunda toda ſe occupou nas obras de miſericordia com os neceſſitados; entre os quaes era o Senhor com ſeus Diſcipulos. Repreſenta-nos a Igreja eſta celebridade da Senhora, para que entendamos, que eſta ſoberana Rainha, que ſe aparta de nòs para o Ceo, recolheo em ſi os merecimentos de Martha, & as prerogativas de Maria; & que nella ſe uniraõ todos os fervores dos Santos Contemplativos, & todas as obras de miſericordia, dos que ſe exercitaõ na vida activa.

Luc. 10.

402 Na Igreja mayor da Cidade de Baçaim, ſe venera huma milagroſa Imagem da Excelſa Rainha dos Anjos, collocada em huma particular Capella daquelle Templo, que he a que fica à parte do Evangelho, dedicada ao myſterio de ſua triunfante Aſſumpçaõ. Neſta Capella ſe tem em grande veneraçaõ a ſua ſagrada Imagem, que he de pintura. Com eſta ſoberana Senhora tem huma cordial devoçaõ toda

aquella

aquella Cidade de Baçaim; & assim a servem com muyta devoçaõ os seus devotos Confrades: porque tem huma lustrosa Irmandade, que com grande fervor se emprega no seu culto, & veneraçaõ.

403 Costumavase-lhe em todos os annos nas vesporas da sua festividade o cantaremse-lhe de noyte as suas Matinas. Em hum anno se deyxáraõ de celebrar, por algumas discençoens, que ouve. Que sempre o demonio procura impedir tudo o que he santo, & do agrado de Deos. Julgaõ muytas vezes os tibios, & os indevotos ser pezado, & oneroso o tempo que se gasta nos louvores, & no serviço daquella que sempre está rogando por nòs: merecendo-nos ella que à imitaçaõ dos Serafins, que nunca cessaõ em louvar a Deos, que nòs nunca cessacemos nos seus louvores. Porèm esta falta nascida das duvidas, & competencias, que os Confrades tiveraõ entre si, suprissem os Anjos; porque estes desceraõ do Ceo, & vieraõ a celebrar, & cantar as Matinas da Senhora, o que muytos ouviraõ, & gozáraõ das melodias, & suavidades daquelles soberanos, & celestiaes musicos. E foraõ estas as mais solenes, que naquella casa, & naquella festa se cantáraõ à Senhora triunfante. E foy occasiaõ, para que dalli por diante, senaõ faltasse mais neste obsequio, que à Senhora se costumava fazer.

404 Está esta pintura da Senhora, dos muytos annos, damnificada: mas he taõ grande o respeyto, & reverencia que se lhe tem, que senaõ atrevem a mandalla retocar; nem haverá mãos, que tenhaõ confiança, & se atrevaõ ao fazer; porque huma Imagem a quem o Ceo tem tanto respeyto, & os Anjos a louvaõ, & festejaõ com taõ grande veneraçaõ, naõ era razaõ, que os homens se atrevessem a tocala Estes, & outros muytos prodigios se referem daquella milagrosa Imagem da Senhora. De seus principios naõ consta, nem se sabe dizer nada: nem se de Portugal a mandáraõ os Reys logo nos principios, que se eregio aquella Sé, ou se lá na India se mandou pintar. Da Senhora da Assumpçaõ faz

mençaõ

menção na sua Relação que nos mandou o Padre Mestre Fr. Faustino da Graça.

TITULO LXVII.

Da Imagem de nossa Senhora do Rosario da Villa de Tanà.

405 HE a devoção do Santissimo Rosario, para com a Mãy de Deos tão grande, & para Deos tão grata, que elle a estima como devoção, que comprehende em si todas as devoçoens; porque nella estão enserrados todos os mysterios da vida de Christo. Quando Moysés pedio a Deos perdão para o seu povo, nota Nicolao de Lyra, que fez huma oração differente da costumada, & foy: *Recordare Abraham, Isaac, & Jacob servorum tuorum.* Pondolhe diante a memoria de seus Pays os Santos Patriarcas, Abraham, Isaac, & Jacob, para com isso obrigar a Deos a perdoar. Não bastava orar Moysés nesta occasião na fórma, em que outros servos de Deos o fizerão, pedindo-lhe sómente pelos merecimentos de algum destes Santos Varoens? Não; porque o negocio era de muyta importancia: o peccado que o Povo tinha comettido era muyto grave; & assim entendeo ser necessario meter o resto todo; & assim foy, como se dissera. (Diz Lyra) Senhor, já aquelles pagárão o que estes merecem, contentayvos com isso para lhes perdoar. Se este povo por seus peccados merece ser queymado, lembrayvos, que Abraham por vosso amor, & pela confissão do vosso nome, foy lançado no fogo dos Caldeos. Se merecião ser degolados, & passados ao fio da espada, lembrayvos de Isaac, que por vosso amor se offereceo a ser degolado por seu mesmo pay: & se merecião desterro, lembrayvos de Jacob, que como desterrado fugio, para Mesopetamia por obedecer a seu pay, & a voz. De maneyra que quando Moysés quiz obrigar mais a Deos, não lhe reprezentou sómente os merecimentos de hum só justo, & amigo seu: mas de todos os principaes

Lyra in Exod. 32.

que

que tivera naquelle tempo, para com isso segurar o perdaõ que para aquella gente pertendia. E esta oraçaõ, sendo hũa só, valeo por muytas. A devoçaõ do Rosario naõ tem menos efficacia: porque ainda que pareça singular, he tanto o que em si encerra, q̃ val por muytas. He huma quinta essencia de todas ellas, & quiz que o Rosario da Virgem, comprehendesse todas as devoçoens da Senhora. Bem assim, como quem diz as palavras com que Saõ Mattheus conclue o Cathalogo da geraçaõ de Christo nosso Redemptor: *De qua natus est Jesus*: porque com ellas remata todos os louvores, que da soberana Virgem Maria se pòdem dizer; porque em ser Mãy de Deos, se encerra tudo quanto se pòde imaginar, & quantos louvores se lhe pòdem dar. Matth. 1.

406 Oyto legoas distante da Cidade de Chaul, está a Ilha de Salsete do Norte, hũa das mais regeladas do Oriente, que abraça em sua circunferencia vinte legoas, nella se vé situada a Villa de Tanà, que fica em distancia de quatro legoas da Cidade de Baçaim. Nesta Villa que tem muytos Conventos de todas as Religioens, que ha no Oriente, & entre elles, hum da Ordem de Saõ Domingos, ou para melhor dizer, huma Residencia, ou Hospicio, porque nelle assistem ordinarimente dous Religiosos. E o seu Chronista fala tanto de passagem, que nem o titulo daquella casa exprime. Na Igreja desta Residencia se venera huma milagrosa Imagem da Excelsa Rainha dos Anjos, com o seu glorioso titulo do Rosario, a qual está collocada em huma Capella particular, aonde recorrem todos em seus trabalhos, & necessidades, & todos achaõ nos seus apertos, & rogativas favores, & bons despachos.

407 Quando o Sabagi, no anno de 1682. entrou pelas terras do Norte, destruindo quanto pode, intentou tambem entrar em Tanà, & para o haver de fazer, havia de ser em occasiaõ de marè vasia. Aviaõ-se encomendado os moradores daquella Villa à Senhora do Rosario; para que ella lhes acudisse, & lhes valesse naquelle grande aperto, em que se achavaõ.

achavaõ. E a Senhora pela sua piedade os favoreceo de sorte, que os inimigos naõ puderaõ chegar; porque o mar sempre esteve cheyo, & nunca em espaço de tres dias se vio a maré vasia. E nesta maravilha viraõ todos o quanto a Senhora os deffendia, mostrando-lhe que ella era a Senhora, que dominava os mares; & que quando a buscamos com humildes rogos, logo manda tambem as agoas que nos deffendaõ, & nos sejaõ poderosas deffensoras as ondas. Vendo isto o Sabagi, desistio da sua resoluçaõ, & foy sem causar nenhũa hostilidade.

408 Neste tempo quiz a Senhora, tambem com outros prodigios, animar aos seus, fazendo, que sobre a coroa da sua cabeça se visse huma refulgente estrella. He esta soberana Imagem da Senhora do Rosario formada de escultura de madeyra, & sobre o seu braço esquerdo tem ao Menino Deos. Festeja-se em o primeyro Domingo de Outubro, & tambem no primeyro de Mayo. He muyto venerada de todos os moradores de Tanà: & sempre acodem a visitalla na sua Capella.

TITULO LXVIII.

Da Imagem de nossa Senhora a Madre de Deos de Tanà.

409 NA mesma Villa de Tanà, tem tambem a Sagrada Companhia de Jesus hum Collegio. Este teve principio em huma Residencia a que deu principio no anno de 1565. o Padre Belchior Gonçalves; & elle foy o que dedicou aquella primeyra casa à soberana Mãy de Deos: & a Senhora parece, que inspirou a tomasse por sua Protectora: porque com o seu favor, & assistencia cresceo tanto aquella pobre casinha, que subio a ser Collegio, aonde havia muytos Religiosos muyto santos, & que com grande, & fervoroso zelo cuydavaõ da cultura daquella dilatada vinha do Senhor, os quaes ainda ao prezente cuydaõ de que ella dé muytos, & copiosos frutos. Com esta Senhora tinha

aquelle

aquelle devoto Padre muyto particular devoçaõ, que a Senhora muy bem pagava, nos grandes favores que lhe fazia. Tambem os moradores da Villa de Tanà tem com a Senhora Mãy de Deos, muyto particular devoçaõ; & elles saõ os que a servem, & solenizaõ. He esta soberana Imagem da Senhora, de escultura de madeyra. Da Senhora Madre de Deos, ou da Senhora Mãy de Deos faz mençaõ o Padre Mestre Francisco de Sousa em o seu Oriente Conquistado para Jesu Christo, tom. 1. pag. 1.

TITULO LXIX.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora da Saude, que se venera fora da Cidade de Diu.

410 NO sagrado madeyro da Cruz, se arvorou no Monte Calvario o estendarte da melhor, & da mais verdadeyra saude: *Qui salutem humani generis in ligno Crucis constituisti.* Neste glorioso estendarte da Cruz bebeo a sua saude o mundo todo, & a recebeo pelos olhos purissimos da Virgem Maria: *Pijs spectabat oculis, non Filij mortem, sed mundi salutem.* Por isso ainda que toda a saude seja de Deos, *Domini est salus*: como he a Virgem Senhora, aquella por quem a alcançamos, a ella aplaudimos, & festejamos com o titulo da Senhora da Saude. A tres pontos se pòde reduzir toda a mayor, & melhor saude, que tem os homens. Saude temporal, saude espiritual, & saude celestial, & eterna. A temporal, he a saude que logramos na vida, a espiritual, he a saude q̃ recebemos na graça, & a celestial, & eterna, he a saude que esperamos na Gloria. Mas se a Rainha dos Anjos Maria, he a dispenceyra universal de todos os bens: quero dizer, da vida, da graça, & da Gloria, nella temos (como Senhora da Saude que he) saude temporal, saude espiritual, & saude celestial, & eterna. Quem deyxarà logo de recorrer a huma taõ poderosa Senhora, em cujas

Ex Ecclesia.

D. Amb. c. 23. Luc.

Psalm. 9.

mãos entregou Deos toda a noſſa melhor ſaude.

411 A enceada de Cambaya, ou de Diu, he taõ grande, & taõ dilatada, q̃ em a ſua foz, ou barra tem de largo cincoenta legoas, & nella ſe vè ſituada a Cidade de Damaõ, a Ilha de Diu, & a ſua Cidade, ſendo huma meſma, toda a coſta maritima. Fica eſta Cidade de Diu, diſtante de Goa, cem legoas, a qual lhe fica ao Sul. Neſta Cidade de Diu tem a Ordem de Saõ Domingos hum Convento, & tem duas Reſidencias anexas fora da Cidade. A primeyra hea de noſſa Senhora de Penha de França, de quem faremos menção a diante, & duas legoas diſtante della fica o Santuario de que agora tratamos, que he o de noſſa Senhora da Saude. Eſte ſe vè ſituado em huma das ſuas barras. He eſte Santuario da Senhora huma copioſa officina de milagres, & maravilhas, & aſſim he muyto frequentado, & saõ nelle muytos os concurſos de Romagens, & peregrinos que vaõ àquella caſa da Senhora a impetrar a ſua ſaude, & a ter novenas. E como neſta officina ſe naõ vende, mas antes ſe dá de graça a ſaude, a todos aquelles que com fé a pedem àquella ſoberana diſpenceyra, que tem tambem por grandeza o fazer favor, ainda aos que os naõ merecem, por iſſo saõ muytos, os que vaõ àquella celeſtial Piſcina. E a ſerem aquelles Religioſos que alli aſſiſtem mais cuydadoſos em lançar em memoria as grandes maravilhas, que a Senhora continuamente eſtà obrando, pudera haver dellas muytos livros, & nòs teriamos notaveis ſuceſſos, que referir, & tambem ſe faria muyto mais celebre aquelle Santuario, como o he o de noſſa Senhora dos Remedios da Caſſabè de Baçaim; porque nelle naõ ſó ſe alcança a ſaude do corpo, mas a ſaude eſpiritual d'alma. He aſſiſtida eſta Senhora dos meſmos Religioſos Dominicanos, que como verdadeyros Capellaens da Senhora a ſervem com grande zelo, & cuydado. Naõ me conſtou o tempo em que eſta Reſidencia ſe fundou, que feria pouco depois do anno de 1550. nem tambem, quem foy o fundador daquella caſa, nem o motivo, que teve para impor àquella Senhora eſte

titu-

titulo taõ eſtimado dos humanos, que deſejaõ muyto a ſua perfeyta ſaude, a qual ſó ella lha pode alcançar, nem tambem, quem mandou fazer aquella ſagrada Imagem, nem a materia de que he, nem o dia em que ſe feſteja. Deſta Senhora faz mençaõ o Padre Fr. Luis de Souſa na ſua Hiſtoria Dominicana, part. 3. & livro 5. cap. 10.

TITULO LXX.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora de Guadalupe, que ſe venera no Dominicano Convento de Chaul.

412 O Segundo Convento que os Religioſos da muyto illuſtre familia do Patriarca Saõ Domingos, fundáraõ no Oriente, foy o que ainda ao preſente tem em a Cidade de Chaul, q̃ o Lecenciado Jorge Cardoſo diz, fora fundado no anno, de 1549. Sendo delle o ſeu primeyro Prior, o Padre Meſtre Fr. Thomàs da Cova, Varaõ de grandes virtudes, & zeloſiſſimo da converſaõ das almas. O Padre Meſtre Fr. Luis de Souſa na ſua Chronica diz, que fora aceyto aquelle Convento no anno de 1556. ſendo Provincial da India o Padre Meſtre Fr. Joaõ de Salinas. Mas pòde ſer erro do algariſmo; porque podia ſer aceyto no anno de 1546. & no de 1549. entraria a ſer Prior o veneravel P. Fr. Thomàs da Cova.

413 He eſte Convento dedicado à Rainha dos Anjos Maria Santiſſima, com o titulo de noſſa Senhora de Guadalupe. E ſendo eſta Senhora a Orago daquella caſa, & a titular della, nada refere, nem diz deſta Senhora, o Coroniſta na ſua hiſtoria: o q̃ naõ culpo; porque da India viriaõ muyto eſcaças as noticias; & naquelles tempos em que o fervor era muyto, todo o que tinhaõ, empregavaõ em encaminhar as almas ao Ceo, & naõ cuydavaõ de dar noticias mais que do que tocava a eſte ſeu ſanto miniſterio, & ſó refere que a caſa he dedicada à Virgem noſſa Senhora de Guadalupe. E aſſim

nos he necessario mendigar de Authores de fóra alguma noticia.

414 Este Convento he grande, & viviaõ naquelles tempos nelle muytos Religiosos: hoje, em que tudo está falto, & pobre ainda chegaráo a trinta. O Prior por ser Prelado daquelle Convento, que he o primeyro que se fundou da parte do Norte, gosa de grandes privilegios, & do titulo de Pay dos Christãos. E os Senhores Reys de Portugal com a sua muyta piedade, lhe fizeraõ largas mercés, & deraõ muyto grandes ordinarias.

415 Com a Senhora de Guadalupe teve muyto grande devoçaõ, o seu devoto servo o Padre Fr. Thomàs da Cova (foy este veneravel Padre, Vigario do Convento de Chaul, & Vigario de Mangalor, aonde ao depois rematou o curço de sua santa vida.) No tempo em que este bom Padre assistio em Chaul, todo se ocupava naquellas horas, que as suas muytas ocupaçoens lho permitiaõ, em servir, & louvar a sua Senhora de Guadalupe, & ella lho pagou muyto bem, porque no fim dos seus dias, & dos seus muytos annos, adoecendo em o Convento de Mangalor, Cidade que fica mais ao Norte de Chaul, se vio subir a sua alma resplandecente em companhia da Virgem nossa Senhora, & de outros Santos que a acompanhavaõ ao Ceo. O que se vio na mesma noyte em que morreo. E divulgando-se no dia seguinte esta maravilhosa vizaõ, foy causa para se converterem muytos daquellesGentios à N.S. Fé,& concorrem muytosChristãos a beyjar-lhe os pés, & mãos, obrando outros affectos de piedade, & devoçaõ, como pedir de suas alfayas alguma cousa, para a guardarem por reliquia. Morreo este veneravel Padre em 21. de Junho do anno de 1570. Este suceso refere Jorge Cardoso no seu Agiologio Lusitano tom. 3. pag. 767. & 775.& o mesmo referem outros Authores que elle allega.

TITU-

TITULO LXXI.

Da milagrosa Imagem de N. Senhora da Vitoria, ou de Chaul.

416 SEntiaõ, havia muytos annos, os Emperadores, & Reys de todo o Oriente o grande lugar, que havia feyto nelle a maõ Portugueza, & o veia estendida sobre elles, lhe fazia huma muyto pezada sombra, & todos a desejavaõ fechar. E se bem nem todos podiaõ medir a execuçaõ com o desejo, intentáraõ-no alguns dos mayores, & o começáraõ a pòr em pratica, muyto tempo antes, que o pudessem executar. No tempo do Viso-Rey Dom Luis de Ataide (o que foy pelos annos de 1571.) começou a verse a chama de huma conjuraçaõ, que havia cinco annos se fomentava debayxo das cinzas de hum maravilhoso secreto, cousa raras vezes vista entre os humanos. Eraõ os que entravaõ na conjuraçaõ o Idalcaõ, o Nisamaluco, & o Zamorim; todos Monarchas poderosos. O fruto que esperavaõ era desterrar da India a sombra Portugueza, para o que era necessarias muytas luzes. Procuravaõ pàra a execuçaõ do que intentavaõ, ajuntar grandes exercitos, (como o effeytuáraõ) & com tanta confiança, que logo entre si começáraõ a repartir, o que imaginavaõ já ganhado. Ao primeyro estava consignada Goa, & a sua Ilha com as forças do seu contorno, & as de Onor, & Bracelor. A o segundo as terras de Chaul, Damaõ, & Baçaim A o terceyro Mangalor, Cochim, & Chale. Tambem o Rey de Achem estava convidado, & pela sua parte promettia dar sobre a Cidade de Malaca. Finalmente toda a Asia Gentilica se movia contra a Asia Catholica. Esta temia mais do que confiava, pela sua pequenhez, aquella confiava muyto mais do que temia, pela sua grande numerosidade. O Idalcam, como visinho a Goa, contra ella era o seu emprego. O Nisamaluco caminhava a Chaul, sem a observancia da fé devida a concordia antecedente, & sem haver acci-

dente algum, que a pudeſſe haver alterado. O Zamorim ſe encaminhava a Cochim.

417 A Cidade de Chaul, que he a que agora nos toca, mandou o Rey Niſamaluco, contra ella hum exercito formidavel, para os poucos ſoldados, que nella eſtavaõ, & a haviaõ de defender; & mandou diante ao ſeu General Faretecaõ com oyto mil cavallos, & vinte mil de pè. E elle Niſamaluco, o ſeguio depois, com vinte & ſeis mil cavallos, & quarenta mil infantes, & muytos elefantes. (Levando contra a Cidade de Goa o Idalcaõ, quarenta mil cavallos, & ſeſſenta mil infantes, & dous mil & ſento cincoenta elefantes) Havia chegado a Chaul por Governador D. Franciſco Maſcarenhas com ſeiscentos homens de ſoccorro, com que muyto ſe animáraõ os moradores. E a cavallaria com que elles ſe achavaõ eraõ ſincoenta cavallos, (mas que numero eſte, para tantos mil) & tinhaõ poucos ſoldados, quando chegou Dom Franciſco Maſcarenhas. Eſtes ſe puzeraõ diante daquelles innumeraveis Gentios, & nenhum delles ſe atreveo a ſahir ao campo.

418 Começou o Niſamaluco o cerco daquella limitada Cidade, fazendo muytas batarias, em que poz innumeraveis canhoens, & de muyto grandes calibres, & outra muyta artelharia. Do ſeu exercito ſahiaõ muytos a dar aſſaltos à Cidade, mas eraõ rechachados dos Portuguezes, com mortes de infinitos, ficando ſempre os noſſos vitoriоſos, & ſem perda, aonde algumas vezes ſe viraõ alguns milagres; porque ſahindo em hum dia, ſoldados inimigos ſem numero, pela parte da Igreja da Madre de Deos, de donde começáraõ a fazer roſto aos noſſos, aonde deo huma balla, na maõ de hum ſoldado, ſem que o offendeſſe, a qual cahio ſobre hum telhado como ſe foſſe huma leve pella. E o ſoldado cheyo de fé, diſſe para outro: *Animay-vos com o que vedes, ſem vos maravilhar, porque da Mãy de Deos, naõ póde vir dano, ſenaõ ſalvaçaõ.* Em todos eſtes aſſaltos, fizeraõ os ſoldados, & cavalleyros Portuguezes muytas acçoens dignas de grande louvor.

Aqui

419 Aqui cahe agora bem, o que da Senhora de Chaul escreve o Padre Guillelmo Gumpemberg, tomando-o do Padre Daniel Bartolo, em a historia da sua Asia. E diz assim, sahio de Goa com huma armada o General Dom Diogo de Menezes contra o Nisamaluco, que estava sobre Chaul, com intentos de soccorrer aquella Cidade, & levava em sua companhia alguns Padres da Companhia, os quaes levavaõ huma devotissima Imagem da soberana Rainha dos Anjos, de pintura, & acometendo os Portuguezes com a sua armada a Cidade, entrando pelo seu porto com grande valor, & resoluçaõ, sem embargo de estar tomado de hũa, & outra parte, pelos inimigos, entrando pelo meyo de infinitos perigos, & de immensas ballas de artelharia, & de mosquetaria, & de outras muytas armas de arremesso, que parecia hum chuveyro. Neste grande perigo levantáraõ os Padres a Imagem da Senhora, & com o seu favor, & companhia; porque nesta occasiaõ era o seu General. Que he esta Senhora toda terrivel aos exercitos inimigos. Ella os defendeo, & os fez entrar seguros (como affirmávaõ depois os mesmos Padres) porque sendo as ballas immensas, que despediaõ os barbaros, os quaes dando nos Portuguezes, assim pelos peytos, como pelas costas, estas, parece que só com respeyto os tocavaõ; porque logo cahiaõ como mortas a seus pès, sem que alguma dellas ferisse, nem molestasse a nenhum dos Portuguezes.

420 Neste mesmo tempo sahiraõ da Cidade os oytocentos Portuguezes, q̃ nella estavaõ, provocados dos inimigos (q̃ fiados na sua multidaõ, & animo do seu General Farecaõ, & do seu Rey Nisamaluco estavaõ muy ufanos) para que sahissem, & elles o fizeraõ, sahindo como leoens. E foy taõ grande a mortandade, que estes, & os da armada fizeraõ nos inimigos, sendo estes innumeraveis, & os Portuguezes taõ poucos, que muyto mais da ametade ficáraõ no campo mortos. Assistindo-lhe sempre Deos, & aquella grande Senhora; como o confirmáraõ os grandes prodigios, que o

meſmo Senhor obrou a ſeu favor, para que conſeguiſſem aquella taõ aſſinalada vitoria. Porque, levantadas as agoas (como lá ſucedeo em o mar vermelho, para paſſar o povo de Iſrael) eſtas fizeraõ hum muro para os defender. E a maré ſuſpendeo por eſpaço de tres horas os ſeus refluxos, para que os barbaros, achando as prayas enxutas, pudeſſem acometer a Cidade, por aquella parte, que era a mais fraca; & para que os Portuguezes, tendo o campo livre, pudeſſem deſtruir aos ſeus inimigos. Sobre eſtas grandes maravilhas, obrou o meſmo Senhor outra muyto notavel, fazendo que hum grande, & repentino chuveyro lhe deſtruiſſem as grandes maquinas de fogo, que os inimigos tinhaõ inventado, para deſtruir aos Portuguezes.

421 O primeyro eſquadraõ dos Portuguezes que deu principio à batalha, proſeguindo a diante levava por Capitoa huma muyto bellicoſa Matrona, porque viaõ os inimigos hir diante huma fermoſa mulher, de grande expectaçaõ, & com regio ornato; & que com hum terrivel, & mageſtoſo aſpecto, hia animando aos ſeus ſoldados, & ameaçando toda terrivel aos inimigos. Os quaes depois de finalizada a batalha, & alcançada aquella milagroſa vitoria, & de impetrarem a paz, que ſe lhe concedeo com grandes creditos da reputaçaõ Portugueza, & grandes conveniencias, pediraõ lhe quizeſſem moſtrar aquella grande Senhora, & animoſa General, que como huma muyto bellicoſa Capitoa, que reconheciaõ, & confeſſavaõ ſer muyto mayor, que a humana natureza, & que por tal a aclamavaõ, & reconheciaõ; pois que entre tantas ballas, lanças, & ſetas, paſſara ſempre adiante, deſpreſando os golpes, & ſem temor dos perigos, & que deſtruindo os a elles, nunca recebéra dano algum. E porque elles a reconheceſſem por quem era, & a confeſſaſſem por divinda le, pediaõ lha moſtraſſem.

422 A' viſta deſtas ſuas inſtancias, & humildes rogos lhes moſtráraõ a ſagrada Effigie da ſoberana Rainha da Gloria, Maria Mãy do verdadeyro Deos, que elles ainda naõ

acabavaõ

acabavaõ de reconhecer, & de confeſſar. Tanto que a viraõ, poſtrados a adoráraõ, & reconhecéraõ por verdadeyra Rainha do Ceo. Vendo os barbaros, & Idolatras aquella Santiſſima Imagem, reconhecéraõ ſer a meſma Senhora que precedia na batalha, diante dos Portuguezes, & aſſim poſtrados por terra adorando-a lhe offerecéraõ, dadivas. Muytos illuſtrados com a luz da Divina graça, deyxadas as ſuas ſuperſtiçoens, & ritos gentilicos de ſua patria, abraçáraõ a Fé, & a Religiaõ Chriſtã, recebendo a agua do S. Bautiſmo, q̃ nunca o Senhor deyxa de encaminhar, para o Ceo, àquelles que elle tem preordinado para elle. Bendito ſeja para ſempre, q̃ nunca falta com a ſua miſericordia, & com ſua Divina luz, aos q̃ vivem ſumergidos nas trevas de ſua ignorancia.

423 Deſte tempo para diante, diz o meſmo Padre, começára a ſer tida em grande veneraçaõ eſta celaſtial Belona, & terrivel Capitoa, para os exercitos inimigos, aſſim viſiveis como inviſiveis; mas o Templo em que foy collocada o naõ declaraõ os Authores: creyo que a collocariaõ os Padres, em o ſeu Collegio de Chaul. Manoel de Faria na ſua Aſia, fallando deſte cerco, & deſta ſingular vitoria de Chaul, que os Portuguezes alcançáraõ contra o Niſamaluco, diz eſtas palavras. Aora oiremos bien diſſonante armonia. „ Triſte rumor de laſtimas le eſcuchavan en el campo barbaro al „ miſmo tiempo que nueſtro Capitan Mayor chenado de fo- „ lias, iva corriendo las eſtancias, y dando abraços a ſus Ca- „ pitanes, y ſoldados. Llegáron los Moros a pedir licencia, pa- „ ra enterrar los muertos, y mientras com ella los retiravan, „ inſiſtian en perguntar a los Portuguezes: Que muguer era „ aquella que los precedia en el combate, y ſe havia quedado „ viva? Reſpondio-le uno que ſi; porque ſin duda alguna era „ immortal. Y ellos entendieron el lenguaje, y la Fé, y ratifi- „ cavan la repueſta, aſegurando, que infaliblemente era la Se- „ ñora Marien, (aſi llaman los Moros a la Santiſſima Virgen „ Maria) y que no ſe podia eſperar ſemejante ſuceſſo, ſino de „ ſocorro del Cielo. Muchos confeſſaron a verla viſto en la eſ- „

tancia

„ tancia de D. Lorenço de Brito, asi resplandeciente, que los
„ cegava. Y algunos dellos que con grande admiracion ivan
„ a visitar a su Imagen en los Templos, se convertieron, y
„ quedaron en la Ciudad. Atèqui o nosso Faria. Desta nota-
vel historia fazem mençaõ muytos Authores, como saõ o Padre Gumpemberg em o seu Atlas Mariano. Centuria n. 371. E o Padre Daniel Bartholo l. 7. n. 77. E acrescentaõ, que fora taõ grande a quantidade de armas, que ficáraõ no campo da batalha, que so das ballas de artelharia que se recolhéraõ depois, se contavaõ algumas oytenta mil, & algumas feytas de pedra que tinhaõ quatro palmos de circumferencia, para o que traziaõ no campo pedreyros que as lavravaõ, & que seria dos mais despojos? Tambem faz mençaõ, destas maravilhas da Senhora, Manoel de Faria na 2. part. da Asia tom. 2. pag. 544. & outros.

TITULO LXXII.

Da Imagem de nossa Senhora, com o glorioso titulo de Madre de Deos, do Recoleto Convento de Chaul.

424 A Cidade de Chaul está situada entre a Cidade de Goa, & a de Diu, daquella dista sessenta legoas, & desta quarenta: está assentada em desasete graos, & dous terços ao Norte, em huma alegre, & fresca planice. Fóra dos seus muros, & em distancia de menos de huma milha, ou hum quarto de legoa, para a parte do Norte; fundou a devoçaõ de hum Vigario da mesma Villa, chamado Bras Dias, o Convento da Madre de Deos, em huma Ermida sua, que tinha fabricado em propria fazenda, dedicada a Saõ Bras, a qual liberalmente offereceo aos Religiosos Menores Descalços da Provincia da Madre de Deos de Goa. Com a sua entrada, deyxando à casa o titulo de Saõ Bras, lhe impuzeraõ o da Madre de Deos, soberana Rainha dos Anjos sua singular Protectora. Concorrendo o mesmo Vigario,

com

com todas as despezas da obra. Satisfazendo-se de que a Capella mòr fosse perpetuo jazigo de seu corpo, porque nem depois da morte se apartasse da companhia daquelles Religiosos, aos quaes muyto amava na vida.

425 Teve principio esta obra no na anno de 1584. lançou nella a primeyra pedra fundamental o mesmo Vigario Bras Dias, o que se fez com toda a solenidade. Logo em a entrada dos Religiosos naquella casa, se collocou nella hũa Imagem da Mãy de Deos a quem a dedicáraõ, que parece ser feyta pelo mesmo modello da Imagem da Madre de Deos de Goa. Tanto que esta Santissima Imagem da Rainha dos Anjos foy collocada, começou logo a mostrar esta misericordiosa Mãy dos peccadores, os seus grandes poderes,& assim he esta casa da Senhora, o mais frequentado Santuario daquellas partes; porque concorrem a elle em romagens todos; naõ só os Christãos, mas os Gentios, & infieis que de fronte delle tem a sua povoaçaõ, & de muytos outros, que do Certaõ dessem a impetrar da Mãy de Deos, os seus favores, & beneficios,que liberalmente concede,naõ só aos filhos,mas aos que o naõ saõ. Saõ estes concurços, mayores em os Sabidos, porque neste dia a vem a visitar muytos, com as suas offertas de azeyte, & de outras cousas, gratificando cada hum com obras, & palavras a mercè, que da Senhora recebeo, ou de saude em suas infirmidades, ou de alivio, & remedio, em seus trabalhos, & necessidades.

426 O Padre Fr. Francisco da Natividade, affirmou com juramento juridicamente à instancia de seus Prelados, que inquirira hum dia de duzentos Gentios, & Idolatras, a que fim, & intento visitavaõ a casa da Senhora; & cada hum confessou seu particular favor, que recebéra da Mãy de Deos, por quem invocáraõ, & lhe vinhaõ gratificar aquelles beneficios,com o affecto huns, com a oraçaõ outros, se assim se póde chamar,& todos com a confissaõ do que recebéraõ. O Padre Fr. Jacinto de Deos refere na sua Chronica cap. 2. art. 6. que estando elle assistente naquelle Convento, costumava

vir

vir a elle todas as menhãs hum Gentio, o qual vinha a tirar o sumo que chamaõ suya, das palmeyras da sua horta; & a quem o tira chamaõ tambem Bandarim, ou Sudro. Este à entrada, & à sahida fazia larga oraçaõ (se oraçaõ se póde chamar a sua) na presença da Santissima Imagem da Senhora, hũas vezes de bruços, & outras em pé. Perguntou-lhe o Padre huma vez, que era o que dizia, & fazia com estas acçoens devotas? Respondeo, que subindo huma vez a huma palmeyra (que quasi todas taõ de altura de tres lanças, & mais) cahira della, & conhecendo a certeza da sua morte, que do precipicio se lhe havia de seguir, & fazer em pedaços, invocára a Madre de Deos, pedindo lhe que lhe acudisse, & o livrasse do perigo; & que a Senhora o livrára; & so se achara com lezaõ em huma perna, & que continuando a sua oraçaõ à Senhora, ella ouvira a sua fé, & o sarára; & para memoria do beneficio, cocheava hum pouco della, pelo que todas as vezes que vinha a sua casa, lhe dava as graças damercé, que recebéra, que ainda que obstinado na sua Idolatria, naõ negava o agradecimento, a quem se devia, para confuzaõ dos ingratos, & desconhecidos.

427 Com o mesmo juramento, jurou o referido Padre Fr. Francisco da Natividade, que sabendo hum Cidadaõ de Chaul, que certo homem a quem tinha por inimigo costumava visitar aquella casa todos os Sabados, & que valendose desta occasiaõ (cego da sua payxaõ) o fora a esperar armado, & previnido, para lhe tirar a vida, & que do seu intento estava o inimigo bem descuydado, & devirtido, & assim lhe naõ seria deficil o effeyto, & que chegando ao Convento se deteve em o adro com a mesma intençaõ, com que sahira de sua casa. Porèm a Divina Providencia, que por todos os meyos evita os nossos malles, & destes tira sempre bens, lhe deu huma taõ grande compunçaõ, olhando desde aporta para a Imagem da Sacratissima Virgem, & Senhora, que mudára do primeyro intento, & fora logo pedir confissaõ ao Fr. Francisco da Natividade, com muytas la-

gri-

grimas, & sentimento. E depois se reconciliára com o seu inimigo. Que naõ consentio a Senhora da Madre de Deos, que quem chegava às portas da sua casa, perseveresse em vontade taõ malevola, & tambem, que os que a hiaõ a louvar em o seu Templo, padecessem algũ trabalho, & perigo.

428 Hum Gentio intentou furtar a alampada de prata que tem a Confraria da Senhora, & se poem ordinariamente à festa feyra para ornato da Missa, & festividade do Sabado, em que se canta à Senhora com muyta solenidade, & concurso dos seus devotos. Este Gentio meteo-se por huma fresta para executar o seu intento, & querendo effeytuallo, ficou immovel, atè que descendo o Sacristão às Matinas a acender a cera para se haver de rezar o Officio Divino, o achou, & chorando confessou a sua culpa, & pedio perdaõ da sua maldade, publicando que a virtude divina, & os poderes da Senhora o prendéraõ, para naõ executar o seu danado intento. Se ouvessemos de referir as grandes maravilhas, & milagres que obra esta grande Senhora, seria necessario muyto papel: bastem estes exemplos, para que se veja a grande piedade, & clemencia da Mãy de Deos, & Mãy dos peccadores. Da Senhora da Madre de Deos de Chaul, escreve o Padre Fr. Jacinto de Deos na sua Coronica da Provincia da Madre de Deos de Goa cap. 2. art. 6.

TITULO LXXIII.

Da Imagem de nossa Senhora das Mercès de Chaul.

429 HE Maria Santissima hũa Rainha taõ generosa, taõ liberal, & taõ magnifica, em as suas mercès & favores, que nenhũ pertendente ha q̃ recorrendo aos seus pès, deyxe de conseguir, quantos favores, & quantas mercès deseja. As mercès, & os favores dos principes do mundo, quando se alcançaõ, he por meyos difficultosos, naõ assim no tribunal de Maria, que sempre para todos tem facil, & paten-

parente a sua entrada. Que quereria dizer o Esposo à sua amada Esposa, em quem os Expositores, em hum dos sentidos com que explicaõ o livro dos Cantares, entendem a Maria, quando assim falla: *Oleum effusum nomen tuum.* O vosso nome, Esposa minha, he oleo derramado? Foy significar que o seu nome, o seu favor, & amparo, a sua grandeza, & magnificencia, senaõ enserrava em limitados termos? Quiz dizer, que o seu nome, as suas graças, & mercès saõ taõ abundantes, que parecem naõ cabem na humana capacidade, & assim chega a derramarse? Foy dizer, que assim como o azeyte abranda a mais impedernida dureza, assim desfaz Maria a obstinaçaõ dos peccadores?

430 Ricardo de Saõ Lourenço explica *Picturis conferens.* Diz que compara o Esposo às pinturas, o nome, o amparo, & favores de Maria. De dous modos se obraõ as pinturas; a tempera, & a oleo; as pinturas de tempera naõ saõ duraveis; porque a humidade as consome, o calor as deslustra, & o tempo as acaba, & assim só nos principios cõserva a perfeyçaõ das suas cores. Mas as pinturas a oleo saõ perpetuas; porque naõ ha humidade, que as deslustre, nem calor que as acabe, sempre perseveraõ em sua perfeyçaõ, & viveza nos matizes. Só rasgando-se o pano, ou quebran-se a taboa se poderà alterar a fermosura. Esta he a diversidade, que ha nas mercés, q̃ se grangeaõ por outros meyos, & nas que se alcançaõ por meyo de Maria; aquellas saõ mercès de tempera, q̃ que hũ breve sopro de vento as perde, & desfaz, & hũ toque de fortuna as acaba; porèm as mercès, & as felicidades obradas a oleo: *Oleum effusum nomen tuum*, saõ firmes, & permanentes, saõ seguras, & duraveis, naõ estaõ expostas ao tempo, nem aos casos da fortuna. Com que se o mesmo, q̃ as possue, naõ malogra esses favores, & essas mercès, que por Maria conseguio, ellas por si senaõ haõ de acabar, que saõ pinturas a oleo: *Oleum effusum nomen tuum, Picturis conferens.*

231 Nas Residencias, que tem os fervorosos filhos do Patriarca Saõ Domingos, em o destricto da Cidade de Chaul,

Chaul, em huma dellas, que naõ fica muyto diſtante da Cidade eſtá huma Aldea, aonde edificáraõ (logo que fundáraõ Convento na Cidade) huma Paroquia, ou Ermida, para della adminiſtrarem os Sacramentos aos Chriſtãos, que dedicáraõ à Rainha dos Anjos, a quem deraõ o titulo de N. Senhora das Mercès, antevendo as muytas, que eſta ſoberana Senhora lhes havia de fazer a elles, & a todos os Indios ſeus freguezes, os quaes, aſſim o experimentaõ, porque recorrendo a eſta liberal Senhora em ſuas neceſſidades, nunca ſahem ſem ſerem muyto bem deſpachados da ſua generora liberalidade; porque he eſta Senhora a noſſa unica Mãy, & ſingular Rainha, que a todos nos eſtá enchendo de ſuas grandes mercès, & favores. Deſta Senhora faz menção o Padre Fr. Luis de Souſa na ſua Hiſtoria Dominicana, part. 3 l. 5. cap. 15. Mas taõ ſucintamente que nada nos refere de ſuas maravilhas, ſendo innumeraveis as que eſta miſericordioſa Senhora continuamente obra em beneficio dos ſeus devotos.

TITULO LXXIV.

Da Imagem de noſſa Senhora do Roſario de Chaul.

432 NOtavel he a virtude, & a efficacia que Deos poz em a devoçaõ do Santiſſimo Roſario da Virgem noſſa Senhora, porque naõ ſó com ella ſe alcança a ſaude eterna, mas a temporal, nos livra de todos os perigos, & livra tambem do poder do demonio, a todos os que ſaõ devotos de o rezar. E que digo eu, aos que ſaõ devotos da Senhora, & ſolicitos em lhe rezar o ſeu Roſario, mas ainda aquelles endemoninhados protervos, & indignos de que Deos os livre do cativeyro do demonio, os a parta de cahirem no inferno, & da abominavel culpa da hereſia. Tudo iſto ſe confirma com a hiſtoria que agora referirey.

433 Prégando o glorioſo S. Domingos em a Cidade de Carcaſona de França a devoçaõ do Santiſſimo Roſario, aonde

de escreveo a muytos no livro dos seus Confrades. Reparou hum hereje Albigense no grande fruto que desta devoçaõ se seguia, & sentindo isto com excesso, naõ só condenava os Sermoens do Santo, mas a sua vida, pondo a lingua na sua honra: & armava contra elle mil testemunhos falsos, & com temerario atrevimento caluniava a sua santa doutrina. Disto se seguiraõ intoleraveis danos, & grandes inconvenientes, porque alguns herejes, que estavaõ tocados da graça, & dispostos, para abjurar seus erros, por meyo da devoçaõ do Santo Rosario da Mãy de Deos, se apartáraõ de taõ importante resoluçaõ. E querendo a piedosissima Virgem Maria nossa Senhora manifestar ao mundo, quam agradavel lhe era esta devoçaõ, por justo juizo de Deos foy o hereje entregue aos demonios, os quaes de tal sorte o atormentáraõ, que das dores que padecia, veyo a ficar cheyo de huma taõ ferina rayva, que se despedaçava a si mesmo com os dentes, mostrando a sua furia de muytas maneyras. Desejavaõ seus pays repremillo, & assim o ataraõ com fortes cordeis, & depois com cadeas de ferro; porque despedaçava os cordeis. Dava vozes taõ horrendas, & clamores taõ estrondozos, & suspiros taõ tristes, que causava temor, & admiraçaõ. Dizia blasfemeas, fallava em todas as linguas, & descobria os peccados ocultos de muytos. Seus pays, & amigos, vendo isto, compadecidos delle, se resolvèraõ a levallo a Saõ Domingos, & pedirlhe, que pois havia livrado a outros do poder do demoninio, se compadecesse tambem daquelle miseravel homem. Estava entaõ o Santo prégando a devoçaõ do Santo Rosario, & o auditorio era muyto grande. Chegou o endemoninhado à presença do Santo, & os que o levavaõ lhe pediraõ com grande instancia o curasse, livrando-o da opressaõ do demonio, & da sua vexaçaõ.

434 Caso maravilhoso! Logo se começáraõ a ouvir naquelle homem vozes de muytas pessoas, que nelle fallavaõ, com que todos os circunstantes se atemorizáraõ muyto. Levantando a voz o Santo disse. Graças vos dou Deos, & Se-

nhor

nhor meu, que com o teſtemunho deſte homem, que tanta contradiçaõ me tem feyto, ſe comprova a verdade da minha doutrina. E voltando-ſe para o endemoninhado, proſeguio dizendo: Eſpiritos malignos, em nome da Santiſſima Trindade, & da Beatiſſima Virgem Maria Senhora noſſa, & em honra do ſeu Santo Roſario (de que agora tenho prégado) vos mando, que reſpondais claramente diante de todo eſte povo, o que vos perguntar. Dizeyme o primeyro, quantos entraſtes neſte miſeravel homem, & que occaſiaõ vos deu para que taõ cruelmente o atromentaſſens? Depois de grandes, & laſtimoſos clamores, reſpondéraõ. A principal cauſa, porque entràmos nelle, foy pela irreverencia que cometeo contra a Mãy de Deos. O ſegundo por ſua incredulidade, pois haverá hum mez, que eſtando tu prégando deſprezou a tua doutrina, & as tuas admoeſtaçoens, ſe rio, & eſcarneceo de ti, & teve atrevimento para contradizer publicamente os teus Sermoens, & procurou irritar contra ti aos principaes Miniſtros da hereſia. E aſſim por juſto juizo de Deos, ainda violentado entramos nelle mil & quinhentos demonios, por ſe haver atrevido a fallar contra o Roſario da Mãy de Deos. Logo lhe tornou a perguntar o Santo Padre, porque haviaõ ſido mil, & quinhentos? E reſpondéraõ, que pelos quinze decenarios do Roſario, contra os quaes tanto ladrava. Tornou outra vez a conjurallos, pela virtude do Santo Roſario. Se o que publicamente havia propoſto do Santo Roſario era verdade. Entaõ dando terriveis gritos, & eſpantoſos huyvos, diſſeraõ, maldita ſeja a hora em que entramos neſta torpe eſtatua. Ay de nòs para ſempre que o naõ a fogàmos antes, que aqui vieſſemos. Com chamas de fogo, & com ardentes cadeyas ſomos atormentados, & forçados a publicar taõ danoſa verdade, para o noſſo Reyno.

435 Obrigados os demonios da força que o Santo lhes fazia, reſpondéraõ aſſim. Ouvi, ouvi todos os Chriſtãos. Tudo o que Fr. Domingos noſſo infaciavel perſeguidor vos prégou de Maria, & do ſeu Roſario, he verdade infalivel, &

crede q̃ virá ſobre vòs hũa grande calamidade, & ruina, ſenaõ dais credito a todas as ſuas palavras. Perguntou-lhe mais o S. Quem he a peſſoa que mais aborreceis, & abominaes? Reſpondéraõ. Tu es, porque com as tuas oraçoẽs, penitencias, & ſermoens enſinas o caminho do Ceo, & nos deſpovoas o inferno, tirando-nos grandes deſpojos. Porèm adverte, q̃ tens irritada contra ti, toda a noſſa tenebroſa companhia, que tem deſpachado valentiſſimos eſpiritos, q̃ a ti, & aos teus te faraõ terrivel, & continua guerra. A eſtas barbatas dodemonio, diſſo S. Deos todo poderoſo me dará virtude, para vos vencer a todos como ma dará hoje. E logo lançando o ſeu Roſario ao peſcoço daquelle endemoninhado, lhes perguntou. Quaes dos Chriſtãos ſaõ os q̃ mais ſe condenaõ em todos os eſtados? Entaõ ſucedeo hũa couſa muyto nova, q̃ no meſmo ponto q̃ tocou com o Roſario no peſcoço do endemoninhado, começou a lançar eſcumas pela boca, muito ſangue negro pelos narizes, & eſterco, ou veneno à maneyra de lodo pelos ouvidos. E o Santo os conjurou em nome de Jeſu Chriſto deyxaſſem de atormẽtar aquelle miſeravel homem, & lhe reſpondeſſem em fórma às ſuas perguntas, o que fizeraõ neſta maneyra.

436 De gente poderoſa, & regalada, aſſim homens, como mulheres poſſuimos no inferno grande numero. Porèm de gente ruſtica officiaes, & lavradores, a reſpeyto de ſeu grande numero ſaõ muy poucos; porque ainda que naõ ſejaõ de todo bons, nem gente perfeyta, ordinariamente, naõ cometem tantos peccados, nem taõ grandes, como os poderoſos, & ricos. De Mercadores, & Cidadoens temos muytos; porque por avareza, & engano, & por deleytes carnaes, & regalos cahem no inferno. Replicou o Santo como naõ fazeis menção dos Religioſos, & Sacerdotes? Reſpondéraõ, que muytos Sacerdotes tinhaõ, mas verdadeyros Religioſos nenhuns, ſenaõ aquelles que ſem attender a obſervancia das ſuas leys, temerariamente as quebrantavaõ. Perguntou-lhe mais, dos meus companheyros, & dos de Franciſco meu Irmaõ que dizeis? A iſto renovando as vozes, &

os

os terriveis clamores, reſpondéraõ, Ay, ay de nòs que delles agora naõ temos nenhum; mas eſperamos, que muytos que ſe eſquecèraõ das ſuas obrigaçoens, & profiſſaõ viraõ a noſſas moradas.

437 Perguntoulhe mais o Santo? Que Santo havia no Ceo, a quem mais temiaõ, & a quem os homens deviaõ mais amar, & glorificar. Ouvindo eſta pergunta, todos os demonios deraõ taõ terriveis, & taõ eſpantoſos gemidos, que a ſombrados muytos dos ouvintes, cahiraõ em terra de medo, & eſpanto. E reſpondéraõ, Fr. Domingos rogamoſte, que nos concedas manifeſtarte iſto à parte, & em ſegredo, & naõ na preſença de taõ grande multidaõ de gente. Vendo o Santo a reſiſtencia que faziaõ, poſtrouſe em terra, & fez oraçaõ à ſoberana Rainha do Ceo, & poderoſa Mãy de Deos, rogando-lhe por meyo do ſeu Santo Roſario os obrigaſſe a confeſſar a verdade. E logo começáraõ a ſahir dos narizes, boca, & ouvidos do endemoninhado chamas de fogo com aſſombro, & temor dos que o viaõ, & como naõ reſpondeſſem, começou de novo a implorar o ſoccorro, & ajuda da ſoberana Virgem Maria, para que os obrigaſſe a reſponder ao que lhe perguntava. A cabada a oraçaõ, ſubitamente à viſta de alguns Catholicos, aparecéraõ, como cem Anjos armados de reſplandecentes armas, & de capacetes dourados, que reſplandeciaõ muyto; & no meyo delles a ſoberana Rainha da Gloria Maria Senhora noſſa, que com hũa vara de ouro ferio ao endemoninhado, mandando aos demonios, que reſpondeſſem logo ao que o ſeu ſervo Fr. Domingos perguntava. Entaõ renováraõ os demonios os ſeus clamores, & ſentimentos, & diſſeraõ. O' inimiga noſſa, condenadora noſſa, & confuſaõ noſſa, para que deſeſte do Ceo a atormentarnos? Por ti ſomos forçados a dizer, & a publicar o meyo, & o modo, com que com noſco meſmo nos confundimos.

438 Ouvi pois vòs ò Chriſtãos, eſta Maria Mãy de Deos he a poderoſa para guardar a todos os ſeus ſervos, que ſenaõ

„ senaõ deſpenhem no inferno: ella he a que desfaz os noſſos
„ enganos, ella deſtroe, & converte em nada todas as noſſas ma-
„ quinas, & ainda que forçados, & contra noſſa vontade con-
„ feſſamos, que nenhum ſe condena, dos que perſeveraõ no
„ ſeu ſerviço, & veneraçaõ, porque hum ſuſpiro ſeu offere-
„ cido por ella à Santiſſima Trindade excede aos rogos de
„ todos os mais Santos, & mais tememos a eſta Senhora, que
„ a todos os Cidadãos da Corte do Ceo, & aſſim contra os
„ ſeus fieis devotos em nenhuma maneyra podemos prevale-
„ cer. Tambem vos ſeja notoria, que muytos Chriſtãos, que
„ a chamaõ à hora da morte, ſe ſalvaõ, & a noſſo parecer contra
„ todo o direyto. E ſe eſta Maria naõ repremira as noſſas tra-
„ ças, & potencia, já tiveramos deſtruhida a Chriſtandade, &
„ mayor parte de todos os eſtados da Igreja. De mais diſto af-
„ firmamos (ainda que forçados) que nenhũm fiel que per-
„ ſevere na devoçaõ do Roſario, ſe condenará; porque ella
„ alcança a verdadeyra contriçaõ aos ſeus devotos; & aſſim
„ confeſſando as ſuas culpas alcançaõ de Deos o perdaõ del-
las.

439 Iſto diſſeraõ os demonios, & logo exhortou o S. a todos, a que a vozes recitaſſem o Santo Roſario. E ſucedeo huma grande maravilha, que como os fieis hiaõ rezando as Ave Marias, hiaõ ſahindo muytos demonios daquelle endemoninhado em fórma de brazas, & carvoens acezos. Feyto iſto alguns Catholicos advertiraõ, que a Rainha dos Anjos, lhes lançou a ſua bençaõ, & o homem ficou livre do demonio. Com eſte ſuceſſo ſe convertéraõ entaõ muytos herejes, & abjuráraõ ſeus erros, & ſe dedicáraõ a ſervir a noſſa Senhora, em a devoçaõ do ſeu Roſario.

440 Deſte ſuceſſo, que eſcrevem muytos Authores, como Saõ Joaõ Mayor no ſeu Eſpeculo dos exemplos, palavra Roſario, & Joaõ Martinho Valencenenſe 1. p c. 5. fol. 35. E os annaes Eccleſiaſticos de Abraham Brovio anno de 1213. n. 9. 11. & 12. E o Padre Meſtre Fr. Alonſo Fernandes l. 2. dos ſeu milagres do Roſario c. 6. poderáõ ver todos os que

lerem

ferem esta historia o quanto lhes convem ter muyto especial devoçaõ para com a Virgem Maria nossa Senhora, & o muyto que se devem exercitar na devoçaõ do seu Santissimo Rosario, visto que por ella obra Deos taõ estupendas maravilhas.

441 Pelos annos de 1548. Entrou a Ordem de Saõ Domingos em o Oriente, & neste tempo foraõ a fundar casas, aonde se pudessem empregar na reduçaõ, & conversaõ daquelle innumeravel Gentelismo, para o guiar para o Ceo. Depois de fundarem aquelles Padres em a Cidade de Goa, se repartiraõ muytos daquelles bons operarios, para a cultura daquella dilatada vinha, huns foraõ para huma parte,& outros para outra. Para a Cidade de Chaul foraõ huns, que edificáraõ logo nella hum grande Convento; o que foy de grande utilidade espiritual de todos aquelles moradores, assim naturaes como Portuguezes. Foy isto em o anno de 1556.E diz o Coronista da mesma Ordem, que este fora o segundo Convento, q̃ edificáraõ na India sendo Capitaõ de Chaul D. Francisco Mascaranhas. Dedicaraõ aquelles virtuosos PP.este Convento à Rainha da Gloria,debayxo do titulode N.Senhora de Guadalupe,com quem aquella Cidade tem tambem muyto grande devoçaõ. Logo nos principios da fundaçaõ, procuráraõ aquelles Religiosos dedicar huma particular Capella à Virgem nossa Senhora do Rosario, por ser ella o especial brazaõ da sua Ordem, & assim o executáraõ logo, instituindo nella huma Irmandade, que logo começou a ser copiosa com as fervorosas exhortaçoens daquelles devotos Capellaens da Senhora, para poderem lucrar, os que nos seus livros se matriculassem,os grandes thesouros das suas graças,& Indulgencias. E a Senhora começou logo com as suas grandes maravilhas, q̃ obrava a confirmar a efficacia da doutrina dos seus Capellaens, & assim se hia augmentando cada vez mais a devoçaõ, pora com a Senhora, & para com o seu Santo Rosario. Faziaõ os Irmãos as suas procisoens, & nella levavaõ a Imagem da Senhora, & hum a ban-

deyra, em que ella hia tambem pintada. Era com a fervorosa exhortaçaõ daquelles Religiosos grande a devoçaõ com q̃ todos se desejavaõ empregar no serviço da Senhora, & ella lhes pagava a todos o seu obsequio com largos favores; porque recorrendo a ella em seus trabalhos apertos, & necessidades, sempre as suas petiçoẽs sahiaõ bem despachadas do tribunal da sua clemencia, porque a todos se defiria.

442 Vesse este Convento situado junto à barra, de donde corre o seu Dormitorio contra a praya do mar, & defronte lhe fica a memoravel Serra, a quem dam o nome do Morro de Chaul, que em outros tempos tinha dado muyto grande cuydado a todo o Estado da India Portuguez; pelo grande poder de gente, notavel fortificaçaõ, & muniçoens, que alli tinha sempre o inimigo o Nisamaluco, que junto com ser aquella fortaleza do Morro, ao parecer humano inexpugnavel: assim se fazia formidavel, que de contino assalteavaõ aos de Chaul, tendo-os continuamente em hum perpetuo desassosego. Esta continua molestia procuráraõ remediar os moradores de Chaul com os soccorros do Estado; & assim à força do braço Portuguez, & fiados no patrocinio de nossa Senhora do Rosario, em quem seguravaõ seu bom sucesso, diliberáraõ o sahir com a resoluçaõ de destruirem aquelle grande, & inimigo padrasto, com que Nisamaluco tanto se ensoberbecia, & de que tanto dano recebiaõ os moradores de Chaul, com os seus continuos rebates, & ocultas sahidas.

443 Para isto junto aquelle poder, que entendéraõ bastava, para expugnar aquella fortaleza: Sahiraõ com grande resoluçaõ de conseguir aquella grande, ainda que ardua empreza, de vencer aquelle grande obstaculo para proseguirem mayores emprezas. Entravaõ na mesma companhia os Irmãos, & Confrades do Santo Rosario, assim Portuguezes como naturaes, os quaes resolvéraõ levar comsigo a bandeyra da Irmandade, em que estava pintada a Imagem da Senhora do Rosario. Acometéraõ destemidos, como quem levava tam grande patrocinio, & a primeyra bandeyra, que

se

se arvorou foy a da Senhora do Rosario. Aonde se vio o como a piedosa Senhora os ajudava, naquella grande empreza, que foy de tanta honra, & gloria para a naçaõ Portugueza, como se vê em as historias da India: porque, ainda que os cõtrarios resistiraõ animosos em breve tempo se desenganaraõ à sua vista, porq̃ vencida a ousadia dos invadidos pelo valor dos cõbatentes, perdeo o inimigo a praça, & a flor da sua gente, deyxando nas mãos dos Portuguezes a fortaleza, & hũa esclarecida vitoria, que fez mais glorioſa o grande terror com que os inimigos viráraõ as costas, & desampararaõ a praça. As grandes maravilhas, que alli se obráraõ foy tudo por favor da Senhora do Rosario, & bastava só para se esperar o bom sucesso daquella empreza, o levarem comsigo o estendarte, & bandeyra da Senhora, para cahirem vencidos todos os contrarios, que he Maria só, hum exercito terrivel, & formidavel. E quem pòde duvidar que os poucos Portuguezes que nesta occasiaõ se achavaõ pudessem taõ destimidos vencer a hum taõ valente, & poderoso inimigo. Tendo da sua parte a Senhora do Rosario. Da Senhora do Rosario de Chaul faz menção o Padre Fr. Luiz de Sousa na sua Historia Dominicana parte 3. liv. 5. c. 15.

TITULO LXXV.

Da Imagem de nossa Senhora do Mar, do Morro de Chaul.

444 A' Grandeza do mar comparou o Profeta Jeremias a grandeza das dores, & da pena de Maria Santissima na payxaõ, & morte de seu Santissimo Filho: *Magna est velut mare contritio tua.* E fez o Profeta esta comparaçaõ: porque assim como as aguas do mar excedem a todas as mais aguas, assim as dores de Maria excedem as dores de todos os Santos Martyres. Assim o diz Saõ Boaventura: *Sicut mare in mole, & amaritudine aquarum omnes alias excedit, Sic & Beatæ Virginis dolores impassione Filij cæteros om-*

nes dolores exceſſerunt. Mas he de advertir, que no mar, naõ ſo ſe achaõ aguas, mas peyxes; as aguas do mar ſaõ a margoſas, & os peyxes doces, & ſaboroſos; as aguas nas mayores tempeſtades ſe perturbaõ, & revolvem; mas os peyxes ſe conſervaõ entaõ no mayor ſocego. Diga pois muyto embora o Profeta, que Maria nas ſuas dores eſteve como o mar; *Magna eſt velut mare contritio tua*; porque ainda, que no ſeu coraçaõ ſentio exceſſivamente as penas de ſeu Filho, cauſadas pelas culpas dos peccadores: mas he mar, que naõ ſó tem aguas, mas peyxes. Teve em ſeu puriſſimo eſpirito, no meyo da amargura das ſuas dores, a doçura dos grandes bens, que deſſas dores reſultávaõ a favor deſtes meſmos peccadores, ſignificados nos peyxes.

445 He Maria, & a ſua Imagem a Senhora do Mar, a
Geneſ. 1. que entre as aguas formou Deos, para beneficio dos homens, para ſua defenſora, & remediadora: *Fiat firmamentum in medio aquarum.* Foy iſto, diz Saõ Boaventura, formar Deos
Bon. ſer. 1. de Deip. p. 3. no firmamento huma Imagem de Maria Santiſſima: *Domina noſtra fuit Cæli firmamentum.* E advirtaõ no myſterio. Ha
Pſal. 148 aguas verdadeyras ſobre os Ceos: *Aquæ omnes quæ ſuper cælos ſunt*; aſſim o diz o Real Profeta. As aguas ſobre os Ceos, ſaõ aguas ſocegadas, & pacificas; as aguas que eſtaõ ſobre a terra, ſaõ aguas que admitem turbaçaõ, & amargura. O Ceo goſa das aguas em paz, & ſem turbaçaõ; mas a terra as poſſue cheas de amargura. Logo a Senhora do Mar, a Imagem de Maria, ainda, que ſente as amarguras das grandes culpas dos homens, tem em ſi a doçura do bem que a eſſes homẽs reſulta das ſuas penas; & para que os Indios ſe convertaõ, & ſayaõ dos erros da Idolatria, ſe manifeſta no mar, & ſe levanta ao firmamento, para tirar aos homens do mar, & para os diſpor para gozarem em o firmamento em ſua companhia da doçura da viſta de ſeu Criador, & Salvador.

446. Defronte da Barra da Cidade de Chaul eſtá huma grande, & dilatada penha, & cortada Serra, a quem daõ o nome do Morro de Chaul. Neſta Serra tinha o Niſamaluco

huma

huma fortaleza, com grande presidio de gente, de donde em continuos rebates se dava muyto cuydado aos moradores de Chaul, & como aquella fortaleza se fazia formidavel, por se julgar inpraticavel à sua Conquista, se resolvéraõ animosamente a ella os Portuguezes, como fizeraõ na fórma que dissemos no titulo antecedente

447 Conquistada pois a fortaleza do Morro se fizeraõ tambem os Portuguezes senhores de outras muytas povoaçoens de Terra firme; porque com esta vitoria, se repremio o Orgulho dos inimigos. E assim hiaõ os pescadores da terra a lançar por aquella parte as suas redes sem receyo. Costumava hum Gentio destes de terra firme, lançar as suas redes, junto ao outeyro do Morro. Havia já tres dias, que as lançava naquelle posto, em que antes sempre achava peyxe; mas nos tres dias naõ tirou nada. No ultimo sentio nas redes hum grande pezo, & julgando que as redes estavaõ cheyas de muyto peyxe, depois de as levantar achou sómente nellas huma Imagem pequenina da Rainha dos Anjos, & Senhora dos Mares, Maria Santissima, & tambem huma grande tainha. Parece que a Senhora attendendo que o pescador era Gentio, & falto de fé, o quiz consolar, porque elle senaõ amufinasse, senaõ achasse algum peyxe.

448 Satisfeyto o pescador com a tainha, levou tambem para sua casa a preciosa perola, sem alcançar qual fosse a sua muyta valia, & nella a guardou: porque lhe pareceo aquella Imagem digna de estimaçaõ pela sua grande perfeyçaõ com que fora obrada. Deste dia por diante, sempre teve o pescador bom sucesso nas suas pescarias; porque nellas achava no mesmo posto grande quantidade de peyxe, que vendia, & de que recolhia muyto dinheyro. E tambem os de sua casa experimentavaõ da Senhora grandes bençoens, porque gosavaõ os effeytos da sua piedade, & clemencia; porque todos logravaõ boa saude. Hindo em hum dia, depois que o pescador gentio experimẽtava estas boas fortunas, sem saber donde lhe vinhaõ, a sua casa hũ soldado Portuguez, a com-

prar

prar peyxe, lhe perguntou o Gentio se queria hũa Imagem, que havia pescado nas suas redes. Naõ desprezou o soldado a offerta; mas tanto que vio a Senhora, se teve por bem afortunado, reconhecendo ser Effigies da Mãy de Deos. E assim se ajustou com o Gentio, (que lhe referio o sucesso todo) & por pouco que lhe deu resgatou, ou comprou aquella preciosa perola que elle estimou como thesouro de muyto grande valor, & a levou muyto alegre para sua casa.

449 Poucos dias havia que o soldado estava de posse daquella sagrada Imagem da Senhora do Mar; quando os que a viraõ se affeyçoaraõ tanto a ella, que em qualquer queyxa, que padeciaõ, parece que a mesma Senhora os movia, a que a invocassem. E tanto que se lembravaõ della, & a invocavaõ, cobravaõ logo repentina, & milagrosa saude. Com a fama dos primeyros milagres, acodiraõ muytos, & se experimentáraõ outros novos, & em breves dias fez a Senhora tantos, em cegos, cochos, aleyjados, & enfermos, que espalhando-se muyto mais a fama, veyo o Capellaõ, & o Reytor da Igreja, que era Religioso Franciscano, a cuja Ordem estaõ sogeytas, & encarregadas aquellas Christandades, os quaes leváraõ com grande reverencia a Senhora para a Igreja da fortaleza, aonde a collocáraõ, & lhe fizeraõ huma Capella, aonde continuou em fazer maravilhas, & milagres, immensos. Dos quaes refirirey aqui alguns.

450 Leváraõ huns Gentios pays, huma criança morta muyto sentidos, pelo muyto que a amavaõ, & pediraõ à Senhora, que os consolasse, resuscitando-lha, & a Senhora para lhes resuscitar suas almas mortas, pelo gentilismo, lhe restituhio o filhinho vivo. Huns pescadores sahiraõ a pescar ao mar alto, & lá lhe sobreveyo huma grande tormenta, & foy taõ rijo o vento, que se virou a embarcaçaõ, & sem se afogar algum, se assentáraõ todos sobre a quilha do barco, aonde estiveraõ por espaço de tres dias. No cabo delles clamáraõ pela Senhora do Mar do Morro, & tanto que o fizeraõ, logo a embarcaçaõ se virou, & poz direyta, & todos vol-

voltáraõ a terra livres, & sem algum perigo, dando as graças à Senhora indo buscala à sua Capella.

451 He esta Santissima Imagem muyto pequenina, porque naõ passa de hum palmo de estatura, he de escultura de madeyra, & tem ao Menino Deos sentado sobre o braço esquerdo. Por vezes se intentou o estofarem-na (porque naõ pareceo necessaria ao primeyro Artifice a pintura, a quem pela sua grande perfeyçaõ a escusava) mas a Senhora naõ o consentio, porque naõ quiz sofrer Deos, que os Pintores da terra tocassem aquella Imagem, que elle (ao que se crè) a mandou formar pelos Anjos: & assim o podemos crer piamente; porque a sua prodigiosa invençaõ, assim o dá a entender, porque naquelle mar quem podia lançar huma Imagem taõ pequenina. E à vista das muytas, & grandes maravilhas, que obrou, & está obrando, assim em sua manifestaçaõ, como depois della, estas nos estaõ insinuando, q̃ esta sagrada Imagem he toda celestial. Muytas vezes desaparece, & quando volta a acham com os pés cheyos de areas, final de que vay acudir, & amparar aos seus pescadores, & navegantes; que como aos pescadores se manifestou, mostra nestas Auzencias que está ella obrigada a livralos de todos os perigos. Celebra-se a sua festividade em dous de Fevereyro dia da Purificaçaõ. Escreve da Senhora do Mar o P. Meltre Fr. Faustino da Graça na sua Relaçaõ manuscrita

TITULO LXXVI.

Da Imagem de N. Senhora da Penha, ou do Rosario de Caranjà.

452 NO ventre soberano da Excelsa Rainha da Gloria Maria, se enserra na celebridade deste dia, huma neve toda em penha, ou se firma huma Penha toda sobre a neve. A neve he Deos, que como neve desceo às entranhas de Maria Virgem, & a Penha a Senhora, Templo, & Sacrario que foy do mesmo Deos; tudo havia já visto Jeremias:

Berc. l. 6. c. 26. Verb. Nex.

remitas: *Nunquid defficiet de petra agri nix Libani.* E tudo nos diz Saõ Lucas no Evangelho da Senhora da Penha, *Beatus venter, qui te portavit.* Mas se a Penha junto com a neve se atribuhio a beneficio mayor, & se deraõ entaõ as graças de taõ grande beneficio, *Beatus venter.* Quando senaõ em hum dia todo de neves se devia tributar, & consagrar à Penha esta devota festividade. Nestas graças pois (a imitaçaõ de hum Templo, que sobre a neve, que entaõ cahio, ou no mesmo lugar, em que cahio a neve, se edificou a Máy de Deos) hoje que tambem he dia das Neves, lhe edificaremos, naõ hũ só Templo, senaõ muytos Templos. Tres cousas se haõ de advertir, que devem concorrer para hum agradecimento. vontade, lembrança, & cohecimento. Conhecimẽto por quem o beneficio se avalie, lembrança por quem o beneficio se recorde, vontade por quem o beneficio se gratifique.

Tres Templos se lhe podem formar, o primeyro, em o Entendimento, o segundo na Memoria, & o terceyro no Coraçaõ. No Templo do Entendimento a consideraçaõ rompera em assombros. No Templo da Memoria a recordaçaõ perpetuará os aplausos devidos à Senhora, & no Templo do Coracaõ o amor se apurará nos afectos. O Entendimento por ser potencia mais nobre, se deve esmerar no agradecimento, tributando-lho em o seu Templo. A Memoria em o seu, agradecerá à Senhora os seus beneficios, que por grandes, sempre se fazem dignos de eterna memoria. E o Coraçaõ com affectos agradecerá no seu Templo a Maria os seus favores. E assim o Entendimento dará tambem as graças à Senhora, naõ como as do mundo, que só saõ palavras, que saõ ar. A Memoria, o fará com aplausos, & o Coraçaõ o fará com affectos.

453 Caranjà he huma Ilha do Oriente, que dista quatro legoas, para diante de Chaul, & vesse ao longo da Costa, para a parte do Norte. Nesta Ilha tem a Ordem do Serafico Padre Saõ Francisco huma Residencia, daqual assistem os Religiosos àquellas Christandades. Na Igreja desta Resi-

den-

dencia se collocou huma Imagem da excelsa Emperatriz da Gloria Maria, a quem daõ o titulo da Penha por causa do sitio de sua manifestaçaõ. Era esta casa pequena, & limitada, como casa de Religiosos pobres, & aonde naõ assistem mais que o Vigario, & outros Missionarios daquellas terras dos Gentios circumvesinhas.

454 Neste Santuario se venera huma muyto milagrosa Imagem da Rainha dos Anjos, com o titulo da Penha, que he o com que de todos he buscada, & venerada. He de meyo relevo, esculpida em huma lamina de jaspe, ou marmore branco, a qual se manifestou, ou appareceo junto àquella mesma Serra, ou Penha, aonde os Religiosos tinhaõ a sua Ermida, & Paroquia. E este foy o seu primeyro Santuario. E sem duvida aludindo ao Sitio da Penha, aonde a Senhora apareceo, ou aonde a Divina Providencia a manifestou, para remedio daquellas gentes, lhe deraõ o nome, & titulo da Penha.

455 Logo no mesmo tempo que este precioso thesouro foy descuberto, (& verdadeyramente thesouro que a todos enriquece como diz Hesichio: *Thesaurus locupletens*, ou thesouro da saude, como lhe chama Theosterito *Thesaurus salutis*. E assim he na verdade, porque todos nas suas mayores infirmidades, tanto que recorrem ao seu Santuario, ou a invocaõ, a cobraõ facilmente) o foraõ depositar, ou collocar em a Ermida, ou Igreja que ficava em cima da Serra, ou da Penha, de que se lhe impoz o titulo. E começáraõ logo a ser taõ grandes os prodigios, que a poderosa maõ de Deos começou a obrar, que por muytos senaõ podiaõ reduzir a numero. Mas tambem nos Religiosos ouve muyto descuydo em naõ fazerem memoria dos mais principaes, de que teriamos agora o gosto de os referir. Com estas muytas, & grandes maravilhas que a Senhora continuamente obrava, se divulgou por todas as partes a fama dellas, & assim eraõ muytos, & grandes os concursos das Romagens, & como todos sahiaõ bem despachados no tribunal da sua clemencia,

Hesich. Orat. 2. de Deip. Theost. in canoñ conciliat.

os

os que recebiaõ os seus favores, movidos do grande agradecimento faziaõ àquella sua grande bemfeytora muytas, & grandes offertas. A' vista destas devotas liberalidades, se resolvéraõ os Religiosos, animados dos mesmos devotos da Senhora, a lhe edificar outra nova, & grande Igreja, capaz de todos os concursos; & porque eraõ muytos os milagres, que a Senhora obrava, & delles, lhe derao alguns o titulo; mas naõ lhe puderaõ tirar o titulo da Penha, & por isso ainda hoje quasi todos invocaõ a Senhora com o primeyro titulo. Está cuberto este Templo de ricas pinturas, adornadas com fermosas mulduras douradas, & assim se vem todas as paredes daquelle Santuario adornadas de muytos quadros, & tem muyto ricos ornamentos, & ainda hoje he continua a Romagem. Alli vaõ os Gentios; & os mesmos Mouros, duros, & obstinados na seyta do seu Alcoraõ, a reconhecer a grandeza, & o poder daquella Excelsa Rainha do Ceo, & lhe tributaõ as suas offertas de azeyte, & cera, & outras cousas mais, segundo a sua possibilidade, & tambem segundo a sua devoçaõ. E a Senhora lhes alcança sobre os grandes favores, q̃ lhe faz o mayor, q̃ he o da sua salvaçaõ, reduzindo-os à fé, & ao conhecimento do verdadeyro Deos, q̃ os criou, & q̃ os redemio.

456 Os Gentios nas festas que se celebraõ à Senhora, concorrem com muyta alegria, & vem com os seus instrumentos de ataballes, trombetas, & outros mais de alegria; & continuamente vem com as suas offertas. Quando o inimigo Sabagi entrou pelas terras do Norte, no anno de 1682. & tomou aquella fortaleza de Caranjá o Sacristaõ tirou a lamina da Senhora, & a meteo debayxo do braço, porque he pequena, & a podia assim esconder facilmente, & passando confiado na mesma Senhora pelo meyo dos inimigos, & sucedeo isto sem que elles o Cativassem, ou lhe fizessem algum dano. Mas como levava comsigo a Senhora, ella os havia de cegar para que nenhum delles o vissem sahir, & assim escapou a sagrada Imagem, que era o que mais se temia, porque como eraõ barbaros, & muytos delles

les Mouros, temia-se muyto, que a sagrada Imagem pudesse padecer alguma injuria, ou irreverencia. Passada aquella hostilidade se collocou outra vez a sagrada Imagem no seu Templo, aonde atè o prezente continua nas suas grandes maravilhas. Da Senhora da Penha faz mençaõ o Padre Mestre Fr. Faustino da Graça em a sua Relaçaõ manuscrita.

TITULO LXXVII.

Da Imagem de N. Senhora do Rosario da Ilha de Caranjá.

457 NA mesma Ilha de Caranjá, tem tambem os Religiosos Dominicos hũa Residencia, donde assistem os Religiosos della às Christandades do seu destrito. A Igreja desta Residencia, ou Vigayraria dedicaraõ à Rainha dos Anjos, com o titulo de nossa Senhora do Rosario. Foy este sitio,& destrito herança com outras mais terras, que hum devoto deyxou ao Convento de Chaul, dos mesmos Padres Dominicos, com obrigaçaõ de alguns sufragios. Nesta Residencia, ou Vigayraria, & na Igreja que fizeraõ, collocáraõ logo huma Imagem de nossa Senhora do Rosario, & foy isto pelos annos de 1560. pouco mais, ou menos. Com esta Senhora tem os moradores daquella povoaçaõ muyta devoçaõ, & a Senhora lha sabe merecer com os muytos favores que a todos reparte, mas naõ referimos nenhum, em particular, pelos naõ achar escritos. Desta Senhora faz muyto breve mençaõ o Padre Fr. Luis de Sousa na sua Historia Dominicana part. 3. l. 5. c. 15.

TITULO LXXVIII.

Da Imagem de nossa Senhora de Penha de França de Diu.

458 HE a Senhora de Penha de França huma pedra taõ preciosa, ou muytas pedras preciosas; quaes

quaes saõ as suas Imagens, que se veneraõ, em os muytos Santuarios, que tem em todo o mundo, aonde resplandecem com maravilhas, quantas obra para favorecer, & remediar a todos, em toda a parte do mundo. Em Portugal favorece, em Castella remedea, em França patrocina, socorre na Italia, ampara na India, no mar acode, & em todo o lugar assiste. Pauleto dis que a Senhora da Penha, naõ he huma só pedra; mas que he tantas, quantas saõ as letras do seu nome: *Quæ vis litera hujus nominis Maria lapidem mihi referre videtur.* Cada huma destas letras he huma Penha, & he huma mina de preciosas pedras. A primeyra letra do seu Santissimo nome he M, que corresponde à pedra *Margarita*, a segunda he A, *Adamas*, a terceyra he R, à pedra *Rubinus*, a quarta he I, que corresponde à pedra *Jaspis*. E a ultima, que he A, corresponde à pedra *Ametistus*. Ouçaõ a Pauleto: *Per M, significatur Margarita, per A, Adamas, per R, Rubinus, per I, Jaspis, per A, denique Ametystus.* E assim se multiplicaõ as pedras, para que em muytas partes se multipliquem os seus Santuarios para em cada hum delles fazer huma botica de remedios, porque em cada huma dellas acha o enfermo saude, o desconfiado remedio, o morto vida, a esteril sucessaõ, o pobre sustento, o pleytante despacho, o desesperado socorro, o afflicto alivio, os navegantes seguro porto, os cativos liberdade, os endemoninhados descanço, o peccador graça pela contriçaõ da culpa, & o justo gloria: que ha mais que desejar? Tudo se acha em Maria, & na sua Penha, tudo nella he doce, porque he Penha que destilla mel. *Mel de petra.*

Paulet. tom. 2. de Fest. Sanct.

459 A Cidade, & Ilha de Diu, fica na boca da grande enceada, que della tomou o nome. Nesta Cidade ha Conventos de todas as Religioens, que ha na India, porque em outros tempos foy muyto opulenta. E nelle teve o primeyro lugar a Religiaõ dos Padres Dominicos. Fóra da Cidade tem os Religiosos desta santa familia algumas casas de Residencia, como he a de nossa Senhora da Saude, & a de

nossa

nossa Senhora de Penha de França de que agora tratamos, que se edificou naquelle sitio, em que hoje se vé, & que fica muyto mais perto da Cidade. Esta casa creyo se edificou em memoria daquelle notavel Santuario que a Religiaõ Dominicana tem em Castella a velha, em a Serra de Penha de França. He esta casa da India de muyto grande devoçaõ, & a ella concorrem naõ só os Portuguezes, mas os naturaes daquellas terras, com grande devoçaõ.

460 He esta casa grande, & ayrosa, de boa architectura, & toda fechada de abobada, aonde assistem os Religiosos, q̃ tem o titulo de Pays dos Christãos; porque tem por sua conta o augmento daquellas Christandades, naõ só para conservar os q̃ já saõ Christãos, mas para procurar com grande cuydado a conversaõ dos Gentios. Tem estes Religiosos por favor d'el-Rey o Privilegio de receberem de todas as embarcaçoens que entraõ por aquella barra com mantimentos, como trigo, arroz, & milho, huma certa medida, que leva pouco mais de hum alqueyre de cada genero, & como saõ muytas as embarcaçoens, que entraõ, para aquelle porto, vem a ter esta portagem, digamolo assim, ou tributo, huma grande ordinaria, para o sustento daquelles Religiosos, & dos do Convento da Cidade, a quem aquella Residencia, ou Vigayraria he anexa. Esta casa da Senhora de Penha de França, he antiga, porque se fundou pelos annos de 1550. pouco mais, ou menos. Obra esta misericordiosa Senhora muytos prodigios, & maravilhas em todos os que se sabem valer do seu patrocinio, & assim a buscaõ em suas necessidades, & apertos, & todos achaõ na sua piedade, & clemencia tudo o de que necessitaõ. Da Senhora de Penha de França escreve ainda que muyto sucintamente o Padre Fr. Luis de Sousa na sua Hist. Dominicana part. 3. liv. 5. cap. 16.

TITULO LXXIX.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora do Monte de Bandurà.

461 NAs terras do Norte, ou na Ilha de Salſete do Norte, que tem vinte legoas de circunferencia, como já diſſemos, tem os Portuguezes huma Aldea, que he chamada dos naturaes da terra Bandurà, em cuja Paroquia, que pertence aos Padres da Sagrada Companhia de Jeſus, & elles ſaõ os que como Parocos adminiſtraõ os Sacramentos àquelles Chriſtãos. He eſta Igreja dedicada à ſoberana Rainha da Gloria Maria Santiſſima, com a invocaçaõ de noſſa Senhora do Monte, & foy fundada pelos meſmos Padres, no anno de 1566. He eſta Senhora a conſolaçaõ, & o alivio de todos aquelles Indios, & Portuguezes; porque he o ſeu Santuario huma Piſcina mais excellente, que a Probatica, porque he hum univerſal remedio de todos os malles, doenças, & enfermidades. Naõ he hum ſó enfermo, o qùe alli alcança a ſaude, que pertende, mas todos aquelles, que recorrem àquella Senhora Clementiſſima, que he a univerſal medicina de todas as noſſas enfirmidades, como a intitula o Geometra: *Medicina ægritudinum noſtrarum.* O meſmo he hir a viſitar a Senhora do Monte, que ſahir da ſua preſença cada hum dos enfermos, livre de todos os malles, & queyxas que padece.

462 No tempo em que foy Viſo-Rey da India o Almotacel mòr, Antonio Luiz Gonçalves Coutinho, entráraõ na Aldea de Bandurà os Arabios; & aonde foraõ primeyro, foy ao Santuario da Senhora do Monte, perſuadidos, de que nelle achariaõ recolhidas muytas riquezas. Eſtava aquelle Santuario adornado de ricas pinturas, guarnecidas, & ornadas de ricas mulduras de talha dourada; effeyto da grande devoçaõ, & tambem das muytas, & grandes eſmollas, que ſe offereciaõ à Senhora, em acçaõ de graças dos

gran-

grandes beneficios, & favores que ella fazia aos seus devotos. Os Arabios persuadidos, que tudo o que viaõ eraõ chapas, & laminas de ouro, começáraõ a cortar as molduras, mas vendo o seu engano, & que tudo o que viaõ era pao dourado, intentáraõ pór o fogo à Igreja, para reduzirem tudo em cinzas, & quanto na Igreja estava. Para isto foraõ buscar muyta lenha. Mas a Senhora o naõ sofreo, castigando o desacato, & a sua iniqua resoluçaõ, mandando hum notavel exercito de soldados bem armados, que os fez desalojar bem depressa. Veyo hum exercito de abelhas que invistiraõ com os Arabios, aos quaes fizeraõ fugir bem depressa; porque as feridas que nelles abriaõ com os seus aguilhoens eraõ mais sensiveis, do que se fossem lançadas de seus inimigos, & assim desesperados fugiraõ; & como estas abelhas eraõ Ministros da Justiça Divina, ou soldados mandados pela Mãy de Deos, os seus golpes haviaõ de ser mais doloridos, & as feridas mais penetrantes. Assim defendeo a soberana Senhora a sua casa, naõ consentindo, que os Arabios executassem a sua danada resoluçaõ. Taõ crueis eraõ as picadas, & taõ vehementes as dores, que tudo deyxáraõ, & ainda as armas que trasiaõ, sem causar dano algum.

463 Estava a Senhora collocada, em o seu lugar, que era no meyo do retabolo do Altar mòr, & no mesmo lugar ficou; porque como acudiraõ aquelles seus Archeyros armados de taõ agudos dardos, a defendella, temerosos os inimigos das suas armas, naõ tiveraõ lugar de chegar aonde a Senhora estava. He esta Santissima Imagem da Senhora da proporçaõ natural de huma mulher, he de escultura de madeyra estofada, obrada com grande perfeyçaõ. Sobre o braço esquerdo tem ao Menino Deos. Naõ me constou nada da sua origem, nem em que tempo se collocou naquelle Santuario, nem o dia em que se lhe faz a sua festividade, que será sem duvida no dia de sua Assumpçaõ. Da Senhora do Monte escreve o P. M. Fr. Faustino da Graça em a sua Relaçaõ, que nos inviou.

TITULO LXXX.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora da Aſſumpçaõ da Villa de Maim.

464 EM as meſmas terras do Norte, & Ilha de Salſete, tem o Senhorio Portuguez huma Villa a quem daõ o nome de Maim, que fica na coſta para o Norte da Cidade de Baçaim em diſtancia de quatro legoas. Na ſua Matriz, & Paroquia he tida em grande veneraçaõ a ſagrada Imagem, Numen, & Patrona da meſma Igreja, a Senhora da Aſſumpçaõ, com quem toda aquella Villa tem muyto grande devoçaõ; porque eſta Senhora naõ ſó ampara, & defende aos ſeus moradores de todos os incurſos de ſeus inimigos, mas em todas as mais affliçoens trabalhos, & enfirmidades, ella he o ſeu refugio, & remedio, & aſſim a ella recorrem logo, & nunca ſahem defraudadas as ſuas eſperanças, porque ſempre conſeguem os bons deſpachos que pertendem.

465 Sendo Viſo-Rey do Eſtado da India pelos annos de 1682. o Conde de Alvor Franciſco de Tavora, entrou nas terras do Norte o Sabagi, & neſta occaſiaõ intentou tomar a fortaleza, & Villa de Maim, & aſſim lhe poz cerco, mas por mais, que trabalhou a naõ pode tomar, porque tinhaõ os cercados huma muyto valente, & animoſa Capitoa, que os defendia, & animava. Eſta Senhora naõ os animava (ficando na praça) para reſiſtirem aos ſeus inimigos; mas ella meſma os acompanhava ſahindo com elles ao campo animando-os a deſtruir aos inimigos. E foy tanto o que os atemorizou, que os fez levantar o campo, & fugirem aos golpes, que ſobre elles deſcarregava.

466 Os meſmos inimigos confeſſáraõ depois, que hũa mulher muyto fermoſa, & reſplandecente hia diante de todos, & que ella os feria, perſeguia, & fizera fugir, & levan-

tar

tar o cerco. Neſte meſmo tempo ſe vio naquella ſagrada Imagem huma eſtrella na teſta muyto grande, & reſplandecente, clara demonſtraçaõ, de que com a ſua proteçaõ, & defenſa, nunca contra aquella fortaleza poderiaõ temer as hoſtilidades do inimigo, & os cercos do Rey Savagi. Eſte reſplandecente aſtro foy viſto no roſto, & face daquella excelſa Senhora, por eſpaço de muytos mezes. Mas tambem os moradores daquella Villa eſtaõ obrigados a ſervilla com muyto eſpecial devoçaõ, & fedelidade, que conſiſte em naõ offenderem a Deos, porque deſta ſorte ſe faraõ ſempre dignos da ſua proteçaõ.

467 He eſta ſagrada Imagem da Senhora, de eſcultura formada primoroſamente em madeyra, & eſtofada de ouro. A ſua eſtatura ſaõ cinco para ſeis palmos, eſtá com as mãos levantadas, & com o ſeu fermoſo roſto alguma couſa elevado, parece eſtar rogando, & implorando do Ceo os auxilios, & bens delle, para todos aquelles ſeus devotos, que a ſervem, & veneraõ. A ſua celebridade ſe lhe faz em quinze de Agoſto. Eſta caſa da Senhora he Vigayraria, & pertence à Ordem dos Prégadores, & os ſeus Religioſos ſaõ os que ſervem a Senhora, & adminiſtraõ os Sacramentos, como ſeus Parocos aos moradores. Da Senhora da Aſſumpçaõ faz mençaõ na ſua Relaçaõ o Padre Meſtre Fr. Fauſtino da Graça, & o Padre Fr. Luiz de Souſa na ſua Coronica Dominicana part. 3. l. 5. cap. 16.

TITULO LXXXI.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora das Anguſtias da Aldea de Danum.

468 EM as meſmas terras do Norte, & nas viſinhanças da Cidade de Chaul, entre as Aldeas que alli tem o Senhorio Portuguez, huma dellas he a quem daõ o nome de Danum. Eſta povoaçaõ pertencia ao Reyno de

Guſarate, ou Cambaya, cujo dominio era antigamente do Mogor, & chegava à Ilha de Salſete do Norte. A Igreja deſta Povoaçaõ he dedicada à Rainha dos Anjos, & nella ſe venera huma muyto milagroſa imagem ſua, a quem muyto veneraõ, & invocaõ com o titulo das Anguſtias. Tendo eſta Senhora hum titulo de tanta pena, he para todos aquelles moradores, a conſolaçaõ, & alivio; porque em todos os ſeus trabalhos, tribulaçoens, recorrendo a piedade deſta Senhora, que no mundo padeceo as mayores penas, & affliçoens, à ſua viſta todos ſe alegraõ, & conſolaõ.

469 Pelos annos de 1682. Sendo Viſo-Rey da India o Conde de Alvor, Franciſco de Tavora, deſceo o Savagi, & entrou com hum poderoſo exercito por todas as terras do Norte, deſtruindo tudo a ferro, & fogo; & chegando a Aldea, & povoaçaõ de Danum, a quiz deſtruir, & aſſolar, como havia feyto a outras muytas. Os naturaes ainda que eraõ poucos, para reſiſtir à multidaõ dos inimigos, que os haviaõ de combater, ainda aſſim ſe fortificáraõ com tranqueyras, & paliçadas, para ſe defenderem em quanto pudeſſem. Mas como os inimigos eraõ muytos mil, & vinhaõ naõ ſó bem armados, mas inſolentes, & elles eraõ muyto poucos para a reſiſtencia de tantos. Neſtes grandes apertos em que ſe viaõ, ſe foraõ valer da piedade da ſua protectora a Senhora das Anguſtias, & lhe pediraõ com muyta humildade, & naõ pequena afliçaõ lhes valeſſe, & os livraſſe de cahirem nas mãos de taõ cruel, & inſolente inimigo, & q̃ naõ deſemparaſſe aquella Povoaçaõ, que eſtava debayxo da ſua protecçaõ. Neſte tempo, viraõ que a Senhora largava huma das eſpadas, que tinha no ſeu peyto. Como quem lhe dizia, ſe vos faltaõ armas, para vos defender de voſſos inimigos; ahi tendes eſſa minha eſpada, ide, & com ella os vencereis, que eu tambem vos ajudarey, para que os vençais, & aſſim naõ temais, ide confiados em mim que eu ſerey em voſſa compahia.

470 A' viſta deſte portento, ſe animàraõ grandemente, conhe-

conhecendo certamente naquelle final, que a Senhora lhe dava, que ella os havia de defender, & livrar de seus inimigos. Forão muyto animados, levando como por bandeyra aquella espada da Senhora, & de tal sorte se defendérão das suas tranqueyras, & offendérão aos inimigos, que elles se retirárão, com o temor, de que os de Danum erão muytos mais do que elles imaginavão, & que estavão bem intrincheyrados. E sendo como na verdade era muyto poucos, a Senhora parece que mandou aos muytos que os inimigos virão, & de cujo temor se afastarão. E como a Senhora dos Exercitos os quiz defender, & amparar, & pela grande confiança que nella puzerão mandaria a muytos Anjos, que os fossem ajudar, & defender, & com a sua vista infundirão tão grande temor, & pavor nos inimigos, que logo desampárão o posto, & se retirárão a toda a pressa. Que estas maravilhas costuma fazer a Mãy de Deos a favor dos seus devotos.

471 Está collocada a Senhora das Angustias na Capella mòr, como Patrona, & Numen especial daquella sua casa, & lugar. He de estatura de huma perfeyta mulher, & tem sete espadas, em representaçaõ das Angustias que penetrárão o seu coraçaõ, na pena que experimentou, em aquellas que via padecer a seu Santissimo Filho, encravado em a Cruz. Da sua origem, & principios naõ pudemos descubrir nada com certeza, nem do tempo em que se lhe dedicou aquella casa, que seria logo, que se tomàrão aquellas terras. Da Senhora das Angustias faz mençaõ o P. Fr. Faustino da Graça na sua Relaçaõ.

TITULO LXXXII.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora do Rosario dos Rios de Sena em Africa.

472 SE quizermos saber que cousa seja o Rosario da Mãy de Deos, que he a devoçaõ de que ella muy-

muyto se obriga: dirnos-ha a mesma Senhora, que he huma muyto proveytosa oraçaõ composta de Padre nossos, & Ave Marias. Para esta solenidade do Rosario nos dá o Evangelista Saõ Lucas o Thema nas palavras: *Beatus venter qui te portavit*. E a Divina Sabedoria em comparar o Evangelho a hum thesouro escondido no campo, nos ensina que este thesouro he o Rosario da Senhora. Na ocasiaõ em que estas palavras, *Beatus venter*, foraõ ditas, obrou Christo aquelle estupendo milagre, chamado vulgarmente do diabo mudo, E neste sucesso ao parecer taõ diverso, se descobre hum grande thesouro, que he a origem do Rosario, & seus progressos, naõ por alegorias, nem metaforas, senaõ propria, & literalmente. Em primeyro lugar se vé alli literalmente a primeyra origem deste descuberto thesouro, & em segundo, a guerra cruel que logo lhe intentou fazer o demonio, em terceyro as vitorias que por meyo delle se alcançaõ contra o inferno. E em quarto, finalmente as acclamaçoens, & louvores, que devemos dar a nosso Senhor Jesu Christo, & a sua benditissima Mãy, como Authora de taõ celestial obra, disposta, & formada a nosso favor, para que por meyo della mereçamos aquelle fim com que a Senhora solicitou para nòs este taõ perfeyto meyo da nossa salvaçaõ.

473 Pelo grande Rio Zambeze acima na terra firme da Cafraria, ou do Monomotapà, & sessenta legoas da sua grande boca, para cima, tem os Portuguezes huma fortaleza, a quem dizem alguns, se lhe impuzera o nome de Sena, por se descubrir, ou por se fundar em dia da gloriosa Santa Catherina de Sena. Outros querem, que este nome de Sena, fosse mais antigo, & proprio do mesmo lugar. Os Religiosos do Patriarca Saõ Domingos, que saõ aquelles a quem pertencem estas Christandades, & Missoens, aproveytando-se da mesma occasiaõ, que tiveraõ os Capitaens (se he verdadeyra a primeyra opiniaõ) para a fundaçaõ da fortaleza secular, tomáraõ elles para levantar outra espiritual, fazendo, & dedicando no mesmo sitio huma casa à gloriosa Santa Virgem.

gem Senenſe. Nella erigiraõ tambem huma Capella, que dedicáraõ à Virgem noſſa Senhora do Roſario, & juntamente huma Confraria, aonde naõ ſó concorrem os Portuguezes, que alli aſſiſtem, mas os Chriſtãos da terra. E a Senhora logo que alli foy collocada começou a obrar a favor de todos muytas maravilhas, remediando ſuas neceſſidades, & aliviando-os em ſeus trabalhos, & enfermidades.

474 He eſta Santiſſima Imagem da Senhora de eſcultura de madeyra, que os Religioſos mandáraõ fazer à Cidade de Goa, & tem em os ſeus braços ao Menino Deos. Naõ ouve atégora quem das ſuas maravilhas fizeſſe memoria, poriſſo de nenhũa dellas tambem a podemos fazer, nem nos cõſtou qual foy o Religioſo que a collocou naquella ſua Capella, nem o tempo em que ſe fez a ſua collocaçaõ. Eſta fortaleza, & a de Fete pertencem à juriſdiçaõ dos Governadores de Sofalla. Da Senhora do Roſario dos Rios de Sena, faz muyto breve mençaõ o Coroniſta da Ordem de Saõ Domingos o Padre Fr. Luis de Souſa como ſe vé na ſua Hiſtoria part. 3. l. 5. c. 24.

TITULO LXXXIII.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora do Roſario da Fortaleza de Fete.

475 PElo meſmo Rio Zambeze acima outras ſeſſenta legoas, & cento & vinte da ſua grande foz, (& daqui ſe entenderá a grandeza deſte poderoſo Rio, que he tanta, & o ſeu comprimento taõ dilatado, que deſte ſitio de Fete atè à ſua fonte vaõ ainda muytos centos de legoas, & todo navegavel) Em a meſma terra de Cafraria, ou Monomotapa, tem tambem os Portuguezes outra Fortaleza, q̃ fundáraõ junto às margens do meſmo Rio, em hum ſitio, ou Povoaçaõ chamada Fete, que tambem pertence aos Governadores de Sofalla. Neſte meſmo ſitio que tambem fica da meſma parte de cima, fundáraõ os meſmos Religioſos Domini-

minicos outra Residencia, aonde levantaraõ huma Igreja, que dedicaraõ à Virgem Maria nossa Senhora debayxo do titulo do seu Rosario. Tambem nesta fundaçaõ foy taõ escaço nas noticias o seu Coronista, que nem o titulo da casa da Senhora nos declarou na sua Historia, referindo que naquella mesma Igreja, que alli tem a sua Ordem, se eregiraõ duas Confrarias; a primeyra dellas, que fora erecta, & dedicada a nossa Senhora da Conceyçaõ, cuja Imagem se venera naquella mesma Igreja, & a segunda a Santo Antonio. E havendo mais outra que se eregio debayxo do titulo de nossa Senhora do Rosario, desta naõ faz nenhuma mençaõ. Naõ teria della noticia, ou será muyto mais moderna.

476 Nesta Igreja pois se levantou hũa Capella q̃ os Religiosos dedicáraõ à Virgem Senhora do Rosario, aonde collocáraõ huma Imagem sua, que sem duvida mandariaõ fazer a Goa, & depois que naquelle lugar foy collocada começou a poderosa Mãy de Deos a obrar infinitas maravilhas, pelos merecimentos de sua Mãy Santissima, como o testemunha o Padre Francisco de Sousa. A esta Piscina da saude concorrem, naõ só os Christãos, & os Portuguezes, que se acham por aquellas partes, mas ainda os Gentios; porque a todos comunica, & reparte esta grande Senhora os seus favores, porque buscando-a em suas enfirmidades, ou invocando-a, em tudo acham alivio, & remedio. Desta Senhora faz mençaõ o Padre Mestre Francisco de Sousa da Sagrada Companhia em o seu Oriente Conquistado tom. 1. pag. 834.

TITULO LXXXIV.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora do Rosario, da Cidade de Moçambique.

477 NAõ ha sucesso de guerra, naõ ha conflito de mar, aonde valendo-se os homens das poderosas armas do santo Rosario de Maria, q̃ com ellas naõ ven-

çaõ

çaõ aos inimigos na terra, & naõ deſtruaõ, & desbaratem as armadas no mar, porque Maria com o ſeu ſanto Roſario, tudo vence, tudo deſtroe a favor dos ſeus devotos, que a imploram, confiando nella, com viva fé. Iſto ſe verá com muyto clara experiencia, na Senhora do Roſario da Ilha de Moçambique.

478 A Ilha de Moçambique fica em a altura da linha Equinocial, quinze para dezaſeis graos, para a parte do Norte. E diſta novecentas legoas da Cidade de Goa. Eſtá ſituada na Cafraria, ou Etiopia alta, arrimada à coſta, que corre do Cabo de Boa Eſperança contra a India. He eſta Ilha todo o refugio, & todo o alivio (ainda ſendo o clima taõ mao) aos Portuguezes, quando chegaõ a ella nas naos que vaõ para a India, depois daquella taõ dilatada viagem, de quatro mil & tantas legoas de navegaçaõ. Aqui neſta Ilha fundáraõ os filhos do Patriarca Saõ Domingos hum Convento, de que foy fundador Dom Luis de Ataide, na ſegunda vez que foy por Viſo-Rey daquelle Eſtado. Deo-ſe principio à obra no anno de 1570. E quiz o Fundador, que o Convento foſſe dedicado a noſſa Senhora do Roſario, crendo certamente, que em lhe levantar naquella praça hum Altar em que ella foſſe ſervida, & venerada, lhe erigia a melhor fortaleza contra todos os ſeus inimigos. E bem o moſtrou aſſim o tempo, porque a Senhora moſtrou depois nos grandes favores, que fez àquelles moradores, que ella era o ſeu mayor preſidio, & a ſua mais forte defenſa.

479 Continuáraõ-ſe as obras da Igreja, & trabalhava nellas por Meſtre hum Gentio, com eſte fizeraõ os Religioſos grandes diligencias, para que ſe bautizaſſe, & fizeſſe Chriſtão, mas por mais que o apertavaõ, naõ difiria as petiçoens que ſe lhe faziaõ. E ſó dizia, Santunayque: (eſte era o ſeu nome gentilico) que elle ſeria Chriſtão, quando a ſua hora chegaſſe. Mas como travalhava na caſa, & no ſervico da Senhora do Roſario, ella lhe havia de dar huma hora muyto feliz. Deo-lhe Deos huma grave doença, & com ella

ref-

reſplandeceo na ſua alma huma luz, com a qual, ſem que ninguem lho lembraſſe, mandou chamar aos Religioſos, & com a meſma palavra com que ſe deſculpava, quando reſiſtia às ſantas admoeſtaçoens, que elles lhe faziaõ, lhes diſſe, que era chegada a hora, & que queria receber o Santo Bautiſmo, & ſer Chriſtão. E teve tao grande ventura, que acabando de receber o Santo Bautiſmo, ſe lhe chegou a hora de voar, para o Ceo, como piamente ſe póde crer. Que aſſim paga a Senhora do Roſario, aos que ſervem na ſua caſa.

480 Acabadas as obras foy collocada a Imagem da Senhora com grande feſta, em a ſua Capella, aonde logo começou a obrar muytos prodigios, & maravilhas; & os moradores, que logo ſe aſſentáraõ todos por ſeus Confrades, ſe deſvelavaõ em a ſervir, & a buſcavaõ em todos os ſeus trabalhos, & ſempre achavaõ na Senhora alivio, & conſolaçaõ; porque aſſiſte eſta miſericordioſa Senhora a todos com grande promptidaõ, & a todos os que a invocaõ, & chamaõ em ſeus trabalhos. Com eſta Senhora teve muyto grande devoçaõ huma nobre Jaòa Chriſtã, & rica, a qual com a ſua fazenda ajudou muyto os augmentos da quella caſa da ſoberana Rainha do Ceo, & gaſtava tambem muyto com os Religioſos. Chamava-ſe Violante, & toda a ſua vida continuou ella, & ſeu marido (que foy hum devoto Portuguez chamado Pedro de Souſa Camello) em o ſerviço da Mãy de Deos, & em outras muytas obras de piedade, que a Senhora lhe pagaria muyto de contado.

481 Por grande favor da Senhora do Roſario, ſe teve o grande valor com que os poucos Portuguezes daquella fortaleza, aſſiſtida dos Religioſos Dominicanos, Capellaens da Senhora reſiſtiraõ a dous cercos, em que os Olandezes intentáraõ tomar aquella praça, foy o ſuceſſo neſta fórma. Em conſelho pleno aſſentou a Republica de Olanda, & a ſua companhia, que lhes eſtaria bem para ſegurar os roubos, que na India Oriental faziaõ ſuas armadas, & enfraquecerem o poder dos Portuguezes nella, fazerſe ſenhora da Ilha de Moçambi-

çambique, unico refugio das naos, que della navegaõ para a India. Apreſtáraõ huma armada de treze velas, & nomeáraõ por General della a Paulo Van-Carden, Capitaõ experimentado naquellas viagens; & taõ pratico, & certo do pouco poder, & força, que havia na Ilha, que cotejando com ella a muyta, & boa gente que levava, nas treze naos que offereceo aos Miniſtros, q̃ o mandavaõ, naõ ſó tiralla das mãos dos Portuguezes; mas que deſde logo, como de Praça já ſua, & ſubdita aos eſtados de Olanda, fazia della ſua homenagem, ſe lha quizeſſem dar em guarda, & aceytarlhe a obrigaçaõ, que fazia, porque tinha por certo naõ haveria reſiſtencia em Moçambique.

482 Corria o anno de 1607. quando com igual ſoberba, & golodice de huma, & outra parte ſe concertáraõ Paulo Van-Carden, & ſeus mayores, lançando em ſeus livros mais huma Praça de novo, em a India Oriental, & Governador della a Paulo Van-Carden. Aſſim foy ſua vaidade ſoberba, & de todos ſeus companheyros em quanto naõ chegáraõ a tentalla. Paſſou o General Paulo Van-Carden com boa viagem, a ſua navegaçaõ. Entrou no porto, deſembarcou confiado a ſua gente, prometendo-ſe vitoria ao terceyro dia. Era aquella fortaleza mais ſombra de fortaleza, que praça defenſavel, poucos ſoldados, & eſſes meyo conſumidos dos peſtiferos ares, & ſol ſempre ardente da Zona torrida. O ſitio hum campo razo: Mas como refere Plutarco, diſſe bem Antigono a hum, que o advertia de que eraõ muytas mais as naos dos inimigos do que as ſuas. *Se fazeis boa conta* (Reſpondeo) *dizey-me por quantas naos numerais a minha peſſoa.* Aſſiſtia na Fortaleza por Capitaõ della, & da de Sofalla, D. Eſtevam de Ataide, Fidalgo de grande valor. Valeo ſua peſſoa (favorecido da Senhora do Roſario,) & dos bons companheyros, ainda que poucos, para fazer retirar a Van-Carden com mais preſſa, do que tinha obrigaçaõ, pela homenagem dada, & com muyta gente morta, & reputacaõ perdida. Porque os noſſos, como gente que ſabia, que ſeus braços

Plutarch. in vita Palop.

haviaõ

havia de ser os verdadeyros muros da sua defeza, sahiraõ de dia, & de noyte, como leoens a offender, & assaltear ao inimigo, & de sorte o fizeraõ que temendo Van-Carden ficar cercado de cercador, ouve por seu conselho largar a terra, & embarcarse, & dar à vella com os seus, os quaes senaõ foraõ taõ enlutados com o sentimento dos muytos mortos que deyxáraõ se foraõ rindo da demasiada confiança, & muyta soberba de Paulo Van-Carden, que taõ facil lhe pareceo vencer aos poucos Portuguezes.

483 Muyto mayor graça teve o succesſo do anno seguinte de 1608. Como os Estados de Olanda se davaõ por senhores da Ilha de Moçambique, despacháraõ atraz do Van-Carden a Pedro Blens, na entrada do referido anno, com outra boa armada, & ordem para que de caminho visitasse a nova Conquista, & os seus Conquistadores. Chegou este a Moçambique, & com a certeza de achar a terra por sua entrou de festa, lançando muytas bandeyras, flamulas, rabos de gallo, & galhardetes, com salva de artelharia, como se entrasse no porto da sua Batavia, ou em Frangelinguas. Porèm respondéraõ-lhe os da Ilha de sorte, & achou tudo tanto ao contrario do que imaginava, que no primeyro acometimento em que foy visitado com sangue dos seus, resolveo comsigo, que lhe convinha logo despejar o porto a toda apressa. E assim o fez, porque se o naõ fizera, se arriscára a sahir muyto peyor, que o Van-Carden. Naõ sabiaõ que estava naquella Ilha a Senhora do Rosario, & que era o Patrocinio, & a defensora della.

484 Da mesma Ilha de Moçambique sahio huma nao, que vinha da India para Portugal, petrexada com a devoçaõ da Senhora do Rosario de Moçambique, a qual chegando à Ilha de Santa Elena, aonde costumaõ refrescarse os mareantes, de taõ larga, & comprida navegaçaõ (que para taõ frequentada, he a mayor que se tem reconhecido no mundo.) Achou a nao alli na Ilha huns navios Olandezes, com os quaes se tratou huma cruel, & sanguinolenta peleja. Todos

dos os Portuguezes assim soldados, como mercadores, & marinheyros tinhaõ elegido por sua advogada, & defensora a Senhora do Rosario, escrevendo-se por seus Confrades, por conselho do Padre Mestre Fr. Joaõ dos Santos, Religioso Dominicano, que vinha na mesma companhia. E traziaõ tambem huma Imagem da Senhora do Rosario no Altar da nao, & outra pendente do mastro grande, à vista de todos. Acudiaõ huns, & outros a encomendarse à soberana Rainha dos Anjos, com muyta fé, & devoçaõ, & com a sua presença se animáraõ a pelejar contra os herejes. E com o patrocinio, & assistencia da Senhora foy a vitoria milagrosa; porq̃ destruindo aos inimigos, naõ morreo, nem ficou ferido nenhum dos Catholicos, passando muytas ballas de artelharia por entre elles, morrendo muytos dos herejes. Hũa balla de artelharia entrou pelo meyo de sete homens dos mysticos, que estavaõ carregando huma pessa, & sendo de ferro coado a balla, & que pezava trinta & duas libras, a nenhum fez dano. Outra passou por entre os pés de hum official da nao, & tambem lhe naõ fez dano algum. Outras cousas maravilhosas succedéraõ naquella occasiaõ, nos quaes escapáraõ todos sem encontrarem o menor perigo, por favor, & mercé de nossa Senhora do Rosario. E destruiraõ aos inimigos, & alcançáraõ delles huma milagrosa vitoria, o que succedeo em 25. de Abril do anno de 1600. E escreve este succesſo o P. Fr. Joaõ dos Santos, no livro 4. da sua Histor. c. 24. E da Senhora do Rosario de Moçambique, escreve o Padre Fr. Luis de Sousa na sua Historia de S. Domingos de Portugal part. 3. l. 5. c. 13. & outros.

TITULO LXXXV.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora com o glorioso titulo da Madre de Deos de Sofalla, Residencia da Ordem de Saõ Domingos.

485 DEpois que os Religiosos da Ordem do Patriarca Saõ Domingos fundáraõ o seu Conven-

to

to da Ilha,& Cidade de Moçambique, com o grande zelo de encaminhar para o Ceo aos Ethiopes, & Cafres da Ethiopia alta, ou Cafraria, & Imperio do Monomotapa: sahiraõ do Convento do Moçambique alguns Religiosos de grande espirito, a converter aquelles gentios, que viviaõ juntos aos lugares das nossas Fortalezas, & aos mais aonde podiaõ chegar, em aquellas vastas regioens do Monomotapa. Para Sofalla foy o Padre Frey Joaõ Madeyra, varaõ de grande zelo da salvaçaõ das almas, aonde converteo a muytos daquelles Gentios, & ajudou tambem aos Portuguezes, que por causa de seus tratos viviaõ por aquellas terras. Tinha este Padre de confissaõ mais de seiscentas almas, & como era muyto velho, suspirava por ter algum, companheyro, que o ajudasse em taõ grande trabalho. E nosso Senhor, lhe deo hum como elle desejava; porq̃ era tambem muyto fervoroso, & desejava meter a todos no Ceo. Com a sua companhia se animou o santo velho, & logo tratou de edificar, & dedicar a N. Senhora duas casas, ou Ermidas, que fossem as Residécias, de donde pudessem sahir a doutrinar, & a converter aquelles Gentios, & administrar aos que já eraõ Christãos os Sacramentos. A primeyra que dedicou a N. Senhora, foy com o titulo de N. Senhora do Rosario, dentro da povoaçaõ, & a segunda levantou em hum Palmar, que era dos mesmos Religiosos. Esta dedicou tambem à Senhora com o titulo da Madre de Deos. E parece que o sitio (por ser muyto alegre, & fresco) o escolheo a soberana Senhora, para Theatro de suas grandes maravilhas, & prodigios; porque logo começou a obrar tantos que naõ tinhaõ numero.

Era o Padre Fr. Joaõ Madeyra devotissimo de nossa Senhora, & quando ouve de lhe dedicar aquellas duas casas, mandou logo fazer duas Imagens da Rainha dos Anjos, ao que parece a Goa, aonde havia bons escultores, & tanto que as Igrejas se acabáraõ, foraõ logo collocadas nos seus Altares. A Imagem da Madre de Deos, naõ só a favor dos Christãos obrava os seus grandes prodigios, & maravilhas, assim

nos

nos Portuguezes, como mysticos,& Indios, mas tambem em favor dos Gentios, & Mouros, porque destes (que he o mayor milagre, o quererem valerse dos seus soberanos poderes) forão muytos taõ ditosos, que merecéraõ, que a Senhora lhes concedesse naõ só o que pediaõ temporalmente; mas que ella lhes alcançasse de nosso Senhor, o resplandecer em suas almas a verdadeyra luz da fé; para que conhecessem, & confessassem a nosso Senhor Jesu Christo, por seu Criador, & Redemptor, pois movido de amor, por remedio de suas almas deu a vida em a Cruz.

486 O Padre Fr. Luis de Sousa, confessa em a sua Historia da Provincia Dominicana de Portugal, que de Gentios, & Mouros, bautizára o Padre Fr. Joaõ Madeyra mais de mil, & que o seu companheyro o Padre Fr. Joaõ dos Santos, dera o sagrado lavatorio a seiscentos, & noventa, & quatro. Tudo isto foraõ maravilhas muyto grandes da Santissima Senhora Mãy de Deos. E pelas muytas que obrava, & beneficios que fazia a todos aquelles Gentios, & infieis, que em seus trabalhos, necessidades, & doenças a invocavaõ; confessavaõ, que a Virgem nossa Senhora, era todo o seu alivio, & remedio, porque logo experimentavaõ em si os grandes effeytos de piedade, & clemencia. Por esta causa he aquelle seu Santuario muyto frequentado de concursos, & de romagens, & assim se vé as muytas esmollas, & offertas, que se lhe offerecem à Santissima Mãy de Deos, grandemente adornado, & enrequecido. Porque todos em acçaõ de graças dos favores que della recebem, a servem fervorosamente, & lhe offerecem com muyta liberalidade grandes esmolas, para o seu culto, & adorno do seu Altar, & isto naõ só o fazem os Portuguezes, & os Christãos da India, mas ainda os Gentios, & os Mouros, que he ainda muyto mayor maravilha. Da Senhora Madre de Deos de Sofalla faz mençaõ na sua Historia Dominicana o Padre Fr. Luis de Sousa part. 3. l. 5. c. 14.

TITULO LXXXVI.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora de Monomotapa, que o Padre Dom Gonçallo da Silveyra deu ao Rey da Cafraria.

487 QUando o Santo Martyr, o Padre Dom Gonçalo da Silveyra, da Sagrada Companhia de Jesus, & nobilissimo Operario do Evangelho, em as Indias Orientaes, (que pela fé derramou o sangue na Cidade de Monomotapa entre os Cafres) entrou em o Imperio da Cafraria, a Conversaõ daquelles Gentios, para fazer melhor o officio de Inviado do Ceo, entrou com o titulo de Embayxador do Rey da terra. E para mover mais àquelles Barbaros, o fez com alguma pompa. Fez a sua entrada em o mez de Janeyro do anno de 1561. acompanhado de alguns Portuguezes, compostos lusidamente; mas ainda que entrava com carater de Embayxador; mais era esta embayxada dos negocios da fé, do que dos negocios do estado. Tanto que entrou na Cidade de Monomotapa, o mandou logo visitar o Rey, & à pessoa a quem cometeo a visita, lhe mandou, lhe levasse hum grande prezente, o qual constava de hũa grande quantidade de ouro hũa grande manada de boys, & muytos criados que o servissem, em todos os ministerios quotidianos; porque tinha sabido dos Mercadores Portuguezes, que o Padre Dom Gonçalo, naõ só era Varaõ de grande santidade, mas illustrissimo por nascimento, porque era filho dos Condes de Sargedas.

488 Agradeceo muyto o Santo Padre as grandes dadivas do Rey, mas naõ as quiz aceytar, dizendo ao Embayxador do Rey, qual era a qualidade das riquezas, que elle hia buscar naquella Reyno, que eraõ as almas do Rey, & dos seus vassallos, para as encaminhar, para o Ceo, para onde o Senhor delle as havia criado. Referindo o Embayxador ao Rey o desapego do Santo Padre, & tambem o que elle respondé-

pondéra, ficou atonito da grandeza do animo do bendito Padre, & logo lhe mandou que lhe foſſe fallar. Indo o Padre Dom Gonçalo, o recebeo ElRey com muytas ſignificaçoens de agrado, & benevolencia, quanta ninguem atèli havia experimentado. Porque ainda que barbaro, ſe fazia reſpeytar muyto de todos. Porque o introduzio no interior de ſuas caſas, & palacio, o que naõ era concedido a ninguem. E eſtando prezente a Rainha ſua mãy, o fez aſſentar em a ſua meſma alcatifa, aſſiſtindo por interpetre às portas da ſala, hum Portuguez muyto eſtimado do Rey, chamado Antonio Cayado.

489 Perguntou o Rey ao bendito Padre quatro couſas, quantas mulheres queria, quanto ouro quantas terras, & quantos boys; porque iſto era, o que os naturaes, daquella terra mais deſejavaõ. E como o bendio Padre reſpondeſſe, que elle ſó queria, & buſcava ao meſmo Rey, virando-ſe o Rey para o interpetre lhe diſſe: *Neceſſario he na verdade, entender, que o que naõ quer receber nenhũa deſtas couſas, que com tanta ancia os mais buſcaõ, & apetecem, que o tenhamos por hũ homem, que vive muyto longe dos mais mortaes.* E depois de lhe perguntar com grande benignidade, muytas, & varias couſas, a que o Santo Padre reſpondeo, o mandou recolher ao ſeu hoſpicio. Nelle celebrou o Padre na manhã ſeguinte o Santo Sacrificio da Miſſa, & como muytos dos naturaes que paſſavaõ viſſem em o Altar, que tinha feyto, huma fermoſiſſima Imagem da Mãy de Deos, a qual eſtava pintada em hum grande quadro, que o Padre Dom Gonçalo da Silveyra levava da India. Enganando-ſe os Cafres da fermoſura da Santiſſima Imagem, foraõ referir ao Rey, em como o Padre trazia comſigo huma moça de grande, & egregia fermoſura, & aſſim lhe diſſeraõ que lha pediſſe.

490 Sem alguma detença mandou logo o Rey dizer ao Padre Gonçalo, que elle tinha ouvido, que traſia huma mulher comſigo, muyto fermoſa, & que grandemente a deſejava ver; para que ella lhe aſſiſtiſſe. Com eſte recado do Rey to-

mou o Padre Dom Gonçalo o quadro da Senhora, & envolvendo em hum rico pano de seda, o levou ao Rey, que estava com grandes desejos de que elle chegasse, & para que mais o movesse, lhe explicou o que aquella pintura significava, que era huma effigie, & retrato da Mãy de Deos, & Mãy daquelle Senhor, debayxo de cujo dominio estavaõ postos todos os Reys, & Emperadores do mundo. E entaõ por ultimo descubrio o quadro, estando o Rey com sua mãy presente. O Rey tanto que vio a sagrada Imagem da Senhora a venerou, & huma, & outra vez pedio ao Padre D. Gonçalo lha quizesse dar, para elle a ter em sua casa com todo o respeyto, mas isto era se elle quizesse vir no que lhe pedia.

491 Benignamente consentio o Padre Dom Gonçalo no que o Rey pedia, & o mesmo Rey a collocou em sua camara Real, aonde lhe fez huma como Capella, adornada toda de ricos panos, & sobre o Altar della, collocou a Imagem da Senhora. Referiraõ os Portuguezes que acompanhavaõ ao Padre Dom Gonçalo, que a Santissima Rainha do Ceo na mesma fórma, que estava pintada no quadro, se manifestára ao Rey, estando dormindo, cercada de huma Divina luz, & cercada de hum muyto brilhante resplandor, & mostrandose-lhe com huma muyto agradavel fermosura, & alegre prezença, o que elle pela manhã referio à Rainha sua mãy, que ficou tambem muyto atonita da novidade daquelle succesſo, & tambem o referio aos Portuguezes, os quaes logo o foraõ referir ao mesmo Padre. Depois mandando o Rey chamar ao Santo Padre Gonçalo, lhe disse, que elle estava muyto anguſtiado, de naõ entender as palavras que a soberana Rainha do Ceo lhe havia dito, todas aquellas noytes. A este seu sentimento o consolou o Padre, dizendo-lhe, que aquellas palavras foraõ ditas em o ideoma Divino, o qual ninguem o podia entender em quanto naõ obedecesse às sacrosantas leys de seu Filho, o qual era o verdadeyro Rey do Ceo, & o Redemptor de todo o genero humano. O Rey

entaõ

entaõ na preſença do meſmo Padre, ainda que com poucas palavras, mas com hum roſto alegre, & clara ſignificaçaõ, moſtrou que elle ſe queria fazer Chriſtão.

492 Paſſados entaõ dous dias, mandou o Rey dizer ao Padre, por Antonio Cayado, que ſoubeſſe certo, que elle, & ſua mãy queriaõ receber a Ley de Jeſu Chriſto, & que aſſim foſſe o mais depreſſa que pudeſſe para o bautizar. Com tudo o bendito Padre entendeo q̃ era neceſſario deferir-lhe o Bautiſmo por alguns dias, para nelles ſer bem inteyrado, em os preceytos da Fé Chriſtã, & ſer inſtruido nos rudimentos della. Nos quaes como o bendito Padre viſſe que eſtava ſufficientemente inſtruido, novigeſſimo quinto dia bautizou ao Rey, & a Rainha, cuja ſolenidade ſe fez com muyto grande pompa, & com huma grande alegria de todos. Ao Rey impoz o nome de Sebaſtiaõ, & à Rainha o nome de Maria.

493 Em o meſmo dia mandou o Rey de prezente ao bendito Padre Dom Gonçalo, que deſprezava o ouro, & as riquezas, cem boys: elle mandou a Antonio Cayado, que os mandaſſe matar, & que os diſtribuiſſe pelos pobres. A qual liberalidade, & benificencia do ſanto, vio o Povo com grande admiraçaõ, o que nunca ſe vira naquellas terras, aprovando huns, & admirando-ſe outros do ſeu deſapego, & da ſua liberalidade. Imitáraõ ao Rey quaſi trezentos dos ſeus grandes, porque ſe fizeraõ tambem Chriſtãos. E eſtes nunca ſe apartavaõ da ilharga do bendito Padre Gonçalo.

494 Viſta já a ſantidade, & os ſantos coſtumes daquelle Miniſtro de Deos, & os grandes deſejos que tinha da ſalvaçaõ dos homens, & a ſumma charidade, & benevolencia com que tratava aos enfermos, com iſto conſiliava tanto os animos de todos, que eraõ infinitos os que deſejavaõ receber a Ley de Jeſu Chriſto. Tam grandes progreſſos em a fé fez aquella Santiſſima Imagem da Mãy de Deos, como fica referido, a qual como miraculoſa ſe venera naquella Cidade, & entre as miraculoſas he tida, & buſcada. Mas naõ ſabemos o mais que paſſou depois que aquelle bendito Padre foy

martirisado, que como o demonio temeo os grandes frutos, que hia fazendo nas almas, tudo perturbou, pelos Mouros seus ministros. Desta Senhora faz mençaõ o Padre Joaõ Pedro Mafeu da Companhia, em o segundo livro das suas Epistolas, & o Padre Gumpemberg em o seu Atlas Mariano Centuria 10. n. 934.

TITULO LXXXVII.

Da Santissima Imagem de nossa Senhora de Xiras Cidade da Persia.

495 REfere o Padre Fr. Gaspar de Saõ Bernardino, Religioso da Ordem dos Menores da Provincia de Portugal, em o seu Itinerario da India por terra; que indo da India fizera a sua jornada pela Persia, & que entrando na Corte, & Cidade de Xiras, nella vira algumas cousas, para dar razaõ do que vinha a ser aquella grande Cidade, & Corte do Rey da Persia. E que entre as cousas grandes que vira fora huma quinta, ou casa de campo d'El Rey. Nella vio hũa fermosa Imagem da glorioſa Rainha dos Anjos Maria Santissima, com o doce fruto do seu purissimo ventre em seus braços, a qual tinhaõ aquelles Mouros, sendo inimigos das Imagens com muyto grande veneraçaõ.

496 Vendo o devoto Padre Fr. Gaspar a Imagem da Rainha dos Anjos, ajoelhou, & posto de joelhos com a devida veneraçaõ a adorou, & a seu Santissimo Filho, com o seu companheyro, alegrando-se muyto de a ver venerada entre os Mouros, sendo inimigos da Cruz, & das Imagens do Senhor que por nos redemir, nella sacrificou a sua vida. Naõ pareceo mal aos Mouros o devoto modo com que aquelles Religiosos veneráraõ a Senhora, que sempre as cousas de Deos a todos contentaõ, & alegraõ. *Nem se espante ninguem disto* (diz o Padre Fr. Gaspar) *porque na India na Cidade de Dabul, vi huma carta, que hum Mouro mandava a outro,*

na

na qual vinha pintada a Mãy de Deos com o Menino Jesus nos braços, a qual carta vio tambem Dom Luis Lobo, & D. Braz Lobo, & Dom Antonio Lobo seus sobrinhos.

497 Proseguindo pois o Padre Fr. Gaspar de Saõ Bernardino, com o companheyro, & sahindo daquelle Palacio deraõ com huns tanques muyto curiosos, & com muytos esguichos de agua cousa de grande recreaçaõ, & dalli os levou hum Ermitaõ (naõ explica se era dos seus) por humas ruas de arvoredo, ou lamedas, cujas arvores se levantavaõ com suas ramas taõ alto, que parecia que tocavaõ em as nuvens, & no mais interior daquella curiosa mata, acháraõ ao Governador assentado com outros grandes, que estimáraõ muyto que alli fosse dar com elles. Assentáraõ-se todos, & depois lhe perguntáraõ o que lhes parecia aquella quinta, & jardins, o Padre Fr. Gaspar lha gavou muyto, dizendo-lhe, que entendia seria a melhor que haveria em toda a Persia, pois nella estavaõ Isac, & Marian, que assim chamaõ naquellas partes a N. Senhor Jesu Christo, & a Mãy de Deos, & que as mais cousas lhe pareciaõ muyto bem, mas que de todas ellas, aquella era a principal, & a melhor, ouvindo isto se sorriraõ todos, mas festejando muyto a affeyçaõ, que naquelle particular mostravaõ. Quem mandou pór naquelle Palacio a Imagem da Senhora, nem com que motivo naõ o explica o Padre. Mas a Senhora, que entre gente taõ cega, quiz estar, ella lhe abra os olhos, ou lhe alcance luz, para conhecerem a sua cegueyra que os Persas saõ de claro entendimento, & muytos delles se convertem, porque naõ abborrecem a luz da razaõ; nem rejeytaõ as conferencias, como os Turcos, que a estes sempre o demonio lhe tapa os ouvidos. Desta Senhora faz mençaõ o referido Padre no seu Itinerario.

TITULO LXXXVIII.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora da Aſſumpçaõ que ſe venera na Cidade de Aſpam.

498 NA Cidade de Aſpam, tambem Corte dos Reys da Perſia, ſe venera huma milagroſa Imagem da ſoberana Rainha da Gloria, com o titulo de ſua triunfante Aſſumpçaõ, com quem os meſmos Perſas, ſendo Mouros, tem muyta devoçaõ. A origem deſta Senhora, ſe refere neſta maneyra. Pelos annos de 1602. paſſou da Cidade de Goa para a Perſia o veneravel Padre Fr. Jeronymo da Cruz, Eremita de meu Padre Santo Agoſtinho, & levava por ſeus companheyros ao Padre Fr. Chriſtovaõ do Eſpirito Santo, ambos fervoroſiſſimos Miſſionarios, & zeloſiſſimos Miniſtros do Evangelho, & ao Padre Fr. Antonio de Gouvea, que depois fez ElRey Filippe III. Biſpo de Sirene, & eſcreveo varios tratados, que ſe vem com grande eſtimaçaõ. Foraõ eſtes Religioſos mandados pelo Viſo-Rey da India Ayres de Saldanha, & pelo Arcebiſpo Dom Fr. Aleyxo de Menezes, a tratar da prégaçaõ do Evangelho, em aquelle Reyno, & tambem de algumas couſas do eſtado, para com ellas diſporem melhor o negocio das almas, & da ſua converſaõ. Deraõ os Religioſos a ſua embayxada, & tratando das couſas politicas, & do bem do eſtado, perſuadiraõ ao Rey Perſa, a q̃ fizeſſe guerra ao Turco, o q̃ era tambem muyto cõveniẽte à fé, & à cõſervaçaõ dos Eſtados da India. E parecẽdo iſto bem ao Perſa, moveo contra o Turco a mais cruel guerra, que ſe havia viſto deſde o Tamorlaõ até aquelle tempo.

499 Pagouſe muyto o Rey Perſa das virtudes, & ſantidade de vida, que moſtrava o Padre Fr. Jeronymo da Cruz, & aſſim goſtava muyto de o ouvir, & poriſſo lhe fazia muytos favores, & lhe concedeo que pudeſſe levantar naquella ſua Corte hum Convento em que elle pudeſſe viver com os

ſeus

seus Religiosos, & fazer os seus exercicios santos. Com este favor, & permissaõ do Rey, levantou hum Convento que dedicou à Mãy de Deos,& aonde collocou hũa Imagem sua, que sem duvida já levava de Goa a quem deu o titulo de sua Assumpçaõ, com a qual naõ só os Armenios,mas os mesmos Persas tinhaõ muyto grande devoçaõ. E a esta Senhora se devem atribuir as grandes vitorias, q̃ aquelle santo Religioso alcançou contra o inferno na conversaõ de muytos scismaticos Armenios, & Judeos, & muytos Persas; porque tambem destes converteo a muytos, & todos hiaõ àquella Igreja a venerar a Senhora,& a receber os Santos Sacramentos, & a ouvir Missa.

500 Por muyto singular favor da mesma Senhora, se teve a reduçaõ de hum Patriarca da Mayor Armenia, chamado David, o qual se reduzio à fé, & na presença da Senhora da Assumpçaõ deu obediencia a Sé Apostolica Romana em companhia de seis Bispos, que tambem tinhaõ vindo da Armenia & de cento & desanove Sacerdotes, & de grande multidaõ de povo, que todos firmáraõ o mesmo com juramento. Nesta casa da Senhora se faziaõ cada dia muytas conversoens. E tudo isto eraõ maravilhas que a Senhora obrava a favor daquelles que o demonio tinha tyrannizado,& era muyto para louvar a nosso Senhor ver o grande fervor,& devoçaõ com que aquelles novos Christãos frequentavaõ a Igreja, & buscavaõ o favor, & o amparo da Senhora. Da Senhora da Assumpçaõ faz mençaõ Jorge Cardoso no seu Agiologio tom.3.fol.78. & o Padre D. Fr.Antonio de Gouvea nas suas Relaçoens da Persia.

TITULO LXXXIX.

Da milagrosa Imagem de N.Senhora da Punicale,em a Costa da Pescaria.

501 A Costa da Pescaria he muyto nomeada, naõ só no Oriente, mas em todo o mundo, pelas muy-

muytas, & ricas perolas, & aljofres que nella se pescaõ. E tambem pelo martyrio do Santo Padre Antonio Criminal. Estende-se esta Costa por espaço de sincoenta legoas, com mais de trinta lugares, & a vay a entestar com o Reyno de Narsinga. Nos ultimos confins desta Costa, se vé o lugar de Punicale. Depois de padecer martyrio neste lugar o Santo Martyr o Padre Criminal da Sagrada Companhia, que naquella Missaõ havia convertido muytas almas, nomeou o Santo Xavier Apostolo do Oriente, por superior daquella Missaõ ao veneravel Padre Henrique Henriques, ao qual favoreceo Deos muyto na sua prégaçaõ, fazendo-o obrador de muytos milagres. E assim era venerado, & amado de todos os Christãos, naõ só dos Portuguezes, mas dos Paravas, que saõ os naturaes. Estes em os seus pleytos, que tinhaõ com os Paravas Gentios, os levavaõ à Igreja, para que alli jurassem a verdade. E quando juravaõ falso, logo Deos os castigava.

502 Naõ podemos affirmar se o Padre Antonio Criminal, se o Padre Henrique Henriques foy o primeyro, que edificou em Punicale Igreja, para os Cnristãos, os quaes fervorosos concorréraõ com liberalidade, para a fabrica della, & foy dedicada à Virgem Maria N. Senhora, aonde se collocou logo hũa Imagem da Rainha dos Anjos Maria Santissima, & os Authores q̃ della escrevem lhe daõ o titulo de N. Senhora de Punicale, tomado do mesmo lugar. Logo que naquella Igreja foy collocada, começou Deos a obrar pela sua intercessaõ muytos milagres, & prodigios. Porque naõ só obrava a Senhora muytos favores para com os Christãos, mas tambem para os Gentios. Nos quaes, em os votos q̃ faziaõ à Senhora, se mostrava Deos maravilhoso, quando se descuydavaõ de os cumprir. Huma mulher gentia, havia offerecido aos seus Idolos muytos sacrificios, & votos para que elles lhe dessem hum filho, & como elles fossem taõ surdos à sua petiçaõ, como elles o saõ em si vãos, & falsos, enfadada a mulher da sua tardança nos despachos, passando hum dia pela Igreja,

& en-

& entrando nella, se offereceo à milagrosa Imagem de nossa Senhora, que nella era venerada, & lhe prometeo de ella lhe offerecer duas candeas de cera, se ella dispuzesse, que fosse prenhada. Naõ dilatou Deos o comprimento do seu desejo, por acreditar a fé, & a prégaçaõ do seu fiel servo o Padre Henrique Henriques, em cujo tempo succedeo esta maravilha, porque passados nove mezes pario a gentia hum filho, mas naõ se lembrou a gentia, de satisfazer o seu voto.

503 Ainda naõ haviaõ passados seis dias depois do parto, quando a Virgem Senhora a mandou executar pelo seu voto. Apareceo-lhe à mulher hum menino muy formoso, que seria o Anjo da sua guarda, o qual lhe disse. Porque naõ acabas de pagar, & de cumprir com a promessa, que fiezeste à Virgem Maria nossa Senhora, a quem os Christãos reverenciaõ, pois te ha outorgado aquillo que lhe pediste. Com esta notificaçaõ advertida a mulher, levou logo à Igreja o seu filhinho, & as duas candeas de cera, que havia prometido à Senhora. Com este succesſo se confirmàraõ muytos na fé, & começáraõ a ter em muyto mayor veneraçaõ a sagrada Imagem da Virgem nossa Senhora.

504 Levavaõ tambem os Christãos naturaes da terra aos seus enfermos à Igreja da Senhora, para que na sua presença lhes lançasse o veneravel Padre Henrique Henriques a sua bençaõ. E elle os animava a que invocassem com muyta fé à Mãy de Deos. E quando estavaõ taõ fracos, & taõ enfermos, que naõ podiaõ hir à Igreja, chamavaõ ao Padre Henrique, & se elle naõ podia hir mandava a algũ dos seus companheyros, para que com as suas oraçoens, & bençaõ sarassem, & nosso Senhor logo os sarava, o que succedeo por muytas vezes, com grande aproveytamento delles, & credito da santa fé, que abraçavaõ. Muytas maravilhas obrou Deos, pela interceſſaõ de sua Mãy Santissima, & pelos merecimentos daquelle seu fiel servo que entercedia por todos, mas naõ nos quiz deyxar dellas mais noticia. Quando, nem o Padre, nem os seus companheyros podiaõ hir, quando eraõ cha-

chamados dos enfermos, mandava o Padre a algum dos seus discipulos Christãos, o qual hia, & só com o Rosario da Senhora que os tocasse, cobravaõ perfeyta saude.

505 Hum novo Christão, & discipulo do Padre Henrique, indo a visitar a hum seu amigo, que estava muyto mal, só com lhe aplicar o Rosario da Virgem nossa Senhora, & lho lançou ao pescoço cobrou inteyra saude. E com o mesmo fez outras milagrosas curas, & assim o chamavaõ para todos os enfermos. A este se lhe offereceo em huma occasiaõ, boa quantidade de dinheyro, mas elle como bom Christão o naõ quiz aceytar, & assim obrava de sorte, que no desapego mostrava que a sua fé naõ era menor, que a sua charidade. E assim enfinado do Padre Henrique já mais quiz aceytar cousa alguma que se lhe desse. Muytas maravilhas obrava aquella milagrosa Senhora a favor de todos aquelles novos Christãos; que se o Padre Eusebio nos deyxára noticia dellas, teriaõ os seus devotos muyto em que louvar a nosso Senhor. Desta Senhora faz mençaõ o Padre Joaõ Eusebio, em o terceyro tomo dos seus Varoens Illustres, & do Padre Henrique Henriques, que morreo no anno de 1600. E delle faz tambem mençaõ o Lecenciado Jorge Cardoso, no seu Agiologio Lusitano tom. 1. pag. 363 em 6. de Fevereyro.

TITULO XC.

Da Imagem de nossa Senhora de Agra, que mandou collocar o Principe, filho do Emperador Echebar.

506 NO titulo XXI. deste primeyro livro falamos da Imagem de nossa Senhora do Populo da Cidade de Agra, Corte do Gram Mogor. Agora tratamos de outra milagrosa Imagem, que se venera na mesma Cidade, em outra Igreja, que mandou fundar o Principe successor do mesmo Imperio do Mogor, & filho do Emperador Echebar. He de saber que este Principe, ainda sendo Gentio,

era

era devotissimo de nossa Senhora, & a amava muyto, & a nosso Senhor Jesu Christo, porque naõ havia para elle cousa que mais o alegrasse, que a invocaçaõ do Santissimo nome de Jesus. Amava muyto aos Religiosos da Companhia, & a elles comunicava os seus particulares. Foy particular amigo do Padre Jeronymo Xavier, com elle comunicava os seus pensamentos como a Confessor. Teve este Principe algumas desconfianças com o Emperador seu Pay, & neste tempo, andava apartado delle, & como o Padre Xavier acompanhava ao Emperador seu pay, desejava elle muyto trazer na sua companhia outros Padres, & assim mandou a Goa hum criado de sua casa, com hum bom presente aos Prelados da Companhia, que constava de tres alcatifas preciosas, & de outras pessas mais, pedindo-lhe lhe mandassem alguns Padres para os trazer na sua companhia. Mas por naõ ser entaõ conveniente, lhe escrevéraõ com muytos agradecimentos, dizendo-lhe, que os Padres que lá andavaõ na Corte de seu pay serviriaõ tambem a sua Alteza, com a mesma promptidaõ, & vontade, que a seu pay. Aceytou a reposta, & se satisfez della. E na mesma confirmidade tratava aos outros Padres, escrevendo-lhe de sua maõ, cartas muy amorosas, & sempre punha no principio o final da Cruz, a nosso modo.

507 No tempo em que este Principe se abalou para hir a Agra, aonde estava seu pay lhe pedio licença a hum seu criado Italiano chamado Jacome Filippe, para hir diante, & por elle mandou visitar aos Padres com algumas pessas, & com grandes palavras de benevolencia, & que disesse de sua parte ao Padre Jeronymo Xavier, que naõ cuydasse, que se esqueciaõ delle mas entendesse era para elle o que sempre fora (palavras com que ambos se entendiaõ,) & que tinha muyto amor a Christo nosso Senhor, que o encomendasse muyto a Deos, & folgaria muyto de ter comsigo algum Padre, mas que se elles senaõ atreviaõ a hir buscallo, sem licença de seu pay, que elle lha pediria, ao que os Padres respondéraõ, que só dessa maneyra o poderiaõ fazer. Hum dia

estan-

estando falando com Jacome Filippe, lhe disse. Eu tenho grande amor ao Senhor Jesus, & para mostrar, que naõ eraõ só palavras, tirou debayxo da cabaya huma Cruz de ouro que trazia ao pescoço, & lha mostrou.

508 Depois recebendo o Padre Jeronymo Xavier outra carta do Principe, escrita de sua maõ, cheya de mil honras, & mostras de amor, & o que mais era para estimar, que lhe dizia, que ainda tinha a mesma determinaçaõ, & propositos, que em Laor tratára com elle de ser Christão, & em confirmaçaõ disto, lhe mandava, para a sua Igreja huma Imagem do Menino Jesus, de prata, que pesava vinte & sete marcos, o qual era todo mociço, & estava ricamente obrado, & para o Padre mandou huma pessa, como relicario com a figura de Christo esmaltada, de huma parte, & nossa Senhora da outra, pendente de huma boa cadea de ouro, dizendo-lhe, que aquella pessa trouxera elle no seu peyto, ou para melhor dizer no seu coraçaõ. E certificava o Padre Xavier, que nem a seu proprio irmão, escreveria elle com mais amor. Mandando-lhe o Padre hum presente de cousinhas da India elle o recebeo com grande gosto, & alegria, dizendo muytos louvores dos Padres. Avisando-o tambem nesta occasiaõ, em que estavaõ huns Portuguezes, que haviaõ dado à costa muyto necessitados, os quaes tinhaõ vindo prezos de Cambaya, aonde se haviaõ perdido. Dentro de oyto, ou nove dias, que havia escrito, lhe respondeo, & lhe mandou mil cruzados de esmola, dizendo, que a mandava por amor do Senhor Jesus, & que todas as esmolas que fazia, as fazia por seu amor, & que lhe pedia o avisasse do que entendia gostaria o Senhor Jesus, que tudo faria, porque o em que faltava, era por naõ saber. Dizia tambem, que naõ queria dos Padres mais que alguma Imagem de Christo nosso Senhor, ou da Virgem Santa Maria.

509 Estando huma vez com os seus Capitaens, lhe perguntou, se se vissem em hum grande trabalho, por quem chamariaõ, que lhe acudisse, & respondendo hum assim,

& ou-

& outros assim. Disse elle, pois eu naõ chamaria, senaõ por Jesu Christo, & este só he, o que pode acodir, & livrar. No cabo de algum tempo, em que duráraõ as discordias, que este Principe teve com seu pay, lhe foy beyjar a maõ a Agra, onde tratando com os Padres, mostrava a sua grande afeyçaõ, que tinha a nosso Senhor Jesus Christo, & à Virgem Maria sua Santissima Mãy, cujas Imagens, & as dos SS. estimava muyto, & assim mandou fazer muytas, & nesta obra trazia occupados os mayores pintores, que lá havia. O que he muyto para admirar, & para louvar a nosso Senhor, por terem os Mouros conforme a sua ley, grande adversaõ às Imagens. Offerendo-lhe o Padre Jeronymo Xavier hum livro da vida de Christo, que fez em lingua Parsea, ao qual o mesmo Principe intitulou espelho de limpeza. Leo todo, & assim lhe cresceo mais a muyta affeyçaõ, que tinha a nosso Senhor Jesu Christo, & mandou pintar nelle todos os mysterios de sua vida. Estava no principio deste livro huma Cruz, illuminada de ouro com esta letra em Parseo: *Sicut Moyses exaltavit serpentem in diserto.* Elle mandou pintar na Cruz o vulto de Christo crucificado, por hum excellente pintor. Estava em outra folha o nome de Jesus com seus circulos, & rayos, & sobre elle mandou pintar huma Imagem de nossa Senhora, com o Menino Deos em seus braços.

510 Levou-lhe o Padre Xavier huma Imagem de nossa Senhora de bronze dourada, estimou-a muyto grandemente. E dizendo-lhe o Padre que aquella Imagem lhe mandava a D. Alteza outro Padre, que estava na Cidade de Laor, dandolhe os parabens da sua vinda, & que naõ tinha outra cousa que lhe offerecer. Respondeo, & que melhor cousa lhe podia dar, que a Imgem da Senhora Maria. Tomou por devoçaõ este Principe, fazer alli naquella Cidade de Agra, huma igreja, como seu pay tinha feyto em a Cidade de Laor, & para isso alcançou delle licença, & o sitio, & deu logo para se dar principio à obra, mil cruzados. Fez-se esta Igreja, & acabada se collocou nella huma Imagem da soberana Rainha

nha

nha dos Anjos, a quem podemos atribuir todas estas maravilhas; porque a ninguem exclue esta misericordiosa Mãy dos peccadores, mas antes a todos procura atrahir a fé, & ao amor, & conhecimento de seu Santissimo Filho, para que assim se façaõ merecedores do Reyno do Ceo. Não nos constou se este Principe se bautizou depois, mas podemos crer piamente que quem tanto amava a nosso Senhor Jesu Christo, & quem por seu amor, & pelo de Maria Santissima obrava tantas, & taõ piedosas acçoens, & fazia tantas, & taõ largas esmolas lhe daria o Senhor os seus auxilios, para o salvar, & para o fazer bom Christão. Desta Santissima Imagem de Maria Santissima, faz menção o Padre Fernaõ Guerreyro na sua Relaçaõ Annua.

TITULO XCI.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora que se venera na Corte de Laor, Imperio do Mogor.

511 PAssando o Emperador do Mogor ao Reyno do Decan, sahindo da sua Corte de Agra, levou comsigo aos Padres Jeronymo Xavier, & a Manoel Pinheyro, & como estes zelosos Missionarios, naõ perdiaõ occasiaõ alguma de encaminhar as almas ao Ceo, tomando para isto aquelle poderoso atractivo da devoçaõ de Maria Santissima. Postos estes santos Varoens em Laor, & vendo a boa occasiaõ, que se lhes offerecia, alcançáraõ licença do Emperador, para nella fazerem huma Igreja; esta lha mandou fazer o mesmo Emperador, ou lhe mandou dar tudo o que era necessario para ella.

512 Feyta esta Igreja collocáraõ nella huma Imagem da soberana Rainha dos Anjos de pintura excellente, a qual movia os animos de todos os que a viaõ de sorte, que senaõ podiaõ apartar de sua vista, como havia succedido em a Cidade de Agra, com a Imagem da Senhora do Populo, aon-

de

de concorriaõ tambem os meſmos Gentios, & Mouros com a meſma reverencia, & devoçaõ, ſe aſſim ſe lhe póde chamar. Tudo na meſma fórma como lá em Agra, o faziaõ com a Senhora do Populo. Alli vinhaõ, & ſe encomendavaõ à Senhora Maria, & era de ſorte a affeyçaõ, que moſtravaõ, que parece ſenaõ podiaõ apartar da ſua viſta, & de crer he, que a favor de todos aquelles Gentios, & Mouros obraria grandes maravilhas. Deſta Senhora faz mençaõ o Padre Fernaõ Guerreyro na ſua Relaçaõ annual das Miſſoẽs da India anno de 602. & 603. l. 3. c. 8.

TITULO XCII.

Da milagroſa Imagem de N. Senhora da Saude do lugar de Porcà da Serra de Sodomalle, em o Malavar.

513 NA Serra do Malavar, & junto à Cidade de Angamalle, ha muytos lugares, & povoaçoens viſinhas ao mar. Hum deſtes he Paliporto, outro Porcà. Neſte havia pelos annos de 1600. pouco mais ou menos, huma boa povoaçaõ de Mouros, os quaes o Rey daquella terra mandou lançar fóra, & deu eſte lugar a hum Portuguez, que querendo fazer nelle caſas, para ſua habitaçaõ, mandou derribar hum Pagode, ou Templo dos ſeus Idolos, dedicado a hum muyto afamado, & o mais venerado daquella terra, o que fez com bem ſentimento dos Gentios. Ajudou-o neſta obra hum Chriſtão da terra, peſſoa principal. Eſte, paſſados poucos dias, adoeceo taõ gravemente, que eſteve deſconfiado dos ſeus Medicos. Os Gentios diziaõ, que era caſtigo do Idolo, gloriando-ſe muyto da vingança, que o ſeu Idolo tomára, por lhe derribarem o ſeu Pagode.

Havia neſte lugar huma Reſidencia dos Padres Miſſionarios da Companhia, aonde tinhaõ feyto havia poucos annos huma Igreja; aonde haviaõ collocado huma devotiſſima Imagem da Mãy de Deos, com o titulo da Saude, que

se conseguia pelas maravilhas, que obrava em a saude que conferia aos enfermos. A esta casa da Senhora concorriaõ os Christãos, & alli hiaõ a pedir à Senhora o seu favor, & remedio em seus males, & necessidades, & a misericordiosa Mãy dos peccadores a todos deferia. Aconselháraõ os Gentios a mulher daquelle referido enfermo, que fizesse voto ao Idolo, pela saude do marido, & que logo sararia: mas ella pelo conselho do Padre que alli assistia, zombando dos Gentios o naõ quiz fazer, mas antes confiando na Senhora da Saude lhe fez voto, prometendo-lhe certas offertas a favor da saude do marido. E o Padre tambem disse no Altar da mesma Senhora Missa pela saude do enfermo. E a Senhora foy logo servida de lhe alcançar perfeyta saude, com grande alegria dos Christãos, & confuzaõ dos Gentios.

514 Outras muytas maravilhas tem obrado aquella Senhora, que saõ innumeraveis. Entre os Adultos, q̃ alli se bautizáraõ de novo, foy hũ delles hũ homem principal, q̃ estando gravemente enfermo, & fazendo alguns votos por conselho dos Gentios ao seu Pagode, ou Idolo: porèm foraõ sem remedio. Porque mal lhe podia dar saude o demonio, quando elle a tira, & deseja sepultar a todos com morte eterna no inferno. Este por conselho do Padre, fez voto à Senhora da Saude, & mandando chamar ao Padre, este o instruhio na fé (que ainda naõ era bautizado,) & recebeo o Santo Bautismo, & logo ficou sam de todo, & livre da sua enfirmidade.

515 Outro que de novo se havia bautizado, & tinha junto às suas casas, huma casinha, que antes lhe servia de Pagode, em que tinha hum Idolo. Este depois de bautizado, naõ deyxava o demonio, rayvoso de lhe ter sahido das mãos, de o inquietar, & assim lhe fazia grande guerra a elle, & a toda a sua casa, com pedradas, medos, fantasmas, & outras visoens temerosas. Deu conta disto ao Padre, o qual lhe mandou logo derribar de todo a casinha, & deytar agua benta naquelle lugar, & levantar nelle huma Cruz. Com esta diligencia, & com a intercessaõ de nossa Senhora, desappareceo o de-

o demonio, sem mais tornar a inquietar aquelle homem, nem a sua casa. Desta Senhora faz mençaõ o Padre Fernaõ Guerreyro nas suas Relaçoens annuaes, dos annos de 1602. & 1603. l. 3. c. 16.

TITULO CXIII.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora, pintada pelo Evangelista S. Lucas, que se venera na Corte de Bisnagà.

516 O Reyno de Bisnagà, he hum dos grandes de toda a Asia. A Corte deste Reyno he a Cidade de Chandegri. Nesta Corte fizeraõ Missaõ os Padres da Sagrada Companhia, pelos annos de 1600. ou alguns antes, aonde eraõ muyto bem vistos, & ouvidos daquelle grande Rey, & de licença sua edificáraõ aquelles fervorosos Padres, huma Igreja, que dedicáraõ ao Salvador do mundo, & lhes concedeo tambem, que pudessem prégar o Evangelho, & fazer Christãos dos seus Vassallos, todos os que livremente o quizessem ser. E tambem lhe consignou renda, com que se pudessem sustentar dous Padres. Alèm disto se mostrava tambem muyto affeyçoado aos Portuguezes, & com esta affeyçaõ mandou ao Viso-Rey da India seus Embayxadores, para se renovarem as pazes que os Reys seus anteceSSores tinhaõ com os Portuguezes, & com elles mandou dous Padres. Chegáraõ os Embayxadores a Goa, aonde foraõ recebidos do Viso-Rey com grandes honras, de que o Rey ficou muyto pago, & muyto mais affeyçoado aos Portuguezes. O Viso-Rey lhe mandou tambem outra embayxada, & o Rey recebeo ao Embayxador com grandes festas, & aparato, porque chegando à sua Corte a Cidade de Chandegri o sahio a receber huns dos principaes senhores do Reyno, & do seu conselho, com alefantes, camellos, cavallos, ataballes, & mais instrumentos de festa, mandando o apozentar nos passos mais magnificos daquella Cidade.

517 Naquelle tempo estava ElRey em Trepeti, que he huma Cidade que dista duas legoas de Chandegri que he muyto fermosa, & grande, & como outra Roma, para aquella gentilidade, por causa de hum Pagode, ou de hum Idolo, que alli he muyto venerado, aonde concorre de todo aquelle Oriente gente innumeravel. A qual vay com grandes devoçoens, & offertas a visitar aquelle demonio, q̃ se chama, Permal. Alli quiz ElRey receber ao nosso Embayxador, ao qual mandou buscar com grande aparato, & magestade por hum seu intimo privado. Esperou-o ElRey no interior de hum pateo gravissimo, aonde estava, naõ com vestiduras ricas, porque as naõ usa, mas quasi nu dellas, & vestido de pès atè à cabeça de pedraria, manilhas, & remais de perolas muyto preciosas, em que entravaõ duas joyas de extremosa fermosura, que eraõ, huma esmeralda cercada de grandes perolas, & preciosos diamantes. A outra era hum rubí de muyto preço, & notavel grandeza.

518 Chegou o Embayxador, & poz o joelho em terra, & o Rey o fez logo levantar, & assentar junto a si. Recebeo a carta do Viso-Rey, & presente, com demonstraçoens de muyta alegria, aonde tratou da amizade, & comunicaçaõ que com os Portuguezes desejava ter, & outras cousas pertencentes, àquelle nosso Estado. E cheyo de favores, & mercés o Embayxador, se despedio d'ElRey.

519 He aquella gente no que mostra de boa indole, & inclinaçaõ para receberem a fé, & vaõ de ordinario à Igreja dos Padres, & os trataõ com grande confiança, aonde se lhe declaraõ as cousas da fé, segundo a sua capacidade, de que ficaõ admirados, & confessaõ q̃ a nossa Ley he santa, & verdadeyra. E naõ faltou entre elles, quem disesse, malditos sejaõ nossos pays, pois nos naõ insináraõ cousas taõ santas como estas. No mez de Julho do anno de 1603. fizeraõ os Gentios huma festa fóra daquella Cidade a hum seu Idolo, aonde concorreo quasi toda ella, que terá alguns dez mil visinhos, & na volta, passáraõ muytos pela Igreja do Salvador,

vador, & era tanta a gente, que para se poderem revolver, & sahir acudiraõ os Padres, & deraõ ordem com que fossem subindo para huma porta, q̃ estava na Capella, & assim por esta porta sahiaõ os que entravaõ pela principal: & desta sorte se satisfez aos que tinhaõ desejo de ver aquella casa do Senhor. Estes todos quando se despediaõ, se postravaõ de joelhos ao pè do Altar, aonde estava a Imagem do Salvador, à qual diziaõ em vòs alta. Jesus alumiay-me, Jesus valey-me; & durou este espectaculo, por muyto tempo, o que causou grande consolaçaõ àquelles Padres, que estavaõ presentes, porque era muyto semelhante, ao que se representa nas Igrejas da Christandade nos dias das Endoenças.

520 Em hum dos tres Altares, que tem aquella Igreja, está hum quadro da soberana Rainha dos Anjos (copia dos que fez o Evangelista Saõ Lucas senaõ he original.) Com o Menino Jesus em seus braços, a quem aquelles Gentios tem notavel devoçaõ, & porque nella tem muyta confiança, quando se vem em trabalhos a vaõ visitar, & lhe levaõ as suas petiçoens, & reconhecendo em si os favores de nossa Senhora, tornaõ a buscalla, & lhe levaõ as suas offertas de azeyte, para a sua alampada, flores, & cheyros, para a Igreja, gratificando com aquelles sinais exteriores, as mercès que elles affirmaõ terem recebido daquella grande Senhora (que como he Mãy de todos, a todos ama, & favorece sem distinçaõ,) & do seu Santissimo Menino, remediando-os em suas necessidades. E disto contaõ cousas maravilhosas. E assim com aquelles presagios vay nosso Senhor convertendo a muytos, & dando esperanças de se haver de colher muytos frutos espirituaes, para as almas. Estas esperanças acrescentava o amor grande que o Rey mostrava, & o grande conceyto que havia feyto da virtude, & sabedoria daquelles santos Religiosos, & naõ só elle mas todos os da sua Corte faziaõ o mesmo concerto. E o Rey tem feyto grande entendimento de naõ haver mais que hum só verdadeyro Deos, Creador do Universo, q̃ elle era o que isto mesmo prégava, & persuadia aos

seus. Pediaõ-lhe os Padres por muytas vezes os admitisse à disputar com os seus Bramenes, que saõ os seus Letrados, & Sacerdotes, mas elles (que já huma vez da disputa sahiraõ envergonhados) por todas as vias fugiaõ o encontro, dizendo que as suas cousas senaõ podiaõ fazer taõ notorias, nem comunicarse daquella maneyra. E tanto he isto, que se os Padres querem saber dos seus ritos gentilicos, & tomar alguma noticia delles, para lhos confutar, naõ pòdem achar quem lha dè, senaõ com muyto trabalho, & penas, & às escondidas. Mas esperaõ no favor, & patrocinio da Senhora dará meyos, para que a fé se dilate naquellas terras contra todo o inferno que o encontra. Desta Senhora faz mençaõ o P. Fernaõ Guerreyro da Companhia na Relaçaõ das cousas de Narsinga livro 2.c.10.

TITULO XCIV.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora da Assumpçaõ da Cidade de Saõ Thomè.

521 A Cidade de Saõ Thomè dista dezasete legoas da Corte, & Cidade de Chandegri, para a parte do mar, que fica na costa do Reyno de Bisnaga. He esta Povoaçaõ de Saõ Thomè (como já dissemos) Colonia de Portuguezes, aonde a Sagrada Companhia tem hum Collegio, em que naquelles tempos tinha seis, ou oyto Padres: mas hoje tem muytos mais, & todos saõ poucos, para os que alli saõ necessarios, em razaõ dos muytos Portuguezes, que para alli vaõ, & assim se fazem naquelle Collegio muyto grandes servicos a nosso Senhor, naõ só com os Portuguezes, mas com os Gentios, dos quaes se convertem alli muytos, deyxando os seus Pagodes, & Idolatrias, de que naquelle Reyno de Bisnaga ha mais que em todos os da India. E por isso se fazem alli grandes serviços a Deos, & se tem feyto alli huma grande Colonia, & Freguesia, a qual fica pouco distante da Cidade.

He

522 He dedicada esta Paroquia,à Virgem nossa Senhora com o titulo de sua Assumpçaõ, aonde os novos Christãos, celebraõ com muyta devoçaõ, & grandeza a sua festividade, & neste dia, & nas vesporas fazem muytas,& varias invençoens de fogo, com outros festejos. Na vespora à noyte, & tambem no dia fazem huma grande procissaõ, de grande aparato, com muytas Cruzes, & charollas, aonde vaõ varios Santos, & passos devotos acomodados à festa da Senhora. Nesta procissaõ vaõ varias danças de meninos ricamente vestidos, & por remate levaõ huma Custodia, em que vay o Santo Lenho, & hum capelo de N.Senhora, debayxo de hum Pallio com muyto acompanhamento de tochas. O que tudo resulta em grande gloria de nosso Senhor, espanto, & confuzaõ dos Gentios, & Mouros, que pelo campo assistem em pinhas, maravilhados do conserto, aparato, & grandeza das nossas festas. Daqui discorrem tambem na bondade, & santidade de nossa santa, & verdadeyra Ley.

523 Obra aquella Senhora muytos milagres, & maravilhas, como referiremos. Hum menino Badagua de onze, ou doze annos, por conselho, & doutrina de huma nobre Matrona, em cuja casa continuava, se moveo grandemente a ser Christão, & levado à Igreja, depois de bem instruido, com hum Padrinho, & Madrinha, para receber o santo Bautismo. Eis que estando já junto da pia chegaõ de improviso a mãy, & huma irmã, & parentes, gritando a grandes vozes, para o impedirem. O Padre lhe perguntou diante de todos elles, na lingua Malavar, dizendo. Menino queres ser Christão? E respondendo na mesma lingua, em alta voz, & disse. Sim senhor Padre. Trouxe-te alguem enganado,ou feste forçado? Naõ senhor Padre, respondeo. Pode isto tanto, que a mãy, & parentes, que vinhaõ chorando, & gritando, ficáraõ quietos, & socegados, & com muyto silencio estiveraõ vendo as ceremonias do santo Bautismo, & depois entrou a mãy com elle junto da pia, & ajoelhando-se aos pés do Padrinho, & Madrinha, com as mãos erguidas, lhes pedio que

olhassem por elle, que era pequenino. Com isto se forão rogando o menino à mãy, & parentes, que se fizessem Christãos, ficando todos edificados, & admirados de verem tanta constancia em hum menino, o qual perseverou com as suas contas ao pescoço, frequentando a Igreja, assistindo às Missas, & na prezença da Senhora, & a todos os Sermoens sem escapar algum, tudo com grande devoçaõ. E vay a casa dos parentes com tanta sezudeza, & mostras de juizo, que parece hum homem de trinta annos, vendo-se nelle os effeytos da Divina Graça, & os do santo Bautismo.

524 Huma moça de quatorze annos, sendo casada, arreciando que seu marido indo à guerra morresse nella, & que morrendo, naõ pudesse cumprir com os grandes desejos, que Deos lhe dava de ser Christã, por ser costume entre os Badagàs, & gente nobre, quando morrem os maridos, lançarem-se ellas vivas no fogo, quando naõ tem filho que criar. E tem isto por grande honra, & para ficarem tidas por santas: pelo que os proprios parentes as constrangem a isso, quando ellas repugnaõ por naõ perderem a sua honra, & nobreza. E assim quando morrem estes Nayques, & senhores grandes, se botaõ no fogo grande numero de mulheres vivas, & conforme as que cada hum tem, juntamente com elles que saõ às vezes quatro centas, no que trazem postos a honra, & a grandeza do seu nome. Ainda que aquelle Rey de Bisnagà, que reynava neste tempo, que corria o anno de 1603 aborrecia aquelle brutal costume, nem consentia que se fizesse; mas o demonio o tem taõ arreygado, & authorizado, que naõ he possivel tirarse. Veyo pois esta moça a baptizarse, dizendo, que mais queria ser Christã, & salvar a sua alma, do que guardando os seus iniquos costumes, & honras, perderse, & perder a vida, & a alma.

525 Huma mãy com huma filha de treze, ou quatorze annos vieraõ de quatorze legoas, ao Santuario de nossa Senhora da Assumpçaõ, para serem Christãs. Sabendo isto os Gentios, à instancia do marido da moça, lho impidiaõ, mas

sendo

Sendo avisado o Padre pay dos Christãos, & mandando lá o Meyrinho, com hum recado, largáraõ a moça, que tinha cercada huma grande multidaõ de Gentios; mas tanto que o Meyrinho voltou as costas, a prendèraõ, & lhe botàraõ huma braga de ferro no pè, com que a tiveraõ preza toda a noyte. Ao outro dia acodindo o Padre achou com outros Gentios hum Bramene principal, o qual lhe começou a fazer grandes queyxas, que naõ era razaõ tirar a mulher a seu marido, para a fazer Christã. Respondeo o Padre, que antes o filho, & filha, se haviaõ de tirar ao pay, & ao marido a mulher, quando quizessem seguir a Deos verdadeyro, mas com tudo, se o marido quizesse vir tomar a sua mulher, ella naõ casaria com outro, & esperaria por elle dous mezes. O que ouvindo, assim o marido, como os Bramenes, que estavaõ prezentes, respondèraõ logo, grande ley, & grande Deos temos. Finalmente veyo a moça cercada de soldados, que a vinhaõ inquietando, & dizendo-lhe que senaõ fizesse Christã, & o marido juntamente. E sendo perguntada, como a pobre moça se vio no meyo de tanta gente, infiada, & afflicta olhava para huma, & para outra parte, & indo para dizer que sim, foraõ-lhe todos à maõ, & principalmente o Bramene, o qual lhe prometia dinheyro, para que senaõ fizesse Christã, & que a faria serva do Pagode, para baylar sempre diante delle. Que he o mesmo para ser mà mulher, & publica peccadora (que he taõ grande a cegueyra daquella gentilidade, que tem aquillo, quando se faz em serviço do Idolo, por grande santidade, & honra) o Padre vendo a malicia do Bramene, se mostrou muyto irado, & lançando a todos pela porta fóra o reprehendeo gravemente, & deu ordem, que a mãy, & a filha fossem postas em casa de huma mulher, viuva, nobre, & virtuosa, que os mesmos Gentios escolhèraõ, aonde estiveraõ tres, ou quatro dias. E depois sendo perguntadas se queriaõ ser Christãs, pelos mesmos Gentios, & diante do Bramene. Respondèraõ que sim, & que para isso haviaõ sahido da sua terra. E dizendo-lhe o Bramene, naõ ti-

nheis

nheis vòs dito que naõ querieis ser Christã, & que querieis estar no Pagode? Respondeo, isso disse pela força, & violencia, que me fazieis, humas vezes com promessas de dinheyro, & outras com ameaças, atè me pordes huma braga de ferro no pè. Eu quero ser Christã. E assim o foy com grande alegria, & contentamento seu, & grande rayva do demonio, & dos Gentios, triunfando de todos, com o favor, & assistencia de N. Senhora.

526 Perguntada depois se queria casar com seu marido, o qual era torto, & tinha belidas nos olhos, de quem ella fugia antes. Eu nenhuma vontade tenho de casar com elle, mas se essa he a Ley de Deos, eu estou prompta, para a guardar, & assim ficàraõ todos contentes. Todas estas maravilhas se atribuem aos poderes de Maria Santissima que solicita toda, da salvaçaõ das almas, senaõ descuyda de as livrar dos enganos do demonio. Desta Senhora faz mençaõ o Padre Fernaõ Guerreyro da Companhia, na Relaçaõ annua das Missoens do Oriente liv. 2. c. 10.

TITULO XCV.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora da Encarnaçaõ de Matadavalur, no Reyno de Travancor.

527 A Cidade de Matadavalur, he huma grande Povoaçaõ, & està cercada de seis Aldeas, em que ha muytos Christãos, para que de todas as partes pudessem recorrer a ella mais facilmente. Aqui nesta Cidade fundou o Padre Andrè Bucerio da Sagrada Companhia, huma Igreja que dedicou ao ineffavel mysterio da Encarnaçaõ. E ainda que nos principios ouve hũa grande contradiçaõ dos Gentios, & dos Bramenes, para que senaõ levantasse, com tudo mandou ElRey huma Ola, ou hum Decreto, em que mandava, ninguem a contradicesse, mas antes, que todos ajudassem à obra; porque o Padre naõ era mal feytor, antes

era

era seu Padre, & seu amigo, & que porisso lhe dava a licença, & lha dera tambem para que fizesse outra Igreja na sua fortaleza de Cotete. Naõ se aquietáraõ os Gentios, induzidos dos Bramenes, antes se foraõ queyxar ao Rey, porèm voltáraõ reprehendidos, & arrependidos. Começou a obra em nove de Março, & como a gente, que nella trabalhava era muyta, & assim de Christãos, como de Gentios, & trabalhavaõ de noyte, & de dia, quando veyo ao dia de Nossa Senhora daEncarnaçaõ, a Igreja estava acabada, & cuberta, & de todo perfeyta. E assim disse nella Missa o Padre Bucerio, dedicando-a a nossa Senhora da Encarnaçaõ. E parece que tambem a Senhora andava na obra da sua casa, para que mais depressa se acabasse.

528 Neste mesmo dia fez o Padre huma pratica a hum grande numero de Christãos, que concorréraõ de todas as Aldeas visinhas, & aonde bautizou algumas crianças. E nesta terra se deteve até a festa feyra das Endoenças. E naquelle dia se temperáraõ as saudades dos Sepulchros, & devoçaõ das Cidades da Christandade. Depois se levantou huma fermosa Cruz, de treze covados em alto, a qual se poz diante da Igreja, em hum lugar aonde antes estava outra mais pequena. Com a vista da Santa Cruz, desfizeraõ os Jugues hũ Pagode, que estava defronte, & se foraõ dalli que senaõ atreveo o diabo estar à vista daquella salutifera arvore. E alli começou logo a Senhora a obrar muytas maravilhas.

529 A principal ajuda que tiveraõ aquelles Padres, para a fabrica da sua Igreja, foy a que deu hum Belabà honrado, gentio, o qual quanto pode trabalhou por dar aos Padres todo o aviamento, assim para cobrir, & acabar a Igreja, & casa dos Padres, como para a Cruz, que se levantou defronte da Igreja, atè querer desfazer huma casa sua, para tirar della huma viga de Teca, que era o pao que faltava para os braços da Cruz. Mas porque os Padres lha naõ deyxáraõ derribar, naõ sossegou atè descubrir o pao que faltava para os braços da Cruz. E assim com a sua diligencia, como com

a sua

a sua fazenda, foy aquelle bom Gentio de grande proveyto, offerecendo quanto tinha em serviço da Igreja. E porque os povos vesinhos de Gentios, se deraõ por aggravados, & tratàraõ de o castigar, lhe respondeo com grande animosidade, que havia muytos annos, que devia fazer tudo aquillo por amor dos Padres, & que naõ havia deyxar de o fazer. Depois q̃ vio a Igreja feyta continuou com grande devoçaõ em hir à Igreja o q̃ fazia tres vezes no dia a tomar agua benta, & a fazer reverencia à Imagem de nossa Senhora da Encarnaçaõ. E assim devemos crer que ella era o que tudo isto obrava, & devemos tambem crer piamente que a mesma Senhora, lhe alcançaria de seu Santissimo Filho, hũa grande luz para se bautizar, & a sua graça para perseverar na sua té para no Ceo receber o premio daquella sua fervorosa devoçaõ.

530 Os Povos circumvisinhos, que dantes o perseguiaõ, lhe vieraõ depois pedir perdaõ, louvando-lhe muyto, tudo o que tinha feyto, & por elle mandavaõ tambem pedir perdaõ ao Padre de lhe quererem impedir taõ boa obra, & que porisso entendiaõ os castigava Deos, fazendo que naõ choveſſe nas suas terras, pedindo-lhe, quizesse rogar ao Senhor, lhe desse agua para as suas cearas. A que o Padre respondeo que assim o faria. E foy nosso Senhor servido, para acreditar a nossa santa fé, que logo choveo por muytos dias. A que naõ faltaria tambem a Senhora da Encarnaçaõ, a quem o Padre tomou por medianeyra, que intercederia por aquelles Gentios, como Mãy que he de misericordia. Da Senhora da Encarnaçaõ faz mençaõ o Padre Fernaõ Guerreyro da Companhia na sua Relaçaõ das Missoens do Oriente livro 2. c. 13.

TITULO XCVI.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora da Aſſumpçaõ, da fortaleza de Caycolam na coſta de Travancor.

531 PEla coſta do meſmo Reyno de Travancor, deſde Coulaõ, até o cabo do Comori havia trinta Igrejas, pela parte maritima, & no anno de 1663. ſe acreſcentáraõ mais ſete, pela terra dentro. E nos annos ſeguintes ſe levantáraõ muytas mais, & a falta de Miniſtros Evangelicos, era a cauſa de naõ aver mayor numero dellas. E aqui ſe verefica bem o que diſſe o Senhor: *Miſſis quidem multa operarij autem pauci.* Porque ſendo aquellas regioens muyto abundantes de gente infiel, faltaõ-lhe os Operarios, & Miniſtros, para os doutrinar. Para iſto inviou Deos àquella coſta o P. Andrè Bucerio, fervoroſo Miniſtro do Evangelho, o qual havia muytos annos trabalhava naquella Miſſaõ. Eſte Padre com o ſeu ſuave modo, & doce genio, ſe introduzio muyto na graça do Rey, & dos ſeus validos, dando-lhe Deos notavel graça para com elles, & aſſim com grande facilidade alcançou d'ElRey licença, para fazer pela terra dentro as Igrejas, que deſejava. E chegou a tanto eſte favor do Rey, que dentro da ſua fortaleza de Caycolaõ levantou huma Igreja, & foy de tanto porte eſta, que com ella tapava o Rey as bocas aos Gentios moradores das outras Cidades, que impediaõ com grande contradiçaõ o levantar nellas Igrejas; porque queyxando-ſe ao Rey, lhes dava por repoſta. Se eu tenho Igreja na minha fortaleza, & diſſo naõ procedeo mal algum, nem inconveniente, quanto mayor razaõ tendes vòs para as deyxar fazer nas voſſas terras ao que elles naõ tinhaõ que reſponder.

532 Mas porque a eſta Igreja, que ſe fez dentro da fortaleza d'ElRey, naõ pòdem os Chriſtãos concorrer, quando querem: alcançou o Padre Bocerio licença delle, para fazer

zer outra Igreja fóra da fortaleza, para a qual huma boa velha Christã, offereceo huma orta, aonde havia já tres, ou quatro annos, que tinha feyto huma Capelinha, & porque se começou nas oytavas da Assumpçaõ de nossa Senhora, quizeraõ fosse dedicada à mesma Senhora, & que ella fosse a orago daquella nova Igreja. E no ultimo Domingo de Agosto, se disse nella a primeyra Missa, com grande solemnidade, & muyto concurso de outras povoaçoens visinhas. E no mesmo dia se fizeraõ alguns bautismos. Naõ passou hum mez inteyro, quando Deos quiz mostrar a constancia daquella boa velha, & dos mais Christãos, porque estando ElRey ausente, huma das suas mulheres, & hum seu irmão cujos vassallos eraõ aquelles Christãos, por se lhe naõ conceder hũa cousa, que injustamente pediaõ, chegáraõ a tanta indignaçaõ, que mandáraõ aos Christãos, que deyxassem de o ser, & puzessem, sobre si hum certo final com tinta, que era o de serem Gentios, pondo-lhe muytos medos, se o naõ fizessem, & principalmente à santa velha, que tinha dado a horta, para a Igreja. Porèm ella zombando de tudo, dava graças a nosso Senhor por ter occasiaõ de padecer, pela Virgem nossa Senhora, & por seu Santissimo Filho; & isto dizia diante dos mesmos Gentios, com que os provocava a mayor rayva, & furor. Os mais Christãos, & o principal, entre elles, que era ainda Cathecumeno, respondeo, que ainda que mandassem matar delles, quantos quizessem, naõ haviaõ de tomar aquelle final, porèm no mais que naõ fossem contra a Ley de Deos, seu Senhor lhe obedeceriaõ pois eraõ seus vassallos. Mas neste tempo trouxe nossa Senhora o seu Rey, o qual apausigou tudo. Com esta milagrosa Senhora tem todos aquelles Christãos muyto grande devoçaõ, & a servem com muyto grande fervor. Della escreve o Padre Fernaõ Guerreyro na Relaçaõ das Missoens do Oriente l. 2. c. 13.

TITU-

TITULO XCVII.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora do Roſario de Gulli.

533 A Terra de Bengalla, porçaõ do grande Reyno de Arracaõ, he muyto grande, porque ſe eſtende dos limites do Reyno de Ramu, ou do Porto grande atè as chamadas Palmeyrinhas, que eſtaõ alèm do Porto pequeno trinta legoas, que por mar fazem duzentas de Leſte a Oeſte. Toda eſta terra foy primeyro poſſuida dos primeyros naturaes, que chamamos Bengallas, que ſaõ gentios, mas depois os Patanes certos Mouros, que entre elles vivem, ſe levantáraõ, mas naõ gozáraõ do bem mal acquirido por muyto tempo, porque vindo ſobre elles os Mogores viſinhos das terras de Bengalla, lançáraõ fóra os Patanes, matando-lhe o Rey com todos os mais ſenhores principaes do Reyno, tomando-lhe as ſuas terras. Ficáraõ com tudo doze ſenhores, a que elles chamaõ Boyoens, que eraõ como Governadores de doze Reynos do Rey morto, os quaes fazendo-ſe todos em hum corpo, reſiſtiraõ aos Mogores, & atè o dia de hoje ſe conſervaõ aſſim juntos. Saõ eſtes ſenhores muy poderoſos, & trataõ-ſe como Reys. Eſpecialmente o de Seripur, a que chamaõ Cadarrais, & o de Candecaõ, & mais que todos os de Manſandolim. Os Patanes, ficaõ eſpalhados ſervindo aos Bayoens. E porque de todos eſtes ſenhores, naõ ſaõ mais que tres Gentios, como he o de Candecaõ, o de Siripur, & o de Bacalà (porque os outros ſaõ Mouros) daqui procede o grande impedimento, para a converſaõ delles à fé do verdadeyro Deos.

534 Confina tambem com o Reyno de Bengalla, o Rey dos Mogos, chamado Rey de Arrecaõ, que tem parte da Bengalla. Os Portuguezes, que lá reſidem para tratarem, tem huns lugares em certas partes, a que elles chamaõ Bandeis, & alguns a quem os Reys tem dado terras, & rendas,

ſaõ

saõ poderosos, & ricos, com estes está algũ Clerigo às vezes de passagem, que lhe diz Missa; mas como dependem dos Portuguezes, fazem o que elles querem, & naõ o que Deos quer. A terra em si he muyto fresca, & nas partes que confinaõ com o mar (aonde o rio Ganges vay tributar as suas aguas) está repartida em muytas Ilhas, que se navegaõ por rios, ou esteyros, a que chamaõ Gamgas, as quaes se tem por certo serem braços do rio Ganges, as quaes se navegaõ por enchentes, & vasantes, & acabada a marè, esperaõ por outra. As embarcaçoens saõ muy ligeyras, ao modo de fustas, ordinariamente chamaõ-se Jalias, saõ todas de hum pao, & cada huma levará trinta remos. Ha outras de carga, a que chamaõ Baurins esquipadas tambem com seus remos.

535 A navegaçaõ aqui he exposta a muytos perigos de Tigres, alguns andaõ mais de vinte legoas à vista de huma embarcaçaõ, esperando sómente desembarque algum Romeyro, para saltarem nelle, & o comerem. Chegaõ a dar assaltos de noyte nas embarcaçoens, & acontece às vezes, matarem quinze, & vinte pessoas juntas porisso saõ com extremo timidos dos Bengallas. Mas aqui se vè a grande Providencia de Deos, o qual para que estas feras naõ façaõ taõ grande mal, criou logo com ellas hum bicho no mato, do tamanho de hum gozo (a que chamaõ Peva) o qual em vendo hum Tigre o segue ladrando, & dando com isto final aos homens, & a outros animaes, para que se guardem do Tigre, & ponhaõ em salvo, & poem aos Tigres em tanto aperto, que ficando alguns dias sem comer, morrem à pura fome. E depois vay a buscar outro, a quem faz o mesmo.

536 Entre os Bandeis de Bengalla, (já tratamos de algum) hum delles se chama Gulli. Esta Povoaçaõ, ou Bandel, he de Portuguezes, & se vay a elle pela Ganga acima, por distancia de setenta legoas. Neste ha hũa Igreja dedicada à Virgem nossa Senhora do Rosario, que obra a favor de todos os que a invocaõ muytas maravilhas, & milagres, & assim he buscada naõ só dos Portuguezes, & Christãos Bengallas,

gallas, mas dos Gentios. E assim quando se vem em algum trabalho, & conflicto, invocando a Senhora do Rosario de Bulli, ella lhes acode logo, & os livra de todos os perigos, & aos enfermos, que em suas graves enfermidades, & apertos se valem della, & dos seus merecimentos, ella como piedosa Mãy os livra, & favorece. Muytos milagres se referem desta nossa Santissima remediadora. Aqui lançaremos hum, que escreve o Padre Francisco Lopes da Companhia, que he nesta fórma.

537 Partimos a dous de Mayo de 1599. da Barra de Cochim, em huma Galeota, que vinha para o Porto, pequena. Passando a Ilha de Ceylaõ, indo tanto a vante como Negapataõ, nos deu hum vento de traveſſia huma noyte, & foy taõ rijo, & taõ repentino, que nos teve quasi virada a embarcaçaõ, & meya hora esteve com hum bordo debayxo da agua, sem podermos amaynar. Neste grande perigo, se confessáraõ todos com grande pressa, & todos nos encomendámos a nosso Senhor. Nisto se tomou a vela grande, & fomos correndo ao mar com o traquete, mas com vento taõ rijo, & màres taõ grandes que naõ parecia, que navegamos por mar, senaõ por montes altos, & vales muy profundos. Tres dias andamos desta maneyra, atè que foy Deos servido, que abrandasse a tempestade. No tempo do perigo, fóra dos votos particulares, que cada hum fazia, offerecéraõ todos a vela do traquete (por estar nella a nossa salvaçaõ) a nossa Senhora do Rosario de Gulli, & lá a leváraõ, depois que chegáraõ a terra, & deraõ à Senhora do Rosario, que os havia livrado do perigo, trinta pardaos, em que foy avaliada, & todos fomos a dar as graças à Senhora por nos haver livrado de hum taõ evidente perigo.

538 Quem fosse o que à Senhora do Rosario fundou, & dedicou esta casa, me naõ constou, nem se nella assistem Religiosos, se Clerigos seculares. Mas consta que obra muytas maravilhas, & assim saõ grandes os concursos dos que vaõ a implorar os seus favores, assim os Portuguezes, como os

Christãos naturaes da terra. Da Senhora do Rosario de Gulli faz mençaõ nas cartas annuaes da Companhia o Padre Nicolao Pimenta, que escreveo ao Padre Gèral da Companhia de Jesus, como se vè da pag. 2.3.& 4.

TITULO XCVIII.

Da Imagem de N. Senhora da Vitoria da Fortaleza do Cunhale.

539 O Cunhale era hum Mouro muyto valente, a quem na India chamavaõ de Carapuça (que eraõ os que mais animosa, & esforçadamente peleyjavaõ na India contra os Portuguezes.) Este com o seu valor, se fez pirata, & com os roubos, & tyrannias que obrava, se havia feyto hum inimigo gèral de todo o Oriente, & assim era timido de todos os Reys Gentios. Era grande inimigo dos Portuguezes, nos quaes executava, quantas crueldades podia. Era muyto soberbo, & assim era prejudicial a todos, & mais infesto, & cruel para a naçaõ Portugueza, & para todo o Estado da India, & hum cruel perseguidor da fé, & Christandade, & com o seu odio havia martyrizado pela mesma fé a muytos Portuguezes. O seu nome era muyto celebre pelas suas crueldades, & assim se tinha feyto grande, & poderoso, & com o muyto que havia ajuntado com os seus latrocinios, & crueldades, estava muyto soberbo, & taõ insolente, que se intitulava Rey, & defensor da ley de Mafoma. E por temor da sua tyrannia alguns dos Portuguezes navegavaõ com os seus passaportes. No Achem, & no Mogor, & em Meca, era muyto nomeado, & em toda a costa da India, muy timido, pelas crueldades que fazia com as suas armadas. Veyo a crescer tanto na sua confiança do seu poder, em especial, depois de huma vitoria que alcançou contra huns poucos Portuguezes no anno de 1598. que mandou Embayxadores a todos os Reys Mouros, & atè ao graõ Turco, significandolhes em como tinha na India extinto o nome Portuguez, noticias

ticias, que foraõ muyto festejadas entre os Mouros, & muytos delles lhe mandaraõ prezentes.

540 Era neste tempo Viso-Rey da India Dom Francisco da Gama, & Arcebispo Primàs de Goa Dom Fr. Aleyxo de Menezes, & considerando ambos o quanto importava atalhar estes danos, com o mais que se podia temer, de hum taõ poderoso, & atrevido inimigo, se determinou a mandar sobre elle huma armada com a mais gente que se pudesse ajuntar. E pelo conhecimento, & experiencia que tinha do valor, & prudencia do insigne, & grande Capitaõ Andrè Furtado de Mendoça, o nomeou para esta taõ grande empreza, cuja eleyçaõ foy de todos muyto bem recebida, & estimada. Fez-se prestes o General Andrè Furtado, & como era muyto pio, & devotissimo da Virgem nossa Senhora, a ella encomendou esta taõ grande, & taõ perigosa expediçaõ.

541 Sahio de Goa a 3. de Dezembro de 1599. & chegou à barra do Cunhale aos 15. & de caminho compoz em Mangalor a ElRey de Banguel, & à Rainha de Olala, que estavaõ postos em armas; porque a sua discordia naõ prejudicasse a sua principal empreza. Em Cananor occupou a Barra do Rio de Malaim, de donde hiaõ os bastimentos ao inimigo, que tinha naquelle tempo preparados tres mil fardos de arroz. Com a chegada do nosso General se alegrou muyto o Camorim Rey de Calecut, tendo por certa a vitoria, pela experiencia, que tinha do grande valor de Andrè Furtado, ao qual havia pedido por cartas que fosse, por saber o grande medo que delle tinhaõ os Mouros, os quaes no anno antecedente, antes do destroço que ouve, diziaõ publicamente, que senaõ vinha Andrè Furtado, senaõ tomaria a Fortaleza, & assim com a sua chegada, ficáraõ os Mouros muy temorosos, & descorçoados.

542 Mandou o Rey logo visitar ao General, pelos mayores Regedores da sua Corte, que tratando com elle, ficáraõ taõ pagos da sua pratica, & cortezania, que dando conta a ElRey, elle mesmo o foy visitar. Desembarcou aos 18.

do mez, & em huma tenda ricamente armada se viraõ ambos, assistindo (como por Interpetre) o Padre Francisco Roz da Sagrada Companhia, pessoa de quem o Rey fazia muyta estimaçaõ, pela sua muyta virtude, & prudencia. Nesta vista deo o General conta ao Rey da sua resoluçaõ, & dos meyos, que eraõ necessarios, para os fins, que se pertendiaõ. Encomendou muyto a ElRey, senaõ fiasse de alguns dos seus Regedores, que como eraõ Mouros, o aconselhariaõ mal. Satisfeyto o Camorim, prometeo que assim o faria com muytos juramentos. E para mayor segurança, pedio o General ao Rey refens, o que se venceo, & se deraõ de parte a parte sem embargo de muytas contradiçoens, & desconfianças que se desfizeraõ.

543 Feytas estas deligencias, que parecèraõ bem necessarias, se apercebeo o General, para o combate, com todo o cuydado, & elle mesmo foy em hum dia disfarçado a reconhecer, pela parte do Camorim a fortaleza, & sitio do inimigo, & vendo tudo à sua vontade, foy demandar os passos do Camorim, & se deo a conhecer, & o Camorim se admirou, & perdeo a desconfiança, que os seus lhe metiaõ, dizendo, que o General senaõ fiava delle. Recolhèraõ-se ambos com o Padre Francisco Roz, em hum apozento, aonde tratàraõ muyto de proposito daquella grande empreza. Tambem nesta occasiaõ veyo com os Arioles, que eraõ tres senhores poderosos, que viviaõ da outra banda do rio Cunhale, para o Norte. E taõ grandes, que naõ estavaõ sogeytos ao Camorim. Das terras destes senhores, era socorrido o Cunhale, sem que lho pudessem impedir. Por esta causa o General com dadivas, & pessas preciosas, visitando-os por duas vezes, alcançou delles o desistirem de o socorrer.

544 Começou-se o cerco, em 16. de Janeyro de 1600. para o que se ajuntàraõ doze mil Nayres, & mil & duzentos Portuguezes, com os socorros que tinhaõ vindo de Cochim, & partes do Norte. Em primeyro lugar mandou fazer o General huma tranqueyra da banda do Norte na entrada

da da Barra em huma ponta de area, a que deo o nome de noſſa Senhora da Guia: mas vendo, que naõ ſeria de nenhum effeyto em quanto naõ ſe guarda o rio, com lhe meter dentro embarcaçoens, ſe reſolveo ao entrar. Tinha o inimigo a barra impedida com huns maſtos muyto groſſos, ancoras de naos encadeadas, & tudo de modo, que naõ podiaõ entrar pela barra, embarcaçoens grandes, ſenaõ couſa muyto pequena, & eſtas haviaõ de ſer ſuas, abayxando-ſe hum fuſil da cadeya. E aſſim pela ponta de area, aonde ſe havia levantado a tranqueyra, reſolveo, ſe fizeſſe a entrada, o que ſe fez com muyta diligencia, & força de alifantes, em hum dia, & huma noyte, em que lhe meteo ſeis naos grandes, quatro manchuas, & ſeis almadias, & com muytos ſoldados, & hũ deſtro Capitaõ, dando-lhe ordem, que paſſando alèm da fortaleza, tomaſſem o rio, & eſteyros, que vem da ſerra, por onde eſtava informado, ſe ſocorria ao inimigo. E o meſmo General foy por terra diſarçado a ver o ſitio, em que determinava fazer outra tranqueyra, ou plataforma, em hum eſteyro, que chegava atè o bazar dos Arioles de donde ſecretamente em almadias levavaõ ſoccorro ao inimigo. Viſto o lugar logo na meſma noyte, por eſtar tudo preſtes, ſe começou a tranqueyra, & antes que a manheceſſe eſtava capaz de defenſa, & no dia ſeguinte a proveo de artelharia, com a qual mandou varejar o bazar, & povoaçaõ do inimigo, dando-lhe o nome de noſſa Senhora da Eſperança.

545 Sendo aviſado depois pelas almadias, & manchuas, que já andavaõ no rio, que de huma ponta, que eſtava defronte da fortaleza do Cunhale, era elle ſoccorrido; foy ver eſte ſitio, por lhe dizerem, que tambem delle ſe podia bater a fortaleza, deu logo ordem à fabrica neceſſaria, & fez nelle outra tranqueyra, ao longo da agua, muyto forte, & bem feyta com a qual ſe fez muyto dano ao inimigo, & a eſta eſtância, ou plataforma, deu o nome de noſſa Senhora do Caſtello.

546 Em outro ſitio mais proximo à fortaleza intentou o General ganhar hum forte de grande conſequencia, & aſ-

saltando-o, o inimigo o impugnou, & defendeo com todo o o seu poder; mas os nossos com todo o valor o tomàraõ, que era em huma ponta que fazia o rio. Foy bem resistido do inimigo, mas os nossos com tal valor o acometèraõ, que sendo mortos muytos delles, sem esperanças de a poderem defender, deyxàraõ o lugar, & o desemparàraõ, ficando os nossos senhores daquella nova bataria, & castello, & muyto animados para os combates; ainda que custou sangue, & vidas de dez Portuguezes, & ficàraõ feridos alguns setenta, dos quaes morrèraõ depois vinte. A este forte de taõ grande importancia, poz o General o nome de nossa Senhora da Vitoria, naõ só pela que tivera, mas pela que esperava alcançar contra taõ cruel inimigo. Nos dias seguintes ganhàraõ outras tranqueyras visinhas, ficando senhores de toda aquella parte do Sul, & o inimigo desconfiado de se poder retirar, & a colher ao amparo do Nayque.

547 Depois disto, parecendo a ElRey, & ao General, que seria bom buscarse algum meyo para destruir ao inimigo sem morte de muyta gente, sendo possivel, & porque a gente da fortaleza, vendo os termos em que as cousas estavaõ, desejavaõ fugir, ou sahir, vendo, que naõ podiaõ escapar, deraõ licença, para se poderem sahir a seu salvo os que quizessem. Ouvida esta nova, & este seguro, naquelle dia: sahiraõ setecentas mulheres, & alguns meninos, & tambem alguns trezentos Mouros. E era grande lastima velos; porque havia já neste tempo muyto grande fome nos cercados, & alguns dias se sustentavaõ com palmitos. E os mesquinhos com a meijoas, que ainda que no rio matavaõ muytos, a fome os fazia continuar na pescaria, sem cuydarem dos pilouros.

548 Neste tempo mandou o General entrar todos os navios dos Capitães, que estavaõ nas tranqueyras, para nelles, quando se offereceesse, passarem à outra banda, & cometerem a entrada da Cidade, & fortaleza. Esta estava em hũa peninsula, q̃ teria como duas milhas de circuito, rodeada de mar por tres partes, & da banda do Sul se continuava com a

terra

terra firme, aonde para sua defensa tinha duas tranqueyras, a de fora era de madeyra, & espinhos còm humas guaritas: & a de dentro de pedra, & cal, & havia dous baluartes principaes; o baluarte branco fronteyro à barra, & outro chamado catamuça. A fortaleza estava da banda do Norte, & junto della huma povoaçaõ muyto grande com huma mesquita no meyo, & hum bazar antigamente cheyo de todo o genero de mantimentos. A primeyra tranqueyra de madeyra (aonde no anno antecedente morrèraõ alguns Portuguezes, & muytos foraõ feridos, & mil Nayres mortos) tomàraõ agora os Portuguezes facilmente, & a queymàraõ com morte de alguns dos inimigos, que quizeraõ resistir. Tambem custou ao General, meterse-lhe hum estrepe por hum pè. E antes de elle acudir se armava hum grande desastre pela desordem, & impeto cego de hum Capitaõ. Mas defendeo N. Senhora da Vitoria a quem sempre em tudo invocava, a que tinha feyto a cudir o General por huma parte, & o P. Manoel Gaspar pela outra, animando os soldados, & assim parou tudo em bem.

549 Ficando já os Mouros todos fechados dentro da segunda tranqueyra, que era de pedra, & cal, & na povoaçaõ, ou Cidade, & na fortaleza. Sendo já sete de Março pela manhã, soy avizado o General, em como naquella noyte determinava de se acolher o Cunhale, com o consentimento de alguns dos Regedores do Camorim. E ainda que o General tinha daquella banda muyto grande vigia, porque no dia que se ganhou a tranqueyra de madeyra, deyxou daquella parte entrincheyrado hum Capitaõ com quinhentos soldados; toda via, como era facil acolher-se hum homem só de noyte. Resolveo-se em concluir as cousas naquelle dia, & naõ quiz dar parte desta sua resoluçaõ a ninguem, sómente disse em géral que estivessem prestes; porque muy sedo havia de aviriguar o negocio. Chamou a todos os Capitães dos navios, aos quaes mandou, se embarcassem com todos os soldados, & fossem surgir na barra, & estivessem

prestes, & a ponto, & obedecessem inteyramente a quem alli lhes nomeava por Capitaõ; porque na obediencia, & ordem das cousas, estava o bom successo, & vencimento. E tomando o Capitaõ a parte, lhe deu a ordem que havia de seguir, a qual era, que dando elle recado (o qual mandaria com hum seu anel) elle com toda a pressa, com aquella gente, & navios juntos, fossem pòr a proa no baluarte branco, & fazendo Deos mercè de o ganhar se fortificasse nelle, & dalli senaõ movesse, ainda que visse que tudo se perdia. A mesma ordem deu ao Capitaõ de outros navios, dizendo secretamẽte, o lugar, que queria acometesse, dando elle o recado. E como tinha determinado a cometer a povoaçaõ, tranqueyras, & baluartes, juntamente por tres partes, as quaes elle tinha visto muyto devagar (naõ tratando por hora da fortaleza) reservou para si a tranqueyra de pedra, que era a mais difficultosa.

550 Dadas estas ordens, fez huma falla aos seus em que os animou ao assalto. Isto feyto se embarcou na sua manchua, & passou da outra banda, a verse com o Camorim, que o estava esperando. Desembarcou bem armado, com as suas insignias, levando comsigo o estendarte real, com o seu esquadraõ de soldados muy lustrosos, & cheyos de esperanças, que aquelle dia lhe daria nosso Senhor o premio dos seus trabalhos. Chegando com esta ordem ao Camorim tratou com elle hum pedaço do que tocava a empreza, & o dessuadio de algumas desconfianças, que delle tivera. Isto feyto, que seria à huma hora depois do meyo dia, despedio com muyta pressa hum soldado de muyta confiança com o seu anel ao Capitaõ que estava esperando na barra, & outro com outro anel ao Capitaõ dos navios, que deyxára no rio, da banda de dentro. Depois de ter executado isto, estando falando com o Camorim, & assentados ambos, hum pouco afastados da tranqueyra de pedra, que elle havia de acometer, ouvio os tiros da artelharia da armada da barra, & cuydando, que o negocio que estava tratando com o Camorim

morim poderia ser causa de elle naõ chegar à tranqueyra ao tempo, que havia assentado, & assinado aos Capitães, & soldados, se levantou da cadeyra, & mandou tocar as trombetas ao som das quaes se abalou com tanta ligeyreza que chegou à tranqueyra de pedra antes que as armadas tivessem desembarcado, & pode tanto hum brado, que deu aos soldados, que levava, que em hum instante a tranqueyra foy entrada, & elle foy hum dos primeyros que subiraõ, & mandando subir o estendarte real: foraõ os Mouros desemparando a tranqueyra, & o baluarte do Catamuça. Morréraõ alli muytos, & outros muytos se recolhèraõ à fortaleza, outros que pertendiaõ fugir pelo rio, foraõ alanceados nelle, dos que andavaõ nas manchuas. Passou a diante com toda a presteza ao baluarte branco, & de caminho mandou pòr fogo à povoaçaõ, & bazar; gritando da fortaleza o Cunhale, & os seus taõ alto, que de muyto longe se podiaõ ouvir as suas lamentaçoẽs. Chegando o General ao baluarte branco, o achou ganhado com as nossas bandeyras nelle arvoradas, & arrastando-se as de Mafoma. Sahindo do baluarte os Portuguezes a receber o seu General, dando-lhe os parabens da vitoria, tomou logo huma enxada nas mãos das muytas que para este effeyto mandou levar, & ajudando-o todos os soldados, com grande alvoroço, & com a gente de serviço, se entrincheyrou antes da noyte.

551 Neste comenos, sendo avisado, em como a mesquita, que està pegada à fortaleza estava ganhada, mandou hum Capitaõ com seiscentos homẽs se senhoreassem della. E porque nos primeyros dias lhes matavaõ alguma gente, com os tiros da fortaleza deu ordem como se intrincheyrassem de madeyra, que naõ ficasem padecendo tanto dano. Estando já feytas as trincheyras, & dado ordem à vigia, & repartidas as estancias, & baluartes pelos Capitaens, encomendando-lhe muyto, q̃ neste tempo mais que nunca vigiassem, & mandando aos navios, que estavaõ no rio, cercassem a fortaleza daquella banda de modo, que nem anado pudes-

se

ſe eſcapar couſa que della ſahiſſe. A fortaleza era tal, & taõ forte que com pouca gente ſe podia defender, havia nella mais de trezentas peſſas de artelharia. Começou logo o General a apertar o cerco, por mar, & por terra, dando lhe rija bataria de dia, & de noyte, por todas as partes. E foy N. Senhor, & ſua Santiſſima Mãy a Senhora da Vitoria ſervida q̃ muyto poucos morreſſem da noſſa parte, & muytas vezes davaõ as ballas nos noſſos, ſem os ferir. Ao Capitaõ que meteo a armada pela barra dentro, & entrou o baluarte branco (chamado Andrè Rodrigues) deu hũa balla de moſquete na boca, & quaſi que naõ tinha outra parte ſem ferida, & levando-lhe os dentes dianteyros debayxo, & decima os cuſpio com ella, dizendo, ſabia eſte Mouro, que naõ tinha eu que comer com elles.

552 O Cunhale ſe admirava da vigilancia, & incançavel cuydado do General, dizendo, que era grande feyticeyro, & parecia, que tinha quatro corpos, porque em todos os lugares ſe achava. Outros diziaõ, que o Arcebiſpo lhe tinha dado hum anel, com que nenhum pelouro lhe podia tocar. Os Padres da Companhia naõ faltavaõ neſte tempo ao ſeu miniſterio, & o em que mais trabalhavaõ foy em ter maõ no Rey Camorim; porque os ſeus Governadores, o naõ perverteſſem com enganos a favor do Cunhale. Eſtando as couſas neſte eſtado, ainda que eſtava queymado muyto fato da povoaçaõ, & Bazar, & outro levado pelos Nayres, & Portuguezes, eſtava com tudo muyto enterrado. E para que neſtas tomadas de fato, & ſaco, naõ ouveſſe deſordem, tinha mandado o General, que quando ſe cavaſſe, ſe achaſſem preſentes duas peſſoas da parte dos Portuguezes, & da parte dos Nayres outras duas: mas como a cubiça naõ ſegue às vezes a boa ordem, & ſe ſahe dos limites da razaõ, naõ deyxava de haver differenças, entre os Nayres, & ſoldados biſonhos, por naõ ſaberem os coſtumes da terra, nem ainda a lingua. E ſuccedeo, que hum dia ſobre ſe deſcubrirem certas peſſas de artelharia pequenas, matáraõ os noſſos ſoldados

hum

hum Nayre principal, ſobre o qual ſe armou hum grande arruido entre os Nayres; & porque o Rey os apaſigava, dizendo que logo viria o Padre, & lhes faria juſtiça, indo ao General lhe diſſeraõ que naõ tinhaõ Rey. Mas o General remediou tudo com a ſua prudencia, & de modo, que tudo ficou em paz.

553 Continuando o General com a bataria, teve inteligencia q̃ da parte do Cunhale, ſe prometia ao Camorim cem mil cruzados, para com ſeu favor poder fugir por ſuas terras. E temendo o General que o Camorim pudeſſe afrouxar no que lhe tinha prometido, que era que em nenhũ modo o Cunhale fugiria por ſuas terras, & que fugindo, ou morto, ou vivo lho entregaria. Cauſou eſte aviſo tanto aballo no ſeu vigilante animo, que para ſegurar o negocio (ſendo de tanta importancia) logo em eſpaço de vinte & quatro horas, ſe entrinxeyrou contra o meſmo Rey Camorim, & mandou que nenhum Nayre entraſſe das portas para dentro. Grande foy o ſentimento dos Padres, temendo que com eſtas deſconfianças, que os Governadores do Rey augmentavaõ, ſe perdeſſe tudo. O General nenhum remedio deyxou de provar, para ſe prevenir do que lhe podia ſobrevir. Mandou dizer o Camorim, que ſe queria ver com elle, reſpondeo o General que de boa vontade, mas que havia de ſer com as armas na maõ, & em campo; porque com ellas determinava juſtificar a ſua cauſa, & ſatisfazer ſe das ſem razoens, que lhe fizeſſe. O que o Camorim recuſou, mandando ſobre iſſo alguns recados aos quaes o General naõ deſirio, o que viſto pelo Camorim ſe deu por ſatisfeyto, verem-ſe em campo.

554 Veyo o Camorim com todo o ſeu exercito em arma; & o General ſahio da meſma ſorte com todos os ſeus muy bem formados. Eſtando os campos pegados hum com o outro, abalou o Camorim de dentro da ſua gente, & o General de dentro da ſua, & no meyo deſta diſtancia, que ficava entre os campos, começàraõ a tratar das ſuas deſconfianças. Eſtava o vulgo calado, & attento, mas naõ puderaõ

ouvir

ouvir o que se tratava, atè que o General disse, em alta voz a ElRey algumas palavras pezadas, ou de resoluçaõ, que elle era aquelle Capitaõ, que cortára cabeças a Reys, & Principes, & fizera Reys, que se desenganasse sua Alteza, que se o Cunhale sahisse daquella fortaleza com o seu favor, & ajuda jurava pela sua Ley, que com toda aquella gente que alli tinha, havia de morrer, & hir dalli atè Calicut, pondo tudo a ferro, & fogo em quanto a vida lhe durasse. As quaes palavras, & outras muytas o lingua, que era hum Christão honrado de Coulaõ, por conselho dos Padres relatava mais brandamente. Mas o Camorim ainda que naõ entendia bem as palavras, pelo tom dellas, & modo de fallar, entendeo que o General estava muy sentido. Pode tanto esta resoluçaõ,& termo com que o General se ouve com o Camorim, que disistio logo da sua pertençaõ (se alguma teve,) & deu ao General huma olla,em que se obrigava,a lhe entregar vivo, ou morto ao Cunhale, & mais quarenta Mouros dos mais honrados. E juntamente disse ao General, que posto que este concerto era contra o costume antigo daquelle Reyno, q̃ por engano nunca entregáraõ ninguem a seus inimigos, todavia porque elle Cunhale tinha feyto a elle Camorim seu Rey natural, o que nunca nenhũ Mouro vassallo seu fizera. Isto assim feyto se abraçáraõ,& foy este acto muyto festejado com o som das trombetas, clarins, & charomellas, & huma salva muy grande de mosquetaria. Nestes encontros se vio o Camorim atribulado, com diversos pareceres dos seus, que lançou fóra do conselho os Regedores, & sómente se governava pelo Padre Francisco Roz.

555 Vendo o Cunhale, que a artelharia das barcaças, & a outra das mais batarias tinha já feyto huma grande ruina no muro da fortaleza, & que naõ tinha mantimento para mais que hum só dia, determinou, entregar a fortaleza, & tudo o que nella havia ao Camorim, com tanto que lhe desse a vida. Estando neste proposito, sonhou que o Camorim o entregava nas mãos do General, & Portuguezes. A cordando

do

do sonho o referio aos seus, & se ataviou, & poz as suas sendalias, como he costume, dos que querem hir a morrer a moucos, para logo abrir as portas da fortaleza, & sahir com a sua gente repentinamente, & dar nos nossos arrayaes, & morrer nas mãos dos Portuguezes. Mas como os seus naõ queriaõ morrer, naõ se ajustàraõ ao seu voto. Hum Cacis velho, que alli estava o tomou à parte, & lhe rezou sobre a cabeça muytas oraçoens, tais como elle, pelo seu Macafó, & lhe disse, naõ cresse em sonhos, porque naõ havia de ser assim. Os Mouros da fortaleza chamàraõ pelos da tranqueyra, dizendo que queriaõ fallar ao General, mandou-lhes responder, que com elle naõ tinhaõ que fallar, mas se o quizessem fazer com ElRey Camorim, tinhaõ licença, com condiçaõ, que hum Capitaõ seu acompanhasse a quem quer que sahisse da fortaleza, & no caminho o naõ deyxassem fallar com ninguem, & que naquella ordem o levassem ao Camorim, & o tornassem a trazer, o que os Mouros aceytàraõ, & assim por duas vezes foraõ fallar ao Camorim. Mandou dizer o Camorim ao General que tudo estava já negociado, como elle queria, que à huma hora da tarde se viriaõ, para tudo se affeytuar.

557 Chegado o tempo, & crescendo no Camorim receyos deste encontro, mandou dizer ao General, que antes de abalar, desejava fallar com o Padre que trazia na sua gallè, com quem se confessava, & segurando-o elle logo iria. O General logo lhe mandou ao Padre Manoel Gaspar, o qual lhe tirou todos os temores, & desconfianças. E com isto logo o Camorim se abalou, o que tambem fez o General, o qual deyxando nas tranqueyras a guarniçaõ necessaria, com toda a mais gente formada em hum esquadraõ fechado, & com o estendarte Real, se foy demandar a fortaleza, vindo o Camorim com todos os seus em outro esquadraõ. E apartando-se hum esquadraõ do outro, para que senaõ baralhassem os Nayres, com os Portuguezes, se puzeraõ em duas linhas, fazendo huma rua muyto comprida, & larga diante da fortaleza

leza do Cunhale. Mas o General se ouve com tal arte, que ficou o seu esquadraõ, para a parte aonde tinha as trincheyras. E o do Camorim para a parte do Rio, & logo mandou aos navios, que puzessem as proas nas costas da gente do Camorim, & assim os tinha como cercados, por mar, & por terra, & naõ sem muyto temor delles. Vendo o Camorim isto lhe mandou dizer, que parecia aquillo novidade, a que respondeo o General que por quanto os Nayres estavaõ medrosos, tinhaõ os navios nas costas em socorro. Mas o Rey entendeo o lanço, dando disto geyto com a cabeça. Estavaõ ambos cada hum em sua cadeyra da parte do seu campo, & com elles os Arioles.

557 Começáraõ nisto a sahir os cercados da porta da fortaleza, primeyro os doentes em catres, & apoz elles a gente de guerra, sem armas, & logo de traz o Cunhale com o seu Ayo, & Secretario, & com o Veador da sua fazenda o Chinale, & outros homens principaes. E caminhado com esta ordem atè aonde estava o Camorim, naõ faltando rumor no campo com o alvoroço da gente. O Cunhale vinha vestido em huma cabaya parda muyto escura com botoens de ouro, no braço direyto huma manilha de ouro muyto groça com hum cinto de ouro de grande feytio, & valor, huma faca com bainha de ouro na cinta, dous aneis nos dedos, o cabelo tomado com huma renda de ouro, hum veo preto, ou fita pela testa, hũa espada nua na maõ com a ponta para bayxo. Hum Regedor o tomou logo pela mão, & o apresentou ao Camorim. O Cunhale ainda que tinha algum medo, toda via se lhe enxergava brio pelo succedido no tempo atraz. O Camorim lhe mandou logo tomar a espada, & elle mesmo a tomou na maõ, & fazendo-o chegar mais perto deo de olho ao General, para que lançasse maõ delle, o que fez, entregando-o aos soldados. Ouve grande rumor entre os campos, cuydando os Nayres, que os Portuguezes levavaõ ao Cunhale por força. Ouve tocar trombetas, & a soldadesca começou a acudir. Mas ElRey lhes disse, que se aquietassem,

& lho

& lho deyxaſſem levar, pois elle era o que o entregava, & aſſim o levàraõ, & ao Chinale, & a outros alguns, mas outros quatro, ou ſinco dos principaes eſcapáraõ entre a gente. A fóra eſtes lhe entregou outros quarenta Mouros. E pedio El-Rey ao General, naõ concedeſſe a vida ao Cunhale.

558 Em quanto o levavaõ, & aos ſeus para os porem a bom recato, tomando o General ao Camorim pela maõ, entràraõ ambos na fortaleza, aonde o General diſſe ao Camorim, que pois ſua Alteza tinha tambem reſpondido com ſua verdade, & amiſade, elle em nome de ſua Mageſtade lhe entregava o que na fortaleza eſtava, tirando as peças de artelharia, que haviaõ de partir, como eſtava aſſentado. E como eſta gente ſe leve muyto do intereſſe, ficou taõ contente o Camorim, que abraçava ao General, & naõ lhe ſabia ſignificar com palavras o agradecimento, dizendo elle, & os ſeus, grandes louvores dos Portuguezes, havendo primeyro tantas deſconfianças, temendo que o General ſe fizeſſe forte na fortaleza do Cunhale, & lhe tomaſſe tudo.

559 Vendo o General a grande mercè que Deos lhe fizera, & ſua Santiſſima Mãy, poſtrado por terra, & com muytas lagrimas, & palavras de grande devoçaõ, lhe deo as graças, pela mercè recebida, & à Virgem noſſa Senhora, a quem tinha tomado por ſua eſpecial padroeyra, & a ella, como Senhora das Vitorias, confeſſava dever aquella, correſpondendo eſta ſua piedade no fim da empreza, a que ſempre, & principalmente deſde o principio della, moſtrou a ſua grande devoçaõ. Depois ſe deſpediraõ o General do Rey com grandes comprimentos, & ſatisfaçoens. E o Camorim deo ao General huma Ola, ou proviſaõ eſcrita em huma lamina de ouro, na qual dizia, que em quanto o Sol, & a Lua duraſſem, naõ habitaria naquelle ſitio Mouro algum, & que todoo que alli habitaſſe o poderiaõ matar os Portuguezes livremente, & as ſuas familias, ſem por iſſo a paz ſe quebrar, & que dentro de vinte annos, naõ poderia alli habitar peſſoa viva. Recolhida a artelharia às gallès, & navios, cortados os pal-

palmares, & destruida a fortaleza, & arrazada a Cidade se embarcou o General Andrè Furtado para Goa.

560 Ao Cunhale prezo, assim em terra, como na gallè, hiaõ muytos a ver, pelo grande nome, & fama que tinha do seu poder, & vendo-o posto em prizoens, vencido, & desbaratado, era grande o pasmo, & admiraçaõ em todos. E elle vendo-se em taõ bayxa fortuna, naõ podia ter as lagrimas de sentimento, & naõ queria que o vissem. Mas cahio na conta (ainda que naõ foy como devia) dizendo, que aquillo fora castigo de Deos, & dizia na prizaõ de Goa, que elle chegàra àquelle estado taõ miseravel, porque vestira huma casula de dizer Missa, & que de hum caliz que tomàraõ os seus cossarios, fizera cuspidor do Betele, & porque reprehendendo-o hum Christaõ cativo o mandàra por isso matar. E affirmava q̃ desde entaõ começàra a hir sempre descahindo, atè se ver naquelle estado.

561 Foy taõ grande o terror, & espanto que com esta vitoria cahio nos inimigos do estado, que vindo-se recolhendo o General Andrè Furtado, se despoavaõ as terras, temendo que tambem a elles os destruisse, & assolasse. Mas que diriaõ aquelles Reys, com o mesmo gram Turco, a quem mandou embayxadas, quando soubessem o fim que teve a sua grande soberba.

562 Finalmente prezo com grilhoens o poderoso Mouro Cunhale, em Goa, foy sentenciado à morte, & degolado; & a sua cabeça metida em huma gayola de ferro, foy levada ao lugar do seu tyrannico senhorio, & nelle esteve levantada em huma lança. Muyto se trabalhou porque a sua alma senaõ perdesse, mas parece que o naõ mereceo a Deos, porque naõ quiz deyxar a maldita seyta de Mafoma, sem embargo de se lhe fazerem muytas diligencias. Melhor succedeo ao seu Secretario Chiali Chino de naçaõ, o qual sendo moço foy tomado pelos Mouros, & fazendo-se Mouro, como elles, era muyto perjudicial aos Christãos cativos, & presava-se de inventar tormentos, para os fazer arrenegar. A este se dilatou

latou a morte, por naõ haver tanto perigo na fuga, & ſendo deſenganado pelos Padres de que havia de padecer, entrou em ſi, & converteo-ſe à fé, & foy bautiſado com outro Mouro Capitaõ do Cunhale. Impuzeraõ-lhe o nome de Bartholomeo, & foy acompanhado à força pela Miſericordia, & pelos Collegiaes do Collegio de ſanta Fé.

563 O General Andrè Furtado de Mendoça, como quem era taõ devoto da Virgem noſſa Senhora, foy logo a darlhe as graças, aſſim como chegou a Goa, pelos grandes favores, que lhe havia feyto naquella difficultoſa Conquiſta, & pela ſingular vitoria que lhe dera, a quem era razaõ o fizeſſe, pois naquelle Collegio de Saõ Paulo, como quem era taõ devoto, a havia tomado por ſua ſingular Protectora. E a ella ſe devem atribuir todos os bons ſucceſſos, que teve, & os grandes milagres que ſe viraõ, & experimentàraõ naquella difficultoſa empreza; ſeja ella ſempre bendita, que com tanta clemencia aſſiſte aos que nella eſperaõ, & confiaõ: no meſmo Collegio lhe fez cantar huma ſolene Miſſa com Sermão em acçaõ de graças. Deſta Senhora da Vitoria que ſe venera no Collegio de Saõ Paulo faz mençaõ o Padre Nicolao Pimenta, na carta annua, que eſcreve ao Padre Géral da Companhia, eſcrita em Goa a 5. de Dezembro de 1600.

TITULO XCIX.

Da milagroſa Imagem de N. Senhora da Expectaçaõ que ſe venera no Collegio da Companhia de Cochim.

564 NA Provincia que a Companhia tem no Malavar ha dous Collegios, o de Cochim, que he dedicado a noſſa Senhora debayxo do titulo de ſua Expectaçaõ, & o de Vaypicota, povoaçaõ principal da ſerra dos Chriſtãos de Saõ Thomè. E cada hum deſtes Collegios tem varias Reſidencias, em que ſe fazem a noſſo Senhor muytos ſerviços, & aonde tambem ſe padece muyto pelo ſeu amor.

Este trabalho, naõ he só em andar peregrinando de lugar em lugar, por calmas, frios, & chuvas; mas pela grande perseguiçaõ, que o demonio lhe faz, por meyo dos Gentios, cujos Reys, & senhores, muytas vezes perseguem aos Christãos procurando impedir aos seus vassallos o converterem-se à fé, dos quaes he muytas vezes o Rey de Cochim, como era o q̃ reynava, pelos annos de 1603. que se mostrava inimicissimo da Ley de Christo, pois chegava atè esbulhar de sua fazenda, os q̃ se convertiaõ; por onde os demais Gentios naõ ousavaõ a se declarar, com o temor daquelle mao Rey. Para mayor confusaõ do demonio, & daquelle barbaro Rey, & de todos os mais Gentios inimigos de Christo, inspirou Deos aos Padres daquelle Collegio, fizessem hũa festa, & a mais solene q̃ se podia fazer à Senhora, & acto de Religiaõ, & de mayor gloria de Deos, & exaltaçaõ da N. Santa Fé, que já mais vio a India. Esta foy huma prociſſaõ, com q̃ recebèraõ, & festejàraõ no dia da Senhora da Expectaçaõ as sagradas reliquias, de huma parte da camisa da Virgem nossa Senhora, huma cabeça das onze mil Virgens, & outras de outros Santos, que o Padre Vice-Provincial Alberto Laercio levou de Roma, para aquelle Collegio. Celebrou-se esta grande festa no dia do seu Orago, que he (como fica dito) o da Expectaçaõ do parto da Senhora. E a prociſſaõ se fez à vespera. E porque foy taõ notavel, & de taõ singular devoçaõ, & aparato, & de grande louvor da excelsa Rainha dos Anjos, como se verà, & como agora referiremos.

565 No principio da prociſſaõ, hia diante de tudo, sobre hum grande andor, que levavaõ às costas doze homens, hum monte muy natural, que representava o monte Oreb, & sobre elle a Çarça de Moysés ardendo sem se desfazer. Seguia-se logo depois de hum sufficiente espaço a torre de David, sobre outro andor, que supposto naõ era de fino jaspe, todavia a materia de que o fizeraõ o representava muy bem. Deciaõ pendurados das ameyas, muytos escudos muy bem pintados, & dourados, com varios lavores, com muytos elmos,

elmos, & capacetes, & muyta diversidade de armas. E ainda que huma fermosa letra que levava, & dizia. *Omnis armatura fortium*, o naõ dissera, ella per si bem se deyxava conhecer. Hia toda em bandeyrada com muytas bandeyras, & pendoẽs, cousa muyto para ver. Depois de algũ espaço, se seguia sobre outro andor, que levavaõ dezoyto homens o trono de Salamaõ, de obra muy custosa, & lustrosa, feyto com os doze degraos, em que hiaõ doze leoens muy naturaes, & Salamaõ assentado em hũa cadeyra de borcado, cuja figura era do tamanho de hũ homem, q̃ em peças ricas levava trinta mil cruzados, cuberto por cima com hũa meya laranja, sustentada em quatro colunas, feytas ao modo de piramides, obra muy linda, & custosa, & as piramides subindo com as pontas mais acima, tinhaõ na ponta cada huma seu globo dourado, & em cada hum seu Anjo assentado com huma letra, que dizia: hum, *Aurora consurgens*, outro, *Pulchra ut luna*; outro, *Electa ut Sol*; & o quarto, *Terribilis ut castrorum acies ordinata*.

566 Tinhaõ todas estas charolas pouco mais, ou menos dezoyto palmos em alto, & confórme a isto, era o comprimento. Seguia-se no quarto lugar outra charola, que excedia, assim na grandeza, como na obra, que era sobre tudo fermosa. Seria de vinte & dous palmos de alto, nella hia assentada Santa Anna, com a Senhora nos braços, sendo Menina; tinha a charola sete colunas, & nos vãos dellas hiaõ sete Virgens, capitaniadas por Santa Ursula, que levava a dianteyra, & na maõ hum guiaõ de damasco carmesim franjado de ouro. Hiaõ todas estas Virgens requisimamente vestidas, & guarnecidas de ouro, & pedraria, que importaria quinze mil cruzados. O respeyto de hir esta charola, foy por ser hum dos Altares da Igreja dedicado a Santa Anna, & às onze mil Virgens. E por respeyto de outro Altar hia a charola quinta de Jesus, feyta ao modo de piramide, & devidida em tres estancias, & no alto cercado de hum grande resplandor, hum fermoso Menino Jesus, posto sobre hum globo dourado, que tres Anjos sustentavaõ aos hombros. O

Menino era de bom tamanho. A primeyra estancia, que ficava logo aos pès dos Anjos, era feyta de neves, semeadas de muytas estrellas, & muytos serafins ao redor, ajoelhados todos diante do Menino. Na segunda hiaõ todos os estados do mundo, tambem ajoelhados. E na terceyra pintado o inferno com muytos demonios ao redor, & tudo figuras de vulto, tambem de joelhos. E em hum canto da charola, se via S. Paulo, com huma letra, que declarava a tençaõ, dizendo: *In nomine Jesu, omne genu flectatur, celestium, terrestium, & infernorum.* Em outro canto, lhe correspondia Salamaõ com outra letra, que dizia: *Oleum effusum nomen tuum.* A estas duas figuras respondiaõ nos outros cantos da charola, outras duas, que eraõ os Profetas Abacuc, & Zacarias. Este com aquellas palavras do seu Capitulo terceyro: *Vidi Jesũ Sacerdotem magnum.* Outro com as do seu Cantico: *Exultabo in Deo Jesu meo.* Todas estas quatro figuras, hiaõ muyto bem vestidas, & confórmes ao que representavaõ. Levavaõ esta charola doze homens.

567 Depois destas charolas, vinha a Virgem nossa Senhora da Expectaçaõ, sobre hum muyto fermoso, & grande carro triunfante, que tinha mais de trinta palmos de comprido, & a sagrada Imagem da Senhora, collocada em hum muyto levantado trono, que se igualava com as janellas das casas. A traça, & a invençaõ do carro foy de tanto artificio, que (quasi naõ fazendo a gente caso das outras cousas, sendo todas taõ perfeytas, & admiraveis, & dignas de serem vistas) arrebatava assim os olhos de todos. Era formado sobre quatro rodas, cada huma das quaes era feyta de quatro grandes conchas, que se hiaõ a unir humas com as outras, & todas cubertas de ouro, & prata, & de diversas cores, as mais partes do carro, hiaõ pintadas com mil lavores que para mais realce, levavaõ a espaços, humas carrancas, & na proa delle outra mais notavel, de cuja boca sahia huma grande argola, em que se prendiaõ algumas peças de seda, pelas quaes puxavaõ os sete planetas, que parecia levavaõ o carro. Ainda

que

que debayxo hiaõ muytos homens, q̃ o moviaõ por ser a maquina delle muyto grande. No alto deste carro se fez hum trono, a modo de nuvem semeada de muytos Anjos, & em cima delle a lua, & sobre ella hia a Imagem da Senhora collocada. E ainda que naõ he muyto grande de estatura, hia esta soberana Senhora com tanta Magestade, que bem mostrava ser a Rainha da Gloria. Na parte que lhe ficava para diante, ao pè do trono, hia o Anjo do Apocalypse, & junto a elle o Evangelista amado, figuras vivas, muyto ricamente vestidas, que a certos passos fallavaõ. Na parte posterior hia como vencido o Dragaõ de sete cabeças, muyto artificiosamente obrado, & outras mil cousas varias, que nem tudo se pòde especificar.

568 Atraz do carro, hia outra charola muyto admiravel, & veneravel, mas mais pequena, & naõ tanto, que naõ fossem necessarios para a levar mais oyto Padres, & ainda com difficuldade. Hia muyto bem guarnecida, por irem nella as santas reliquias, que novamente havia levado de Roma o Padre Vice-Provincial. No meyo da charola se levantava huma piramide cuberta de tella de ouro, guarnecida pelos quatro cantos com muytas rosas do mesmo ouro. Pelas faces da piramide, hiaõ encostados oyto ossos de Santos Martyres; & nos quatro cantos da charola hiaõ em quatro salvas ricas, quatro cabeças, muyto vistosamente concertadas. Huma dellas de Saõ Zozimo Papa, & confessor; outra de Saõ Lucrecio Martyr; outra de huma das onze mil Virgens; outra de hum Martyr Thebano. No ultimo lugar, hia o relicayro referido com a reliquia da Virgem nossa Senhora, debayxo de hum palio nas mãos do Bispo de Angamale o Padre Dom Francisco Roz da mesma Companhia.

569 Acompanhavaõ aquella procissaõ o Cabido da Sé, & alguns dos Conegos com as suas capas, & massas, & muytos Religiosos de meu Padre Santo Agostinho, de Saõ Domingos; o Capitaõ mòr, & toda a mais gente da Cidade, que naõ cabiaõ pelas ruas, & janellas. O Bispo de Cochim, ain-

da que naõ foy na prociſſaõ por andar enfermo; ainda aſſim naõ quiz faltar, & foy ao Collegio,& de huma janella eſteve vendo aquelle grande triunfo, que podemos chamar da Fé. Hia tambem na prociſſaõ huma dança de meninos, veſtidos como ſummos Sacerdotes, todos com ſeus turibulos pendurados das mãos, por cadeas de ouro, que dançando muyto bem,hiaõ encenſando juntamente a Imagem da Senhora,verdadeyra arca do Teſtamento. Outra dança hia de meninas,q̃ dançando a certas mudanças,hiaõ armando a arvore de Jeſſé, a ſeu compaſſo, atè chegarem a rematar em cima com huma Imagem da Senhora. Hia mais huma dança de excellentes vozes dos Cantores da Capella, muyto bem veſtidos. De maneyra, que em toda a prociſſaõ, que era bem comprida naõ havia aonde pòr os olhos, que os naõ levaſſe a traz de ſi. Tambem os Reynoes, naõ quizeraõ faltar em taõ veneranda Feſtividade, que em louvor da Senhora da Expectaçaõ ſe fazia, & aſſim em devoçaõ ſua, ainda ſendo a tempo que as naos do Reyno eſtavaõ naquella barra à carga. Ordenàraõ huma dança à mouriſca, que por ſer couſa nova, que lá ſenaõ havia uſado, pareceo muy bem, & contentou a todos.

570 Sahindo aſſim a prociſſaõ com eſte aparato, chegando a certo lugar, aonde eſtava o primeyro paſſo dos muytos, que em o diſcurſo de todo aquelle caminho eſtavaõ feytos, dos quaes eſte era o da eſcada de Jacob; Deos Padre em o alto, Jacob ao pè, & muytos Anjos vivos pela eſcada, & com os ditos que repreſentavaõ: bem entendeo o povo todo o que ſignificava. Continuando mais a diante, eſtava outro paſſo em que ſe repreſentava o trono de Salamaõ. O terceyro que eſtava mais a diante, era o da Çarça. O quarto o da Cidade de Refugio, no qual hum Anjo offereceo à Senhora, cinco Naçoens principaes, em nome de todas as do mundo, que ſe metiaõ debayxo da ſua protecçaõ, & amparo. E aſſim mais cinco meninos, que ſe acolhiaõ à Virgem Senhora, fugindo de hum Dragaõ de tres cabeças,

que

que representava o Mundo, o Diabo, & a Carne. No quinto passo, que era o Paraiso, *Paradisus voluptatis*; em o qual o Anjo que estava em guarda do Paraiso com huma espada na maõ, se lançou aos pès da Senhora, dizendo, que ella era a porta do Paraiso, & a fonte com os quatro rios, que delle procedem. Em todos estes passos, ouve figuras, que representaraõ muyto bem. Sahio a prociſſaõ às tres horas da tarde, & recolheo-se já de noyte; & com ser assim, q̃ se ajuntou grande numero de toda a sorte de gente, naõ ouve alvoroto algum, nem cousa que pudesse dar pena, ou disgosto, & assim havia de ser, pois Maria Santissima era a festejada.

571 Recolhida a prociſſaõ, se collocàraõ as Santas reliquias em hum Altar no meyo da Capella mòr; às quaes se foy a gente offerecer com mostras de devoçaõ, & piedade; & para isto estava a Igreja toda muyto bem armada de huma armaçaõ muy rica, & muy varia, de sedas, & payneis. No dia da Senhora da Expectaçaõ, se continuou a festa, celebrando nella em Missa Pontifical o Bispo de Cochim, ministrando-lhe as dignidades, & Conegos da Sè. Prégou o Bispo de Angamale, com muyta aceytaçaõ, & satisfaçaõ de todos. Considere agora o que ler os grandes effeytos, que esta devota solemnidade causaria nos coraçoens, naõ só dos Christãos, mas dos Mouros, & Gentios, que como se pagaõ de exterioridades, os meteria muyto por dentro, & os moveria a naõ serem inimigos da Religiaõ Christã, que com tanta magnificencia cuyda das cousas do Divino culto. Da Senhora da Expectaçaõ, de Cochim escreve o Padre Fernaõ Guerreyro no tratado das Missoens da Companhia l. 3. c. 14.

TITULO C.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora das Candeas da Cidade de Damaõ.

572 NA Cidade de Damaõ, que fica da parte do Norte de Goa, tem a Sagrada Companhia

hum Collegio, aonde assistem muytos Padres, para acudirem às Missoens, & conversoens dos Gentios, & Mouros, que se reduzem à fé. Na Igreja deste Collegio, he tida em muyto grande veneraçaõ, huma devotissima Imagem da Mãy de Deos, a quem invocaõ com o titulo de nossa Senhora das Candeas, com a qual todos os moradores daquella Cidade tem muyto grande devoçaõ, & assim a buscaõ em seus trabalhos, doenças, & enfirmidades, & a Senhora lhes acode, & em tudo os favorece, & remedea. Aqui nesta Cidade foy muyto celebre a conversaõ de huma mulher nobre, & Moura de seyta, Persa de naçaõ, natural da Cidade de Xiras Corte da Persia, a qual vindo àquella Cidade, trouxe tambem comsigo, para receberem o sagrado Bautismo, tres moças, & dous moços seus cativos, & huma menina sua filha donzella de grande fermosura. Estava esta Moura em aquella Cidade de Damaõ com seu marido, tambem Persa de naçaõ, & mercador, que havia vindo de Belagate, para se embarcar para Ormùs.

573 Tratou esta mulher da sua conversaõ, com a luz que o Senhor lhe deo, com hum Padre daquelle Collegio, que era o pay dos Christãos (assim chamaõ aos Padres que tem por sua conta as conversoens, & bautismos de todos aquelles, que se reduzem à fé.) E porque o Padre a examinou, & achou muyto constante para haver de receber o santo Bautismo, foy logo dar conta ao Vigario do Arcebispo, & ao Ouvidor, aonde os levou, para se lhe haverem de fazer perguntas. Perguntàraõ ao marido, se era aquella a sua mulher (confórme os seus ritos) a que respondeo que sim. E perguntando àquella boa mulher, se queria ser Christã? Respondeo muytas vezes, que queria ser, & queria ser bautisada, & o mesmo respondeo a filha, & as criadas. Por onde pareceo bem, que depois de instruidos na fé, & em tudo o que deviaõ saber, fossem logo todas bautisadas, como com effeyto foraõ em o mesmo Collegio.

574 Requereo logo o Padre por ellas, pedindo que se fizes-

fizeſſem partilhas da fazenda, que havia no caſal, que já eſtava toda embargada, conforme a proviſaõ, que para iſto ha, & mandou paſſar o Senhor Rey Dom Sebaſtiaõ, em favor da Chriſtandade. Fizeraõ-ſe as partilhas, & cada hum ficou com o ſeu. O marido ſe foy triſtiſſimo, mais por amor da filha, do que da mulher (parece que naõ mereceo eſte a grande fortuna que ellas tiveraõ, na luz que o Senhor lhe deo) mas ellas ficàraõ cõtentiſſimas, & alegres. E aſſim no dia da Virgem N. Senhora das Candeas, foraõ todas à ſua Igreja, que he a do Collegio, & neſte dia foy a menina ricamente veſtida, & nelle recebèraõ os ſantos oleos, aonde acodio muyta gente daquella Cidade, & todos lhe fizeraõ grandes feſtas com muſicas, carreyras, manilhas, ſalvas de artelharia. Tudo iſto ſe fez naõ ſómente, pelo que ellas mereciaõ, por taõ valente reſoluçaõ, & pela honra da fé, ſenaõ tambem por razaõ de muytos Mouros mercadores companheyros do Perſa, marido daquella fervoroſa Chriſtã, que alli eſtavaõ, para ſe embarcarem, & andavaõ pelas ruas vendo as feſtas, que ſe faziaõ com bem dor dos ſeus coraçoens.

575 Na Igreja daquelle Collegio continuavaõ aquellas novas Chriſtãs, aonde hiaõ a ouvir Miſſa, & aſſiſtir aos Divinos Officios com grande devoçaõ, & a encomendar-ſe à Virgem Senhora das Candeas, a quem tambem ſe deve atribuhir a boa ventura que aquellas almas tiveraõ, em merecer a luz da Divina graça para abraçar a fé, & renunciar, a maldita ſeyta de Maſoma. Da Senhora das Candeas faz menção o Padre Fernaõ Guerreyro da Companhia nas Relaçoens da India l.3.c.17.

TITULO CI.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora da Vitoria, chamada de Maſſangano, ou de Loanda.

576 NA fortaleza da Cidade de Manicongo, no Reyno de Angolla, fundàraõ os Religioſos Pa-

Padres da Sagrada Companhia hum Collegio, & na Igreja delle, em huma particular Capella, collocaraõ a miraculosa Imagem da Virgem noſſa Senhora, à qual ſe deo o titulo da Vitoria, pelas muytas, que os Portuguezes alcançàraõ de ſeus inimigos, pelo favor, & interceſſaõ da ſoberana Rainha dos Anjos, cuja hiſtoria eſcrevem muytos Authores, & nòs a deſcrevemos agora aſſim.

577 Governando, & poſſuindo eſte noſſo Reyno de Portugal, Felippe o Prudente, foy mandado por Governador de Angolla Paulo Dias de Novais, ſoldado de grande valor, de muyta prudencia, & experiencia. Eſte por favor de noſſa Senhora, alcançou do Rey de Angolla huma taõ grande vitoria, que o poder, & aſſiſtencia daquella celeſtial Belona ſo a podia dar; porque o numero dos Barbaros, era taõ grande, que parece exceder ao humano credito.

578 Levava muyto a mal ElRey de Angolla (eſte nome tinhaõ todos os Reys de Loanda, & o primeyro, com quem ſe tratou de paz, & da Chriſtandade foy ElRey Angolla Jène, a quem ſuccedeo Dambi Angolla, que foy aſtuto, & falſo, & por morte deſte ſuccedeo Quiloanje Angolla) ſentia Angolla Quiloanje ver as forças dos Portuguezes, em aquellas ſuas terras, & o haverem florecido tanto as ſuas armas, & receando-ſe de perder o ſeu Imperio, já que naõ podia por traças, & maquinaçoens executar a noſſa deſtruiçaõ, tratou de fazer guerra deſcubertamente. Tambem os Portuguezes tinhaõ muytas cauſas, para ſe vingarem de ſuas trayçoens, & maldades, & do grande odio, que lhes moſtrava; mas como eraõ poucos, naõ ouſavaõ a acometello. Mas Deos lhe trouxe eſta occaſiaõ em que vindo o Rey Angolla para os deſtruir, elle ficou totalmente deſtruido.

579 Reſolveo-ſe a acometellos com todas as ſuas forças, & para iſſo ajuntou hum exercito taõ formidavel, que dizem muytos Authores dignos de credito, que conſtava de hum milhaõ, & duzentos mil ſoldados, todos armados de arco, & frecha. O Padre Balthezar de Barreyra, que ſe

achou

achou prezente, & o Padre Jeronymo Vogado ambos da Sagrada Companhia de Jesus, nas suas relaçoens, que desta guerra fizeraõ, dizem.

580 Era taõ grande a innundaçaõ dos barbaros, que occupavaõ muytas legoas daquellas vastissimas campinas, & montanhas, de sorte era, que parecia que a terra toda com hum novo parto, produzira innumeraveis negros, para destruiçaõ daquelles poucos, mas alentados Portuguezes, os quaes naõ passavaõ de trezentos. Por huma parte estavaõ cercados do rio Coança, & pela outra tinhaõ diante de si, aquella excessiva multidaõ, que só com os seus descompostos, & desentoados gritos, & clamores atroavaõ os ares. Mas nem por serem tantos intimidavaõ ao alentado Governador Paulo Dias, a quem o P. Balthesar de Barreyra assegurava a vitoria, em nome de nossa Senhora, em cujo dia, que acertou de ser o da sua Purificaçaõ Santissima, & que assim fiado nella esperava hum feliz successo. O mesmo dizia o veneravel P. a todos os Portuguezes, assegurando-os, de que elle tambem os ajudaria, naõ com armas offensivas, mas com as suas oraçoens.

581 Era muyto desigual o partido dos Portuguezes (como fica dito) mas naõ perdiaõ o animo. Naõ foy assim nos Regulos nossos amigos; porque nestes entrou o temor desorte (os quaes jà eraõ Christãos) que naõ ouve quem quizesse ajudar ao Governador, mais que hum Sòba, chamado Dom Paulo, com as suas gentes, que seriaõ trinta mil negros. E este vinha taõ armado de esperanças, que dizia ser impossivel o naõ soccorrer Deos aos Christãos. Eraõ já tres horas da tarde, & estavaõ os dous exercitos à vista; os nossos em huma campina, & os barbaros tinhaõ occupado humas grandes, & altas serras, com que ficavaõ taõ superiores, que se viaõ quasi sobre as cabeças dos Portuguezes. Vendo o animoso Capitaõ Dom Paulo, que os inimigos naõ queriaõ descer dos montes, temeo com muyto fundamento, que podia ser ardil (porque lhe naõ falta, ainda que sejaõ barbaros)

ros para acometer aos noſſos de noyte, rompendo-lhes a vanguarda àquella immenſidade de gente, que o inimigo trazia.

582 Com eſta ſuſpeyta ſe veyo ao General Paulo Dias, & ao Padre Barreyra, que eſtimàraõ muyto a advertencia, & logo o General deo final, para acometer. E neſte tempo ſe poz o Padre em oraçaõ à viſta de todos, & ſeria tambem diante da milagroſa Imagem de noſſa Senhora, a quem rogava, & pedia aſſiſtiſſe aos ſeus. Cerráraõ os Chriſtãos, & começàraõ a batalha, apelidando a Virgem noſſa Senhora da Vitoria (como ſe logo começaſſem vencendo, entrando na batalha triunfando.) Hia diante de todos o animoſo Chriſtão Dom Paulo, com o titulo de Capitaõ mòr do exercito, titulo que mereceo muyto bem naquelle dia. Começáraõ os Barbaros apeleyjar nas faldas daquelles montes, deſpedindo ſobre os noſſos huma immenſa chuva de ſettas, as quaes, porque (como parece hiaõ governadas por outra mais acertada maõ) ſe voltavaõ contra os meſmos que as diſpediaõ, ſem fazer mal a nenhum dos noſſos, cahindo milhares dos inimigos. Que quando Deos quer, as meſmas armas dos inimigos, ſervem de inſtrumentos à vitoria.

583 Havia muyto, que durava a peleja, & pelas boas novas, que por momentos traziaõ ao Padre Balthezar de Barreyra, ſe perſuadio, que a batalha eſtava acabada, & aclamada a vitoria, & aſſim havia ceſſado na ſua oraçaõ, & hia a dar o parabem ao General. E ſuccedeo que de repente começàraõ os Portuguezes a afrouxar, perdendo os primeyros brios; inſtaõ os barbaros com novos alentos, & matàraõ a ſete Portuguezes. Clama ao Padre o General, & pede que ſe ponha em oraçaõ, porque ſó nella tinha confiança. Aſſim o executou o Padre a toda a preſſa, porque o tempo naõ dava tregoas. Levanta outra vez as mãos ao Ceo, como outro Moyſés, & pede com lagrimas ao Senhor dos exercitos, & a ſua Mãy Santiſſima, que favoreçaõ aos Chriſtãos, & renove as ſuas maravilhas. Caſo admiravel! & de que ainda dura

muy-

muyto freſca a memoria. De repente ſem ſe ſaber a cauſa da novidade, ſe começàraõ os Barbaros a perturbar entre ſi (manifeſto indicio da ſua grande perda, caminhava já o Sol neſte tempo ao ſeu occaſo, que parece ſe quiz retirar, para deyxar em trevas aos negros) que a medrontados com o eſtrondo das armas com os repetidos golpes, & eſpantoſa voſaria, & clamores dos feridos, voltàraõ as coſtas, para eſcapar com a fuga, matando-ſe huns aos outros, pela confuſaõ em que ſe achavaõ.

584 Seguindo pois os Barbaros a ſua fuga, pelas montanhas deraõ em huma profunda quebrada, donde deſpenhados os primeyros, ſe precipitàraõ ſobre elles os ſegundos, & todos atraz delles enchèraõ aquella profundidade atè igualar com olhano da terra, que ſervio aos ultimos de ponte feyta de cadaveres dos ſeus meſmos. Eſta foy a memoravel vitoria, & notavel, que alcançàraõ as armas Portuguezas, & ſeu General Paulo Dias de Novaes, o qual com todos os que ſe achàraõ com elle, atribuiraõ, com juſta razaõ, eſta milagroſa vitoria à piedade da Virgem noſſa Senhora, alcançando-a tambem os rogos, & as lagrimas do veneravel Padre Baltheſar de Barreyra. Succedeo eſta memoravel vitoria, em dous de Fevereyro do anno de 1583. dia da Purificaçaõ de noſſa Senhora.

585 Aſſiſtiaõ neſte tempo os Portuguezes em Maſſangano, & neſta povoaçaõ eſtava entaõ o aſſento dos Governadores, & alli ſe levantou logo huma Ermida em que ſe collocou a Imagem da Senhora da Vitoria, & todos os annos em memoria de taõ aſſinalado beneficio ſe feſtejava a Senhora da Purificaçaõ, com o titulo da Vitoria, & em acçaõ de graças, a que acudiaõ ſempre os Governadores, & os mais Cabos daquelle preſidio.

586 O P. Guillelmo Gumpemberg, refere em o ſeu Atlas Mariano, q̃ o Governador Paulo Dias de Novaes, ſora o primeyro, q̃ dera culto, & veneraçaõ à Senhora da Vitoria, & q̃ eſta Imagem era ſua, & a trazia ſempre em ſua cõpanhia, & q̃

com

com ella tinha muyto grande devoçaõ, & que entrando nas batalhas, a levava diante, quando fazia guerra aos Angollas, & que todos os dias a venerava, posto de joelhos diante della, com os seus soldados. E que sendo poucos, sempre a Senhora lhe assistia com taõ grande favor, que sempre os inimigos ficavaõ vencidos. E affirma mais, que ouvera occasiaõ, em que entrando os inimigos na estancia dos Portuguezes, revolvendo tudo para verem se podiaõ achar aquella Santissima Imagem, que tanta guerra lhes fazia; mas naõ poderaõ conseguir o que intentavaõ, porque a Senhora se occultou em tal fórma aos seus olhos, que a naõ poderaõ ver, nem descubrir.

587 Depois daquella milagrosa vitoria, em que trezentos Portuguezes alcançàraõ contra hum taõ excessivo numero de Barbaros, hum taõ grande triunfo, foy levada a Senhora em procissaõ, com muyto grande pompa, para a fortaleza, de donde ella defendia aos seus Portuguezes, muyto mais do que elles se podiaõ defender com as armas; porque muytas vezes foy vista no ar, sobre os muros da mesma fortaleza, & ella foy a que lhes deo aquella taõ glorioſa vitoria, em que os trezentos Portuguezes vencèraõ a hum taõ grande exercito, que constava de hum milhaõ, & duzentos mil soldados, sem morrerem delles mais que sete, morrendo dos inimigos huma muyto grande multidaõ.

588 Na mesma fortaleza da Manssangano, fundàraõ depois desta batalha os Padres da Companhia hum Collegio, em que era Reytor o Padre Jeronymo Vogado, & Provincial o Padre Balthesar de Barreyra, occupaçaõ que lhe deo a Companhia depois de 23. annos de Missoens, em que prégou, & converteo muytas almas para Deos, assim em Angolla, como na Costa de Guinè, & serra Leoa. Neste Collegio em particular Capella collocàraõ a sagrada Imagem da Senhora da Vitoria. E nella erigiraõ os Padres huma Congregaçaõ, em que os soldados todos se matriculaõ, com grande devoçaõ de servir a Mãy de Deos. Quando estes soldados

haõ

haõ de sahir, & hir à guerra, vaõ fazer à Senhora os seus votos, & da sua casa sahem armados com as espirituaes armas dos santos Sacramentos, & quando voltaõ que sempre he com vitoria, vaõ logo dar as graças à Senhora, & a pagarlhe os seus votos. E quando ha negocio mais arduo, levaõ a Senhora comsigo, & là lhe levantaõ huma Ermida, & lhe compoem hum Altar; a Ermida fazem de madeyra, ou de ramos, que mudaõ, segundo pedem os tempos, & as occasioens; porque naõ fique em fórma que os inimigos a possaõ profanar. E porque já sabem que os dias das festividades da Senhora, saõ para ella mais agradaveis, nelles he que acometem as suas mayores empresas, & sempre nelles conseguem milagrosas vitorias. Da Senhora da Vitoria escrevem muytos Authores, o Padre Alonso de Andrade na vida do Padre Baltheſar de Barreyra tom. 5. dos seus Varoens Illustres pag. 510. & 511. o Padre Baltheſar Telles na Histor. da Companhia part. 2. liv. 6. cap. 29. O Padre Gumpemberg. no seu Atlas em a Centur. 6. n. 509. O Padre Francisco Bencio como testemunha ocular das maravilhas da Senhora, & outros muytos.

TITULO CII.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora do Livramento da Cidade de Columbo, em Ceylaõ.

589 A Ilha de Ceylaõ, he a melhor de todas as do Oriente, he muyto montuosa, ainda assim he muyto povoada de gente, a que vulgarmente chamaõ Chingallas, comprehende muytos Reynos como Negapataõ, Guale, Candia, Jafanapataõ, & outros. Tem hum monte Altissimo chamado *Pico de Adam.* Nelle affirmaõ os Gentios, que está o Paraiso terreno, & que se vem ainda as pegadas de nosso primeyro pay, impressas em huma pedra. Esta he (conforme a melhor opiniaõ dos Gregos, & Latinos) a antiga Taprobana, na qual prègou o Eunuco da Rainha Can-

Candaces, a quem bautisou Saõ Felippe o Diacono. Fica defronte do Cabo do Comorij, distante de Cochim noventa & cinco legoas. He de fórma ovada, & tem setenta & oyto legoas de comprido, quarenta, & quatro de largo, & quasi trezentas em circuito; a ponta que nella se vè mais ao Sul, està em altura de seis graos, & a do Norte perto de dèz. De todas as excellencias, & frutos, que a natureza repartio por partes entre outras Provincias Orientaes, abunda ella com grandes ventagens. De gado de toda a sorte, animaes, feras, aves, frutas de espinho, & das mais; de metais, ouro, prata, ferro, cobre; de pedras precioſas, rubis, topasios, zafiras, chrisolitos, olhos de gato, jacintos, grandes perolas, & sobre tudo de canella, de cuja fragancia seus matos exalaõ suavissimo cheyro. Tomàraõ-na os Portuguezes no anno de 1505. E fizeraõ o seu assento na Cidade de Columbo. Aonde perseveràraõ muytos annos; mas como as abundancias relaxaõ as vidas, & destroem, & arruinaõ as consciencias, que em castigo de peccados, & por justos juizos de Deos, foraõ lançados fóra pelos hereges Olandezes, q̃ ainda que insolentes, & crueis, por serem hereges obstinados, parece q̃ mais sente Deos os peccados dos maos Christãos, do que os seus.

590 No tempo que foy habitada aquella Ilha dos Portuguezes, se prégou a fé aos naturaes, & gentios, & se convertèraõ delles muytos milhares, em toda a Ilha. Na Cidade de Columbo se edificàraõ muytas Igrejas, & se fundàraõ muytos Conventos de Religiosos, em que muyto se servia a nosso Senhor. Huma das Igrejas principaes era dedicada à Rainha dos Anjos Maria nossa Senhora, com o titulo do Livramento, a qual se via situada em distancia da Cidade quasi meya legoa em huma fazenda da Ordem, muyto frequentada, porque era toda a devoçaõ daquella Cidade. Mas com a entrada dos hereges tudo o que era sagrado se arruinou, que parece se escandelizava Deos de estar entre maos Christãos, & assi n permitio estas ruinas. Os bons com o temor de que as sagradas Imagens fossem offendidas, & desacatadas pelos here-

hereges as escondèraõ, & enterràraõ outras, atè que o Senhor embainhasse a espada da sua Divina Justiça, que ainda ha de permitir, seja outra vez servido, & venerado publicamente, em toda aquella Ilha. Huma das Imagens, que foy enterrada se affirma ser da Senhora do Livramento, & entendemos ser esta de que agora escrevemos. Mas he necessario referir mais de atraz a sua manifestaçaõ.

591 No anno de 1682. em o mez de Outubro se recolhèraõ quatro Sacerdotes seculares naturaes da Aldea do Margaõ huma das terras de Salsete de Goa, à Ermida de Saõ Joaõ do Deserto, com os santos desejos de servirem a Deos, tratando da reforma de suas vidas, & juntamente do aproveytamento dos seus proximos; assim nestas terras, como na Missaõ do Canarà, que entaõ se achava bem falta de Operarios Evangelicos. Dando pois aquelles bons Padres conta desta sua santa resoluçaõ, ao Illustrissimo Arcebispo, que entaõ era Dom Manoel de Sousa de Menezes, elle lhes aprovou huma fórma breve de vida, que lhe aprezentàraõ, por hũa sua Provisaõ feyta em 27. de Outubro do anno de 1682. Vivendo nesta fórma aquelles benditos Padres na sobredita Ermida, por alguns mezes. Esta se arruinou por causa da grande invernada do anno de 1683. & impossibilitada a sua reedificaçaõ, pelas calamidades, que padecèraõ naquelle anno aquellas terras, por causa das guerras com o Savagi; & assim ouveraõ de passar debayxo da mesma fórma de vida, com outra nova Provisaõ do Reverendo Cabido, Sede Vacante, feyta em 14. de Março do anno de 1684. para a Igreja da Santa Cruz dos Milagres, que era dos Religiosos Eremitas de meu Padre Santo Agostinho, que elles lhe deraõ liberalmente, aonde ao presente vivem, & tambem o ouveraõ por bem os Irmãos da Confraria de nossa Senhora do Bom Successo, sita na mesma Igreja, os quaes procuràraõ a referida Provisaõ, em seu nome, movidos assim do discomodo dos Padres, como da solidaõ em que ficava aquella sua Igreja, tendo ella em si a preciosa reliquia da Santa Cruz,

em que milagrosamente apareceo o Redemptor do Mundo crucificado, como diremos, quando escrevermos os santuarios de Christo, se elle for servido, que lá cheguemos.

592 Já neste tempo tinhaõ aquelles devotos Padres mais noticia da vida espiritual, & se lhe agregaraõ mais alguns companheyros. E neste tempo com as noticias, que tinhaõ de Portugual, pediraõ ao veneravel Padre Bartholomeu do Quental Fundador da Congregaçaõ de Lisboa, os estatutos da mesma Congregaçaõ, aonde se variou em alguns delles, respeytando a diversidade do clima. Recebendo estes estatutos, & já moderados, como convinha a diversidade da terra, os presentàraõ ao Arcebispo Primàs, o Illustrissimo D. Fr. Agostinho da Annunciaçaõ tanto que chegou à Cidade de Goa, para que elle lhos aprovasse por Provisaõ sua, para com ella suplicarem a proteçaõ de sua Magestade, & a sua confirmaçaõ da Sé Apostolica. A que por entaõ naõ quiz differir o Illustrissimo Arcebispo; mas depois de sete annos o fez, movido do bom exemplo, que aquelles devotos Padres davaõ, & da sua muyta perseverança, & observancia taõ exacta dos estatutos, & depois de largos exames, & provas, que se fizeraõ, dispoz Deos que elle lhe mandasse passar a sua Provisaõ, o que fez em Dezembro de 1698. E logo na primeyra monçaõ, que ouve para o Reyno, remetèraõ os referidos estatutos com a Provisaõ do Illustrissimo Arcebispo ao Padre Prepozito da Congregaçaõ de Lisboa, para os apresentar a sua Magestade, juntamente com huma carta, em que humildemente lhe pediaõ a sua real protecçaõ. O que tudo alcançàraõ da piedade do Senhor Rey Dom Pedro o Segundo que santa Gloria haja, com a condiçaõ de procurarem a confirmaçaõ da Sé Apostolica, a qual com effeyto pediraõ, & alcançàraõ, por huma Bulla do Santo Padre Clemente XI. que agora felizmente preside na Igreja de Deos, que começa: *Ad Pastoralis dignitatis fastigium.* Dada em Roma aos 26. do mez de Novembro do anno de 1706. no sexto anno de seu Pontificado declarando, porèm

na

na mesma Bulla, que confirmava a sobredita Congregaçaõ, com tanto, que observariaõ os estatutos, & constituiçoens da Congregaçaõ de Lisboa, & das mais do Reyno, & Brasil, sem admitirem a mudança, que nelles haviaõ feyto. E sua Magestade o Senhor Dom Joaõ o Quinto tomou debayxo de sua real protecçaõ a dita Congregaçaõ, na forma que havia sido confirmada, pelo Summo Pontifice Clemente XI. como se vè da sua Provilaõ Real, feyta em Lisboa a 30. de Março de 1709.

593 Vivem os Padres daquella santa Congregaçaõ com grande exemplo, em todo o Estado da India, inviando muytos Missionarios por todas aquellas Ilhas, & especialmente a de Ceylaõ, aonde ao presente tem mais de oyto Missionarios, dos quaes muytos sahem de Goa, para naõ voltarem mais a ver aos seus amados Irmãos, & companheyros, tanto he o zelo que tem da salvaçaõ das almas daquelle Gentilismo; porque continuaõ a Missaõ por annos, & por toda a vida, como com effeyto succedeo ao Apostolico Varaõ o P. Joseph Vaz, o qual depois de vinte & tantos annos de continuada Missaõ faleceo na mesma Ilha no principio do anno de 1711. com grande fama de santidade.

594 Hum destes Missionarios, que actualmente assiste na mesma Ilha de Ceylaõ refere, que na Cidade de Columbo, junto à Igreja de nossa Senhora do Livramento, cuja Imagem naquella Cidade tinha muyto grande veneraçaõ. E o titulo o estava assim enculcando, & que junto ao sitio em que esta Igreja estava (quando a Cidade era dos Portuguezes) se achàra huma devotissima Imagem da Mãy de Deos, que se prezume seria a mesma Senhora do Livramento; porque tambem ella, para bem daquelles naturaes, se quereria livràr das sacriligas mãos dos hereges. Neste lugar enterràraõ os Christãos hum cayxaõ, em que estavaõ hũas Imagens, & a principal dellas, esta de que agora tratamos, cuja manifestaçaõ foy nesta maneyra.

595 Passados alguns annos, depois da perda de Ceylaõ,

appareceo a ſoberana Rainha dos Anjos a hum Chingala Chriſtão, o qual ſe occupava em ſemear algumas terras, de cuja occupaçaõ ſe ſuſtentava, & a ſua familia. A eſte mandou a Senhora cavaſſe naquelle lugar, & tiraſſe delle a ſua Imagem que alli eſtava enterrada, & que a recolheſſe em ſua caſa. Naõ ſe deo o Chingala por entendido, & aſſim dilatou por muyto tempo a execuçaõ deſte aviſo, & mandato da Senhora, porque ſe naõ julgaria merecedor de favor ſemelhante. Naõ faltou a Senhora em continuar os aviſos, que foraõ muytos, com que dando-ſe já por obrigado, de que os aviſos com tanta continuaçaõ naõ eraõ para deſprezar, ou já com o temor de que a Senhora o caſtigaſſe; porque a Senhora o reprehenderia, de naõ dar credito ao que lhe mandava. Se reſolveo a fazer o que nos ſonhos lhe era ordenado. E aſſim foy àquelle ſitio, que nos ſonhos ſe lhe apontava com huma enxada, & deſcubrindo huma pouca de terra, deo com o cayxaõ. Trazendo eſte para ſua caſa o abrio, & deſcubrio nelle a Imagem da Senhora, que em ſonhos lhe apparecia, & com ella outras mais Imagens. Reconhecendo a Imagem da Senhora, que era a mayor, a qual tinha em ſeus braços ao Menino Deos, & era de eſcultura de madeyra, mas naõ eſtava eſtofada, que tal vez o naõ conſentiria a Senhora, como ſuccedeo com a Imagem de noſſa Senhora dos Milagres de Jafanapataõ, Reyno da meſma Ilha, a qual ſe venera hoje em Goa, que mandando-ſe eſtofar, nunca a Senhora o conſentio. Tinha na cabeça huma coroa de ouro, & nas orelhas huns brincos de perolas, ou aljofres. E no meſmo cayxaõ eſtavaõ algumas toalhas, & paninhos, que ſeriaõ ſanguinhos. Mas tudo taõ ſam, & bem acondicionado, como ſe naquella hora foſſe enterrado o cayxaõ. Tudo guardou o Chingala com muyta reverencia, & veneracaõ, & dalli por diante tratava a Imagem da Senhora, com ſumma reverencia, & fervoroſa devoçaõ; & o meſmo foy entrar-lhe em caſa eſta Divina Arca do Teſtamento, que entrarem-lhe com ella, como a outro Obededon, os bens do Ceo ſem ſaber o como,

nem

nem donde lhe vinhaõ tantas abundancias.

596 Succedeo depois paſſar eſte homem à Galle, & levou comſigo o ſeu theſouro, que era o cayxaõ, com as ſagradas Imagens, & ahi lhe ſuccedeo outro grande prodigio, porque tendo collocada eſta Santiſſima Imagem da Senhora em hum oratorio, que tinha em huma das ſuas cameras, & fazendo-lhe a ſua annual novena, que coſtumava, em companhia de outros devotos Chriſtãos, com mais grandeza do que coſtumava. Eſpalhou-ſe a fama da celebridade, & chegando à noticia dos hereges mandàraõ logo alguns Miniſtros da ſua iniqua juſtiça, & com elles alguns dos naturaes que eraõ Catholicos, para que deſſem eſcrutinio nas caſas do Chingalla. E foy iſto em tempo, que eſtava juntamente gente Chriſtã, & a Senhora, cercada de muytas luzes, & velas de cera branca. Os officiaes que eraõ hereges nada viraõ ſenaõ hũa grande eſcuridade. Porèm os Catholicos viaõ a Senhora muyto reſplandecente, & cercada de luzes, & todos os ornatos com que ella eſtava, & como realmente era. Os hereges ſahiraõ para fóra, tendo a noticia por malevola acuſaçaõ, & malicia dos acuſadores. O povo Catholico deo graças a Deos, & à Senhora. E o bom Chriſtão Chingalla ficou mais firme, & confirmado na fé, & mais fervoroſo na devoçaõ da Virgem noſſa Senhora.

597 Outro prodigio ſuccedeo, & foy que eſte homem adoecendo da ſua ultima enfirmidade, & chegando à hora da morte, entregou a Imagem da Senhora a huma ſua Irmã, encarregando-lhe muyto o cuydado, & a devoçaõ com que a devia ſervir. Mas ella eſquecendo-ſe brevemente deſta recomendaçaõ, começou a viver com alguma ſoltura, porque ſe amancebou com hum homem, com o qual gaſtava tudo quanto tinha, & veyo a tanto exceſſo, que naõ ſó gaſtou com elle o valor de ſuas alfayas, que tinha em ſua caſa; mas o que he mais ſem temor do caſtigo, deſpojou a Imagem da Senhora dos brincos de perolas, & aljofres, & os vendeo, & gaſtou, & foy tal a ſua ouſadia, que dahi a pouco tempo lançou mão

da coroa de Ouro, que a Senhora tinha na cabeça, & lha tirou para fazer della o mesmo. Mas logo esperimentou em si o castigo, porque ao mesmpo tempo lhe deo huma tal dor, & taõ mortal queyxa, que naõ podia sustentar a cabeça: porque como se ella estivesse desencayxada do seu lugar em que a natureza a poz, assim lhe parecia, & o experimentava porque lhe cahia para huma, & outra parte, parece que mereceo este grande castigo, quem se atreveo a privar da sua coroa a Rainha da Gloria.

598 O seu amante tambem como culpado nos grandes excessos da sua namorada, em breves dias morreo miseravelmente, porque tambem elle ficou tolhido de pés, & mãos. E hũ sobrinho da mesma mulher, q̃ tambem teria algũa culpa nas grandes maldades da tia, tambem padeceo muyto, & passou miseravelmente. A ella se lhe fizeraõ muytas curas, & se lhe aplicàraõ varios remedios, mas nada lhe aproveytou do muyto que se lhe aplicou. Levàraõ-na para Columbo, parecendo-lhes aos que a obrigáraõ a hir, que lá podesse ter algumas melhoras. E com ella foy o cayxaõ depositado das sagradas Imagens. Em Columbo, se lhe mandou fazer outra nova coroa de prata à soberana Senhora; por ordem da mesma mulher, mas ella naõ mereceo os seus favores, por isso, nem em Columbo achou remedio aos seus grandes males.

599 Finalmente morreo, & taõ miseravelmente, que quando quizeraõ tirar o seu cadaver, para o amortalharem se achou debayxo delle huma grande quantidade de bichos sem se saber por onde tinhaõ entrado, nem donde tinhaõ sahido, porque o corpo naõ tinha chaga, nem ferida alguma. Depois da sua morte o sobrinho que tambem estava tolhido, foy avisado em sonhos, que entregasse o cayxaõ com as sagradas Imagens a huma virtuosa, & devota mulher, chamada Constancia da Silva, moradora na mesma Cidade de Columbo, muyto boa, & verdadeyra Christã. Mas naõ era conhecida do tal homem sobrinho do Chingalla. Mas inquirindo-

se,

se, quem fosse, pelo nome que se lhe disse no sonho, se descubrio, & discuberta, se lhe referio o caso. E ainda que era tempo de perseguiçaõ, em que as Imagens da Cidade se levàraõ para fóra pelo temor dos hereges, comtudo a boa mulher favorecida de nossa Senhora, que a havia feyto depositaria daquelle thesouro do Ceo, creyo que ella a havia defender. E assim ella segura no patrocinio da Senhora foy buscar o cayxaõ em hum andor, dos em que se costumaõ levar as pessoas, & o levou para sua casa, com muyto grande devoçaõ. No mesmo tempo entrou em sua casa hum seu criado a quem ella amava como filho, a este que era natural da terra, & gentio, tinhaõ pervertido hereges, & estava ja instruido por elles nos seus erros, & já para chegar a sua lacrilega mesa das comunhoens dos Calvinos. Este começou a ter grandes impulsos, & inspiraçoẽs, para abraçar a Fè Catholica, o q̃ com effeyto veyo a fazer, favorecido da interceçaõ da Mãy de Deos, & assim com grande resoluçaõ abjurou logo os erros, que os hereges lhe haviaõ introduzido, q̃ para isso dispoz a mesma Senhora fosse à mesma Cidade hum Missionario da Congregaçaõ de Saõ Felippe Neri. E este foy o P. Jacome Gliz, o qual o bautisou. E depois de redusido à fé, & bautisado foy muyto observante dos preceytos, & doutrina dos PP. & seu companheyro; porque os servio, & acompanhou com muyta fedelidade. Nesta forma ficou a Santissima Imagem da Mãy de Deos, a Senhora do Livramento, & podemos dizer certamente que ella se livrou a si mesma dos hereges. E nas mãos de Constancia da Silva estarà atè que a Divina Providencia disponha o que ha de ser. E bem pòde Deos dispòr, q̃ Ceylaõ será restituido aos Catholicos, para q̃ na mesma Cidade seja o Senhor louvado de todos, assim naturaes como estranhos. Desta Santissima Imagem, & dos maravilhosos successos que ouve na sua manifestaçaõ, se refere nas annuas que vem ao P. Proposito da Congregaçaõ de Lisboa, de donde emanàraõ estas noticias, que nos deo hũ P. muyto virtuoso daquella casa, & a Relaçaõ deste successo vem jurada pelo P. Jacome Gliz.

TITULO CIII.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora de Africa, em a Cidade de Ceuta.

600 A Cidade de Ceuta (chave de Hespanha) por sitio, antiguidade, & fortaleza, he huma das mais nobres, & famosas de toda a Africa. Fica (segundo alguns) na Provincia Tingintana, ou Cesarienſe (segundo outros) em altura de quasi trinta & seis graos. Tomou o nome dos sete montes que a cercaõ, aos quaes Plinio chamou irmãos, pela travaçaõ delles. Da sua antiguidade duvidàraõ algũs Escritores, fazendo a fundaçaõ dos Romanos, mas contradizem-no os Africanos, querendo que se deva a hũ filho, ou neto de Noè 230. annos depois do diluvio. Està assentada na boca do Estreyto de Gibaltar, em a paragem de Algegira, administrando seu porto grandes comodidades, para a passagem de Hespanha, da qual fica em travecia de cinco legoas no mais largo. Foy sempre de muyta estimaçaõ, & trato, por cuja causa a presidiàraõ, & em nobrecèraõ os Romanos, & com igual reputaçaõ os Godos. Tendo esta praça por sua o Traydor Conde Dom Juliaõ, a entregou aos Mouros, em cujo dominio perseverou atè que a ganhou por força de armas o nosso Rey Dom Joaõ o primeyro de boa memoria, em o anno de 1415. reconhecido da sua importancia, & do commodo grande que resultaria a toda a Hespanha possuindo-a hum Rey Catholico.

601 Nesta Cidade de Ceuta, se tem em muyto grande veneraçaõ huma devotissima, & milagrosa Imagem da Rainha dos Anjos, a quem daõ o titulo de nossa Senhora de Africa, a qual se vè collocada na sua mayor Igreja. Esta Santissima Effigie de Maria Santissima, mandou fazer ElRey D. Joaõ o primeyro de Portugal, & a levou comsigo, quando passou a Africa, a expugnar a quella Cidade; & logo que a con-

conquistou, a fez collocar na sua mayor Mesquita, depois de purificada, para que ella fosse a sua principal Governadora, & defensora. E assim em todos os assaltos, & cercos com que os Mouros procuràraõ recuperalla do poder dos Christãos, aquella Senhora, & soberana Guerreyra a defendeo maravilhosamente.

602 Quando em tempo d'ElRey Dom Duarte, filho de Dom Joaõ o primeyro, foraõ os Infantes Dom Henrique, & Dom Fernando a Africa, para tomarem a Cidade de Tangere, no tempo em que era Governador de Ceuta Dom Pedro de Menezes, na seguinte manhã em que desembarcàraõ com todo o seu exercito, se encaminhàraõ primeyramente ao Templo da Senhora de Africa a venerar nelle o Numen tutelar de todos aquelles mares, & conquistas, aonde empregando todo aquelle dia, & noyte em religiosa vigilia, pedindo lhe affectuosos o bom successo daquella expediçaõ, que ainda que por entaõ senaõ conseguio, seria assim conveniente pela Divina disposiçaõ, porque daquelle infausto successo nasceo a escravidaõ do Infante Santo D. Fernando, da qual resultaria ao Ceo muyta gloria, porque sendo voluntariamente cativo, caminhava para a escravidaõ taõ alegre, como se fosse para o triunfo.

603 No Reynado d'ElRey Dom Affonso o quinto sahio este mesmo Monarca de Setuval no anno de 1458. com hũa poderosa armada, q̃ constava de duzentas velas, & com prospero successo chegàraõ a Ceuta: desta vez tomàraõ a Alcacer. Costumavaõ sempre os Reys levar diante do exercito a Imagem da Senhora de Africa. Tomado Alcacer, entregou ElRey o Governo desta praça a D. Duarte de Menezes. Mas ajuntãdo depois ElRey gentes, & armadas sahio no de 1463. com o pensamento de tomar Tangere; mas como se demoràraõ tantos tempos em sahir, & o fizessem em o inverno lhe sobreveyo huma taõ grande, & furiosa tormenta, que toda a armada esteve arrisco de se perder, & assim entràraõ em Ceuta algun as naos por grande beneficio do Ceo; porque El-

Rey

Rey Dom Affonſo com a mayor parte da armada ſe viraõ em grande perigo. Dom Affonſo de Vaſconcellos, perdendo-ſe a ſua nao, ſe ſalvou com a mayor parte da ſua gente com grande trabalho. O Duque de Bragança Fernando II. do nome,& III. Duque,que foy duas vezes a Africa,& da ſegunda padeceo a tromenta, eſte morreo anno de 1483. chegou a Ceuta quaſi perdido; era muyto devoto da Senhora de Africa, & a ella ſe havia muyto encomendado, & aſſim ſe atribuhio o ſalvarſe a noſſa Senhora de Africa. O Conde da Ericeyra Dom Fernando de Menezes diz que o Infante D. Henrique, fora o q̃ à Senhora de Africa lhe fundàra a ſua caſa, & ſeria depois de ſe verem de todo ſeguros, & pacificos, & para que eſtiveſſem mais defendidos, quiz dar à Senhora huma caſa propria, para mais a obrigar a defender aquelle propunaculo da Chriſtandade. Da Senhora de Africa eſcreve Manoel de Souſa Moreyra no ſeu Theatro hiſtorico Genealogico da caſa de Souſa pag. 507. & 508. E o Conde da Ericeyra em a ſua hiſtoria manuſcrita,que eſcreveo dos principios da guerra, & tomada de Tangere, & do que obràraõ todos os ſeus Governadores, & outros AA.

TITULO CIV.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora da Aſſumpçaõ, ou da Vitoria, da Reſtauraçaõ de Angolla.

604 COrria o anno de 1648. & eſtava o Reyno, & Capitania de Angolla, & os moradores de Loanda no mais laſtimoſo eſtado, q̃ ſe podia imaginar, porque por mar eſtavaõ cercados de inimigos Olandezes, que com manha, & força de armas ſe tinhaõ feyto ſenhores da Cidade de Loanda, cabeça de todo aquelle Eſtado, & de todos os mais portos; por terra andavaõ em huma continua confuſaõ; porque pelos campos a inclimencia do clima tirava as vidas, na confederaçaõ dos Olandezes, naõ a tinhaõ

ſegu-

segura, pela sua pouca fé. Chorava o Brasil esta lastima; porque perdido o comercio, & escravos, se acabava tambem o trafego dos engenhos. As vozes, & queyxas dos Estados Brasilicos, q̃ se repetiaõ pelas ruas, atravessavaõ o coraçaõ do veneravel Padre Joaõ de Almeyda. E assim tomou muyto a peyto, tratar com o Ceo aquelle negocio. Entrou o anno de 1648. & nos principios delle, entrou tambem no Rio de Janeyro o General Salvador Correya de Sà, & Benavides, com ordem de sua Magestade, para que ahi ajuntasse hum soccorro de gente, & navios, & que com este passasse, à costa de Angolla a senhorear hum posto, que se chama Quicombo, para dalli poder favorecer a nossa gente, que estava retirada em Massangano, & aponto de perecer de todo. Esta era só a ordem d'ElRey, mas a de Deos era outra, porque em chegando, reconhecendo a grande virtude do Padre Joaõ de Almeyda, o foy consultar, & delle como de Oraculo do Ceo, ouvio a seguinte reposta. Que preparasse brevemente as cousas, & que partisse logo logo, em tal maneyra, que em 12. de Mayo estiveesse pela barra fóra; porque Deos lhe tinha guardado hum feliz successo, & que havia de alcançar huma grande vitoria, contra os inimigos de nossa santa Fé, & ganhar-lhes a praça, & Reyno por meyo da Virgem N. Senhora da Assumpçaõ, & do Anjo S. Miguel, que invocaria na empreza. E que quando entrasse na Cidade, & fortaleza della, levantasse alli hum Altar a S. Miguel, Padroeyro da mesma empreza.

605 Admirado ficou o General de Oraculo taõ fóra do esperado, porque nem elle trazia ordem de sua Magestade, para acometer ao inimigo, nem lhe pareceo possivel alcançar vitoria de homens taõ fortificados, & taõ prevenidos de gente, & de armas, confederados com os Reys de Congo, Rainha Ginga, & outros Sovas, & Potentados negros sem conto. E alèm de tudo, achava o estado das cousas do Brasil perturbado, à vista de novas levas de soldados, & armas, que o inimigo tinha metido em Pernambuco, & ameaçavaõ prin-

principalmente àquella praça, & tambem que senaõ podia expedir em taõ breve tempo, como o de 12. de Mayo. De Portugal naõ tinha mais que cinco navios, & esses necessitados de gente, & apreſtos. Foy com tudo tal a impressaõ, que fez em seu coraçaõ a resoluçaõ daquelle servo de Deos, & a efficacia com que lha intimava que se determinou alli logo, mudar de intentos, & seguir a fortuna, que o Ceo lhe mostrava. E para que ficasse mais certificado, pouco depois, de huma quinta, ou rossa, aonde se retiràra, o tornou a avisar por escrito, com mais efficacia, dizendo-lhe, que o Ceo o obrigava.

606 Com este escrito, foy o General ao Reytor daquelle Collegio a dar-lhe conta de tudo, & lendo-lhe o papel, ficou o Reytor admirado. Pedio-lhe que parasse com o effeyto, em quanto hia à quinta a fallar ao Padre Almeyda sobre negocio de tanto pezo. Foy o Reytor, & fazendo cargo ao Padre Joaõ de Almeyda, de como se atrevera a escrever, & prometer cousas taõ incertas; porque nem a armada podia apreſtarse para 12. de Mayo, nem ElRey o manda acometer inimigos, nem havia poder para isso? Ouvindo tudo com humildade de subdito, & servo de Deos; & respondeo com tal efficacia, que o Reytor ficou certo, & naõ duvidou mais, porque disse assim. Padre Reytor, sabe V. Reverendissima o porque me atrevi a prometello, porque o Divino Senhor Sacramentado, que tinha em minhas mãos me deo a sentir, & me obrigou a que assim o fizesse, & V. Reverendissima naõ duvide; deyxe ir o General, & verà grandes misericordias de Deos.

607 Com esta reposta taõ resoluta, ficou ainda mais resoluto o General. Apreſtou tudo com calor, & por mais contradiçoens, que se lhe puzeraõ, elle partio em 12. de Mayo, terça feyra, dia dedicado aos Anjos. Chegou a salvamento, invistio a Cidade de Loanda, cabeça de Capitania de Angolla, rendeo-a, em dia de nossa Senhora da Assumpçaõ, Patrona daquella gloriosa empreza, entrou na fortaleza, levan-

tou

tou Altar a Saõ Miguel, poz nome à Cidade, denominando-a, Cidade da Assumpçaõ da Virgem. Tudo da mesma maneyra, que o servo de Deos, o havia dito, & profetisado.

608 Mas porque esta taõ grande, & taõ glorioſa empreza, naõ fique referida ſó em cifra, para mayor gloria da meſma Virgem noſſa Senhora da Aſſumpçaõ, que tanta parte teve na vitoria, direy o mais do ſucceſſo. Conſtava a armada, para huma taõ grande empreza de onze navios, & quatro pataxes. Sinco navios d'ElRey; & ſeis fretados de Mercadores. A Infantaria, que levava, eraõ quaſi oytocentos homens, fóra a marinhagem. Sahiraõ, & a pezar de duas bravas tormentas, com que o inferno pretendia impedir a empreza, chegàraõ a Manſſangano, aonde parece que o Ceo, a terra, & os elementos ſe opuzeraõ contra as ordens, que diſpunhaõ fizeſſem aſſento naquelle ſitio, para dalli darem a maõ aos Portuguezes, que viviaõ perſeguidos em Angolla. Levantàraõ todos a voz, & diſſeraõ, Loanda, ou vencella, ou morrer. O mar tambem ſe alterou de ſorte que ultimamente ſe vio obrigado o General a ſahir daquelle grande perigo, porque nelle ſe perdeo a Almiranta, & ſe perdiriaõ todos, ſenaõ ſahiſſem daquelle porto, & foſſem para onde Deos os inviava.

609 Sahidos daquelle grande perigo, puzeraõ as proas em Loanda, já ſem tormentas, que os embaraçaſſem; porq̃ Deos os guiava, para eſta parte. Hiaõ todos embandeyrados, & cheyos de alegria, aonde chegàraõ em treze de Agoſto ao romper da manhãa. Mandou logo o General Embayxadores aos Olandezes, com hũ Capitaõ inteligente, & ſahindo a terra, foraõ recebidos dos Directores, aos quaes diſſeraõ, em como o General Salvador Correya de Sà, lhes fazia a ſaber, em como ElRey Dom Joaõ ſeu Senhor, o mandava com aquella armada, a fim de tomar algum ſitio naquella coſta, donde podeſſe ſoccorrer aos Portuguezes de Manſſangano, & livrallos das opreſſoens, que os ſeus exercitos, & eſquadras, lhe faziaõ, & que para eſte fim naõ achavaõ

outro

outro lugar mais conveniente, do que o em que estavaõ. E que como era impossivel estarem juntos sem contendas, seria melhor, que lhe largassem a praça, & quando naõ, a pertendiaõ tomar. Naõ ficàraõ contentes os Directores com a Embayxada, & assim pediraõ oyto dias, para responder. Concedèraõ-lhe dous, & ao depois se deo o General por sentido de se lhe cõcederem; porque nelles se apresteriaõ para a resistencia. Aos quatorze pela manhã saltàraõ em terra, & foraõ logo buscar a reposta, & a que se deo, foy que elles tinhaõ polvora, & bala, para se defenderem.

610 Acabouse de desembarcar a gente, & dividindo-a o General em tres esquadroens, & sem embargo que da praça senaõ cessava com a artelharia, ainda assim investiraõ, & chegàraõ ao sitio de Saõ Joseph, aonde com valor fizeraõ retirar ao inimigo, para as fortalezas. Depois lhe ganhàraõ o forte de Santo Antonio com a artelharia, & franqueando este caminho, entrou o General dia da Senhora da Assumpçaõ, que era, a que lhe havia de dar a vitoria, segundo a ordem, & traça do Padre Joaõ de Almeyda. E lembrado o General da promessa do Padre entrou no Collegio a dar as graças à Senhora da Vitoria, cujo Templo entre os mais, ficou só no seu ser antigo.

611 Daqui ordenou todas as cousas convenientes, presidiando a Maianga. Aos dezaseis se tomàraõ dous Olandezes, que examinados, disseraõ havia na praça quinhentos & cincoenta homens, excepto alguns negros, & que entre os gentios andavaõ duzentos & cincoenta, com quantidade de gentios confederados. Conhecida pelo General a tençaõ dos Deffensores, que era esperar os que estavaõ auzentes. Assim investiraõ a Cidade, & fortaleza do Morro, que ainda que parecia insuperavel, a boa disposiçaõ do General, fez q̃ aos dezasete de madrugada, se entrasse à escalla, & o fizeraõ com tanto valor, que subiraõ, & cavalgàraõ a artelharia, & tanto que huns vencèraõ a fortaleza do Morro; os outros Capitaens investiraõ atè o forte de nossa Senhora da Guia. E

em

em espaço de tres horas os apertàraõ com tanta valentia, que nesse mesmo dia, quebrantando-lhe nossa Senhora os coraçoens, perdèraõ o animo. E tanto que sem embargo de lhe chegar soccorro pela tarde, puzeraõ bandeyras brancas. Capitulaõ com grande credito da naçaõ Portugueza. E aos 24. de Agosto tomou o General posse de todas as fortalezas, dia de Saõ Bartholomeu do anno de 1648. Havendo possuido os Olandezes aquelle Estado sete annos.

612 Logo entrou o General a fortaleza do Morro, aonde lembrado do que tratàra com o Padre Joaõ de Almeyda, fundou huma Ermida, que dedicou ao Archanjo Saõ Miguel. E à Cidade acrescentou o titulo da Assumpçaõ, por honra da Virgem nossa Senhora, que lhe dera aquella grande vitoria, de todos naõ imaginada. E se foraõ dar as graças à Senhora por taõ grande beneficio. Seguio-se logo que todos aquelles Reys, & Principes, que estavaõ pelos Olandezes, se rendessem tambem, & dessem obediencia a ElRey de Portugual. Este grande succesſo da recuperaçaõ do Reyno de Angolla, se deveo às Oraçoens do veneravel Padre Joaõ de Almeyda que obrigou a nosso Senhor, & a nossa Senhora, favorecessem aos Portuguezes, para lançarem daquelles Reynos aos hereges Olandezes, que os tinhaõ tyrannisado. Da Senhora da Assumpçaõ, & dos grandes favores que com aquella vitoria fez aos seus devotos Portuguezes, faz mençaõ o Padre Mestre Simaõ de Vasconcellos na vida do veneravel Padre Joaõ de Almeyda liv.6.c.1.2.& 3.

TITULO CV.

Da Antiga Imagem de nossa Senhora de Marrocos em Africa.

613 PElos annos de 1293. deraõ a vida aquelles gloriosos Santos Martyres, da Ordem dos Menores, a quem por antonomasia chamaõ os Martyres de Marrocos, taõ estimados do Ceo, quanto elle tomou por

sua

sua conta, castigar em sua vingança aquelle Reyno, porque por espaço de cinco annos, lhe durou o açoute. No qual tempo o Rey, ou Emperador de Marrocos, reconhecendo, ainda que naõ de todo (pois senaõ resolveo a receber a fé, & a verdade, que aquelles Santos Martyres lhe hiaõ a annunciar.) Deo licença aos Christãos, para terem nos seus Reynos Sacerdotes, & Bispos da Religiaõ Serafica. E neste tempo, levantàraõ os filhos de Saõ Francisco, huma Igreja, que dedicàraõ à Mãy de Deos, com o titulo de Santa Maria de Marrocos, aonde collocàraõ huma Imagem desta Senhora, que ainda hoje perseverarà, & serà buscada naõ só dos Christãos mas ainda daquelles Mouros, que poderàõ ser predestinados para a Gloria.

614 Tambem lhe concedeo terreno bastante, para se fazer Convento, que naõ sey se ainda ao prezente se conserva. Desta Senhora fazem mençaõ, as antigas Chronicas da Ordem, como he Fr. Marcos de Lisboa, Fr. Lucas Wandingo, Mattheo Aleman na vida de Santo Antonio, & assim assentaõ estes Padres o principio daquella casa da Senhora, no anno de 1226.

615 Nesta Igreja, que era muyto grande, celebravaõ os filhos de Saõ Francisco os Divinos Officios, & os Bispos faziaõ os seus Pontificaes. Foy esta Igreja muytas vezes sagrada, com o sangue dos Martyres, que o derramàraõ às mãos dos Mouros, illustrada tambem com grandes maravilhas do Ceo. Naõ nos constou, se ainda hoje persevera esta Igreja, mas devemos crer que a Mãy de Deos a conservarà, para confusaõ dos Mahometanos. Desta Senhora faz mençaõ o Padre Esperança, part. 1. l. 3. pag. 316.

LIVRO SEGUNDO
DA HISTORIA DAS MILAGROsas Imagens de noſſa Senhora, que ſe veneráraõ,

Em as Ilhas Felippinas em a Aſia Inſular.

VErdadeyramente pertencem a eſta noſſa Hiſtoria das milagroſas Imagens de Maria Santiſſima, que ſe veneraõ em o Oriente, aquellas que com particular devoçaõ ſaõ buſcadas em as Ilhas Felippinas, & iſto por ficarem na meſma Aſia Inſular, & viſinhas à China, & Japaõ, de donde demos principio a eſte noſſo oytavo tomo dos Santuarios Marianos, Orientaes. Conquiſtou eſtas grandes Ilhas, depois de as haver deſcuberto o noſſo grande, & inſigne Navarco Fernando de Magalhaens; o Adiantado Miguel Lopes de Legaſpi, tomando-as por força de armas em deſanove de Mayo do anno de 1570. Sendo Monarca de Heſpanha Felippe o Prudente. E deo-lhe o Adiantado a eſtas Ilhas o titulo de Felippinas, pelas haver conquiſtado, no tempo em que em Heſpanha reynava o meſmo Rey Felippe o II. liſongeando-o com as obras do ſeu valor, & boa fortuna.

Huma deſtas grandes Ilhas, & a mais principal dellas, he a de Luſon, aonde fica a Cidade Capital, Corte, & Metropoli de todas aquellas Ilhas, & Reynos, que he a Cidade de Manilla, aonde reſide a Cadeyra Arcebiſpal, & o aſſento

da Real Chancelaria, & assiste, & preside o Vice-Rey. Teve esta Cidade o nome de Manilla, depois que os Espanhoes a conquistàraõ, por respeyto de outra povoaçaõ principal, que distava duas legoas, a quem davaõ o nome de Manaviles, & aquem hoje corruptamente nomeaõ com o nome de Marivelles. Tambem deraõ a esta Ilha de Luson o titulo de Nova Castilha pela sua fertilidade,& bondade. He esta a mayor de todas a mais septentrional, & a mais povoada das Naçoens Asiaticas, & assim excede as outras Ilhas em a luz da razaõ, & policia, & tambem no valor, & animo bellicoso.

A sua menor altura desta Ilha he de 13. gràos escassos, & a mayor de 19. & meyo. O seu circuito dizem ser de 412. legoas. He muyto fertil, & tem muytos rios caudalosos. O sitio que esta grande Ilha deo à Cidade de Manilla, foy em hum terreno muy ameno, & alegre, em as ribeyras do mar, que he huma ponta que faz o rio Paseg, & tem huma Bahia, que dizem ser a mayor (mas naõ a melhor) de todo o mundo, porque tem algumas trinta legoas de comprido, & na boca huma Ilha, que faz duas legoas de circunferencia. Tinha esta antiga povoaçaõ, quando a conquistou o Adiantado, dez mil visinhos, no tempo presente se acha com mais de vinte mil, por ser a escalla principal, naõ só para a China, & Japaõ, mas para todos os Reynos do Oriente, & assim se tem hoje por huma das mais ricas Cidades, que se reconhecem em todo o mundo.

TITULO I.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora do Carmo, em o Convento dos Agostinhos Descalços de Manilla.

A Maria Santissima, como amorosa Mãy, com o titulo do Carmo, veneraõ, & servem com devotos, & fervorosos cultos em o seu Convento situado no destrito da Cidade de Manilla, cabeça das Felippinas, os filhos reformados

mados de Agostinho meu Padre, que por isso diz o Evangelista amado, que vio Jesus a Mãy, & naõ diz a sua Mãy, nem a Mãy de Joaõ *Cum vidisset Jesus Matrem.* Porque Maria Santissima naõ foy só Mãy natural de Christo Jesus; & Mãy espiritual de Joaõ, mas huma Mãy muyto amorosa de todos os fieis, sem distinçaõ, & segundo isto, bem podem os filhos de Agostinho (porque tambem saõ com especialidade filhos de Maria) ser tambem filhos da Senhora do Carmo, & servilla, & festejalla com affectuosos cultos, porque ainda que esta Senhora tenha outros filhos, que com especial divida sejaõ obrigados a servilla, como esta Senhora naõ exclue a nenhum fiel da sua filiaçaõ, todos os que devotamente a invocarem, experimentaràõ certamente os incomparaveis effeytos da sua piedade. Taõ gèral he para todos esta Benigna Mãy, que se atreveo Saõ Bernardo a dizer, que elle dava licença de suspender os seus louvores, ao que invocando-a, naõ ouvesse recebido os seus favores. Sendo pois taõ commuas estas mercès, & estes beneficios, bem he que os filhos de Agostinho que com muyta especialidade saõ beneficiados, & favorecidos desta liberal, & piedosa Mãy, continuem fervorosos em servilla.

Pelos annos de 1606. se fundou em a Cidade de Manilla o primeyro Convento que em as Ilhas Felippinas teve a Descalces Augustiniana. Fundou-se este fóra da Cidade, & de seus muros, cousa de trezentos passos, em hum alegre, ameno, & delicioso sitio, que se chamava *Bagunbaian* Era este sitio huma quinta muy curiosa com formosos taboleyros de horta, & varios tanques, & jardins, a qual estava já perfeyta, & acabada. E teve muyto de mysterio que no mesmo dia que os Padres Descalcos sahiraõ de Hespanha para o Peru, & Felippinas, deo principio a esta quinta Dom Pedro da Cunha, sendo Governador actual daquella praça. Agradou muyto aos Padres Descalços o sitio, naõ só pelo ameno, & delicioso delle, mas pelo que tinha de retirado. Quando os Padres entràraõ em Manilla, estava o Governa-

dor Dom Pedro da Cunha nas Malucas, aonde havia tido hum bom ſucceſſo contra os Olandezes, & vindo naquelle tempo em que os Padres haviaõ chegado, morreo logo, & como naõ devia ter filhos, nem devia ſer caſado, tratàraõ os Padres de comprar a quinta, & como eſtavaõ jà muyto bem aceytos de todo aquelle nobre povo, todos deſejavaõ, que elles ficaſſem bem acomodados, em que ſe via claramente que a maõ de Deos andava neſte negocio, pois moſtrava terlhe já aparelhado aquelle lugar. Procuràraõ algumas eſmollas para a compra, & em duas tardes que ſahiraõ os Religioſos pela Cidade, acompanhados de algumas peſſoas principaes, ajuntàraõ mais de tres mil patacas; com que pagàraõ, o que, ſe lhes pedio pela compra, perdoandoſe lhe muyto do que deviaõ dar, aſſim pelo que ella valia, como por ſaberem que elles eraõ pobres, & hiaõ a aſſiſtirlhe.

Feyta eſta diligencia tomàraõ logo poſſe do ſeu novo Convento em dia de Saõ Nicolao de Tolentino a quem o dedicàraõ, por voto particular, que haviaõ feyto unanimes, dando principio à ſua navegaçaõ. Em taõ feliz Oroſcopo naſceo aquella ditoſa Provincia de Felippinas. E aſſim naõ ha que admirar, do muyto que luzio eſpalhando os rayos do ſeu zelo, pelas partes mais eſcuras daquella gentilidade, em que hum infinito numero de almas, que viviaõ como feras, em hum cego barbariſmo, recebeo a verdadeyra luz da Fé, que profeſſamos os verdadeyros Catholicos.

Aſſentàraõ aquelles Apoſtolicos Varoens o ſeguro fundamento da ſua caſa, naõ no material, mas no formal de virtudes ſolidas, paſſando com ſumma pobreza, & deſprezo das couſas temporaes, ſem ter mais fim, que em buſcar a Deos na oraçaõ, & em o dar a conhecer, & a amar em ſuas praticas, & exemplos. Com milagroſos exemplos moſtrou Deos, que ſe agradava de que foſſe o Patrono daquelle Convento o noſſo Taumaturgo Tolentino. E aſſim ſe lhe fez a ſua primeyra feſta com muyta ſolemnidade, com a aſſiſtencia da Real Chancelaria, & Cabido Eccleſiaſtico, & ſecular, Religioſos

ligiosos, nobreza, & todo o povo de Manilla. E prégou nesta celebridade o Bispo de Zebu, D. Fr. Pedro de Arguto.

Haviaõ chegado a Mexico, cabeça da nova Hespanha estes bons Padres, quando da Europa sahiraõ, & detendose naquella Cidade, recebèraõ de seus moradores muytos favores. Entre estes, foy muyto singular, o que humas devotas pessoas lhe fizeraõ, em huma preciosa joya, que lhe offerecèraõ. Foy esta huma rica Imagem da Mãy de Deos, a qual veneravaõ com particular devoçaõ em o Oratorio de sua casa. E verdadeyramente por hum singular favor do Ceo, a estimàraõ tendo por certo, ser esta dadiva, movida pela mesma Senhora, que os queria acompanhar, naõ só para os livrar a elles de todos os perigos daquella viagem, como o experimentàraõ; mas para favorecer, & beneficiar a muytos daquelles Felippenses. O titulo desta Santissima Imagem era nossa Senhora do Carmo. Muytos foraõ os favores que por meyo, & intercessaõ desta soberana estrella dos mares, recebèraõ aquelles Padres, porque os livrou de grandes perigos.

Assim como tiveraõ naquella sua nova fundaçaõ Igreja os reformados filhos de Agostinho meu Padre, tratàraõ logo de collocar nella a milagrosa Imagem da Senhora, com o mesmo titulo do Carmo, com que em Mexico já a invocavaõ aquellas devotas pessoas, que lha deraõ. Collocada a Santissima Imagem, em aquella nova Igreja, começou logo a maõ de Deos a obrar tantas, & taõ grandes maravilhas, & a ser taõ frequentada aquella casa, que era hum dos principaes Santuarios de Manilla. E naõ só o experimentavaõ todos os defóra, nos grandes favores, que desta Senhora recebiaõ; mas por seu meyo recebiaõ os seus pobres Capellaens muyto grandes, & largas assistencias de todos os moradores daquella nobre Cidade, porq̃ todos em os favorecer desejavaõ merecer à Senhora, a sua protecçaõ, & os seus favores.

Depois de alguns annos, que esta casa se havia fundado, succedeo hũa grande alteraçaõ, que movèraõ os Chinas, que

viviaõ por aquelles Arrebaldes; os quaes, unidos com outras Naçoens de gentios, quizeraõ (ſem duvida incitados do demonio para deſtruir aquella caſa que tanta guerra lhe fazia) pòr por terra aquelle Santuario, & com effeyto lhe puzeraõ o fogo por varias partes, a fim de que naõ ficaſſe memoria della. Mas foraõ debalde eſtes ſeus intentos, porq̃ a Senhora do Carmo a defendeo, & aos ſeus Capellaens, porque nem elles, nem a ſua caſa padeceo dano de conſideraçaõ. E tudo foy favor daquella celeſtial Belona, porque ella defendeo a ſua caſa milagroſamente, & como de particular favor, lhe deraõ as graças, porque ninguem poderà offender aos que eſta Senhora ampara, & defende.

Foy devotiſſimo deſta milagroſiſſima Imagem da Senhora do Carmo, Dom Joaõ Veles, Deaõ da Cathedral de Manilla, & por reſpeyto da Senhora venerava, & favorecia muyto aos ſeus Capellaens. Achava-ſe eſte nos ultimos paraciſmos da vida em que huma graviſſima enfirmidade o havia poſto. E quando já naõ tinha eſperanças de melhoras, pedio lhe levaſſem eſta ſagrada Imagem a ſua caſa, o que aſſim ſe fez, & com a viſta da Senhora, & deprecaçoens dos Religioſos, cobrou logo repentina ſaude; & em agradecimento deſte favor, fez aquelle devoto Prebendado à Senhora, huma feſta taõ eſtrondoſa, que foy a mayor, que vio a Cidade de Manilla, & todos os ſeus contornos. E aſſim por cauſa deſte grande milagre, & de outros muytos, ſe erigio à Senhora huma nobre Irmandade, que paſſava de quatro mil Irmãos.

Com eſta Irmandade he hoje muyto fervoroſamente aſſiſtida eſta milagroſa Senhora, & buſcada de todos com as ſuas offertas, votos, & promeſſas, & como as maravilhas, que obra ſaõ muytas, aſſim ſaõ tambem innumeraveis as memorias dellas, em muytas mortalhas, quadros, & outros muytos ſinaes de cera, & de outros generos, offerecidos por aquelles que ſe confeſſaõ beneficiados daquella grande Senhora; & eſtes ſe vem pender das paredes da ſua Capella. He

eſta

esta Santissima Imagem de escultura de madeyra, mas ricamente obrada, & de tanta fermosura, que arrebata os coraçoens. Desta Senhora do Carmo faz mençaõ o Padre Fr. Luis de Jesus em o segundo tomo da sua Chronica gèral dos Agostinhos Recolletos, da Congregaçaõ de Hespanha Decada 4. cap. 1. §. 13.

TITULO II.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora da Saude de Manilla.

PAssados quinze annos, que residiaõ os Religiosos Agostinhos Descalços em o seu Convento do sitio de *Bagunbaian*, com aquelle grande exemplo que davaõ com suas religiosas virtudes, & santo zelo da conversaõ dos gentios, & salvaçaõ das almas, se ascendèraõ os moradores de Manilla em desejos, de que elles vivessem dentro da Cidade, para os ter mais à maõ em seus trabalhos, & necessidades espirituaes. E assim com toda a diligencia o executàraõ, no anno de 1621. Pareceo duro aos Religiosos o deyxar a sua primeyra fundaçaõ, naõ tanto pelo material da casa, quanto pelo serviço, que se fazia a nosso Senhor naquelles Arrebaldes, administrando os santos Sacramentos aos muytos que nelles viviaõ, os quaes em as noytes particularmente careciaõ de espirituaes soccorros, porque era forçoso fecharem-se as portas da Cidade, & a ter nellas a guarda necessaria. Foy na verdade inspiraçaõ do Ceo, o naõ desamparar o Convento (que hoje se intitula de Saõ Joaõ Bautista; porque a este Santo sobrogàraõ no titulo de Saõ Nicolao de Tolentino) porque, como depois se experimentou, mediante o cuydado dos Religiosos, acudio taõ grande numero de Christãos a frequentar os santos Sacramentos, que quatro Ministros quotidianos naõ bastavaõ, sendo muytos dos que vinhaõ Espanhoes, outros pretos livres, & escravos, & muytos que com os Indios de diversas partes concorriaõ a buscar naquella

casa o remedio de suas almas, o qual achavaõ sempre patente, & aos Religiosos muy dispostos de dia, & de noyte para lhes dar a saude, & a vida de suas almas.

Resolveo a Provincia, que se eregisse aquella casa em Collegio; porque naõ era bem (ainda que a doutrina, & a piedade sempre se daõ as mãos) estivessem juntos o estudo, & Noviciado. E assim ficou este na Cidade, & o Collegio, para os estudos, com Religiosos, para a assistencia dos que buscavaõ a sua salvaçaõ, & o remedio nos Sacramentos. Possue este Collegio hum grande thesouro, em outra Imagem da Mãy de Deos a quem daõ o titulo da Saude, que na mesma forma, que os primeyros Fundadores levaraõ de Mexico à Senhora do Carmo. Os segundos Religiosos, que depois os seguiraõ, levàraõ tambem esta Santissima Imagem, que tambem lhe deviaõ offerecer alguns devotos Mexicanos, para a levarem por presidio: o que fizeraõ com grande estimaçaõ, segurando nella os bons successos de sua navegaçaõ; porque nella por muytas vezes deo mostras da sua clemencia, & piedade. Em que he muyto para ponderar, o empenho, que a Senhora mostrava em favorecer a estes seus servos com aquelles celestiaes thesouros. Em Felippinas continuou a Senhora as suas maravilhas de sorte que com ellas se fez muyto celebre. Solenizou-se a sua collocaçaõ com grande pompa, & apparato, assistindo presente a Real Chancelaria, & a Cidade, que fez a festa com devotissimas demonstraçoens, do grande affecto com que a venerava. E foy taõ grande a fé com que a buscavaõ, em seus apertos, & necessidades, que em breve tempo se encheo aquelle grande Templo dos votos, & memorias das suas maravilhas. E tanto cresceo a devoçaõ nos moradores daquella grande Cidade, que lhe eregiraõ huma illustre Confraternidade com o titulo do Transito de nossa Senhora, cuja principal procissaõ se faz em a terceyra sexta feyra da Quaresma com o mayor apparato, & luzimento, que se pòde considerar por escrito, ou por palavras.

Sahem

Sahem os Confrades com veſtes brancas, & murças azuis, em que levaõ os epitetos da Senhora em precioſos guioens, & eſtendartes da meſma cor, bordados com grande cuſto, & com hum grande acompanhamento de meninos veſtidos de Anjos, que a eſpaços vaõ cantando louvores daquella ſoberana Rainha. Numerar as tochas, & brandoens aceſos naõ he facil; porque ſegundo o que ſe refere, he eſta huma das mayores funçoens, que ſe vem em Felippinas. Segue-ſe logo a cama da glorioſa Virgem Maria Senhora noſſa, que compoem, com a riqueza que ha na Cidade, que he muyta, as mulheres mais devotas, & mais nobres, & vay rodeada de hum eſquadraõ de meninos veſtidos tambem de Anjos, o que cauſa huma muyto alegre devoçaõ todos os annos. Vaõ logo por remate atè mil diſciplinantes, & muytos paſſos devotos, que comovem muyto a compunçaõ a todo aquelle innumeravel povo, que concorre das Provincias, circumviſinhas que vaõ a gozar daquelle dia.

Aſſim ha creſcido a devoçaõ, para com eſta Santiſſima Imagem, que he das mayores, que ha em Felippinas, como em varias occaſioens ſe ha viſto. E muyto mais naquella, quando a recolhèraõ na Cidade (por temor dos Chinas, & Sangleis, que ſe levantàraõ) para lhe fazerem hum novenario, a que concorrèraõ a Real Chancelaria, Arcebiſpo, & Cabidos, pela ſaude do exercito Catholico, que eſtava muyto enfermo. Deſta rogativa reſultou o conſeguir, naõ ſó a ſaude dos ſoldados, mas a paz, & o ſoſſego que ſe pretendia.

Hum grande trabalho padeceo eſte Collegio em tempo de hum certo Governador, de quem ſenaõ declarou o nome, pelo naõ infamar, o qual com o pretexto, de que era a ſua fabrica hum grande padraſto, para os muros da Cidade o mandou demolir, ſem que o podeſſem moderar os reſpeytos da Real Audiencia, que lhe pedia o naõ fizeſſe; mas a nenhum reſpeyto ſe moveo, & aſſim no fim do ſeu officio pedio à Igreja, & Cidade ſatisfaçaõ deſte grande aggravo & o ſen-

o ſentenciàraõ em que pagaſſe vinte & cinco mil pezos, ou patacas, ſe bem o dano importou em mais de cincoenta, com que ſe tornou a reedificar a Igreja, & a collocar nella a Santiſſima Imagem da Senhora da Saude. He eſta Santiſſima Imagem de roca, & de veſtidos, & aſſim lhe offerecem muytos, & muy precioſos as Matronas de Manilla. Deſta Senhora eſcreve o Padre Fr. Andrè de Saõ Nicolao, em a Hiſtoria dos Agoſtinhos Recoletos de Heſpanha Decada 2.c.6.

TITULO III.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora da Conſolaçdõ de Manilla.

GIſilberto em a ſua Altercaçaõ, diz que he Maria Santiſſima a conſolaçaõ dos enfermos, a Redempçaõ dos cativos, a liberdade dos condenados, & a ſaude de todos: *Conſolatio infirmorum, Redemptio captivorum, liberatio damnatorum, ſalus univerſorum.* Naõ ſó he Maria a ſaude, & a ſalvaçaõ de todos, mas nas affliçoens, & deſamparos, a noſſa protecçaõ, & remedio; & quando nos achamos mais afflitos, por nos vermos neſte mundo mais deſamparados, ella he a que nos conſola nos ſoccorre, abriga, & ampara, & aos meſmos demonios obriga, a que nos ſoccorraõ, & conſolem, ſendo elles os que como inimigos mais nos aborrecem. Em graça dos favores com que eſta Senhora conſola aos ſeus devotos, ouvi eſte notavel ſucceſſo.

Gisilb. in Alterc.c. 19.

Hum Guardiaõ de Peroſa, homem daquelles, cuja indigeſta condiçaõ, & ſumma imprudencia fazem o jugo da Ley Divina, & o da Religiaõ intoleravel; porque a vara do poder, & obediencia he em as ſuas mãos, como dizia o ſeu Santo Patriarca, huma eſpada nua nas mãos de hum furioſo louco. Eſte na veſpera do Naſcimento de N. Senhor Jeſu Chriſto, acabando de chegar de caminho cançados, & em jejum dous Religioſos os mandou, que foſſem a hũa

Cornej. tom.3.p. 815.

quin-

quinta, ou casa de campo, que distava de Perosa tres legoas, para comprazer a hum fidalgo seu amigo, que pedia huma Missa para o seguinte dia. Bem conheceo o imprudente Prelado a impiedade do seu mandato; porque para previnir a justa repulça, que podiaõ fazer os pobres cançados, & famintos, se anticipou mandando-lhes por santa obediencia, que sem dilaçaõ alguma tomassem o caminho. Sacrificàraõse humildes a obedecer nas aras da resignaçaõ. A pouco mais de duas milhas, ou perto de huma legoa, os colheo a noyte, que com os rigores do tempo era mais horrenda. Pouco praticos no caminho, que guiava para a quinta, pizando espinhos, & sombras, se perdèraõ com manifesto perigo de perecer às inclimencias do frio, ou a serem pasto das feras do mato. Afflictos, & desconsolados recorrèraõ ao patrocinio de Maria, consolaçaõ dos afflictos, & a seu Padre Saõ Francisco, & com o favor da Senhora sahiraõ do grande risco, que corriaõ suas vidas, com este tambem formidavel succesſo.

Estando os tristes Religiosos perplexos, sem saberem a que parte moveriaõ seus errantes passos, ouviraõ huma campainha, ou sino, & aplicando o ouvido encaminhàraõ a sua jornada para aquella parte, aonde a voz delle se ouvia. Viraõ luz, & respiràraõ da sua affliçaõ, & muyto mais, quando chegando mais perto, viraõ sinaes de Convento. Apressáraõ o passo, chamàraõ à portaria, seguros já de terem agasalho para aquella fria noyte. Sahio a responder hum Monge, que os recebeo com agrado, & os foy conduzindo à cella do Abbade, aonde havia outros Monges, & todos com sinaes de benignidade, & compayxaõ os cortejàraõ; & sentados ao lume, lhes deraõ boa colaçaõ, & camas para o descanço do trabalho do caminho. Recolheo-se a Communidade, como para fazer tempo de ir a Matinas, & os pobres se ficàraõ no seu recolhimento com tençaõ, & desejo de se acharem nellas, por ser a noyte tam devota, & festiva.

Naõ lhes succedeo assim; porque dormiraõ atè o des-

pon-

pontar do dia, com grande ſoccego. Levantàraõ-ſe àquella hora,& achàraõ aos Monges juntos em huma ſalla capitular. Entràraõ nella obrigados das ſuas corteſanias, & rogos; & havendo tomado aſſento, rogou o Abbade a hum delles o mais anciaõ,que diſſeſſe alguma pratica de edificaçaõ àquelles Monges ſeus ouvintes. Eſcuſava-ſe com humildade, & de que naõ eſtava prevenido, porèm foraõ tantas as inſtancias, que fez o Abbade, que quiz ſer tido mais por idiota, que por groſſeyro, & aſſim ſe reſolveo a dizer da celebridade do dia o que lhe inſpiraſſe o Divino Eſpirito. Tomou por Thema as palavras de Iſaías: *Puer natus eſt nobis, & filius datus eſt nobis.* E começou a ponderar a inefavel dignaçaõ de Deos feyto homem, pelos homens: quando reparou, que os Monges huns atraz dos outros com apreſſado paſſo ſahiaõ daquella ſalla do Capitulo, & o deyxàraõ com a palavra na boca. Ficou ſó o Abbade, & diſſe o Religioſo. Padre, havendo antes proteſtado a minha ignorancia me pudera V. Paternidade haver diſpenſado, para que naõ fallaſſe a minha rudeza em hum concurſo taõ douto, & veneravel; porèm ja que me determiney a obedecer, porque me deyxaõ aſſim afrontado os voſſos Monges? Naõ te deyxaõ, reſpondeo, afrontado por idiota, nem por ignorante; ſenaõ porque trataſte eſſa materia do Naſcimento do Meſſias Filho de Deos, que he para nòs a mais horrenda, & abominavel que ſe pòde tocar. Ay de mim, diſſe o Religioſo, Jeſus me valha, pois quem ſois vòs? Sois acaſo demonios? Sim reſpondeo o Abbade, & em noſſa boca ſendo officina de mentiras, & enganos, nada pòde ſer taõ grande verdade como o Naſcimento do Meſſias, para remedio dos homens, foy, he, & ſerá o noſſo mayor tormento. Anjos ſomos das trevas, & viemos a eſte boſque, por mandado do Altiſſimo, ſó por vos hoſpedar por verdadeyros obedientes, bem reſignados na vontade do voſſo Prelado, ainda que duro, injuſto, & imprudente, & naõ tivemos eſta noyte outro deſpique, para caſtigar a ſua imprudencia. E dito iſto deſappareceo todo o Convento, & ſe

achàraõ

achàraõ em a ſoledade de hum boſque ao naſcer do dia, cujas luzes lhe foraõ de grande alivio, para lançar de ſi o aſſombro, & o temor em que ficàraõ. Aqui ſe verà o como aquella benigna Senhora, que toda he Mãy amoroſa, conſola, & alivia aos que padecem, & ſe vem em alguma afflicaõ deſconſolados, & aſſim a devemos invocar, com muyto grande confiança em todos os noſſos trabalhos, & perigos.

Poucos tempos havia que os Padres Agoſtinhos Deſcalços reſidiaõ no ſeu Convento de Saõ Nicolao de Manilla, fundado nos Arrebaldes da meſma Cidade, em diſtancia de couſa de trezentos paſſos, como fica dito. E como foſſe grande o credito, que ſeus fundadores haviaõ acquirido, em taõ pouco tempo, mediante a ſua exemplar vida, & zelo que havia moſtrado na reduçaõ, & converſaõ dos infieis, eſpalhando por todas as partes a luz, & reſplandor de ſuas virtudes, & doutrina; & aſſim haviaõ ganhado para com Deos em aquella Cidade muytas peſſoas com os ſeus ſantos documentos, enſinando-lhes o caminho que muy poucos ſolicitaõ, pelo qual ſe fizeraõ taõ ſenhores das vontades, que a huma voz lhe pediaõ todos, que ſem deyxar aquelle primeyro ſitio, por ſer util à ſua conſervaçaõ, para o bem de tantas almas, como viviaõ naquelles Arrebaldes, entraſſem dentro da Cidade, & tomaſſem ſitio em parte mais acomodada, para que gozaſſem os nobres, & os plebeos do eſpiritual paſto de ſua doutrina, que com tanta promptidaõ repartiaõ.

Era, pelos annos de 1620. pouco mais, ou menos, Prior do primeyro Convento o Padre Fr. Joaõ de Saõ Jeronymo, & como viſſe os apertados rogos daquella Cidade que com tanto affecto, & naõ pouca conveniencia dos meſmos Padres Deſcalſos, ſe pedia: ouve de aſſentir a tudo, & aſſim ajudado com eſmollas, que ſe lhe deraõ, comprou humas caſas pequenas, junto de hum ſitio em que ſe havia fundido artelharia muyto tempo, o qual ſitio deo tambem o Governador Dom Joaõ da Silva no fim do meſmo anno. Aqui paſſáraõ algum tempo, com baſtante eſtreyteza; porque naõ buſcavaõ eſtes

ſantos

tantos Religiosos mais que as riquezas do Ceo. Neste tempo, que me parece foy no anno de 1621. Dom Bernardino del Castilho Ribeyra, natural de Mexico, Governador da fortaleza, & Regedor da Cidade de Manilla, & sua mulher Dona Maria Henriques de Celpedes, pela grande devoçaõ, que tinhaõ ao glorioso Saõ Nicolao de Tolentino, tomaraõ o Padroado da Igreja, & Convento, levantando logo huma sumptuosa, & magnifica fabrica, em que gastàraõ alguns duzentos mil cruzados, & deyxàraõ tambem renda para a fabrica, & reparos da mesma casa, que era força os ouvesse, porque os Religiosos amantes da pobreza, naõ quizeraõ, nem huma pequena Ordinaria.

Dedicou-se esta casa ao mesmo Saõ Nicolao de Tolentino, & a primeyra casa, como já tocamos, se dedicou ao Santo Precursor. E assim o Santo Tolentino naõ só he o Tutelar daquella casa, mas de toda a Provincia de Felippinas. Entre as Imagens milagrosas que nesta casa se veneraõ, he huma da soberana Rainha da Gloria a quem invocaõ com o titulo da Consolaçaõ, que he o alivio, & a consolaçaõ daquella Cidade, pela muyta que os afflictos, & desconsolados achaõ nella, quando se achaõ mais apertados das tribulaçoens. Começou a sua devoçaõ desde que os mesmos Religiosos Descalços entràraõ naquellas Ilhas, ou poucos annos depois. E assim me persuado, que ou a trouxeraõ de Hespanha, que será o mais certo, ou a levàraõ de Mexico. De sorte, que os primeyros Padres que passáraõ de Hespanha às Felippinas, levàraõ de Mexico a Imagem de nossa Senhora do Carmo, & os segundos levàraõ tambem da mesma Cidade de Mexico a Imagem da Senhora da Saude; & os terceyros levàraõ esta Santissima Imagem da Senhora da Consolaçaõ, & todos foraõ acompanhados da Mãy de Deos, & assim a levàraõ com grande veneraçaõ fiados, em que na sua companhia, haviaõ de ter huma grande protecçaõ, & muytos motivos de consolaçaõ, como o experimentàraõ, em toda a viagem.

Esta

Esta devoçaõ se ha continuado naquella casa por meyo das muytas graças que ella reparte em favor de todos aquelles que se encomendaõ em o seu patrocinio. Com esta Santissima Imagem tinhaõ os Padre eyros D. Bernardino del Castilho, & Dona Maria Henriques grande devoçaõ, & singular affecto, & por essa causa deyxaraõ clausula em seus testamentos, que todos os annos nas festividades desta excelsa Senhora, se cantasse por suas almas huma Missa. Offereceraõ-lhe preciosas joyas de ouro, & perolas, & ricos vestidos, que testificaõ atè o presente, a grande devoçaõ que lhe tinhaõ, & com que humildes lhe rendiaõ vassalagem.

Fomentou grandemente o culto, & a veneraçaõ desta Sacrosanta Imagem de Maria o Padre Fr. Antonio de Santo Agostinho, & recebeo o premio, & o jornal do seu trabalho, largamente; porque estando já moribundo, & com a vela nas mãos, para espirar, sem algum sentido, nem esperança de vida, tornou em si, fallando aos circunstantes, que lhe assistiaõ naquella ultima hora, com espanto de todos os Medicos, que o julgavaõ por defunto. E declarou o sucesso, dizendo que havendo-se posto com o coraçaõ aos pès da mesma Santissima Virgem Maria sua Protectora, quando estava ao parecer quasi acabando, sentira junto a si, que lhe fallava em companhia de Saõ Nicolao de Tolentino, & o animava com doces, & amorosas palavras, que naõ morreria daquella enfirmidade. E assim foy; porque dentro de poucos dias, se levantou como senaõ ouvera estado às portas da morte.

Tambem foy muyto devoto desta Senhora o Padre Fr. Gaspar da Madre de Deos, nosso Portuguez, & natural do Algarve, o qual foy raro Varaõ em mortificaçaõ, & penitencia, & seguio por espaço de vinte annos a vida de Saõ Nicolao de Tolentino, sem faltar nella, nem hum dia, com o qual se descobre muyto bem o sublime do seu espirito, & tudo podemos entender, foy a influencias da mesma Senhora, que diz, que aquelles que a acharem, acharàõ a vida, &

que

que recebèraõ aquella verdadeyra ſaude que o Senhor dà, que he a ſua graça. He eſta ſagrada Imagem de roca, & de veſtidos, como ſe vè do contexto da meſma hiſtoria, naõ refere o Chroniſta o dia de ſua principal ſolemnidade, nem o lugar, aonde eſtà collocada, & como naõ he a Patrona daquella caſa, eſtarà em alguma particular Capella, que lhe fabricariaõ os ſeus devotos Padroeyros, Dom Bernardino, & Dona Maria. Da Senhora da Conſolaçaõ eſcreve o Padre Fr. Andrè de Saõ Nicolao no primeyro tom. da ſua Hiſtoria. Dec. 2. cap. 8 pag. 442.

TITULO IV.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora do Roſario de Manilla.

REfere a Divina Eſcritura, que quando o demonio ſe apoderava de Saul, tocando David a ſua arpa, ou cithara logo o lançava fóra delle: *David tollebat cytharam, & percutiebat manu ſua, & refocilabatur Saul.* Em que conſiſtiſſe eſta expulſaõ do diabo, naõ conſertaõ os Santos Padres, o Chriſtopolitano, ſobre os Pſalmos, diz, que quando David tocava na arpa, ſahia o eſpirito maligno, naõ ſó, porque (como Joſepho) o demonio naturalmente he inimigo da muſica, pela uniaõ das vozes, de que ella conſta, mas tambem, porque cantava docemente a arpa as couſas de Chriſto. Profetizava nos ſeus Pſalmos, que cantava, os myſterios da Ley da graça, como era a Encarnaçaõ, o Naſcimento, & os mais do ſanto Roſario, & naõ podendo o demonio ſofrer o ouvir cantar a vida de Chriſto noſſo Senhor profetizada, fugia, & deſaparecia; com a meſma razaõ naõ pàra o demonio, aonde ouve rezar o Roſario, nem ſe atreve aos ſeus devotos; porque naõ ſó lhes ouve (como a David) recitar em eſpirito myſterios futuros, & figurados, ſenaõ myſterios já paſſados, & realmente verificados, & aſſim diz Joaõ Andreas: *Impoſſibile eſt ferè hanc devotionem manere in homine ſine mutatione dex-*

1. Reg. c. 16. n. 23.

Chriſtopol. ſup. Pſalm. apud Penafiel.

Joan. And.

dexteræ Excelsi. Ainda, que hum homem falte nos actos das mais virtudes, se lhe fica esta devoçaõ, Deos o torna asi: *Rosario divulgato* (continua o Author,) *& anullis recepto cæperunt viri fideles in alios viros repente mutari.* Tanto que Saõ Domingos prégou esta devoçaõ no mundo, logo os homens foraõ outros, & em breve tempo fizeraõ grandes mudanças. Finalmente, do santo Rosario se póde dizer, o que o grande Doutor da Igreja Santo Ambrosio disse de Christo Senhor nosso. Tudo quanto pòdes querer, & desejar Christaõ, em Christo o tens certo, & seguro. Assim digo tambem, devotos do Rosario, estay certos, & seguros, que todos os bens estaõ nesta santa devoçaõ encerrados. Para as vossas chagas he remedio, para a vossa enfermidade he saude, para os fogos da concupiscencia fonte de agua fria, para os vossos trabalhos alivio, para vossas fraquezas força, para vossas traças luz, para a vossa pobreza thesouro, para vossa fóme fartura, para vossa tristeza alegria, para vossos disgostos consolaçaõ, para vossos temores confiança, para vossa solidaõ companhia, para vossa inquietaçaõ sossego, para vossa morte vida, para o Ceo caminho certo, & seguro. Finalmente farey huma summa de tudo o que desejais saber, & do que podeis desejar, que tudo està entheſourado na vida, & morte de Christo nosso Senhor, & no Rosario santissimo depositado. He mesa celestial de todos os manjares, Paraiso de todos os deleytes Pomar de todas as frutas, Jardim de todas as flores, & Praça de todos os bens.

Seja pois a nossa vida huma continua oraçaõ dos mysterios do Santo Rosario; porque os que tiverem o coraçaõ inclinado à brandura, & compayxaõ, nelle tem a Deos Menino nascido à meya noyte, no rigor do inverno exposto às inclemencias do tempo, desamparado de todos os regalos humanos, para nos enternecer. Os que forem enclinados ao amor, aqui o tem encravado em huma Cruz, & prezo com duros cravos, & por amor atravessado com elles, para com sua vista mover nossos coraçoens. Os que estiverem inclina-

dos a esperança, considerem-no na gloria de sua Resurreyçaõ, subindo aos Ceos, liberalissimo Remunerador de pequenos serviços, para com isso os alentar.

No Dominicano Convento da Cidade de Manilla, em as Ilhas de Luson, ou Felippinas, se venera com huma géral devoçaõ de toda aquella Cidade, huma milagrosissima Imagem da Rainha dos Anjos, a quem invocaõ, com o seu agradavel titulo do Rosario. Vesse collocada em huma especial Capella sua. He servida esta Senhora com summa devoçaõ, & reverentes cultos; & a sua Capella se vè adornada de preciosos ornamentos, riquissimas peças, & muyto ricos ornatos. He esta Santissima Imagem de cinco palmos de estatura, formada em hum corpo de madeyra, a cabeça, as mãos, & o Menino saõ de marfim, & assim està adornada de preciosos vestidos, & o Menino tambem. Mandou fazer esta sagrada Imagem Dom Luis Peres de Marinhas, Governador que foy daquellas Ilhas, & a deo ao Convento de Saõ Domingos, pela grande devoçaõ, que tinha à sua Ordem. Foy o Artifice desta sagrada Imagem, hum Sangleyo, ou China insigne escultor, assistindo à obra o Capitaõ Fernando dos Rios Coronel (que depois se ordenou, & foy muyto devoto Sacerdote) para que o China a obrasse com toda a atençaõ, & sahio das suas mãos huma obra taõ prodigiosa, que se pòde entender, lhe foy dada sciencia mais q̃ natural; porque sahio com huma fermosura taõ singular que a naõ podiaõ formar mãos, & entendimento humano, & para que se visse, que taõ grande fermosura excedia as forças, & humana intelligencia, procurou depois o mesmo Artifice, com o mesmo super intendente obrar outra como ella: trabalhàraõ, & cançàraõ-se muyto tempo, mas nada aproveytava todo o seu trabalho, & aplicaçaõ; porque naõ sahia a obra como queriaõ, & assim lhes foy forçoso deyxar a pertençaõ. E o q̃ he mais, que querendo muytos devotos da Senhora retratar a esta sua sagrada Imagem, dando aos Pintores muyto grande premio, nem os mais peritos o puderaõ executar; porque todas as copias

que

que della tiravaõ, nenhuma se lhe parecia, & vinhaõ a dizer estes Pintores. Esta Senhora naó quer ser retratada. E assim deyxàraõ a obra.

Ao Sangleyo, ou China, que obrou a Imagem Original da Senhora, de que os outros procuràraõ tirar copias, & naõ poderaõ, fóra da paga que se lhe deo na terra por taõ excellente obra, teria outra muyto mayor, que lhe daria Deos no Ceo por interceſſaõ da Senhora. Era este China infiel, & o foy depois muytos annos, & pelo seu officio que tinha, andava sempre trabalhando em couſas de Igrejas, & os Religiosos desejavaõ muyto que elle se fizesse Christão; mas elle sempre resistia, dizendo, que senaõ havia de bautisar, senaõ diante daquella Senhora, cuja Imagem elle havia feyto. E assim succedeo; porque veyo desde *Glocos* (que dista de Manilla mais de cem legoas) a bautizar-se, como desejava, para que se visse, que a mesma Senhora que lhe negoceàra o Bautismo, era aquella cuja Imagem havia obrado tantas maravilhas.

Tem esta Senhora huma Capella requissimamente ornada, & cheya de preciosas peças (alèm do requissimo serviço, & ornato de prata) que lhe offerecèraõ pessoas poderosas as quaes invocando-a em seus trabalhos, haõ recebido da sua piedade a saude, & os bons succeſſos, que lhe pediaõ, & por naõ caberem jà na Capella, estaõ fóra della muytos quadros em que se vem as maravilhas, & os milagres, que implorada de seus devotos, em graviſſimas doenças, & neceſſidades ha obrado. Entre estes hum que por estupendo, & raro se authenticou, pelo Deaõ de Manilla de Ordem do Arcebispo D. Frey Miguel Garcia Serrano, com muytas testemunhas, he na maneyra seguinte.

Huma Matrona daquella Cidade chamada Dona Anna de Vera, entre outras devoçoens, que tinha, acudia sempre a vestir a Senhora, mudando-lhe os vestidos, segundo os tempos, & festividades. Indo em huma occasiaõ a este santo exercicio, acompanhada de outras nobres mulheres, que

tambem por devoçaõ da Senhora ſe queriaõ achar naquelle ſanto miniſterio. Viraõ que as alparcas que o Menino tinha calçadas, tinhaõ algum lodo, & areas, & moſtravaõ eſtarem alguma couſa roçadas, como ſe cuveſſe andado por lugares aſperos, lodoſos, & cheyos de areas, do que ficàraõ muyto admiradas. E creſceo mais a ſua admiraçaõ; porque viraõ a ſaya da Sacratiſſima Senhora, pelas fimbrias, & hum palmo em alto humeda com demaſia, lodoſa, & roçada, couſa que por ſer nova aquella ſaya, & eſtar o tabernaculo enxuto, & ſeco, & em lugar iminente, lhes deo que cuydar, & aſſim diſſe aquella nobre Senhora Dona Anna:

Que he iſto minha Senhora, de donde vindes? E por onde haveis andado? E vòs Senhor aonde ſe vos enlodàraõ as voſſas alpergatas? Como as tendes gaſtadas? Por ventura haveis vos perdido ſegunda vez, & voſſa Santiſſima Mãy foy por ventura buſcarvos, q̃ vos vejo Filho, & Mãy taõ cheyos de humidade, molhados, & cheyos de area. Mas quem pudera duvidar de que iriens vòs, & ella fazer alguma couſa digna das voſſas mãos, & da voſſa infinita miſericordia. Bemdito ſejais em todas as voſſas obras.

Aviſáraõ ao Prior do Convento, que admirado do ſucceſſo, mandou guardar a roupa, ou ſaya da Senhora; & o Padre Fr. Bernardo de Santa Catherina, Comiſſario do Santo Officio, que tambem acudio a ver aquelle prodigio, guardou as alpergatas do Menino, por huma inextimavel reliquia. E por naõ poderem eſquadrinhar o que podia ſer, deyxàraõ ao Senhor o deſcubriſſe, quando elle foſſe ſervido, que como era obra ſua elle a manifeſtaria, quando foſſe conveniente. Elle a manifeſtou, depois de alguns annos, como agora diremos.

Foy o ſucceſſo que no anno de 1613. Indo por ordem do Governador daquellas Ilhas hum ſoccorro às fortalezas de Fernate, que eraõ duas galès, & cinco bayxeis, cujo General era Dom Fernando de Ayalla. Em huma deſtas nàos hia por artilheyro hum homem chamado Franciſco Lopes, diſ-

destruido, jugador, & jurador, & de consciencia perdida; mas com tudo isto era devoto de nossa Senhora do Rosario, a quem todos os dias resava, & se encomendava, sem que o impedissem os seus desordenados, & descompostos intertinimentos. Chegada pois esta armada a huma ponta, ou cabo chamado calabite, na contra costa da Ilha de Mindoro, lhe sobreveyo hum temporal taõ rijo, que deo à costa com os cinco bayxeis, & a galè chamada nossa Senhora de Guadalupe, aonde hia o artilheyro Francisco Lopes, o qual com outros Espanhoes, & os Indios forçados, que hiaõ ao remo, sahio a terra. Os Indios forçados vendo-se nella, se determinàraõ a fugir, para os montes, & embrenhar na expessura daquellas serranias. E como quem sabia bem da terra, subiraõ a huns penhascos muy altos. Corrèraõ atras delles os Espanhoes, mas como os Indios estavaõ em lugar superior, às pedradas se defendéraõ dos que os seguiaõ. E com tanta furia, que os feriraõ, & fizeraõ despenhar, por humas barrancas muy fundas, aonde acabàraõ, & morrèraõ disgraçadamente.

Ao cahir pelo monte abayxo Francisco Lopes (que era hum delles) cahio tambem em a conta da sua mà vida, & vendo-se nas mãos da morte, acudio ao remedio da penitencia, & sentindo-se taõ mal ferido, que era impossivel escapar o corpo, procurou que vivesse a sua alma, valendo-se da poderosa interceçaõ da sua devota Senhora a Virgem do Rosario, a quem naquelle ultimo conflicto da morte chamava, pedindo-lhe, lhe alcançasse de seu precioso Filho o arrependimento de suas graves culpas, & Sacerdote a quem as confessasse.

A Virgem Senhora, como he verdadeyra Mãy dos peccadores, & toda Mãy de misericordia, sempre acode, como piedosa, quando he invocada dos necessitados, & assim naõ pòde deyxar de acudir ao que com tantas veras a chamava, & em taõ grande necessidade. E ainda para mayor ostentaçaõ da sua piedade, deyxou que cahisse aquelle miseravel homem

em terra aonde naõ havia quem o curaſſe, nem quem o ouviſſe, cheyo de feridas penetrantes em a cabeça, roſto, & mãos (que da eſquerda lhe faltavaõ dous dedos) nos joelhos, & pernas. E eſtava tal, que de pès atè a cabeça, naõ havia nelle couſa ſã. E por todas as partes ſe deſſangrava, ſem remedio. E como o pobre artilheyro ſenaõ podia menear, & eſtava eſtendido ſobre a terra humeda, inchou-lhe o roſto, & o corpo, taõ horrendamente, que ficou monſtruoſo, & desfigurado. Apodreceo-lhe a cabeça, & ſe criàraõ nella muytos guſanos, que aos punhados ſe lhe podiaõ tirar, os quaes entravaõ, & ſahiaõ pelas bocas das feridas, & o tinhaõ todo contaminado, & fazendo elles paſto de ſuas carnes, elle ſenaõ podia defender delles; porque os braços por feridos eſtavaõ entorpecidos. A carne que eſtava mais veſinha à terra, como mais podre, ſe deſapegava dos oſſos, & os deyxava deſcubertos. A fome, & a ſede faziaõ tambem ſeu officio em treze dias, que eſteve eſte homem mais morto, que vivo, deſejando ſómente confeſſarſe.

Em quanto iſto paſſava, a outra galè, chamada noſſa Senhora da Guia, chegou àquella paragem, com vento favoravel; mas ſobreveyo-lhe logo outro contrario, em quatro dias a naõ deyxou paſſar dalli. Ordenando-o aſſim a miſericordioſa Senhora, para conſolaçaõ do ſeu devoto. O cabo da Galè mandou, que ſahiſſe gente a terra a ver ſe havia por alli alguma povoaçaõ, de donde ſe pudeſſe haver mantimẽtos, entre os quaes hia hũ ſoldado, chamado Gonçallo Salgado, em hũ batelinho, como vinte paſſos apartado de terra. Ouvio Franciſco Lopes os remos, & dando-lhe noſſa Senhora milagroſas forças, para iſſo, ſe levantou, & reconheceo o ſoldado, chamando-o pelo ſeu nome com voz clara, & valente. Ouvio o Salgado a voz, & ſaltando em terra chegou aonde o enfermo eſtava. O qual diſſe, ò bemdito ſeja Deos que vejo Chriſtãos: & logo referio em como a Virgem do Roſario o ſuſtentàra milagroſamente ſem comida nem bebida, & ainda cheyo de feridas atè que ſe confeſſaſe; & aſſim lhe rogava

gava lhe fizeſſe eſta boa obra, que lhe deſſe confeſſor. Ouvio o Salgado eſtas razoens, & vendo o miſeravel eſtado do ferido, ſe enterneceo muyto. E baſtava para enternecer as meſmas pedras à viſta daquelle chagado homem. Quiz metello no barco, mas os Indios eſpantados de ver tal monſtruoſidade, diſſeraõ que fugiriaõ para os montes ſe elle entraſſe no barco com aquelle corpo podre, horrendo, & aſqueroſo, & como eraõ barbaros faltava-lhes a commiſeraçaõ, & piedade Chriſtã. A' viſta diſto ſe reſolveo o Salgado de ir dar aviſo a galè, para que della foſſem por Franciſco Lopes, que eſtava em apraya, mais morto, que vivo. E aſſim ſe fez, & invocando o ferido a Mãy de Deos, pedio confiſſaõ, que era o que aguardava a ſua alma, para deyxar tão laſtimado, & maltratado corpo.

Vieraõ logo muytos da galè, & cercando-o, para verem taõ extraordinario eſpectaculo; & elle eſtava tal, que ainda os ſeus mayores amigos o deſconheciaõ, & ſe naõ fallára, nunca ſouberaõ quem era; porque ſó viaõ hum vulto cuberto de guſanos, & hum corpo diſfórme eſpantoſo, feyto todo huma chaga. Deraõ lhe alguma couſa de comer, & vinho; mas naõ podia comer, nem beber. Veyo o Cerurgiaõ, mas logo que o vio, diſſe, que alli naõ havia cura, & aſſim deraõ lugar para que ſe confeſſaſe, & dada a abſolviçaõ, pedio perdaõ do mào exemplo que lhes havia dado, & logo no meſmo ponto eſpirou. E he de crer que iria para gloria, pois tanto lugar lhe deo o Senhor, para a buſcar entre tantas chagas, dores, & trabalhos. Tratàraõ logo os da galè de lhe dar ſepultura, & para iſſo o puzeraõ em hum barco, & nas mãos (que levava atadas) lhe puzeraõ huma vela benta das que ſe benzem naquelle Convento de Manilla, para eſte effeyto, & paſſo eſtreyto da hora da morte, em que he neceſſario a luz da fé, ſignificada na vela aceſa para acertar com o caminho da ſalvaçaõ, & para dar a entender, que o havia acertado, pelos merecimentos da Virgem Maria. E ainda que fazia hum vento muyto rijo, que çoçobrava o bar-

co nunca se apagou a vela, mas durou acesa, atè que posto o corpo na sepultura, lha tiràraõ das mãos. E estando nas do que lha tirou, logo se apagou com o vento, naõ se podendo apagar, em quanto esteve nas mãos do defunto, em quatro horas, que a havia tido. E o que mais he, que em todo aquelle tempo naõ se gastou a cera da vela. Cousa que por particular se advirtio, admirando-se todos do que viaõ. Mas que naõ fará o Filho de Deos, por nos fazer devotos de sua Santissima Mãy!

Acabado este acto, para o qual havia Deos detido a galè, logo tiveraõ bom tempo, & fizeraõ alegres a sua viagem, dobrando o cabo de Calabite, o que atè alli lhes havia sido impossivel. Celebrou-se muyto este milagre, quando se comprovou no anno de 1621. E recorrendo a memoria, & contando os tempos, se achou, que era este quando a sagrada Imagem da Senhora do Rosario de Manilla se achou com a saya molhada, & as alpargatas do Santissimo Filho com area, & roçadas, como de quem havia caminhado muyto, & por caminhos asperos. Taõ grande he a misericordia de Deos a favor dos peccadores, & taõ admiravel he a piedade de Maria, que a todos ampara, & favorece. Desde o tempo, que este grande milagre se publicou, foy nossa Senhora multiplicando tantos, que elles só necessitavaõ de hum grande volume; & apenas ha casa naquella Cidade, aonde senaõ haja experimentado estas misericordias da Senhora.

Vesse collocada esta sagrada Effigie de Maria Santissima, em hum rico trono, em a tribuna da sua Capella: he de vestidos, como fica dito, & todas as Matronas de Manilla, a desejaõ servir, com fervorosos affectos, & lhe offerecem ricos adornos. Della escreve o Bispo da Nova Segovia, & refere a historia do milagre de Francisco Lopes, de donde o tomou o Padre Mestre Fr. Joaõ de Villa Senhor, que escreve da Senhora no seu tratado c. 1. §. 15.

TITU-

TITULO V.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora da Guia de Manilla.

HE Maria Santiſſima a que guia as nàos da Igreja Catholica, que ſaõ as almas dos fieis, ao ſeguro porto da ſalvaçaõ, ella he a que as defende, & a ſua devoçaõ he a ancora que a ſegura. Eſta ancora ſe ha de firmar na pedra firme, que he Maria. Deſta Senhora diſſe Leaõ Conſtantinopolitano, fallando della, que he a de quem depende a ancora da noſſa ſalvaçaõ. *De qua ſalutis noſtræ anchora pendet.* E Ricardo de Saõ Lourenço diſſe, que Maria era o porto firme, & ſeguro, para onde deviamos guiar a noſſa viagem, & que ella he a ancora ſegura da noſſa eſperança, para que naõ perigue no mar deſte mundo a noſſa nào: *Ipſa eſt portus ſalutis, ubi figenda eſt anchora noſtræ ſpei, ut navis mentis noſtræ contra pericula maris, id eſt, mundi firmiter teneatur.* Em Maria devemos eſperar guie ao porto as nàos de noſſas almas, procurando merecerlho. E já que pelo meyo do mar do mundo navegamos, he neceſſario, para o bom logro da noſſa viagem, que com ſantas obras mereçamos o ſeguro da ſua efficacia; porque como enſina Santo Alberto Magno, a graça firma a ancora; porèm o merecimento he o que lhe dá o ſeguro: *Gratia Dei facit anchoram, ſpes firmam, ſed merita tutam.* Se queremos pois merecer os favores da Senhora da Guia, & que felizmente dirija as noſſas navegaçoens, obriguemola com ſantas obras; porque ſe obrarmos como devemos, podemos eſtar certos de que ſeguramente nos guiarà ao porto deſejado.

Leo Imp. orat. de Præſent.

Ric. Laur. l. 1. de lav. B. V.

Alb. M. l. 11. de Laur. B. M. c. 8.

Na Cidade de Manilla he celebre o Santuario de noſſa Senhora da Guia, aonde ſe venera huma devotiſſima, & milagroſa Imagem da Rainha dos Anjos, a quem daõ eſte titulo, pelo cuydado que eſta ſoberana Senhora tem de guiar as nàos, que vem àquelle porto, aſſim as da Nova Heſ-

Heſpanha, como as que vaõ da meſma Heſpanha velha, ou antiga de Caſtella; porque como todos tem ſuas dependencias neſtas nàos, ou ſeja da nova, ou da antiga, ſempre quando ellas tardaõ, recorrem à Senhora da Guia, para que ella as guie, & leve a ſalvamento. E pelos bons ſucceſſos, que cada dia experimentaõ da piedoſa protecçaõ da Mãy de Deos, tem toda aquella Cidade, grande fé, & devoçaõ com eſta Santiſſima Imagem, & aſſim coſtuma aquella Cidade encomendar-lhe os bons ſucceſſos das nàos. E tambem por eſta meſma cauſa, lhe coſtuma celebrar a meſma Cidade Novenarios a que todos aſſiſtem, & nelles lhe pedem que encaminhe as nàos que vem para aquelle porto. E muytas vezes pelo meſmo reſpeyto a tiraõ em prociſſaõ daquella ſua caſa, para mais a obrigarem, a que defenda de todos os perigos as nàos, & as leve a ſalvamento, que he eſta diligencia muyto entendida, pia, & muyto do agrado da Mãy de Deos. Muytas vezes, pela grande experiencia, que tem dos ſeus favores em ſegurar as ſuas embarcaçoens coſtumaõ os armadores, ou Capitães dos navios imporem às nàos que fabricaõ, o nome deſta Santiſſima Imagem.

Pelos annos de 1630 & tantos, havia em o porto de Manilla tres naos que tinhaõ o nome de noſſa Senhora da Guia, entendendo aquelles homens, que ſó com lhas dedicarem, as ſeguravaõ de todos os perigos, & naufragios, & aſſim o experimentavaõ; porque eſtas, ſempre com o amparo, & protecçaõ da Senhora, faziaõ felices viagens; porque a Senhora as levava a ſalvamento. Tambem ſe valiaõ aquelles moradores das poderoſas oraçoens das ſervas de Deos, as recolhidas Japonezas, que naquella Cidade viviaõ, para que ellas rogaſſem à Senhora da Guia lhe trouxeſſe a ſalvamento as nàos que eſperavaõ. E por muytas vezes ſe vio iſto, com effeyto.

Na vida da ſerva do Senhor Dona Luzia da Cruz ſe referem algumas viſoens que teve neſte particular; porque nellas via em viſaõ imaginaria, virem as nàos, ou de Caſtel-

la,

la, ou das Indias, governando-as a Senhora da Guia, como se vè no §. 10. Aonde diz. „ Vi andar pelo mar alto huma nao, & que junto à arvore mayor della em o ar estava a Virgem nossa Senhora em pè vestida de branco com manto azul, & entre o traquete, & cevadeyra o Arcanjo Saõ Miguel; & a hum, & outro lado innumeraveis Anjos. Em outra parte diz a mesma serva de Deos (como o refere tambem o Padre Francisco Colin) em outra visaõ que teve da Senhora nesta fórma. „ Vi huma nao navegando com as velas cheas, & em a proa huma bandeyra branca com a Imagem de nossa Senhora vestida de encarnado, & manto azul, & no remate da altea da bandeyra huma Cruz. Estava eu diante do Santissimo Sacramento, quando me mostrou Deos esta nao: passava entre mim, & o Altar, quando chegou a emparelhar com o Santissimo Sacramento, se abateo a bandeyra, como se faz a pessoa real, & feyto isto passou a nao, & cessou a visaõ. Em outra occasiaõ teve a mesma Esposa de Christo outra visaõ, em que vinha tambem a mesma Senhora. E reparou, a serva do Senhor, que trasia roupas brancas, & o manto azul, & vinha com hum bastaõ na maõ.

Com estas, & outras visoens que teve esta Esposa do Senhor se lhe declarava a grande protecçaõ que aquella Cidade tinha em a Senhora da Guia, & o grande cuydado com que ella amparava as naos, que vinhaõ para aquellas Ilhas, aonde se mostrava tambem na fórma de hum General, que as vinha defendendo de seus inimigos, que naquelles tempos naõ eraõ poucos os Olandezes, que infestavaõ aquelles mares. Todos estes favores reconhecia aquella Cidade, & assim para se mostrar grata à grande piedade com que a defendia, a serviaõ com fervorosa devoçaõ, gastando no seu culto, & serviço muyta fazenda. He esta Santissima Imagem de vestidos, & lhos offerecem as suas devotas muyto preciosos. Desta Santissima Imagem escreve o Padre Francisco Colin na Historia de Felippinas em o terceyro livr. & della se faz mençaõ em o nosso Tratado das Rosas do Japaõ trat. 2. § 10.

TI.

TITULO VI.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora do Loreto de Manilla.

O Collegio da Companhia da Cidade de Manilla he dedicado ao Eſpoſo da Virgem Maria Senhora noſſa, o glorioſo Saõ Joſeph. Sendo Provincial daquella Provincia de Felippinas o veneravel Padre Franciſco Colin, com a grande devoçaõ, que tinha à Virgem noſſa Senhora do Loreto, lhe dedicou huma Capella, que he requiſſima. E logo mandou fazer huma Imagem da Senhora, por hum inſigne eſcultor, que me perſuado ſeria o meſmo China que fez a Imagem da Senhora do Roſario que ſe venera em o Convento de Saõ Domingos da meſma Cidade. Tem eſta milagroſa Imagem a cabeça, & as mãos de marfim, & do meſmo he o ſoberano Menino que tem em ſeus braços; o mais corpo da Senhora he de talha de madeyra; mas he eſta Imagem obrada com grande perfeyçaõ. O corpo, ainda que era obrada com toda a perfeyçaõ da eſcultura ſe cubrio depois de prata, tambem de obra inſigne. E depois a collocou em a ſua Capella, com huma muyto ſolemne feſtividade.

He eſta ſagrada Imagem devotiſſima; & aſſim tem para com ella os moradores da Cidade de Manilla muyto grande devoçaõ, & com conſideração das maravilhas, que ella obra em a Provincia da Marca, em a ſua Santiſſima Imagem, que lá ſe venera, a buſcaõ tambem com grande fé; & com ella experimentaõ da ſua piedade muytos favores, & mercès. Deſta milagroſa Senhora faz menção o Padre Alonſo de Andrade em o 6.tomo dos ſeus Varoens Illuſtres pag. 279.

TITULO VII.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora de Monſerrate de Manilla.

EXtramuros da Cidade de Manilla ha muytas aldeas de Indios, & tambem de varias naçoens. Em huma dellas, que he reſidencia dos Padres da ſagrada Companhia de JESUS, aonde ſaõ os Curas, q̃ lhe adminiſtraõ os Sacramentos, cuja Paroquia he dedicada ao Principe dos Anjos Sam Miguel. Neſta Igreja ſe tem em grande veneração huma milagroſa Imagem da Mãy de Deos, a quem ſe lhe impoz o titulo de Monſerrate. Naõ conſta ſe os meſmos Padres da Companhia a mandaram fazer, & a collocaram, ou ſe outro Eſpanhol por eſpecial devoção, que tinha a eſte titulo da Senhora a mandou fazer, & collocou naquella Igreja.

Obra eſta Senhora muytas maravilhas, & milagres, & com ella tem muyta devoção naõ ſó os Indios daquella aldea, & Japoens, mas os Moradores da meſma Cidade de Manilla, que obrigados dos favores que della recebem, lhe vaõ a dar as graças. Com eſta Senhora tinha muyto grande devoção o devoto Padre Franciſco Collim, que foy Provincial da Provincia das Ilhas Felippinas. Eſtava eſte Padre em hum dia dizendo Miſſa no Altar da Senhora, & ſintio, ou ouvio hũa clara, & diſtinta voz q̃ ſahia da meſma Santiſſima Imagem da Senhora, que lhe dizia ao coração. *Agora eſtaõ tratando tres Padres de te obrigarem a beber Chocolate, vè que eſtejas firme, & naõ te deyxes vencer de ſeus rogos, perſevera atè morte, em o teu propoſito.*

Sobre eſta docução diz o Padre Alonſo de Andrade. Foy conſelho digno da Rainha do Ceo, que pròvéra a Deos, que o tomaram todos, como o tomou eſte ſervo ſeu, o qual por nenhumas das inſtancias, que ſe lhe fizeram, o quebrantou jà mais, perſuadido, que naõ eſtà Deos atido a eſta, &

a outras

a outras semelhantes bebidas extraordinarias, que não usaraõ nossos pays, & avòs, que viveram largos annos, para nos darem saude, & alentos, como lha deu por muytos annos ao Padre Collim. Atèqui o Padre Alonso de Andrade. Esta locução da Senhora he muyto digna de reparo; porque ou fosse o favor, de que esta bebida lhe não seria proveytosa à saude do corpo, por ser qualida(como assentão muytos) ou à saude d'alma, faltando à observancia do preceyto do jejum.

Alguns Theologos Moralistas assentão que o Chocolate não quebra o jejum, por ser potus, & sobre isto trazem muytas razoens; porèm a opiniam do Padre Bento Remigio: diz elle fallando do Chocolate, que graves Authores escreverão tratados inteyros, para averiguar a verdade desta opiniam; & que todas as razoens se redusiam approvar, que o Chocolate de si não era comida, nem ordenado para mitigar a fome, senão bebida, & que assim o declarara Paulo V. no anno de 1614. havendo mandado, que se fizesse o Chocolate na sua presença. O mesmo declarou Pio V. como o refere o Padre Thomàs Hurtado. E como os preceytos da Igreja, & o modo de os guardar, estão sogeytos à vontade dos Pontifices Romanos, para os estabelecer, & alterar, como quizerem; & juntamente estes Pontifices declaràram, que a bebida do Chocolate não quebrava o jejum, & se tem tolerado por mais de oytenta annos, parece não ser contra o jejum. E acrescenta o mesmo Padre que sendo provavel esta doutrina, julga, que ainda, que o Chocolate não quebrante o jejum, deyxarà pouco merecimento a quem o tomar. E tal pòde ser o abuso, & a desordem em o tomar, que nenhum haverà que se escuse de peccado mortal. E prosegue, que para que o Chocolate se diga bebida, & se possa tomar sem escrupulo, he necessario, que os engredientes não excedaõ a quantidade de duas onças, como o declara o mesmo Hurtado.

Hurt. in disp. mor.

O Padre Dianadis, allegando ao Padre Sanches, & a outros muytos, que o Chocolate quebranta o jejum: dizendo.

Cum

Cum sit potius cibus substantialissimus, quàm merus potus. E concedendo com a opiniam contraria, assenta o mesmo que Hurtado: dizendo, que duas onças não quebraràm o jejum por razaõ deparvidade de materia; & allega a Leandro, & a Murcia, como se pòde ver part. 4. trat. 4. Resol. 194. & part. 8. trat. 7. resol. 54. Nestas limitaçoens, não podem deyxar de fazer muyto grande escrupulo os timoratos, para o uso desta bebida. Mas o dizer a Senhora ao devoto Padre Francisco Collim, que em nenhum modo se deyxasse vencer, parece que naõ saõ do aggrado de Deos estas opinioens favoraveis. O certo he que o Chocolate sustenta, corrobora, & mata a fome: & assim segundo o que diz Remigio, não terà o que usar daquella benigna opiniaõ muyto merecimento, antes se exporà aquebrantar o preceyto do jejum, usando, ou abusando desta bebida.

O Irmaõ Agostinho Saneri (appelido que tomou de ser muytos annos em o Japão, de donde era natural, & em Manilla, Sacristão da Igreja dos Padres da Companhia de JESUS, a quem assistia, & era como Donato, ou Doxico, que erão aquelles por quem instruiaõ os seus naturaes, & novos Christãos, & catequisando-os, & doutrinando-os nos mysterios da fé) era Varão muyto Santo, muyto favorecido, & regalado de Deos, & de sua Santissima Mãy. Era natural do lugar de Saphay em o Reyno de Figen, & de là veyo desterrado para Felippinas, em companhia dos Religiosos, que os Japoens lançàram fóra, & com D. Justo; & os mais Christãos, & aquellas virtuosas Senhoras, que depois acabaram santamente no Recolhimento que se lhe fez, junto à Igreja de Sam Miguel, em o anno de 1614. como escrevemos em a nossa primeyra parte das Rosas do Japão.

Vivia este servo de Deos em o Povo de São Miguel, que fica fóra de Manilla, & servia aos Padres da Igreja de São Miguel, que erão os Parocos daquella Christandade. Achando-se este hum dia, em a presença da milagrosa Imagem da Senhora de Monserrate, a quem muyto amava (& assim lhe

soube

soube merecer, muytos, & grandes favores) lhe encomendava muyto aquellas Ilhas, rezandolhe o terço do seu Rosario; & diz o Padre João Eusebio Nieremberg, que a Senhora o favorecia muyto; porque em huma occasiaõ em que vieram novas que os Olandezes, Japões, & Mindanàos vinhão a Manilla, & que se haviaõ confederado, para darem sobre aquellas Ilhas, tomàra muy a seu cargo o Irmão Agostinho o encomendar a Deos aquella Christandade, pondo por interceſſora a soberana Rainha dos Anjos, rezandolhe cada dia o seu terço do Rosario com huma oração muy devota, pedindo por sua interceſſaõ a Deos, *que conſervaſſe aquelle Reyno em ſua verdadeyra fé, que he a que enſina o Pontifice Romano ſucceſſor de Sam Pedro*, que saõ as suas mesmas palavras, as quaes referia com tanto fervor de fé, que bem se via que a Senhora o alentava; & elle alentava tambem aos que o ouviaõ, em que se reconhecia a mão poderosa de Deos, & o favor da Senhora. E cheyo delle dizia: que a Senhora rogava pela Christandade de Felippinas desde aquelle dia em que lhe começàra a rezar. E repetia tambem com grande fervor. *Deſde entaõ para cà gozamos de paz.*

Em outra occasiaõ, diz o mesmo Padre Eusebio, que depois de cego vivia o Irmaõ Agostinho junto às casas das Beatas do Japaõ: & que estando em Oração na presença da Senhora, vira, ou lhe manifestàra Deos muytas pessoas, que estavaõ na gloria, aonde nomeando a muytos Padres, que no Japaõ padeceram martyrio: & que depois de fallar do Padre Gonçalo de Cespedes, disse, que junto a elle estava de joelhos, hum velho, que era Manoel Rodrigues. Este Manoel Rodrigues foy muytos annos Donato, ou Doxico da Provincia de Felippinas, & servio nella com grande exemplo. Vio outras pessoas em outra occasiaõ, q̃ se lhe manifestàraõ como estrellas muyto resplandecentes, & que huma estrella era, como de hum palmo em roda, com hum rayo comprido como de cometa, & junto a ella em ordem estavaõ outras seis estrellas menores, & todas de tam estremada fermosura;

mosura, que dizia, que naõ tinha palavras com que as pudesse explicar. E o que fazia quando referia isto, era chorar, dizendo: *O' poder de Deos, que em taõ breve pòde mostrar tanta belleza? Bem disse Saõ Paulo, que nem o olho vio, nem o ouvido ouvio, nem o coraçaõ sentio, nem percebeo o que Deos tem preparado para os que o amaõ. O' que vistoso, & composto tem Deos o seu mundo, & as cousas delle.*

Parece que lhe quiz mostrar nosso Senhor com isto a gloria, que haviaõ de gozar sete daquellas illustres Japoas, que viviaõ alli no Recolhimento, pelo desterro que padeciaõ por causa da Fé, as quaes sendo prezas por serem Christãs, que as haviaõ metido em huns sacos, & expostas à vergonha, & fazendo-lhe outros maltratamentos, atè intentarem tirarlhe as vidas, o que ellas muyto desejavaõ, como referimos já em o livro das Rosas do Japaõ. E parece, que já naquelle tempo naõ eraõ mais que sete. E sem duvida aquella, que vio mayor, & mais resplandecente seria D. Julia Nayto, que era a Regente, & a Prelada de todas, & que havia padecido mais que todas. Todos estes favores, & outros muytos que o Senhor fazia àquelle seu servo, eraõ na prezença da Senhora de Monserrate, diante de quem sempre orava, & assistia. Da Senhora faz mençaõ o Padre Joaõ Eusebio em o segundo tomo dos seus Varoens illustres p. 779.

TITULO VIII.

Da milagrosa Imagem da Mãy de Deos, que se venerava em o recolhimento das Jopoas de Manilla.

PElos annos de 1614. padeceo a Christandade do Japaõ huma muyto grande perseguiçaõ, causada pelo Emperador Dayfuzama, grande inimigo dos Christãos, & taõ cruel como Deocliciano. Este mandou lançar fóra do seu Imperio a todos os Religiosos, que lá assistiaõ à conversaõ daquella gentilidade. Entre estes degradados vieraõ muytos da

Sagrada Companhia, para as Ilhas Felippinas, & com elles muytos Japoens illuſtres, que quizeraõ antes perder a patria, & os bens que nella poſſuiaõ, do que a fé que haviaõ abraçado. Com eſtes vieraõ tambem muytas Senhoras nobiliſſimas, & entre ellas Dona Julia Nayto, & as ſuas companheyras, que viviaõ em hum recolhimento na Corte, & Cidade de Meaco, do qual foraõ lançadas fóra prezas, afrontadas, & depois de padecerem muytos trabalhos; quando eſperavaõ no fim delles alcançar a coroa do martyrio, foraõ por ſentença do Emperador deſterradas, por naõ quererem deyxar a Fé de noſſo Senhor Jeſus Chriſto.

Mandou o Emperador Dayfuzama apreſtar para eſte effeyto hum navio, porque os Japoens Idolatras, incitados tambem dos Bonjos, com o odio que tinhaõ à Ley de Jeſus Chriſto, naõ ceſſavaõ de lançar fóra do Japaõ, & apartar de ſi as luzes da Divina graça, que os Religioſos de todas as Ordens, como ſantos Operarios, faziaõ com o ſeu fervoroſo trabalho, & cuydadoſa diligencia, reſplandecer em todo aquelle Imperio. Foraõ embarcados naquelle navio muytos Religioſos, que ſenaõ poderaõ occultar, & com elles muytas peſſoas illuſtres de hum, & outro ſexo, & as ſervas do Senhor Dona Julia Nayto com as ſuas companheyras. Eſtas ſe alegravaõ muyto por entenderem, que já livres das priſoens, & dos trabalhos padecidos na ſua patria, ſe viaõ com humas certas eſperanças de ſe empregarem todas em ſerviço de ſeu Senhor, & Eſpoſo Jeſu Chriſto.

Chegadas a Manilla, Corte de Felippinas, aonde foraõ muyto bem recebidas da piedade de ſeus moradores, & com as honras, que merecia, naõ ſó a ſua qualidade, & nobreza, mas a ſua grande virtude. Logo ſe lhe acomodou hũa caſa fóra da Cidade, em huma Aldea, pouco diſtante, em que habitavaõ muytos Japoens. Chamavaõ a eſta Aldea Saõ Miguel, por haver nelle huma Igreja dedicada ao Santo Archanjo, que era a Paroquia da meſma Povoaçaõ, & Reſidencia dos Padres da Sagrada Companhia. Formou-ſe o ſeu

reco-

recolhimento junto à meſma Igreja de Saõ Miguel, & nella aſſiſtiaõ continuamente, nella ouviaõ Miſſa, & recebiaõ os ſantos Sacramentos. Alem diſto tinhaõ em ſua caſa as ſuas horas de oraçaõ retirada de manhã, & tarde, & para iſto, & para os mais exercicios de mortificação, que faziaõ, tinhaõ, compoſta huma ſaleta, & nella hum oratorio com ſeu Altar muyto bem adornado, & como eraõ devotas, & muyto perfeytas, tinhaõ tudo com grande aceyo. Neſte Altar tinhaõ huma muyto devota Imagem da Mãy de Deos, Maria Santiſſima, collocada em hum tabernaculo com toda a perfeyçaõ, & em cima huma Imagem de noſſo Senhor Jeſu Chriſto crucificado. E ao redor alguns quadros de Santos da ſua devoçaõ, & algumas Imagens mais.

Neſte lugar (em que todas ſe ajuntavaõ) muytas dellas recebèraõ grandes favores daquella ſoberana Senhora, & principalmente Dona Luzia da Cruz, que naquelle lugar lhe fez a Senhora muytas mercès, & grandes favores; porque alli teve muytas, & varias viſoens em materias, em que era mandada pelos ſeus Confeſſores encomendar a noſſo Senhor varios negocios, & varias peſſoas, & a Senhora neſtas ſuas petiçoens, a favorecia muyto. Aqui lhe appareceo algumas vezes aquella miſericordioſa Senhora. Em todas as neceſſidades publicas recorria à Senhora, & em todas, como miſericordioſa Mãy dos peccadores, lhe deſpachava as ſuas petiçoens. O meſmo ſuccedia à devota Virgem Tecla Ignacia, que tambem recebia da Senhora muytos favores, & miſericordias. Finalmente, era eſta Santiſſima Imagem Madre de Deos a conſolaçaõ, & o alivio de todas aquellas ſervas do Senhor, que alli viviaõ recolhidas, fazendo todas huma vida de Anjos, & como eraõ muyto virtuoſas, & fervoroſas, aſſim a Senhora as conſolava, & regalava. Era eſta Santiſſima Imagem de mediana eſtatura. Deſta Santiſſima Imagem (que depois da morte de todas aquellas ſervas de Deos Japoas, naõ conſta, ſe entraraõ depois outras da terra, como pretendiaõ, ou ſe foy tresladada para a Igreja de Saõ

Miguel) faz mençaõ o Padre Meſtre Franciſco Colin na ſua Hiſtoria de Felippinas liv.6.cap.31.§.6.E nas noſſas Roſas do Japaõ p.1.trat.2.§.9.

TITULO IX.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora de Regla, que ſe venera na Igreja do Convento dos Agoſtinhos Deſcalços de Cabite, em Felippinas.

A Primeyra Imagem da Mãy de Deos, a Virgem noſſa Senhora, a quem ſe impoz o titulo de Regla, he aquella Santiſſima Imagem, que de Tagaſte em Africa mandou meu grande Padre Santo Agoſtinho ao ſeu Convento de Andaluzia, fundado no termo de Chypiona, entre Sanlucar de Barrameda, & a Villa de Rota. Com eſta Santiſſima Imagem tinha o Santo Doutor Agoſtinho, huma muyto cordial devoçaõ, & porque os Vandalos hereges Arrianos, inimigos do culto, & da veneraçaõ das Imagens ſagradas, lhe naõ fizeſſem algum deſacato, ou irreverencia, diſpoz em ſua vida, que ſe levaſſe ao referido Convento de Andaluzia, por entender que os ſeus devotos filhos a teriaõ, como era razaõ tiveſſem, com toda a veneraçaõ, & aſſim a mandou levar para Heſpanha. E de Africa, depois da morte do meu Santo Patriarca, a trouxe o Eremita Cebriano Diacono, Varaõ de grandes virtudes, ſendo Prelado daquelle Convento outro Religioſo, Varaõ Santo, chamado Fr. Simaõ. Aqui reſplandeceo eſta ſagrada Imagem com tantas, & taõ grandes maravilhas, que era a ſua caſa o Santuario de mayor concurſo, & veneraçaõ, naõ ſó de toda a Andaluzia, mas de toda a Heſpanha. E como a Imagem da Senhora de Regla, a havia mandado Santo Agoſtinho de Africa, para aquella caſa, todos os ſeus filhos lhe tinhaõ grande devoçaõ, & veneravaõ muyto aquelle ſeu titulo, & invocaçaõ. Na perda de Heſpanha a enterràraõ os Chriſtãos, & eſteve occulta

por

por espaço de sete centos annos. Depois appareceo a Senhora a hum Santo Conego Regular da Ordem de Santo Agostinho, mandando-lhe, que a desenterrasse do lugar em que estava, & que lhe levantasse huma casa, em que fosse venerada, o qual edificando à Senhora huma Igreja, & Convento, a collocou nella, & logo começou a obrar novas maravilhas, & prodigios. E daqui me persuado, que o titulo de Regla lho daria o Santo Conego Regrante, alludindo ao titulo da sua Religiaõ de Conegos Reglares, ou Regrantes, & que de então para cà começou a Senhora a ser venerada com este titulo.

Com esta Santissima Imagem tinhaõ muyto grande devoçaõ os nossos Padres Agostinhos Descalços da Congregaçaõ de Hespanha, os quaes passando às Indias Occidentaes, & às Felippinas a fundar casas, para dellas sahirem à conversaõ das gentilidades. Depois de fundarem em Manilla, passáraõ a Cabite, pelos annos de 1616. He Cabite huma grande Povoaçaõ, & porto maritimo, que dista de Manilla duas legoas, & por ser porto aonde concorrem muytas naçoens Asiaticas, por causa do comercio, que alli he muyto grande: he Povoaçaõ taõ grande, & taõ numerosa, que depois da Cidade de Manilla, naõ a ha mayor, nem mais rica em todas as Ilhas Felippinas. Alli vive toda a gente maritima, pela comodidade de seus tratos, & comercios, porque alli concorrem Chinas, Japoens, Cochinchinas, Malayos, & outras naçoens de toda aquella Asia Insular. E assim com muyto particular advertencia, & com taõ boa sorte se fundou esta casa, que ha sido de grande utilidade, para o serviço de Deos, & bem das almas, & de grande credito da Religiaõ Descalça de Santo Agostinho, pelo grande bem espiritual que resultava às almas daquelles Gentios, que alli concorriaõ, & que alli concorrem, & vivem.

Para atractivo dos coraçoens dispoz a Divina Providencia, que os Religiosos collocassem naquella sua casa, & Igreja huma devotissima Imagem de Maria Santissima a Se-

nhora de Regla, Copia, & retrato daquella que defende, favorece, & ampara, entre Cadiz, Rota, & Sanlucar as ribeyras de Andaluzia, favorecendo por seu meyo, & com mais especialidade aos navegantes, & pobres marinheyros, em os muytos, & continuos perigos do seu officio, & occupaçaõ, que saõ às vezes bem formidaveis. Depois que foy collocada naquella casa esta Santissima Imagem da Mãy de Deos, logo começou a obrar a favor de todos aquelles devotos Moradores tantas, & taõ grandes maravilhas, & milagres, que era a sua Capella frequentada de todos, & atè dos mesmos Gentios, & Idolatras. Publicavaõ esta verdade os infinitos votos, sinaes, & memorias, que em testemunho dos beneficios, que haviaõ recebido daquella liberal, & misericordiosa Senhora, os collocàraõ, & ainda collocaõ em as paredes daquella sua Capella, como saõ os quadros, as mortalhas, & outras pessas de cera, & de outras materias.

Esta Santissima Imagem se entende a levàraõ de Hespanha, para as Ilhas Felippinas os mesmos Religiosos, pela grande devoçaõ com que em toda a Religiaõ de meu Padre Santo Agostinho he venerada, para segurarem tambem com o seu amparo, & protecçaõ o bom, & feliz successo da sua taõ larga navegaçaõ. E para que tambem ella os ajudasse em a conquista espiritual das almas; porque foraõ muytas as que convertèraõ, & encaminhàraõ para o Ceo, com o seu santo trabalho, & fervoroso zelo. Desta casa da Senhora, sahem os Religiosos, para as suas Missoens, acompanhados do seu favor, & grande patrocinio. E tem sido muyto grandes, & cupiosos os frutos, que recolhèraõ em os celeyros do Ceo.

Naõ nos constou o dia, nem o anno em que aquelles devotos Religiosos, collocàraõ aquella Santissima Imagem da Senhora de Regla, em aquelle Convento, nem tambem o dia em que a festejaõ, o que fazem com muyta solemnidade. Tambem nos naõ refere o Author desta noticia, a materia de que he, nem a sua estatura. Da Virgem Senhora de Regla

gla de Cabite, escreve o Padre Fr. Andrè de Saõ Nicolao, em a sua Historia dos Agostinhos Descalços de Hespanha tom. 1. Decada 3. pag. 510.

TITULO X.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora de Guadalupe da Povoação de Taytay em Felippinas.

NAs Ilhas Felippinas tem a Religiaõ da Sagrada Companhia muytas Residencias de Indios, & principalmente no destrito da Cidade de Manilla, aonde convertem, & doutrinaõ a muytos Indios. Entre estas Residencias, huma dellas, a que daõ o nome de Taytay, tem huma Paroquia da qual lhe administraõ os Sacramentos. He a Igreja desta Paroquia grande, & fermosa como pedia a multidaõ de Christãos, que a ella concorrem. Com especial devoçaõ daquelles Religiosos, collocàraõ naquella Igreja huma devotissima Imagem da Rainha dos Anjos, a quem invocàraõ com o titulo de nossa Senhora de Guadalupe, logo em seus principios, o que foy pelos annos de 1605. pouco mais, ou menos. Logo que a Sagrada Imagem foy collocada, se ascendeo tanto entre todos o fogo da devoçaõ, naõ só dos Christãos, mas dos mesmos Indios, que todos em seus trabalhos, & tribulaçoens, invocando a esta piedosa Senhora, achavaõ nella certos os alivios, & as consolaçoens, porque tudo alcançavaõ daquella milagrosa Senhora, & assim acodem a ella continuamente.

A huma India Moradora do lugar de Caynta, que he Povoaçaõ de Christãos, lhe furtàraõ trezentos pezos, ou patacas; & depois de se fazerem todas as humanas diligencias para se descubrir o furto, naõ foy possivel descubrirse, nem indicios de quem o havia feyto. Recorreo a India ao Ceo com lagrimas, & rogativas, pedindo à Senhora de Guadalupe, que lhe descubrisse aquelles pezos, & que ella

lhe offerecia de esmolla dès. A Rainha dos Anjos a remediou; porque logo na manhã seguinte, se lhe restituiraõ os seus trezentos pezos. Mas ella ingrata ao beneficio da Senhora, naõ cumprio a promessa que lhe havia feyto. Porèm a Senhora lha lembrou; porque logo lhe enfermou huma filhinha, que tinha de dous annos, com tanto perigo, que jà a tinhaõ por morta. Reconheceo a mãy a sua culpa, entendendo que aquella enfermidade lha dera nossa Senhora, em castigo, & pena de lhe haver faltado à sua promessa. Levou a menina à Igreja, rogando ao Padre que lhe dissesse huma Missa pela saude da sua filha, & deo logo os dès pezos, & dous mais pela esmolla da Missa, & humas velas, & começou huma novena.

Difficultou o Padre o haver de dizer a Missa, parecendo-lhe que a menina estava jà defunta, & sem remedio; & que assim bastaria consolar a mãy naquella sua pena, para que levasse com resignaçaõ, na vontade de Deos, a sua morte. Porèm a confiada India instou, em que lhe dissesse a Missa, pela saude da filha, & q̃ lha pedisse à Senhora, que ella tambem a rogava, & lha pedia com boa fé. E a misericordiosa Mãy dos peccadores a ouvio, porque em quanto se disse a Missa a menina melhorou, & acabada pedio de comer. E proseguindo a mãy na sua novena, no fim della se foy para sua casa com a sua filha boa, & sã. Outras muytas, & notaveis maravilhas obra continuamente a Senhora, como o publicaõ, & testemunhão os muytos finaes, & memorias, que à Senhora offerecèraõ os mesmos que da sua liberalidade recebèraõ os beneficios, & as mercès. Da Virgem Senhora de Guadalupe faz mençaõ o Padre Mestre Francisco Colin na Historia de Felippinas liv. 4. cap. 20.

TITULO

TITULO XI.

Da milagroſa Imagem de noſſa Senhora das Lagrimas da Ilha de Ibabão de Felippinas.

SEriaõ muytas as lagrimas com q̃ Maria Santiſſima ſentira, & choràra a perdiçaõ dos peccadores, a quem ama como a filhos, ſe vivera neſte mundo, pelo que ſente a ſua grande cegueyra, & obſtinaçaõ. Santo Antonino de Florença diz, que poſta a Senhora ao pè da Cruz, naõ ſentia, nem chorava tanto o ſeu deſamparo, quanto chorava por ver a cegueyra dos homens, que com as ſuas culpas eraõ a cauſa do ſeu mayor ſentimento, & o motivo de ſuas laſtimas. E Santo Ambroſio diz que a Senhora poſta ao pè da Cruz, levada do amor, via com ſentimento, naõ tanto as penas do Santiſſimo Filho, quanto deſejava a ſaude, & o remedio do genero humano: *Pijs oculis ſpectavit, non tam vulnera Filij, quàm ſalutem mundi*; & aſſim daquelle lugar via com pena a perdiçaõ dos homens, deſejando-lhe a ſua ſaude, & remedio.

S. Anton. 4. p. tit. 55. c. 42.

S. Amb. de tit. Virg. c.

De Raquel conſta, que naõ havia quem a conſolaſſe, porque derramava muytas lagrimas pela morte de ſeus filhos: *Rachel plorans filios ſuos.* Quem he eſta Raquel, que tantas lagrimas derrama? Ouçaõ a Aelredo: *Eſt Rachel mater noſtri veri Joſeph, ideſt Chriſti, ovis de qua ortus eſt agnus ille, qui quaſi agnus coram tondente ſe obmutit.* O Cardeal Hugo diz, que Raquel, ou Maria figurada em Raquel, chorava tres generos de filhos. Mas que filhos eraõ eſtes? O primeyro, diz o Cardeal, he Jeſu Chriſto, Filho natural de Maria; & aſſim lamentava a Senhora, na ſua morte a crueldade dos meſmos por quem elle veyo a dar a ſua vida. O ſegundo: *Rachel plorans*, he o genero humano, & principalmente os Chriſtãos, que ſaõ filhos do eſpirito de Maria, & aſſim ſentia as ſuas ingratidoens com que pagaõ, & agradecem ſuas fine-

Ser. 31.

Aelred. ſer. de Ann. Hug. C. in Matth. c. 2.

finezas. O terceyro: *Rachel ploraus.* Saõ os Gentios, & Idolatras, que sente como em filhos sua obstinaçaõ, & cegueyra; porque cegos, & atolados no lodo de seus vicios, & idolatrias, pelas naõ deyxar naõ abraçaõ a fé, & tiraõ as vidas aos que lhe annunciaõ a verdade, & o caminho do Ceo.

S. Anton. p 4 tit. 15. c 41. §. 2.

Destes, & dos outros, cegos de suas payxoens, & ingratidoens, & sumergidos em seus vicios, diz Santo Antonino, chorava Maria, & sentia sua perdiçaõ: *Adauget dolorem meum, quia cum filius meus sustineat tantam pœnam, quæ sufficiat pro omnibus satisfacere, tamen plurimi propter suam cæcitatem, & ingratitudinem se privabunt tanto fructu.* Tanto he o que sentia Maria a cegueyra dos Mortaes, que naõ havia quem a consolasse, chorava, & derramava immensas lagrimas, vendo que por sua cegueyra se perdiaõ tantos, mas porque sentia esta misericordiosa Mãy nossa tanto, que naõ podia suspender as suas lagrimas, nem admitir consolaçaõ? *Qui non sunt.* Porque naõ saõ seus filhos os ingratos, ou porque o naõ querem ser; porque estaõ mortos huns pela ingratidaõ, ainda que tenhaõ fé, outros por obstinaçaõ, porque a naõ querem abraçar, & assim a naõ querem conhecer por Mãy. Por estes derramava a Senhora lagrimas infinitas; porque vendo sua dureza, eraõ tantas as lagrimas que derramava, que naõ havia quem a consolasse: *Non est qui consoletur eam.*

Entre as Ilhas, que chamaõ Felippinas, que ainda se comprehendem em Asia insular, ha huma a que daõ o nome de Ibabào. A esta foy prégar, & a converter aos Indios, que a habitavaõ, o veneravel Padre Miguel Ponce, natural do Arcebispado de Saragoça de Aragaõ. Nesta Ilha fez grandes conversoens; porque trouxe à fé, & ao conhecimento de Deos a muytas almas que viviaõ sepultadas entre as sombras da infidelidade. Edificou tambem muytas Igrejas, & fez outros muytos, & grandes serviços a nosso Senhor. No lugar, ou Povoaçaõ de Palapag, que era huma das principaes Residencias, a que a Sagrada Companhia em aquella mesma Ilha de Ibabào assistia, & doutrinava: edificou o Padre

dre Miguel Ponce hũa grande, & fermosa Igreja, para consolaçaõ dos Indios Christãos, que dedicou à soberana Rainha da Gloria, & nella collocou hũa devotissima, & fermosa Imagem sua. Com esta Santissima Effigie da Mãy de Deos tinhaõ todos os Indios Christãos muyto grande devoçaõ, a ella buscavaõ, & recorriaõ, & se encomendavaõ com grande fé; & a Senhora com a sua grande fermosura, & celestial graça estava atrahindo a si os coraçoens de todos; & assim era de todos aquelles Indios novos Christãos a consolaçaõ, & o alivio. Nesta Igreja prégava o Padre Miguel Ponce, & exhortava a todos os Christãos, que a ella concorriaõ, a que servissem a nosso Senhor, & a que fossem devotissimos de sua Santissima Mãy; porque nella achariaõ todas as consolaçoens, & ella lhes alcançaria de seu Santissimo Filho tudo quanto desejavaõ. E nesta occupaçaõ gastou quarenta & cinco annos.

Havia naquella Povoaçaõ, & Residencia de Palapag hum Indio de grande authoridade entre os seus, chamado Agostinho Somoroy; mas indigno do nome que tinha de hum taõ grande, & taõ Santo Doutor. A este havia feyto o Padre Miguel Ponce, Capitaõ dos mais Indios, & o havia libertado dos tributos, & feyto tambem muytos favores. Era este filho de hum Indio grande feyticeyro, & Sacerdote dos Idolos, que adorava aquella gentilidade, & com o sangue do pay havia erdado os seus torpes costumes; porq̃ usava das mesmas feyticerias, & assim se fazia temido de todos os Indios, fracos, & ignorantes. Era este, sobre ser feyticeyro, muyto vicioso, & lascivo, & havia deyxado a sua legitima mulher, & estava amancebado com outra; & como era astuto, todas estas suas maldades encobria com fingimentos, & apparencias de bom Christão, atè que suas maldades foraõ taõ publicas, que chegàraõ à noticia do Padre Miguel Ponce, o qual o reprehendeo, com santo zelo; & naõ bastando as admoestaçoens, o ameaçou com castigos, & defacto, lhe tirou a amiga, & a mandou para outra terra muyto distante, tudo

a fim

a fim de o livrar daquelles grandes peccados, em que estava enlaçado.

Com esta resoluçaõ que o Padre tomou para seu remedio do Indio, ficou elle tao queyxoso, & enfurecido, que ajuntandò os seus parentes, & amigos, & a outros Indios poderosos, que andavaõ descontentes dos Castelhanos, os quaes aborreciaõ a Ley de Christo, que lhes redava os seus vicios, & torpezas, se consertou com elles, de renegar da Fé de Christo, & voltar às suas idolatrias, & aos mais vicios, que as acompanhaõ, & de matar ao Padre Miguel Ponce, & aos mais Religiosos, que lhe prégavaõ a Fé. E cõmettendo esta iniqua facçaõ a hum filho seu, mancebo robusto, & valente, chamado Somoroy, como seu pay: gastàraõ dous mezes em ajuntar armas, para acometerem este excesso, mas naõ podèraõ executar esta sua resoluçaõ com tanto segredo, que senaõ entendesse por alguns Indios fieis, os quaes deraõ parte de tudo ao Padre, pedindo-lhe com lagrimas, q̃ se fosse, & que se resguardasse. Mas o santo Padre como bom Pastor, naõ quiz desamparar o seu rebanho, & assim se encomendava muyto a nosso Senhor, & a nossa Senhora, & a todos os seus subditos. E com muyta fortaleza, & confiança em Deos esperou aos inimigos, os quaes vieraõ armados, como là fizeraõ os Judeos, quando prendèraõ a Christo. Entràraõ ao meyo dia com violencia no Collegio, & ao subir o Padre a escada delle, o Indio Somoroy o passou com huma lança, da qual ferida cahio logo morto, fugiraõ os mais. Mas como a rayva dos inimigos era contra quem lhe prégava a Ley de Christo, & haviaõ já morto ao que lha annunciava, empregàraõ logo as suas armas contra o sagrado, & com grande furia entràraõ no Templo a profanar o que nelle havia.

Depois de tirarem a vida ao santo Padre Ponce, se apoderàraõ do Collegio, aonde acutilàraõ, & despedaçàraõ todas as Imagens, que achàraõ, pizando-as, & fazendo-lhes quantos desacatos quizeraõ. Tomàraõ os calices, & vasos sagrados, para as suas bebidices, fizeraõ turbantes, & bandas

dos

dos ornamentos ſagrados, & por remate de tudo, puzeraõ fogo à Igreja, & a abraſàraõ, para que naõ ficaſſe memoria do nome de Chriſto. Aqui ſuccedeo huma notavel maravilha, & foy, que temendo hum devoto Indio, & muyto fiel Chriſtão, que a milagroſa Imagem da ſoberana Virgem noſſa Senhora, que eſtava collocada no Altar mòr daquella Igreja, que de todos era a conſolaçaõ, ſe abraſaſſe naquelle grande incendio, em que via arder aquella ſua Igreja. Cheyo de valor, & confiança em Deos, & na Senhora entrou pelo meyo das chámas, & ſe foy ao Altar, & a tomou em ſeus braços, & ſe ſahio com ella, ſem padecer alguma lezaõ, ou o menor dano, & a levou para ſua caſa, aonde a poz com a mayor reverencia, & devoçaõ, que lhe foy poſſivel. Depois convocando aos Indios Chriſtãos, para que a adoraſſem, que eſtavaõ muyto triſtes, & deſconſolados com aquelle ſucceſſo, Deos os conſolou por meyo daquella Imagem de ſua Santiſſima Mãy, porque (como o viraõ todos) começou a chorar lagrimas vivas, que corriaõ de ſeus bemditos, & miſericordioſos olhos, & ſe viaõ deſcer pelas ſuas faces: viraõ tambem começar a Senhora a ſuar, & correr o ſuor de ſeu puriſſimo roſto, taõ copioſamente, que duas vezes molharaõ lenços com a agua que corria do ſuor, que guardàraõ como precioſa, & inextimavel reliquia. E dando-lhe infinitas graças, pelo ſentimento, que moſtrava em ſuas affliçoens, afligindo-ſe com os triſtes, & deſconſolados, ſuando com o pezo da carga dos ſeus trabalhos, como ſe a ſoberana Senhora os padecèra, naquelle modo, que diz Filon, que appareceo Deos a Moyſés em fogo, & entre os eſpinhos da Carça, quando o ſeu Povo eſtava padecendo o duro cativeyro dos Egypcios, moſtrando que ſe feria com aquelles eſpinhos, & q̃ ſe abraſava com aquelle fogo dos trabalhos do ſeu Povo. Da meſma maneyra a miſericordioſa Mãy dos peccadores, vendo ao ſeu Povo em taõ grande tribulaçaõ, & a todos os ſeus fieis Chriſtãos chorando, chora com elles, & ſúa copioſamente, moſtrando-lhe a dor que tinha dos ſeus trabalhos, &

que

que padecia com elles, pelo entranhavel amor que lhes tinha, como a filhos muyto amados.

Foy taõ publica esta maravilha, que chegou aos ouvidos dos mesmos Barbaros Apostatas. E hum delles disse (como gentio, & barbaro) por mofa bem se deyxa ver o que sente, que lhe queymassem o Templo, pois derrama tantas lagrimas. Porque o grande amor, que aquella piedosissima Senhora tem aos seus, o conhecem atè os mesmos Idolatras inimigos, os quaes proseguiraõ a diante no seu levantamento, acometendo aos mais povos da Ilha, abrasando os Templos, & ultrajando, & despedaçando as Imagens, profanando os vasos sagrados, & fazendo grande carneceria nos fieis. Mas naõ ficou o Somoroy sem castigo; porque acodiraõ os Governadores Hespanhoes com exercito para castigar aquella maldade. Cercàraõ-nos, & venceraõ-nos, fogeytando-os com morte de muytos delles, & o malvado Somoroy que tirou a vida ao Santo Martyr foy degolado por hum Indio, & a sua cabeça foy espetada, & levantada em huma lança, para escarmento dos mais, & posta em parte publica com o probrio eterno.

Os Christãos à vista daquella grande maravilha que a Senhora obrava diante delles, se postràraõ por terra, & a abraçavaõ, derramando tambem rios de lagrimas. Logo todos com huma fervorosa devoçaõ tratàraõ de reedificar à Senhora a sua casa, & acabada ella com mais grandeza, & perfeyçaõ, collocàraõ a Senhora no seu Altar com grande reverencia. E com novos & fervorosos affectos de devoçaõ a começàraõ a servir com muyto mayor grandeza, & liberalidade. A' fama daquella estupenda maravilha começàraõ a concorrer das mais Aldeas os Indios Christãos, a servir, & a louvar à Senhora das Lagrimas, que com este titulo, se começou a denominar dalli por diante. E a Senhora novamente começou a obrar a favor de todos muytas, & grandes maravilhas, remediando a todos em seus trabalhos, & tribulaçoẽs, dando-lhe milagrosa saude em suas enfermidades.

Do

Do Indio feyticeyro author de todos aquelles males me naõ constou o fim que tivera, que he certo, q̃ naõ podia deyxar de acabar miseravelmente, como mereciaõ os seus delitos (que morreria entre os muytos que os Hespanhoes matàraõ) & isto significariaõ as lagrimas que a Senhora derramava; porque sente mais as nossas ruinas, do que a suas mesmas injurias, & offensas. Da Senhora das Lagrimas de Palapag escreve o Padre Alonso de Andrade no quinto tomo dos seus Varoens Illustres pag. 813.

TITULO XII.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora do Pilar, que se venera na Igreja do Convento dos Agostinhos Descalços de Manilla.

NO Convento dos nossos Padres Agostinhos Descalços da Cidade de Manilla, cabeça da Provincia de Felippinas, se venera em a sua Igreja huma muyto milagrosa Imagem da Mãy de Deos, com o titulo do Pilar, Copia daquella Angelical Imagem, que a mesma Mãy de Deos deo ao seu amado sobrinho, o Apostolo Santiago o mayor Patraõ das Hespanhas, em a Cidade de Saragoça de Aragaõ, descendo do Ceo, acompanhada de hum esquadraõ de Anjos, que com grande veneração a traziaõ, a quem servia de trono huma coluna, ou pilar de jaspe. Esta sagrada Imagem se collocou, em huma rica Capella, que está adornada com toda a perfeyçaõ, em o meyo de hum curioso, & perfeytissimo retabolo, & no meyo delle se venera com fervorosa devoçaõ de toda aquella Cidade, o que a Senhora rega com o orvalho de muytas maravilhas, para que mais se dilate, & augmente nos coraçoens de seus devotos moradores, os quaes em suas necessidades, & trabalhos recorrendo àquella liberal, & misericordiosa Senhora, acham nella milagrosos despachos, em todas as suas petiçoens.

Quanto

Quanto a sua Origem, que podemos entender foy mysterioſa; porque ſempre eſta Senhora eſtà ſolicitando para os peccadores meyos, por onde creſcendo na devoçaõ, ſe façaõ benemeritos dos ſeus favores, & interceçaõ. He de ſaber que levou Deos às Ilhas Felippinas a hum Religioſo Agoſtinho Deſcalço, chamado Fr. Martinho de Saõ Nicolao, movido verdadeyramente de ſuperior eſpirito, para paſſar de Felippinas à converſaõ dos Japoens. Mas para que demos delle, & de ſuas grandes virtudes mayor noticia, referiremos alguma couſa da ſua vida, & morte bemaventurada, fruto eſpecial da devoçaõ que teve com a Senhora do Pilar de Saragoça.

Naſceo o veneravel Padre Fr. Martinho de Saõ Nicolao, em a Cidade de Saragoça de Aragaõ, cujos pays, chamados Laſaro de Lumbreyras, & Anna Irriete, & Peralta, o criàraõ como nobres, & virtuoſos em ſanto temor de Deos. Com a boa doutrina que de ſeus virtuoſos pays recebeo, ſe inclinou deſde muyto menino ao perfeyto eſtado da Religiaõ, como o veyo depois a conſeguir a ſeu tempo, veſtindo o habito de Agoſtinho Deſcalſo, em o Convento de Borja. E profeſſou depois no Convento de Saragoça, em o primeyro de Mayo de 1619. Depois de profeſſo, ſenaõ eſfriou nelle o calor da ſua antigua devoçaõ. E no que mais reſplandecia, era em hum ſingular affecto, que tinha para com a Senhora do Pilar, em cuja Igreja havia recebido a graça baptiſmal.

Eſtudou Filoſofia, & Theologia, & com os eſtudos ſe avivàraõ mais nelle os deſejos da perfeyçaõ. Depois o tocou Deos, para que empregaſſe os ſeus talentos na converçaõ dos infieis. E deſejoſo de o executar, tratou de paſſar a Felippinas, como com effeyto o executou, aonde reconhecendo os Prelados o ſeu talento, & virtude, o empregàraõ em alguns officios, que elle renunciou com grande humildade. Exercitou o de Superior, & Meſtre de Noviços do Convento de Manilla, o que fez com grande exemplo, & utilidade dos

Diſci-

Discipulos; porque era taõ observante da clausura, que só sahia fóra obrigado da obediencia, & obras de piedade, exercitando-a frequentemente com os enfermos, a quem franqueava a reliquia dos bolinhos de Saõ Nicolao de Tolentino, com tanta fé, que os enfermos experimentavaõ logo o alivio. Muyto se pudera dizer de sua admiravel vida.

Conservou-se virgem atè morte, graça, que lhe grangeou a grande devoçaõ que teve a nossa Senhora, & esta mesma procurava radicar nos coraçoens de todos, fomentando-a em a sua Santissima Imagem do Pilar de Saragoça, a quem dedicou a referida Capella, que adornou rica, & curiosamente, como fica referido. Tudo de esmollas, que ajuntou dos seus devotos, & de outros fieis. E como esta obra era do aggrado da mesma Senhora, ella com a sua interceçaõ, & merecimentos, o fazia grato a todos, para que por este meyo, augmentandolhe o culto, & a devoçaõ podesse tambem a mesma misericordiosa Senhora encher a todos de seus celestiaes favores. Como fez obrando muytas maravilhas, como fica dito.

Tambem ao seu servo, & devoto Fr. Martinho lhe fez a Senhora muytos favores. E pelo mayor devemos contar, o de derramar o sangue pela confissaõ da fé. Passou este santo Varaõ ao Japaõ, aonde se empregou todo no bem espiritual daquelles pobres, & perseguidos Christãos, sem se poupar a nenhum trabalho, atè que foy prezo pela fé, & sentenciado a ser queymado vivo, pela confissaõ della, naõ cessando de prégar a todos, em quanto o fogo lhe naõ tirou a vida, que sacrificou em companhia de outros, em 11. de Dezembro do anno de 1632. E aqui podemos entender, o como a Senhora do Pilar pagou ao seu servo Fr. Martinho a cordial devoçaõ com que a amava, na grande fortaleza que lhe alcançou do Ceo, para vencer hum taõ cruel tormento. Da Senhora do Pilar faz mençaõ o Padre Mestre Fr. Joseph Sicardo na sua historia do Japaõ liv. 2. c. 13. p. 283.

LAUS DEO.

INDEX

Dos Titulos.

N. he o numero dos parrafos P. he a pagina.

A

NOssa Senhora de Africa, em Ceuta. num.600.pag.344.
Nossa Senhora que se achou em os Alicerces que se abrirão em hum templo, ou casa no Japão. n.16.p.14.
Nossa Senhora de Ancheo, Cidade da China. n.11.p.10.
Nossa Senhora das Angustias no Convento de nossa Senhora da Graça de Goa. n.270.p.140.
Nossa Senhora das Angustias de Danum. n.468.p.261.
Nossa Senhora dos Anjos do Hospital de Cochim. n.195.p.75.
Nossa Senhora da Assumpçaõ de Angamale no Malavar. n.180.p.86.
Nossa Senhora da Assumpçaõ de Aspã na Persia. n.498 p.280.
Nossa Senhora da Assumpçaõ de Baçaim. n.400.p.219.
Nossa Senhora da Assumpçaõ de Meaco, Corte do Japaõ. n.22.p.17.
Nossa Senhora da Assumpçaõ de Maim. n.464.p.260.
Nossa Senhora da Assumpçaõ da Vitoria em Angolla. n.604 p.346.
Nossa Senhora da Assumpçaõ de S. Thomè. n 521.p.294.
Nossa Senhora de Agra no Mogor. n.506.p.284.

B

Nossa Senhora da Boa dita em Neura pequena. n.379 p.208.

N. Senhora das Boas novas de Cochim. n.194.p.93.
N. Senhora do Bom ſucceſſo na Igreja da Cruz dos Milagres. n.284.p.151.

C

N. Senhora do Cabo em Goa, Convento de Capuchos. n.261.p.134.
N. Senhora de Calecut, & Cranganor. n.1.p.4.
N. Senhora da Cidade de Cantão na China. n.46.p.31.
Noſſa Senhora de Cantão em hum Templo fóra da Cidade em a China. n.13.p.12.
N. Senhora das Candeas de Damão. n.572.p.327.
N. Senhora do Carmo de Agoſtinhos Deſc. em Manilla. l.2.p.354.
N. Senhora de Choaquem na China. n.29.p.20.
N. Senhora de Cochenchina. n.62.p.41.
N. Senhora da Conſolação de Manilla. l.2.p.362.

E

N. Senhora da Encarnação de Matadevalur. n.527.p.301.
N. Senhora da Eſperança de Ajozem. n.365.p.199.
N. Senhora da Expectação de Cochim. n.564.p.321.

F

N. Senhora das Febres em Cymbel. n.372.p.205.

G

N. Senhora de Guadalupe de Chaul. n.412.p.227.
N. Senhora de Guadalupe de Manilla. l.2.p.391.
N. Senhora da Graça, Convento principal da Congregação da India, da Ordem de Santo Agoſtinho. n.267.p.138.
N. Senhora da Graça de Chorão. n.337.p.182.
N. Senhora da Graça de Baçaim. n.399.p.218.
N. Senhora da Graça de Malaca. n.76.p.48.
N. Senhora da Guia de Macáo. n.53.p.35.
N. Senhora da Guia de Manilla. l.2.p.387.
N. Senhora da Guia de Neura. n.362.p.197.

I

N.Senhora, cuja Imagem despedaçáraõ os Ilheos do Morro. n.93.p.57.
N.S.achada em a Cidade de Jor em hũa batalha. n.239.p.119.

L

N.Senhora de Laor Corte do Mogor. n.511.p.288.
N.Senhora das Lagrimas da Ilha de Ibabào. l.2.p.393.
N.Senhora do Livramento de Columb em Ceylaõ. n.589.p.335.
N.Senhora do Livramento, que foy de Ceylaõ, & se venera hoje em Goa. n.303.p.161.
N.Senhora da Luz em Goa. n.333.p.179.
N.Senhora do Loreto em Chincheo. n.31.p.22.
N.Senhora do Loreto em Manilla. l.2.p.380.
N.Senhora do Lugar de Porcà no Malavar. n.513.p.289.

M

N.Senhora da Madre de Deos de Chaul. n.424.p.234.
N.Senhora da Madre de Deos de Cochim. n.183.p.87.
N.Senhora da Madre de Deos de Goa. n.252.p.128.
N.Senhora a Madre de Deos de Sofalla. n.485.p.271.
N.Senhora da Madre de Deos de Manilla. l.2.p.385.
N.Senhora da Madre de Deos de Tanà. n.409.p.224.
N.Senhora da Madre de Deos, em Santa Monica. n.306.p.163.
N.Senhora do Mar no Morro de Chaul. n.444.p.24.
N.Senhora das Mercés de Chaul. n.429.p.237.
N.Senhora do Monte de Bandurà. n.461.p.258.
N.Senhora do Monte, ou Santa Maria Mayor em Meliapor. n.241.p.121.
N.Senhora de Monomotapa. n.487.p.274.
N.Senhora de Meliapor em Saõ Thomè. n.132.p.81.
N.Senhora dos Milagres da costa de Travancor. n.135.p.83.
N.Senhora dos Milagres de Jafanapataõ que se venera em Goa. n.212.p.105.

N. Senhora de Monserrate em Manilla. *l.2 p.381.*
N. Senhora de Macào, Povoaçaõ de Portuguezes na China. *n.49 p.33.*
N. Senhora de Marrocos. *n.613 p.651.*

N

N. Senhora das Neves do Noviciado do Convento de N. Senhora da Graça da Cidade de Goa. *n.281. p.149.*
N. Senhora das Neves, da Villa de Rachol em Salsete de Goa. *n.280. p.146.*

O

N. Senhora do Outeyro na Cidade de Malaca. *n.82. p.51.*

P

N. Senhora de Penha de França de Macào. *n.56. p.35.*
N. Senhora de Penha de França em Virluxar. *n.383. p.210.*
N. Senhora de Penha de França em Diu. *n.458. p.255.*
N. Senhora do Pilar, em Manilla. *l.2 p.399.*
N. Senhora do Pilar Convento de Capuchos em Goa. *n.257. p.131.*
N. Senhora do Pechim, Corte da China. *n.35. p.24.*
N. Senhora Pintada por São Lucas. *n.516. p.291.*
N. Senhora da Piedade da Cidade de Tunay no Japaõ. *n.30 p.21.*
N. Senhora da Piedade de Solar na Malucas. *n.95 p.58.*
N. Senhora da Piedade de Tecurim em Travancor. *n.139. p.85.*
N. Senhora do Populo em Agra no Mogor. *n.104. p.64.*
N. Senhora da Purificaçaõ em S. Monica de Goa. *n.331 p.178.*
N. Senhora da Purificaçaõ em Pomburpa. *n.372. p.20.*
N. Senhora da Penha da Ilha de Caranjà. *n.452. p.251.*
N. Senhora de Punicale na Pescaria. *n.501. p.281.*

R

N. Senhora de Regla em Manilla. *l.2. p.388.*

N. Senhora dos Remedios de Larantuca em Solor. n.97.p.60.
N. Senhora dos Remedios do Collegio de Santo Thomàs de Goa. n.289 p.154.
N. Senhora dos Remedios do Cassabè em Baçaim. n.387.p.212.
N. Senhora de Riba-Andar, em Goa. n.298 p.158.
N. Senhora do Rosario de Ugulim em Bengalla. n.118.p.73.
N. Senhora do Rosario na Dianga de Bengalla. n.124.p 77.
N. Senhora do Rosario de Mascate. n.275 p.142.
N, Senhora do Rosario no Convento de Sãõ Domingos de Goa. n.293 p.155.
N. Senhora do Rosario Paroquia de Goa. n.342.p.186.
N. Senhora do Rosario de Navelim em Bardes. n.353.p 192.
N. Senhora do Rosario de Tana. n.405 p.222.
N. Senhora do Rosario de Gulli. n.533 p.303.
N. Senhora do Rosario de Chaul. n 433.p 239.
N. Senhora do Rosario de Caranjà. n 457.p.257.
N. Senhora do Rosario de Tete em Sena. n 475.p.265.
N. Senhora do Rosario de Moçambique. n 477.p.266.
N. Senhora do Rosario de Manilla. l.2 p.368.
N. Senhora do Rosario de Sena. n.472.p.263.

S

N. Senhora da Saude de Diu. n.410.p.225.
N. Senhora da Saude de Manilla. l.2.p.359.
N. Senhora da Serra em Goa. n.347 p.189.
N. Senhora de Socotorà Ilha. n.192.p.92.
N. Senhora da Saude do lugar de Porcà. n.513 p.289.

T

N. Senhora de Tumquim Ilha de Aynan. n.58 p.38.
N. Senhora de Todos os bens em Mapuçà. n.356.p.193.

V

N. Senhora da Vitoria em Chaul. n.416 p.229.
N. Senhora da Vitoria em Masangano. n.576 p.229.

N. Senhora da Vitoria do Cunhale. *n.*539.*p.*306.
N. Senhora da Vitoria em Cananor, ou a Vitoriosa da Cidade de Cananor. *n.*188.*p.*90.

X

N. Senhora de Xiras na Persia. *n.*495.*p.*278.

FIM.

010259